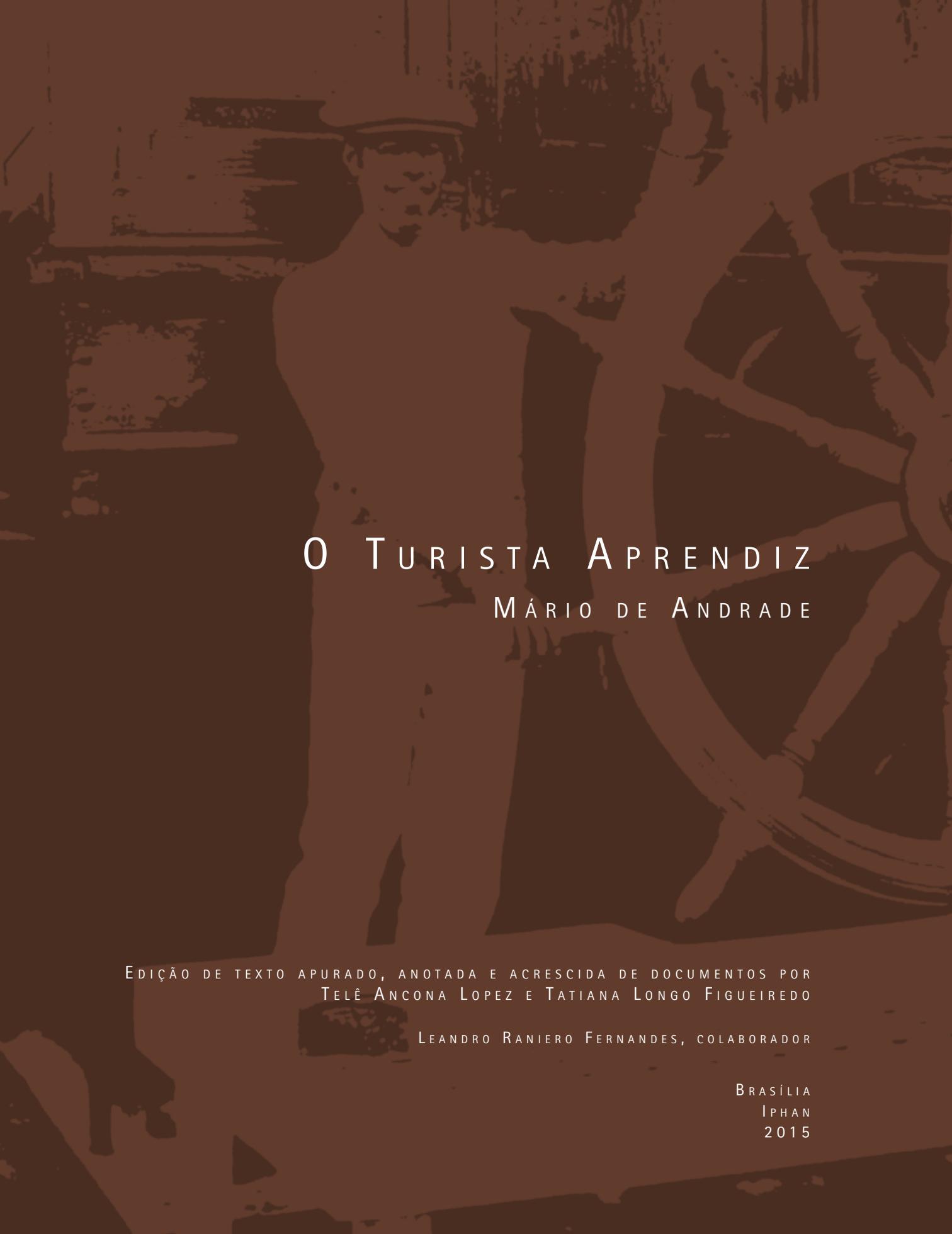


O TURISTA APRENDIZ  
MÁRIO DE ANDRADE

EDIÇÃO DE TEXTO APURADO, ANOTADA E ACRESCIDA DE DOCUMENTOS POR  
TELÊ ANCONA LOPEZ E TATIANA LONGO FIGUEIREDO  
LEANDRO RANIERO FERNANDES, COLABORADOR







O TURISTA APRENDIZ  
MÁRIO DE ANDRADE

EDIÇÃO DE TEXTO APURADO, ANOTADA E ACRESCIDA DE DOCUMENTOS POR  
TELÊ ANCONA LOPEZ E TATIANA LONGO FIGUEIREDO

LEANDRO RANIERO FERNANDES, COLABORADOR

BRASÍLIA  
IPHAN  
2015

# CRÉDITOS

PRESIDENTA DA REPÚBLICA DO BRASIL  
**Dilma Roussef**

MINISTRO DE ESTADO DA CULTURA  
**Juca Ferreira**

PRESIDENTA DO IPHAN  
**Jurema de Sousa Machado**

DIRETORIA DO IPHAN  
**Andrey Rosenthal Schlee**  
**Luiz Philippe Peres Torelly**  
**Marcos José Silva Rêgo**  
**Robson Antônio de Almeida**  
**TT Catalão**

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
**Sylvia Maria Nelo Braga**

EDIÇÃO  
**Caroline Soudant**

REVISÃO E PREPARAÇÃO  
**Gilka Lemos**

PROJETO GRÁFICO  
**Cristiane Dias**

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
**Fernando Horta**

FOTOS E LEGENDAS  
**Mário de Andrade**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
REITOR  
**Marco Antonio Zago**

VICE-REITOR  
**Vahan Agopyan**

PRÓ-REITORA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA  
**Maria Arminda do Nascimento Arruda**

DIRETORIA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS – IEB  
**Sandra Margarida Nitri (Diretora)**  
**Paulo Teixeira Iumatti (Vice-Diretor)**

EDIÇÃO DE TEXTO APURADO, ANOTADA E ACRESCIDADA DE DOCUMENTOS  
**Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo**

COLABORADOR  
**Leandro Raniero Fernandes**

ESTUDO CONVIDADO  
**José Tavares Correia de Lira**

CD-ROM – *OS DIÁRIOS DO FOTÓGRAFO*  
Programador  
**Patrick Josef Levy – Ômicron P.G. Ltda.**

DOCUMENTÁRIO *A CASA DO MÁRIO*  
Pesquisa original, roteiro e direção  
**Luiz Bargmann**

MAPAS  
**Fernanda Padovesi Fonseca e Eduardo Dutenkefer**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca Aloísio Magalhães, Iphan

A553t

Andrade, Mário de.

O turista aprendiz / Mário de Andrade ; edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo ; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. – Brasília, DF : Iphan, 2015.

464 p. : il. color. + CD-ROM + DVD. – (Obras de Referência, n. 5).

ISBN : 978-85-7334-280-2

1. Viagem – memórias. 2. Expedição. 3. Rio Amazonas – descrições e viagens. 4. Escritor – diário. I. Lopez, Telê Ancona. II. Figueiredo, Tatiana Longo. III. Fernandes, Leandro Raniero. IV. Título. V. Série.

CDD 918.1

PARA ANTONIO CANDIDO

#### AGRADECIMENTOS

A todos que,  
no Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU,  
na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH e na Escola de Comunicações  
e Artes – ECA, instituições da Universidade de São Paulo;  
no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan;  
na Fundação Vale;  
na Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro – Acamufec;

a Patrick Josef Lévy (Omicron), Armando Olivetti Ferreira (Roteiro);  
à Família Mário de Andrade;  
a Marcos Moraes, Fernanda Padovesi Fonseca, Eduardo Dutenkefer;  
a Taís Borja Gasparian, Monica Filgueiras da Silva Galvão, Lília Moritz Schwarcz;

e àqueles que,  
no cotidiano das nossas vidas,  
apoiaram nosso trabalho na presente edição.

*Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo, Leandro Raniero Fernandes*

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
O TURISTA APRENDIZ E O PATRIMÔNIO CULTURAL	11
1   POR ESSE MUNDO DE PÁGINAS – TELÊ ANCONA LOPEZ E TATIANA LONGO FIGUEIREDO	16
2   O TURISTA APRENDIZ: VIAGENS PELO AMAZONAS ATÉ O PERU, PELO MADEIRA ATÉ A BOLÍVIA E POR MARAJÓ ATÉ DIZER CHEGA – 1927	44
3   O TURISTA APRENDIZ: VIAGEM ETNOGRÁFICA	206
NOTAS DE VIAGEM AO NORDESTE: DIÁRIO 1928-1929	210
O TURISTA APRENDIZ NO <i>DIÁRIO NACIONAL</i>	246
4   O ESTRANHO PATRIMONIAL: MÁRIO DE ANDRADE E O (DES)BRASIL – JOSÉ TAVARES CORREIA DE LIRA	362
5   DOSSIÊ	392
O TURISTA APRENDIZ: VIAGENS PELO AMAZONAS ATÉ O PERU, PELO MADEIRA ATÉ A BOLÍVIA E POR MARAJÓ ATÉ DIZER CHEGA – 1927	
- MAPA DA VIAGEM – FERNANDA PADOVESI FONSECA E EDUARDO DUTENKEFER	394
- UMA PALESTRA COM UM ESPÍRITO CULTO	397
- CARICATURA DE MÁRIO DE ANDRADE POR VICTOR MOREL	399
- PRA UM DIA DE IQUITOS	400
- FAZENDA SANT'ANA	402
- MÁRIO DE ANDRADE	404
- UMA EXCURSÃO AO RIO AMAZONAS	406
- MANTO DE ARLEQUIM	409

- PRIMEIRA CAPA PARA O MANUSCRITO. SÃO PAULO, 1927	412
- SEGUNDA CAPA PARA O MANUSCRITO. SÃO PAULO, 1927	412
- TERCEIRA CAPA DO MANUSCRITO. SÃO PAULO, 1927	413
- A CIRANDA	413
- O TURISTA APRENDIZ: DOIS FRAGMENTOS DO DIÁRIO, 1928	415
- MALEITA I	418
- MALEITA II	420
- HOJE O PAROARA DA TERCEIRA...	422
- SÃO TOMÁS E JACARÉ	423
- FÓLIO NA VERSÃO INTEGRAL DE 1943	424
- BALANÇO DA ESCRITURA DA OBRA	425
- OS PACAÁS NOVOS	430
- PREFÁCIO NA VERSÃO DE 1943 DO DIÁRIO	431
O TURISTA APRENDIZ: VIAGEM ETNOGRÁFICA – 1928-1929	
- MAPA DA VIAGEM – FERNANDA PADOVESI FONSECA E EDUARDO DUTENKEFER	432
- FÓLIOS DO DIÁRIO NO FICHÁRIO DE BOLSO	434
- TEXTO DA SÉRIE "O TURISTA APRENDIZ", ANUNCIADA NO <i>DIÁRIO NACIONAL</i>	437
- MÁRIO DE ANDRADE, PODENDO IR À EUROPA, PREFERIU VIR EM EXCURSÃO AO NORDESTE, ONDE COLHEU DIRETAMENTE MAIS DE OITOCENTOS TEMAS MUSICAIS	438
- EXEMPLAR DE TRABALHO NO MANUSCRITO	440
- RIO GRANDE DO NORTE	441
- CÍCERO DIAS	441
- A ARANHA	443
- CATOLÉ DO ROCHA	445
6   OS DIÁRIOS DO FOTÓGRAFO – TELÉ ANCONA LOPEZ E LEANDRO RANIERO FERNANDES	448
7   A CASA DO MÁRIO – LUIZ BARGMANN	456





## APRESENTAÇÃO

A Fundação Vale apresenta, juntamente com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan e o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – IEB-USP, a reedição da obra *O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade. É um dos mais importantes livros de relatos e de “descoberta” de remotas regiões do Brasil, bem como de seus habitantes, de suas manifestações culturais e religiosas, criado a partir das viagens desse notável pesquisador da cultura popular e historiador da arte, ao “desbravar” o Norte e Nordeste do país.

Criada em 1968, a Fundação Vale contribui para o desenvolvimento social e humano das comunidades onde a Vale atua, desde 1997, buscando promover a inclusão social e o desenvolvimento do cidadão por meio de projetos voltados à difusão do conhecimento, à ampliação do acesso à cultura e à valorização da memória e do nosso patrimônio cultural.

Observa-se assim uma rica diversidade cultural, algumas vezes, fruto das comunidades vizinhas aos empreendimentos da mineradora. Nesse sentido, o folclore, as danças, as músicas, a religiosidade do nosso povo, traduzidos nesta valiosa obra de Mário de Andrade, são referenciais importantes e valorizados pela Fundação Vale em seus projetos culturais.

Por isso, participar e contribuir para a reedição de *O Turista Aprendiz* reflete o princípio de atuação da Fundação Vale, mantendo viva a valorização de nossas raízes culturais e reforçando a necessidade da preservação do patrimônio imaterial brasileiro.

FUNDAÇÃO VALE



IQUITOS, 22 JUNHO,  
1927





## O TURISTA APRENDIZ E O PATRIMÔNIO CULTURAL

Mário de Andrade foi um intelectual múltiplo, plural. O alcance de seu radar era vasto: literatura, poesia, música, etnografia, folclore, arquitetura, artes plásticas, fotografia, crítica literária, políticas culturais enfim, um universo de interesses que não encontra paralelo na atualidade. É notável também sua intensa atividade de missivista, com os maiores intelectuais e personalidades de seu tempo, entre eles Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Câmara Cascudo, Tarsila do Amaral, Gustavo Capanema, Fernando Sabino, mas também com anônimos, o que permitiu aos estudiosos e biógrafos uma oportunidade ímpar para refletir sobre a diversidade de questões, ainda contemporâneas, presentes em sua vida e sua obra. Poucos como ele são merecedores de seu famoso aforismo: "eu sou trezentos, eu sou trezentos e cinquenta".

Embora a homenagem aos setenta anos de sua morte tenha ensejado a reedição de grande parte de seus livros, artigos e ensaios, bem como a realização de seminários e eventos, como a Festa Literária Internacional de Paraty/2015, alguns dos 49 títulos que compõem sua obra encontram-se esgotados. É o caso de *O Turista Aprendiz*.

A partir dessa constatação, o IPHAN deu início, em 2013, às providências para a sua reedição. Concluído em 1943, mas só editado pela primeira vez em 1976, recebeu sua última edição em 1983, pela Duas Cidades.

*O Turista Aprendiz*, um dos mais importantes livros de "descobrimento" do Brasil, foi escrito em forma de diário, com informalidade, humor e elevada percepção para o prosaico e o inusitado, para narrar duas viagens de Mário. A primeira em companhia da aristocrata do café e mecenas dos modernistas, Olívia Guedes Penteadado, de sua sobrinha Margarida Guedes Penteadado e de Dulce do Amaral Pinto, filha de Tarsila do Amaral, pintora do célebre *Abaporu*. O périplo se inicia em maio de 1927 e dura três meses. Do Rio de Janeiro até a Bolívia e o Peru, navegando por toda a costa brasileira até Belém e depois por rios da região, entre eles, Amazonas, Negro, Solimões e Madeira. Na segunda viagem, Mário parte sozinho, em novembro de 1928, para o Nordeste, onde permanece até fevereiro do ano seguinte, para realizar seu projeto de pesquisa etnográfica. Ali é recepcionado por amigos como Ascenso Ferreira, Jorge de Lima, Cícero Dias e Câmara Cascudo.

Rua Nova/ Da minha  
janela de hotel  
Recife, fevereiro, 1929

O contato, ora com a floresta, ora com o sertão, e seus diversos tipos humanos e manifestações culturais, religiosidade, folguedos, danças, músicas, quase sempre impregnados de sincretismo e superstição, causa grande impacto em nosso "turista", consolidando uma visão de nacionalidade abrangente em oposição aos valores regionais até então majoritários.

O relato dessas viagens reforça valores já presentes na Semana de Arte Moderna de 1922. Valores esses que, em nosso ambiente, onde passado e presente coexistem com grande proximidade, revelam-se, às vezes, contraditórios: ao mesmo tempo crítico das instituições e pregando a ruptura com o passado acadêmico, Mário identifica-se com ideias liberais e conservadoras. O resgate de um Brasil de feição mestiça e desgarrado dos padrões europeus de então, mais indígena, mais africano, mais caboclo e caipira, inicia uma nova síntese cultural que procura abarcar as múltiplas faces da brasilidade. Trata-se de reinventar o país a partir do seu reconhecimento e indeterminações. Não é por acaso que sua inovadora obra *Macunaíma, um herói sem caráter* vem à luz em 1928, depois do contato com o universo amazônico.

Desde a famosa visita dos paulistas a Minas, em 1924, denominada por Oswald de Andrade de "a viagem de descoberta do Brasil", da qual também participaram Olívia Guedes Penteado, Paulo Prado, Tarsila do Amaral e o poeta suíço Blaise Cendrars, Mário vinha recolhendo farto material para a análise dos elementos constitutivos de nossa nacionalidade, o que mais tarde balizaria sua proposta para criação de uma instituição de proteção ao patrimônio histórico no Brasil. Esse material reúne mais de 900 fotos produzidas com sua "Codaque", que acompanham a presente obra em DVD.

Ao assumir a Diretoria do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, em 1935, nosso modernista põe em prática muito do aprendizado de suas viagens. Empreende uma intensa atividade de difusão de manifestações culturais eruditas e populares, com forte viés educativo, o que acabou por polir suas formulações para elaborar, em 1936, o Anteprojeto de Preservação do Patrimônio Artístico Nacional, sob encomenda do então Ministro da Educação e Saúde do governo Getúlio Vargas, Gustavo Capanema.

Conceitos como o de arte ameríndia e popular, bastante abrangentes, incluindo o que hoje denominamos de saberes, fazeres e falares, ou o de paisagem



cultural – sem ainda receber esta denominação –, já estão presentes em sua proposta, o que lhe confere impressionante contemporaneidade após tantos anos. As sementes ali lançadas irão germinar ao longo das oito décadas seguintes, antecipando em vários aspectos – especialmente na dimensão imaterial – as iniciativas e convenções da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), referência internacional na preservação do patrimônio cultural, criada em 1946, bem como a *Carta de Veneza*, de 1964, cuja influência na preservação do patrimônio cultural em todo o planeta ainda se faz sentir.

O visionário projeto de Mário de Andrade, para a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), constituiu-se em referência central para a elaboração do Decreto-Lei Nº 25, de 1937, que estabeleceu o conceito de patrimônio cultural e propôs como seu principal instrumento o tombamento.

O Decreto-Lei Nº 25 de 1937 caracteriza-se principalmente pela concisão e objetividade. Sua utilização ao longo de quase oitenta anos, praticamente sem modificações, em um período de profundas transformações sociais, econômicas e políticas, é o principal testemunho de suas qualidades. A ênfase principal do decreto está em definir e regulamentar a aplicação do instituto do tombamento, medida inovadora e acertada, em uma sociedade cuja elite sempre foi pouco afeita a restrições ao direito pleno de propriedade, em prejuízo de sua função social.

As circunstâncias históricas e políticas que caracterizaram a concepção de preservação do patrimônio no Brasil, especialmente no IPHAN, assim como a ausência de outros instrumentos além do tombamento, determinaram que as ações de proteção se concentrassem, até os anos 1990, quase que exclusivamente em identificar e proteger monumentos, edifícios e conjuntos urbanos de relevante interesse histórico e artístico, isto é, nos bens em "pedra e cal", significativos por sua excepcionalidade e/ou monumentalidade. Os bens móveis, por sua vez, já contavam com certa atenção governamental desde o Brasil Colônia, pois foram valorizados com a criação de museus, como o Nacional, em 1818, o do Ipiranga, em 1909, pelo Governo do Estado de São Paulo, e o Histórico Nacional, em 1922. Uma realidade que só seria alterada substancialmente com a Constituição de 1988, especialmente os artigos 215 e 216, que resgatam concepções do anteprojeto de Mário.

Essa política de preservação se amplia em escala, após 1937, e se soma ao esforço de reconhecimento internacional, por intermédio da divulgação de livros e

textos de escritores estrangeiros, como o francês German Bazin, o inglês John Bury e o austríaco Stefan Zweig – autores, respectivamente, de *Arquitetura religiosa barroca no Brasil*, *Arquitetura e arte no Brasil colonial* e *Brasil, país do futuro*. O período entre 1937 e 1967, acertadamente denominado de "fase heroica", coincide com aquele em que Rodrigo Melo Franco de Andrade dirigiu o IPHAN, a ponto de personificar a proteção ao patrimônio no Brasil e de fazer da instituição uma das mais importantes do mundo.

É, portanto, a hegemonia modernista quem promove uma notável revisão de paradigmas e de ressignificação da herança cultural brasileira. Nessa dialética tradição/modernidade, é fundamental lembrar que as artes em geral e a arquitetura em particular foram, e continuam sendo, entre outras coisas, eficazes instrumentos de irradiação de ideias e conceitos. O resgate do barroco, estilo dominante nos séculos XVII e XVIII, especialmente o mineiro, até então relegado por ser considerado excessivo e trágico em sua visão de mundo e metáfora da vida celestial, valoriza aos olhos do país e do mundo uma herança que, embora de origem ibérica, revela a contribuição singular de arquitetos, artistas, mestres e músicos – cuja maioria, ao largo de uma formação acadêmica regular, em condições muito peculiares, produziu um conjunto de realizações de grande beleza e apuro técnico. Antônio Francisco Lisboa, "o Aleijadinho", mestres Ataíde e Valentim, o compositor José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, entre muitos outros, foram reconhecidos por autores como Affonso Ávila, Lucio Costa, Robert Smith e Lourival Gomes Machado. Todos representantes legítimos da originalidade da produção artística aqui desenvolvida, em contraste com uma cultura repetitiva dos padrões europeus, que até então eram a referência de um país que iniciava sua urbanização e procurava no academicismo a sua feição civilizatória.

Transcorridos quase noventa anos de suas viagens e oitenta de seu anteprojeto para o SPHAN, permanecem os paradoxos existentes no país. É num contexto social em que as mazelas centenárias, bem como as disparidades e assimetrias interpessoais e inter-regionais, continuam as mesmas, que a realidade, no entanto, vem se transformando, graças a uma nova concepção de cultura e do imaginário nacional, pela incorporação das manifestações populares. A modernização é crescente. São as famosas "ideias fora de lugar", para as quais Roberto Schwarz nos chama a atenção em seu clássico ensaio homônimo.



A leitura de *O Turista Aprendiz* não é a de um livro histórico, datado. É a de uma realidade onde ainda se confrontam manifestações culturais ligadas à tradição, ao território, às relações com a ecologia, aos fazeres e saberes do cotidiano, em oposição a uma outra muitas vezes desenraizada, pois relacionada a valores exógenos, descompromissados com o cotidiano, que são próprios de uma cultura urbana mais cosmopolita, nem sempre afeita à dialética de transformação, em que a cultura assume seu papel libertador e semeador do futuro.

O Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, premiação realizada há 28 anos pelo IPHAN, tem exposto anualmente essa contradição entre vários Brasis. Daí o grande interesse despertado pela reedição de *O Turista Aprendiz*. Contemporâneo e reflexivo, o livro ainda é capaz de ajudar a surpreender a realidade com o desafio à criatividade e a instigar um novo olhar, inquieto, curioso e sobretudo generoso sobre o Brasil.

*Luiz Philippe Peres Torelly*

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Novembro 2015





POR ESSE MUNDO DE PÁGINAS

1





## POR ESSE MUNDO DE PÁGINAS

Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo

TODA VIAGEM SE DESTINA A ULTRAPASSAR FRONTEIRAS,  
TANTO DISSOLVENDO-AS COMO RECRIANDO-AS.

Octavio Ianni\*

### ROTEIROS

Mário de Andrade foi mesmo um grande viajante. Viajante cotidiano ao redor dos seus livros, pouco se afastou de São Paulo, sua cidade natal. Na infância e na adolescência, durante as férias escolares, hóspede de parentes, ele usufrui Araraquara, cidadezinha paulista, e vai até o mar, em Santos. Em 1918, aos 25 anos, com a mãe e os irmãos, espairose em Poços de Caldas, "estação de águas", no ano seguinte ao da morte do pai. Congregado mariano, toma parte em excursões a Osasco, Pirassununga e à Fazenda da Barra. Professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, as férias de junho, em 1919, transportam-no a Minas Gerais e delineiam, pela primeira vez, as principais dimensões desse viajante – estudo e criação a serem compartilhados; trabalho, enfim. Reviagem em termos de análise, estudos e invenção é o que se vê no saldo desses dias pelas cidades do barroco mineiro e da visita a Alphonsus de Guimaraens quando o autor de *Há uma gota de sangue em cada poema*<sup>1</sup> declara ao simbolista da sua admiração estar se preparando para conferências<sup>2</sup>. Na volta, a revista paulistana *A Cigarra*, depois de trazer, em 18 de julho, a crônica "Alphonsus", reflexo dessa visita, mostra, em 1º de novembro, "O 'Triunfo Eucarístico' de 1733 (Trecho duma conferência a realizar-se na Congregação da I. C. de Santa Efigênia)", ensaio e ficção, a um só tempo. Extensão ficcional da passagem do viajante que, no mês de junho, não tivera oportunidade de comparecer à procissão

\* IANNI, Octavio. "A metáfora da viagem". In: \_\_\_\_\_. *Enigmas da modernidade-mundo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 13.

1 Mário de Andrade, sob o pseudônimo Mário Sobral, publicara esse livro em 1917, pagando a gráfica Pocaí & Comp., com as suas economias.

2 GUIMARAENS FILHO, Alphonsus. (Org.). *Itinerários: Mário de Andrade/ Manuel Bandeira: Cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho*. São Paulo: Duas Cidades, 1974, p. 29. A nota 27 do organizador transcreve trecho da carta do pai, de 15 de julho de 1919, em que o autor de *Dona Mística* refere-se aos propósitos de seu visitante.

Remate de Males,  
18 junho, 1927

anual de *Corpus Christi*, de cuja pompa e beleza certamente ouvira falar, instigando-o à leitura da História. Achege-se então ao testemunho do traslado do Santíssimo Sacramento, em 24 de maio de 1733, quando a procissão sai da capela do Rosário para inaugurar a Igreja Matriz do Pilar, em Ouro Preto. A leitura do "Triumpho Eucharístico", no nº 4 da *Revista do Arquivo Público Mineiro*, de 1901, conforme sugere a presença do volume na biblioteca do escritor, garante a viagem no tempo ao moço que se apropria do relato setecentista, tornando-se um cronista à moda antiga, ao parafraseá-lo. Neste cronista afirma-se o narrador que vivencia a representação, aliando a construção arcaica da frase à coloquialidade moderna, e que, unido ao historiador da arte, compara a alegoria da Fama, exibida no decorrer da procissão, à Joana d'Arc equestre, esculpida por Emmanuel Frémiet, em 1874. Esse historiador aprofunda sua descoberta do barroco mineiro na série "A arte religiosa no Brasil", publicada em 1920, na *Revista do Brasil*, série na qual "O Triunfo Eucarístico" recebe uma nova versão acompanhada de duas novas partes apanhando outros aspectos<sup>3</sup>. Homem à frente de seu tempo, Mário de Andrade está inaugurando a valorização do patrimônio imaterial.

Em abril de 1924, Mário volta a Minas na "viagem da descoberta do Brasil", durante a Semana Santa<sup>4</sup>, quando o grupo modernista paulistano, a mecenas Olívia Guedes Penteadado e amigos percorrem as cidades históricas no intuito de apresentá-las ao poeta franco-suíço Blaise Cendrars, este, um viajante inveterado. Na viagem ritmada pelo "claro riso dos modernos", o prazer de se transmutar em personagem toca os participantes, como se lê no registro deixado por eles no Hotel Macedo de São João del-Rei:

D. Olívia Guedes Penteadado, solteira, photographer, anglaise, London. D. Tarsila do Amaral, solteira, dentista, americana, Chicago. Dr. René Thiollier, casado, pianista, russo, Rio. Blaise Cendrars, solteiro, violinista, allemand, Berlin. Mário de Andrade, solteiro, fazendeiro, negro, Bahia. Oswald de Andrade Filho, solteiro, scrittore, suíço<sup>5</sup>.

3 "A arte religiosa do Brasil (Conferência realizada na Congregação da I. C. de Santa Efigênia) Triunfo Eucarístico de 1733" é o primeiro texto da série, na *Revista do Brasil*, a. 5, nº 49. São Paulo, janeiro, 1910. O texto reescrito é seguido das partes "A pompa nas festividades religiosas" e "A influência do sensível", abordando aspectos gerais brasileiros. Os demais textos são "A arte religiosa no Brasil (Conclusão) Arte cristã", "A arte religiosa no Rio" e "Arte religiosa no Brasil em Minas Gerais", respectivamente em fevereiro, abril e junho de 1920 (a. 5, nº 50, 52, 54).

4 Conforme o calendário perpétuo em [ghiorzi.org/caleperp.htm](http://ghiorzi.org/caleperp.htm), no ano de 1924, a Semana Santa, isto é, o período entre a Quinta-Feira Santa e o Domingo de Páscoa, foi de 17 a 20 de abril.

5 Cópia feita por MA do registro no Hotel Macedo (V. série "Documentação pessoal", Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP). Conservada grafia errada; no italiano, *scrittore*.



Viagem marco no nacionalismo modernista reafirma a estética Pau Brasil de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, assim como a poética vinculada aos ritmos populares e ao "desgeograficar" do espaço brasileiro, avessa ao regionalismo, expressa em *Clã do jabuti* de Mário de Andrade. No registro da viagem, a oitava das "Crônicas de Malazarte", em maio de 1924, na revista carioca *América Brasileira*, informa que o grupo dos viajantes inclui mais dois – os personagens Belazarte e Malazarte –, companheiros do cronista Mário em seus textos<sup>6</sup>. Malazarte, andejo, aventureiro, o modernista sempre em busca do novo; Belazarte, uma espécie de Carlitos, compassivo perante a dor dos homens, contador de histórias. O texto, crivado de referências atualizadíssimas às vanguardas europeias, confirma o interesse do viajante paulistano pela arte religiosa brasileira, na análise das igrejas de São João del-Rei; destaca a pintura moderna de Tarsila e a participação de cada um dos excursionistas. Traz à cena modernistas capazes de entender a contribuição do barroco mineiro à arte brasileira. Ao enaltecer o comportamento da mecenas, principalmente, a crônica mantém um elo com a viagem do Turista Aprendiz na Amazônia, em 1927: "Dona Olívia Guedes Penteado sorri deslumbrada, sempre ativa, incansável"; por ser "aquela que com a mesma graça e imperturbável perfeição sabe pisar salões nobres e sentar-se ao lado dos dançadores do Bloco 'Aguenta, mas vai!'"

A descoberta do Brasil em Minas Gerais entranha-se no poeta: versos seus em "Noturno de Belo Horizonte" e na "Louvação matinal", por ele datados de 1924 e 1925, trazem a viagem da convergência, convocando homem, paisagem, situações e o vocabulário, apagada a marca regional. O viajante em sua biblioteca quer, agora, fazer as malas. Planeja trajetos pelo Brasil e os noticia ao amigo Manuel Bandeira, em 19 de março de 1926:

Pois é, estou de viagem marcada pro Norte. Vou na Bahia, Recife, Rio Grande do Norte onde vive um amigo de coração que no entanto nunca vi pessoalmente, o Luís da Câmara Cascudo. É um temperamento estupendo de sujeito, inteligência vivíssima e inda por cima um coração de ouro brasileiro. Gosto dele. Ele me arranja duas conferências no Norte, uma em Recife e outra em Natal. Com os dois contecos

6 Nas "Crônicas de Malazarte", publicadas na revista carioca *América Brasileira*, entre outubro de 1923 e julho de 1924, nasce o personagem Belazarte que ressurgiu na crônica/conto "O Diabo", na coluna Táxi, no *Diário Nacional*, em São Paulo, 26 de abril, 1931; será ele o narrador n'Os contos de Belazarte, 1933. Malazarte expande-se na ópera *Pedro Malazarte*, texto de 1928, com música de Camargo Guarnieri.

que levarei daqui a viagem se paga e eu fico conhecendo o Nordeste só que você deve de perder a esperança de algum novo poema gênero "Noturno" ou "Carnaval"<sup>7</sup>.

O projeto gora, mas, no ano seguinte, em 6 de abril, o mesmo amigo recebe a entusiasmada notícia:

Creio que vou embora pro Norte mês que vem, numa bonitíssima duma viagem. Dona Olívia faz tempo que vinha planejando uma viagem pelo Amazonas adentro. E insistia sempre comigo pra que fosse no grupo. Eu ia resistindo, resistindo e amolecendo também. Afinal quando quase tudo pronto, resolvi ceder mandando à merda esta vida de merda. Vou também. Isto é, inda não sei bem se vou, só falta saber o preço da viagem. Se ficar aí por uns quatro contos, vou, se ficar pra cima de cinco não vou. Tenho que emprestar dinheiro pra ir e isso vai me deixar a vida bem difícil depois e os projetos no tinteiro<sup>8</sup>.

O pendor pelas viagens aventurosas, aliás, fizera Olívia Penteado tramar um *tour* pelo Oriente, em dezembro de 1925, acompanhada de duas amigas. Conhecera Tânger, Trípoli, Alexandria, Egito, Palestina, Istambul, Atenas; fora fotografada em frente às pirâmides, montada num camelo<sup>9</sup>. Esse mesmo gosto faz com que ela arquitete, no grupo modernista paulistano, a excursão ao Norte do Brasil.

Um mês depois da carta a Bandeira, o diário *d'O Turista Aprendiz* põe no trem um atrapalhado viajante rumo ao Rio de Janeiro, capital da República, porto de onde partiam os vapores para o Norte. No Rio viviam amigos dele – músicos, escritores.

7 MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade Et Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/ Instituto de Estudos Brasileiros, 2000, p. 278-279. Os poemas advêm de duas viagens de MA: "Noturno de Belo Horizonte" (1924) e "Carnaval carioca" (1923), ambos em *Clã do jabuti*, livro de 1927 (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, v. 1, p. 240-259; p. 210-225).

8 MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). Op. cit., p. 339-340.

9 Fotografia divulgada por Denise Mattar, no seu importante livro *No tempo dos modernistas: Dona Olívia Penteado, a Senhora das Artes* (São Paulo: FAAP, 2002), resultado de exposição homônima, na Fundação Armando Álvares Penteado. Olívia está com suas amigas Carlota Pereira de Queiroz, médica, e Baby (Albertina) Ferreira Ramos. Em janeiro de 1926, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral também vão ao Oriente, acompanhados dos respectivos filhos de seus primeiros casamentos – Nonê (Oswald de Andrade Filho) e Dulce, apelidada Dolur pelo padraсто.



Pois querendo mostrar calma, meio perdi a hora de partir, me esqueci da bengala, no táxi lembrei da bengala, volto buscar bengala e afinal consigo levar a bengala pra estação. Faltam apenas cinco minutos pro trem partir. Me despeço de todos, parecendo calmo, fingindo alegria. "Boa-viagem", "Traga um jacaré".. Abracei todos. E ainda faltavam cinco minutos outra vez!<sup>10</sup>

Tem início a viagem de 1927, conforme a construção de sua decorrência, no diário que lembra a expectativa do Turista: deveria repetir 1924 – um grupo grande, "gente de circo, disposta e bem divertida"<sup>11</sup>. Mas, logo ele verifica, após o embarque, que estão apenas Olívia Guedes Penteado, acompanhada da sobrinha, Margarida Guedes Nogueira, Mag, e de Dulce do Amaral Pinto, ou Dolur, a filha da pintora Tarsila. D. Olívia, as duas adolescentes e Mário, "o único homem da expedição". Vão em um cruzeiro da Lloyd, companhia brasileira de navegação que incluía programas em terra. Navegam, visitam capitais, aportam em vilarejos entre 7 de maio e 15 de agosto, estendendo três meses de gratificantes experiências, como assevera Mário de Andrade, entrevistado logo após seu retorno a São Paulo<sup>12</sup>.

O estudioso e viajor pela Amazônia nas leituras que o tinham impelido à criação de *Macunaíma*, ainda na fase de redação em 1927, pudera se transformar no pesquisador de cirandas e boi-bumbá, registrando, *in loco*, melodias, lendas e parlendas. No entanto, os passeios e os compromissos oficiais – pois Dona Olívia fora recomendada por Washington Luís, o presidente da República, aos presidentes dos estados, que haviam desdobrado a recomendação aos prefeitos – tinham-lhe frustrado a entrega sistemática à coleta de manifestações da cultura popular.

Para Mário de Andrade, vale, então, a retomada do plano de trabalho no Nordeste, confiado a Bandeira em 1926, apoiando-se em Luís da Câmara Cascudo e Antônio Bento de Araújo Lima, intelectuais do Rio Grande do Norte. Antônio Bento, amizade principiada na Pauliceia naquele ano, já rendera, ao pesquisador, o registro de músicas e lendas

10 V. p. 50, na presente edição.

11 V. p. 54, na presente edição.

12 V. o roteiro no mapa da viagem, trabalho de Fernanda Padovesi Fonseca e Eduardo Dutenkefer, assim como as entrevistas de MA, "Uma excursão ao rio Amazonas" (*Diário Nacional*; São Paulo, 20 de agosto, 1927) e "Manto de arlequim" ("Crônica Social" do *Diário da Noite*; São Paulo, 20 de agosto, 1927), no "Dossiê", p. 394-5, 406 e 409, na presente edição.

nordestinas, conduzindo-o também, enquanto poeta, à criação "Coco do Major"<sup>13</sup>, na apropriação do coco *O vapor de seu Tertuliano*<sup>14</sup>. Além disso, como se depreende da carta a Cascudo, em 8 de março, 1928, a pesquisa de Mário voltada para o folclore nordestino continua, alimentada por aquele que, graças ao seu incentivo, se afirmaria como nome de relevo nessa área. Desta vez em um projeto de contornos definidos; ambicioso, não será integralmente cumprido:

Ando esperando ansioso o artigo pro *Diário* e sobretudo, SOBRETUDO,

#### S O B R E T U D O

os cocos zambês etc. Sei que zambê é dança porém mande mais explicações pra meu governo. [...]

Minha viagem pra aí no fim do ano está cada vez mais firme. Em dezembro se Deus não mandar doutro jeito te abraçarei em Natal. Mas daí sem acompanhamento e disposto a ficar por aí pra escutar e registrar coisas e passear e conversar com você com o Jorge com o Antônio Bento e escarafunchar depois o mais possível Rio Grande do Norte e Ceará. Em março próximo findarei a viagem por Pernambuco, visitando o sertão dele e esperando o Carnaval em Recife. Que tal o projeto?<sup>15</sup>.

Se a primeira viagem, efetuada no meio do ano de 1927, contemplara as danças dramáticas simbolicamente ligadas aos ritos de vegetação em que o boi-bumbá figura a morte da terra e o renascimento dela, celebrados nos meses de maio e junho no hemisfério Norte, a segunda busca as festas do solstício do verão, que, no hemisfério Sul, ocorrem no fim do ano. Munido de "tinta di screvê" e "papé di assentá", como o descreve o cantador potiguar Chico Antônio, Mário de Andrade parte de São Paulo em 27 de novembro de 1928 e regressa em 24 de fevereiro de 1929, passadas as Festas – Natal, Ano Novo – e o Carnaval. O intenso trabalho de etnógrafo e musicólogo combina-se com o de correspondente do

13 V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 274-276.

14 A nota de Marcos Moraes em sua edição da correspondência de MA com Manuel Bandeira situa a criação do poema na informação do autor a Moacyr Werneck de Castro, em carta de 13 agosto, 1942: "total e integralmente plagiado, como corte estrófico, somas silábicas e tônicas dos versos, de um coco norte-rio-grandense, 'O vapor de seu Tertuliano' (o major Venâncio da Silva), que o Antônio Bento me cantava" (V. MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). Op. cit., p. 383).

15 MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. São Paulo: Global, 2010, p. 147.



*Diário Nacional*<sup>16</sup>. Atividades que ele mesmo resume, escrevendo, do Rio Grande do Norte, ao modernista mineiro Rosário Fusco, em 17 de janeiro:

De fato não posso descrever muito por causa do tempo. Só a empreitada de mandar o "Turista Aprendiz" pro *Diário Nacional* de S. Paulo, embora tudo besteira escrita no joelho, às vezes nem releio, só pra ganhar os 400 paus, um artiguete diário, você imagina o tempo que isso me toma. Além disso, viajando fico burro. A inteligência não reage, fica passiva, só recebendo, só recebendo. Não sei contar e, devido aos milhares de assuntos, não tenho assunto. E tenho também trabalhado muito. Imagine que só neste mês de R. Grande do Norte já recolhi 350 melodias, o que é espantoso pela dificuldade de registrar as melodias daqui, as mais das vezes dum caráter improvisatório desnorteante como linha e como ritmo. Amanhã parto pras salinas de Macau e depois pro alto sertão ver a seca e os algodoais do Seridó. Depois será a Paraíba onde espero registrar mais umas 150 melodias, se Deus quiser<sup>17</sup>.

O conjunto de "artiguetes", a que o autor igualmente denomina folhetins, constitui um inusitado diário de viagem, imediatamente aberto ao público do jornal. Determinados trechos da série impressa em 1928-1929 foram apropriados pela versão datiloscrita do diário do Turista na Amazônia que visou se tornar livro em 1943.

As viagens como Turista Aprendiz são as únicas de longa duração, capturando longínquos brasis, na vida de Mário de Andrade. Em 1938, no segundo semestre, destruído seu projeto do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, a mudança para o Rio de Janeiro tem a dor de um exílio que cessa no início de 1941. Então, o autor de *Macunaíma* distancia-se da Pauliceia apenas para breves estadias no Rio, em Belo Horizonte, bem como em cidades do litoral e do interior paulista. Vai trabalhar como etnógrafo e pesquisador do SPHAN; tira férias em Araraquara e estações de águas. Não aceita convites para visitar a Argentina e os Estados Unidos.

16 V. à p. 437, na presente edição, a "Nota da redação" do *Diário Nacional*, precedendo, em 19 de dezembro de 1928, o texto "Rio de Janeiro, 30 de novembro, 22 horas".

17 Carta com data atestada 17 [de janeiro, 1929], documento na Casa de Rui Barbosa. Marcos Antonio de Moraes abriu, para a edição, sua pesquisa *Correspondência reunida de Mário de Andrade*: reunião de cartas dispersas, reordenação e classificação arquivística da subsérie Correspondência Ativa no Arquivo de Mário de Andrade no IEB-USP. Edição anotada, precedida de ensaio (IEB-USP/CNPq).

### AS VIAGENS E A ESCRITURA

No Arquivo Mário de Andrade e na Coleção de Artes Visuais formada pelo escritor, ambos no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, estão os documentos do processo criativo d'*O Turista Aprendiz*. Guardam um dos mais ricos e intrincados itinerários da escritura mariodeandradiana, concernente a duas viagens e a um livro projetado.

O processo criativo integra documentos textuais rasurados, em sua maior parte. Configura-se nos fragmentos do diário, os fólhos milimetrados remanescentes de uma primeira versão autógrafa a grafite, em um caderno de bolso<sup>18</sup>, exibindo também desenhos traçados durante a permanência na Amazônia em 1927. O caderninho fez parte de um conjunto de papéis diversos, como declara o viajante:

Estas notas de diário são sínteses absurdas, apenas pra uso pessoal, jogadas num anuariozinho de bolso, me dado no Loide Brasileiro, que só tem cinco linhas pra cada dia. As literatices são jogadas noutra caderninho em branco, em papéis de cartas, costas de contas, margens de jornais, qualquer coisa serve. Jogadas. Sem o menor cuidado. Veremos o que se pode fazer disso em São Paulo<sup>19</sup>.

O diário textual desenvolve-se paralelo aos diários do fotógrafo que, em sua "Codaque", encadeia a viagem, ao mesmo tempo em que lança, no papel, informações sobre suas tomadas<sup>20</sup>. Mário diarista multiplica-se ao dividir suas horas com o escritor de *Macunaíma* e com o etnógrafo e o musicólogo, na coleta de dados regionais. Ainda em 1927, aportado em sua casa paulistana, a diversidade dos suportes pede organização quando o projeto ganha corpo, título, e cabe numa primeira capa improvisada em folha dupla de alçaço sem pauta que frisa em letras coloridas vermelhas e azuis: "O Turista

18 Os fólhos milimetrados atestam que na viagem à Amazônia nasce também o esboço de *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*, novela que Mário de Andrade deixou inédita (V. ANDRADE, Mário de. *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*. Edição genética e crítica por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1994. V. tb. IDEM. *São Paulo! comoção de minha vida...* Seleta organizada por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: Ed. da Unesp/ Prefeitura Municipal/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012, p. 117-144).

19 V. p. 74-5, na presente edição.

20 V. a parte "Os diários do fotógrafo", nesta edição, e o CD-ROM homônimo encartado na segunda capa.



Aprendiz/ Diário/ e Notas/ da viagem pelo/ Amazonas". Pelo que se pode entender, os registros são passados a limpo, motivando o descarte dos papéis originais; poupados, os desenhos salvam fortuitamente, no verso, trechos da redação primitiva. Da triagem teria escapado, também, um primeiro prefácio, mas sem esse cabeçalho, autógrafo a grafite, no anverso e no verso de folha de bloco de bolso.

Essa fase compreenderia uma primeira redação unificadora, datilografia com a segurança de uma cópia carbono, abrigada em uma segunda capa, também improvisada em folha lisa de almanaque, simulando um frontispício no qual a tinta preta anuncia: "Mario de Andrade/ O Turista Aprendiz/ 1927". O livro imaginado impõe-se no adendo a tinta vermelha: "(Redação definitiva)". Em verdade, uma redação assim reputada como tantas outras versões intermediárias, em outros manuscritos, antes de receberem a chancela para a publicação. É importante ressaltar que Mário de Andrade, ao firmar versão ou redação "definitiva", não acredita absolutamente nesse limite. Continua trabalhando seus textos; basta lembrar "O carro da Miséria", "A meditação sobre o Tietê" e muitos de seus contos que possuem mais de uma "última versão" ou "versão definitiva". No caso d'*O Turista Aprendiz*, a "definitiva" teria se efetivado em um datiloscrito com cópia carbono, versão cuja datilografia original perdeu-se integralmente, como se deduz dos fragmentos remanescentes da sua cópia carbono. Fica-se com a pergunta: foi oferecida à leitura de alguém que nunca a devolveu? Esses fragmentos em carbono azul posicionam-se como registros diversos para uma mesma data, mostrando-se, paralelamente, na datilografia na fita preta original.

Em 20 de agosto de 1927, na resposta ao entrevistador do *Diário Nacional*, em São Paulo, quando da primeira menção pública ao título, a escritura de um "livro de viagens" confirma-se ao lado de artigos planejados:

- Escreveu durante a excursão?
- Lá não trabalhei. Limitei-me a riscar algumas notas que, mais tarde, tomaram corpo num livro de viagens: *O Turista Aprendiz* e que, talvez, sirvam para uma série de artigos sobre a Amazônia, seus produtos, folclore, possibilidades e belezas<sup>21</sup>.

O título repete-se no paulistano *Diário Nacional* de 22 de janeiro, 1928, texto composto dos registros "Belém, 21 de maio" e "Belém, 22 de maio". E se confirma para Manuel Bandeira, na carta de 30 de janeiro, 1928, no trecho em que Mário de Andrade,

21 V. no "Dossiê": "Uma excursão ao rio Amazonas". *Diário Nacional*. São Paulo, 20 de agosto, 1927.

aceitando crítica do amigo, trata da modificação do poema "Vitória-régia", esboçado ainda na Amazônia, em um fragmento do livro de viagens que ele já define como um diário, considerando talvez sua leitura de Martius ou Maria Graham:

[...] na "Vitória-régia" fiz o poema intencionalmente dentro duma tese e discuti a tese com você e com o Couto e depois desfiz o poema como você me aconselhou, fiz dele a prosa, um dos dias do diário do *Turista Aprendiz*<sup>22</sup>.

Após as precárias capas em folha sulfite, nota-se o aparecimento de uma capa unificadora, maior, em cartolina verde-clara, dobrada ao meio e com abas, a qual, além do título a tinta preta – "*O Turista Aprendiz*/ (Viagens pelo Amazonas até/ o Peru, pelo Madeira até a Bolívia/ e por Marajó até dizer chega)/ 1927"<sup>23</sup> –, merece uma alegoria da América. Desenho a grafite, modela uma cabeça de mulher com feições indígenas, mas adornada com uma coroa ibérica pequenina, posta de banda, sem majestade, apesar da cruz que a domina e lhe dá a marca da colonização. O irônico enfeite acirra o contraste com as feições, tão severas quanto as da estátua da Liberdade.

Essa capa ilustrada conservou uma "Dedicatória", prenunciada a lápis azul, mas não preenchida, e, em cópia carbono, salvos da primeira versão datiloscrita acima relatada, trechos que ladeiam e se imiscuem na versão que foi integralizada em uma datilografia de 1942, conforme carta de Mário a Murilo Miranda em 1º agosto do ano seguinte<sup>24</sup>. A versão integral assim se estrutura: datiloscrito original, fita azul nos nove primeiros fólios, aberto pelo "Prefácio", de "São Paulo, 30-XII-1943", sequenciado pelos registros de 7 a 13 de maio, 1927, em oito páginas. São registros reescritos, descartada uma versão anterior na datilografia em fita preta, no conjunto que absorve a continuação do texto, a partir da página

22 MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Ed. cit., p. 376.

23 No título está a paródia de MA ao título do livro de seu avô materno, *Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins e do Pará à Corte*: considerações administrativas e políticas, publicado em 1883 pela Tipografia Gazeta do Povo (V. MORAES, Joaquim de Almeida Leite. *Apontamentos de viagem*. Introdução, cronologia e notas de Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras, 1995).

24 Nessa carta, ao discutir com o diretor da *Revista Acadêmica* sobre os trabalhos que entrariam no número em homenagem a seus 50 anos, MA mostra-se preocupado com o valor dos textos: "([...] No *Turista* é mais fácil de garantir porque, no ano passado, datilografei ele e me recordo mais)" (V. série "Correspondência", Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).



numerada como 4, até a 87, com duplicação do número 14, como "14-bis". Nessa datilografia, a página 1, cortada praticamente ao meio, tem o cabeçalho "O TURISTA APRENDIZ/ (Notas soltas tomadas na viagem ao Amazonas)/ (1927)/ (7 de maio a 15 de agosto)" e traz, no canto superior, a ressalva a tinta preta: "(Estas notas/ não são pra se/ publicar, são simples/ lembretes, pra um livro/ que não seria nada/ disto)". Preserva, datilografado, o fragmento "Peixe-boi", cuja posição é determinada, a tinta preta: "fica na pg 84". Nessa página, na versão integral, o ponto de inserção revela-se no acréscimo na mesma tinta: "Então fomos ver o peixe-boi. (Botar aqui o que está na pg 1)".

É interessante destacar que a página 4 expõe, no alto, vivamente rabiscado a lápis vermelho e azul, o final do provável registro de 12 de maio e o início do registro do dia 13, reescritos em 1943. O escritor suprime:

– Os elefantes chegam logo?

Ela ficou meio tonta, mas logo compreendeu:

– Chegam logo, sim!

Ninguém imagina a cara que o pessoal faziam pra nós. Estavam extasiados. Fiquei digno, convicto de que praticara uma boa ação.

O diálogo, calcado na evocação da viagem a Minas Gerais em 1924, explica-se na entrevista de Mário, em 14 de novembro de 1939, à *Folha de Minas*, quando ele rememora o rebuliço provocado pela caravana modernista, na capital mineira:

Em certa cidade, fomos objeto da curiosidade popular, devido ao grande número de pessoas e de bagagens. E, quando procedíamos a contagem das malas no hotel, fui abordado por um popular que desejava saber se éramos de circo. Aí, num momento de inspiração, perguntei a Tarsila: E os elefantes, onde estão?... Não se pode calcular o sucesso da pseudo-companhia de circo na cidadezinha tranquila<sup>25</sup>.

E não se pode esquecer, na versão integralizada, esta nota a tinta, na margem do fragmento de 8 de junho – "(?, não consigo ler direito minha nota no diário)" –, comprovando a transcrição datilografada dos registros feitos durante a viagem e a subsequente destruição deles.

25 ANDRADE, Mário de. "Ao contrário de outros agrupamentos literários, os mineiros são individualistas". In: *Entrevistas e depoimentos*. Edição organizada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 68-69.

A versão integral mescla-se parcialmente à versão publicada do registro "Os pacaás novos", nas páginas extraídas de exemplar do nº 62 da *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, novembro de 1942<sup>26</sup>, páginas com rasuras a tinta e a lápis, concretizando um exemplar de trabalho, conforme a denominação cunhada, por Mário, para os textos vindos da união do texto impresso com as rasuras a ele juntadas. A capa verde alberga, igualmente, a crônica "A ciranda" e "O Turista Aprendiz", registro de dois dias em Belém, recortes do *Diário Nacional* de 8 de dezembro, 1927, e 22 de janeiro, 1928. Soma, ainda, uma fotografia tirada pelo viajante, notas de trabalho e o balanço da obra.

A foto, positivo (5,8 x 7,5 cm) com a legenda a grafite no verso, "Embarcando lenha/ Assacaio/ 17-VI-27", pode ser entendida como um lembrete para expandir o texto referente a essa data: "Logo de manhãzinha paramos no porto de lenha do Assacaio, interessantíssimo". O balanço, autógrafo a tinta preta e vermelha, uma folha de papel jornal dobrada na vertical, suporte que o coloca no mesmo 1943 do "Prefácio", ao avaliar a economia da obra, testemunha a mobilidade da criação. Realiza-se por meio de sínteses dos assuntos e da menção "pouco", no tocante à distribuição da matéria nos dias. "Pouco" significou, para o escritor, pontos a serem aumentados, ou mesmo reescritos, o que ele conseguiu, em alguns casos. Em outros, coube à atual edição d'*O Turista Aprendiz* reconstituir momentos desse quebra-cabeças para estabelecer o texto, no circuito de uma redação que a morte de Mário de Andrade frustrou. Por essa razão, costura, à versão integral datilografada, parcelas cujo ponto de inserção o balanço assinala e parcelas cujo local percebeu no confronto do balanço com a versão referida. Todas as inserções são apontadas nas notas de rodapé, no decorrer do diário.

A capa, porém, não encerra unicamente documentos cobertos pelo seu título. Dentro dela moraram os documentos que apreendem a viagem de Mário de Andrade ao Nordeste do Brasil, entre 27 de novembro de 1928 e 24 de fevereiro de 1929. Corporificam as "Notas de viagem ao Nordeste", um diário, autógrafo a lápis-tinta, tinta preta e grafite em um fichário de bolso; 58 dos setenta registros/ folhetins ou crônicas na série "O Turista Aprendiz", recortados do *Diário Nacional* de São Paulo, onde saíram entre 14 de dezembro de 1928 e 29 de março de 1929, além de um texto, narrando os dias 6 e 7 de fevereiro, 1929, destinado à série, autógrafo a tinta preta nunca enviado ao jornal. Nos diversos textos impressos, as rasuras e as anotações de esclarecimento, a grafite ou a

26 A revista dos estudantes da Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro, não traz numeração nas páginas.



tinta preta, fazem deles exemplares de trabalho. Os doze registros/ recortes que ali faltam foram transferidos, pelo escritor, para os manuscritos de dois títulos integrados às Obras Completas, pela Livraria Martins Editora, de São Paulo: *Os filhos da Candinha* recebeu cinco e *Música de feitiçaria no Brasil*, sete.

A análise do conjunto dos documentos mostra a finalidade da inclusão, na capa verde, da matéria proveniente da segunda viagem: servir de estoque à reescritura da viagem à Amazônia. As notas da presente edição surpreenderam esses tão ricos momentos na transferência que, por meio da apropriação, prioriza a construção literária, o aprimoramento do diário, na reescrita com o "Prefácio" de 1943, ultrapassando o testemunho datado. Dentre os momentos está, por exemplo, o recurso ao boné como signo do viajante que se assume como tal, no registro de 11 de maio, 1927: "Não falo nem sim nem não, mas como está ventando muito peço licença, vou na cabina trocar o chapéu por um mais adequado boné de viagem. Olhei no espelho e consegui ficar mais fácil".

O diarista, ao se sentir constrangido como "o único homem da expedição", ganha, na síntese, mais complexidade psicológica, quando Mário de Andrade retrabalha a crônica "Guanabara, 3 de dezembro, 19 horas", onde se lê:

Estou meio desapontado. Tudo a gente desconhece neste primeiro contato com a viagem, pessoas, corredores, decorações... Além do mais, me sinto muito urbano, chapéu de palha na cabeça, gravata longa embandeirando no vento... Vou pra cabina, abro a mala, tiro o boné... É extraordinário como as convenções gesticulam por nós. E inda falam que o hábito não faz o monge... Bastou botar o boné na cabeça, olhei no espelho e era eu viajando. Fiquei fácil. Andei com certeza pelos deques, pude compreender o sabor das passadeiras e as colorações de bordo. Os outros viajantes inda não conheço não, porém viraram companheiros.

Na pluralidade de proposições e datas na escritura, nos documentos avizinados à versão datilografada completa, distingue-se, ainda, o registro intitulado "São Tomás e jacaré", que também reforça a questão da mobilidade na criação d'*O Turista Aprendiz*. Esse registro, derivado da visita ao zoológico do Museu Goeldi em 21 de maio, 1927, atestada pelas imagens e legendas do viajante fotógrafo, datiloscrito com rasuras a máquina e a tinta preta em duas folhas de papel verde, tem, no alto, "Belém - 21 de maio de 1933", a data anulada a grafite. Exibe, a grafite, três diferentes pontos de entrada na referida versão: dois suprimidos - "pg-7-80" -, vigorando o último - "p. 70". Na data 1933 flagra-

se, no lapso de MA, o ano da reescrita, com variantes, do texto publicado como crônica na coluna Táxi, no *Diário Nacional*, em 17 de abril, 1929. Pode-se, então, inferir que, a princípio, "São Tomás e jacaré" seria encaixado no mês de maio, como sequência do dia 21, por força do título grafado a tinta preta, no intervalo, na p. 7 da versão integral datiloscrita. Mais tarde, uma releitura do diário, mais interessada no valor do fragmento como crônica, despreza a cronologia e procura alojá-lo entre as marcas "1° de agosto" e "O poema nasce", o título posto a tinta vermelha, a mesma que o rabisca na p. 7. Depois disso, a tinta preta fixa o ponto de inserção: entre "Variante", parcela do dia 27 de julho e o registro do dia seguinte, para anular o estabelecido à p. 80. O balanço da obra certifica essa posição.

A análise identificou, também, apenso à versão integral, o fragmento com a data em aberto – "Dia \_\_\_\_\_" –, cópia carbono azul, com rasuras a máquina e a tinta preta, utilizando o verso de três folhas de papel timbrado do Ministério da Educação e Saúde/ Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, onde o escritor trabalhou entre 1939 e 1940<sup>27</sup>. O fragmento recolhe a narrativa, posta na boca de um personagem inventado, o paroara passageiro da terceira classe que fornece igualmente ao viajante etnógrafo o caso da Santa da Pedra e o guia até a aldeia fictícia dos índios dó-mi-sol. Esse fragmento sem título introduz o mito do pai dos cearenses; desligado das ações do cotidiano, tem passe livre no diário. Assim como o caso da Santa da Pedra, um outro fragmento apenso não datado, autógrafo a tinta preta, em folha de fichário, que reafirma, na mobilidade da criação, afeita a migrações e entrelaçamentos, a estratégia quanto à economia do texto, nesta obra inacabada de Mário de Andrade.

Como bem se vê, no complexo jogo das versões ao longo do tempo – o período 1927-1943, dilatado mesmo até 1945 –, a obra domina o *scriptor* como "um sistema em formação que vai ganhando as próprias leis", no qual "um objeto com organização própria vai surgindo", conforme nos diz Cecília Almeida Salles<sup>28</sup>. No caso d'*O Turista Aprendiz*, nos documentos do processo que, no dossiê dos manuscritos, culmina na datilografia que tanto descarta como atrai trechos de fases anteriores, mas que guarda hesitações e um balanço com perguntas implícitas, sinais claros de uma obra inacabada. Melhor dizendo: de uma

27 O suporte implica a pergunta: a redação do registro teria ocorrido na antiga capital da República ou teria Mário guardado com ele blocos desse papel?

28 SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 33.



obra em uma versão inteira, última, mas não final, golpeada pela morte repentina de Mário de Andrade, em 25 de fevereiro, 1945.

#### PERIPÉCIAS DE UM DIARISTA

A presente edição, ao navegar pelo mundo de fólhos ligados à criação dos diários, interrogou-se, naturalmente, a respeito da acepção do gênero diário que consubstancia *O Turista Aprendiz*, tanto nas versões primeiras de 1927 e de 1928-1929, como nas variações para se converter em livro. Nesse gênero híbrido ou de fronteira, o diário da viagem à Amazônia, assim como as "Notas de Viagem ao Nordeste" e os folhetins de republicação rejeitada por Mário de Andrade, são narrativas de viagem e crônicas, na pena de um modernista; por sua estrutura fragmentária, tornam-se uma obra aberta. Fundem-se aos diários do fotógrafo, isto é, ao conjunto das imagens vindas da "Codaque" e das legendas subsequentes, experiência de alta modernidade, no decorrer dos roteiros trilhados em 1927 e na viagem etnográfica, paralela às primeiras fases da escritura, em ambos.

Crônica do cotidiano para Girard<sup>29</sup>, o diário prende-se ao testemunho, no qual a figuração da vivência traz, como nas cartas, a encenação do eu ou facetas autobiográficas, pode-se acrescentar. Essa característica franqueia-se no diário decantado na reescrita, no caso da viagem à Amazônia, que faz lembrar a retomada, por Goethe, de seus cadernos da viagem pela Itália; e se externa no diário ligado à estadia no Nordeste, redigido e imediatamente enviado pelo correio ao *Diário Nacional*. Aliás, a encenação é propriamente patenteada no já citado episódio do boné, em ambas as viagens, quando, diante do espelho da cabine, o viajante articula o personagem que, no diário de 1927, chama-se Mário e jamais é ali referido como Turista Aprendiz. Esse epíteto, contudo, sela a viagem de 1928-1929, em todos os escritos provenientes dela.

Em 1927, o escritor paulistano, apesar de jejuno, move-se com desenvoltura ao lado das companheiras, três viajantes experientes em cruzeiros transatlânticos. Longe das viagens costumeiras em sua biblioteca, ele aprende a vivenciar duas outras, simultâneas – aquela em que se engasta e a viagem a bordo da sua criação. Nesta, alonga, até o fim da vida, a viagem à Amazônia que, na apropriação de trechos, engloba a de 1928-1929, no texto d'*O Turista Aprendiz*, inacabado.

29 GIRARD, Alain. *Le journal intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963. Vale lembrar que o autor considera o espelho como metáfora do diário.

O "Prefácio" de 1943 ratifica a mais extensa aprendizagem do autointitulado "antivaijante" – a construção do texto que lhe permite continuar... viajando:

Mas pro antivaijante que sou, viajando sempre machucado, alarmado, incompleto, sempre se inventando malquisto do ambiente estranho que percorre, a releitura destas notas abre sensações tão próximas e intensas que não consigo destruir o que preservo aqui. Paciência...

Ou seja: viver e escrever. Está ciente das próprias contradições, conforme a confidência ao gosto de um diário íntimo, depositada nesse "Prefácio" e naquele rabiscado em 1927:

Na verdade eu estou viajando muito em torno de mim mesmo [...]. Às vezes me vem mesmo a ideia de que talvez eu seja um "errado", porém é impossível eu aceitar esse qualificativo. Simplesmente porque eu me sinto feliz; feliz mesmo nesta infelicidade atual de estar viajando. E o que é mais decisivo ainda: é trazer uma consciência de mim mesmo que se não é de paz e muito menos pacificada por suplantação, é muito nítida e muito firme. Deste jeito, é impossível a gente se acreditar errado e mudar.

A movimentada escritura da obra inacabada *O Turista Aprendiz* renova a viagem, e o diário, similar à autobiografia, afiança "a liberdade de recriar o passado à luz do presente", como ensina Lejeune<sup>30</sup>.

Emparelhar-se ao cotidiano desse viajante, nas duas viagens, narrado no diário que Mário quis publicar, no outro, breve, no fichário de bolso, e no que saiu no *Diário Nacional*, é tanto seguir a marca da intimidade como familiarizar-se com a pluralidade dos eventos, pavimentando o desenvolvimento de uma nova compreensão no intelectual tão preocupado com os destinos do nosso país. Gilda de Mello e Souza, assim se refere a essa mudança ocorrida a partir de 1927:

A viagem que fez ao Norte do país, pondo à prova a imagem que tinha forjado no Sul, através de leituras, foi uma das muitas apostas que fez e transformou, fundamentalmente, a percepção que, até aquele momento, tivera do Brasil<sup>31</sup>.

30 LEJEUNE, Philippe. Le journal: gênese d'une pratique. *Genesis: journaux personnels*. Paris: PUPS/Sorbonne, 2012, p. 29-42.

31 SOUZA, Gilda de Mello e. *A ideia e o figurado*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2005, p. 69.



Nesse diário e nos demais, escritos de acordo com o projeto linguístico modernista de Mário de Andrade, voltado para absorção da língua falada no Brasil, parte inseparável de seu projeto estético e ideológico renovador, não há hierarquia nem censura nos assuntos. A crítica ao meio social, às instituições, é praticamente uma constante, exercida com humor e ironia, como em Heine viajante. São páginas que também abonam o trabalho de Mário de Andrade no âmbito do folclore, da música, da história da arte, e na defesa do patrimônio histórico e artístico do país. Causa espanto, no próprio povo, a consciência, expressa pelo viajante, da importância do nosso patrimônio imaterial.

Em suma: os diários retratam o polímata em seu incessante trabalhar. A coleta de documentos, realizada durante a permanência no Norte e no Nordeste, frutificará no magno projeto de Mário etnógrafo, *Na pancada do ganzá*, que recebe publicação póstuma, organizado por sua discípula Oneyda Alvarenga, como os volumes *Danças dramáticas do Brasil*, *Música de feitiçaria no Brasil*, *Melodias do boi e outras peças* e *Os cocos*. O encontro com o "cantador sublime" Chico Antônio, no engenho Bom Jardim, Rio Grande do Norte, não se resume às músicas recolhidas e aos folhetins a ele dedicados na coluna O Turista Aprendiz. Será matéria do romance inacabado *Café* e da série "Vida do Cantador" na coluna Mundo Musical, na *Folha da Manhã*, de São Paulo, em 1943.

No campo literário, ao mesmo tempo em que se associam, aos diários, poemas e crônicas com valor de contos, no fragmento de 12 de junho, 1927, o enlevo do viajante sob o "Céu do Equador, domínio da Ursa Maior, o grande Saci..." teria desvelado um epílogo novo para a rapsódia *Macunaíma*. Na obra que Mário de Andrade vinha escrevendo desde 1923, no índice, a história do herói da nossa gente terminava no capítulo "Torre Eiffel", aqui no Brasil mesmo, talvez em um grande Carnaval, pontificando uma gozosa apropriação. Como no quadro Pau Brasil de Tarsila do Amaral, pintado em 1924, *Carnaval em Madureira*, com o subúrbio carioca fantasiado de Paris. Ao voltar da Amazônia, o índice rasurado no manuscrito demarca a substituição que coloca *Macunaíma* no plano cósmico: o capítulo é renomeado "Ursa Maior".

Nas páginas dos diários, as descobertas se acumulam, em todos os planos. A dor que subjuga o diarista quando ele encontra, no vaticano, perto de Remate de Males, o velho cuja mente se perdeu, e cujos olhos não podem mais se fechar, e a dor que se funde ao encantamento, diante da beleza do bendito cantado pela mulher que esmola em Catolé do Rocha, Paraíba, assim como outros sofrimentos no povo, testemunhados em instantes de intensidade semelhante, em ambas as viagens, não só aumentam a percepção da miséria, como vincam, metafísica, "a dor, a imensa e sagrada dor do irreconciliável humano", fundida à América, conforme a "carta amazônica" que ingressa no 22 de julho do diário de 1927.

É necessário lembrar que o forte sentimento da paisagem, sobretudo no diário de 1927, materializa-se em textos que "pintam", como Turner, reflexos, reverberações, refrações da luz em uma natureza pulsante. Nesse sentido, acrescentam cores às paisagens em preto e branco nas tomadas do fotógrafo que privilegiam luz e reflexos. Em um dos mais bem realizados registros da viagem, aquele do nascer do dia na floresta, em 5 de junho, Mário de Andrade transfere para o seu diário a sucessão das cores da natureza no alvorecer na mata amazônica, por ele acompanhada no diário de Martius. E, de quebra, dialoga com a "Alvorada" da ópera *Lo Schiavo* de Carlos Gomes, na sonoridade do fragmento.

Traço comum a todos os diários dessas viagens em 1927 e 1928-1929 é a alegria que brilha no convívio do diarista com seus amigos. Está na camaradagem e nas brincadeiras que abraçam o quarteto – D. Olívia, as duas mocinhas e Mário, amigo e cúmplice de Mag e Dolur. E na sobreposição de uma viagem segredo, composta de personagens, brincadeira instituída por esses três à chegada do passageiro Josafá ao vaticano *São Salvador*<sup>32</sup>. Recordado o Vale de Josafá, do Antigo Testamento, local do Juízo Final da humanidade, na presença do Arcanjo Gabriel, portador da trombeta para todos espertar e da balança para pesar as ações, o jogo do faz de conta batiza Dolur e Mag: esta, Balança e a companheira, Trombeta. Juízo Final cabe a D. Olívia, apelido escondido, vingando-se do rigor da guardiã das jovens, pelo que se advinha na leitura da novela inacabada *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*<sup>33</sup>. No diário, Olívia Guedes Penteadado chama-se também Rainha do Café e Rainha; nas legendas do fotógrafo, Nossa Senhora do Brasil. Os fólhos milimetrados de caderno de bolso, onde se lê a narrativa esboçada a grafite, muito semelhantes aos que restaram do primeiro diário, sugerem um trabalho a bordo, conferindo uma peculiar dimensão ficcional ao quarteto. O personagem masculino, Battleship, primeiramente nomeado Josafá, um inglês batedor de carteiras, relaciona-se, em São Paulo, com duas meninas que sobrevivem de esmolas e furtos, vivendo numa tapera, exploradas pela mulata velha, D. Maria, na barra da cidade. Tinham posto em si mesmas os nomes de Balança e Trombeta, palavras ouvidas ocasionalmente ao entrarem em uma capela, onde o padre falara também em Juízo Final. Esse nome servira, mas apenas entre elas, para designar a velha. O enredo traz a iniciação amorosa de ambas por Battleship e a organização da vida de todos, graças à arte de furtar.

32 A história dos apelidos vem do depoimento da embaixadora Margarida Guedes Nogueira a Telê Ancona Lopez em 1976, no Rio de Janeiro.

33 ANDRADE, Mário de. *Balança, Trombeta e Battleship*. Ed. cit.



No diário de 1927, o convívio do diarista com os demais viajantes não se esquivava à crítica irônica, até mesmo no encontro com Laura Moura, que lhe granjeia um poema de amor. Na viagem etnográfica, a convivência move-se no terreno da franqueza, do incondicional respeito dos amigos ao trabalho e à obra de Mário de Andrade. Intelectuais que serão figuras de relevo na arte e na cultura do país ali contracenam, prazerosos, com seu hóspede. Os caminhos das artes plásticas, da literatura, da música e da política no Brasil da primeira metade do século XX, aliás, marcam presença em todos os textos.

### A TRANSVIAGEM DA CRIAÇÃO

O que empresta indiscutível sabor à leitura dos diários das duas viagens é, certamente, o entrelaçamento do relato da viagem real encenada com o relato que advém da viagem imaginária, consumado por um cronista munido do seu lastro de leitura, viajante que tem como companheira a invenção. Essa transviagem da criação, proposta de cunho ficcional, moderna, frequente, sobretudo, o diário de 1927, aquele que açambarca o perseverante trabalho de Mário de Andrade para transformá-lo em um livro, mas que continua inacabado. Desponta no diário da viagem ao Nordeste, na coluna O Turista Aprendiz, no registro "Guanabara, 3 de dezembro, 19 horas", 1928<sup>34</sup>. O canhestro viajante, metamorfoseado em Turista ao envergar o boné, sociabiliza-se com a ajuda de uma grande borboleta a que o povo apelida mariposa, reinventada no diário:

Facilitou enormemente a conversa futura o aparecimento duma grande mariposa. Era um exemplar lindíssimo, por sinal, toda em pelúcia parda com aplicações de renda de Veneza. Dessas eu já conhecia, aliás, porque uma senhora, vizinha nossa na rua Lopes Chaves, possui um casal no jardim. E nas correrias pra pegar a mariposa ela nos apresentou uns aos outros e depois da janta nos ofereceu uma reunião ao ar livre.

A apropriação desse episódio, em 12 de maio de 1927, esmera-se na caracterização:

Pela manhã apareceu a bordo uma borboleta mariposa que media bem uns três metros e vinte da ponta de uma asa à outra. Era toda de veludo pardo com aplicações de renda de Veneza, mui linda. Dessa qualidade eu já conhecia, porque uma senhora do meu bairro possui um casal no jardim. Isso não impediu que a aparição fosse recebida com aplauso geral, porque durante as correrias pra pegar a mariposa, ela sempre achou um jeito de apresentar os passageiros uns aos outros e de noite deu um baile no salão.

34 Está no recorte do *Diário Nacional* do dia 21 desse mês, 1928.

O viajante metropolitano posto em contato, no espaço amazônico, com o desmesurado "na magnificência daquela paisagem feita às pressas", com situações incomuns perante a expectativa do "europeu cinzento e bem arranjadinho que ainda tenho dentro de mim", segue dois caminhos no diário, negando, em ambos, a minúcia documental.

No primeiro caminho, elege a ficção para transfigurar uma realidade que o desnorteia, impondo-lhe o insólito, o estranho e o maravilhoso; que amplia até mesmo as fronteiras do surrealismo, ao lhe escancarar o inusitado em um mundo novo, em nada europeu, no qual vive um peixe-boi e gaivotas assassina um homem na praia do Juma. Nesta sua obra inacabada, cuja escritura, como já se sabe, vai de 1927 a 1945, Mário consagra a exploração do real maravilhoso da América, conceito que o cubano Alejo Carpentier postularia, em 1949, no "Prólogo" de seu romance *El reino de este mundo*. Aliás, não só na viagem à Amazônia o insólito reside, pois, nas crônicas produzidas no Nordeste, tem-se o episódio da aranha, o caso de D. Clotildes e o estranho comportamento do guaxinim do banhado.

No segundo caminho, ao reconhecer os momentos nos quais a emoção o avassala, o Turista carrega para o diário a crônica da entrega plena, lirismo que ultrapassa a contemplação, no fragmento ligado ao 19 de julho, no lago Arari:

E enfim passamos num primeiro pouso de pássaros que me destrói de comoção. Não se descreve, não se pode imaginar. São milhares de guarás encarnados, de colhereiras cor-de-rosa, de garças brancas, de tuiuiús, de mauaris, branco, negro, cinza, nas árvores altas, no chão de relva verde claro. E quando a gente faz um barulho de propósito, um tiro no ar, tudo voa em revoadas doidas, sem fuga, voa, baila no ar, vermelhos, rosas, brancos mesclados, batidos de sol nítido. Cai no chão da lanchinha. Foram ver, era simplesmente isso, cai no chão! O estado emotivo foi tão forte que me faltaram as pernas, cai no chão.

No procedimento de inventar, o narrador do diário, consciente de seus limites de viajante e dos ilimitados recursos da imaginação, suplanta criticamente o verídico por meio da verossimilhança, no jogo sutil e irônico que surpreende a realidade também em uma dimensão grotesca, degradada. Em verdade, a transviagem blinda os dois diários de viagem: aparta-os da narração convencional, do vezo de taxar de exótico ou pitoresco tudo o que difere do conhecido, do convencional. O diarista cria, então, bancando um etnólogo como o Koch-Grünberg das leituras do Mário de Andrade, excursões a povos indígenas cuja cultura inventa, como os dó-mi-sol, imersos em um universo de sons musicais e em sua "moral distinta da nossa", povos que poderiam suscitar uma "monografia humorística, sátira às



explorações científicas, à etnografia e também social", servindo-se da irreverência de laivos dadaísta. Ou como os pacaás novos, neste caso, eximindo-se de adentrar informações verdadeiras sobre essa tribo da Amazônia. Visita também o mito da Tapera da Lua, já transformado no "Problema da torneirinha", fragmento que satiriza, cômico e ácido, por meio do *nonsense*, as demandas do consumismo, os privilégios na política governamental, numa impressionante atualidade, pode-se dizer.

A viagem imaginária tem, entre seus pontos altos, o passeio à foz do Amazonas, no registro de 18 de maio. Ao combinar o *nonsense* rabelaisiano, os disparates de raiz popular e o bestialógico à expressão lírica elevada da paisagem, na contemplação do viajante culto, o texto assegura a coexistência do sério com o cômico que preserva, paradoxalmente, a experiência do sublime e a eloquência, o assombro, enfim, sem dissolvê-lo na constatação pomposa, na frase de efeito ou no chavão. A linguagem do diarista, decalcada no português cotidiano falado no Brasil, valida esse sofisticado equilíbrio de trapézio que se apura na transfiguração artística da hipérbole inerente à Amazônia, ao mesmo tempo em que embarca na mais desabalada fantasia. Engenho e arte, por intermédio das aliterações, da repetição de palavras, da enumeração sem vírgulas, trabalham a intensidade da emoção nascida das formas e cores, dos sons e perfumes. Nessa transfiguração, de modo semelhante à construção do espaço em *Macunaíma*, a floresta amazônica, onde estão árvores e pássaros de outros rincões do mundo, é "desgeografada", conforme conceito nos prefácios do autor<sup>35</sup>, demolindo fronteiras nacionais.

Engenho e arte empenham-se na contrapartida contígua que desfralda a mentira extremada, hilariante, como nas viagens do Barão de Münchhausen, ou como bestialógico. O Turista compartilha os percalços do navio *Pedro I* "corcoveando aos saltos, relando pelo costado dos baleotes e das sucurijus do mato amazônico aventuradas até ali pela miragem da água-doce", e narra o encontro com as árvores mais famosas da região – "a gente enxergava dominando a ramada as seringueiras sonhadas em cujas pontas mais audazes os colonos suspensos em cordas de couro cru apanhavam as frutinhas de borracha".

35 O neologismo "desgeografar" advém do prefácio escrito em 1926 para a rapsódia *Macunaíma*, cujas primeiras redações antecedem a viagem à Amazônia. Esse prefácio e o de 1928, deixados inéditos por Mário, estão transcritos na edição de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, preparada por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo (Rio de Janeiro: Agir, 2008).

No tocante à transviagem da criação, cabe ainda a consciência do recurso quando o diarista classifica como alucinação sua surreal reconstrução do baile na Ilha Fiscal no seio das águas da baía de Guanabara, na partida do vapor, em 1927.

### ESTA EDIÇÃO

A análise e a interpretação dos documentos no dossiê *O Turista Aprendiz*, conjunto no qual Mário de Andrade amealhou manuscritos da obra<sup>36</sup>, procuraram decodificar o processo criativo no que tange à escritura dos diários vinculados à viagem de 1927 e à de 1928-1929, para compreender o desígnio do escritor quanto à publicação do livro sinalizado por seu "Prefácio". Esse livro, *O Turista Aprendiz*, com o subtítulo paródico e jocoso, "(viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega)", não visava à reunião de ambos os percursos, mas, como já se sabe, recorrer à matéria concernente à viagem ao Nordeste apenas como fonte para a versão que chegaria ao prelo. Versão que, apesar de convalidada pelo "Prefácio", expõe hesitações, perguntas e pontos a serem ampliados; sem remate, obra inacabada, interrompida para sempre pela morte de Mário, é escusado repetir.

Entendido esse aspecto principal, a presente edição, na vontade de veicular a totalidade dos textos d'*O Turista Aprendiz*, divide-se em duas partes. A primeira – "O Turista Aprendiz: viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega" – assimila o livro determinado pelo autor; a segunda – "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica" – equivale a um volume de recolha e organização de textos, realizado pelas pesquisadoras que ora respondem por esta edição fidedigna e anotada dos diários do viajante, orientada pelos princípios da arquivística, da codicologia, da crítica textual e, maximamente, pela crítica genética.

Como edição de texto fiel, obedece à norma ortográfica vigente no país, respeitando, todavia, o uso que Mário de Andrade faz da língua portuguesa falada no Brasil, conforme a sua *Gramatiquinha da fala brasileira*, uma poética<sup>37</sup>, dentro do seu projeto linguístico renovador. Acata, então, idiosincrasias ortográficas como cesta-de-flor, chakra, chapéu-de-chile, cócecas, estado-de-alma, hei-de, hol, italo-hispano-

36 Dossiê na série "Manuscritos Mário de Andrade", no IEB-USP.

37 V. ALMEIDA, Aline Novais de. *Edição genética d' A gramatiquinha da fala brasileira de Mário de Andrade*, 2 v. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, FFLCH-USP. São Paulo, 2013. Orientadora: Telê Ancona Lopez.



bandeirante, juiz-de-paz, malacabado, maleducado, malestar, meidia, móde, pó-de-arroz, saia-e-blusa, torre-de-comando, considerando que as formas compostas se ligam ao ritmo da frase, a pontuação é igualmente reconhecida. Do mesmo modo, a flexão do advérbio, como em “Dona Clotildes entrou meia ressabiada.”; “E meias horrorizadas já, nas sombras do outro lado da sala, três mulheres.”; vulgarismos como desque, guspir.

No estabelecimento do texto, ao se debruçar sobre uma obra inacabada, realizou correções conjecturais de palavras cortadas na datilografia.

Foto na  
página dupla:  
Ponte em Coari  
11 junho, 1927









O TURISTA APRENDIZ:  
VIAGENS PELO AMAZONAS ATÉ O PERU,  
PELO MADEIRA ATÉ A BOLÍVIA E POR  
MARAJÓ ATÉ DIZER CHEGA

2





## O TURISTA APRENDIZ: VIAGENS PELO AMAZONAS ATÉ O PERU, PELO MADEIRA ATÉ A BOLÍVIA E POR MARAJÓ ATÉ DIZER CHEGA<sup>1</sup> - 1927

1 No dossiê dos manuscritos de *O Turista Aprendiz*, documentos historiam o advento do título, após a viagem, pois essa denominação inexistia no decorrer do diário do viajante, tanto na última versão completa como nos resquícios de outras versões. A primeira menção vem na entrevista ao *Diário Nacional*, em 20 de agosto, 1927, quando MA responde ao repórter: "Lá não trabalhei. Limitei-me a riscar algumas notas que, mais tarde, tomarão corpo num livro de viagens: *O Turista Aprendiz* e que, talvez, sirvam para uma série de artigos sobre a Amazônia, seus produtos, folclore, possibilidades e belezas." (V. "Uma excursão ao rio Amazonas", no "Dossiê" da presente edição). O título repete-se na crônica "O Turista Aprendiz", assinada "Mário de Andrade", recorte do paulistano *Diário Nacional* de 22 de janeiro, 1928, texto composto dos registros "Belém, 21 de maio" e "Belém, 22 de maio". Indica, na data da publicação, um título já resolvido, conforme o autógrafo a tinta preta e vermelha, na primeira capa, em papel almaço branco, que cinge o diário: "Mário de Andrade/ O Turista Aprendiz/ 1927/ (Redação definitiva)". O dado se confirma na carta de MA a Manuel Bandeira em 30 de janeiro do mesmo 1928, contando a transformação de um poema em "um dos dias do *Turista Aprendiz*" (V. MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade Et Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/ Instituto de Estudos Brasileiros, 2000, p. 376).

Uma segunda capa, esta de cartolina verde-claro, que abriga o dossiê integral, institui em autógrafo a tinta preta o título completo para o livro desejado: "*O Turista Aprendiz* (Viagens pelo Amazonas até/ o Peru, pelo Madeira até a Bolívia/ e por Marajó até dizer chega)/ 1927". Traz, ao centro, a alegoria "AMERICA", desenhada a grafite. No subtítulo, MA parodia o título do livro do avô materno, Joaquim de Almeida Leite Moraes (Tietê, 1835 - São Paulo, 1895), *Apontamentos de viagem de São Paulo à capital de Goiás, desta à do Pará, pelos rios Araguaia e Tocantins e do Pará à Corte*: considerações administrativas e políticas. Jornalista, autor de peças teatrais, advogado e político paulista de expressão no Império, em 1881 é nomeado presidente da Província de Goiás; ao voltar à capital paulista, edita a obra em 1883 (V. notas 62, 63).

A folha de bloco de bolso aditada ao manuscrito, na qual figura a anotação a lápis azul: "Dedicatória", sem agraciado, convalida o propósito de organizar o texto para publicação, restringindo-se ao diário da viagem de 1927.

A bordo do *São Salvador*  
em pleno Peru com Sol  
na cara / 22 junho, 1927

## PREFÁCIO<sup>2</sup>

Mais advertência que prefácio. Durante esta viagem pela Amazônia, muito resolvido a... escrever um livro modernista, provavelmente mais resolvido a escrever que a viajar, tomei muitas notas como vai se ver. Notas rápidas, telegráficas muitas vezes. Algumas porém se alongaram mais pacientemente, sugeridas pelos descansos forçados do vaticano de fundo chato, vencendo difícil a torrente do rio. Mas quase tudo anotado sem nenhuma intenção da obra-de-arte ainda, reservada pra elaborações futuras, nem com a menor intenção de dar a conhecer aos outros a terra viajada. E a elaboração definitiva nunca realizei. Fiz algumas tentativas, fiz. Mas parava logo no princípio, nem sabia bem por que, desagradado. Decerto já devia me desgostar naquele tempo o personalismo do que anotava. Se gostei e gozei muito pelo Amazonas, a verdade é que vivi metido comigo por todo esse caminho largo de água.

<sup>2</sup> Entre os documentos no dossiê *O Turista Aprendiz*, está o esboço a grafite de um primeiro prefácio, sem cabeçalho, no anverso e no verso de folha de bloco de bolso, texto que repercute na notícia da compra e na descrição da rede maranhense, no registro conciso das atividades em 23 de maio, na versão datiloscrita integral, conservando, porém, a alusão às cores exploradas por Georges Braque (Argenteuil, 1882 - Paris, 1963), pintor cubista francês. Eis o esboço:

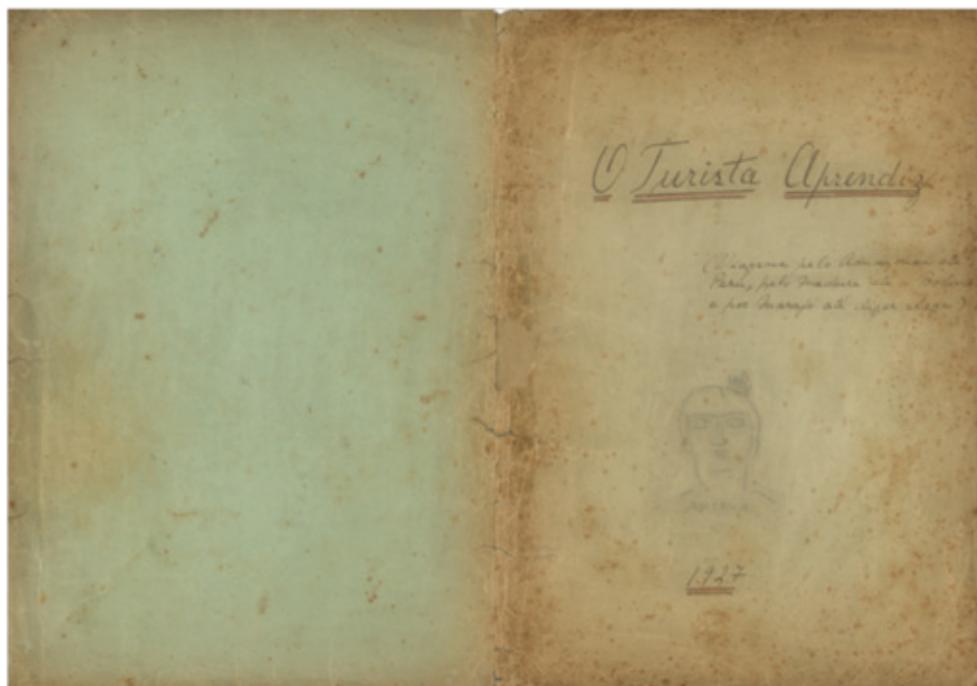
Estou me convencendo que não sei viajar. A minha compreensão das paisagens, dos costumes e dos homens se processa quase sempre pelo *processo comparativo* que, no caso, me parece francamente errado. É justo que eu compreenda um poeta romântico o comparando com tudo quanto sei do romantismo e dos outros poetas românticos já meus conhecidos. Mas é defeituosíssimo compreender a foz do Amazonas a comparando com versos dum poeta ou fique amigo dum poeta paraense porque ele também conhece o modernismo. Compra duma rede de linha, feita no Maranhão. O que me decidiu na compra de tal rede, o que fez com que eu gostasse dela mais que das outras não foi nenhuma qualidade maranhense de fabrico ou maior utilidade do objeto, mas a sua combinação de cores, em azuis baixos e terras, apresentar muita coincidência com certas combinações de cores, sábias e discretas, usadas pela pintura cubista. "Um Braque!", exclamei, e comprei a rede.

Na verdade eu estou viajando muito em torno de mim mesmo, e aplicando egoistamente as minhas experiências em vez de me enriquecer de novas. Às vezes me vem mesmo a ideia de que talvez eu seja um "errado", porém é impossível eu aceitar esse qualificativo. Simplesmente porque eu me sinto feliz; feliz mesmo nesta infelicidade atual de estar viajando. E o que é mais decisivo ainda: é trazer uma consciência de mim mesmo que se não é de paz e muito menos pacificada por suplantação, é muito nítida e muito firme. Deste jeito, é impossível a gente se acreditar errado e mudar.



Agora reúno aqui tudo, como estava nos cadernos e papéis soltos, ora mais, ora menos escrito<sup>3</sup>. Fiz apenas alguma correção que se impôs, na cópia. O conjunto cheira a modernismo e envelheceu bem. Mas pro antiviajante que sou, viajando sempre machucado, alarmado, incompleto, sempre se inventando malquisto do ambiente estranho que percorre, a releitura destas notas abre sensações tão próximas e intensas que não consigo destruir o que preservo aqui. Paciência...

São Paulo, 30-XII-1943



Capa do manuscrito de  
*O Turista Aprendiz*

3 O dossiê de *O Turista Aprendiz* é dos mais complexos em termos do itinerário do processo criativo de MA. Prende-se ao diário textual que se materializa em fragmentos remanescentes de uma primeira versão autógrafo a grafite em um caderno de bolso, fragmentos que incluem desenhos traçados ao longo da viagem (V. notas 60, 62, 64, 85, 95); em fragmentos (cópia carbono), retirados de uma primeira versão datiloscrita excluída; em uma versão completa, datiloscrito original, dotada do "Prefácio", a qual se mescla parcialmente à versão publicada (exemplar de trabalho) do registro "Os pacaás novos". Incorpora o excerto do diário publicado em jornal, uma fotografia, notas de trabalho, bem como o balanço da obra, considerada a distribuição da matéria nos registros. Os documentos textuais, em sua maior parte, sofreram rasuras.

**7 de maio de 1927<sup>4</sup>.** São Paulo. Partida de São Paulo. Comprei pra viagem uma bengala enorme, de cana-da-índia, ora que tolice! Deve ter sido algum receio vago de índio... Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também. As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha alminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou pela bengala.

Pois querendo mostrar calma, meio perdi a hora de partir, me esqueci da bengala, no táxi lembrei da bengala, volto buscar bengala e afinal consigo levar a bengala pra estação. Faltam apenas cinco minutos pro trem partir. Me despeço de todos, parecendo calmo, fingindo alegria. "Boa-viagem", "Traga um jacaré"... Abracei todos. E ainda faltavam cinco minutos outra vez!

Não fui feito pra viajar, bolas! Estou sorrindo, mas por dentro de mim vai um arrependimento assombrado, cor de incesto. Entro na cabina, agora é tarde, já parti, nem posso me arrepender. Um vazio compacto dentro de mim. Sento em mim.

**8 de maio<sup>5</sup>.** Rio de Janeiro. O almoço foi, como sempre nos meus dias de chegada ao Rio, com Manuel Bandeira<sup>6</sup>. Não sei, acho o Rio uma cidade mui feia, mas dizem que é

4 A versão integral datiloscrita do diário exhibe, no fragmento da parte superior do primeiro fólio de uma versão anterior do título da obra: "O TURISTA APRENDIZ/ (Notas soltas tomadas na viagem ao Amazonas)/ (1927)/ (7 de maio a 15 de agosto)", acompanhada, no canto superior esquerdo, de advertência a tinta preta: "(Estas notas/ não são pra se/ publicar, são simples/ lembretes, pra um livro/ que não seria nada/ disto)". O registro inicial, "Peixe-boi", mostra ao lado, também a tinta preta, a indicação "fica na pg 84". A determinação do escritor foi cumprida na presente edição; o deslocamento efetiva-se em 8 de agosto, conforme determinam acréscimo e nota na p. 84 do manuscrito: "Então fomos ver o peixe-boi. (Botar aqui o que está na pg. 1)". Da versão integral datiloscrita que compõe majoritariamente o texto base da presente edição, MA descartou os fólhos 2 e 3, referentes – pode-se inferir – aos registros completos de 7 a 11 de maio e ao início do dia 12, reescrevendo-os em 1943, quando retoma a escritura e compõe o prefácio.

5 Registro datiloscrito em folha apenas à versão datiloscrita integral, suporte idêntico ao do "Prefácio" datado de 1943, quando o escritor retoma a escritura.

6 Manuel Bandeira (Recife, 1886 – Rio de Janeiro, 1968). Poeta, crítico literário e de artes plásticas e de música, professor de literatura e tradutor; é o amigo Manu com quem MA manteve longa correspondência envolvendo sobretudo a criação de ambos. Este fato leva a projetos literários e datas de escritura; instala as cartas nos arquivos da criação de obras, como



bonita... A natureza sim é maravilhosa, eu sei, mas a cidade, a urbanidade, o trabalho do homem, o sofrimento e a glória do homem, é uma coisa detestável. O mais importante de observar são as ruas dos bairros de residência e os subúrbios pobres. As ruas residenciais têm um ar família, um ar interior de casa de manhã, ainda sem a limpeza pro dia, um ar indiscreto saia-e-blusa<sup>7</sup>, que não é só ar, é verdade. A gente continua, como a descrita por Debret<sup>8</sup>, mais que indiscretamente vestida nas portas, nas calçadas. E a pobreza, os operários dos subúrbios não têm a menor dignidade arquitetônica do seu estado: casas enfeitadíssimas, miseráveis, anti-higiênicas e enfeitadas, bancando alegria, festa. É repugnante. De noite fui com Luciano Gallet<sup>9</sup> esperar no cais uma amiga nossa que chegou da Europa. Manuel Bandeira também estava lá, entusiasmado, esperando um poeta baiano, Godofredo Filho<sup>10</sup>, diz-que muito bom.

bem analisam as notas de Marcos Antonio de Moraes, organizador da *Correspondência Mário de Andrade Et Manuel Bandeira*. Encontra-se com MA no Nordeste em dezembro de 1928 (V. menção no registro de 10 de dezembro e a nota 44 em "Notas de viagem ao Nordeste: diário 1928-1929", na presente edição).

7 Em todos os textos de MA participantes da presente edição de *O Turista Aprendiz* foi respeitada a grafia dos substantivos compostos e locuções portadoras de hífen, criados pelo autor, vinculados ao ritmo de sua frase, quando não mostram flutuação.

8 Jean Baptiste Debret (Paris, 1768 - 1848). Pintor e desenhista, integrante da Missão Artística Francesa de 1816, empenhou-se no registro da vida cotidiana e da paisagem brasileira.

9 Luciano Gallet (Rio de Janeiro, 1893 - 1931). Compositor, pianista, regente e professor; estudioso do folclore. Em 1928, comporá *Lenda do Pai do Mato*, sobre o poema homônimo de MA. Autor das monografias *O índio na música brasileira* e *O negro na música brasileira* (1928), Gallet deixou inéditas pesquisas sobre canções e danças antigas do Rio, publicadas por iniciativa de sua mulher, Luísa, sob o título *Estudos de Folclore*, em 1934. MA, no seu prefácio ao livro, explora elementos de sua correspondência com Gallet (V. notas 33, 193, 266, 307, os registros de 28 de novembro, 1 e 3 de dezembro em "Notas de viagem ao Nordeste: diário 1928-1929" e o folhetim "Rio de Janeiro, 28 de novembro, 21 horas" na parte "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", nesta edição).

10 Godofredo (Rabelo de Figueiredo) Filho (Feira de Santana, 1904 - Salvador, 1992). Poeta do modernismo na Bahia.

**9 de maio**<sup>11</sup>. Rio. Almoço com Paulo Prado<sup>12</sup>. Se deu isto: chego no Copacabana, com os olhos ofuscados do meidia claríssimo, estou procurando o Paulo no não-sei-como-se-chama, salão, vejo que alguém está me acenando justo sentado junto do janelão central, deve ser ele na certa e me dirijo pra lá. Já pertinho, é o Paulo Prado sim com Marinette e mais... Puxa! é o Graça Aranha<sup>13</sup>, não nos damos mais, mas agora é tarde porém, não vou fazer desfeita a ele, não merece, nem fui eu que briguei com ele. Ele é que brigou, isto é, pelo menos fingiu que não me viu, depois que espinafrei ele em dois artigos por querer decidir de minha vida sem procuração minha. Paulo Prado se levanta e com ar de conforto pra me deixar à vontade: "Se conhecem?..." Graça Aranha se levantou, ri grosso, meio desapontado, "Oh oh! como não!" Eu engasguei. E foi tudo muito bem, nos reacamaradamos, e só o verbo é que ficou desagradável. O Paulo Prado, quando pode, me conta que na véspera, depois de termos combinado o almoço de hoje, o Graça Aranha lhe dissera que iria almoçar com ele. Achou do seu dever avisar que eu já estava convidado,

11 Registro datiloscrito em folha apenas à versão datiloscrita integral, suporte idêntico ao do "Prefácio" datado de 1943, quando o escritor retoma a escritura.

12 Paulo Prado (São Paulo, 1869 - Rio de Janeiro, 1943). Um dos mais importantes historiadores brasileiros do século XX, participante ativo do grupo modernista paulistano ao qual traz leituras de cunho etnológico, como discípulo de Capistrano de Abreu. Em 1927 está escrevendo *Retrato do Brasil*: ensaio sobre a tristeza brasileira, que publicará no ano seguinte. Casado com Marinette (nascida Marie Noemi Alphonsine Lebrun). A crônica do modernismo atribui a Marinette a sugestão de um festival como a *Semaine de Fêtes*, em Deauville, para divulgar a renovação brasileira. Esse evento foi a *Semana de Arte Moderna*, de 13 a 18 de fevereiro, 1922, em São Paulo. Em 1924, compusera o grupo de modernistas paulistanos que, acompanhando o poeta franco-suíço Blaise Cendrars (La Chaux-de-Fonds, 1887 - Paris, 1961), realizara a viagem a Minas Gerais da qual decorreram a pintura e poesia *Pau Brasil* de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, assim como o poema de MA "Noturno de Belo Horizonte". Em 1925, Paulo Prado publica *Paulística*, livro resenhado por MA, em *A Revista*, periódico porta-voz do modernismo mineiro (a.1, nº 3).

13 José Pereira da Graça Aranha (São Luís, 1868 - Rio de Janeiro, 1931). Autor do romance *Canaã*, em 1922, fora o primeiro conferencista na *Semana de Arte Moderna*. Em 1924, renunciara à sua cadeira na Academia Brasileira de Letras, por ele considerada entidade passadista. Divergências entre MA e ele, no âmbito das ideias modernistas, haviam provocado a "Carta aberta a Graça Aranha", publicada pelo poeta da Pauliceia em 12 de janeiro de 1926, no suplemento paulistano do jornal carioca *A Manhã*. Entende-se, portanto, o constrangimento de ambos, no encontro narrado (V. nota 293 e o registro "Rio de Janeiro, 30 de novembro, 22 horas" na série "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", na presente edição).



mas achou também de acrescentar, por saber meus sentimentos sobre a nossa briga, que eu não tinha nada contra o Graça mais, e ele respondia pela minha cordialidade. Mas o Graça secundou que ia pensar. De noite telefonou ao Paulo que vinha ao almoço e era tarde pro Paulo Prado me consultar. Este "era tarde" não sei, naturalmente Paulo Prado nem se amolou, sabendo é certo meu sentimento. Mas ficou pau a surpresa. Eu vinha da mesma forma ao almoço, desde avisado que o Graça estava disposto a reconsiderar o ato de cegueira com que fingiu, aliás sem ostensividade, não me enxergar.

De noite, que calor! na casa de Manuel Bandeira, gozando a fresca de Santa Teresa. Conheço Rodrigo Mello Franco de Andrade<sup>14</sup>. Manuel continua entusiasmado com o poeta Godofredo Filho, garantindo que tem versos admiráveis e os diz muito bem. E afinal o poeta principia dizendo versos, oito, dez poesias, não para. De repente me virei pro Manuel e disse baixinho:

– Mas Manuel! Ele recita pessimamente e os versos são pouco menos que detestáveis...

– Nem me fale! Na Bahia, palavra que achei os versos lindos, mas bastou que o Godofredo principiasse dizendo eles na frente de vocês, percebi que tudo é muito ruim!

14 Rodrigo Melo Franco de Andrade (Belo Horizonte, 1898 - Rio de Janeiro, 1969). Advogado, jornalista e escritor. Em 1927, reside no Rio de Janeiro, onde dirige a *Revista do Brasil*. Publicará, em 1936, *Velórios*, livro de contos na biblioteca de MA, com dedicatória. Em 1937, a pedido do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, criará, com MA, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual IPHAN), do qual se tornará diretor por longo tempo. Extensa correspondência liga Rodrigo e MA, sobretudo em função do trabalho deste no SPHAN como Assistente Técnico da 6ª Região Administrativa, relativa a São Paulo e Paraná, nos períodos 1937-1938 e 1941-1945. Neste último, MA dedica-se ao estudo do pintor do barroco paulista padre Jesuíno do Monte Carmelo. Para homenagear o amigo, determina, no manuscrito do ensaio, dedicatória a Rodrigo, que, em carta ao autor, adia a homenagem para uma segunda edição, fora do âmbito institucional. MA morre em 1945 e nesse mesmo ano o livro *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* sai pelo Ministério da Educação e Saúde/ SPHAN, sem a dedicatória. A republicação que, em 1963, repete a edição de 1945 nas Obras Completas pela Livraria Martins Editora, desconhece a homenagem, cumprida em 2012 na edição apoiada no manuscrito (V. ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Edição preparada por Aline Nogueira Marques e Maria Sílvia Ianni Barsalini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 e o registro de 30 de novembro, em "Notas de viagem ao Nordeste: diário 1928-1929").

**10 de maio**<sup>15</sup>. Rio. Almoço com Manuel. Visita aos quadros novos de Ismael Nery<sup>16</sup>. De grande interesse sempre, não tem dúvida. Sempre pesquisando, inventando coisas no cérebro, cerebrinas, um pouco mesmo caraminholadas. Mais interessante que bom. E que homem cheio de si, puxa! Janta e noite com o Dantas e, meu Deus! a mulher dele! Enfim havia a suavidade desse meu amigo e a friagem molhada da lagoa.

### Sonho

Esta noite Machado de Assis me apareceu em sonho, barba feita e contou que estava no inferno.

– Coitado...

Ele se riu mansinho e esclareceu:

– Mas estou no inferno de Dante, no lugar pra onde vão os poetas. O único sofrimento é a convivência.

**11 de maio**<sup>17</sup>. A bordo do *Pedro I*. Não pude gozar nenhuma das sensações que me propunha ter nesta partida, uma inquietação me distraiu completamente. O carregador que me arranjaram pra levar as malas do hotel ao cais, um velhinho, me apareceu com uma dessas carretas nem sei como chame, empurradas a pulso, e que têm só duas rodinhas na frente, do tamanho do pulso mesmo. Quando vi a carreta já não gostei e me bateu na imaginação os milhares de voltas que aquelas rodinhas tinham que dar desde a Lapa ao cais. Pois não é que quase parto sem as malas mesmo, chegadas na última hora, já fechado o compartimento do navio por onde entravam as bagagens? Com essa história não me despedi de ninguém direito, nem percebi certo quantos companheiros de viagem iam no bando. Já de São Paulo sabia que eram uma porção e gente de circo, disposta e bem divertida. Pois quando dou tento mesmo

15 Registro datiloscrito em folha apenas à versão datiloscrita integral, suporte idêntico ao do "Prefácio" datado de 1943, quando o escritor retoma a escritura.

16 Ismael Nery (Belém, 1900 - Rio de Janeiro, 1934). Pintor, desenhista ligado à vanguarda francesa; filósofo criador do essencialismo e poeta. Em 1920 estudara na Academia Julian, em Paris, cidade à qual voltará em 1927, aproximando-se da vertente surrealista que lhe marcará a produção. MA o conhece no grupo modernista do Rio de Janeiro, então Capital Federal; conservou pinturas e desenhos de Nery (V. BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de. *Coleção Mário de Andrade*. 2ª. ed. revista e ampliada. São Paulo: IEB-USP, 1998, p. 162-169).

17 Registro datiloscrito em folha apenas à versão datiloscrita integral, suporte idêntico ao do "Prefácio" datado de 1943, quando o escritor retoma a escritura.



definitivo no caso, toda a gente roera a corda! Estamos apenas dona Olívia<sup>18</sup>, e as duas moças, Dolur e Mag<sup>19</sup>. Dona Olívia com aquele sorrizinho dela, me fala:

- Você deve estar bem descontente de ser o único homem da expedição...
- Se soubesse que era assim, não vinha, dona Olívia.

Meio áspero, sincero. Ela não teve o que dizer. Nem eu. Estava com raiva dela e das moças. Ela se lembra de contar que Washington Luís<sup>20</sup> telegrafou aos presidentes de estados e pro Peru. Não falo nem sim nem não, mas como está ventando muito peço licença, vou na cabina trocar o chapéu por um mais adequado boné de viagem. Olhei no espelho e consegui ficar mais fácil<sup>21</sup>.

18 Olívia Guedes Penteado (Campinas, 1872 - São Paulo, 1934), dama da aristocracia cafeeira paulista e mecenas dos modernistas, participou com eles da viagem a Minas Gerais, na Semana Santa de 1924 (V. notas 28, 38).

19 Na versão integral do diário, datiloscrito de 1943, está: "apenas dona Olívia, e as duas moças, Eulália e Magnólia". Os dois últimos nomes equivalem a lapso ou resquício de uma versão anterior contrapostos aos apelidos familiares Dolur e Mag (e uma única vez ao nome Dulce) que vigoram na continuação do texto, exceto no delírio do viajante, em 11 de maio. Juntam-se às alcunhas Trombeta e Balança, nascidas na viagem à Amazônia. Mag/ Balança é Margarida Guedes Nogueira, sobrinha de Olívia Guedes Penteado; Dolur/ Trombeta é Dulce do Amaral Pinto, a filha do primeiro casamento de Tarsila do Amaral. Durante a viagem, em 13 de maio, MA compõe o poema "Dolur em 10 minutos", manuscrito no arquivo da pintora modernista, revelado por Aracy Amaral, no livro por ela organizado, *Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral* (São Paulo: IEB/ Edusp, 2001, p. 129; Coleção Correspondência de Mário de Andrade, 2); republicado no v. 2 de ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos, por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, p. 212). Balança e Trombeta tornam-se personagens no diário, do mesmo modo que a Rainha, ou a Rainha do Café, como figuração de D. Olívia. O número significativo de substituições autógrafas à versão datiloscrita completa, ao insistir nesse esforço de cunho ficcional, evidencia o inacabamento da obra, na qual restam ocorrências das formas Mag e Dolur. Entre as assinaturas, no livro das visitas na casa dos padres em Tefé, a 30 de junho na versão citada, o personagem "Maravilha" (Mag?) é riscado e substituído por "Balança".

20 Washington Luís Pereira de Sousa (Macaé, 1869 - São Paulo, 1957). Depois de ter sido presidente do estado de São Paulo, preside a República entre 1926 e 1930, quando a revolução encabeçada por Getúlio Vargas o depõe.

21 A análise dos documentos que formam o dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz* conclui que

Visto assim do mar, o Rio iluminado da noite é alucinante<sup>22</sup>. Uma alucinação que se mexe com rapidez, pra ser bem explícito. Me deixo levar. A água geme oleosa, pesadíssima, refletindo devagar a iluminação assanhada das praias. Se sente festa nas

o escritor pretendia publicar apenas o diário da sua viagem à Amazônia, em 1927, para o qual escreveu um prefácio em 1943, mesmo sem ter, de fato, arrematado a obra para o prelo. Ao morrer subitamente, em 25 de fevereiro de 1945, tornou a última versão do texto uma obra inacabada, presa aos documentos do próprio processo criativo e convivendo, no dossiê, com os documentos do processo criativo do diário da viagem etnográfica feita por ele ao Nordeste brasileiro, entre 27 de novembro de 1928 e 24 de fevereiro de 1929. Essa segunda parte conjuga um diário autógrafo no qual predominam as sínteses telegráficas em um caderninho de viagem, o diário impresso e rasurado, reunindo setenta registros-crônicas, como recortes ou exemplares de trabalho da série "O Turista Aprendiz", divulgada no *Diário Nacional*, em São Paulo, entre 14 de dezembro de 1928 e 29 de março de 1929, bem como o autógrafo de um último texto não enviado ao periódico. O diário impresso e rasurado de 1928-1929, em determinados trechos seus, foi objeto de apropriação pela versão datiloscrita do diário de 1927, que, em 1943, visou se tornar livro (V. nota 3). Essa reescritura mereceu notas/comentários na presente edição. Neste caso, a adoção do boné como signo do Turista, em 11 de maio, exprime a retomada deste trecho da crônica "Guanabara, 3 de dezembro, 19 horas", extraída do *Diário Nacional* de 21 de dezembro, 1928: "Estou meio desapontado. Tudo a gente desconhece neste primeiro contacto com a viagem, pessoas, corredores, decorações... Além do mais, me sinto muito urbano, chapéu de palha na cabeça, gravata longa embandeirando no vento... Vou pra cabina, abro a mala, tiro o boné..." (V. na parte "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", na presente edição).

22 A narração da partida do navio reelabora este trecho da mesma crônica "Guanabara, 3 de dezembro, 19 horas", recortada do *Diário Nacional* do dia 21 de dezembro, 1928:

[...] A noite vai cinzando água e ar. Entre os dois, quase negra, a língua craquenta e áspera da terra de Guanabara.

As luzes salpicam o negrume dos morros amarrotados. Quando senão quando acorda mais uma. Junto do Hotel Glória, e no quarteirão Serrador, os reflexos formam braseiros exatos. De repente as praias se colarizam de luzes, uma por uma praia, puf! puf! puf!... A noite é definitiva e chega até mim. (V. na parte "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", nesta edição).

No registro de 11 de maio, 1927, na reescrita da partida, o Rio de Janeiro iluminado suscita no viajante a alucinação a partir do reflexo da cidade na água do mar que "geme oleosa, pesadíssima", como na visão que o poeta tem da água noturna, igualmente "pesada e oliosa", do seu rio Tietê (respeitada aqui a grafia, em "A meditação sobre o Tietê"). Visão dilacerada de si, das próprias obsessões, do país, dos homens, na cidade que passa espelhada na água, no citado poema. Entende-se que, neste ponto, o diário inconcluso em 25 de fevereiro de 1945, quando MA morre, encontra-se com o derradeiro poema de sua lavra, cuja última versão é do dia 12 do mesmo mês (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 531-543).



praias, estão dando por aí um grande baile romântico, me sugerido pela ilha Fiscal<sup>23</sup>.

23 Ao enveredar a ficção ou a transviagem de 1927 na criação literária, paralela ao registro dos acontecimentos, despertada pela presença da ilha Fiscal na orla, o diarista, quando insinua a apropriação, faz com que se busque suas possíveis matrizes. Estas são reveladas, de modo indireto, no magistral ensaio de Alexandre Eulálio, "De um capítulo do *Esau e Jacó* ao painel d'*O último baile*" (V. *Tempo redescoberto: ensaios sobre arte e literatura*. Organização e apresentação de Carlos Augusto Calil. São Paulo: Instituto Moreira Salles/ Editora 34, 2012, p. 139-166). Ao trabalhar as relações literatura/ pintura, o estudo se detém no capítulo 48, "Terpsícore", do romance de Machado de Assis publicado em 1904, páginas onde se desenrola, em grande complexidade narrativa, o baile na ilha Fiscal, "que um instante se iluminou como lugar falazmente mágico". Assim se expressa Eulálio, que, em seguida, analisa com vagar a obra de Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo (Areia, 1856 - Rio de Janeiro, 1916), *O último baile da monarquia*, pintada em 1905. Imagina-se que ambos, capítulo e quadro, tenham se esgueirado, algum dia, do cabedal de MA, leitor de Machado e historiador da arte brasileira, até o ficcionista moderno capaz de tramar o engodo de "um grande baile romântico" que, aliás, não é romântico em *Esau e Jacó*, nem na concepção de Figueiredo. A apropriação que escora a paródia na prosa literária liga-se à admissível observação da tela por MA no Museu Nacional, nos anos de 1930 ou 1940 que concernem à escritura d'*O Turista Aprendiz*. O baile, "romântico" no fascínio de um primeiro olhar à intensa iluminação, desmistifica-se nos tensos personagens retratados no quadro cujo título primitivo é *A ilusão do Terceiro Reinado*. O adjetivo "romântico" soa como ironia na paródia surrealista que atinge intensidade ducassiana na exploração plástica da violência, admitindo o *nonsense*; que reúne figuras do plano real (amigos inclusive) e fictícias, do passado e do presente, no tempo imemorial, como em *Macunaíma*; que sublima a precariedade da carretinha do cais, ao torná-la o veloz veículo da Rainha de Sabá. Que faz do Rio de Janeiro refletido no mar o espaço ficcional, ao reiterar a visão da cidade espelhada, movendo-se no seio das águas, uma das marcas da poesia mariodeandradiana. Essa visão desponta em "Tietê", de *Pauliceia desvairada*, 1922; reafirma-se no poema XXIX de *Losango cáqui*, em 1926; em "Noturno de Belo Horizonte", de *Clã do jabuti*, 1927, assim como em "A meditação sobre o Tietê", de 1945, publicação póstuma na *Lira paulistana*, 1946 (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 85, 174, 240-259, 531-543).

Na viagem, a fantasmagoria, na lenda que o diarista recolhe e compreende no ciclo da cidade submersa, em 4 de julho, ao navegar pelo local onde se situara Sapucaiaoroca, revalida o interesse etnográfico de MA. A lenda narra o castigo infringido ao "pueblo muito festeiro", afundado por profanar a noite do Natal. Todos os anos, nessa data, a música de suas danças sobe do rio e faz pensar nos sons religiosos que brotam do mar em torno da ilha bretã de Ys, na lenda inspiradora de *La cathédrale engloutie*, prelúdio de Claude Debussy que MA professor de piano bem conhecia (V. o registro "4 de julho", no presente diário).

Cabe considerar ainda que, na reelaboração do registro de 1928 no diário da viagem à Amazônia, na versão integral chancelada pelo prefácio de 1943, a alucinação se constrói por meio da

Um Creso<sup>24</sup> impossível de tão rico, dono do truste norte-americano do açúcar, porque do açúcar! está recebendo em seu castelo dos Pireneus a Rainha de Sabá<sup>25</sup>. Telegramas mandando comprar todos os candelabros iluminados do mundo e buscar nos Estados Unidos todos os jazzes de negros autênticos. Passam exércitos de criados correndo, com bandejas cheias de sorvetes porque está bastante calor. A Dama das Camélias se debruça no janelão baixo que dá sobre as águas e brinca de guspir. Se percebe mais longe o barão de Rothschild, o rei da Bélgica e um marajá não sei da onde assoprando em apitos de prata brilhantes. Nos terraços passam, meio indiscerníveis, Paolo e Francesca, Paulo Prado, Tristão de Ataíde e Isolda, Wagner, Gaston Paris, Romeu e Julieta<sup>26</sup> etc., olhando pras estrelas que estão de fato esplêndidas de saúde, tomando sorvete porque faz bastante calor. Dança-se loucamente no Largo do Machado, na Lapa, na Praça Onze.

... eis que um frêmito sussurrante percorre a multidão imprensada na Avenida Rio Branco. Milhares de cavalos brancos por causa do nome da avenida, carregando pajens também de branco, cetins e diamantes, surgem numa galopada imperial, ferindo gente, matando gente, gritos admiráveis de infelicidade, a que respondem sereias e mais sereias escondidas atrás

deformação expressiva da imagem traçada na partida para o Nordeste – “As luzes salpicam o negrume dos morros amarrotados”. O movimento é outro, no âmbito do surreal: o negrume, enquanto violência, turvamento, domina a cena feericamente iluminada na qual os morros cariocas metamorfoseiam-se em elefantes e camelos. Entram assim na sangrenta e “infrene disparada”. O poema de MA “As cantadas”, escrito em 1938, dá a chave: “Aiai, Guanabara! Que todo me desfaleço/ [...] Pelos aquedutos, pelos/ Morros de crespos camelos/ E elefantes triunfais!” (V. IDEM, *ibidem*, p. 444-446).

24 Creso: vulgarização do nome do último rei da Lídia (560-546 a.C.), detentor de enorme poder e incalculável riqueza.

25 O primeiro “Livro de Reis”, na *Bíblia*, narra a visita da rica soberana do reino de Sabá ao sábio rei Salomão.

26 O diário, quando o viajor alucina ao navegar pela ficção, funde personagens reais e fictícios, do passado e do presente, no tempo imemorial de tonalidade surrealista associado ao espaço sem fronteiras geográficas, solução praticada em *Macunaíma*, que MA está escrevendo desde 1926 e publicará em 1928. As notas, na presente edição de *O Turista Aprendiz*, focalizam elementos da criação do diário paralela à da rapsódia, o que significa a exploração de aspectos de um projeto estético, ideológico e linguístico no modernismo brasileiro (V. ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Apresentação e estabelecimento do texto por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2008).



das luzes dos morros. E quando a avenida é uma uniforme poça de sangue, vêm elefantes e camelos transportando gongos de cobre polido batendo, primeiro os elefantes que são mais altos, depois os camelos, depois os leões, depois as panteras ferocíssimas, dando urros, tudo sempre na infrene disparada. E assim que passaram as panteras rasteiras, espirrando pros lados o sangue que corre no chão, setecentos escravos negros, assoprando em apitos, nus em pelo, com turbantes de prata polida, puxam por festões de camélias brancas fornecidas pela Dama das Camélias, Eulálias e Magnólias<sup>27</sup> brancas, uma carretinha de cais, também branca, em que chega numa velocidade sublime a Rainha de Sabá.

**12 de maio<sup>28</sup>.** Não paramos em Vitória. Principio suando em bica. Muita sonolência, não enjojo mas que sonolência!..

27 Eulália e Magnólia, primeiros apelativos destinados às jovens companheiras na viagem de MA, enquanto personagens do diário, substituídos por Dolur e Mag na versão de 1943, perduram na alucinação do viajante (V. nota 19).

28 Registro datiloscrito em folha apensa à versão datiloscrita integral, suporte idêntico ao do "Prefácio" datado de 1943, quando o escritor retoma a escritura.

No fólio 4 da numeração original na versão datiloscrita de 1943, restou a parcela final de versão anterior do registro de 12 de maio, rabiscada a lápis vermelho e azul. Infere-se a data pelo registro subsequente, o de 13 de maio:

– Os elefantes chegam logo?

Ela ficou meio tonta, mas logo compreendeu:

– Chegam logo, sim!

Ninguém imagina a cara que o pessoal faziam pra nós. Estavam extasiados. Fiquei digno, convicto de que praticara uma boa ação.

Em 1939, MA em sua entrevista "Ao contrário de outros agrupamentos literários, os mineiros são individualistas", concedida à *Folha de Minas* (Belo Horizonte, 14 de novembro), relata:

Da segunda vez em que estive em Minas, (foi quando escrevi o "Noturno") [...]. Em 1924 não vim só, como da primeira vez. Veio uma grande caravana de jornalistas e intelectuais de S. Paulo, com a intenção de assistir às tradicionais solenidades de Semana Santa. Era uma turma grande, onde não faltava o elemento feminino, representado por D. Olívia Penteado, muito elegante, e que transportara na viagem todos os seus hábitos de grande dama, inclusive uma secretária, e a artista Tarsila do Amaral. Rodamos grande parte do interior de Minas. Em certa cidade, fomos objeto da curiosidade popular, devido ao grande número de pessoas e de bagagens. E, quando procedíamos a contagem das malas no hotel, fui abordado por um popular que desejava saber se éramos de circo. Aí, num momento de inspiração, perguntei a Tarsila: E os elefantes, onde estão?... Não se pode calcular o sucesso da pseudo-companhia de circo na cidadezinha tranquila. (V. ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. Edição organizada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 68-69).

Pela manhã apareceu a bordo uma borboleta mariposa que media bem uns três metros e vinte da ponta de uma asa à outra. Era toda de veludo pardo com aplicações de renda de Veneza, mui linda. Dessa qualidade eu já conhecia, porque uma senhora do meu bairro possui um casal no jardim. Isso não impediu que a aparição fosse recebida com aplauso geral, porque durante as correrias pra pegar a mariposa, ela sempre achou um jeito de apresentar os passageiros uns aos outros e de noite deu um baile no salão<sup>29</sup>.

Agora viajam conosco mais um naturalista suíço, o professor Hagmann que vive em Manaus, um ricoço chamado Atrepa-Atrepa, filho duma fábrica italiana de sedas paulistas, um rapaz com a roupa de ontem, o Adolescente de cuecas, piscando pras minhas companheiras, e, meio malacabado, um homem feito em casa.

**13 de maio**<sup>30</sup>. Cidade do Salvador. Arre que maravilha, estou cansado. Mas o diabo é que não adianta falar "maravilha", "manhã admirável", "invenção arquitetônica adorável", "moça linda". Não adianta, não descreve. Esses qualificativos só existem porque o homem é um indivíduo fundamentalmente invejoso: a gente fala que uma coisa é "admirável" e ele não só acredita mas ainda aumenta na imaginação o que a gente sentiu. Mas se eu pudesse descrever sem ajuntar qualificativos... Bem, não seria eu.

E desde a noite da partida que estou querendo não apresentar alguém. É uma americaninha, girl etê<sup>31</sup>, com muito açúcar e fotogênica duma vez. Faz de conta que

29 Esta sequência reescreve, intensificando o clima surrealista, trecho da crônica "Guanabara, 3 de dezembro, 19 horas", publicada no *Diário Nacional* de 21 de dezembro, 1928, na série "O Turista Aprendiz":

Facilitou enormemente a conversa futura o aparecimento duma grande mariposa. Era um exemplar lindíssimo, por sinal, toda em pelúcia parda com aplicações de renda de Veneza. Dessas eu já conhecia, aliás, porque uma senhora, vizinha nossa na rua Lopes Chaves, possui um casal no jardim. E nas correrias pra pegar a mariposa ela nos apresentou uns aos outros e depois da janta nos ofereceu uma reunião ao ar livre. (V. nota 145 na parte "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", na presente edição e, neste diário, nota 21).

30 Registro datiloscrito em folha apenas à versão datiloscrita integral, suporte idêntico ao do "Prefácio" datado de 1943, quando o escritor retoma a escritura. O primeiro registro desta data está anulado a lápis vermelho e azul, no fôlio 4 da referida versão: "13 de maio – S. Salvador. Maravilha de passeios por toda a parte desta cidade estupendíssima. São Francisco, está claro, catedral, etc., dia inteiro. Embarque à noitinha".

31 MA adota a expressão concernente às modelos que apresentavam a moda de verão; grafa a



não sei absolutamente nada de inglês, tiro fotografias<sup>32</sup>. Foi um encanto conversarmos só de olhos e gestos. Nunca olhei tão olhado em minha vida e está sublime. Talvez por causa disso ela me amou eternamente, mas foi obrigada a ficar na Bahia porque não posso ter complicações.

**14 de maio.** Vida de bordo, e continuo suando cada vez mais. O suíço Schaeffer<sup>33</sup>, amigo do John Graz<sup>34</sup>, se apresenta. O professor Hagmann está cada vez mais insuportável na

forma *été*, do francês, conforme a pronúncia – *etê*. Este registro reescreve trecho do folhetim "Atlântico, 6 de dezembro, 10 horas", publicado na série "O Turista Aprendiz", no *Diário Nacional*, em São Paulo, a 27 de dezembro, 1928 (V. nota 155, na parte referente à série "O Turista Aprendiz", na presente edição).

32 Em 1927, o trabalho de MA fotógrafo moderno, no instante do clique acompanhado de notas para identificação posterior, constitui um primeiro diário da viagem à Amazônia, concomitante ao registro textual fragmentário, nos diferentes papéis, que deu base à primeira versão do texto d'*O Turista Aprendiz*. Enquanto utiliza a sua Codaque, marca norte-americana por ele abasileirada, o viajante anota imagem, local, data e informações de ordem técnica, como abertura do diafragma e posição do sol. Ao que se imagina, o suporte dessas anotações, uma caderneta talvez, é por ele descartado quando, já em São Paulo, transporta a grafite os dados para o verso das fotos reveladas em preto e branco, montando, automaticamente, mais um diário: o diário das imagens e legendas, estas talvez instituindo variantes no texto passado a limpo. Um olhar complementar de MA acrescenta a glosa poética a muitas legendas. Essa nova etapa da criação do fotógrafo evidencia-se no calcar do lápis e no talhe da letra. A avaliação das imagens em positivo motiva a presença das cópias ampliadas, escolha do autor, experimentando inclusive a viragem sépia. O trabalho do fotógrafo recorreu ao *Eastman Negative Album*, dois repositórios que absorveram documentos ligados a esta viagem, à viagem ao Nordeste e fotos posteriores.

33 MA assim escreve ao compositor Luciano Gallet, em 31 de maio de 1927: "Já nem sei mais não em que língua estou, a embrulhada é tremenda. Vem um nortista, um italiano, dois americanos, três peruanos, dois suíços, um regatão sírio, e quatro indivíduos falando alemão" (Carta no Arquivo Luciano Gallet - Escola Nacional de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro; V. notas 9, 193, 266, 307, os registros de 28 de novembro, 1 e 3 de dezembro em "Notas de viagem ao Nordeste: diário 1928-1929" e o folhetim "Rio de Janeiro, 28 de novembro, 21 horas", na parte "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", nesta edição).

34 John Graz (Genebra, 1891 - São Paulo, 1980). Pintor, ilustrador, escultor, *designer* e artista gráfico ligado à vanguarda europeia. Estabelecido em São Paulo desde 1920, unira-se aos modernistas da Pauliceia, ali participando da Semana de Arte Moderna em 1922 e da revista *Klaxon*.

faina de ensinar coisas amazônicas pra nós, mas só ensina coisas muito sabidas. Hoje, quando ele contava o sentido da palavra "oca" em tupi, Balança<sup>35</sup> muito safadinha, perguntou:

– Então o que quer dizer Dondoca?<sup>36</sup>

Mas o professor não entendeu. Ele é puro<sup>37</sup>.

### Maceió

A noitinha clara paramos ao largo de Maceió, pra um grosso desembarcar. Veio um catraieiro cantando *Meu barco é veleiro*, um coco lindíssimo, e fincou um arpão no *Pedro I*. Então desceram tantas malas de correio, mas tantas, que toda a gente de bordo ficou farta de saber que em Alagoas está muito desenvolvida a literatura epistolar.

35 No datiloscrito, substituição a tinta vermelha: "Mag" por "Balança". No depoimento concedido a Telê Ancona Lopez em 1976, a embaixadora Margarida Guedes Nogueira lembrou que os apelidos Balança e Trombeta, inventados pelo escritor para Mag e Dolur, vieram da brincadeira instituída na chegada do passageiro Josafá, ao vaticano *São Salvador*. MA evocara o Vale de Josafá, do Antigo Testamento, lugar marcado para o julgamento final da humanidade, na presença do Arcanjo Gabriel, portador da balança para avaliar o bem e o mal, e da trombeta, para todos reunir. O jogo incluía o apelido secreto Juízo Final para D. Olívia, vingando-se do rigor da guardiã das jovens. Durante a viagem MA esboça a novela *Balança, Trombeta e Josafá* [*Battleship*], na qual esses personagens, que contracenam com a velha Juízo Final, ganham outras dimensões (V. a edição genética e crítica preparada por Telê Ancona Lopez; São Paulo: Instituto Moreira Salles/ Instituto de Estudos Brasileiros - USP, 1994; texto republicado em ANDRADE, Mário de. *São Paulo! comoção de minha vida...* Seleta organizada por Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. São Paulo: Ed. UNESP/ Prefeitura Municipal/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012, p. 117-144).

36 Dondoca: gíria correspondendo à mulher fútil, enfeitada com exagero.

37 Em fólio remanescente da versão datiloscrita parcial, outra redação do episódio está no dia 24 de maio, eliminada com uma cruz a grafite:

Falar em macota, me esqueci de contar uma graça que sucedeu a bordo. Um dia estávamos todos no deque e o professor Hagmann, um suíço sabido, estava explicando pra alguns certas formas tupis. Chegara em "oca" explicava os compostos: porque itaoca vem de ita pedra e oca, logo: casa de pedra e assim, uma mocinha freudiana virou pra ele e perguntou:

– Então que quer dizer, Dondoca?

O Alpenstock não estava bem seguro e o suíço escorregando deu um mergulho no vácuo, foi parar no fundo da geleira.

Note-se o humor na alcunha que recorda a bengala de apoio dos alpinistas.



## Sonho

Sonhei assim:

Com muito cuidado, escrevi um discurso em tupi pra dizer a nossa saudação a todos, quando estivéssemos entre os índios. Encontramos uma tribo completa bem na foz do Madeira, não faltava nem escrivão nem juiz-de-paz pra eu me queixar se alguém bulisse com a Rainha do Café<sup>38</sup>. Vai, recitei o meu discurso, que aliás era curto. Mas desde o princípio dele os índios principiaram se entreolhando e fazendo ar de riso. Percebi logo que era inútil e que eles estavam com uma vontade enorme de comer nós todos. Mas não era isso não: quando acabei o discurso, todos se puseram gritando pra mim:

– Tá errado! tá errado!

**15 de maio.** Foi Recife e mais Recife dia inteirinho, aliás muito prazer. Ascenso<sup>39</sup>

38 Substituição a tinta vermelha: "dona Olívia" por "a Rainha do Café", vincando o personagem. Segundo o diário do Turista, Olívia Guedes Penteado, paulista recomendada aos presidentes dos estados, é conhecida, a bordo, como a Rainha do Café. A alcunha completa ou reduzida para Rainha dissemina-se pelo texto, nas rasuras que firmam um personagem (V. nota 19). O apelido de D. Olívia na alta sociedade paulistana, Nossa Senhora do Brasil, é aplicado às legendas de MA fotógrafo. Naquela época, o título Rainha do Café pertencia à fazendeira do interior de São Paulo, Iria Alves Ferreira.

39 Ascenso Ferreira (Palmares, 1895 - Recife, 1965). Poeta participante do grupo modernista de Pernambuco, em 1927 publica *Catimbó*, que, no mesmo ano, alcança segunda tiragem. A biblioteca de MA conserva um exemplar de cada edição, com as respectivas dedicatórias: "Mário de Andrade, Bichão/ Toma este livro/ que te dá/ emoção o/ Ascenso Ferreira/ Rio - 14 - 1927" e "Ao Mário/ com a amizade/ do/ Ascenso". Nesse livro, MA encontra pela primeira vez o deus menino do catimbó nordestino, Mestre Carlos, que, no diário da viagem ao Nordeste, nos registros em Natal, 27 e 28 de dezembro, 1928, terá sua história narrada e se tornará entidade protetora do cronista viajante (V. "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", na presente edição). Em 1937, entra no "Brasão" do poeta, versos 13-14: "E a jurema esfolhando as folhas derradeiras/ Sobre Mestre Carlos, o meu grande sinal" (ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 440).

A mulher de Ascenso, Stella Gris Ferreira, é lembrada na legenda "*Duo: 'E quindi uscimo a riveder la Stella'*", em que MA fotógrafo parodia o verso de Dante Alighieri, "*E quindi uscimo a riveder le stelle*". A amizade dos dois poetas consolida-se na viagem de MA ao Nordeste; o casal acompanhará o viajante em sua permanência em Pernambuco; recolherá manifestações do folclore nordestino para ele (V. menções a Ascenso e a Stella nos registros de 10, 1-13 de dezembro, 2, 8-12, 14, 18-20 de fevereiro, em "Notas de viagem ao Nordeste: diário 1928-1929", e a crônica "Natal, 27 de dezembro", em "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", na presente edição).

e Inojosa<sup>40</sup> no cais. Praia da Boa-Viagem, manhã, água de coco gelada. Almoço no Leite, essa fatalidade recifense, como o Butantã paulista<sup>41</sup>. Casa do Ascenso tarde toda, ele dizendo-cantando verso que mais verso, na completa ignorância das nossas inquietações ou fadigas. Imaginem onde jantamos? No Leite. Passeio Boa-Viagem ao luar sublime, essas meninas... Partida às 24 horas, com tantos prazeres que nem o Inojosa foi capaz de nos prejudicar.

**16 de maio.** Não te enganes jamais de camarote, sem licença da proprietária.

Desfeito o engano sem muita convicção, continua esta vida de bordo. Que sensações estranhas sinto... Em terra, mesmo em férias, não sei... há uma predeterminação psicológica, que não evita sequer um segundo a noção, o sentimento, não sei o quê da luta pela vida, ou pelo menos do trabalho. O mar limpa o ser desse estado do ser. Percebo que exercício acaba com a sonolência e esta preguiça meia dolorida<sup>42</sup>, embora nada dolorosa. Dobra-se o cabo Roque. Mar do Ceará. Amanhã chegaremos a Fortaleza. Decerto é a lembrança da Padaria Espiritual<sup>43</sup> que me vende um biscoito de Horácio. "Gosto das vênus fáceis e prontinhas" eu mastigava ao luar. Engoli em seco<sup>44</sup>.

40 Joaquim Inojosa (São Vicente Férrer, 1901 - Rio de Janeiro, 1987). Escritor e jornalista pernambucano, correspondente de MA desde 1925, ano em que fora signatário do *Manifesto modernista* do Nordeste (V. menção a Inojosa no registro de 10 dezembro em "Notas de viagem ao Nordeste: diário 1928-1929" e em "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", na presente edição).

41 O Instituto Butantã, centro de pesquisa biomédica fundado em 1901, voltado para répteis e anfíbios, tornou-se ponto turístico na cidade de São Paulo; é mencionado no capítulo 9 de *Macunaíma*, "Carta pras icamiabas" (Ed. cit., p. 106).

42 Entre as idiossincrasias gramaticais de MA, respeitadas por esta edição, está a flexão do advérbio "meio", concordando com o adjetivo.

43 Padaria Espiritual: agrupamento literário de cunho renovador, formado em 1892, na capital do Ceará, Fortaleza; publicava o jornal *O Pão*. Ligou-se ao realismo na prosa de ficção e ao advento do simbolismo na poesia.

44 Acréscimo a tinta preta na versão datiloscrita integral: "Amanhã [...] seco."; advém de outro acréscimo, na mesma tinta, remanescente no verso do registro de 18 de maio, na versão parcial datiloscrita, cópia carbono azul. MA, ao passar a limpo a matéria do dia 16, percebe seu esquecimento na transposição de: "[Horá]cio 'Gosto duma Vênus fácil e prontinha...!/' que Eu mastigava ao luar: 'Também gosto mais das Vênus fáceis e prontinhas. Também gosto mas das Vênus fáceis e prontinhas.'". Tendo hesitado quanto ao registro do dia 18, conservou a



**17 de maio.** Pela manhã Fortaleza. Não descemos que a parada era mínima. Rendeiras a bordo – essas fatalidades que a gente já sabe que vai encontrar na cidade Fulana... Imagina a gente encontrar rendeiras cearenses no Havre, que maravilha! e choferes franceses, bem maleducados em Botucatu... Vida de bordo. Continuo suandíssimo, mandarei fazer roupas de linho<sup>45</sup> em Belém. Mas a sonolência está vencida. Não sei porque me lembrei de uma anedota que meu tio Pio<sup>46</sup>, que não é meu tio, me contou. Ele, rapaz, estava brincando com um negrinho escravo do pai, não sei o que o negrinho fez, e ele:

- Ôh, negrinho entremetido, eu te bato, heim!
- Bata que eu corro!
- Eu corro atrás!
- Eu escapulo por debaixo de mecê!
- Eu me agacho!
- Eu pegava numa pedra e tocava uma pedrada em mecê!
- Eu desviava!
- Eu pegava num relho, dava uma relhada em mecê!
- Quedê relho!
- Eu dava uma paulada!
- Não tem pau!
- Nem num sei! pegava no que fosse e dava uma quefossada em mecê!

primeira datilografia que exhibe o fragmento citado no verso da metade superior da p. 10 (da numeração original). Assim acontece quando ele descarta, a tesoura, o possível registro dos dias 16 e 17 de maio.

45 O alfaiate Fernando Pinto, em Belém, confeccionou roupas para MA, em linho S120 e lona (V. fac-símile da nota fiscal e notas 67, 238).

46 Pio Lourenço Corrêa (Araraquara, 1875 - 1957), o "tio Pio" do escritor, é um primo com quem MA construiu sólida amizade. Sob o pseudônimo Mota Coqueiro, publica artigos intitulados "Fichas de linguagem", na imprensa de Araraquara, cidade do interior paulista, onde vive como fazendeiro. Colabora também no jornal paulistano *O Estado de S. Paulo*. Em 1924 editara plaquete com seu primeiro estudo sobre a origem da palavra Araraquara. MA manteve com ele pontual interlocução sobre a língua portuguesa falada no Brasil, como testemunha a longa e importante correspondência, cultivada por ambos. (V. GUARANHA, Denise e FIGUEIREDO, Tatiana Longo. (Org.). *Pio e Mário: diálogo da vida inteira: a correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ouro sobre Azul/ SESC, 2009).

**18 de maio**<sup>47</sup>. A bordo. Amanhecemos em pleno canavial. A isso chamam por aqui de "verdes mares bravios"... É um canavial e não tem nada de bravo. Pelo contrário é meigo, serviçal como um Chalaça<sup>48</sup> e o *Pedro I* amonta nele e faz o que bem entende. Até dá raiva. Banza banza namora come cana enquanto a gente está impaciente pra ver a foz do Amazonas amanhã. Foz do Amazonas...

Estávamos todos trêmulos contemplando da torre-de-comando o monumento mais famanado da natureza. E vos juro que não tem nada no mundo mais sublime. Sete quilômetros antes da entrada já o mar estava barreado de pardo por causa do avanço das águas fluviais. Era uma largueza imensa gigantesca rendilhada por um anfiteatro de ilhas florestais tão grandes que a menorzinha era maior que Portugal. O avanço do rio e o embate das águas formavam rebojos e repiquetes tremendos cujas ondas rebentavam na altura de sete metros chovendo espumas espumas espumas roseadas pela manhã do Sol. Por isso o *Pedro I* avançava numa chuva em flor. Avançava difícil, corcoveando aos saltos, relando pelo costado dos baleotes e das sucurijus do mato amazônico aventuradas até ali pela miragem da água-doce. À medida que a gente se aproximava as ilhas catalogavam sob as cortinas de garças e mauaris que o vento repuxava todas as espécies vegetais e na barafunda fantástica dos jequitibás perobas, pinheiros plátanos assoberbada pelo vulto enorme do baobá a gente enxergava dominando a ramada as seringueiras sonhadas em cujas pontas mais audazes os colonos suspensos em cordas de couro cru apanhavam as frutinhas de borracha<sup>49</sup>. O aroma do pau-rosa e da macacaporanga desprendido da resina

47 Esta edição conserva, considerando uma hesitação, o duplo registro do dia 18 de maio que promove, neste caso, a coexistência do trecho remanescente na versão parcial com o trecho na versão integral.

48 Brincadeira ligando o nome da embarcação ao cognome Chalaça, de Francisco Gomes da Silva (Lisboa, 1791 - 1852), amigo e assessor de Pedro I, Imperador do Brasil.

49 O trecho externa o *nonsense* rabelaisiano ou o disparate da literatura oral na enumeração de cunho surrealista. Na criação ficcional e poética de MA, a vegetação que despreza a realidade geográfica aparece pela primeira vez em dezembro de 1919, em "O queijo", na revista paulistana *A Cigarra* (a. 6, nº 126), conto no qual o paraíso imaginado para as almas de escol reúne árvores de todas as partes do mundo. Em 10 de outubro de 1926, a propósito da leitura de seu poema "Lenda do céu", feita por Bandeira, MA declara: "É de fato um céu cabocolinho que quero descrever porém depois já ajuntei mais uma coisa: quero um céu cabocolinho que reúna o Brasil em coisas de Norte a Sul e também represente a civilização, isto é, o atual de certas partes caboclas do Brasil" (V. MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). Op. cit., p. 314). Em 19 de dezembro,



de todos os troncos era tão inebriante que a gente oscilava com perigo de cair naquele mundo de águas<sup>50</sup> brabas. Que eloquência! Os pássaros cantavam no voo e a bulha das iererês dos flamingos das araras das aves-do-paraíso nem me deixou escutar a sineta de bordo chamando pro jantar. A Senhora me tocou no braço e assustei. Fui com os outros, deixando o pensamento chorado na magnificência daquela paisagem feita às pressas em cujo centro relumeava talqualmente olho de vidro a rodela guaçu de Marajó inundada.

**18 de maio.** Último dia de bordo, um dia feito de nadas, com uma minuciosidade de chapéu-de-chile<sup>51</sup>. Os discos árabes do sírio de Belém<sup>52</sup>, que afinal acaba oferecendo a casa de armarinhos que tem lá. Foi ele que me lembrou a comparação com chapéu-de-chile, porque usa um, e vende muitos, vindos de Iquitos. Não sei, quero resumir minhas impressões desta viagem litorânea por Nordeste e Norte do Brasil, não consigo bem, estou um bocado aturdido, maravilhado, mas não sei... Há uma espécie de sensação ficada da insuficiência, de sarapintação, que me estraga todo o europeu cinzento e bem arranjadinho que ainda tenho dentro de mim. Por enquanto, o que mais me parece é que tanto a natureza como a vida destes lugares foram feitos muito às pressas, com excesso de castro-alves<sup>53</sup>. E esta pré-noção invencível, mas invencível, de que o Brasil, em vez

1926, na anotação de trabalho vinculada ao primeiro "Prefácio" esboçado para *Macunaíma*, o modernista afirma: "(Um dos meus interesses foi desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas. Assim desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo que conseguia o mérito de conceber literariamente o Brasil como entidade homogênea – um conceito étnico nacional e geográfico.)". Essa concepção estética e ideológica que afronta convenções é reiterada no "2º Prefácio", traçado em 27 de março de 1928: "[O livro] Possui aceitação sem timidez nem vanglória da entidade nacional e a concebe tão permanente e unida que o país aparece desgeograficado no clima na flora na fauna no homem na lenda na tradição histórica até quanto isso possa divertir ou concluir um dado sem repugnar pelo absurdo. Falar em 'pagos' e 'querências' em relação às terras do Uraricoera é bom". O "2º Prefácio" deveria absorver esta nota prévia: "Contar a embrulhada geográfica proposital de fauna e flora" (V. ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Ed. cit., p. 225-228).

50 A expressão que consagra a imensidão fluvial amazônica é *tópos* repetido no diário do Turista em 19 de maio, 7, 19 de junho e 5, 11 de julho.

51 Mantida a ortografia de MA distinguindo o chapéu artesanal chileno, de palha de trigo.

52 Trocadilho glosando a festa popular do Círio de Nazaré.

53 O poeta romântico condoreiro Castro Alves (Fazenda Cabaceiras, 1847 - Salvador, 1871) torna-se substantivo comum para designar a grandiosidade, a hipérbole na natureza.

de se utilizar da África e da Índia que teve em si, desperdiçou-as, enfeitando com elas apenas a sua fisionomia, suas epidermes, sambas, maracatus, trajes, cores, vocabulários, quitutes... E deixou-se ficar, por dentro, justamente naquilo que, pelo clima, pela raça, alimentação, tudo, não poderá nunca ser, mas apenas macaquear, a Europa. Nos orgulhamos de ser o único grande (grande?) país civilizado tropical... Isso é o nosso defeito, a nossa impotência. Devíamos pensar, sentir como indianos, chins, gente do Benin, de Java... Talvez então pudéssemos criar cultura e civilização próprias. Pelo menos seríamos mais nós, tenho certeza<sup>54</sup>.

**19 de maio<sup>55</sup>.** Belém. Durante a noite o *Pedro I* portou em Salinas pra emprestar um tapejara que nos guiasse através da foz traiçoeira do Amazonas e quando nos levantamos no dia de hoje bem cedinho já estávamos nela. Que posso falar dessa foz tão literária e que comove tanto quando assuntada no mapa?... A imensidão das águas é tão vasta, as ilhas imensas por demais ficam tão no longe fraco que a gente não encontra nada que encante. A foz do Amazonas é uma dessas grandezas tão grandiosas que ultrapassam as percepções fisiológicas do homem. Nós só podemos monumentalizá-las na inteligência. O que a retina bota na consciência é apenas um mundo de águas sujas e um matinho sempre igual no longe mal percebido das ilhas. O Amazonas prova decisivamente que a monotonia é um dos elementos mais grandiosos do sublime. É incontestável que Dante e o Amazonas são igualmente monótonos. Pra gente gozar um bocado e perceber a variedade que tem nessas monotonias do sublime carece limitar em molduras mirins a sensação. Então acha uma lindeza os barcos veleiros coloridos e acha cotuba a morte dos pretendentes, se prende ao horizonte plantado de árvores que a refração apara do firme das ilhas e ao livro de Jó. A foz do Amazonas é tão ingente que

54 O trecho explicita a proposta de uma civilização tropical, explorada em *Macunaíma*; estará em outros escritos de MA, de épocas diferentes.

55 A presente edição conserva, considerando uma hesitação, o duplo registro do dia 19 de maio que promove, neste caso, a coexistência do trecho remanescente na versão parcial com o trecho na versão integral. A anotação a lápis vermelho na margem do datiloscrito oferece a hesitação: "Aqui ou no fim?". As observações autógrafas à margem do datiloscrito, quando fixam a disposição, quando hesitam quanto à localização de determinada sequência ou demarcam inserções e deslocamentos, bem como as notas de trabalho existentes no dossiê d'*O Turista Aprendiz*, merecem registro por exibirem a mobilidade no processo criativo e avalizarem a condição de texto inacabado pela morte do escritor.



blefa a grandeza. Wordsworth<sup>56</sup>, o quarteirão dos cinemas no Rio<sup>57</sup>, "I-Juca-Pirama"<sup>58</sup> são muito mais grandiosos.

Mas quando Belém principia diminuindo a vista larga a boniteza surge outra vez<sup>59</sup>. Chegamos lá antes da chuva e o calor era tanto que vinha dos mercados um cheiro de carne-seca. Os barcos veleiros sentados no cais do Ver-o-peso sacudiam as velas roseadas azuis negras se abanando com lardeza<sup>60</sup>. Nos esperavam oficialmente no cais dois automóveis da Presidência prontinhos pra batalha de flores. Pra cada uma das companheiras do poeta um buquê famoso, fomos. Então passamos revista a todos os desperdícios da chegada. Só de noite nos reunimos pra janta excelente. Belém andara indagando dos nossos gostos e mantinha na esquina de boreste

56 William Wordsworth (Cockermouth, 1770 - Rydal Mount, 1850), expoente na poesia do romantismo inglês, lido por MA na valiosa edição preparada por Thomas Hutchinson de *Poetical Works* (Milford: Oxford Press, 1916). Como o volume na biblioteca de MA não exhibe notas marginais autógrafas, pergunta-se a que poema se atribui a afirmação neste registro do diário. A resposta talvez esteja em "*The Prelude*" (p. 631-739), versos de estreita ligação com a natureza, obra-prima de Wordsworth.

57 O quarteirão Serrador, empreendimento de Francisco Serrador Carbonell (Valência, 1872 - Rio de Janeiro, 1941), inaugurado no Rio de Janeiro em 23 de abril de 1925, reunindo cinemas modernos.

58 O poema indianista "I-Juca-Pirama", de Antônio Gonçalves Dias (Caxias, 1823 - Guimarães, 1864), no romantismo brasileiro, obra-prima da nossa literatura.

59 Belém marca fundamente o viajante e, segundo o fragmento "O poema nasce", na versão datiloscrita integral do diário, motiva o lapso de MA "Moda do alegre porto", no título do poema de *Clã do jabuti* "Moda da cadeia de Porto Alegre", lapso por ele flagrado em novembro de 1927, em São Paulo, quando da revisão das provas desse seu livro. O diário data, desse momento, a criação do novo poema (V. nota 289).

60 Do registro imediato de MA, atinente a 19 de maio, sobreviveram apenas as duas últimas linhas - "[?] lar monótono da água e do céu/ se abanam com lardeza [.]" -, antecedendo, em uma folha de bloco de bolso (15,3 cm x 10,4 cm), o registro de 20 de maio; o tom mais escuro do grafite marca o fragmento e o rabisco que o rasura, suprimindo-o. Este trecho serve para se atribuir a data 19 de maio, 1927 ao desenho *Foz do Amazonas*, traçado a grafite por MA no anverso desse mesmo fólio (V. fac-símiles no decorrer do texto). Documento classificado na Coleção Mário de Andrade de Artes Plásticas, no IEB-USP (V. BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de. Op. cit., p. 27-28; V. notas 3, 62, 64, 85, 95, no presente diário).

do hotel, um cinema. Fomos ver William Fairbanks<sup>61</sup> em *Não percas tempo*, filme horrível. A noite dormiu feliz.

**19 de maio.** Foz do Amazonas. E é de manhã, manhã sublime. Alguma velas coloridas, água terrosa, uns verdes de horizonte. Não se vê nada! A foz do Amazonas só é grandiosa no mapa; vendo, tudo é tamanho que não se pode ver. Algumas velas, água terrosa e uns verdes ralos de horizonte. Só. Chegada a Belém, com recepção oficial, Dionísio Bentes, prefeito etc., automóveis oficiais, flores pras mulheres e nenhuma espécie de interesse. Sono depois do almoço. De tarde "depois da chuva" provamos o açaí. Depois do jantar, já desoficializados, sem quefazer, fomos todos no cinema, ver a fita importante que os jornais e as pessoas anunciavam, William Fairbanks em *Não percas tempo*, borracheira.

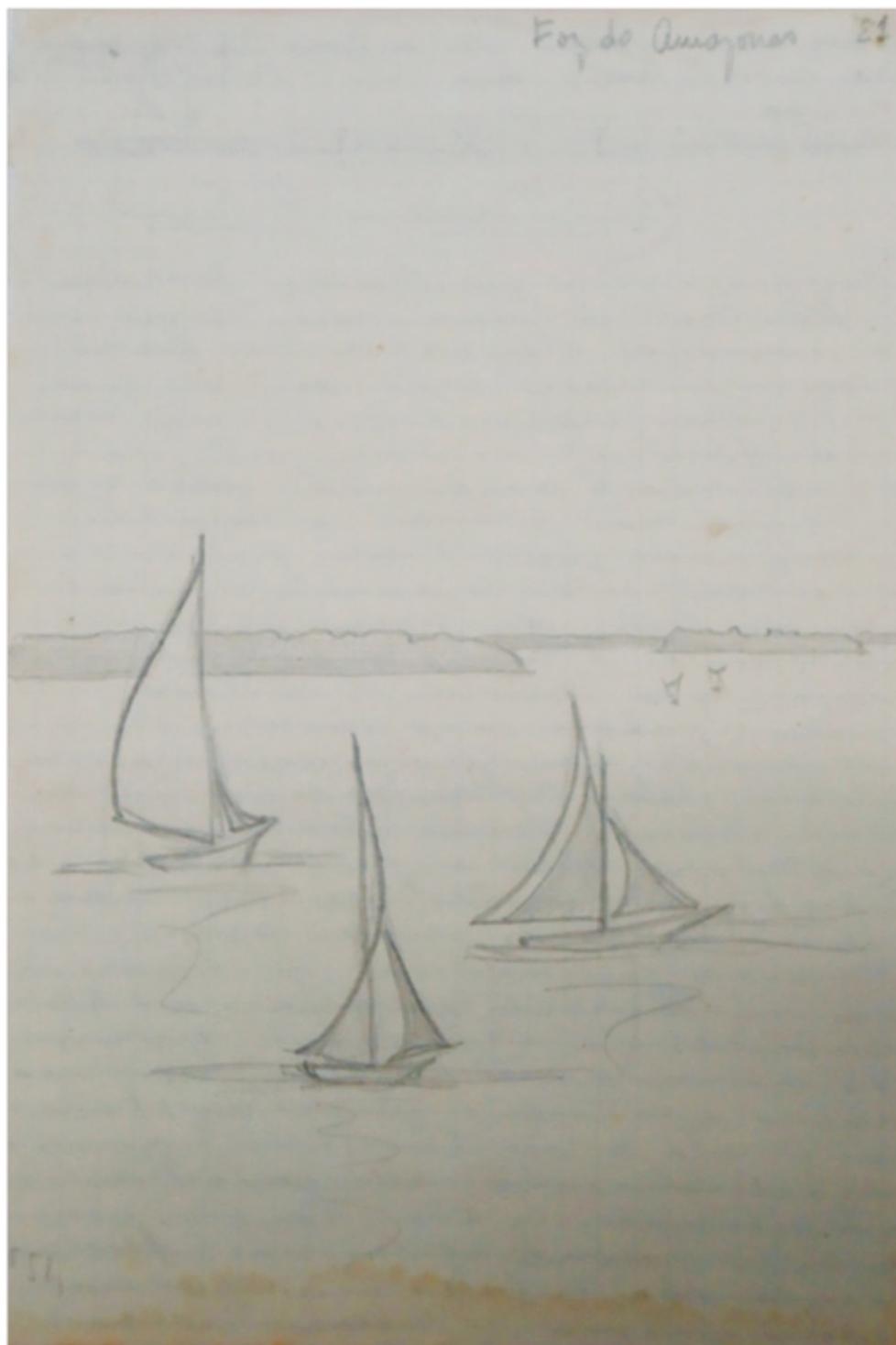
**20 de maio<sup>62</sup>.** Belém. Passeamos o dia inteiro e já me acamaradei com tudo. Estou lustroso de felicidade.

61 No fólio referente a 19 de maio, resquício da versão primeira datilografada do diário, está certo o nome do astro do faroeste *Não percas tempo* (*Do it now*, 1924), William Fairbanks (nascido Carl Uhlman; Saint Louis, 1894 - Los Angeles, 1945). Na última versão do diário, aparece indevidamente corrigido para William Farnum (Boston, 1876 - Hollywood, 1953), tanto na datilografia, como em intervenções a tinta. A coluna Telas e Palcos, no *Correio da Manhã*, em 1º de dezembro, 1925, noticia, no Rio de Janeiro, a exibição do filme *Não percas tempo*. O nome de William Fairbanks, citado no elenco, permitiu a esta edição restabelecer a informação, ao apurar do texto (V. notas 107, 186, 232).

62 Esta edição conserva, considerando uma hesitação, o duplo registro do dia 20 de maio que consolida, neste caso, a coexistência do trecho remanescente da versão datiloscrita parcial com o trecho na versão datiloscrita integral. Este trecho, na p. 12 da versão parcial, exhibe, no rodapé, anotação a lápis vermelho - "posso mudar data e passar pro fim" - e rasura a grafite: riscada a data "20 de maio", substituída por "28 de julho". A versão parcial retrabalha o registro de 20 de maio, a grafite, no verso do desenho da autoria de MA *Foz do Amazonas*, em folha de bloco (15,3 x 10,4 cm), por ele removido do dossiê *O Turista Aprendiz*. A presente edição, que preferiu manter a datação primeira, transcreve aqui esse primeiro e imediato registro, cujas rasuras a grafite são: rabiscos em espiral anulando o texto e círculo a lápis vermelho ao redor da data:

20 de Maio - Belém

Nunca estive no Cairo porém é fantástica esta sensação de estar no Cairo que me vem não sei do que não. Mangueiras, o Cairo não tem mangueiras assim não, lá no alto feito evaporação das ruas. O Cairo não possui o sujeito passeando com um porco-do-mato na cola, mansinho, bancando lulu da Pomerânia pros viajantes. E nem aquele indivíduo, que comoção me deu, que ontem pisou nos meus olhos calejados de tanto andar com o rabo da sobrecasaca. Tive um susto tamanho, dei um salto pra trás e fui parar nos tempos de antes de eu nascer. Diz-que meu avô Leite Moraes quando ia na Faculdade de Direito ensinar as repúblicas de estudantes, andava só desse jeito, cartola, sobrecasaca e "- Meus senhores! taratá, taratá, o réu abrindo o guarda-chuva das circunstâncias atenuantes... etc".Tenho por quem puxar, pois não. Duma feita recitou uma frase que ficou célebre no caso. (V. notas 1 e 63).



Mário de Andrade. *Foz do Amazonas 27*, [19 de maio, 1927], desenho

las camoteiros da agua e do cem-  
 re abandonam ser com lerdos  
 Não <sup>110</sup> ~~...~~

20 de Maio - Recife

Primeira citão no Bairro por cima  
 e fantasma, esse meu amor or-  
 ta conselhos de estar no Bairro  
 que me deu nada sei de que  
 não. Mangueiras, o Bairro não tem  
 mangueiras, nenhum nada, lá  
 no alto feito arapucação das ruas.  
 O bairro não possui o conforto  
 ficando com um pouco de  
 ornato na casa, maquiagem, bai-  
 cando lulu de pomarões pro  
 miapantes. E meus amigos, eu de-  
 viado, que comício me deu, que  
 ontem pison nos meus olhos  
 calefados de tanto andar com  
 o rabo da abreviação. Tive  
 um acerto tremendo, der um  
 salto pra trás e fui parar no  
 tempo de antes de ser nas-  
 cer. Diz que meu pró. Leite  
 Marais quando ia na Faculdade  
 de de Direito eu irar as re-  
 publicas de estudantes, andava  
 no de se geito, cartela, abrevia-  
 ção e - Meu republicano! Tara-  
 tá, taratá, o seu alvindo, guar-  
 da-oliva das circunstancia  
 atenuantes... etc. Foubos por  
 quem puxar, opois não. Nenhum  
 falta de um única frase  
 me ficou celebre no cae

Registro no verso  
 do desenho na  
 caderneta de bolso  
 em 19 e 20 de maio



Belém é a cidade principal da Polinésia. Mandaram vir uma imigração de malaios e no vão das mangueiras nasceu Belém do Pará. Engraçado é que a gente a todo momento imagina que vive no Brasil mas é fantástica a sensação de estar no Cairo que se tem. Não posso atinar porque... Mangueiras, o Cairo não possui mangueiras evaporando das ruas... Não possui o sujeito passeando com um porco-do-mato na correntinha... E nem aquele indivíduo que logo de manhãzinha pisou nos meus olhos, puxa comoção! inda com rabo de sobrecasaca abanando... Dei um salto pra trás e fui parar nos tempos de dantes. Diz-me que meu avô Leite Morais<sup>63</sup> quando ia na Faculdade ensinar as repúblicas de estudantes andava só desse jeito... Cartola sobrecasaca e "Meus senhores, tarati taratá, o réu abrindo o guarda-chuva das circunstâncias atenuantes"... Então dum feita mais entusiasmado ele gritou celebrenemente: "Na contradança do Direito o delito dança vis-à-vis com a pena!" Tenho por quem puxar...

Às doze horas todos foram dormir e só acordei pro banho da tarde. O calor aqui está fantástico porém o paraense me falou que embora faça mesmo bastante calor no Pará o dia de hoje está excepcional. De cinco em cinco minutos saio do banho e me enxugo todo, sete lenços, dezessete lenços, vinte e sete lenços... Felizmente que trouxe três dúzias e hei-de ganhar da lavadeira.

20 de maio. Cônsul do Peru, 45\$000. Passeio sublime pelo mercado. Provamos tanta coisa, que embora fosse apenas provar, ficamos empanturrados. Tudo em geral gostoso, muita coisa gostosíssima, porém fica sobrando uma sensação selvagem, não só na boca: no ser. Devia ter feito esta viagem com menos idade e muito menos experiência... Visita oficial e almoço íntimo com o presidente. Íntimo? Depois do sal, o prefeito se ergueu com champanha na taça, taça! fazia já bem tempo que com meus amigos ricos paulistas eu não bebia champanha em taça... Pois é: ergueu a taça e fez um discurso de saudação a dona Olívia. Aí é que foi a história. Aliás desde que o homenzinho se levantou fiquei em brasas, era fatal, eu teria que responder! Pois foi mesmo: nem bem o prefeito terminou que dona Olívia me espiou sorrindinho e com um leve, mas levíssimo sinal de espera me fez compreender que a resposta me cabia, nunca no mundo improvisei! Veio uma nuvem que escureceu minha vista, fui me levantando fatalizado, e veio uma ideia. Ou coisa parecida. Falei que tudo era muito lindo, que estávamos maravilhados, e idênticas besteiras verdadeiríssimas, e soltei a ideia: nos sentíamos tão em casa (que mentira!) que nos parecia que tinham se eliminado os limites

63 Joaquim de Almeida Leite Morais, avô materno de MA (V. nota 1 e a anterior).

estaduais! Sentei como quem tinha levado uma surra de pau. Mas a ideia tinha... tinham gostado. Mas isso não impediu que a champanha estivesse estragada, uma porcaria. Depois visitamos a igreja famosa de Nazaré e a esplêndida catedral, em frente ao arcebispado<sup>64</sup>. E passeios pelo Sousa, de automóvel. Não sei, adoro voluptuosamente a natureza, gozo demais porém, quando vou descrever, ela não me interessa mais. Tem qualquer coisa de sexual o meu prazer das vistas e não sei como dizer.

21 de maio<sup>65</sup>. Manhã: mercado, já sabe. Visita ao Museu Goeldi<sup>66</sup>, longa, com as coisas bem mostradas. Biblioteca admiravelmente bem conservada pelo dr. Rodolfo de Siqueira Rodrigues, um desses heróis que não se sabe. Fui provar minhas roupas de linho<sup>67</sup>, deixarei aqui no hotel todas as roupas que trouxe de São Paulo, arre! De noite, baile do Assembleia em honra dos viajantes. Não fui. É incrível como vivo excitado, se vê que ainda não sei viajar, gozo demais, concordo demais, não saboreio bem a minha vida. Estas notas de diário são sínteses absurdas, apenas pra uso pessoal, jogadas num

64 Este trecho, ao que se infere, vem do aproveitamento do desenho *Sé Belém Pará*, traçado a grafite por MA no anverso de fólio de papel milimetrado, em sua caderneta de bolso, no momento em que o viajante regressa a Belém... durante a última versão do texto. Pode-se datar o desenho de 26 ou 27 de maio, considerados os registros imediatos e telegráficos no verso desse fólio (V. nota 85). *Sé Belém Pará* está hoje classificado na Coleção Mário de Andrade de Artes Plásticas, no IEB-USP; ali estão também, em folhas do mesmo suporte, os desenhos *Foz do Amazonas* e *Fazenda Sant'Ana na boca do rio Arari/Marajó* (V. BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de. Op. cit., p. 27-28 e notas 3, 60, 62, 85, 95 neste diário).

65 Outro registro deste dia e versão mais extensa do relato do dia seguinte mostram-se como "Belém, 21 de maio" e "Belém, 22 de maio", parcelas do título "O Turista Aprendiz", publicado no *Diário Nacional*, em São Paulo, 22 de janeiro, 1928; colaboração recortada do jornal por MA e integrada ao dossiê de O Turista Aprendiz (V. nota 70 e texto no "Dossiê" desta edição).

66 Criado em 1866, em Belém, o Museu Paraense estivera a partir de 1893 sob a direção do zoólogo suíço Emílio Goeldi (Emil August Goeldi; Ennetbühl, 1859 - Berna, 1917). Tornara-se um grande centro de pesquisas zoológicas, botânicas, geológicas e etnográficas sobre a região amazônica, dotado de parque zobotânico e de museu de história natural. Em 1927, já denominado Museu Goeldi, é ponto de visita turística na cidade; tem Rodolfo Siqueira Rodrigues como diretor interino.

67 V. notas 45 e 238.



anuariozinho de bolso, me dado no Loide Brasileiro<sup>68</sup>, que só tem cinco linhas pra cada dia. As literatices são jogadas noutro caderninho em branco, em papéis de cartas, costas de contas, margens de jornais, qualquer coisa serve. Jogadas. Sem o menor cuidado. Veremos o que se pode fazer disso em São Paulo<sup>69</sup>.

**22 de maio**<sup>70</sup>. Passeio de lancha ao Chapéu Virado pelo furo do Maguari. Praias, tomar banho de água doce em quase pleno mar. Enxames de ilhas, cardumes de ilhotas que vão e vêm, desaparecem. Esta variedade infinita de calores amazônicos. Batia um calor fresquinho no furo. Ontem, depois da chuva, bateu um calor tão frio que as mulheres daqui se cobriram. E dizem que lá dentro, quando estivermos de fato no coração do imenso rio, tem madrugadas tão úmidas que a gente chega a tiritar de calor.

Jacumã, remo quase redondo. No Pará remam na proa, em Manaus na popa.

Uma vontade de dar nome... Vou anotando: Vila Felixana, Meu Repouso, O Cenáculo, Fé em Deus, Retiro Delícias, Doce Estância, Pouso Alegre, Pouso Ameno, Canto da Viração, Café do Lasca. Note-se o desejo de vento refrescante em certos nomes: Canto da Viração, Chapéu Virado...

Que riqueza de desenho e colorido nos tajás! E o banho foi de fato maravilhoso.

Menu: Camorim. Pato com tucupi. Leitão com farinha d'água. Compota de bacuri, creme de abacate, e o sorvete de murici que tem gosto de queijo parmesão ralado com açúcar. E frutas, frutas.

68 Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro (1890-1997), proprietária do navio *Pedro I* no qual viajam MA e suas amigas.

69 A versão integral datiloscrita exhibe, após este registro, na mobilidade da criação, o título "São Tomás e jacaré", autógrafo a tinta preta rabiscado a tinta vermelha, a mesma que aponta a inserção do texto após 1º de agosto. Escolha novamente recusada pelo escritor, que resolve alocá-lo após 27 de julho (V. nota 273, 287).

70 Outro registro do dia 22 de maio na capital do Pará foi publicado, junto de "Belém, 21 de maio", sob o título "O Turista Aprendiz", no *Diário Nacional*, em São Paulo, 22 de janeiro, 1928 (V. nota 65).





Em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu corpo ficou exatamente do tamanho de minha alma.

**23 de maio**<sup>74</sup>. Manhã de mercado. Compra da rede de linha, um Braque como combinação de cores. Visita a jornais, entrevista, dia meio perdido em coisas paus.

**24 de maio**<sup>75</sup>. Belém. Ah, o calor está macota e não se atura mais! "Vam'bora pro sul!" que nem canta o aboio que o pernambucano me cantou...<sup>76</sup>

Hoje de manhã fomos aceitar o almoço que o presidente nos ofereceu. Que colosso! No palácio do presidente se come camorim com molho de tucupí e carne de

nossa barba, em tudo eu manguari andei corcunda e assim mesmo dando cabeçada numa conta. Numa dessas batidas é que a ideia fagulhou e acho que descobri a razão dos erros dos homens. Deus criou a gente e nos deu uma alma à imagem da d'Ele. Mas Deus não tem corpo como se sabe e a alma nossa grandiosa feito a de Deus, veio muitas vezes parar num corpo desencontrado no tamanho. É por isso que muita gente anda de alma corcunda dentro do corpo e muita outra anda dando cabeçada por aí... Não tem que guerê nem pipoca, é isso mesmo.

No registro de 17 de maio, contudo, perdurou anedota relacionada a Pio Lourenço Correa (V. nota 46).

74 Este registro advém do esboço de prefácio a grafite, sem data, em fôlio do bloco de bolso, no qual o escritor aborda a compra da rede maranhense no mercado de Ver o Peso, em Belém (V. nota 2).

75 A presente edição conserva, considerando uma hesitação, o duplo registro do dia 24 de maio que abona, neste caso, a coexistência do trecho remanescente da versão datiloscrita parcial com o trecho na versão datiloscrita integral.

76 Neste ponto, na versão datiloscrita parcial, a rasura a grafite suprime o trecho, que aparece reescrito na datilografia integral em 14 de maio. O registro do dia 24 de maio inclui outra redação desta sequência, eliminada por uma cruz a grafite:

Falar em macota, me esqueci de contar uma graça que sucedeu a bordo. Um dia estávamos todos no deque e o professor Hagmann, um suíço sabido, estava explicando pra alguns certas formas tupis. Chegara em "oca" explicava os compostos: porque itaoca vem de ita pedra e oca, logo: casa de pedra e assim, uma mocinha freudiana virou pra ele e perguntou: – Então que quer dizer, Dondoca?

O *Alpenstock* não estava bem seguro e o suíço escorregando deu um mergulho no vácuo, foi parar no fundo da geleira.

tracajá<sup>77</sup> dissolve os protocolos e quando a sapotilha engrossa na língua da gente o seu gosto abaritonado a gente chega a esquecer as mil virtudes da saudade e não deseja mais nada: fica vesgo pra dobrar a felicidade e cai nos braços do prefeito mais simpático do mundo, sujeito que fala tanto como uísque com água de coco.

**24 de maio.** Almoço presidencial de novo. O filho de Bentes tá namorando as duas meninas e elas, de acordo, namorando com ele, juntas. Me irrita esta sensação de dor-de-corno. De manhã fui no Antônio do Rosário encomendar objetos de tartaruga<sup>78</sup>. Chá, casa sra. Albuquerque, uma americaninha. Noite, fomos ao ensaio do boi-bumbá, no curral do Boi-Canário. As notas disso estão entre meus papéis sobre bumba meu boi<sup>79</sup>.

**25 de maio<sup>80</sup>.** Belém. Hoje a lancha Tucunaré nos levou almoçar longe no Caripi. O furo de Barcarena estava sarapintado de velas. Dizem que é habitadíssimo porém não se enxerga casa, a caboclada desse furo desde a guerra do Paraguai que ergue os seus lares no escondido, temendo mais recrutamento. Só de vez em quando um caule de miriti jogado perpendicularmente à margem se entremostra num refego das ramas arrastando a saia n'água. Aquilo serve de ponte pra desembarque e por ali vive tapuio.

Na escola primária de Maracaguera inda é muito cedinho e o b-a-bá não principiou. Só lá pras nove em todas as casas do bairro a piazada vai pegando no lanche e no lastro dos livrinhos.

77 Às iguarias apreciadas pelo viajante, junta-se outro prato local, na "Moda do alegre porto" – "Prova tucupi! Prova tacacá!" (verso 35) – no registro "O poema nasce", agregado pelo escritor ao diário do Turista. (V. nota 292; poema em ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 2. Ed. cit., p. 258-259). O verso enseja a crônica "Tacacá com tucupi", assinada "Mário de Andrade", na Seleta de Colaboração Mensal de *O Estado de S. Paulo*, em 1939 (São Paulo, maio- junho).

78 No capítulo 14 de *Macunaíma*, "Muiraquitã", o herói da nossa gente possui uma cigareira de tartaruga, "feita por Antônio do Rosário no Pará" (Ed. cit., p. 164).

79 MA recolheu, em pentagramas, melodias e letras das modalidades da dança dramática dedicada ao boi na Amazônia, organizando-as no dossiê *As melodias do boi*. Os documentos foram divulgados na edição póstuma *Melodias do boi e outras peças*, preparada pela discípula do pesquisador, a musicóloga Oneyda Alvarenga (São Paulo: Duas Cidades, 1987).

80 Esta edição conserva, considerando uma hesitação, o duplo registro de 25 de maio que consolida, neste caso, a coexistência do trecho remanescente da versão datiloscrita parcial com o trecho na versão datiloscrita integral.



– Té logo, mãe.

– Vai com Deus, João, tome cuidado!

O piá se equilibra pançudinho no miriti e salta pra embarcação. É um casquinho, como eles chamam pra canoa feita com um só pau pequeno, é um casquinho de nada, e lá vai piá remando melhor que o Clube Tietê<sup>81</sup> vai pra escola primária de Maracaguera. O recreio é pra tomar banho de brinquedo no furo. Depois se volta pro b-a-bá e assim mais tarde aqueles pescadores somam sozinhos o dinheiro ganhado com os camorins e as pescadas e leem no jornal que veio embrulhando a farinha-d'água de Belém, o caso de Lampião e mais desordens dos brasileiros de nascença.

**25 de maio.** Maravilhoso passeio ao Caripi, que adianta dizer "maravilhoso"! não dá a entender o que foi, não posso descrever. Almoço lá. Banho. Bois indianos, infelizmente, tenho uma antipatia... Carneiros na praia, tenho visto mil quadros europeus com carneiros, e já vi bastante carneiro em duas ou três fazendas paulistas. Ah, também vi carneiros em exposições de animais. Eis que de repente vejo carneiros na praia, ninguém imagina que sensação linda! eu nunca tinha suposto um carneiro na praia! O desembarque, no Caripi, era vazante, foi uma pândega, todo o mundo pé n'água. Menos a "Rainha do Café" (o título pegou!) que foi raptada por um marujo da lancha. Levou-se o violeiro Bem-Bem, oh a volta pelas onze de um noturno infinito, e nós nas cantorias da tolda... Entre outras estrofes, estas, numa toada boa:

Ontem na porta da igreja,  
Antes da missa acabar,  
Eu disse: – Olhe uma santa  
Descendo do seu altar!

As folhas da laranjeira  
De noite parecem prata;  
Tomar amores não custa,  
Separação é que mata.

81 Alusão ao Clube de Regatas Tietê, na capital de São Paulo.

A cantiga que se canta,  
Não se torna a recantar:  
O amor que se despreza,  
Não se torna a procurar.

26 de maio. Mercado, está claro. Visita demorada ao Museu Goeldi, cerâmica de Marajó. Compras. Visita de despedida ao presidente e ao prefeito Crespo de Castro. Noite com gente modernizante. Tenho me esquecido de falar no Gastão Vieira, médico, com intenções de literatura, se acompanhado comigo desde o primeiro dia, me admira! Informes vagos, vaguíssimos sobre pajelança<sup>82</sup>, esta gente não se interessa!

---

Gosma de rã jaguaretê-cunaguaru dá felicidade pra caça e pesca. Primeiro se bota cinza ao pé da árvore em que a rã mora (a cunaguaru só mora em cima das árvores), porque se no outro dia tiver rasto de onça na cinza, então é porque essa rã é mesmo das que têm a faculdade de virar onça de noite, é jaguaretê de fato. Dessa é que se tira a gosma.

---

Antiga Santa Casa do Pará. Frei Caetano Brandão reunia os fiéis de noite e fazia a brincadeira do "Quero que vá e venha, e me traga isto". "Dois tijolos" por exemplo. Assim que a Santa Casa se construiu<sup>83</sup>.

---

Fonte Boa, lugar onde passaremos. Fonte Boa, Jaguar-etê, Vila Bela... O camaroteiro, enquanto os "eruditos" falam traduzido: "pequeno almoço", só me falava em "almoço pequeno". Creio que há uma tendência muito brasileira pra botar o qualificativo depois do substantivo. Pelo menos no povo. Nota a diferença de sabor brasileiro ou

82 Manifestação religiosa de raiz indígena. Em "Música de feitiçaria no Brasil", "Conferência literária" de 1933 que abre o livro homônimo de MA, na edição póstuma preparada por Oneyda Alvarenga, o etnógrafo cuida da pajelança amazônica (São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963, p. 30-33).

83 A brincadeira popular "Quero que vá e venha e traga" entra em *Macunaíma*, no episódio de Palauá, capítulo 14, "Muiraquitã" (Ed. cit., p. 159-170).



português entre "o brilho inútil das estrelas" e "o inútil brilho das estrelas". O exemplo não é bom. Brasileiro: "era um campo vasto"... Português: "Era um vasto campo"...<sup>84</sup>

**27 de maio**<sup>85</sup>. Partida de Belém no "vaticano" *São Salvador*. Todo o mundo oficial

84 A expressão "brilho inútil das estrelas" mostra-se em *Macunaíma* no capítulo 17, "Ursa Maior"; "campo vasto" firma-se na rapsódia como "no campo vasto do céu", nos capítulos 4, 10 e 17, "Boiuna Luna", "Pauí-Pódole" e "Ursa Maior" (Ed. cit., p. 37-46; 111-119; 199-210).

85 No verso do papel milimetrado da caderneta de bolso desmembrada, no fólio que conserva o desenho a grafite *Sé Belém Pará*, traçado, ao que se presume, em 27 de maio, estão, também a grafite, os registros imediatos, telegráficos, correspondentes aos dias 27 e 28 do mesmo mês na primeira redação do diário e os números 31, 32, 33 e 34, circulados a lápis vermelho. Esses números, com o valor de marcação feita após os registros, ao que se pode avaliar tomando como exemplo numeração semelhante na primeira versão do romance *Café*, teriam aqui a função de apontar esboços de momentos a serem construídos ao longo da próxima versão. Indicam, no processo de criação, desígnios de MA relativos à estrutura da obra, neste caso, não assimilados na versão parcial subsequente ou na integral.

Arrancado esse fólio da cadernetinha no momento da redação completa e sequencial do diário, em São Paulo, depois de aproveitar os dados ali contidos, MA os suprime por meio de um X a lápis azul. Usuário do lápis com duas pontas, vermelha e azul, instituíra um código de cores. Valia-se da vermelha para confirmar o que deveria permanecer e da azul, para distinguir o que descartava. Mais tarde, ao organizar seus trabalhos como desenhista, MA transfere este documento do processo criativo redacional de seu diário de viajante para a pasta em que dispôs outros desenhos (V. notas 3, 60, 62, 64, 95). Cabe destacar que não remanesceu a capa dessa caderneta de bolso mencionada no manuscrito.

A presente edição de *O Turista Aprendiz* transcreve aqui o registro autógrafo deixado no verso do desenho *Sé Belém Pará*, na página tirada do suporte referido; a indicação "[?]" consigna as lacunas resultantes do descolamento da folha do *passe-partout*:

27 de Maio Partida de Belém

31

Despedida – Presidente Bentes e [?] Crespo de Castro. As [?] Pará – O Tonantins.

O mar vejo das águas. Primeira visita ao Vaticano – Vogamos[.]

28 de Maio Bordo do São Salvador

32

Noite de chuva noite de frescor – Amanhecemos em plena cinza – Vamos pros estreitos de Breves

//



Mário de Andrade.  
Sé Belém Para [26 ou  
27 de maio, 1927],  
desenho.



27 de Maio Partida de Belém  
 (31)  
 ...  
 ...  
 ...  
 ...  
 ...

28 de Maio Bordo do São Salvador  
 (32)  
 Noite de chuva noite de preceito -  
 Enquanto isso eu fezo curça -  
 Vaquei pros estribos de B. e vice

(33)  
 Vida do bordo. De dia, a gente se dá  
 cada um a dona, numa família  
 cidade de dentro com o calor, não  
 dormir no chão mas pedes que  
 subalanciam os corpos de cima  
 Depois roltam de madrugada e  
 ficam arius no chão no meio  
 da gente. E não são donas com  
 eulta e sua pipaias para som  
 as pa'ra gente eus aris de  
 parentes de gradavel palanta de  
 seu parente deller and

(34)  
 Pararam no vila de Cuzco  
 Esta repartição de nomes de Monte  
 que mundo de Cuzco, tem  
 por ai! - Cuzco de os bura no  
 um estribos de carca chata e a ponte  
 de i'grafa, pulam de seu altura com a  
 equipe de mata a ganhando Talony por  
 al, mas centímetros

Registros do diarista em 27 e 28 de maio, 1927

donoliviando com flores. Mas lá estão também os meus admiradores, Gastão Vieira, os dois mocinhos literatos de ontem. Me dá uma sensação engraçada, meio tenho vergonha, um vago sentimento de traição por dentro, quando alguém se chega pro grupo por minha causa. Nesta viagem o que importa é a "Rainha do Café" e está certo. Aliás rainha do meu coração, que delícia dona Olívia! Vogamos. De noite paradinha em São Francisco dos Jacarés. Os mosquitinhos eram em tais milhares que a gente avançava difícil, carecendo abrir caminho com os braços. O pessoal da terceira classe, diz-que abre o ar a faca, fazendo picadas que desgraçadamente logo se desmancham. Por vezes a massa dos mosquitinhos era tão compacta que Mag e Dolur, esportistas, conseguiam se sustentar, um minuto não digo, mas uns quarenta segundos no ar, nadando na mosquitada. Nestes "apontamentos de viagem" como dizia meu avô Leite Morais, às vezes eu paro hesitando em contar certas coisas, com medo que não me acreditem.

28 de maio<sup>86</sup>. Durante a noite de ontem pra hoje caiu uma tempestade etê<sup>87</sup>. Foi um deus-nos-acuda! Diz-que devia haver um porto de lenha lá na margem que não se via, e o *São Salvador* parou, ganindo que mais ganindo na escuridão, pedindo socorro, tudo de um sinistro admirável. Mas ninguém vinha acudir o vaticano se afundando, juro que não hei-de fazer nenhum trocadilho com a palavra vaticano, basta os que me vêm na cabeça! Muitas vezes as ondas encapeladas chegavam a varrer lá em cima a tolda do barco e a gente ficava um minuto, dois, sem respirar, debaixo d'água. As crianças eram levadas pelas ondas, as mães se atiravam atrás; só o capitão, muito pálido dizia: "Eu

33

Vida de bordo – De dia, a gente destes lados até donas numa familiaridade desonesta com o calor, vão dormir nas redes que embalçam o convés de cima. Depois voltam amolegados e ficam assim mesmo no meio da gente. E essas donas sonolentas e esses pijamas dão pra essa gente uns ares de parentes desagradável, palavra. Não sou parente deles não.

//

34

Passamos pela vila de Curralinho. Esta repetição de nomes no Brasil. Que mundo de curralinhos tem por aí!... Curralinho de beira-rio, um estirão de casas chatas e a ponta da igreja, pulando em altura com a equipe do mato e ganhando talvez por alguns centímetros.

86 Ler na nota anterior o registro imediato do dia 28 de maio, rabiscado no fôlio da caderneta de bolso.

87 Tempestade de verão.



fico! Morro com a minha nau!" era comovente. Afinal se percebeu um rastilho de luz nas águas e veio saindo do nada a multiplicação dos peixes, lerdos, difíceis de abordar, carregados de lenha. Creio que os índios tiveram medo da gente, lenha trouxeram quanta precisávamos, porém não houve jeito de subirem a bordo pra mostrarmos a eles a galinha trazida só pra isso<sup>88</sup>. Então desistimos e o vaticano andou.

Manhã fresca. Um bando de papagaios nos recebe, falando "bom-dia" em abanheenga<sup>89</sup>. De vez em longe uma garça. Estreitos de Breves. Vida de bordo. Essas coisas bobas que fazem sublime a viagem, por exemplo: um boto brincando n'água. Um boto brincando n'água! que maravilha! Paisagens lindas. Noite sublime de estrela. Parada em Antônio Lemos.

**29 de maio.** Amanhecemos num porto de lenha. Ainda os estreitos. Cemitério a beira-rio. Enfim pleno Amazonas. Paramos em Itamarati, posto lindo, onde mora o primeiro guará realmente integralmente rubro que nunca vi. Jirais de florzinhas, "jardins suspensos" destas paragens onde jamais se sabe até onde irá a cheia do ano que vem. Cachorros que jamais souberam o que é correr, parados em cima dos jirais. Vogamos rastejando a margem. Os meninos de moradias quase sempre invisíveis vêm nas suas barquinhas, cada qual tem uma, aproveitar a esteira do vaticano, pra terem sensações de água viva. As ciganas se denunciam, de passagem, com um voo honesto, e pousam pesadas, parecem pesadíssimas, erguendo o rabo. E esse mosquito pior que todos... Toda a gente se vê na obrigação de nos "contar" como é que é, que desespero! Já me mostraram mil vezes a palmeirinha do açai, já me contaram cem vezes que aquele pássaro é a cigana, e aquilo é boto brincando, pinhões! Pela tardinha deixamos o Xingu a bombordo. A boia de bordo (a nossa, que é especial) é sempre uma delícia. Dança-se demais, pra tanto calor e tanto jejum de amor, isto já vai ficando pau. Vila bandeirante de Gurupá, decadente. O forte. A igreja.

Vou descrever o porto de lenha desta manhã: carregam mil achas até o porão do navio pra ganhar dois mil-réis.

88 A transviagem na criação literária, neste registro do diário, culmina na paródia do trecho "Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados." da *Carta do achamento do Brasil*, escrita por Pero Vaz de Caminha em Porto Seguro, entre 26 de abril e 2 de maio de 1500, endereçada ao rei de Portugal, D. Manuel (V. CORTESÃO, Jaime. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943, p. 206).

89 Denominação que os índios tupis e guaranis davam à própria língua.

**30 de maio.** Amanhecemos na fazenda de Arumanduba, famosíssima, do maior milionário da Amazônia, o senador José Júlio de Andrade. A fama do homem nos persegue desde a chegada em Belém, espécie de caudilho, duzentos, trezentos capangas, uma riqueza "maior do mundo". É verdade que não conversamos sobre ele com pessoas "oficiais", e resumido o que escutei, o homem é ruim. Todos, povo, gente burguesinha, se percebe, guardam do homem um sentimento entre medo e malquerença. Mas o sentimento, se percebe, é uma legítima... exalação de classe. A parada foi pequena, não vimos nada. Passa a vila decadente de Almeirim, a estibordo. Entrovisca. Vem atrás de nós, nos pega, um vapor do Loide, o *Duque de Caxias*. Boato de Tarsila<sup>90</sup> e Osvaldo<sup>91</sup> a bordo, só boato.

Caso notável, humanamente doloroso de etimologia popular: vimos no longe a serra da Velha Pobre, que na verdade foi chamada "da Velha Nobre" por causa duma nobre de fato, muito velha, que morou, que anos! por aquelas bandas. Porém o povo não se dava com jerarquias que não fossem as da pobreza... E a serra da Velha Nobre, Velha Pobre se chamou<sup>92</sup>.

Vi o gado invernando na maromba, espécie de jirau em ponto grande, pra permitir a existência de animais pesados durante a cheia do rio<sup>93</sup>. Sensação triste de insuficiência, de erro vital.

90 Tarsila do Amaral (Capivari, 1886 - São Paulo, 1973). Artista plástica, casada em 1926 com o escritor Oswald de Andrade (São Paulo, 1890-1954), a quem MA chama Osvaldo. Nomes de primeira plana no modernismo brasileiro.

91 Rasura a grafite: supressão do nome "Osvaldo", decorrente do rompimento da amizade com Oswald de Andrade em 1929, como se lê na carta de 4 de julho, enviada por MA a Tarsila (V. *Correspondência Mário de Andrade Et Tarsila do Amaral*. Ed. cit., p. 105-108). A supressão não se estabiliza no diário, pois, em 10 de agosto, Oswald e Tarsila juntam-se aos viajantes no porto de Salvador. Essa duplicidade reitera a condição de inacabado do texto. Embora a presente edição de *O Turista Aprendiz* tenha como texto-base o datiloscrito atado ao prefácio e portador de hesitações, preferiu acatar, neste ponto, o tempo histórico da viagem quando MA e Oswald de Andrade ainda são amigos, fato que o diário das imagens fotográficas corrobora.

92 MA parodia os versos 291-292 - "E a serra do Rola Moça/ Rola Moça se chamou." - do seu poema "Noturno de Belo Horizonte", composto em 1924 e incluído em *Clã do jabuti*, livro que sai do Estabelecimento Gráfico de Eugenio Cupolo, São Paulo, em 30 de novembro de 1927, na edição paga com as economias do autor, responsável também pelo projeto da capa (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1-2. Ed. cit., p. 253, p. 24).

93 Estrado de madeira usado para elevar os bois sobre as águas, nas enchentes. O "Rito do irmão pequeno", poema de MA datado de 1931, transfigura a maromba da Amazônia: "Nos dias em que o sol exorbita esse branco/ Que enche as almas e reflete branqueando a solidão da ipueira,/ Havemos de sacrificar os bois pesados./ O sangue lerdo escorre das marombas sobre



No Amazonas não cortam rabo de cachorro, pra ele poder se equilibrar em cima da estiva. Estiva: em geral um açazeiro derrubado, servindo de pontão no porto. No que por aqui chamam de "porto", às vezes apenas um abertinho no mato e uma descida de terra mais lisa, se dissolvendo na água barrenta do rio.

**31 de maio.** Vida de bordo. É uma delícia estirar o corpo nestas cadeiras confortáveis da proa, e se deixar viver só quase pelo sentido da vista, sem pensamentear, olhando o mato próximo, que muitas vezes bate no navio. Visto o primeiro jacaré, fez furor. Garças. Pelo anúncio da tarde, chegamos a Santarém, com estranhas sensações venezianas, por causa do hotel ancorado no porto, enfiando o paredão n'água, e com janelas de ogiva! Os venezianos falam muito bem a nossa língua e são todos duma cor tapuia escura, mui lisa. Fomos recebidos com muita cordialidade pelo doge que nos mostrou a cidade que acaba de repente. O relógio da Câmara estava parado, o que nos permitiu compreender Santarém há trinta anos atrás. Ficamos admiravelmente predispostos em favor da cidade, e as freiras fizeram uma procissãozinha infantil, com uma brisa muito agradável saindo dos estandartes.

Cumplicidade da pobreza... Na entrada do Tapajós vi barcas com umas velas esquisitas, eram as redes de dormir dos pescadores, servindo de vela. De noite, rede; de dia, vela.

### Caso pançudo

Este é um dos feitos patrióticos mais venezianos de que já tive notícia. Andou, faz algum tempo, uma comissão norte-americana pelo Amazonas, estudando o problema do comércio da borracha, com ideias de fixar um ponto com todas as condições necessárias, mesmo de salubridade, em que os norte-americanos pudessem se estabelecer. Anda daqui, anda acolá, ficaram gostando muito de Santarém e arredores, e pra mostrar no relatório como o lugar era propício, principiaram fotografando todos os venezianos robustos. Ora aqui nas proximidades parava uma família nova, de que a mulher e os dois filhinhos eram as maiores expressões de robustez e beleza local, as crianças então diz-que deslumbravam de fortes. E realizavam esse milagre único: não eram barrigudinhos. O marido consentiu muito patrioticamente que fotografassem a gente dele, mas era maleiteiro porém. O que que fez:

a água do rio,/ E catadupa reacendido o crime das piranhas." (parte V; versos 60-64, em "Livro azul", no v. 1 de *Poesias completas*. Ed. cit., p. 456).

quando os americanos prepararam a mulher com os dois filhinhos, na frente da casa, pra fotografar, o homem foi lá dentro e se embrulhou completamente na rede, nem nariz de fora, pra não sair na fotografia. Porém daí por diante o homem deu pra ficar jururu, era aquela tristeza que os outros forçavam pra vencer, ninguém vencia. É que lá por dentro ele estava remoendo, remoendo que apesar da precaução de se esconder na rede, era capaz que a fotografia tivesse pegado ele também. E os norte-americanos haviam de recusar pra sempre a Amazônia, a terra não se enriquecia, só por causa da magreza do maleiteiro. Consolavam ele, diziam que era bobagem, mas não foi possível vencer a tristeza do patriota; ele foi ficando mais triste, nem comia de tristeza e, numa quarta-feira, morreu de tristeza. Aliás eu conto isto só por contar e não com ideia de dar esse patriota sublime pra exemplo de brasileiro. Se morressem patrioticamente todos os brasileiros indignos deste país imenso...

1º de junho. Ali pelas vinte e quatro horas da noite de ontem pra hoje, paramos na fazenda do Tapará, pra embarcar vinte bois de corte. Que coisa desumana! é assim: numa espécie de corredor assoalhado que dá pra um terracinho junto d'água, vem um homem correndo que as luzes do navio concedem vestir de um último pedaço de calça esmolambada. Atrás dele vem um boi corcoveando embrabecido. Então surge de repente no terracinho um farrancho de tapuios seminus, corpos admiráveis de estilo, rebrilhando na chuvinha propícia, grande cena de teatro. E o grupo dança detrás do boi uma mazurca muito viva de gestos, "êh, boi!" E só se escuta "êh boi", "êh, boi!"... O homem da frente corre até a beirada do assoalho e atira pra bordo a corda em que o bicho está preso. A corda salta que nem se vê, mas de bordo o trabalhador infalível não erra uma, pega a corda e grita "Vá!". Então a barulheira dos tapuios se esganiça em histerismos alegres que aguçam o medo do boi. O pobre animal se atira n'água e vem nadar no costado do navio. O homem da corda puxa o boi, ajeita o boi, prende o laço do guindaste nas guampas do bicho e "Devagar!" que avisa o boi. E o santinho, com as mãos cruzadas no peito, olhos de terror que não se aguenta, nasce das águas como o dia e vai mansamente subindo, subindo, pensando em Deus. Mas eis que um braço diabólico interrompe a assunção, agarra o bicho pelo rabo e o traz pra junto do navio. O guindaste desce um pouco, o boi se agarra como pode e é puxado pro convés de baixo, onde em pouco está dormindo entre as redes do pessoal terceira classe.

Dia farto. Almoço pirarucu, muito bom. Antes da chuva fez um calor tão fecundo que a gente, com uma dessas lentes de aumento comuns, podíamos observar uns nos outros o crescimento da barba. Creio que por causa do calor os índios desta região são mui barbudos e trazem a barba a tiracolo, em tranças de desenhos complicadíssimos. E é



costume os jacarés aparecerem sempre a primeiro de junho nos igapós de beira-rio, pra os turistas poderem contemplá-los com satisfação. Enxergamos muitos boiando.

Depois Óbidos. Recepção do intendente, em cuja casa provo licor de taperebá, muito bem feito. É delicioso. Com menos açúcar seria magnífico. Visita ao forte tradicional, com os seus canhões amansados. Óbidos tem muitas bandeiras e um coreto feito de folhas de coqueiro na frente da igreja. Esse é o meio dos obidenses mostrarem aos turistas que a cidade tem muita animação. Se a gente pergunta se tem festa, já com vontade de esperar pra ver, os obidenses respondem em coro que a festa foi ontem pra encerramento do mês de Maria. Assim se gasta pouco e corre fama da animação da cidade de Óbidos. Passava uma piracema de jaraquis, a água estava pipocando e os pescadores numa trabalhadeira mãe. "Quem come jaraqui - Fica aqui" é o refrão local. Só de pique, o cozinheiro, na janta, nos apresentou um tucunaré "à portuguesa". Posso lhes garantir que é peixe gostosíssimo no mais, e que Óbidos ficou muito em mim.

**2 de junho.** Vida de bordo. Tarde em Parintins com o prefeito bem-falante. Nos ofereceu o livro da municipalidade, quanto livro já, quanto relatório!... Um crucifixo muito curioso na igreja. Vos ofereço as regras do Apostolado da Oração:

- 1º - Renunciam totalmente as danças;
- 2º - Renunciam a máscaras e fantasias;
- 3º - Não tomam parte em festas particulares (rezas em casas particulares não são permitidas pelo vigário);
- 4º - As senhoras renunciam aos excessos da moda, não usam trajes com decotes nem cortam os cabelos;
- 5º - Na igreja e nas procissões usam sempre véus;
- 6º - Nas missas e nas procissões não usam leque;
- 7º - Frequentam o mais possível as confissões e comunhões.

Em Parintins. Só não saiu na porta e na janela pra nos ver a moça que morreu justamente hoje, apunhalada pelo amor. De noite, vogando, se escutou o berro dos guaribas. É um lamento humano, tenebroso, que nos deixou sem graça nenhuma.

### **Boi marrequeiro**

Chamam assim o boi ensinado que vai chegando, com ar de quem não quer, pra junto das marrecas e para pertinho delas. O caçador que vai se escondendo por trás do boi marrequeiro, então atira.

**3 de junho.** Madrugada cheia. Um jacaré morto boiando, de barriga pra cima e os pés espetadinhos no ar. Mais de setecentas (me deram o número) mais de duzentas garças abrem voo do capinzal verde claro. No almoço o peixe tambaqui, ótimo, de uma delicadeza superfina. E tartaruga com recheio da mesma, obra-prima. Pelas duas horas portaremos em Itacoatiara, primeira cidade do estado do Amazonas. Vista em sonhos. É a mais linda cidade do mundo, só vendo. Tem setecentos palácios triangulares feitos com um granito muito macio e felpudo, com uma porta só de mármore vermelho. As ruas são todas líquidas, e o modo de condução habitual é o peixe-boi e, pras mulheres, o boto. Enxerguei logo um bando de moças lindíssimas, de encarnado, montadas em botos que as conduziam rapidamente para os palácios, onde elas me convidavam pra entrar em salas frias, com redes de ouro e prata pra descansar ondulando. Era uma rede só e nós dois caíamos nela com facilidade. Amávamos. Depois íamos visitar os monumentos públicos, onde tornávamos a amar porque todos os burocratas estavam ocupados, nem olhavam. As ruas não se chamavam com nome de ninguém, não. Tinha a rua do Meu Bem, a rua das Malvadas, a rua Rainha do Café, a rua das Meninas, a rua do Perfil Duro<sup>94</sup>, a rua do Carnaval, a rua Contra o Apostolado da Oração. E todas as moças lindíssimas deixavam facilmente eu cortar os cabelos delas. Eu cortava que mais cortava, era um mar de cabelos, delicioso mas um bocado quente. Foi quando me acordaram.

Que eu desculpasse mas tinha uma pessoa que precisava falar comigo. Três horas. Ouvi bulha maior que a de costume, enquanto botava um pouco de água fria em mim. Percebi luzes pelo telhado da cabina, ah! era Itacoatiara. E era o capitão delegado regional do lugar que, como representante do governador do estado do Amazonas e do prefeito de Manaus, e ainda do prefeito de Itacoatiara (doente) vinha apresentar a dona Olívia e comitiva as boas-vindas no estado. É.

94 Referência ao rosto/ expressão da mulher amada nos poemas que, modernos, associam nuances platônicas e ironia em determinados versos da parte "Tempo da Maria", no livro *Remate de males*, de 1930. Assim, em "Amar sem ser amado, ora pinhões!" se lê: "Ai, Maria do perfil duro,/ Ai, Maria sempre presente!..." e "A minha alegria está presa/ Num perfil duro de mulher!" (versos 89-90, 93-94); e, em "Louvação da tarde": "Já não falo por ela não, por essa/ Em cujo perfil duro jaz perdida/ A independência do meu reino de homem..." (versos 68-70). A expressão reaparece em "Café: Tragédia coral em três atos – O poema", manuscrito de 1942, no "1º parlato do rádio": "Prezados ouvintes! Estou recebendo notícias, não desliguem o rádio!... Vamos agora executar a valsa *Perfil duro*, enquanto esperamos notícias..." (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 320, 332, 606). O "perfil duro" desenha-se também na Uíara, personagem que atrai e destroça o herói no capítulo 17 de *Macunaíma*, "Ursa Maior" (Ed. cit., p. 199-210. V. nota 195, neste diário).



**4 de junho.** Com a história de ser acordado perdi o sono, mas tive pra compensar uma madrugada maravilhosa. Aliás já tenho reparado e vou me acostumando, esta gente de bordo não tem hora pra nada. A qualquer hora da noite que o calor bote a gente pra fora da cabina, se encontra mais pessoas, pijamas, até mulheres<sup>95</sup>, passeando sozinhos ou conversando por aí. Às vezes acordamos o homem do bar.

E foi um dia divertidíssimo por causa dos encantos de beira-rio, muito povoado, estamos nos aproximando de Manaus. O vapor para pra cortarem canarana, alimento dos bois que vão a bordo pra nos alimentar<sup>96</sup>. Eis senão quando sai do canavial das canaranas uma barquinha. Vêm nela três mulheres, mas só a velha embarca. Uma das moças era simplesmente sublime no tipo e na gostosura, que corpo, nossa!... Inda por cima ela é que remava, com o corpo arrebatando no vestidinho estreito de cassa branca. Porque chamei de "cassa" a fazenda é que não sei, deve ser problema de classe. Fizemos um barulhão por causa da moça, mas nem por isso ela deu sequer um olhar para nós, não olhou! Mas o que carece mesmo exaltar, nestas índias das classes inferiores da Amazônia, é a elegância discreta embora desenvolta com que elas sabem ficar nuas, que diferença das mulheres civilizadas! Na Grécia, na Renascença, pelo menos com o que vem contado nos quadros e nas esculturas, ainda as mulheres ficavam nuas bem, mas duns tempos pra cá!... ficam nuas mas tomam um ar de saia-e-blusa completamente caipira e abobalhado. É horrível. Nunca vi uma burguesa minha contemporânea que não tomasse ar de saia-e-blusa ao se despir. É lógico que estou falando sob o ponto de vista da beleza, porque no resto sempre as nuas foram companhias impressionantes. Mas o vaticano parou outra vez. Era um porto de lenha, porém não estávamos precisados de lenha. Vamos contemporizando pra chegar em Manaus pela manhã, e assim a recepção ficar muito bonita.

95 No registro imediato do dia 28 de maio, no verso do desenho *Sé Belém Pará*, está o primeiro momento desta cena:

33/ Vida de bordo – De dia, a gente destes lados até donas numa familiaridade desonesta com o calor, vão dormir nas redes que embaçam o convés de cima. Depois voltam amolegadas e ficam assim mesmo no meio da gente. E essas donas sonolentas e esses pijamas dão pra essa gente uns ares de parentes desagradável, palavra. Não sou parente deles não. (V. nota 85).

96 Em junho, 1927, véspera da chegada a Manaus, a carta de MA, cujo local é "Por esse mundo de águas", conta a Manuel Bandeira a parada do vaticano para cortar canarana, capim palustre (V. MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). Op. cit., p. 345).

### Problema da torneirinha

Aproveitando a parada no porto de lenha, fomos ver o cipó famoso, pelo qual aquela índia do caso tão lindo da "Tapera da lua", depois de andar fazendo com o mano certas coisas que não se conta, subiu ao céu e se mudou em lua. O cipó inda está fortezinho na sua velhice veneranda. A altura diminuiu, com a idade, é natural, o tronco todo enrugadinho, com sapopembas<sup>97</sup> tão colossais que pudemos bivacar na sombra de uma só, setenta pessoas. Pra falar verdade, não se trata exatamente de um cipó, como relatam levemente os índios, é um apuizeiro, isso sim. A árvore a que ele se agarrou para subir no céu foi uma balata formidável, a maior do mundo, a qual, evidentemente, morreu com a constrição do parasita. Ainda se pode muito bem avaliar o tamanho dessa balata, porque, se apodreceu e desapareceu aos poucos levada pelas formigas, ficou o lugar dela por dentro do apuizeiro. Esse oco, pelo que pudemos avaliar, tem uns setenta metros de diâmetro por uns setecentos de altura. Nesse amplo seio providencial fizeram colmeia todas as castas de abelhas brasileiras, desde a guarupu e a bijuri até a mandassaia e a tubuna. É extraordinário e por certo dos espetáculos mais apetitosos do mundo. Até dos antípodas vem estrangeiro assuntar. A sete léguas distante já se escuta o zumbido mavioso e monótono como a luz elétrica. Então perto é uma verdadeira sinfonia, com o mel escorrendo pelas sapopembas e polindo o chão. Como se sabe, o Governo brasileiro teve a ideia feliz de colocar por debaixo desse oco transformado em colmeia gigantesca, uma enorme chapa de aço munida de uma torneirinha. Assim, quem quer vai lá, abre a torneirinha e tira quanto mel carece. E até o que não carece, o que é uma verdadeira pena. Mas em todo caso, parece que está resolvido o problema da fome, entre nós. É uma procissão em torno da torneirinha do Governo, caucheiros regionais, muras, parintintins, taulipangues das Guianas, norte-americanos, tequeteques sírios, regatões argentinos, paroaras<sup>98</sup>, muitos canadenses, a língua de Goethe, mistura colorida de raças. Até os canadenses e os ingleses formaram um sindicato suíço pra auxiliar nosso Governo e construir, a pequena distância do apuizeiro um hotel de verão, com muitos andares e todo o conforto. O Governo

97 Na criação ficcional da desmesura no espaço da Amazônia, o diarista, fazendo-se de botânico, mostra perplexidade: primeiro refere-se a raízes da árvore sapopemba que sobem ao redor do tronco que alcança vinte metros de altura, sendo confundidas com cipós; corrige-se e conclui tratar-se de um apuizeiro (*ficus fagiforme*) que cresce até 35 metros, parasitando outras árvores, no caso uma balata gigante, espécie cujo tronco segrega goma elástica semelhante ao látex da seringueira. Elabora um registro "sério" de viajante à Barão de Münchhausen. Logo adiante emprega "sapopemba" com o sentido popular de raiz. Em tupi, sapó significa raiz e pem, protuberante (fonte: Wikipédia).

98 Paroara: nordestino vivendo na Amazônia.



deu isenção de impostos e passagem livre pela alfândega pra todo o material importado para a construção do edifício, cimento armado, obras-de-arte, perfumarias, setenta mil peças de seda, marionis<sup>99</sup>, chapéus borsalinos<sup>100</sup>, calçados, máquinas de escrever, rádios, peles de inverno para senhoras, pedras preciosas, romances levemente imorais completamente franceses, rendas etc.<sup>101</sup>. Houve mesmo tanto interesse, que logo deram de presente ao sindicato setecentas léguas quadradas de sesmaria em pleno seringal, com direito a explorarem tudo, borracha, castanha, mulheres, rebanhos.

Como é da praxe, provamos o "mel do apuí" como se fala por lá. É alimento bem gostoso apesar de um bocado sujo, devido a vir misturado com muita samora<sup>102</sup>. Isso se deve às abelhas nacionais ainda serem muito ignorantes das novas soluções introduzidas pela *Apis Mellifica* na arquitetura das colmeias. Misturam tudo, os favos com os ovos, cera com samora, é uma atrapalhação enorme lá por dentro. A gente procura mel nesta parte, não está, acha mas é pólen. As próprias abelhas não sabem a quantas andam, tem muitas que, procurando mel na colmeia que elas mesmas construíram, não conseguem saber onde que está, levam a vida inteira procurando e afinal morrem de fome. Mas estou falando das colmeias comuns, está claro, que existem por aí tudo, no Brasil. Não se reproduz tamanha desgraça no Mel do Apuí por causa da torneirinha do Governo. Se abre a torneirinha, pronto: mel pra enjoar. Até diz-que ultimamente o mel estava já rareando, porque as próprias abelhas deram pra não trabalhar mais. Como não têm força pra abrir torneirinha, ficam na boca dela, salvo seja, esperando que um turista chegue, abra a torneirinha pra o mel sair. Assim não há colmeia que resista.

**5 de junho.** Depois de mais uma tempestade noturna, chegamos, dia claro em Manaus. Recepção oficial, apresentação a setecentas e setenta e sete pessoas, cortejo (como é engraçado a gente ser figura importante num cortejo oficial) e toca pro palácio Rio Negro, onde imediatamente se dá recepção oficial, pelo presidente em exercício, um número de simpatia. Depois toca para a chakra Hermosina onde tivemos um almoço colossal, mas colossal. Depois da volta, aproveito o crepúsculo pra visitar a zona estragada. Depois com o coronel, comandante da polícia, vamos

99 Possível referência à rotativa, máquina que revolucionou o processo de impressão, inventada em 1866 pelo francês Hippolyte Marinoni (Paris, 1823-1904).

100 Chapéus de fabricação italiana, artigo de luxo.

101 Esta enumeração caótica aproxima-se da enumeração dos presentes oferecidos à insaciável gulosa, no capítulo 11 de *Macunaíma*, "A velha Ceiuci" (Ed. cit., p. 121-138).

102 Resíduo amargo proveniente do pólen das abelhas.

ao bairro da Cachoeirinha, visitar o arraial da igreja do Pobre Diabo, onde tinha festa, como as nossas mesmo, pau-de-sebo, leilão, dou-lhe uma, dou-lhe duas... Sono calmo e digno.

Nesta noite provei sorvete de graviola. Esquisito... a graviola tem gosto de graviola mesmo, isso é incontestável, mas não é um sabor perfeitamente independente. É antes uma imagem, uma metáfora, uma síntese apressada. É a imagem de todas essas ervas, frutas condimentares, que, insistindo são profundamente enjoativas. Não chega a ser ruim, mas irrita. Aliás, o guaraná daqui, pelo menos o que provei, tem um gosto vazio, fica-se na mesma.

**6 de junho.** De manhã, bonde, passeio oficial até a fábrica de cerveja. Tarde também oficial, hospital, orfanato, exposição Ângelo Guido<sup>103</sup>, não compramos. Noite livre, minha, com Raimundo Moraes<sup>104</sup>, Da Costa e Silva<sup>105</sup> e outros, infensos a qualquer espécie de "futurismo" porém que se sentiram no dever confrade de me visitar. Aliás simpaticíssimos, conversa ótima, pouca literatura, muito Amazonas e felicidade com que me trouxeram a bordo às três da madrugada. Me deram o opúsculo de caçoada sem maldade que publicaram por causa da minha vinda futurista. Mas não chega a ser engraçado<sup>106</sup>.

---

Acariguara é um pau curiosíssimo, diz-que mais resistente que ferro, todo aberto em furos alongados.

103 Angelo Guido (Cremona, 1893 - Pelotas, 1969): pintor, escultor e crítico de arte, não vinculado ao modernismo.

104 Raimundo Moraes (Belém, 1872 - 1941), escritor cuja extensa obra versa sobre a Amazônia. Na biblioteca de MA, no IEB-USP, está, com a dedicatória do autor em "junho de 1927", exemplar da 2ª. edição de *Na planície amazônica* (Belém: Lino Aguiar, 1926). Acha-se também, entre outros títulos de Raimundo Moraes, *O meu dicionário de cousas da Amazonia* (Rio de Janeiro: [Alba Officinas Graphics], 1931), no qual o verbete sobre o etnólogo Theodor Koch-Grünberg imputa sutilmente a MA a acusação de plágio quanto à criação do herói Macunaíma, no livro modernista. MA defende-se com ironia na carta aberta "A Raimundo Moraes", divulgada no paulistano *Diário Nacional*, em 20 de setembro de 1931, importante documento sobre a principal matriz desta sua obra, transcrito no "Dossiê" da edição indicada (ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Ed. cit., p. 231-233).

105 Antônio Francisco da Costa e Silva (Amarante, 1885 - Rio de Janeiro, 1950), poeta; trabalhando como fiscal do Tesouro Nacional, vive em vários estados antes de se fixar na então capital do país, Rio de Janeiro. Em 1927, faz parte do grupo de intelectuais de Manaus.

106 O opúsculo não foi conservado na biblioteca de MA.



---

Banzeiro: movimento agitado das águas, quando o navio passa e deixa a esteira violando a mansidão do rio. Mas que calor! mais quente que Belém.

---

Festa da Moça-Nova, rito de puberdade entre os ticunas. Um mês antes fecham a púbere numa casa, depois a embriagam inteiramente com caiçuma, a rapariguinha está rolando no chão. Os homens com máscaras de animais dançando em torno. As mulheres da tribo chegam e principiam depilando a moça-nova, até ficar completamente pelada. Nem um fio de cabelo escapa. E é o corpo todo. Também, onde se viu contar uma coisa dessas perto de moças – ficaram numa excitação danada. Eu que aguente!

---

### Chula

Por aqui chamam "chula" uma cantiga, em geral cômica e de andamento quase rápido, um allegro cômodo. Eis uma estrofe da chula *Cachaça* sem estribilho, do tempo em que proibiram aqui em Manaus a venda da abrideira nas vendas, da noite de sábado pro domingo:

Se eu morrer ponham em minha sepultura  
Uma pipa das maiores, sem mistura;  
O encanamento que me chegue até a boca,  
Que em pouco tempo deixarei a pipa oca.

Eis um estribilho de outra, bem fluvial:

Vira a bombordo, a boreste e à proa e à ré,  
Vira pr'aqui, pr'acolá;  
Não sei se isto é bom, se não é,  
Vira isso pra lá!

**7 de junho.** Passeio em duas lanchas oficiais pelo Careiro, tempo feio. Largamos o Negro e tomamos pelo paranã de Catalão. Dia todo. Fomos ao lago do "Amaniúm", não escutei bem este nome, preciso perguntar. Mas que coisa sublime, o lago, cercado inteirinho de mato colossal, calmo, uma calma encantada, em que os ruídos, gritos de animais estalam sem força pra viver. Solidão pura e livre, nada triste. Lá estavam as vitórias-régias, com os uapés e socós nas folhas. Voltamos ao crepúsculo. Corrida das duas lanchas. De noite, sem que fazer, largados

pelos de terra que desejavam que descansássemos, fomos no cinema. Levavam, ora com mil bombas! levavam com grande barulho de anúncio, William Fairbanks<sup>107</sup> em *Não percas tempo*.

---

Cabroeira: baileco de negros na Bahia.

---

A jangada, até cinco mil toros às vezes, descendo por maio até Manaus. Algumas vão mesmo até os estreitos de Breves, onde se desmancham pra os toros serem embarcados com destino à estranja, Estados Unidos principalmente. São ilhas largas, vogantes em que vêm morando por meses famílias inteiras que constroem seus ranchos, trazem vacas, porcos, galinhas, e os xerimbabos<sup>108</sup>, papagaios ensinados, cachorros, tajás de estimação, e vivem de vida comum descendo este mundo de águas. Às vezes a jangada é pegada por alguma corrente fortuita, bate nalgum braço de rio, margem firme, igarapé, igapó e tudo se destroça, é o fim. Tudo se desagrega, os toros se dispersam, uns seguem, outros não seguem. Mas em geral, por causa da cheia, as águas se movimentam das margens para o centro do rio, e assim as jangadas, entregues a si mesmas, descem certo. Mas sempre interrogativamente, chegarão? não chegarão? Ninguém sabe e ninguém pode, é a sorte.

**7 de junho. Vitória-régia<sup>109</sup>.** Às vezes a água do Amazonas se retira por detrás das embaúbas, e nos rincões do silêncio forma lagoas tão serenas que até o grito dos

107 Na versão datiloscrita completa, lapso aponta "William Farnum" como ator do filme (V. notas 61, 186, 232).

108 Xerimbabos: animais de estimação.

109 Ao que se verifica, o registro "Vitória-régia - (7 de junho)", em dois fólios, é também resquício da versão parcial datiloscrita de 1927-1928. O tema fortemente poético, segundo considerações de MA na sua carta a Manuel Bandeira em 4 de outubro, 1927, havia lhe exigido um poema (V. MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). Op. cit., p. 355). Mas, conforme escreve ao autor de *Carnaval*, em 30 de janeiro, 1928, resolvera aceitar o conselho deste, depois de conversa com o poeta Ribeiro Couto: transforma o poema em "um dos dias do diário do *Turista Aprendiz*" (IDEM, ibidem, p. 376-377). Ambas as datas convalidam a fase 1927-1928, na redação do diário, em São Paulo. Na margem superior do primeiro fólio, a nota "(p. 17-A)" indica o ponto de inserção na versão integral, o que validou, para a presente edição, o duplo registro na data. "Vitória-régia" dá origem à crônica "Flor nacional", em 7 de janeiro de 1930 na coluna Táxi, mantida por MA no paulistano *Diário Nacional*, entre 1929 e 1930 (V. ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 183-184).



uapés afunda n'água. Pois é nessas lagoas que as vitórias-régias vivem, calmas, tão calmas, cumprindo o seu destino de flor.

Feito bolas de caucho, engruvinhadas, espinhentas as folhas novas chofram do espelho imóvel, porém as adultas mais sábias, abrindo a placa redonda, se apoiam n'água e escondem nela a malvadeza dos espinhos.

Tempo chegado, o botão chofra também fora d'água. É um ouriço espinhento em que nem inseto pausa. E assim cresce e arredonda, esperando a manhã de ser flor.

Afinal numa arraiada o botão da vitória-régia arreganha os espinhos, se fende e a flor enorme principia branquejando a calma da lagoa. Pétalas pétalas vão se libertando brancas brancas em porção, em pouco tempo matinal a flor enorme abre um mundo de pétalas pétalas brancas, pétalas brancas e odora os ares indolentes.

Um cheiro encantado leviano balança, um cheiro chamando, que deve inebriar sentido forte. Pois reme e pegue a flor. Logo as sépalas<sup>110</sup> espinhentas mordem raivosas e o sangue escorre em vossa mão. O caule também de espinhos ninguém poderá pegar, carece cortá-lo e enquanto a flor boia n'água, levantá-la pelas pétalas puras, mas já estragando um bocado.

Então, despoje o caule dos espinhos e cheire, cômodo, a flor. Mas aquele aroma suavíssimo, que encantava bem, de longe, não sendo forte de perto, é evasivo e dá náuseas, cheiro ruim...

Já então a vitória-régia principia roseando toda. Roseia, roseia, fica toda cor-de-rosa, chamando de longe com o aroma gostoso, bonita cada vez mais. É assim. Vive um dia inteiro e sempre mudando de cor. De rósea vira encarnada e ali pela boca da noite, ela amolece avelhentada os colares de pétalas roxas.

Em todas essas cores a vitória-régia, a grande flor, é a flor mais perfeita do mundo, mais bonita e mais nobre, é sublime. É bem a forma suprema dentro da imagem da flor (que já deu a ideia Flor).

Noite chegando, a vitória-régia roxa toda roxa, já quase no momento de fechar outra vez e morrer, abre afinal, com um arranco de velha, as pétalas do centro, fechadas ainda, fechadinhas desde o tempo de botão. Pois abre, e lá do coração nupcial da grande flor, inda estonteado pelo ar vivo, mexe-mexe ramelento de pólen, nojento, um bando repugnante de besouros cor de chá. É a última contradição da flor sublime...

110 Parte da flor que dá sustentação às pétalas; cálice.

Os nojentos partem num zumbezumbe mundo fora, manchando de agouro a calma da lagoa adormecida. E a grande flor do Amazonas, mais bonita que a rosa e que o lótus, encerra na noite enorme o seu destino de flor.

8 de junho. De manhã visita ao mercado de Manaus, bem menos interessante e muito menos rico que o de Belém. Provamos o coco tucumã que achei ruim a valer. No almoço provamos o matrinxão, que achei dos melhores peixes do Amazonas. Visita à fábrica de beneficiamento da borracha e Associação Comercial, esta última pra quê? Me esqueci: a pupunha com melado também é uma gostosura. Partimos de Manaus às dezessete horas, todo o corpo administrativo do estado no cais, com banda de música. Vida de bordo. Isso da gente ser o único homem numa viagem com mulheres pode ser muito masculino, mas.

A tribo dos pacaás novos<sup>111</sup>. Ontem, no passeio de lancha, tivemos ocasião de visitar a tribo dos pacaás novos, bastante curiosa pelos seus usos e costumes. Nem bem estávamos a um quarto de légua da tribo, já principiou nos comovendo bem desagradavelmente um cheiro mas tão repulsivo que só com muito trabalho consegui vencer, chegando até o mocambo. Infelizmente minhas companheiras de viagem desistiram de ir ver, o que faz com que não possam testemunhar tudo quanto admirei<sup>112</sup>. Quando ia chegando, uns curumins

111 Na versão integral, à margem do fôlio datilografado, a nota a tinta preta adverte: "Tenho este trecho com várias mudanças, dado pra *Acadêmica*". Depois disso, o escritor associa ao dossiê as páginas que estampam, com variantes, o fragmento "Os pacaás novos", tiradas de exemplar da *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, nº 62, novembro de 1942. Páginas sem numeração acolhem a versão impressa rasurada a tinta preta: MA acrescenta o subtítulo "(Trecho de *O Turista Aprendiz* diário de viagem que o Autor realizou pela Amazônia em 1927)" e interfere na redação dando origem a um exemplar de trabalho, ou seja, a uma nova redação do registro "A tribo dos pacaás novos", que se liga à versão datiloscrita integral.

No intuito de proporcionar ao leitor aspectos do trajeto da criação deste fragmento, que implica quatro versões ou lições – A ou versão datiloscrita integral; B ou versão impressa na *Revista Acadêmica*; C ou versão no exemplar de trabalho, aquela que advém da junção das rasuras ao texto impresso; e D ou versão que soma o texto no exemplar de trabalho à parcela selecionada na versão datiloscrita completa –, a presente edição de *O Turista Aprendiz* acusa e classifica determinadas variantes nos locais das ocorrências.

112 A: tudo o que pude admirar. O conjunto arquitetônico se compunha da casa-grande e uma dúzia de casinhas, muito semelhantes às de adobe e sapé do sul. Quando cheguei, uns curumins; *substituição e supressão*.



brincando no trilho deram o alarme de maneira muito estranha, sem um grito. Saltavam, movendo as perninhas no ar com enorme rapidez e variedade de gestos pernís. Imaginei que era medo de gente branca mas não era não<sup>113</sup>. Nem bem avistei a taba, foram saindo das casas e me cercando sem a menor cerimônia, um mundo de homens e mulheres espantosamente trajados. Os curumins, esses então positivamente me agrediram, me dando muitos pontapés da mais inimaginável variedade. Isso, moviam os dedinhos desses mesmos pés com habilidade prodigiosa de desenvoltura. Por causa da minha profissão de professor de piano, me pus observando principalmente o movimento do quarto dedo, era assombroso! Creio que nem um por cento dos pianistas de São Paulo (e sabemos que são milhões) possui semelhante independência de dedilhação<sup>114</sup>. Um índio velho veio logo falando que era o intérprete e ganhava sete mil-réis por hora. Me sujeitei e ele foi contando que com aqueles gestos a meninada estava me pedindo presentes, sempre a mesma coisa...

Voltemos à gente grande. O traje deles, se é que pode-se chamar aquilo de traje, era assim: estavam inteiramente nus e com o abdômen volumosíssimo pintado com duas rodela de urucu, uma de cada lado, tudo aveludando por causa duma farinha finíssima, bem parecida com pó-de-arroz, esparzida por cima. No pescoço porém, uma corda forte de tucum sarapintado amarrava um tecido de curauá muito fino, ricamente enfeitado com fitinha de canarana e uma renda delicadíssima feita com filamento de munguba. Com isso formavam uma espécie de saia, que em vez de cair sobre os ombros e cobrir o corpo, se erguia suspensa por barbatanas oscilantes. Assim erguida pro céu, a saia tapava por completo a cabeça dos índios, tendo apenas na frente um orifício minúsculo dando saída à visão. Por esse orifício percebi que os índios ainda traziam a cabeça completamente resguardada por outra peça<sup>115</sup>, a que, segundo um etnólogo

113 A: era não quando cheguei no terreno batido, espécie de praça que os edifícios rodeavam, foram saindo; *supressão e acréscimo*.

114 A: dedilhação. Arranjei, arranjei não, logo um índio velho, magro e feio como um enorme dia de sol amazônico, veio dizendo que era o intérprete; *supressão e substituição*.

115 A: completamente envolta num pano muito sujo, de que não pude descobrir o material de fatura, também convenientemente furado no lugar dos olhos. Além dessa estranha vestimenta, os pacaás novos traziam os braços e mãos completamente vestidos com mangas de pele de onça, ou de tamanduá-membira, de lontra, de guará etc., mangas cortadas de jeito que se assemelhavam, talvez com algum exagero meu, ao estilo da famosa manga-presunto das brancas de antigamente. Eu; *supressão*.

alemão, os pacaás novos chamavam, lá na língua deles, de "Kuè-ka"<sup>116</sup>, palavra visivelmente derivada do português.

Eu estava espantado, na contemplação de semelhante vestimenta, quando, por causa do sol, senti cócecas no nariz desesperado com o cheiro e soltei um colarzinho de espirros. Pra que fui fazer isso! As mulheres se retiraram fugindo pro fundo das malocas, fazendo gostosos gestos com as pernas, que depois soube serem gestos de muita reprovação. Os homens porém, e a curuminzada, principiaram movendo os ombros e as barrigas com tamanha expressão, que sem mesmo ajuda de intérprete percebi que tinham caído na risada. Pois nem um som se escutava! Riam com os ombros, com a barriga e as pernas. Aliás, os gestos que faziam, principalmente com as pernas<sup>117</sup> e os movimentadíssimos dedos dos pés eram tão expressivos em pontapés e contorsões, repito, de uma variedade inexaurível, que eu, bastante versado em línguas, falando o alemão, o inglês, o latim e o russo com desenvoltura, além dos meus regulares conhecimentos de francês, tupi, português e outras falas, logo me familiarizei com o idioma dos pacaás e entendi muito do que estavam pensando e se comunicando<sup>118</sup>.

O intérprete, ao mesmo tempo, me explicava os costumes da tribo. Falava baixinho, desagradavelmente com a boca encostada no meu ouvido, mas assim mesmo os índios davam demonstração de suportarem a custo os nossos cochichos. Os pacaás novos<sup>119</sup> diferem bastante de nós. Pra eles o som oral e o som da fala são imoralíssimos e da mais formidável sensualidade. As vergonhas deles não são as que nós consideramos como tais<sup>120</sup>. O que escondemos por discricção e nossas leis, eles fazem na frente de quem quer que seja,

116 C: deles, de "Kuaè-ka", palavra; *correção*.

117 B: as pernas, em pouco tempo, falando mais de setenta línguas como falo, logo me familiarizei com o idioma dos Pacaás Novos e entendi; *acréscimo e substituição*.

118 C: com um X a tinta preta MA assinala a sequência de "as pernas" e alerta ao lado: "Aqui está errado e segue na datilografia p. 20". O lembrete termina com um pequeno traço a lápis vermelho, mesmo sinal e cor que delimita, sobre o impresso, o término do trecho: "comunicando."; mesma sinalização utilizada, no datiloscrito, para destacar o trecho a ser incorporado.

119 B: Os Pacaás No- [...] nós; *corte; erro tipográfico*.

120 A: vergonhas e as partes não mostráveis dos corpos não são as que a gente consideramos assim. Quando sentem necessidade de fazer necessidade, fazem em toda parte e na frente de quem quer que seja, até nos pés e pernas dos outros, sem a mínima hesitação, com a; *substituição e supressão*.



com a mesma naturalidade com que o nosso caipira solta uma gusparada. Porém<sup>121</sup> espirro, por exemplo, ou qualquer outro som da boca ou do nariz, isso é barulho que a gente solta só consigo, eles consideram. De forma que se um pacaá sente vontade de espirrar, sai numa disparada louca, entra no mato, mete a cabeça na serrapilheira mais folhuda e espirra só, com muita educação.

Consideram o nariz e as orelhas as partes mais vergonhosas do corpo, que não se mostra a ninguém, nem aos pais, só marido e mulher na mais rigorosa intimidade. Escutar pra eles é o que nós chamamos pecado mortal. Falar, é o máximo da sensualidade. Se os atos da procriação são de qualquer lugar, hora e presença alheia, isto só não se dá com muita frequência, pelo dever moral que eles têm de esconder os gestos excitatórios do amor, exclusivamente provenientes da fonação.

Existe entre eles uma instituição, assimilável ao sacramento do matrimônio; e quando um homem se apaixona por uma cunhã, os dois principiam com assobiozinho da mais delicada sutileza, é o namoro. Um belo dia o namorado chega na casa do pai da pequena e diz que veio pedir a voz dela, diz com os pés está claro, questão de um pontapé bem doído. Se o pai concede, depois de um bacororô, tudo em silêncio e com muita coisa pra nós feíssima, o casal novo segue pra casa e de portas fechadas principiam numa falação que não acaba mais. Até parecem nordestinos, só que estes não descendem dos pacaás novos não, descendem de holandeses. No outro dia, ali por volta do meio-dia, os pais da noiva chegam na porta do casal e sacudindo as paredes dão aviso da chegada. Então, se a recém-casada bota a boca numa fendazinha do pau a pique e solta um assobio, é que está consumado o matrimônio. Em caso contrário, comem o marido.

Falar nisso: o ato de comer também é considerado condenabilíssimo. De formas que os pacaás constroem, atrás de suas moradias, umas casinhas solitárias, onde tem sempre armazenados milho em pó, banana, jabá e paçoca de peixe, comida habitual deles. Quando um índio da fratria sente fome (estes índios são exogâmicos e se dividem por fratrias pra casar), disfarça, põe reparo se ninguém está olhando pra ele e escafede. Se fecha bem na casinha e come quanto quer. Se acaso acontece outra pessoa da fratria ir lá pra comer também e bate na porta fechada, o de dentro põe o dedo mindinho do pé esquerdo entre as folhagens do telhado e mexe ele bem – frase que aproximativamente corresponde ao nosso tradicional "Tem gente". Aliás essa história de casinhas dá ocasião

121 C: uma cusparada. Porém; *correção; retorno ao brasileiroismo incompreendido pela revisão do periódico.*

a muita imoralidade nas crianças. Não é raro os pais pegarem meninos e meninas até já taludinhos de oito anos, comendo juntos!

Esta é mui por alto a maneira de viver dos pacaás novos. Deixei de contar muita coisa, por exemplo, que é severíssima entre eles a noção da virgindade (orelha); que são polígamos etc. Quer dizer: os homens é que são polígamos, as mulheres são monógamas. Talvez conte outro dia que isso de viagem, por mais divertido que seja o país, sempre há momentos desinteressantes.

Só não quero esquecer de lembrar que, por causa dos contatos com os brancos, os costumes da tribo já estão bastante aculturados. Assim, por exemplo, fazia pouco que tivera um escândalo famoso entre os depravados da tribo. Uma dançarina pacaá, numa espécie de cabaré erguido por ela mesma a légua e meia da taba, anunciara espetáculos de nu artístico, aparecendo inteiramente vestida mas com a boca de fora, e cantando canções napolitanas que aprendera com o regatão peruano<sup>122</sup> que tirara a orelha dela. O escândalo foi tamanho que precisou o pajé fazer um sermão esperneadíssimo contra a decadência dos costumes. Então as cunhãs, que estavam despeitadíssimas, se reuniram, foram lá e comeram a dançarina.

**9 de junho.** Vida de bordo. Manhãzinha portamos em Manacapuru que não vi, estando em sonhos. O lanche de hoje foi sapotilha, beribá, abricó nacional, que é outra coisa, e refresco de cupuaçu, ora isso é língua que se fale! Tardinha: porto de lenha. Como sempre descí em terra, a sitioca chamava "FELICIDADE". Aliás o morador tinha jeito pra letras, havia mais este anúncio: "ATENÇÃO, MEUS SENHORES! Eu tenho orde do patrão de não VENDER cem reis feado. Cumprir ordem é muito bom". Chupamos cacau verde, não adianta. Invasão furiosa de carapanãs. Noite, bailarico a bordo: clarineta, dois violões, cavaquinho e ganzá. Tudo ia na terceira classe.

**10 de junho.** Vida de bordo. Tem criança por demais, cheguei a sonhar com a degolação dos inocentes. De manhã portamos em Codajás, onde passei com o Schaeffer, procurando um empalhador de aves muito conhecido por aqui. Era italiano e pintor, coitado. Tinha uma harpia admiravelmente bem empalhada. A bordo, Balança, Trombeta<sup>123</sup> e eu experimentamos a linguagem das flores, por um livro comprado em Manaus. Os troncos

122 Em *Macunaíma*, no capítulo 5 "Piainã", o antagonista do herói é apresentado como "um regatão peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra" (Ed. cit., p. 47-59).

123 Hesitação configurada na sobreposição, em autógrafo a tinta preta, "Balança, Trombeta" a "Mag, Dolur", no datiloscrito.



rolando por debaixo do casco chato do vaticano. Novo jacaré morto, enfeitado de urubus. E sempre estas ilhotas de capim, periantãs chamadas, vogando rio abaixo. Diz-que o capim viça assim mesmo, se alimentando do que encontra na água, não garanto. Lá na coberta do navio cantamos ao luar, Trombeta<sup>124</sup> no violão, fugidos do bailarico. O luar está imenso e o nosso peito. Duas orquídeas híbridas, rosmaninho e cravo encarnado<sup>125</sup>.

#### Problema de borracha<sup>126</sup>

A gente pode lutar com a ignorância e vencê-la. Pode lutar com a cultura e ser ao menos compreendido, explicado por ela. Com os preconceitos dos semicultos não há esperança de vitória ou compreensão. Ignorância é pedra: quebra. Cultura é vácuo: aceita. Semicultura? Essa praga tem a consistência da borracha: cede mas depois torna a inchar.

**11 de junho.** De madrugada nos envolveu uma névoa tamanha que o vaticano parou. Só andou já de manhã, enveredando para a boca do Mamiá, onde tinha uma fazenda simpática, bem pitoresca, grande apuro de arrumação. O dono nem aparecia mais, leproso.

124 Na datilografia integral, o nome "Dolur" é substituído a tinta preta por "Trombeta".

125 As metáforas que, no registro do dia 10 de junho, figuram o quarteto Mag, Dolur, D. Olívia e Mário – "Duas orquídeas híbridas, rosmaninho e cravo encarnado" –, provêm da leitura de "um livro comprado em Manaus". Como a biblioteca de MA, no IEB-USP, nada responde quanto a essa obra, a presente edição levanta uma hipótese: o *Dicionário do bom gosto ou Genuína linguagem das flôres em verso rimado*, de Laemmert & C., Livreiros-Editores, Rio de Janeiro/ S. Paulo/ Recife, nova edição sem data, mas, pela ortografia, impressa no primeiro ou no segundo decênio do século XX. Encontrado nas estantes do Dr. Luís Bueno de Aguiar, em São Paulo, o volume especifica o significado da perfumada planta: "Rosmaninho: Vossa presença reanima/ Tudo o que de vós se aproxima." (p. 244); e assinala "muito correspondido", como equivalência ao cravo carmezim (p. 17, 40, 198). No rol das cores, distingue tons do vermelho encarnado que, "no matiz das amoras", traduz fidelidade; e "vivíssimo", paixão (p. 49). O livro não informa o sentido da orquídea, nem do manacá, arbusto de flores roxas, lilases e brancas, olorosas. Manacá, na gíria da época, designava mulher bela, perfumada, como se lê no poema de MA "Carnaval carioca", publicado em *Clã do jabuti*, 1927: "O mocinho vai fuçando o manacá [...]", verso 76 (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 213). A alcunha de Olívia Guedes Penteado, Manacá, mostra-se na legenda "Manacá[,] Trombeta e Balança" no diário de MA fotógrafo.

126 O registro originalmente firmado em 8 de junho com a advertência "Pôr no dia seguinte" é deslocado para o dia 10, incluindo a chamada a tinta preta: "Pôr aqui p. 18 Problema da Borracha".

A mulher, também leprosa, vinha conosco a bordo, só agora sabemos. Os filhos também leprosos. Deu um aspecto absolutamente tétrico na paisagem, nem se pensou em descer, está claro. No entanto não tem pouso em que não desçamos. E depois são os banhos de cachaça pra derrubar a carrapatagem mucuim. Ali pelo meio-dia descemos na bonitinha vila de Coari, uma vontade de desafogar. Tudo era bonito, tudo era são, a ponte gentil. Compramos castanhas, comemos castanhas em quantidade. Calor. Partimos rebocando um canoão e o tal vendedor de fruta, negro, que faz parar os navios da Amazon River com um canhãozinho. Hoje conversamos bastante com o gênio de bordo. A princípio imaginamos que era maluco, mas não era não, era gênio, todos afirmam. Parece também que é vigarista, mas não terei a experiência. É assombroso que um vaticano destamanho pare num lugarejo chamado São Luís só pra entregar uma carta. Não fiz trocadilho não: é o tamanho do navio, mesmo.

#### **Vogando no rio, treze horas<sup>127</sup>**

Eu gosto desta solidão abundante do rio. Nada me agrada mais do que, sozinho, olhar o rio no pleno dia deserto. É extraordinário como tudo se enche de entes, de deuses, de seres indescritíveis por detrás, sobretudo se tenho no longe em frente uma volta do rio. Isto não apenas neste Amazonas, mas sobretudo em rios menores, como no Tietê, no Moji. É fulminante. O rio vira de caminho lá no fim do estirão, a massa indiferente dos verdes barra o horizonte, e tudo se enche de mistérios vivos que se escondem lá detrás. A cada instante sinto que a revelação vai se dar, grandiosa, terrível, lá da volta do rio. E eu fico assim como que cheio de companhia, companhia minha, mais perigosa que boa, dolorida de receios que eu sei infundados, mas que são reais, vagos, e por isso mais completos e indiscutíveis, legítimos, deste perigo brutal de viver (de existir). Mas basta que chegue alguém, uma voz que suba da primeira classe até aqui, e a fascinação se esvai.

Aliás, também em São Paulo, nas minhas solidões procuradas de que eu gosto tanto, mas à noite pelas ruas dormidas, sempre tudo se enche em torno de mim, de gente, de seres. Mas então a realidade urbana impõe presenças mais utilitárias, são sempre ou personagens que eu invento pra ter casos pacíficos e felizes com eles, ou são meus companheiros de vida, meus amigos. Mas são sempre amigos melhores que os meus amigos

127 Este registro em datiloscrito, sem data, desligado da organização sequencial das versões datilogradas, figura entre as notas de trabalho no manuscrito. Guarda o sentido de reflexão e confiança. Considerando o horário no registro e a indicação "Pouco", referente a 11 de junho no balanço da obra traçado pelo escritor (V. "Dossiê"), a presente edição houve por bem situar o texto neste momento do diário.



de carne e osso, os mesmos nos nomes e nos corpos mas melhorados por mim. Até dentro do meu estúdio, é agradável, quando estou escrevendo... Não se trata apenas dessa pergunta, ou resposta, comum que nós, artistas, fazemos ao criar: "Será que o Carlos Drummond<sup>128</sup> vai gostar disto?", "o Manuel Bandeira vai gostar deste poema", não. Isto é antes um anseio de presença aplaudidora que se sente apenas depois de terminada a obra-de-arte. O que eu sinto, ou o que eu faço é enquanto estou escrevendo, e até lendo, é ter o quarto habitado, em geral um, raro dois amigos, que estão ali, juro que estão, lendo por cima dos meus ombros o que escrevo, me aconselhando, me dirigindo, me contradizendo pra firmar bem, por amizade, por dedicação, as minhas argumentações. É tão bom... Eu não gosto de paradoxos, que são próprios das pessoas cheias de complexos, e que com eles se vingam dessa contradição dolorosa que existe entre a realidade exterior da vida e o complexo: mas na verdade eu nunca me sinto deserto e provando o gosto sáfaro da solidão que quando estou numa sala cheia de pessoas, mesmo sendo todas pessoas amigas. É indiscutível: eu gosto muito mais dos meus amigos quando eles estão longe de mim.

12 de junho. Dia de fresca, sublime. O que há de mais ridículo nesta nossa humanidade é que cada indivíduo tem a sua habilidade pessoal. Um canta de galo, outro mexe com a orelha, assim. A bordo todos se mostram! Paramos no lugarejo Caiambé com as samaúmas dentro d'água, no sítio lindo chamado Centenário, casita azul, ainda no sítio São Isidoro, também pra entregar carta. Durante o dia, Teffé, ora por que pus dois efes! onde Balança<sup>129</sup> e eu apostamos quem conseguia ficar mais ridículo como indumentária. Ganhei de longe, está claro, sou homem, e demos um escândalo enorme. Vida de bordo.

128 Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 1902 - Rio de Janeiro, 1987): poeta, contista, cronista, amigo com quem MA manteve importante correspondência, na qual sobressai o cartão-postal enviado de Manaus, em 6 de junho, 1927, com a foto de um grupo de mulheres indígenas. O destinatário do postal, no lapso do remetente - Georgina Guedes Galvão de Azevedo -, mostra-se anulado - "Exma. Sra. Georgina" - e substituído por "Exmo. Sr. Carlos Drummond". A mensagem comenta a foto: "Carlos/ De deslumbramento em deslumbramento, subindo mansinho a corrente do rio, pensando pensando nos meus, em você, no Martins de Almeida, no Nava, no João Alphonsus, em toda a gente querida bem de Minas, mando estas boas, que positivamente não podiam ser enviadas a uma senhora./ Mário" (V. FROTA, Lélia Coelho. (Org.). *Carlos Et Mário*. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 290).

129 No datiloscrito "Mag", substituição a tinta preta: "Balança".

Os botos brincabrilando<sup>130</sup> na tarde, comem peixes. Os botos comem peixes assim, de tardinha, só por brincadeira. A noite já entrara quando portamos num porto de lenha. Céu do Equador, domínio da Ursa Maior, o grande Saci...<sup>131</sup> Estávamos excitadíssimos, com vontade até de crimes. Atrás, na lagoa, ficava o lugarejo Caiçara, onde tinha festa. Fomos lá e encontramos o bailado da "Ciranda"<sup>132</sup>, que vi quase inteiro, registrei duas músicas numa caixa de cigarro, e tomei umas notas como pude, tinha esquecido o livro de notas. Só quase de madrugada, o vaticano principiou mugindo lá longe, nos avisando que estava à nossa espera. Aliás é preciso que se conte que, em caso de precisarmos, a gentileza dos chefes desta companhia puseram o horário dos vaticanos em que viajarmos, dependendo de desejos de dona Olívia. Bailamos com os caboclos, e viemos vindo, sem pressa, na noite da Ursa Maior. Dia sublime.

130 Intensidade verbal, recurso de estilo bastante usado pelo escritor em *Macunaíma*.

131 O encontro do Turista com a constelação da Ursa Maior, em junho, 1927, é decisivo na criação de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, cuja escritura, iniciada em 1926, prossegue mentalmente e em notas tomadas ao longo da viagem. No manuscrito da obra, o "Índice" autógrafo da segunda versão conhecida do texto (a primeira está nas margens de *Vom Roroima zum Orinoco* de Koch-Grünberg), concluída em 23 de dezembro daquele ano e que sobrevive em duas únicas páginas do capítulo 1, as peripécias do protagonista findariam no capítulo 17, "Torre Eiffel". Não na capital francesa, mas aqui no Brasil, talvez em um grande carnaval que se apropriaria dessa torre ícone da França e da Cidade Luz, a exemplo do *Carnaval em Madureira* (1924), tela de Tarsila do Amaral em que o subúrbio carioca se fantasia de Paris. Ao voltar da Amazônia, o índice rasurado no manuscrito testemunha a substituição que coloca *Macunaíma* no plano cósmico: o capítulo é renomeado "Ursa Maior". Aludindo ao grande Saci, o diário liga-se a Robert Lehmann-Nitsche (Radomitz, 1872 - Berlim, 1938), antropólogo alemão que, em "Mitologia sudamericana" faz essa aproximação, reconhecida por M. Cavalcanti Proença no *Roteiro de Macunaíma* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 282). O nº 28 da 2ª série da *Revista del Museu de la Plata* (La Plata, 1925, p. 103-145), que publica o ensaio, não está, contudo, na biblioteca de MA. A presença da Ursa Maior, constelação que a tradição consagra como guia dos navegantes, visível apenas do Equador para o Norte, brilhando sobre a Amazônia, baliza o espaço de uma civilização tropical, adequada à realidade sul-americana, por ela própria maravilhosa, espaço do ócio criador, da preguiça elevada.

132 A crônica "A ciranda", aproveitando o registro do viajante, está na seção "Arte" do *Diário Nacional*; São Paulo, 8 de dezembro, 1927; o recorte do texto, na condição de exemplar de trabalho, faz parte dos manuscritos d'*O Turista Aprendiz* (V. transcrição no "Dossiê" desta edição).



Cartão-postal e mensagem de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade

### A ciranda (Notas tal qual tomadas)

Na cena casamento todos, padre imitou língua de sírio, pensando que imitava latim. Dá hóstia: – Esta menina me mordeu! Pensava que era pedaço de peixe-boi! – Depois casamento, veio Carão, todos roda. “Ciranda vem chegando – Por morte do Carão!” (bis). Carão entra na roda e o caçador, de fora, procura matá-lo. Dá tiro. Carão ferido. Padre critica: – Não quebre a cabeça do Carão! etc. – (A ciranda fizera possível evitar morte.) Morto o Carão, padre faz encomendação defunto. Põe estola cabeça Carão, este ressuscita. Tudo dançado com palmas. Acompanhamento violão e cavaquinho. Ritmos sincopados. Blusas vermelhas debruadas de azul, turbantes com flores e plumas. Rostos pintados com urucum. Depois saída da casa do sr. Teófilo Nojes (não entendo bem minha letra) com o canto da dança de roda da “Ciranda, cirandinha”, tradicional.

**13 de junho.** Parada de manhã no sítio Boca do Aiucá, com música! O que é, o que não é? Era baile. Estavam dançando desde a tarde de ontem e a coisa inda podia durar "decerto uns dois dias". Muitos dos homens do baileco vieram botar lenha no vaticano (era porto de lenha), e a maioria das mulheres ficou esperando. Depois continuaram dançando mulher com mulher. O revezamento é instintivo. Às vezes um tem fome, vai comer, às vezes outro se cansa, vai dormir. Orquestra: um chorinho gemido e humilde, violino, cavaquinho e vária percussão inventada, como um pau batendo numa garrafa. Experimentei doce de cúbio, um acidozinho gostoso, polpa delicada, bem macia. Mas se sente a selva, porque fere um bocado a língua. Não se come cru. A fruta é de um vermelho velho, cajá-manga na forma. Chovia. No sítio vimos mauari, mutum, japiim, garça. Havia também um curral de tartarugas. Eu resfriado, meio febril.

---

Siri-pintanha: mãe sem pai pro filho.

---

Embiara: comida. "Vou buscar minha embiara no mato". O sujeito que tem outro que o domina (dono, patrão, inimigo mais forte) diz que este é "a onça dele". O dominado é chamado "embiara" pelo dominador: "Este aqui é minha embiara". Região do Rio Branco.

**14 de junho.** Amanheci bom. Parada matinal em Fonte Boa<sup>133</sup>, repare na colocação

133 O fôlio da versão datiloscrita integral, que guarda o registro do dia 14 de junho, exhibe um asterisco a tinta preta com o valor de ponto de inserção, vinculado à nota prévia, materializada no autógrafo também a grafite em folha de bloco de bolso, presa a ele por alfinete (antes da classificação e do armazenamento do dossiê *O Turista Aprendiz* no Arquivo do IEB-USP). O lembrete refere-se à retomada de assunto desenvolvido por MA no seu *Compêndio de História da Música*, publicado em São Paulo pelos Irmãos Chiarato & Cia, no ano de 1929: "Fonte Boa. Foi aqui que ouvi um *Tantum ergo* virado acalanto que relatei no *Compêndio*".

A data da edição ao mesmo tempo em que inviabiliza a entrada pura e simples do texto como fragmento do diário, por lesar a coerência da viagem desenrolada em 1927, reforça a condição de texto interrompido da versão integral de *O Turista Aprendiz*. No *Compêndio*, ao estudar a influência gregoriana na música do povo brasileiro, MA rememora a transformação do canto *Tantum Ergo*, parte final da missa católica, no acalanto descoberto por ele na cidadezinha visitada:

Uma feita em Fonte Boa, no Amazonas, eu passeava sob um solão de matar. Saía um canto feminino duma casa. Parei. Era uma gostosura de linha melódica, monótona, lenta, muito



do adjetivo. Passeio com prefeito e família. Dona Olívia com a máquina cinematográfica em punho. Pra agradar, pediu que o prefeito, a mulher e os dez filhos "viessem vindo" pra ela os cinematografar. Vieram, uma das coisas mais augustamente amargas que já vi. A mulher tomou-se de tal comoção que nem podia mover as pernas, e afinal levou um tombo. Palavra de honra.

Vidinha de bordo. Matos admiráveis chorando em trepadeiras até a água do rio. Pôr de sol prodigioso. Macaquinhos de cheiro. Na boca do Jutai vimos uma índia lindíssima, tipo asiático perfeito. Estávamos parados, esperando a comunicação com um seringal lá de dentro do Jutai. Sempre o vaticano, quando vai chegar num lugar com que mantém relações, embarque de coisas, correspondência etc. apita de longe pra avisar. Não é só o interessado que escuta, e surgem assim embarcações com gente que vem, meu Deus! ver gente das civilizações, Manaus, Belém, o mundo. E vêm também desses índios mansos, já completamente brasileiros, que vivem por aí falando língua nossa, sem memória talvez de suas tribos. Foi o caso. Vieram na igarité, ela e o homem dela, ficaram de longe, uns trinta metros assuntando, sem pedir nada, falar nada, sem se chegar, assuntando. Ele, se percebia, tinha mais traquejo da vida, falava, gesticulava, mostrava. Ela mal se mexia, nem olhando direito o navio. Eu de óculos de alcance em cima dela. Eu só não! o Schaeffer, o gaúcho, o agente postal de Manaus, o intaliano<sup>134</sup> Atrepa-Atrepa, que não é nome imoral,

pura, absolutamente linda. Me aproximei com a máxima discrição pra não incomodar a cantora, uma tapuia adormecendo o filho. O texto que ela cantava, língua de branco não era. Tão nasal, tão desconhecido que imaginei fala de índio. Mas era latim... de tapuio. E o acalanto não passava do *Tantum Ergo* em cantochão. Uma sílaba me levou pra outra e, mais por intuição que realidade, pude reconhecer também a melodia. A deformação era inconcebível. Porém jamais não me esquecerei da comoção de beleza que recebi dos lábios da tapuia. O cantochão vive assim espalhadíssimo nos bairros, nas vilas, por aí tudo no interior. Será possível talvez perceber na liberdade rítmica de certos fraseados do nosso canto, uma influência gregoriana (ANDRADE, Mário de. *Compêndio de História da Música*. 2ª. ed.; São Paulo: L. G. Miranda, 1933, p. 178).

134 Na versão integral datiloscrita do diário, observa-se a flutuação: "intaliano", vulgarismo considerado brasileiro por MA, e "italiano", conforme a norma culta. O escritor, na parcela linguística de seu projeto modernista, captou aspectos da língua portuguesa falada no Brasil, analisando-os em sua *Gramatiquinha da fala brasileira*, na verdade uma poética que ficou obra inacabada. Escrevendo a Manuel Bandeira, em 16 de agosto de 1931, ele diferencia as formas: "intaliano", conveniente em situações onde estão o grotesco e o cômico, sobretudo nos textos jornalísticos, e "italiano", destinada a obras que julga mais sérias e duradouras (V. MORAES,

simples caçoada das moças, porque ele em Belém não quis tomar banho conosco, e afinal acabou contando que era por causa de ter um defeito no pé, um dedo "atrepado" no outro. Pois a índia maravilhosa não percebi uma só vez olhar o navio, sempre de olhos baixos. Vestia saia de mulher mesmo, apertada na cintura nua. E trazia uma espécie de blusa encarnada (a saia era escura) que caía solta em pregas até o ventre. Quando foi embora é que percebemos que a blusa era só na frente, tapando os seios, atrás acabava apenas num babado cobrindo os ombros, costadinho de fora.

O que, a princípio diverte, mas acaba por infernizar, é a confusão das informações que a gente recebe sobre as coisas da terra, nem se acredita. Todos se propõem conhecedoríssimos das coisas desta sua pomposa Amazônia de que tiram uma fantástica vaidade improvável, "terra do futuro"... Mas quando a gente pergunta, o que um responde que é castanheira, o outro discute pois acha que é pato com tucupi. Só quem sabe mesmo alguma coisa é a gente ignorante da terceira classe. Poucas vezes, a não ser entre os modernistas do Rio, tenho visto instrução mais desorientada que a desta gente, no geral falando inglês.

**15 de junho.** Dia completo. De uns dias pra cá, meio suicizado, depois de várias conversas com Schaeffer, estou me acostumando a vir na tolda do vaticano ver, me deixar sublimizado, com o nascimento do dia. Mas na madrugada sublime de hoje tivemos uma cena bem dramática. A bordo vem um velho, na terceira, que teve congestão e ficou abobado. Mas é manso, não faz mal a ninguém, não fala. Só uma vez, se chegou e entregou a dona Olívia um lenço sujíssimo, cheio de castanhas-do-pará. E se retirou sem pedir nada! Hoje de manhã diz-que ele (de madrugada, entenda-se) diz-que ele estava agitado, andando dum lado pra outro, sem parada. De repente, vendo um canoeiro na margem gritou "Adeus, Jó", sem resposta. Outro canoeiro, uns duzentos metros acima, e o maniaco: "Adeus, Jó! Adeus, Jó!", sem resposta. O vaticano se arranhando pela margem, já bastante povoada, porque em breve chegaríamos a Tonantins. E se aparecia alguém, o homem se punha berrando na manhã: "Adeus, Jó!" Mas ninguém respondia. Não tinham, não inventavam a piedade de responder. Perguntei pra ele quem era Jó. (Já passáramos o paranã do Bugarim.)

– Meu filho, ele respondeu. Mora aqui. Já morou...

Marcos Antonio de. (Org.). Op. cit., p. 519-520). Diante da função de paródia em ambas as ocorrências de "italiano" no diário, a presente edição chancela a forma e, conseqüentemente, a flutuação. Neste primeiro caso, ela se prende à comicidade irônica. No segundo, concernente ao registro de 15 de junho, à paródia que traduz o humor afetuosos do diarista, ciente da contribuição dos emigrados da Itália ao progresso de São Paulo (V. nota 154).



Nisto veio vindo uma tapera, caindo já, sem ninguém. Na frente uns restos visíveis de jardim. O homem tirou o lenço do bolso, e com gestos largos, foi dizendo adeus. E a tapera já desaparecia lá longe, e ele, silencioso, com aqueles gestos abertos, dizendo adeus, dizendo adeus. Perguntei onde ele ia.

– Pra Remate de Males<sup>135</sup>, sim senhor.

– Um pouco mais pra baixo... Eu tive congestão, o senhor sabe?... Já sarei mas meus olhos só [não]<sup>136</sup> querem fechar! Tenho três filhos...

– Estão lá?

– Estão por aí...

– Mas você não tem família em Remate de Males?

– Um pouco mais pra baixo... por aí... Mas o senhor não sabe um remédio pra meus olhos não quererem mais fechar! por favor!

Me retirei, não aguentando mais aquilo.

Chegara a hora do beija-mão. É visível: muita gente se sente orgulhoso e naturalmente feliz de privar assim da camaradagem da nossa importante companheira de viagem. Era engraçado. Mais ou menos pelas nove horas, a Rainha do Café<sup>137</sup> aparecia, sempre tão arranjadinha, aquele seu sorriso na ponta do lábio, dado a todos. Já uma hora antes, se via aquele mundo de gente de bordo, rodeando a cabina dela, em busca de bom-dia.

De vez em quando se notava chapas de lama grossa se estriando na superfície do rio. Era baba dos lagoões ribeirinhos, chupada pela vazante em começo.

Passamos pela famosa praia do Bom Jardim, que ainda fornece de três a cinco mil tartarugas no ano. Mujanguê: ovo de tracajá batido com farinha e sal. O mesmo petisco, com açúcar em vez de sal, se chama arabu. Oh minha Caraboo<sup>138</sup>.

135 Remate de Males dará nome ao livro publicado em 1930, no qual MA reúne sua poesia de 1926 a 1929 (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 293-399).

136 Acréscimo por parte desta edição: correção conjectural, visando à coerência, observado o trecho logo abaixo: "Mas o senhor não sabe um remédio pra meus olhos não quererem mais fechar! por favor!".

137 No datiloscrito, "dona Olívia"; rasura: substituição a tinta preta por "a Rainha do Café".

138 MA recorre ao refrão do sucesso no Carnaval de 1916, "Ó minha Caraboo...", adaptação, por Alfredo Albuquerque, da canção norte-americana de Sam Marshall, composta em 1913, *Caraboo (Amores de uma princesa)*.

Nada mais apropriado que esta associação, estamos chegando em Tonantins, porto de lenha, missão de franciscanos, mas que pra nós foi um concerto de belcanto. Dois lindos frades italianos, gordos, fortes, às gargalhadas. Estávamos visitando as instalações, escola com quarenta alunos atuais, posto de profilaxia contra maleita, fechado porque o Governo não mandava mais remédio, o igrejó e roçado por detrás com jardinzinho e goiabas, quando chega frei Diogo, fazendo um barulhão, e convida pra entrar na casa dos padres. Entramos. Limpeza, higiene, café. Na sala, um piano. Frei Diogo, sem mesmo perguntar quem éramos, foi logo convidando pra fazer música. Fiquei com vontade de examinar o *Tantum ergo* e o *Kirie* manuscritos e visivelmente sem caráter religioso. Toquei e era mesmo coisa que não valia nada. Trombeta<sup>139</sup>, examinando as outras músicas empilhadas em cima do piano, achou *I Lombardi*<sup>140</sup> e a valsa de Musetta<sup>141</sup>. Por pândega principiei cantando a valsa. Dolur<sup>142</sup> descobriu maxixes do Eduardo Souto<sup>143</sup> que preferi sem hesitação, e executei com coro de Trombeta e Balança<sup>144</sup>. Achamos Toselli<sup>145</sup>, nada mais propício, executado com toda a consciência, em dueto, Trombeta<sup>146</sup> e eu. Chegava frei Diogo que tinha ido providenciar não sei o quê, e ficou extasiado. Dava pulos e obrigou a um bis. Com gargalhadas Balança<sup>147</sup>

139 No datiloscrito: "Dolur", nome riscado a tinta preta e substituído por "Trombeta".

140 *I Lombardi alla prima crociata (Os lombardos na primeira cruzada)*, ópera em quatro atos do compositor italiano Giuseppe Verdi (Roncole, 1813 - Milão, 1901); outra menção ao compositor, V. nota 150.

141 Valsa ligada a Musetta, personagem da ópera *La bohème (A boêmia)* de Giacomo Puccini (Lucca, 1858 - Bruxelas, 1924).

142 Ao contrário do que ocorre em todo este trecho, neste caso, MA não substitui "Dolur" por "Trombeta", o que indica um texto em fase de lapidação.

143 Eduardo Souto (São Vicente, 1882 - Rio de Janeiro, 1942), pianista, compositor e regente; autor de *Tatu subiu no pau*, sucesso no Carnaval de 1923.

144 Hesitação não resolvida; no datiloscrito: "Dolur e Mag", sobrepostos os nomes dos personagens.

145 Enrico Toselli (Condado de Montignoso, 1883 - Florença, 1926), compositor famoso por suas canções, sobretudo pela *Serenata* (op. 6 nº 1), a peça provavelmente cantada pela dupla.

146 No datiloscrito: "Dolur", riscado a tinta preta e substituído por "Trombeta".

147 No datiloscrito: "Mag", nome substituído a tinta preta.



descobriu o hino fachista<sup>148</sup>, que foi executado caçoistamente, por todos, frei Diogo ajudando, na maior desafinação que pudemos encontrar em nossas gargantas. Acabada a *Giovinezza*<sup>149</sup>, pedimos a frei Diogo que cantasse. Aceceu envaidecidíssimo, e cantou um coro do *Nabuco*<sup>150</sup> em solo, eu acompanhando. Voz admirável, por sinal. Café. Chegava o frei Antonino. Frei Diogo fez um barulhão (tudo era barulhão nos dois italianos) contando que o outro também cantava. Frei Antonino fez um barulhão dizendo que tinha "voz de buro"<sup>151</sup>, mas pra agradar cantava a *Santa Lucia*<sup>152</sup>. Acompanhei. Era um vozeirão pra teatro ao ar livre. E de novo Trombeta<sup>153</sup>, a nossa prima-dona deliciosa, e o *Chuí-chuí* e a *Casinha da colina*, os dois frades fazendo um barulhão insuportável. Era alegria deles. Nisto o capitão Garcia, espécie de *factotum* que nos deram em Belém, muito gostoso aliás, contou pros frades que éramos paulistas. Foi um silêncio nos dois barulhões. Nos olharam respeitosos, e a gente sentia nos olhos desejosos dos dois exilados a saudade, o desejo por essa pátria de todos os intalianos<sup>154</sup> do mundo. Mas logo frei Diogo reagiu:

– Vocês são paulistas... Vocês não são brasileiros não! Pra ser brasileiro precisa vir no Amazonas, aqui sim! Você (apontou pra mim) tem pronúncia própria de italiano.

Então contei pra ele que de fato era filho e neto de italiano:

– Fachista?

– Antifachista! respondi.

Isso o frade fez um barulhão e foi buscar a correspondência da missão, chegada no nosso vaticano. Abriu o pacote e, nos acenou, fazendo um barulhão, com a *Squilla*, folha antifachista de São Paulo, de que eram assinantes. E o outro, o único jornal do mundo que assinavam, *O Estado de S. Paulo*, palavra que tive um arrepio, meio orgulho estadual, meio susto da importância do *Estado*. Nos despedimos, e os dois frades mas com uma inocência indecente, foram logo nos abraçando chupado, com a maior intimidade deste mundo. A

148 A edição acata as formas da língua falada "fachista" e "antifachista", adotadas por MA.

149 *Giovinezza*: hino universitário composto em 1909, adotado em 1925 como hino triunfal do Partido Nacional Fascista; difundido pelos imigrantes italianos inseridos na burguesia paulistana.

150 *Nabuco* ou *Nabucodonosor*, ópera de Verdi (V. nota 140).

151 Arremedo da pronúncia do frade italiano, na citação entre aspas.

152 *Santa Lucia*: cançoneta napolitana.

153 No datiloscrito: "Dolur", riscado a tinta preta e substituído por "Trombeta".

154 Esta edição manteve o brasileirismo "intaliano" (V. nota 134).

janta estava na mesa de bordo. Os tapuios já tinham botado vinte mil achas no navio, e o comandante aproveitava a disposição alegre deles pra ver se conseguia somar quarenta mil. Enquanto jantávamos chegou frei Antonino num barulhão. Indaguei. Não achava o caboclo amazonense com instinto religioso não. Era no geral indiferente e carecia tratá-lo com muito cuidado, senão se arredava da missa. Em geral se contentava de possuir a pintura de Santo Antônio e pronto. Ou Nossa Senhora. Mas não reza nem se amola muito com Deus. Mas é mais feliz que vocês, civilizados. Não tem a mínima ambição. Farinha um pouco, cachaça muita e está feliz. Tem filho à beça. E não carece de nada mais. Mais feliz que vocês, civilizados. Mas alguns têm umas festas horríveis. Quando é só dança inda vai bem. Agora mesmo acabou a trezena de Santo Antônio que são treze noites de dança, isso nem se pensa acabar! Mas certas "classes" de caboclos têm uma festa, por exemplo, chamada da Moça-Nova (olhei pras meninas me rindo), que nem se descreve!... Ficou silencioso um bocado. O navio partia e era bom pretexto pra ele não se entristecer demais, pensando na festa da Moça-Nova. E frei Antonino se despediu de nós, na escadinha do vaticano e foi-se embora. Num barulhão.

**16 de junho.** Madrugada sublime na tolda do vaticano. Manhãzinha paramos pra cortar canarana pros bois. Um casal de araras atravessa o rio. Bandos de borboletas amarelas na pele do rio. De repente uma azul, das grandes. Libélulas em quantidade. E os peixes saltassaltando nos remansos. E a quantidade de jaós, não se caça jaó por aqui? Me chamam no pio, lhes respondo, e passo horas nestes amores sem espingarda, enquanto os matos passam rente e terras mais inquietas. O lugarejo lindo de Maturá dá pra fazer alpinismo. Dia de calor famoso. Pela tardinha portamos em São Paulo de Olivença, com o prefeito bem-falante, a filha normalista e frei Fidélis. Estávamos visitando o Colégio de Nossa Senhora da Assunção, e a professora, uma dona respeitável, com a sua idadezinha bem à mostra, fazendo de bedéquer<sup>155</sup>. Como trocássemos umas palavras em inglês, ela se botou falando inglês, com mais perfeição que eu inda é fácilimo, porém com a naturalidade e muito maior firmeza que as meninas. Nesse momento mesmo ela estava mostrando os andores e mais coisas, flores, véus, capelas de virgens de uma procissão que se realizara hoje de manhã, e como nos assustássemos do inglês perfeito dela, contou meia melancólica que

<sup>155</sup> O equivalente à atividade de guia turístico. Os *Baedeker Guides*, publicados pela companhia alemã de Karl Baedekerna, desde os anos de 1850, empenhavam-se em detalhar roteiros; eram mundialmente difundidos.



tinha sido virgem em Londres e Paris, quanto heroísmo. De novo, nas mãos de frei Fidélis, vi o *Estado de S. Paulo*, e o *Mensageiro do Coração de Jesus*, Itu, São Paulo. Em Tefé, o portuga da venda garantiu que eu era português da gema, em Tonantins passei por italiano, agora aqui em São Paulo de Olivença, frei Fidélis me pergunta meio indeciso se sou inglês ou alemão! Noite sublime de lua cheia. As gaivotas que descem nos paus boiando acordam com o arfar do vaticano e só vendo o barulhão que fazem. Às duas horas da madrugada, paramos em Sta. Rita pra comprar redes de tucum. Dia gozadíssimo.



Embarcando lenha/  
Assacaio/ 17 junho,  
1927

17 de junho. Logo de manhãzinha paramos no porto de lenha do Assacaio, interessantíssimo. O Schaeffer e eu entrando pelo mato fizemos provisão de coisas curiosas, como a bonita flor bico-de-arara. Aqui cortei e levo comigo um pedaço do tal cipó "matamatá", escada de jabuti, explicam, o tal em que a lua subiu pro céu. O homem beneficiando o pirarucu pescado esta noite. Pirarucu tem o coração na garganta. Rosas perfumadíssimas, nunca vi assim. Índios legítimos, bancando negros, pintados com jenipapo. Não pintam as articulações dos dedos, que ficam parecendo cicatrizes claras, é horrível. Fotei<sup>156</sup>. Pouco depois de meio-dia portamos em Assacaio<sup>157</sup>, onde vimos uns índios lindos, principalmente a cunhã tristonha, já bem mulher, fineza esplêndida de linhas. De noite me bateu uma nervosidade desgraçada, já se imagina por quê. O gaúcho que aderiu à nossa viagem amazônica e mora em São Paulo, tem delírio de grandeza:

156 Conjugado o verbo "fotar", neologismo de MA.

157 Na versão integral, mas inacabada, da obra, está: "portamos em Belém,". O lapso foi sanado por esta edição, considerando que as fotos, tiradas em 17 de junho por MA, mostram-no, de fato, em Assacaio.

“Eu, por exemplo, botina pra mim, na melhor casa me custa duzentos mil-réis, esta roupa fiz no Lattuchella, foi novecentos”. Os outros, gente pobre, ficam sarapantados, não sei se duvidando. Então o delirante virou pra mim e me perguntou se não era mesmo. Eu... eu falei que era. Não sei bem porque, mas minha perna estava coçando tanto com os mucuíns, eu estava tão nervoso, falei que era mesmo e desandei, qualquer casinha de porta e janela, em São Paulo, era aluguel de seiscentos mirréis<sup>158</sup>, metro quadrado no centro eram cem contos e não havia quem vendesse, que eu ganhava sete contos e não dava pra nada, todos meio querendo se rir. Então virei pro homem e ali no bucho:

– Não é, doutor?

Ele, pra pagar a dívida teve que falar que era, me vinguei. Me aliviei tanto que a coceira passou (só a coceira) e fui beber um guaraná gelado pra ver se acalmava. Aprendi, nestas paragens, a me coçar de três maneiras distintas, a objetiva, a subjetiva e a fisiopsíquica, que é a melhor das três. Pelas vinte e quatro horas desceu a moça apaixonada por todos. Noite de inferno. Inda por cima os carapanãs me infernizaram tanto que pensei ficar louco.

– Que é aquilo? será jacaré?...

– Num sei não, num vejo bem... Mas tá cum jeito<sup>159</sup>.

**18 de junho.** Chegada a Esperança, posto fiscal brasileiro. Em frente à margem do Peru. Entrada pelo Javari buscando Remate de Males. Os taxizeiros têm uma floração policrômica que vai do encarnado descendo em cambiantes pelo alaranjado-rosa, o rosado pálido, o amarelo branquicento, o esverdeado claro e enfim o franco verde alface. Falando assim, parece bonito, na realidade não atrai. É nesta arvoreta que mora a formiga taxi. Remate de Males às treze e trinta. O igrejó, torre de zinco. Fazia um calor de rematar. O palácio do lugar é a loja maçônica, e todos acabaram virando maçons por causa da importância do palácio. Numa loja:

– Tem álcool?

– Não senhor.

– Não tem coisa nenhuma, chapéu de palha, remo, alguma coisa feita aqui pra levar como lembrança!

<sup>158</sup> MA emprega o português falado – “mirréis” –, acentuando a sátira ao novo-rico.

<sup>159</sup> Na versão datiloscrita integral, lembrete a tinta preta, na margem: “Ajuntar o ‘como brasileiro’; vincula-se ao projeto de MA *Gramatiquinha da fala brasileira*.”



– Não tem não senhor, ninguém faz nada nesta terra desgraçada. Afinal topamos com um casal de maleiteiros na janela e as famílias na porta, maleiteiríssimos também.

– Quantos filhos o sr. tem?

– São doze, senhor... difícil de sustentar nesta terra desgraçada.

Logo adiante:

– Menino, você não sabe quem tem umas bananas pra vender?

– Não tem!

– Não tem? Como não tem! porque não plantam!

– Ah... é uma terra desgraçada.

E fazia um calorão desgraçado. Voltamos pra bordo. Aliás estávamos desde início do passeio sem a companhia de dona Olívia. Esta não dera nem dez passos em terra, voltara se esconder na cabina, pra não ver aquela gente, sem uma exceção, comida pela maleita. Chegados a bordo, vinha chegando da margem peruana uma lancha a gasolina. Saltou dela um peruano moreno, forte, com sangue vivo por detrás da morenez. Falava muito e tomou conta do navio.

E desejei a maleita, mas maleita assim, de acabar com as curiosidades do corpo e do espírito<sup>160</sup>. Foi assim. Nem bem chegamos a bordo, Trombeta<sup>161</sup> veio logo alvoroçada avisar que estava no bar um moço maravilhoso de lindo. É mesmo assim<sup>162</sup>: sempre que o vaticano para num porto, todo o pessoal melhorzinho de terra vem pra bordo. Ficam por aí. Fomos ver o tal moço e era realmente de uma beleza extraordinária de rosto, meio parecido com Richard Barthelmess<sup>163</sup>. Mas inteiramente devorado pela maleita, a pele dele, duma

160 Apensa à versão datiloscrita está a nota a grafite em folha de bloco de bolso, usada como ficha: "Turista Aprendiz/ Aproveitar os dois/ artiguetes/ "Maleita"/ que estão no/ Album IV". Esse álbum de recortes exhibe duas crônicas de MA no paulistano *Diário Nacional*, "Maleita" I e II; exploram o assunto nos dias 8 e 15 de novembro de 1931, suscitando cartas de leitores respondidas na série "O castigo de ser" I-III, em 22 e 29 de novembro, e 6 de dezembro (V. ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit, p. 453-472). A matéria nos "artiguetes", ao que se entende, foi sintetizada no diário (V. a transcrição dos mesmos no "Dossiê", nesta edição).

161 Na versão datiloscrita integral, rasura a tinta preta: substituição de "Dolur" por "Trombeta".

162 Os segmentos grifados e unidos por um fio a grafite "mas maleita assim", "Foi assim" e "É mesmo assim:" evidenciam a repetição próxima da palavra "assim" a ser sanada; indício de obra inacabada.

163 Richard Barthelmess (Nova Iorque, 1895 – Southampton, 1963). Galã do cinema norte-americano.

lisura absurda, era dum pardo terroso sem prazer. As meninas ficaram assanhadíssimas e, como deixavam todo mundo olhando e desejando elas, principiaram fazendo tudo pra o rapaz ao menos virar o rosto e as espiar. Pois ele não olhou. Todo o barulho que fazíamos, nada o interessava sequer pra uma olhadela, não olhou. Pagou a bebida e saiu, sem olhar. As meninas foram atrás. Ele, encostado na murada, olhava pra fora. As meninas principiaram passeando pelo deque, conversando alto, num enxerimento atrevidíssimo. O que fez o rapaz? não olhou, desceu de bordo e foi-se embora sem olhar uma só vez pra trás. Então desejei ser maleiteiro, assim, nada mais me interessar neste mundo em que tudo me interessa por demais...

Paramos de novo, de volta em Esperança pra tomar lenha. Noite caída. Soubemos de um bailarico ali perto, celebrando um casamento e fomos até lá, dançar, o fiscal da alfândega de Manaus, as duas moças e eu. Íamos num casquinho absurdo de pequeno, em que mal cabíamos os quatro, rebordo do barco à flor d'água. E cai uma tempestade, mas famosa. Fomos obrigados a abicar de qualquer jeito e flechar na disparada pelo trilho até a casa que já se enxergava uns cinquenta metros acima. Chegamos lá encharcados e a festa parou por nossa causa, esta hospitalidade servil... A noiva, bem parecida, a mãe dela, foram cuidar das meninas, deram roupas pra elas, enquanto esquentavam ferro pra enxugar as calças de montar das duas e as blusinhas. O noivo inquieto, não sabendo o que fazer comigo. A festa parou. Depois nos ofereceram quinado e aluá, com o seu gosto azedinho agradável, excessivamente perfumado de canela. Fizemos a saúde dos noivos e o baile recomeçou, ao som duma flauta, inimiga do violão gordo que todo se esbofava pra acompanhar as corridinhas dela. O noivo se levantou, foi buscar a noiva pela mão, e trouxe ela, me ofereceu, pra ela dançar comigo, não é maravilhoso! E foi dançar com Trombeta<sup>164</sup>. Depois dançou com Balança<sup>165</sup>. E por ali ficamos nós dançando, ao som dos dois instrumentos e dum soldado que cantava de olhos baixos, creio que não nos olhou uma vez, de vergonha. E era soldado! O vaticano berrava lá embaixo nos chamando. Fazia luar. Alguém tinha ido buscar nosso casquinho, que estava ali no porto. E fomos de rodada rio abaixo, ao luar, cantando o *Luar do sertão*, inchados de romantismo, com um sofrimento bom dentro do peito.

164 No datiloscrito da versão que chega ao cabo, no registro deste dia 18 de junho, o nome "Dolur" é substituído, a tinta preta, por "Trombeta", em todas as ocorrências.

165 No registro deste dia, na versão datiloscrita completa, o nome "Mag", em todas as ocorrências, é substituído por "Balança".



Eram quase três horas da manhã e a Rainha do Café<sup>166</sup> fazia muito se recolhera. Acordamos o homem do bar, na intenção de tomar um alcoolzinho forte, evitando algum resfriado. Tomei meu gole, e fui na cabina trocar minha roupa encharcadíssima, deixando as moças com o moço fiscal. Não demorei talvez quinze minutos, mas assim que cheguei no bar, percebi o estrago. Não sei o que o rapaz apostou com as moças, e elas, liberdosas de educação, tinham bebido muito, cálice de pinga sobre cálice. Não durou muito, mandei tudo pra cabina, principiou uma bulha escusa na cabina delas que, se de um lado pegava com a minha, do outro, vizinhava com a da criada de dona Olívia<sup>167</sup>, esta logo em seguida. Aos poucos a bulha aumentou. Eram lamentos doloridos de Trombeta, ao passo que Balança me chamava pelo nome, entre risadas de não poder mais. Eu incomodadíssimo, se a Rainha<sup>168</sup> acordasse e fosse ver... encontrava as duas completamente bêbadas. E eu que estava desde o princípio da viagem engolindo coisas, pra evitar desgostos a dona Olívia...<sup>169</sup>

– O que é, Balança! por favor, fique quietinha!

E vinha, agora mais claro, o choro de Trombeta, me chamando. Me vesti às pressas, e saí no deque. O que havia de ver! Elas, porta da cabina escancarada, Balança deitada no chão da cabina, Trombeta na cama, com as pernas no chão, agarradas por Balança. É que Trombeta, nem com ajuda de Balança, conseguira arrancar uma das botas que trazia, e agora! Nisto acendem luz na cabina de dona Olívia, fiquei estarecido. Apagaram a luz. Mas se alguém me visse entrar ou sair da cabina das moças, elas já iam tão mal faladas, eu sabia, por causa de suas liberdades modernas!... E os lamentos de Trombeta tendiam a aumentar. E os esforços de Balança a faziam rolar no chão da cabina, cada vez rindo abafado mais. Acendem de novo a luz, é dona Olívia. Aviso com gesto. Apagam a luz, ah, não pude mais! Morres de fraco? Morre de atrevido, murmurei com Bocage<sup>170</sup>, disse uma bocagem por dentro, entrei, arranquei a bota de Trombeta. Vontade de bater.

166 Substituição a tinta preta de "dona Olívia" por "Rainha do Café", na versão datiloscrita integral.

167 Esta seqüência guarda os dois nomes do personagem, no datiloscrito integral do diário.

168 No datiloscrito: "dona Olívia", substituição a tinta preta.

169 Na versão datiloscrita integral convivem o apelativo "dona Olívia" e a alcunha "Rainha do Café".

170 Manuel Maria de Barbosa l'Hedois du Bocage (Setúbal, 1765 - Lisboa, 1805), poeta português da transição do classicismo para o romantismo; famoso na sátira pelos versos em baixo calão.

**19 de junho.** Às cinco da madrugada, Tabatinga, último Brasil, que vi em sonho. Às seis, primeiro Peru, Leticia, apenas entrevista. Às dez portamos em Vitória, usina de açúcar do peruano dr. Vigil, lindo posto, progressista, limpinho, ar de felicidade. Provei a frutinha marmela, assim meia sem graça, com gosto de boba. Os peruanos nascem todos na Itália, gesticulam, fazem um barulhão. Este dr. Vigil, num segundo provou ser homem estupendo. Forte, otimista, bom, carinhoso, delicado, patriota, sabido, quando não sabe, inventa. Porém em dois anos levantou esta usina de açúcar extraordinária. Visitamos todos os duzentos e sete milhões de carapanãs que o usineiro cria com a ajuda de duzentos e quarenta índios que o dr. Vigil conseguiu domesticar e fazer trabalhar com eficiência. Nós, peruanos, afinal dá orgulho, nem bem saindo do Brasil maltratado, sem nenhuma iniciativa mais corajosa, apodrecendo por esse mundo de água, mal enfia a faca no Peru, pronto, uma iniciativa linda, maquinário moderníssimo importado de quanta Inglaterra e EE.UU.<sup>171</sup> tem máquina por aí tudo, tudo movido a sangue peruano e desenhos de Zuloaga. Partimos entusiasmados, depois da visita à serraria, à usina e passeio pelos canaviais, em vagonetes puxados a quéchuas correndo, Juan e Manuelito, me senti toreador<sup>172</sup>. Aliás o dr. Vigil veio conosco pra Iquitos, e já substituiu o fonógrafo do dr. Hagmann, junto da Rainha do Café<sup>173</sup>. Que sorri com paciência.

**20 de junho.** Paramos madrugada no porto de lenha Chimbote. A bordo uma crilada maleitosa. Pelo almoço passamos ao largo de San Pablo, colônia de leprosos com seus banheirinhos a beira-rio... Vida de bordo. Primeiro índio nu adulto avistado. O dr. Vigil está se tornando insustentável como espécie de simpatia. Chegou a falar em jacarés de doze metros! Admirável é ele contar a guerra que os peruanos tiveram com os chilenos. Desde o primeiro dia, peruano vai dando cada pisa em chileno, que só vendo, não perdem um combate, uma emboscada, só surram. No fim, perderam a guerra. E só vendo o ódio, não se fale em chileno, olho de peruano fuzila. Guaribas nos galhos.

171 Na época, abreviatura de Estados Unidos; hoje USA.

172 A palavra, em espanhol, parodia a ária "Toreador" da ópera *Carmen* de Bizet (Paris, 1838 - Bougival, 1875), frisando a fanfarronada do diarista.

173 Rasura: o segmento "de dona Olívia" é riscado e substituído a tinta preta por "da Rainha do Café".



**21 de junho.** Vida de bordo. Estamos nos conformando com chegar a Iquitos, la gran capital de la provincia de Loreto, visita oficial, recepção oficial... De vez em quando um assovio longo firme fura o verde do mato, o que é! Índio. Índio civilizado avisando pra diante que tem vaticano passando. Praias que vêm boiar, na vazante, se esquentando ao sol. E agora conto o que houve? não conto. Sei que dei um estrilo fantástico com o capitão do vaticano, o médico, todos esses brasileiros que estavam em terra deles. Mas disse o diabo. Gente mansa que nem eu, é assim, quando perde as estribeiras, não tem mais medida, xinguei todos, e saí, batendo com violência a porta do camarote do capitão. E fui ter com o safado, nada mais nada menos que o capitão, el gran capitan Carrillo, jefe del puerto de Iquitos, cheguei na frente dele, estava frio, sem sangue, e falei, nem sei com que voz falei:

– O sr. afaste-se ou lhe meto seis balas no bucho!

Depois até ri, não só não tinha revólver como não sei se o capitão saberia o que é bucho. E fiquei ali, encostado na amurada, isto foi depois do jantar, em frente aos nossos camarotes, que eram os primeiros da esquerda do navio, junto à proa. Hora de fazer o quilo, todos passeando pelo deque circundante do navio. O gran capitan ficou passeando também, com o filho de onze anos, emburrado, com uma cara de querer ser furioso. Eu na calma, encostado na amurada, dando as costas pro rio, vendo o pessoal na passeata. Afinal uns sentaram, outros foram pro salão, outros pro bar. O capitão passeando. Eu ali, firme. Pensava? Homem! havia uma calma fria em mim, esse fatalismo dos sem coragem, mas incapazes de se acovardar se a ocasião chega mesmo. Cada vez que o capitão passava, eu o seguia com os olhos, desde que ele despontava longe, até virar na proa. Mas ele não me olhava um naco, se olhasse, eu perguntava "nunca viu!", ali, na fatalidade. As meninas souberam, parece que o capitão aposentado que viaja à disposição de dona Olívia contou pra elas, estão palidíssimas, querem disfarçar, já vieram me pedir pra não fazer nada, fazer nada!

– Vocês vão embora! Disfarcem pra dona Olívia não perceber.

E ali na calma, sempre no mesmo lugar. Alguns entram para as cabinas. O silêncio vai caindo aos poucos a bordo. Eu ali, na calma. Calma! que besteira! No inferno, fingindo calma. O capitão passeando, cada vez mais trombudo. O menino filho dele faz tempo que está dormindo. E assim ficamos horas. De manhã chegaremos a Iquitos. Horas tantas, até me distraí do que estava fazendo, positivamente não tenho ânimo bélico, principiei pensando noutra coisa. De repente tive um susto, ué, ele não vem mais? Prestei atenção. Não vinha mais. Pensei: naturalmente foi deitar. Pensamento que "naturalmente" acompanhei de um imenso palavrão, endereçado ao capitão Carrillo, capitão do porto de Iquitos, viajando a bordo do vaticano *São Salvador*, terra do Brasil. E é estranho o fatalismo: friamente, sem

nenhuma vontade, sem nenhuma raiva, fui, fui mesmo, e passei, no outro lado do navio, na frente da cabina do Carrillo, fazendo os meus pés voluntariamente soarem no chão. E então fui deitar, ôh como estava cansando! sem ter coragem, a alma doía, toda nevalgizada, que não se podia tocar. Assim mesmo me lembrei que pelo menos eu ficara parado e bem encostadinho todas aquelas horas de angústia, ao passo que o coitado do Carrillo bem que devia ter andado por aí umas três léguas de tombadilho. Estava sem nenhuma vontade de rir, mas ri.

**22 de junho.** Iquitos pela manhã. "Siembren algodón y café – Trabajen la goma elástica." Caceteações de recepção oficial, uma centena de apresentações. O presidente da província, todo de branquinho, um peruanito pequetito, chega, vai no salão, senta, troca trinta e quatro palavras com dona Olívia, se levanta militarmente e parte. Então o secretário dele ou coisa que o valha, me avisa que ele espera em palácio, a retribuição da visita dentro de duas horas exatas! Como os reis em Londres ou na Itália, viva o protocolo! Faz um calor! Bem me disseram que em Iquitos o calor era mais forte que o de Manaus. E carapañas, aqui llamados sancudos, pleno dia. E me enxugo e quando acabo de me enxugar, estou molhado de suor. E este calor! e estes sancudos!... Homem! sei que sentei na cama desanimado, me deu uma vontade de chorar, de chamar por mamãe... Em palácio, recepção alinhada, tudo de branco. Tive que fazer de novo o improvisado que fizera pela primeira vez em Belém e repetira já várias vezes, sempre que encontrava discurso pra dona Olívia pela frente. Só que desta vez, quando chegou o momento de dizer que não sentíamos "limites estaduais", mudei pra "limites nacionais", e a coisa foi aceita da mesma maneira. Almoço a bordo. Passeamos livres. Por aqui não há proteção alfandegária pra certas indústrias que os peruanos têm a lealdade de confessar que não têm: ai que delícia! chocolates suíços e várias outras conservas europeias baratinhas... Chica helada, un real: gostico pobre de aluá aguado. Y los chinos, caramba! MODUS VIVENDI, carpinteria de António Bardales. ZAPATERIA, de Juan Chiong. Iquitos é cheia de viudas, passeando com véus nas ruas calçadas a tijolo. Casas lindas de azulejos de várias cores. Resolvemos, as moças e eu, chamarmos o capitão do nosso vaticano de Hideous Poxie<sup>174</sup>. Telegrama 102\$000. "Siembren algodón y café – Trabajen la goma elástica" está escrito nas calçadas. São dois norte-americanos do maior patriotismo peruano, que de noite, escrevem estas coisas nas ruas, pra fazerem depressa bastante negócio e voltarem pra terra deles que é melhor. Passa um vestígio de peruano, com uma costeleta

174 Hideous Poxie, Bexiguento Horrroso, é o apelido dado ao comandante cujo rosto conserva marcas de varíola; fotografado por MA, no curso do baixo Solimões, em julho de 1927.



enorme pendurada na maleita. Não há muitos pretos por aqui, até agora não vimos nenhum. De repente eis um, um? Um negativo de fotografia, foi minha impressão: mãos e cara, pretos, tudo o resto, branco, exatamente um negativo. Nos acompanha o cônsul do Brasil, um Mellito surdo e burro. Chapéu-de-chile, setenta mil-réis. Janta em terra com Saavedra y Pinon, corretíssima. Salada de abacate, comida pela primeira vez. Às onze horas partida pra Nanay.

**23 de junho.** Amanhecemos em Nanay, mas não levantei logo, meio preocupado com a decadência social de dona Olívia. Em Manaus ainda ela era rainha. Em Remate de Males chamaram-na de condessa. Ontem *El Dia* de Iquitos comunicava aos peruanos a chegada da "Dra." (sic) Olívia Penteado. Estão embarcando duzentos toros de caoba, cada um pesando de duas a três toneladas, me disseram. Caoba é castelhano; aqui na região se diz aguano, nós dizemos mogno... Vão pra Boston, pra uma fábrica de vitrolas. Estamos no meio da lagoa, enxergando a vista convidativa, meia paulista com seus morrinhos e os coqueiros pipaios. Vamos à terra visitar um pueblo de índios uitotas que é perto daqui, dona Olívia, as duas moças, um americaninho de Iquitos e eu. A espécie de porto, ou melhor, de cais era uma jangada fixa, mas que distava um meio metro da praia quase a pique e lamacenta. Pulei na jangada, fixei bem um pé nela e outro na lama de praia e dei a mão pra dona Olívia. Ela irrefletidamente pula direto na praia mais que íngreme, escorrega, cai de joelhos, e isto mesmo porque agarrei no braço dela. Foi um minuto de angústia, ela se esforçando com os joelhos e a mão livre pra se agarrar na terra e esta, lamacenta, cedendo, se via o momento em que ela desapareceria n'água, pela fenda entre a jangada e a praia. Afinal conseguiu se firmar. Bom, disfarçamos o mais que pudemos nosso desaponto com os tais "Não se machucou?", "Como foi, heim?", botando a culpa toda na praia, propondo ela mudar de calçado, pelo menos. E lá seguimos, com o guia de dentes pretos, de mascar coca<sup>175</sup>. O caminho de índio no campo. O guia, se vê algum companheiro da maloca, solta uns gritos curiosos, meio parecidos com certos gritos de cowboys. O aldeamento é já um pueblo de índios se vestindo como nós, isto é calça e paletó, ou calça e camisa, e hablando uns farrapos de espanhol. Casinhas de taquara com cobertura de folhas de coqueiro, admiravelmente bem trançadas. Em geral dois compartimentos, um ao ar livre, outro fechado. Só a casa do centro, grandona, era mais característica, um casão enorme, muito alto, duma sala só, toda de folha de coqueiro, paredes e tudo, com a aberturinha no alto pra fumaça ir tomar

175 A caminhada do viajante, seguindo o índio, dá origem a três crônicas de MA intituladas "De a-pé", em sua coluna Táxi, no *Diário Nacional*, em São Paulo, a 14, 20 e 22 de dezembro, 1929 (V. ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit, p. 169-174.)

ar. Dentro desse mocambão tinha, dos lados, armações de madeira, em cada uma morando uma família, em legítimo segundo andar. O centro é alisado, pra trabalhos, onde num lado tinha um cocho com macaxeira fermentando pra fazer bebida, e em de mais longe uma índia moça, que fora depilada já, os pelos curtos eriçados na cabeça, pintada de jenipapo, fazendo farinha. Duas outras estavam depenando um papagaio, carne dura, pra comer. Pote lindíssimo, fiz o diabo pra comprar, mas só consegui comprar outro, de muito menor interesse. O tuxaua<sup>176</sup> estava regidamente em pelo, cismando numa rede, quando entramos na casa. Meteu uma calça e veio nos receber. Gente em geral bonita. Uma índia chegava a linda e a quisemos fotografar, que não! "Si quieren, tienen que pagar!" rindo muito. O Governo peruano cede este lugar aos uitotas, com a condição deles trabalharem vinte dias por ano... pra si mesmos, fazendo plantações. Mascam a coca e vivem. Fiz tudo, insisti, ofereci bastante dinheiro pra me darem um pouco de coca, não houve meios. E voltamos pra bordo, ninguém mais não caindo. Noite a bordo com americanos e ingleses divertidos. Os peruanos, descendentes de espanhóis, falam com orgulho patriótico nos incas, na civilização incaica, na música incaica. Também há brasileiros que querem lançar o estilo marajoara.

24 de junho<sup>177</sup>. Nanay. Acordei madrugadinha com a bulha do embarque de toros. Não eram nem cinco horas, e saí de pijama no deque pra assuntar um pouco a vida. A primeira coisa que enxerguei foi logo o índio irônico de ontem, num casquinho, rodeando o navio. Estava de olho no deque, e assim que me viu, mostrou a serra dos dentes se rindo satisfeito. Eu estava inda com esperança de provar coca e fiz um gesto, pra que ele encostasse o casquinho no vaticano. Era só isso mesmo que ele esperava. Desci pra terceira, enquanto, em duas remadas, ele chegava junto de mim. Embarquei na canoa e falei pra ele remar pro largo. Estava mesmo decidido a engambelar o uitota e conseguir o excitante. Ele remou, sempre se rindo com aquele jeito de esperto, e quando a bulha só chegava mansa em nossas águas, principiou lá na língua dele:

- Me falaram que o senhor faz cantigas, o senhor estava escrevendo num papel...
- Faço sim. Por isso que pedi coca pra você. Queria escrever uma cantiga da coca, mas sem provar como que posso fazer?

176 Cacique, chefe da aldeia indígena.

177 Esta edição conserva, por considerar uma hesitação, o duplo registro do dia 24 de junho que demarca, neste caso, a coexistência do trecho remanescente da versão datiloscrita parcial com o trecho na versão datiloscrita integral.



Ele riu meio envergonhado, matutando, e secundou firme:

– Coca não dou não, não tenho...

– Ora deixe de história! Já falei pra você que dou dez soles se você me dá um pedacinho. Você não dá, eu compro na cidade!

– Em Iquitos?

– Em Iquitos.

Ele tornou a rir sossegado.

– Chinês inda não vende coca...

– Eu me arranjo, garanto pra você. Se pedi é porque ficava mais fácil.

– O senhor vai escrever muitas cantigas, é?...

– Vou.

– O senhor ontem falou pra aquele moço que quase não tem boca, que era pena ver a gente, preferia ver inca...

Eu estava com raiva de não conseguir coca e:

– Falei sim. Os incas são um povo grande, de muito valor. Vocês são uma raça decaída.

Ele molhou os olhos nos meus muito sério:

– O que que é “decaída”?

– É isso que vocês são. Os incas possuíam palácios grandes. Possuíam anéis de ouro, tinham cidades, imperadores vestidos com roupas de plumas, pintando deuses e bichos de cor. Trabalhavam, sabiam fiar, faziam potes muito finos, muito mais bonitos que os de vocês. Tinha leis...

– Que que é “leis”?

São ordens que os chefes mandam que a gente cumpra, e a gente é obrigado a cumprir senão toma castigo. A gente é obrigado a cumprir essas ordens porque elas fazem bem pra todos.

– Será?

– Será o quê?

– Será que elas fazem mesmo bem pra todos...

Os olhos dele estavam insuportáveis de malícia.

– Fazem sim. Se você tem casa e tem mulher, então é direito que um outro venha e tome tudo? Então o imperador baixa uma ordem que o indivíduo que rouba a casa e a mulher do outro, tem de ser morto: isso é que é uma lei.

– O senhor vai botar tudo isso na cantiga, é?

– Decerto.

– A gente possui lei também.

– Mas são decaídos, não fazem nada. Onde se viu passar o dia dormindo daquela forma. Por que vocês não fazem tecidos, vasos bonitos... Uma casa direita, de pedra, e não aquela maloca suja, duma escuridão horrorosa...

O uítota se agitou um bocado. Agarrou remando com muita regularidade, olhos baixos pra esconder a ironia luminosa que morava nos olhos dele. E se pôs falando com a monotonia das remadas, depois de acalmar bem a expressão e poder me olhar sério de novo:

– Moço, pode botar tudo isso na cantiga, que está certo pro senhor... Se o senhor me entendesse na minha fala eu contava melhor... Vossa fala, sei pouco. O senhor fala que a gente é decaída porque não possui mais palácio, está certo, porém os filhos do inca também não possuem mais palácios não, só malocas.

– Pois é isso mesmo: eles também são raça decaída!

– Não são não! Os filhos do inca já não fazem mais palácio, isso sim. De primeiro eles faziam palácio, agora já não fazem mais, o senhor me entende? E não é porque espanhol tomou palácio que filho de inca não faz mais outro, filho de inca é feito a gente, podia fazer outro. Mas inca foi fazendo, fazendo palácio, teve um dia que fez um palácio tão bonito, era tão lindo que a gente parava assustado. Pois então veio outro imperador e fez outro palácio que também era tão lindo que a gente parava olhando. Ficou... não ficaram dois palácios não, ficou um palácio e ficou outro palácio, a gente parava olhando um palácio e parava olhando outro palácio... Cada um era mais lindo que o outro, contam os pais das tribos, e foi uma revelação terrível. Todos puseram reparo, por causa do caso dos palácios, que tudo era a mesma coisa, tecidos de penas e leis. Tinha de tudo e tudo era do bom, porém tudo era do melhor. O imperador ainda quis mandar uma ordem mandando a gente achar melhor só o palácio e a lei que ele tinha feito, porém a gente parava da mesma forma, olhando, na frente dum palácio e do outro palácio; e, por causa da lei, teve uma guerra temível entre os soldados do imperador e o povo. Quando se acabou, o povo que ganhara porque tinha brigado com certeza. Pois então puseram, no lugar do imperador, o primeiro moço que percebera que um palácio não podia ser mais bonito que o outro. Vai, o moço mandou uma lei ordenando que ninguém não construía mais palácio, porque no fundo da gente, a gente pondo reparo, no escuro, tinha um outro palácio mais guaçú, tão lindo, mas tão mesmo! que era impossível construir. Todos quiseram obedecer à lei do moço que sabia tanto, porém foi impossível por causa que isso não resolvia nada; nem caso de palácio nem as leis que deviam de fazer a felicidade do povo. Não resolvia porque se a gente assuntava, no escuro, o fundo da gente, percebia o tal de palácio muito lindo ou a tal de lei que fazia mesmo a felicidade, julgava assim e estava certo. Porém, atrás de palácio muito lindo e da lei perfeita, que de tão grandes não podiam ser praticados na vida que vai passando,



atrás do palácio e da lei, no fundo da gente, no escuro, aparecia outro palácio e outra lei que pareciam inda mais perfeitos, mas que a gente nem podia saber se eram mais perfeitos mesmo, porque não era possível construir esses palácios sobre o chão, nem obedecer pras leis que, de tão boas, nem a gente conseguia saber quais eram!... Então toda gente se revoltou, e um terno de exaltados, de tarde, pegaram no moço tão sábio, e o enforcaram na maloca pobre dele. De muito que os filhos do inca já conheciam a coca, porém uma lei sempre falara que ninguém podia mascar coca, só doente morrendo. Os pais das tribos contaram os casos dos palácios pros filhos do inca, e eles ficaram horrorizados com as mortes que tivera na guerra e na revolução. E foram, que nem uitota, muito mais sabidos, porque não fizeram mais guerras nem revoluções. O branco venceu a gente e se aproveita disso. Por se aproveitar é que dá terra pra uitota morar e mandou uma lei de índio trabucar no roçado vinte dias por ano. Uitota podendo nem os vinte dias trabuca, é muito. Uitota nem carece imaginar se é feliz, porque agora ele já passou pra diante do tempo do palácio e da lei. Uitota é feliz, moço, não é gente decaída não. Uitota não tem lei porque é feliz e por isso anda direito. Bota coca na boca e se alimenta. E vive bem. Uitota só sabe o que Deus manda porque os uitotas agora possuem um deus que manda neles. Não se amolam mais com o palácio de pedra nem com o palácio que tem no fundo da gente, no escuro.

Parou fatigado e remou pro vaticano. Chegando, se despediu assim:

– Tenho coca no bolso, aqui, porém dou não. O senhor tem um imperador que inda proíbe mascar coca... Pois então porque que o senhor desobedece! Assim inda fica mais infeliz. Não valeu de nada eu contar, sei. É muito tarde, não, é muito cedo pro senhor não ser infeliz... Falei mas foi pro senhor escrever uma cantiga mais bonita.

**24 de junho.** Inda Nanay com o barulhão do embarque dos toros. Manhã meia pau. Pelas doze horas volta a Iquitos. Grupo a passeio, tomando helados. Encontro com o cônsul que outra coisa não faz senão nos encontrar, ora bolas! Passeio no trezinho urbano. Bairro pobre com casitas mui lindas, mais que as brasileiras. Janta ótima, cerveja alemã legítima, as melhores conservas inglesas. Noite, baile oficial, no Clube Internacional, onde as danças ainda se iniciam com a quadrilha também oficial. Dona Olívia dança bem, com o prefeito de Loreto, que atrás chamei de presidente de província. Não é, é prefeito do departamento de Loreto. As moças (eu tive o bom senso de não dançar) erram tudo, como boas modernas. Balança é tomada dum *fou rire*<sup>178</sup> que nos envergonha bem. No baile é que me falam de Silurga.

178 Tradução do francês: frouxo de riso.

### Em busca da infelicidade<sup>179</sup>

Um amigo que desfez o lar.

I – “O que me preocupa é Silurga, minha filhinha. Miriam é jovem e bonita, não há-de se acomodar com a posição de desquitada...” Me admiro do nome.

II – Como foi composto o nome de Silurga.

III – Minha sensação da impossibilidade de se ser feliz com tal nome. Não é blague não, há razões psicológicas.

IV – Os pais do meu amigo Adamanto que acaba de desfazer o lar se chamavam José e Maria, e foram felizes. Psicologia dos pais que dão nome extraordinário aos filhos. Desejo do excepcional, do brilho raro, do gênio. Na verdade vaidade dos pais. A felicidade que desejam pros filhos é relativa, querem é o sucesso: “Minha filha vai ser uma Guiomar Novais”<sup>180</sup>.

V – Psicologia da pessoa que carrega nome extraordinário. Há-de insensivelmente descambar pra tendência de se excepcionalizar do comum.

a) Sucumbirá com frequência às tentações, porque se chama Silurga, não é como as outras.

b) Seus namoros serão espantosos. Mas um dia vê um engenheiro lindo e forte, de futuro, chamado José. Silurga logo tem vergonha do nome. Não contem meu nome pra ele. Acaba contando, mas José tem um grande espanto, se afasta.

c) Se estudar, Silurga dará filósofa e psicanalista, é fatal. Cai numa roda literária, onde terá camaradagens muito descompostas com um poeta futurista chamado Taumaturgo. Porque os dois se sentem excepcionais.

d) E se casar Silurga exigirá iguais direitos, não ter filhos que a deformem e um dia, nunca ela saberá bem porque, mas dá o fora no marido. Seu destino não é de mulher casada. A sinceridade vale tudo. E um novo lar estará desfeito.

VI – Ninguém sabe bem por que, mas na base dessa destruição está o nome de Silurga, aquele nome procurado pra que ela fosse excepcional e que a predestinou à infelicidade. Não lembro se Gide se Huxley fala no como o homem organizou certo a vida dos animais domésticos, os de casal acasalando, os de sultanato dando-lhes haréns,

179 No dossiê de *O Turista Aprendiz*, estão a nota prévia a grafite com as observações sobre nomes estapafúrdios, no anverso de uma folha de bloco de rascunho, e o plano da narrativa *Em busca da infelicidade*, cuja heroína se chama Silurga. O plano é um autógrafo a tinta preta, no anverso e no verso de folha de bloco de bolso.

180 Guiomar Novais (São João da Boa Vista, 1895 - São Paulo, 1979), pianista de renome internacional.



evitando-lhes as guerras e os defeituosos conúbios. Só pra si os homens não conseguem arranjar nada de bom. Buscam todos os meios de infelicidade e chamam os filhos de Taumaturgo, Iseo, Miriam e Silurga em vez de Armando, Júlio, Paulo tão agradáveis de dizer. E por isso, em grande parte por isso, mais o lar do meu amigo se desfez. Me esqueci de contar que esse meu amigo se chama Adamantho.

---

Iquitos, 24 de junho<sup>181</sup>. Nomes numa família nortista (Wanderley) residente em São Carlos (São Paulo):

Braslianite

Braslianife

Braslianisque

Cajubi

Cajuci

Cajudi

E a última aparecida chamaram de Calobrama.

---

Gustavo o pai, Almira a mãe – a filha = Gusmira.

---

Uma preta de Araraquara chamou a filha de Vanadiol<sup>182</sup>.

---

E acabada a Guerra Europeia outra de Araraquara chamou o filho de Neutro.

---

O atual prefeito de São Carlos, Carlos Simplício Rodrigues da Cunha, pouco menos que analfabeto, que achava bonito ouvir falarem em "rua Davidor", batizou o filho de Davidor.

181 Data grafada de ponta-cabeça (V. nota 183).

182 Título de medicamento: *Vanadiol*: "Tônico que aumenta os glóbulos sanguíneos e vitaliza o sangue enfraquecido", segundo os anúncios nos jornais da época.

Em Iquitos conheci uma chinesa chamada Glória<sup>183</sup>. Eu conheci uma só glória nesta vida... Mas essa me beijou. Diante desta glória sórdida e chinesa tive a impressão dum desarranjo feroz. Ela estava com um nome que não lhe pertencia e me era impossível beijá-la.

#### **O rato das sabinas<sup>184</sup>**

Contaram pro imediato do vaticano *São Salvador*, uma vez, que rato branco matava rato comum. Vai, o imediato querendo acabar com a praga da rataria do vaticano, comprou quatro ratos brancos e botou a bordo pra experiência, porém, como não queria fazer nenhuma criação de ratos brancos, comprou só quatro machos. Nem bem o navio partiu de viagem, principiou aparecendo quantidade de ratos mortos, não restava dúvida, os ratos brancos eram mesmo mais fortes. Porém passado algum tempinho, eis que principia aparecendo a bordo uma rataria malhada que tomou conta do vaticano, custou acabar. É que, em tudo, os ratos brancos eram muito mais fortes que os comuns.

#### **Pra um dia de Iquitos<sup>185</sup>**

Cada vez que descemos de bordo nos examinam. Mas há um caso delicioso de contrabando. Era 24 de junho e estava um vaticano no porto. Então os marujos se lembraram de fazer um boi-bumbá pra brincar na cidade. Armaram logo um boi enorme, que precisava até dois homens por debaixo pra mover. E um marinheiro era Mãe Catirina, outro Cazumbá, formaram o grupo todo que lá foi descendo do navio no cais flutuante. Os guardas divertidos deixaram o grupo passar com suas danças gozadas,

Boi Caprichoso já não quer comer capim  
Vaqueiro, faça a vontade que o boi quiser...

183 A pequena folha de bloco que registra, no anverso e no verso em autógrafo a grafite, a pesquisa de apelativos inusitados, também considera o trocadilho com o nome Glória (V. nota 181).

184 Trocadilho com o rapto das sabinas, episódio lendário da história de Roma quando os homens da recém-fundada cidade roubam mulheres no vizinho povo sabino.

185 Registro sem data; autógrafo a tinta preta em folha milimetrada de caderno de bolso. Considerado o suporte, presume-se escrito durante a viagem, em 1927.



lá foram. Bem dentro da cidade porém, num escuro de combinação com peruano de algum boteco, viraram o boi. Estava cheio de garrafas de pinga e maços do famoso cigarro brasileiro. Ganharam um dinheirão.

**25 de junho.** Me esqueci de contar: ontem, passeando, passamos pelo cinema local que com grande estardalhaço anunciava último dia do grande filme *Não percas tempo* com William Fairbanks<sup>186</sup>. É que o filme ia e vinha no navio, conosco... Hoje partiremos. Visita matinal ao mercado. Inda menos interessante, como coisas à mostra, que o de Manaus. Mas a gente é de se ver. Aliás depois da fronteira, frequentemente encontramos páginas de boas revistas norte-americanas pelos matos e calles. A gente peruana é bem mais bonita que a brasileira amazônica, a mudança é sensível, e não se trata de pessimismo nativista. E que gente sem complexos, dá inveja. O Peru é o melhor país do mundo. No Clube, vendo os interessantes desenhos de jornais e revistas de Quito, me afirmaram que os peruanos são os melhores desenhistas do mundo<sup>187</sup>. Mas o mais interessante é a guerra com o Chile, até parece a Alemanha de 14<sup>188</sup>. Venceram tudo e no fim arrebentam em cóleras danadas contra o Chile, por causa deste ter vencido a guerra. Me contaram isso já umas três vezes. E estes iquitenses falam com a boca cheia de pedrinhas chiquititas pero de delicadeza bem discutível, que atiram com os lábios numa afobação habilidosíssima. É mesmo tão rápida a fala, que quando a gente principia recebendo as pedrinhas, pronto: a frase se acabou e se fica sem perceber metade do sentido. O contrário da fala brasileira que quando a gente já percebeu e até decorou o sentido da frase, inda falta mais da metade do mel pra escorrer. Às doze horas o capitão Carrillo teve o topete de oferecer um cocktail a dona Olívia, no Clube Iquitos, e está claro que veio convite até pra mim. Não fui nem as meninas foram, espécie de escândalo. Mas o melhor foi ontem, quando chegávamos de Nanay, dona Olívia ter vindo me pedir pra não sair à rua, nos meus passeios, vestido à americana daqui, de camisa-esporte, sem paletó. Depois da visita oficial de anteontem, saí assim, por ver que saíam assim todos os americanos e ingleses saudáveis do

186 Na versão datiloscrita completa, rasura a tinta preta: lapso de MA na correção indevida do nome "Fairbanks", riscado e substituído por "Farnum". Esta edição não aceitou a emenda (V. notas 61, 107, 232).

187 A Coleção Mário de Andrade de Artes Plásticas conserva, no IEB-USP, a caricatura do escritor, aquarela com a dedicatória: "Al Doctor Mario de Andrade/ VICTOR MOREL/ En Iquitos/ VI-27", (V. BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de. Op. cit., p. 261).

188 Referência à 1ª Guerra Mundial, com início em 1914; terminada em 1918.

lugar. Mas diz-que causei escândalo, porque era visitante, e consideraram aquilo desrespeito à heroica capital do departamento de Loreto. Pelas duas horas, fui visitar o meu encanto desta terra, a pintora Zarela Menacho, numa casa de pátio que é a mais linda de Iquitos. Encanto de visita. 16 horas, visita oficial de despedida ao prefeito, mais *speech*. Parecia o papa recebendo a rainha da Bélgica. E o cônsul, ôh! o cônsul... 17 horas partida, todo o Governo e toda Iquitos no cais flutuante. E a vida de bordo, vapor cheio. Os toros de caoba, empilhados na proa, impedem a vista livre. Frescor e rapidez da descida. O vaticano parece outro, rápido, buscando o meio do rio, abandonando as margens longe. Mas a neblina para o navio pela noite.

**26 de junho.** Céu nublado, chuvas. Passamos San Pablo pelo almoço. Vida de bordo, atopetada de gente, não é só brasileiro que viaja cheio de filhos. "Dá-me tu mano, para que non resvales". "Ya lo creo". "Sirva-se usted". Balança namora um inglês completamente desmanchado. O indivíduo com o binóculo equilibrado nos bigodes. Passamos o dia comendo cocaditas peruanas, não se pode mesmo fazer outra coisa mais grave, infelizmente. O pior, com esta noção de navio cheio, é a multidão de pessoas invisíveis que tomam horrivelmente lugar. Não há tolda, não há lugar nenhum em que eu não sinta pessoas em redor. À noitinha, Letícia, alfandegária. O dr. Vigil se despede. Corre que é contrabandista, o que o enche ainda de mais interesse. E nem bem vogamos águas brasileiras, aparece muito lampeiro a bordo, um oficial da marinha peruana, que vinha escondido no camarote de Hideous Poxie. Apresentações. E vem Tabatinga, invisível na noite escura.

**27 de junho.** Não vê que lá não sei onde, nas alturas dos Andes, um inglês casara com uma peruana bonita. Vai, um tenente da marinha peruana, regularmente feio, mas com muita simpatia e uma risada franca passando na frente de todos, conseguiu adornar a testa da loira Albion. Vieram a saber do caso, e os manos da peruana, muito vaidosos de sua aliança com a Inglaterra, se reuniram ao cunhado com tanta energia que o peruano teve que se esconder pela primeira vez. Assim mesmo, quando o caso já dormia o esquecimento de umas três semanas, achou jeito de fazer vir o inglês sozinho num lugar afastado e perguntou se era verdade que ele e os cunhados estavam decididos a castigar as volúpias dos tenentes em geral. O inglês fez que sim e o tenente da marinha peruana deu uma surra no tal. Surra vasta que fez o estranho conhecer todas as espécies de camas peruanas, de chão de mucuim até as macas de hospital. A inglesada então pisou nos calos e deu um grito que ativou a embaixada. O tenente se viu com um processo nas costas, porém tomou um tobogã de susto que o fez descer em pouco tempo de três mil metros de altitude a estas



vargens de Iquitos, pelo Marañon. Havia proibição expressa, mas todos protegeram muito o tenentinho, coitado! e nas asas auriverdes do Brasil, ele se escondeu na responsabilidade internacional de um qualquer Hideous Poxie, e nem bem Letícia passada surgiu na luzinha escassa da noite e de todos os dias. E todos o acolheram muito bem e eu fiquei muito edificado. Também: um inglês chifrudo a mais ou a menos, que têm com isso as asas auriverdes da compaixão?

Noite gelada e este dia também. Bateu a "friagem", descida dos Andes como os tenentes. Por nós, paulistas, foi bem recebidíssima. Enquanto estes amazônicos estão todos macambúzios, tiritando, nós numa alegria farfalhante. Manhã em Esperança. Dia em Remate de Males, onde vimos outra vez Richard Barthelmess, que nem a bordo quis vir. Trombeta<sup>189</sup> soube que é filho de italiana e peruano, nascido no Brasil. Noitinha de novo em Esperança. Os ex-noivos, com que dançamos na ida, vieram nos dizer adeus, que simpatia de gente! Não se pode dormir, há crianças que choram. Então Balança<sup>190</sup> inventa cantar como galo. Trombeta<sup>191</sup> a imita, eu imito, o tenente imita, e umas dez pessoas nas cabinas constroem um imenso galinheiro artificial, que se não fez nascer a aurora, obrigou as mães a cuidarem mais dos filhos. Vou dormir. Foi o dia mais rido da viagem.

**28 de junho.** A friagem continua. Manhã em Sta. Rita, onde compramos redes de tucum. Fiquei com remorso, e além da minha, levo agora mais duas redes de tucum, uma pro mano, outra para o meu amigo Pio Lourenço, de Araraquara, que tem a mania mansa da etimologia da palavra "Araraquara". São Paulo de Olivença. Footing com Dolur, conversando psicologia. Vida de bordo, cheirando criança. À noite, Tonantins, onde frei Diogo nos guarda um carneirinho pra comermos no dia seguinte. Embarque de lenha. Rapidez da descida. Partida pelas vinte e três horas.

### Os índios dó-mi-sol

Eu creio que com os tais índios que encontrei e têm moral distinta da nossa, posso fazer uma monografia humorística, sátira às explorações científicas, à etnografia e também social. Seria a tribo dos índios dó-mi-sol. Será talvez mais rico de invenções humorísticas, dizer que eles, em vez de falarem com os pés e as pernas, como os que vi, em vez, no

189 Rasura a tinta preta na versão datiloscrita completa: substituição de "Dolur" por "Trombeta".

190 Na versão datiloscrita completa, substituição a tinta preta: "Mag" por "Balança".

191 Substituição de "Dolur" por "Trombeta", a tinta preta, na versão datiloscrita completa.

período pré-histórico da separação do som, em som verbal com palavras compreensíveis e som musical inarticulado e sem sentido intelectual, fizeram o contrário: deram sentido intelectual aos sons musicais e valor meramente estético aos sons articulados e palavras. O nome da tribo, por exemplo, eram os dois intervalos ascendentes, que em nosso sistema musical, chamamos dó-mi-sol.

É na subida do Madeira que encontro os índios dó-mi-sol. Assim evita, durante a subida a mínima descrição de paisagem, que farei só na descida que é mais rápida. É um paroara<sup>192</sup> que encontro cantando na terceira. Fica meu amigo e um dia pergunta se quero ver uma coisa. Me diz pedir ao comandante uma parada logo ali adiante, na boca dum igarapé e me leva conhecer o tal povo. Dar fisiologia desses índios, toda inventada. Descrever as cerimônias da tribo, suas relações tribais, família, fratrias etc. Religião. Sua filosofia e maneira de discutir. Seu comunismo. No fim, dar uma série de lendas, de pura invenção minha. As lendas etiológicas, se prestam muito para a fantasia. Dar um vocabulário também ficava engraçadíssimo, se prestando a efeitos muito humorísticos, mas só poderiam perceber isso os que soubessem música. E os músicos em geral são tão pouco perspicazes... É melhor desistir do vocabulário.

**29 de junho.** Monotonias da volta. Balseiro: grupo flutuante de paus, árvores, grama, especialmente cedros... A friagem se acabou. Portamos em Fonte Boa, além de outros lugares. O filhote de capivara na canoa. Baileco a bordo. O casal peruano, diz-que dança muito bem, dançam dois tangos teatrais, que é de morrer de rir. Depois os peruanos de bordo dançam a marinera. Sapateado com lenço na mão. Na minha caderneta de diário encontro esta anotação: "A mulher do peruano Fuentes... e eu". Mas não há meios de me recordar o que foi que aconteceu entre mim e ela, coisa feia não foi, isso não se esquece. O diário continua: "Dormir de raiva".

**30 de junho.** Manhã em Caiçara, com o lago lindo pelas costas. Pelo almoço Tefé, com a casa dos padres. Naquela misturada de raças, pediram que assinássemos o livro das visitas, indicando as nacionalidades<sup>193</sup>. Fulano, peruano; Sicrano, sírio; o dr. Tal, gaúcho;

192 O paroara da terceira classe, personagem criado por MA, "conta" casos que o diarista incorpora, na dimensão do seu trabalho etnográfico (V. [A Santa da Pedra] e [O Pai dos Cearenses], neste diário de 1927).

193 Em sua carta ao músico Luciano Gallet, em 31 de maio de 1927, MA aborda as nacionalidades dos companheiros na viagem (V. nota 9, 33, 266, 307, os registros de 28 de novembro, 1 e 3 de dezembro em "Notas de viagem ao Nordeste: diário 1928-1929" e o folhetim "Rio de Janeiro, 28 de novembro, 21 horas" na parte "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", nesta edição).



Schaeffer, suíço; Balança<sup>194</sup>, paulista; Guarda da Alfândega, amazonense; Mário de Andrade, brasileiro. Dentre os brasileiros de bordo, fui o único brasileiro, sem querer. Vida de bordo. A peruada simpática, a americanada também. Vivemos mais com eles: os brasileiros são moral e fisicamente desengonçados. Ora com mil bombas! Torno a encontrar no diário: "A mulher do peruano Fuentes e eu". Agora não tem reticências, entre mim e ela, como da primeira vez. Mas coisa bonita, garanto que não foi, coisa bonita não se esquece. Aliás, no caderno de notas soltas, encontro com esta data, às duas da madrugada, mais a seguinte anotação:

#### A lara

Conseguí avistar a lara. Surgiu de supetão das águas, luminosa, meio corpo fora, tomando bem cuidado em não mostrar pra mim a parte peixe do corpo. É realmente muito bonita, meio parecida com uma certa malvada que andou, faz pouco, enchendo os meus descansos em São Paulo. Tem o perfil um pouco duro, cabelo preto bem aparadinho<sup>195</sup>. O carmim da boca é nitidamente recortado. O canto dela é efetivamente mavioso, num ritmo balanceado mas sem síncopas.

Esta nota prova definitivamente que não houve nada nem de bonito nem de feio, entre mim e a mulher do peruano Fuentes.

1º de julho. Manhã de chuva. Parada pra lenha em São Sebastião. Passa uma lancha com soldadesca, indo pra Coari, onde mataram o prefeito. Logo adiante Codajás com empalhador de pássaros. Depois de um dia parado pra contentar portinhos de lenha, chegamos às vinte horas em Manacapuru, vista com a imaginação. Mas vêm a bordo chapéus e cestinhas de palha jupati, brilhante.

A um indivíduo mitra que nós, em São Paulo, chamávamos "cainho" e é voz já muito esquecida, aqui no Norte usam chamar de "munheca de samambaia"<sup>196</sup>.

Me contaram que os gaiolas pequenos passam até onde não dá calado, da seguinte forma: como o fundo do gaiola é chato, vendo um banco de areia pela frente, dão toda a força ao naviozinho pra encalhar. E o gaiola encalha de cheio, porém a roda continua rodando com força, a água reflui violenta em torno do barco, o suspende nos braços, e o atira do outro lado do banco de areia.

194 No datiloscrito: "Maravilha", substituição a tinta preta: "Balança".

195 A caracterização da lara repete a Uiara do *Macunaíma* (V. nota 94).

196 Formas para designar o avarento.

### Índios dó-mi-sol

Também poderia pôr junto da tribo dó-mi-sol, outra tribo inferior, escrava dos dó-mi-sol, justamente porque falava com palavras como nós, e daí um estreitamento de conceitos que a tornava muito inferior. Mas por intermédio desta tribo, poderei criar todo um vocabulário de pura fantasia, mas com palavras muito mais sonoras e de alguma forma descritivamente expressivas, onomatopaicamente expressivas, dos seus sentidos.

Estou passeando no grande mocambo do rei e num dos compartimentos encontro uma rainha comendo, coisa safadíssima. Ela fica indignada e me passa uma descompostura. Foi uma chuva de sons, trinados, destacados, saltos de oitava duma velocidade e dum belcanto admiravelmente virtuosístico, meus Deus! que tarantela!

Aliás, força é notar que o número de sons que eles possuíam era muito maior que a nossa pobre escala cromática. Era frequente o quarto de tom, não raros os quintos de tons. Um dos paredros<sup>197</sup> mais apontados da tribo dó-mi-sol (e se eu a chamasse Mi-Mi?... ) falava constantemente palavras em que entravam sextos de tom e outras miudezas sonoras que inda me pareceram mais sutis. Inventara um vocabulário próprio, exclusivamente dele e que ninguém não compreendia. Era um grande filósofo, todos afirmavam. Os que, depois de vários anos de estudo, conseguiam o interpretar o achavam genial, e davam pra se degradar, degradar e ficavam completamente degradados. Escutei muitas vezes esse filósofo falando ao povo, sentado nas raízes das sumaúmas ou encarapitado no oco dum pau. Era como um chilro leviano de passarinho; e, com exceção dos discípulos degradados, todos iam aos poucos adormecendo. Então o filósofo sacudia levemente a cabeça, e num sorriso meigo compreendia e aceitava a incapacidade geral de o seguir. Calava-se. E como o exercício do chilro o enchera muito de ar, peidava com melancolia.

**2 de julho.** Madrugamos em Manaus. Prefeito. Almoço em terra. Fujo visitas a colégios. Conversa natural com Raimundo Moraes no Ponto Chic. Preparos. O médico dr. Olímpio, furibundo por ter de seguir na viagem ao Madeira, por nossa causa. O Clóvis Barbosa<sup>198</sup>, redator de *Redenção*, simpático. Partida às dezoito horas, dr. Monteiro, presidente<sup>199</sup>, mais todos. Gente boa, Fonte Boa... Achei Manaus mais quente que Iquitos...

197 Paredros: chefes.

198 Clóvis Barbosa (Paraíba, 1904 - ?, 1989), jornalista ligado aos periódicos culturais do Amazonas, *Redenção e Selva*.

199 Na época, o presidente do estado do Amazonas era Efigênio Ferreira de Sales (Serro, 1877 - ?, 1939).



Aliás, essa história de calor, a gente mais ou menos se acostuma. Não se acostuma por causa dos naturais desta terra, que não se esquecem de nos dizer todo dia e todo o dia, que "no dia de hoje está fazendo um calor excepcional". E principiou um dos crepúsculos mais imensos do mundo, é impossível descrever. Fez crepúsculo em toda a abóbada celeste, norte, sul, leste, oeste. Não se sabia pra que lado o sol deitava, um céu todinho em rosa e ouro, depois lilá e azul, depois negro e encarnado se definindo com furor. Manaus a estibordo. As águas negras por baixo. Dava vontade de gritar, de morrer de amor, de esquecer tudo. Quando a intensidade do prazer foi tanta que não me permitiu mais gozar, fiquei com olhos cheios de lágrimas.

**3 de julho.** Amanhecemos, pleno Madeira, no porto de lenha Santo Antônio. Me esqueci de contar que viajamos agora noutra vaticano, o *Vitória* que navega mais fácil que o *São Salvador*. Capitão Jucá, um mefistófeles gordaço, mais simpático que Hideous Poxie. E que alegria na caboclada! Rio bem mais habitado. Casaria gostosa, melhor que a do Solimões. Agora estou compreendendo: o Madeira, me diziam, é que era um rio "alegre", quando eu me entusiasmava com as cantorias dos passarinhos do Solimões. Aqui, tem muito menos passarinho, mas tem mais gente. E rio "alegre" nestas terras vastas de pouca gente, é rio com gente, não é rio com passarinhada cantando. Estou bem divertido outra vez, mas depois do porto de lenha Caiçara, na cabina, me limpando à cachaça dos mucuins, ouço os curumins de bordo brincando no salão. Arrastam cadeiras e um diz:

– Eu sou a Amazon River!

Outro grita depressa:

– Eu sou a Madeira-Mamoré!

– Ora, Josafá, não podes ficar na minha frente não! Ai é Porto Velho!

Brincam assim, e de repente o spleen<sup>200</sup> me bate. Virei pullman da Paulista<sup>201</sup>, estrada de rodagem caminho do Cubatão, pé de café, telefone: cidade 5293, uma angústia agitada, irritada, vontade de estar em casa, pra sempre, basta de viajar! Não vou jantar, pronto. Me deito suando. Gosto de saber que estou suando, que está fazendo muito calor, que estou não aguentando mais! E durmo. Pelas duas da madrugada passamos Borba, vista em sonhos. Pesadelo famoso. Choveu toda a noite.

200 Melancolia.

201 Vagão de luxo na Companhia Paulista de Estradas de Ferro que serviu o estado de São Paulo entre 1868 e 1998.

### Cunhatã

Você está sentado, ela chega, põe a mão no ombro de você:

– Agora temos mais sete dias até Porto Velho.

– Como é seu nome?

– Magnólia, eu vou na companhia do comandante. Vou ver titia.

– Aquela outra, de azul, é sua irmã?

– Não, futura cunhada.

– Sei... Espanta a naturalidade e a firmeza de noções com que ela fala. E não terá talvez nem dez anos!

– Sou boliviana de nascença mas me considero brasileira.

– Onde que você mora?

– Faz seis anos que moro em Belém. Logo que eu nasci minha mãe fugiu com outro boliviano. Agora ela está no Rio de Janeiro, com outro boliviano. Fugiu outra vez. Ela já mudou umas cinco vezes de boliviano.

Tudo está certo, menos a mãe dela estar no Rio. Todo o pessoal já sabe a bordo que a mãe de Magnólia morreu assassinada. Uma das crianças por ali escuta a conversa e diz:

– A tua mãe está morta!

Magnólia estremece, pegada numa mentira. Os olhinhos dela piscam muito, e ela enrubesce, com uma grande vergonha de ter a mãe morta. Mas reage. Ergue o rostinho com altivez e pergunta pro menino:

– E a tua? Tua mãe ainda não está morta?

– A minha não!

– Pois a minha mãe está morta!

Há um minuto de assombro, tal o orgulho com que Magnólia afirmou a morte da mãe. As crianças estão meio indecisas, não sabem se não estão sentindo um pouco de inveja, por não terem a mãe morta. Magnólia se retira, lenta, com firmeza.

### Habilidade política

No Pará o Governo só nomeou para prefeito das cidadezinhas gente de fora delas, porque assim, o prefeito, novo, desligado da política local, se interessava livremente pela cidadinha. E de fato, elas progrediram muito com isso. No Amazonas, o que fez o Governo? Em vez de nomear gente de fora, nomeou nativos, bem integrados na política de cada cidadinha. Assim, eles amavam o torrão natal, estavam bem integrados nele, conheciam de longa data as necessidades locais e podiam agir mais fecundamente. E de fato, as cidadezinhas progrediram muito com isso. É o que dizem.



### Dona, ponhamos, Zefa

Falar em governos, me contaram ainda de outro, do Amazonas, que até ficou conhecido por "Governo de dona (ponhamos) Zefa". O presidente até dizem que era muito bom, queria ser honesto etc., mas dona Zefa mandava nele, e aliás era muito boa senhora também. Então o marido, no palácio Rio Negro, recebia a cartinha dela:

Meu marido, olha o *Hildebrand* está no porto e a renda dele me contaram que vai ser de uns cento e cinquenta contos. Isso você dá para o Alarico, porém a renda do *Francis* que vai ser de mais de duzentos, essa você dá para o nosso filho mais velho, que precisa mais e tem de se casar. Beijos da tua Zefa.

Filho do chefe político

inda bem não é gerado

diz o pai minha mulher

já tem no ventre um soldado

mas antes de sentar praça

eu o quero reformado.

("O povo na Cruz". Fundos Villa-Lobos, III, p. 116)<sup>202</sup>

**4 de julho.** Pela manhãzinha passamos por Sapucaiaoroca. Esse era um pueblo muito festeiro, dizem, que justamente estava numa festança impossível, dia do Menino Deus, 25 de dezembro. Vai, uma velha muito boa que também estava na festa por causa da filha e do genro, os netinhos vieram se queixando junto dela, que estavam morrendo de sono. A velha disse que sim,

202 Nota de trabalho: transcrição a grafite de documento da poesia popular em folha de bloco de bolso com as indicações: "p. 43"/ "Pra pôr no caso da mulher do presidente que distribuía o dinheiro estadual com os filhos". MA conservou em seu Arquivo, conforme a classificação original, a grande recolha do folclore nordestino, por ele denominada *Fundos Villa-Lobos*. Presente recebido do compositor antes de 1929, pois figura como o nº 59 na *Bibliografia de leituras iniciada pra Pancada do ganzá*, obra iniciada por MA em 23 de agosto daquele ano, a pesquisa foi um projeto de Arnaldo Guinle (Rio de Janeiro, 1884-1963). Na primeira metade da década de 1920, o filantropo carioca a encomendara aos músicos Pixinguinha, Donga e João Pernambuco e, em Paris, a oferecera ao autor das *Bachianas brasileiras*, que lhe conferiu uma primeira organização, como explica Ruth Brito Lêmos Terra em *A literatura de folhetos nos Fundos Villa-Lobos* (São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1981, p. 5). Os versos transcritos no diário estão destacados a grafite por MA com dois traços na margem e a observação "Política", no romance "O povo na cruz", na pasta 3 dos *Fundos Villa-Lobos*, p. 116.

que levava eles, mas ainda foi insistir com o genro e com a filha, que era tarde, viessem pra casa também. Até se lembrou que ela, com força de velha, inda que sendo velha muito boa, era difícil atravessar toda a largueza do rio, pra chegar lá em casa. Mas nem o genro nem a filha quiseram saber de nada, e caíram no samba com furor. A velha sacudiu a cabeça, ajuntou os netinhos muito triste, subiu no casquinho com eles e imaginou como é que ia ser. Força pra vencer a corrente do rio, ela não tinha, e agora? Os netinhos chorando, ali. Então, desesperada ela pegou na jacumã, assim mesmo, e nem bem principiou remando ficou admirada porque estava com muita força! Pois nem bem<sup>203</sup> chegaram no meio do rio, se escutou uma bulha tamanha lá em Sapucaiaoroca, velha virou pra ver, com os netinhos, e era a terra-caída. Num átimo, com estrondo, tudo, as casas, o barracão, tudo desapareceu com gente, música, festa e tudo, n'água do rio. Só a velha boa se salvou com seus netinhos. Porém sempre, no dia do Menino Deus, se escuta em Sapucaiaoroca, o som do violino e dos violões da festa, continuando assombrada no fundo do rio. Em Lagoa Santa, Minas, tem lenda deste mesmo ciclo da cidade afundada, que escutei lá.

Portamos em Vista Alegre, a melhor propriedade do Madeira, com frente da igreja caída. Casa bonita, excelente. Às 16 e 30 portamos no barracão América, na ilha das Araras, a maior do Madeira. Descemos. 20 e 30 em São José do Uruá. As moças estão meio mornas. Falta americano a bordo. Às 23 horas, Vencedor, de Carlos Lindoso, maranhense viajando até Manicoré. Embarcaremos lenha até quatro da madrugada – hora em que acordo. Numa viagem pra Iquitos, cada vaticano da Amazon River gasta mais ou menos quatrocentos milheiros de achas de lenha. No Amazonas o milheiro fica por vinte e cinco mil-réis. No Solimões, sessenta. No Madeira vai pelos cinquenta. Um marinheiro de vaticano, "trabalho penoso" não alcança duzentos mil-réis mensais, nem com os extraordinários.

#### Fibras e nomenclatura

Ontem, no porto de lenha Caiçara do Madeira, compramos chapéus e cestas de "tucumarumã" ou "tucu-maruã" piranga, palha avermelhada. Ainda disseram "tucumãuã" e "tucumãhy" ou "tucumã-açu". Mas outro, um major, me garantiu que era "murumuru" e não "anumã", "como os outros estavam falando". E ninguém tinha falado em "anumã"!... Chapéu de tucumã branco. Chapéu de tucumarumã. Chapéu de carnaúba. Chapéu de timbó-açu. Chapéu de jupati. Chapéu-de-chile.

203 Os segmentos sublinhados e unidos por um fio a grafite "nem bem" em "nem bem principiou remando" e "Pois nem bem chegaram" evidenciam a repetição próxima a ser corrigida; início de obra inacabada.



---

**Sacado:** é quando, numa curva muito forte, o rio abre um furo novo que encurta caminho pra água. A antiga volta, inútil agora, fica se chamando "sacado".

---

**Casquinho de caranguejo:** prato finíssimo, e muito vistoso quando preparado no próprio casco do caranguejo. Quando se vê uma menina boa, no Pará, dizem que "fulana é um casquinho". E como a caça da tartaruga consiste em pegar ela na praia e virar a bicha, que assim não pode fugir mais: os rapazes chamam "ir virar tartaruga", sair em busca de caboclas mais ou menos desprotegidas na praia pra.

5 de julho<sup>204</sup>. Ainda a noite é funda. Núcleo de um cometa no alto, em cima da proa. Parece que vai clarear mas logo bate um instante de escuridão intensa. Antes de

204 Este registro liga-se à nota – "Turista/ Veja a 'manhã/ amazônica' de Martius,/ que está/ numa pasta, na/ cômoda" –, autógrafo a grafite em folha de bloco de bolso apenas à parcela da viagem à Amazônia no dossiê dos manuscritos d'*O Turista Aprendiz*, indica o dossiê do manuscrito *Martius*, formado pela tradução inacabada de MA do fragmento "Pará, 16 de agosto de 1817", do diário do viajante alemão; pela tradução do mesmo fragmento sob o título "Um Hymno ao Brasil", realizada por Capistrano de Abreu, extraída do "*Diário Nacional 18-XII-27*", conforme anotação na margem do recorte; e por notas de trabalho sinalizando assuntos em *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I, Königs von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820* (München: M. Lindauer, 1823–1831). Vale dizer, remete à marginália de MA em seus exemplares dos três volumes que, ao lado do atlas e de sete mapas, compõem a primeira edição da obra de Carl Friedrich Philipp von Martius (Erlangen, 1794 – Munique, 1868), médico, botânico, etnógrafo, e de Johann Baptiste von Spix (Höchstadt an der Aisch, 1781 – 1826), naturalista. Integrantes da missão artística e científica que acompanhou ao Brasil a princesa Maria Leopoldina da Áustria, futura imperatriz, cumpriram o encargo de percorrer o país recolhendo elementos para formar coleções botânicas, mineralógicas e zoológicas. O diálogo de MA com o alvorecer na mata amazônica em sua leitura de Martius dá ao registro do Turista, na intertextualidade, a exploração das cores da natureza, no texto ritmado que combina períodos longos e curtos para, no final, recorrer às frases curtas terminadas pelas reticências que as deixam vibrando, sem amarrar um raciocínio, e que assim revisitam a polifonia poética praticada em *Pauliceia desvairada* e definida no "Prefácio interessantíssimo" dessa mesma obra de MA. Texto cuja sonoridade dialoga também com a "Alvorada" ou prelúdio do quarto ato da ópera *Lo Schiavo* de Carlos Gomes (V. nota 207).

qualquer prenúncio de claridade no céu, é o rio que principia a alvorada e se espreguiça num primeiro desejo de cor. Bate um frio nítido. No conchego morno e mais que úmido, positivamente molhado do noturno, sai brisando de uma volta do rio um ar quase gélido que esperta. Esperta os primeiros cochilos das cores apenas, nenhuma ave por enquanto. Um aroma vago, quase só imaginado, porque os rios da Amazônia não têm perfume, um perfuminho encanta os ares e se sente que o dia vai sair por detrás do mato. E então o horizonte principia existindo. É uma barra escura, dura, largada em volta, cercando a gente por igual, de todos os lados. Nenhuma evaporação. Guardada nesse horizonte crespo, a água inda lenta do Madeira, vazando pouco, represado pela corrente mais imponente do Amazonas, ainda continua mais clara que o céu. No oriente, uns braços de cores aguadas, sem vontade, numa indolência enorme. O friozinho arrebitado<sup>205</sup> insiste em mexer com todos, mas o dia vem vindo lento, aguado mesmo, quase nada colorido, é mais luz indecisa que cor definida, pretejando umas nuvens pequenas que se puseram na frente. Juro que o primeiro som ouvido foi um galo de uma civilização inda dormida na rede da casinha de palha de coqueiro. Mas o ouvido acordado se abstrai do murmulho das águas fendidas e do arfar binário das caldeiras e consegue distinguir uns trinadinhos sem valor, suspiros. Tudo vem lento. Só a cor, quando dá mesmo pra sair, se define com rapidez. Um olhar que se retire da arraiada, quando volta já encontra cores novas. O azul se define, cor de enfeite de Nossa Senhora. Um roseado sem muita graça, trêmulo, maleiteiro se arroja no ar e logo tem um desmaio sem alarde, vira dum amarelo incolor e acaba ficando branco. É só o tempo de acender o cigarro e até o azul nítido de há pouco foi branqueando também e temos um desagradável céu branco, com as nuvens de cinza adiante. E é só. Mas olha aquela nuvenzinha que está saindo do oriente, traz no rabo quase ainda por detrás das árvores, traz sim como um debrum de roxo vivo. Não é mais roxo, é escarlata. É escarlata e a nuvenzinha vibra no fundo, manchada de rosa brilhante, de encarnado e algum ouro nas bordas, também. E já o horizonte redondo, inteiro se roseia de manso. As nuvens criam coragem. Até longe, bem no alto do céu, vejo um farrancho delas, todas vestidas de luz clara, são laranjas perfeitos e uns brancos louros com ar de vida infantil. Agora o rio todo é de crepe claríssimo, que a brisa ponteia com os gritinhos de umas três gaivotas. E assim que se acaba aquela ponta de ilha e o horizonte se agacha bem mais longe, o sol fura danado as sensações. Há um

205 A sinestesia "friozinho arrebitado" está também no poema "Paisagem nº 1", de *Pauliceia desvairada*, versos 19-20: "Este friozinho arrebitado/ dá uma vontade de sorrir!" (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 86).



fogaréu de fundição chofrando pra baixo nas águas refletidoras. O rio se escurenta em volta, cinza pura, a mancha vive só, com os reflexos rodeando e o foco de ouro laranja em cima, sublime, de violenta grandeza. Só a nuvenzona na frente inda está escura no céu. O resto é azul vivíssimo outra vez, e rosas, marrons, verdes, laranjas, amarelos. Bulhinhos mirins de passarinhos por aí. A brisa curta penetrando em tudo. Um primeiro embaciado na aberta do paranã e uma primeira, prodigiosa volúpia de calma. Dia de calorão vai fazer... Lá pelas nove horas, no mais... A roupa está umedecida. O chão preto da tolda escorre encharcado uma água que não choveu. E o grito bem riscado, firme do bem-te-vi. Trinados na margem baixa, a estibordo, movida atrás pelo zigue-zague dos ramos das castanheiras. Que calmaria serena... Que mundo de águas lisas, fluidas... Que espelho claro... As caiçaras nos portos... Uma ausência plena de inquietações, de audácias, de Pireneus ambiciosos...<sup>206</sup> E o sol, o sol do lado, todo de ouro branco, claro, mui claro, claríssimo, impossível da gente fitar. E há quem xingue a alvorada do *Schiavo*...<sup>207</sup>

Pelas oito horas barracão Santa Helena pra entregar batelão. À tardinha estamos em Manicoré, na barranca elevada, caindo tanto que a fila de casas marginando o rio, em alguns lugares, está a três metros do barranco se esboroando. O prefeito Feliciano e o juiz nos recebem. Compro cachaça ótima e chapéu de carnaúba. O passeio, já sabe era aquela multidão, umas vinte pessoas atrás da gente, se sentindo na obrigação de ver tudo com a gente. Eu era dos da frente. Nisto me beliscam na perna, por dentro da polaina<sup>208</sup>. O beliscão foi forte, dei com uma perna na outra, pra disfarçar a dor, ah! foi um Deus nos acuda! Milhares de mordidas nas duas pernas, eram pontas de fogo, não resisti, na frente daquela gentarada mesmo, sentei no chão, arranquei polainas, botinas, meias, me esfreguei, me babujei, berrei, fui correndo pro *Vitória*, completamente destroçado. Pisara numa correição de formigas de fogo, coisa que nunca vi.

206 Neste trecho, o diário cruza-se com os quatro primeiros versos de "Eu sou trezentos...", no livro *Remate de males*, 1930: "Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,/ As sensações renascem de si mesmas sem repouso,/ Ôh espelhos, ôh Pireneus! ôh caiçaras!/ Se um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!". MA, em seu manuscrito "Espelhos, Pireneus, caiçaras", focaliza a gênese desses versos que expressam signos fundamentais da sua poesia (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1-2. Ed. cit., p. 295; p. 30).

207 A "Alvorada" ou prelúdio do quarto ato é parcela bastante conhecida da ópera *Lo Schiavo* de Carlos Gomes (Campinas, 1836 - Belém, 1896), composta em 1889, com libreto de Rodolfo Paravicemi, baseado em esboço de Alfredo d'Escragnolle Taunay (Rio de Janeiro, 1843 - 1889), conhecido principalmente por seus livros *Inocência* e *Retirada da Laguna* (V. nota 204).

208 No vestuário masculino requintado, peça usada sobre as meias, protegendo as pernas.

Ao Leão de Ouro. "Nesta casa não se tratam (sic) negócios aos sábados". Imaginei que o lião<sup>209</sup> de ouro dedicava os sábados ao estudo da filologia, mas o juiz, muito envaidecido, secundou que não! ele, juiz é que fizera o lião consertar o português de parede. Uma coisa que de longe venho reparando, os caboclos do Madeira estão já na moda: menos criançada e mais cachorro. Quase às vinte horas encalhamos, coisa de vinte minutos. Ainda batemos, logo depois, num banco de areia, porém sem encalhar.

### De como vi as Amazonas (sátira à mulher moderna)

Só as encontro no rio Madeira, donde de fato elas tiravam o nome esse chamavam as Paus<sup>210</sup>.

Gostavam muito de falar palavras-feias que era um jeito ostensivo de mostrar liberdade e independência.

Estavam numa fase de transição abandonando a lei antiga. Mas ainda não tinham nenhuma lei moderna, e era aquela meleca.

Gostavam de mostrar erudição. Esportivas demais e fortíssimas. Não só queimavam um seio agora, mas não tinham seio nenhum como Antinous<sup>211</sup>.

A filosofia, a sociologia, a psicanálise. Eram totalmente complexentas e não acreditavam na existência de Deus.

De antigamente só conservavam o exercício da lágrima, não porque não conseguissem dominar essa frequente prática feminil, mas por comerciantes, melhor dominar.

209 "Lião", do português oral do Brasil; ironia glosando a "correção" pelo juiz que não flagrou o erro marcado pelo "sic" do diarista.

210 Esboço; autógrafo a tinta preta, presente no manuscrito de *O Turista Aprendiz*, sem sinal de localização na versão datiloscrita integral do diário. Esta edição resolveu por inseri-lo no momento em que o viajante está no rio Madeira. A palavra "madeira", cujo sinônimo é "pau", palavra que, na gíria da época, tem o sentido de "enfadonho" ("chato", na linguagem dos nossos dias), move a criação do escritor.

211 Antinous/ Antínoo (Bitínia, 110 – Egito, 130), rapaz de grande beleza, amante do imperador romano Adriano.



Os filhos. Os filhos davam-nos às avós e às amas<sup>212</sup> mas gostavam de criar animais, tendo especial afeto pelos candirus<sup>213</sup> incandescentes.

Detestavam os romances, mas algumas eram poetisas e outras contistas.

As Paus em geral têm muito medo de baratas, razão pela qual muitas emigram, indo naturalmente pra São Paulo.

Ler Cascudinho *Antologia folclórica*, p. 15<sup>214</sup>.

**6 de julho.** O *Vitória* esbarra nos bancos de areia e sacoleja inquieto, nos dando sensações bestas de mar. Voltas bruscas do Madeira. Paradinhas em Sta. Marta e Limoeiro. Pelas onze parada na boca do lago Uruapiara, que tem muitos castanhais. Não descemos. À tardinha, Bom Futuro, bonita. Os apitos de bordo, chamando os casquinhos pra entregar encomendas, gentes, cartas, os apitos trinam até dobrar, numa carreira de ecos que vão dar na Colômbia e na terra dos Parecis. Oh, margens mudas do Madeira... Não cantam nada estas praias, bonitas por demais pra serem também inteligentes, como sucede com as mulheres. Bandos de borboletas amarelas, brancas. Estamos passando as pedras de Baianos pelas dezoito horas, passagem dura pros sondeiros dos dois lados do navio. O sondeiro: "Três e meia... Três e meia... Três e meia... Mesma água..." O praticante vai repetindo: "Três e meia... Três e meia... Três e meia... Mesma água..." Acabo o meu dia, escutando cantigas na terceira classe, entre tapuios simpáticos e pacientes.

#### Naco de prosa cearense

Sujeito pequeninho, mal colocado na terceira. Rijo, daquele magruço bom que deixa apenas músculos no corpo. A velha Veí, a Sol<sup>215</sup>, chupou toda a gordura, deixando

212 No esboço: "aos amos"; erro no correr da pena que esta edição corrigiu: "às amas", empregadas, babás.

213 Candiru: peixe da região amazônica, hematófago; penetra nos orifícios naturais do corpo de animais e das pessoas; estão no capítulo 2 de *Macunaíma*, "Maioridade" (Ed. cit., p. 19-27).

214 Mais um indício do inacabamento e da continuação da escritura de *O Turista Aprendiz* durante o ano de 1944 e no tempo que antecede a morte de MA, em 25 de fevereiro de 1945: necessidade de buscar subsídios sobre as amazonas na p. 15 da *Antologia do folclore brasileiro* de Luís da Câmara Cascudo (São Paulo: Martins, 1943), onde está o testemunho de Gaspar de Carvajal, em 1541. O exemplar da obra na biblioteca de MA não traz notas autógrafas.

215 Assim como em *Macunaíma*, o sol pertence ao sexo feminino.

em troca a ardente morenez e os olhos fundos, claros; e o resto que sobrava da gordura nordestina isso foi no enxurro das chuvadas, lá dos limites da Bolívia, quando o inverno vinha feito por cima dos seringais. Ar safadinho, meio gasto, com a voz lenta cantando ao violão pra deixar o sono chegar ou pegar algum gosto de mulher, se achar. E assim dizia:

– Vou mais pra diante do Guajará, são ainda três dias de lancha até chegar no meu barracão. A família está no Pará. Baixei só para tomar a bênção de minha mãe. Tenho um irmão em Guajará, patrão de lancha e outro em Porto Velho, empregado no Posto. Também já levei esta vida dura de bordo. Fiz seis anos de navegação, porém larguei duma vez essa vida. Faço de tudo, trabalho não me assusta, porém que seja recompensado. Isso de marujo, que nem dorme direito, até por cima de boi botando a rede, pra ganhar oitenta, noventa mil-réis, não vai comigo. Larguei e fiquei em Guajará, numa casa alemã, empregado. Depois comprei um seringal da casa mesmo, os patrões me ajudaram, comprei vinte contos de mercadoria e meti com os meus homens pelo mato. Nesse ano os índios mataram logo quem? o meu mateiro. Fiquei no mato com a colheita, não sabendo o que fazer. Passava as noites num susto, os índios querendo queimar meu caucho e até chorei. Depois, a gente sem mateiro não vale nada. Andar no mato, ando; com a minha bússola vou pra toda a parte, porém o mateiro é que sabe, abre rumo e vai em zigue-zague direito onde estão as árvores. Nesse ano perdi oito contos. Os patrões perdoaram quatro e o resto trabalhei pra pagar. Também é só mais um ano: quatro anos de caucheiro basta!... Depois vendo o meu seringal e vou-me embora pro Rio de Janeiro.

### Índios dó-mi-sol

As evoluções e mutações políticas não chegarão jamais a criar uma felicidade mesmo relativa. Elas apenas modificam a aparência da infelicidade humana, a maneira desta se manifestar. Apenas. Isso aliás é quanto basta pra valorizá-las porque permite, no homem, a permanência da ilusão.

Os índios dó-mi-sol formavam uma espécie de matercracia comunista, com distribuição coletiva das ocupações, tendo por base a injustiça. Assim, ninguém se queixava. A mãe dominava tudo. Havia até provérbios, primeiramente meras frases feitas obrigatórias, nascidas dessa importância dominante da mãe e da mulher em geral. Assim, aquele um, bastante enérgico, todo em fusas rápidas, e com um salto de oitava descendente no início. Traduzido textualmente dava: "Irias mandona arranjar-se com". Em nossa fala, pois que "mandona" pra os dó-mi-sol é sinônimo de mãe, teríamos a tradução assim: "Vá ter com a mãe!" Esta primitiva exclamação ritual, dantes só dita pelos machos, significava que eles



não se incomodavam com os problemas de alimentação da tribo. Mas agora, tornada a frase provérbio, significa mais ou menos o que diz o nosso "Quem não tem cão, caça com gato". As suas nuances de significado variam apenas nas flexões pessoais do condicional do verbo ir. De fato, como vimos, a tradução ao pé da letra nos deu um "Irias" no condicional. É que esses indígenas tão curiosos, como já falei, possuem um filósofo verdadeiramente genial, que entre outras muitas coisas conseguiu provar a muita gente a inexistência do movimento. Isso aliás provocou uma transformação violenta na vida social e intelectual dos dó-mi-sol. Formou-se um partido político exclusivamente masculino, provando que o movimento não existia apenas para os machos. Isto desolou enormemente as mulheres que passaram a tratar os homens por um intervalo descendente de quinta diminuída que significa mais ou menos "ingrato". Então os homens, com muita choradeira, se reuniram na Praça da Mãe, e reconheceram a necessidade de intercalação de mais um item no programa do partido, que aceitava a mobilidade para certas ocasiões. Isto é, como não podiam mesmo aceitar a existência do movimento depois do filósofo, mudaram a palavra, lá nos seus sons, pra outra que significava "motricidade". Mas desde esse tempo, por não aceitarem a existência do movimento, os índios dó-mi-sol só empregam os verbos de movimento, de moção, de locomoção, no condicional. Atualmente, qualquer verbo apenas ativo, eles o empregam só no condicional – o que lhes deu aliás uma percepção muito mais transcendente da vida, está claro.

**7 de julho.** De manhã passamos pela praia do Juma, lindíssima, larga, com cem milhões de gaivotas. Lá enxerguei o homem que fora assassinado pelas gaivotas. Foi apanhar ovos delas e elas principiaram caindo de vinte metros em cima dele, com bicadas na cabeça, a primeira que caiu matou. Mas elas são boas, dizem os práticos deste Madeira na vazante. De noite, na escuridão, quando o vaticano sobe, arfando monótono, com o sacolejar binário das caldeiras, o práctico sem querer cochila no posto, vem vindo o banco traiçoeiro, e o navio vai encalhar. Porém elas acordam com a bulha do navio chegando e abrem num alarma desgraçado, "Tem praia", "Tem praia!". O práctico acorda assustado, dá uma guinada no leme, e o navio se salva. Às nove horas portamos em Três Casas, porto sem porto, barranco de oito metros pra subir quase a pique. Desci, isto é, subi sozinho, porque me falaram ser lugar de índio e de pacovas célebres pelo tamanho. Não vi nem uma coisa nem outra. Só encontrei um velho, recebendo a gente com agrado, mas que os índios estavam não sei onde, no aldeamento longe, e havia catapora. Desisti do argumento das pacovas e fugi num átimo. Na boca dum igarapé um pessoal deitava a linha só pelo esforço muscular de tirar a pescada fora d'água. Batiam com as costas do facão na cabeça do peixe

e adeus vida. Os botos em quantidade, pulando às vezes dois, três ao mesmo tempo fora d'água, numa festa. 10 e 30 Moanessa, desci. Casas e vacas, vacas! Vida de bordo. Gamão:

– Bichinha, não falha! seis e dois, seis e dois êh... seis e dois!

– Paris a Londres!

– Você sabe que só tiro três, arrisca?

– Questão de coragem, parceiro, arrisco sim.

– Lá vai três!

– Gamão cantado!

– Homem... tem horas que dá vontade da gente pegar nos dados, no tabuleiro, pedras, no competidor também e ir jogar tudo n'água! palavra!

Aqui, falam sempre jogar "n'água". Nós lá no sul falamos jogar "no lixo", jogar "na rua". É natural. Aqui a criançada vive n'água, cada um tem o seu casquinho, todos molhados. No sul, nem bem o filho chega perto do lavatorinho, a mãe logo se assusta:

– Menino! você se molha!

Imagino as mães por aqui, quando os filhos brincam com terra, ao sol, gritando logo:

– Menino! você se enxuga!

Às 18 horas, já escurecendo, Humaitá escuríssima, mas uma simpatia. Porque será que há cidades simpáticas e cidades antipáticas!... Humaitá é logo uma simpatia deliciosa, com o prefeito que traz bondade até na roupa, e uma gente falando com naturalidade, conhecidíssima desde sempre. Tinha quebrado uma peça da eletricidade local e a cidadinha estava às escuras. A recepção foi assim, às escuras, com gente carregando lampiões, uma gostosura de entre ridículo e pândego. Nos levaram até a "biblioteca" e Sérgio Olindense fez um discurso<sup>216</sup>. Bom, já estamos acostumados a discursos, Rainha do Café, ilustre dama paulista etc., nem prestávamos atenção. Mas nem bem se dirigiu um minuto pra dona Olívia, eis que o Sérgio: "É vós, Mário de Andrade..." etc. tomei um susto. E o Sérgio a deslindar minhas qualidades, meus modernismos e literaturas, com firmeza. Não é humildade não, mas fiquei meio besta, aquele discurso virado pra mim... Tinha impressão de um bruto desrespeito ao protocolo, ao ramerrão da nossa vida amazônica, nem sei, estava muito incomodado. E pela primeira vez não repeti meu improviso

216 O discurso de Sérgio Olindense Ferreira da Silva, prefeito de Humaitá, foi conservado por MA em seu arquivo. Em 1922, Sérgio publicara *Sinfonia verde*, versos de feição renovada. Ao lado da esposa, a professora de piano Adolfigina Imanajás da Silva, recolherá documentos do folclore da Amazônia, enviando-os a MA (CASTELLO BRANCO, Carlos Heitor. *Macunaíma e a viagem grandota*. São Paulo: Quatro Artes, 1970).



de Belém. Depois do discurso fui abraçar o Sérgio, e como via mesmo que estava entre gente cômoda, natural, gostosíssima, que não ia reparar, não fiz discurso nenhum. Depois fomos à casa do fundador da cidadinha, comemos e bebemos deliciosos. Prepararão um boi-bumbá pra nossa volta. O trapiche de Humaitá é de forma original. Uma escadaria branquinha, feita de cimento, desce de um coreto de recepção até o fundo do rio. Pela primeira vez vi boi subindo escada. Empurraram o coitado até a beira do convés da terceira e o fizeram cair no rio. O boi fica nadanadando por ali, meio angustiado, mas da escadaria, puxando a corda que o prende pelas guampas, dirigem o nado do boi até lá. Pois ele vai subindo, com uma facilidade de gente.

**[A Santa da Pedra]<sup>217</sup>**

É um paroara da 3ª classe que me conta o caso:

A Santa da Pedra, perto da cidade de Bonito, no agreste pernambucano, ninguém a via, toda a gente fazia promessa, ia até lá, davam bezerro, galinha, dinheiro, ninguém não a via, só raríssimos. Um dia foi lá um moço e adorou a santa vários dias. Já se realizavam romarias, e diabo, e o Governo temendo uma Juazeiro nova mandou até uma força lá acabar com aquilo. O sargento mandou a santa sair lá do fundo da pedra, ela não saiu, ele mandava, e ela nada. Afinal saiu. Era uma moça e estava grávida. Faz pouco inda morreu uma neta dela na cidade do Recife.

**8 de julho.** Noite inteira parados por causa duma passagem difícil. Só principiamos navegando ali pelas seis horas. Pois assim mesmo, nem bem hora andada, se quebra a palheta da hélice de boreste. Parada numa praia. Mas não há jeito de consertar aqui, não

217 Fragmento apenso à versão integral, guardado em envelope bege tendo no anverso, em autógrafo a grafite: "Religiosidade/ A Santa da Pedra/ É um paroara da 3ª classe/ que me conta o caso". O fragmento é autógrafo a tinta preta em fólio com quatro furos de arquivamento, cortada a parte superior do papel, cujo anverso possui um trecho de registro de 14 de dezembro da viagem de MA ao Nordeste, entre o final de novembro de 1928 e o início de fevereiro, 1929, anulado por um X do mesmo lápis vermelho que assinala com um traço horizontal o início, no verso, do caso a ser transportado para 1927. MA desenvolve um personagem, "o paroara da 3ª classe", que lhe calça, aqui, a coerência da inserção; que o leva a inventar a tribo dos dó-mi-sol e lhe relata o mito do "Pai dos Cearenses" (V. notas 192, 218). O registro anulado é parcela da primeira versão da crônica "Great Western, 14 de dezembro", publicada no *Diário Nacional*, São Paulo, em 6 de janeiro de 1929 (V. "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", nesta edição). Percebe-se, na criação do personagem, uma estratégia do escritor quanto à economia de seu projeto: ampliar, por meio de casos, os registros que, no seu balanço do conteúdo do livro, se revelam parcós.

sei bem por quê. Seguimos assim mesmo. Seringal do Mirari (? , não consigo ler direito minha nota no diário) bem bonito. Por aqui as praias estão fazendo exposição de bacuraus. Se avança com lentidão mesquinha. Gamão:

- Seis e ás, casa faz!
- Dois e quatro, casa no mato!
- Cinco e três, casa fez!

18 horas. Fundeamos num remanso, vaticano bem amarrado, esperar dia seguinte pra consertar a palheta.

### O pesadelo do outro dia

Não tem nada de mais, nenhuma originalidade, mas prova que não fui feito pra viajar, meu destino é viver em casa, entre meus livros, sem lidar com muita gente estranha. Estava num hotel que tinha uma enormidade de andares. Estava embaixo, no hol, terrivelmente atacado ora por uma pessoa só (não conseguia distinguir a cara de ninguém), ora por grupos de cinco, seis, ligados contra mim. Era extraordinário o que eu fazia em todas aquelas brigas, proezas formidáveis, batia sempre e vencia, mas não conseguia uma só vez sair vitorioso. Vencia, mas não conseguia a vitória minha nem a minha derrota! E nisso estava o sofrimento horrível do pesadelo. Além de sentir muitas machucaduras, pois que os outros, embora vencidos, conseguiam me bater também. Então mudei de tática e fugi pelas escadarias acima. E o sofrimento ainda foi pior. Havia um elevador que as escadarias circundavam, mas, sem que houvesse razão sonhada pra isso, eu não podia tomar o elevador, tinha mesmo que subir todas aquelas escadarias de centenas de andares. E em cada patamar era aquela mesma coisa: inimigos solistas formidáveis ou aos grupos, e em cada patamar (agora eu tinha um formidável cacete na mão), tinha que lutar, bater, deixava todos derrubados, apanhava também, e era subir, subir. E então o sofrimento se tornou insuportável, porque veio na minha lembrança que quando chegasse lá no fim dos andares, teria que descer de novo e encontrar todos os inimigos levantados, são, prontos pra brigar mais, dei um grito. Escutei bem, pra ver se ninguém tinha acordado com o meu grito, acho que ninguém acordou. Só vendo o estado em que eu suava. Pus um chambre e dei umas voltas pelo tombadilho, recebendo o arzinho pra acalmar. Só bem uma meia hora depois, consegui me deitar e ter um sono digno de mim.

9 de julho. Até meio-dia trabalho dos marinheiros pra concerto da palheta partida. Brincadeiras deliciosas de praia. Partida. Pelas quatorze horas passamos sem descer por Calama, quem se lembraria nunca de não descer, que vaticano teria o desaforo de não



parar aí, nos tempos da grandeza da borracha!... Calama já bateu recordes de produção de borracha, com os seringais famosos do rio Machado. E ora descendo, ora sem descer, vamos debruando as paradinhas, Retiro São Francisco, em de mais longe as missões do mesmo nome, à tardinha o barracão Coimbra, onde como boas tangerinas na vista larga, e onde as picotas, já bem quintalejas, fazem barulho por nós. E inda lá pelo meio da noite, chegaremos ao porto de lenha Colhereira, e aí ficaremos o resto da noite. Aliás, tivemos hoje um entardecer estranhíssimo, todo azul e rosa da banda do oriente. E numa língua vasta de praia, bem no meio do rio, a marrecada em fila, nos vendo passar.

**Dia \_\_\_\_\_**

**[O Pai dos Cearenses]<sup>218</sup>**

Hoje o paroara da terceira me contou uma história bem picante, nem sei se deva repetir...

Diz-que antigamente os cearenses eram fisicamente mais bem-dotados que qualquer homem da terra. Ninguém poderia nunca apostar com eles nos passes e encomprimentos do gosto de amor, pois além de poderosissimamente servidos, os cearenses, o que cada mortal homem possuía num par apenas, eles possuíam nada menos que quatro. A tal de imperatriz com eles, não havia de se cansar somente, ficava mais que saciadíssima. Mas tudo foi isso de irem para o Amazonas. Não vê que o Pai dos Cearenses era um homem guapo mesmo, desses descritos acima, só que excepcionalmente bem-provido e bem-disposto. Tão bem-disposto que não se sujeitou com o sofrimento danado quando a seca bateu de verdade pela primeira vez no Nordeste. "Vamos pro Amazonas – ele disse – Tem água". E partiu com todos os paroaras.

218 Fragmento apenso à versão integral, cópia carbono datilografada, com rasuras a tinta preta, encimada por data em aberto – "Dia \_\_\_\_\_" –, marca da mobilidade da criação. A primeira frase proporciona a entrada do mito no diário, como relato do personagem inventado por MA – o paroara da terceira classe – "Diz-que antigamente [...]". O texto ocupa três folhas de papel timbrado do Ministério da Educação e Saúde/ Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, onde o escritor trabalhou entre 1939 e 1940. Regressando a São Paulo, MA traz com ele blocos desse papel. O fragmento exhibe, na margem direita inferior, a ressalva a tinta – "(Não)" –, minimizada pela atual edição, considerando a presença do documento no dossiê e o fato da versão integral estar inacabada. O trabalho editorial atribuiu um título ao fragmento e determinou sua inserção no diário, em um ponto dado pelo plano/ balanço como "Pouco", isto é, sujeito a acréscimo (V. notas 192, 217).

Bem: chegou aqui, era enérgico mesmo, ganhou muito dinheiro que, quando era por demais, ele dava uma chegada em Manaus pra gastar. Acendia charuto com nota de quinhentos mil-réis, perdia oitenta contos numa noite de jogo sem piscar. Ficou logo o maior jogador do Amazonas, como já corria fama que era o maior amante do mundo. Isso, homem casado pra ele era menos que nada e as senhoras andavam mas satisfeitíssimas.

Pois não é que de repente o Pai dos Cearenses deixou de dar em cima de nenhuma! Foi um escândalo medonho e não se falava noutra coisa, até que veio-se a saber a razão. O Pai dos Cearenses agora andava nada mais nada menos que maridado com a lara. É que um dia a fama dele acabou chegando no fundo do rio imenso e a lara ficou muito ciumenta. Assentada naquele mundão de esqueletos que a tinham desiludido, imaginou como seria aquele cearense tão rico que, em vez de dois, possuía quatro nuquiiiris. Então mandou propor casamento a ele, que isso de deusa é casamento no duro, não tinha amigação nem bigamia. Dependência ou morte.

Vai o herói aceitou que a glória de ser marido da lara, só mesmo cearense é digno disso. A deusa impusera uma condição que ele jurou sem hesitar, até se rindo: cada vez que o desejo chegasse e ela pedisse, ele tinha que largar o seu trabalho, largar tudo e ir lá no fundo do rio pra brincar. E foi sublime, meu filho. A noite de núpcias até muitos peixes morreram porque tomados de espanto da luta entre aqueles dois amantes fortíssimos, esqueceram de respirar. A deusa não se saciava mas quem disse o Pai dos Cearenses ficar atrás! Até que romperam as barras da aurora e o Pai dos Cearenses teve que ir no seringal, foi. Era aquela energia assombrosa... Numa hora golpeou setenta seringueiras, mas de repente parava o trabalho e ficava rindo sozinho. É que o Pai dos Cearenses estava lembrando a noite boa que passara.

Nisto, não fazia nem duas horas que ele estava trabucando, chegou uma abelhinha zumbindo, zumbiu bem rodeando a cabeça dele e contou que a lara já estava querendo outra vez e mandava chamar. Ele fez que sim e foi. Voltou meia hora depois meio envermelhecido e de vez em quando lá chegava a abelha zumbindo porque a lara mandara chamar. E o Pai dos Cearenses ia.

Sucedeu porém que ele ajuntara, naquele fim de colheita, pra mais de duzentos contos e ficara o homem mais rico do mundo. Então foi questão dele ir aplicar aquela dinheirama toda no jogo em Manaus. Falou com a deusa e ela secundou logo que por isso não, porque podia se mudar para o palácio que tinha lá no fundo do Rio Negro, foram.

Quando o Pai dos Cearenses chegou em Manaus ali por volta do meidia, se dirigiu imediatamente pro Cassino. Era cedo, muito, mas sempre pôde bancar um bacará bravinho. Mas nem bem estava ali duas horas e perdera apenas uns vinte contos, que a abelha



chegou zumbindo e disse aquilo que sabemos. O Pai dos Cearenses pediu licença com muita delicadeza, falando que ia lá dentro. Quando ele virou as costas, todos riram porque a felicidade dele era mais que sabida do mundo.

Ao cabo de meia hora o Pai dos Cearenses voltou meio envermelhecido e caíram no jogo outra vez. Ao cabo de outras duas horas chegou a abelha com aquele zumbido, zum-zum-zum, e o Pai dos Cearenses já perdera bem trinta e cinco centos. Pediu licença, foi, e assim o jogo já se interrompera quatro vezes, quando a abelhinha chegou com aquele zumbido infernizante, zum-zum-zum, e agora o Pai dos Cearenses estava ganhando quinze mil-réis. Isso também era por demais, e o herói gritou embrabecido "Deixo o jogo não! Diga a ela que vá plantar batatas!" A abelhinha foi.

Já era mais de meia-noite, todos estavam caindo de sono e o Pai dos Cearenses perdera toda a sua riqueza. Quando ele voltara ao seu lar do fundo do rio depois de entardecer! A deusa devia estar furiosa... Estava não. Quando ele chegou, se barbeou pra não espinhar muito e foi aproximando daquela cama bonita, de ouro e prata, meio resabiado, que dúvida! a lara até sorriu pra ele, molenga, e ergueu aqueles braços lindos, cor mesmo de leite novo da seringueira. E o Pai dos Cearenses, compadecido de tamanho amor, afundou naquela gostosura.

Mas que gostosura aquela que ele jamais provara assim tão nova! Era esquisito... jamais que o prazer não se abrisse tanto e depois se fechava e vinha cerrando, cerrando como um imã que guardasse tudo, tudo, até os nuquiiiris! O Pai dos Cearenses deu um urro deliciado e surpreendido:

- O que vassuncê está fazendo, dona! ele exclamou.
- Estou plantando batatinhas.

Ele meio que não compreendeu e foi pra esconder o quengo nos lindíssimos cabelos verdes da lara, mas nisto ligou os fatos e ficou horrorizado. Quis se afastar da deusa mas percebeu que estava preso. Ai o Pai dos Cearenses, que era mesmo enérgico, berrou que nem touro, deu um safanão tal que foi aquela pororoca nos rios. Mas o Pai dos Cearenses conseguira se livrar todo sangrando. A lara rindo muito, se espreguiçava naquele riso perverso, foi-se espreguiçando, espreguiçando, dissolvendo, dissolvendo e virou um estirão alvo de praia. Logo foi subindo nos ares aquela palmeira linda e aqueles dois pés robustos de batata. E quando o Pai dos Cearenses foi ver, estava cortado pela metade e só com duas batatinhas. As outras, lara plantou.

Os cearenses sempre foram muito mais heróicos e animosos que os gaúchos. Só que por causa da malvadeza da lara, eles ficaram igualmente como os outros homens desse mundo. Quer dizer, um pouco menorzinhos.

**10 de julho.** Saímos de Colhereira, já dia, seis e quarenta. Paradinhas a manhã toda, que rio "alegre"... Pelo almoço, portamos no barracão Monte Carlos, e nem bem levantamos da mesa, desci em terra, ver coisas, eu só. Os bandos de borboletas, milhares de borboletas, uma sozinha, assim amarelo aguado, não tem graça, os bandos são esplêndidos. Pois quando me lembrei de voltar pro vaticano, foi pândego, o *Vitória* já estava ao largo, indo-se embora. Gritei ao capitão Jucá, lá na torre de comando, presidindo a manobra:

– E eu, capitão!

– Se o sr. não faz questão de andar um pouco a pé, vamos parar logo aí adiante, em Vitória...

– Isso, não faço não!

Virei para as poucas pessoas do lugar, logo arranjei um piá que se prestou a me servir de tapejara, e lá fui, pelo mato claro de beira-rio, num trilho de índio e sombra luminosa, numa ensolarada sensação de aventura. As casinhas enfileiradas, a maioria graciosas, encurtando o quilômetro e pouco que eu tinha de andar. Logo adiante se enxergou o posto importante, xera<sup>219</sup> do nosso vaticano, *Vitória*, depósito da seringa boa do Jamari. Aí desceram todos e se deu uma fábula conhecida. Viaja conosco um francês, conosco não, viaja e se acamaradou numa língua de trapo<sup>220</sup>. Estávamos passeando, as moças, ele, eu, quando topamos com um rapazinho trepado numa goiabeira, jogando as frutas maduras no chão. As moças quiseram. Então falei ao menino:

– Assim não, escolha só as melhores e, em vez de atirar, bote neste paneiro.

E tirando o chapéu fiz com ele um paneiro ad hoc<sup>221</sup>. O rapazinho encheu o chapéu até a beirada do meu "basta" e, quando o recebi assim cheio, não podia pagar o rapaz. Passei-o ao francês pra ficar com as mãos livres, e enquanto trocava com o menino um shake-hands<sup>222</sup> de dois mil-réis, o francês lá se foi com chapéu e goiabas, oferecer a dona Olívia, às moças, a outros seus conhecimentos de bordo com grande encanto de todos e muito obrigados efusivos. Foi assim.

Faz um calor... O Jamari escancara a boca, largo, do outro lado do rio e boceja lerdo. Pela tarde, parada em Aliança, cujo dono abriu um canal, só ele, pra ligar a propriedade

219 Sinônimo de xará, pessoa com o mesmo nome de batismo.

220 O francês Musset, segundo depoimento de Mag, em 1976 (V. nota 254).

221 Paneiro: cesta; *ad hoc*: do latim: "para isso", "para esse fim".

222 Aperto de mão, em inglês.



com o Madeira. As tardes estão cada vez mais maravilhosas. Parados noite toda, por causa da passagem difícil do Tamanduá.

**Chibé:** espécie de pirão feito com farinha-d'água e água fria. Comida quase líquida, diz-que muito alimentar. Nas marchas forçadas os canoeiros, seringueiros vazadores de sertão, com um chibé passam facilmente o dia.

**11 de julho.** Coisa desagradável... Esta noite, mais um pesadelo mas de outro gênero. Apenas isto; de repente, abrem uma porta no meu sonho, aparece parte da figura de Manuel Bandeira e diz:

– Telegrafe imediatamente pra sua família.

Fecha a porta e desaparece, me deixando acordado numa angústia mãe. Não pude mais dormir e não vejo hora de chegar a Porto Velho pra telegrafar. Aliás já me conheço com estes pressentimentos, não estará acontecendo nada em casa, todos bem. Mas é impossível evitar a sensação de que está sucedendo alguma coisa de mal, doença grave, morte, algum desastre terrível. Vivo cheio de pressentimentos, mas pressentimentos violentíssimos, físicos, fulano morreu, vai suceder isto etc. Nunca se realizam. Dizem que devo dar graças, mas a verdade é que irrita. E agora, eu neste desespero pra chegar em Porto Velho e telegrafar.

Saio da cabina e na antemão indecisa o navio se apresta pra tentar esta passagem assombrada do Tamanduá, que é das mais terríveis. Vou para a tolda e o Jucá me chama ao comando. Batem seis horas. O sol se levantou nas horas do costume, tudo está pronto.

– Vamos?...

O capitão apenas faz sinal que sim. E o *Vitória* bate as palhetas no perigo e principia se movendo. A manhã, decerto com inveja dos elogios que fizemos à tarde de ontem, está de um mau gosto exemplar, misturando cores sem piedade. Mas nem posso ver, observando as manobras. O *Vitória* avança manso, apalpando as águas traiçoeiras. "Duas braças!" assustava o praticante a bombordo, alteando a voz. "Duas e meio folgada!" consolava o sondeiro de boreste. Então o comandante dava presto uma guinada no leme e o navio refugava o desastre iminente. A outra margem, inda não pacificada, amontoava pedra em que a água encachoeirava babujando de cólera, querendo pegar o navio. "Duas escassas" se lastimava o sondeiro de bombordo, e o *Vitória*, gingando forte quase entestava com a praia esquerda, boa pra encalhar, tabuleiro célebre de tartarugas, onde anos atrás se viravam de oito pra dez mil destes petiscos de Júpiter. Mas as boas das gaivotas logo perceberam a maluquice e abriram

numa gritaria danada "Tem praia!", "Tem praia!" nos avisando. "Duas escassas!" pedia socorro o sondeiro de boreste, "Duas escassas!" ameaçava o de bombordo, e o *Vitória* não sabia mais pra que lado virar, e nós trinta minutos nessa angústia, o vaticano ia encalhar! Mas afinal as falsas praias movediças se fatigaram de andar assim boiando e desceram pra dormir no fundo d'água. "Quatro braças!" cantou o clarim de estibordo. "O navio está safo" comentou o imediato helenista<sup>223</sup>. E de fato, o *Vitória* conseguira se safar do perigo e nadava gozado por esse mundo de águas.

Pelas oito horas chegou-se a Porto Velho, com Santo Antônio do Mato Grosso, na mesma margem, no outro estado do Brasil, a meia hora do olhar. Recepção oficial. Uma escola pública, com a professora num estado maravilhoso de elegância gorduchinha, coisa linda! acompanhando dona Olívia. Apresentações em penca. Visitas. Mercado sem caráter. Jornal. Almoço a bordo. Enfim posso sair mais livremente. Telegrafo. Fotografias.

– Dr. Mário de Andrade, secretário da Rainha do Café.

Desta vez arrebentei, porque arrebentei!

– Mas... eu não sou secretário de dona Olívia...

– Mas!... o sr. não veio na companhia dela, então!

– Sim... somos muito amigos, viemos...

– Então o sr. está fazendo a viagem por sua conta!!!

Nem era possível zangar com o homem, tal o pasmo dele, vendo alguém que não era uma rainha enfarada e decerto meia maluca, andar passeando por aquelas paragens. Então expliquei com muita paciência pra ele, espécie de explicação coletiva embora tardia, dada a centenas de pessoas que já tinham privado comigo nesta viagem, expliquei que não, que éramos um grupo de amigos paulistas, curiosos de conhecer outros brasis, viajando cada qual por conta própria, pela vaidade ou ventura de conhecer coisas.

Tarde, automóvel de linha, até Santo Antônio do Mato Grosso. Delicioso passeio em terra firme, marco de "limites estaduais"! contradizendo o meu improvisado de Belém e alhures... E caminhadas pra aqui pra acolá, eu calmo, já telegrafara, o importante era telegrafar, gozando. Um delicioso passeio em suor de que chegamos bons, em pó. O calor é maior que o de Manaus. Mas me falaram aqui que em Guajará é muito pior. Embora reconheçam que hoje está um calor "excepcional", é sempre esta mesma coisa!...

223 Trocadilho ligando o adjetivo safo (desembaraçado) ao nome da poeta grega que viveu na ilha de Lesbos, nos séculos VII e VI a.C.



Me esqueci de contar: Hoje, na recepção, quando o navio ainda estava atracando, eis que de repente escutei um apito de trem, que saudade! meu coração ficou pequenininho. Também fazem<sup>224</sup> mais de dois meses que não escuto esse tenor sublime...

### Sintaxe

Quando íamos em busca do marco de limites, perguntei ao descalcinho que ia a meu lado, cansado de me olhar:

- É longe?
- É não.
- Você mora aqui?
- Moro não.
- Então nasceu no estado do Amazonas?
- Nasci não.

Me deu uma canseira!

12 de julho. Desde seis horas, mastigando estirões poentos numa conta, em plena ex-região da morte, cada dormente um corpo de homem tombado, esta Madeira-Mamoré... Vamos a Guajará-Mirim, São Carlos, Santo Antônio, Jaci Paraná, Abunã. Almoço. Casitas caboclas bonitas, com uma invenção arquitetônica adorável. E nos estirões, quando os rodamos nascem no vazio deixado pelo trem que passou, refluem bandos de borboletas agitadas. Provo refresco de vinagreira, vista dias antes num porto de lenha. Azedinho sem graça, de criança mijada. Provei graviola, ah, isso sim, gostei muitíssimo, gosto meio selvagem mas dado, leal, simpático, como o índio Pacanova<sup>225</sup> que vem rindo, rindo muito, pega o chapéu de palha por detrás e tira da cabeça erguendo muito o braço, enquanto oferece a outra mão pra gente num bom-dia de dedos inteiramente abertos. Esta é a primeira calça comprida de Pacanova, que está radiante, o homem maior do mundo.

- Agora que você virou gente, o que você vai ser, Pacanova?

E ele, mas rindo que não acaba, diz que vai ser telegrafista, e quando perguntamos

224 Respeitada a flexão do verbo, impessoal, conforme a língua portuguesa falada no Brasil, objeto do interesse de MA modernista.

225 O contato do diarista com os índios pacaás novos, cuja organização social é por ele inventada, restringe-se a este encontro, pois a visita programada à aldeia não se realiza (V. o registro do dia 13 de julho). Esta edição manteve a grafia Pacanova, particularidade ortográfica de MA que, neste registro, nomeia, torna personagem o índio encontrado.

por que, diz que "pra casar com brasileira". E esclarece depois que não quer casar com índia como ele não, basta ele, Pacanova cem por cento. Quer é brasileira, as nossas mestiças, decerto com alguma África no sangue. O alemão do *Vitória* que aderiu a esta viagem e estou com raiva dele, vai, fala que índio é "mais brasileiro que as caboclas". Respondi brabo que brasileiro era Líbero Badaró, vovô Taunay pintor, dão João VI, Matarazzo, mais que eu!<sup>226</sup> Trem, misturado com calor e alemão bobo, não se atura.

Às dezoito paramos na Vila Martinho e damos um pulo na Bolívia, no posto aduaneiro, Vila Bela, que bela! Flores, muitas flores plantadas, ar de gostar da vida, galinhas, legumes... Voltemos ao Brasil. O trem lá vai sacolejando. E sou mesmo eu que me sacolejo monótono nesta que é das mais terríveis estradas de ferro do mundo... Não... não se pode dizer que seja bonito não... Chãos péssimos de cerrado, matos fracos, alagadiços, pauis ainda negros, beiradeando o rio encachoeirado e apenas. Ninguém topa no caminho com Atenas nem com Buenos Aires. Ninguém terá pra ver, depois de se lavar no hotel, alguma catedral de Burgos... Mas estes trilhos foram plantados sem reis do Egito e sem escravos... Sem escravos?... Pelo menos sem escravos matados a relho... Milhares de chins, de portugueses, bolivianos, barbadianos<sup>227</sup>, italianos, árabes, gregos, vindos a troco de libra. Tudo quanto era nariz e pele diferente andou por aqui deitando com uma febrinha na boca da noite pra amanhecer no nunca mais. O que eu vim fazer aqui!... Hoje o poeta viaja com suas amigas, na Madeira-Mamoré, num limpadinho carro da inspeção, bem sentado em poltronas de cipó-títica, com perdão da palavra, estritamente feitas pelo alamão<sup>228</sup> de

226 MA enumera estrangeiros integrados à História do Brasil: Líbero Badaró (Laigueglia, 1798 - São Paulo, 1830), jornalista, político e médico italiano, radicado na capital paulista, liberal, opôs-se ao poder absoluto do Império e morreu assassinado, proclamando o valor da liberdade; Nicolas Antoine Taunay (Paris, 1755 - 1830), pintor da paisagem brasileira e fundador da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro, integrou a Missão Artística Francesa (1816), apoiada por D. João VI (Lisboa, 1767 - 1826), rei de Portugal que, em 1808, premido pela expansão napoleônica, transferiu a corte para o Brasil, trazendo mudanças significativas para sociedade e a economia da colônia; Francesco/ Francisco Matarazzo (Castellabate, 1854 - São Paulo, 1937), imigrante que expandiu a indústria no país; seu nome tornou-se sinônimo de riqueza.

227 A palavra barbadiano(a) aplica-se aos negros emigrados de Barbados e de outras localidades de colonização inglesa na América Central para a Amazônia, especialmente para Belém, Porto Velho e para a fronteira Brasil-Bolívia. Trabalharam na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré (V. nota 229).

228 Conservada a forma da língua portuguesa falada no país, a qual se mostra também



Manaus. Vem um garçom fardado lhe trazer um guaraná Simões, de Belém, geladinho, com o gelo mais lindo do mundo que é o de Porto Velho. Hoje o poeta come peru assado feito por um mestre cook de primo cartello, que subiu no *Vitória*, destinado pela Amazon River pra adoçar nossa vida. Às vezes se para, as paisagens serão codaquizadas, até cinema se traz! pra pegar em nossos orgulhos futuros a palhoça exótica, trançadinha com cuidado e fantasia. E já no início da noite lunar, o poeta manda o trem ficar esperando por ele, embarca no motor, dez minutos de rio cortado, e nasce na Bolívia, pátria dele. E cheiro as flores frescas desta terra abençoada, e escuto os meus patrícios falando em surdina uma língua macia, sem nada das pabulagens peruanas. O que eu vim fazer aqui!... Qual a razão de todos esses mortos internacionais que renascem na bulha da locomotiva e vêm com seus olhinhos de luz fraca me espiar pelas janelinhas do vagão?...<sup>229</sup> É Guajará-Mirim, pouco mais de vinte e uma horas. Recepção. Cansaço. Não há acomodação pra todos. Alimento uma mentalidade de estouro. Falo pouco, fazendo força pra me tornar antipático, recuso coisas. Recuso dormida em casa particular, dormirei no vagão! Não tenho água pra banho. Banho de cachaça. E durmo no vagão, heroicamente, sem medo das maleitas nem dos mortos, com um gosto raivoso de fraternidade nas mãos.

**13 de julho.** Enfim vêm me buscar! Banho excelente na casa dos engenheiros da Madeira-Mamoré. Passeio matinal, em que o bem disposto do corpo tira fotografias sem reparar. Depois, vamos a Puerto Sucre, do outro lado do rio, na margem e cidadinha boliviana. É dez vezes menor que Guajará, mas é um mimo. Não tem casa sem seu jardimzinho, muita flor, muito legume, vi repolhos destamanho! Já Bates<sup>230</sup> maldava dos amazonenses pela

no personagem Alamão, na ópera cômica *Pedro Malazarte*, com libreto de MA e música de Camargo Guarnieri.

229 O projeto norte-americano de 1878, voltado para a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, na fronteira Brasil-Bolívia, no seio da floresta amazônica, sucumbiu a dificuldades de toda sorte e deixou saldo considerável de mortos. Retomado, no século XX, a estrada de ferro foi concluída em 1914 e desativada em 1931. Muitos barbadianos permaneceram na Amazônia.

A experiência do viajante transfigura-se na criação do poeta de *O carro da Miséria*, datado por MA de 1930, 1932 e 1943, onde se lê: "O que vem fazer na minha boca um beijo/ A mulher da Bolívia agarrando/ Um penacho de viúvas restritas/ Restritas não restritas/ Que o papagalho repassa e põe na vida..." (versos 6-10; V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 473).

230 A data 1930, na edição de *The Naturalist on the River Amazonas* (London: J. M. Dent; New York: E. P. Dutton), o consagrado livro de Henry Walter Bates (Leicester, 1825 - Londres, 1892),

falta de cuidado em rodear a casa de conforto vegetal. Parece que a presença do mato bravo lhes basta... Aqui na Bolívia, não. O chefe da alfândega é contrabandista. Dona Olívia e o francês (veio pra isso) compram peles caras e lindas. Caras lá na civilização, aqui são baratíssimas. O próprio homem da alfândega é que as vende e, naturalmente, deixa passar. O passeio é delicioso e só chegamos em Guajará quase quatorze horas, almoçar. O passeio da tarde aos pacaás novos gorou. Visitamos de novo a cidade feia, muito feia. O amontoado de casas cor de terra, de barro cozido, nada de árvores, e várias coisas pretensiosas. O importante foi elevar Guajará-Mirim a cidade pra "poder elevar os impostos" e facilitar uns categorias, vivendo em Cuiabá. Aqui se usa "categoria" no masculino, e, melhor ainda, "catega" pra indicar indivíduo importantão. Como anteontem o marinheiro contando vantagem com um carregador de terra:

– Mme. (sic) Penteado é tão rica que o maior catega daqui nem dá pra lhe engraxá os sapatos!...

A cidade está insípida. Janta. Mulher do povo e de chapéu, já sabe, é barbadiana. Porém a minha de Belém, essa guardou tudo o que é graça, tudo o que é boniteza há quinze dias daqui<sup>231</sup>. Dona Olívia com as moças vão no baile. Me recuso com tanta energia, que dona Olívia me olha como surpreendida. Depois sorri. Depois ri francamente em cima de mim.

– Mário, você não esqueça de adquirir sua liberdade quando quiser...

Desaponto:

– Eu sei, dona Olívia... mas não é isso não!

Ela sorri um "está bom" meio irônico e se transforma numa garça real.

Bom, mas desta vez, francamente já era demais! Resolvo gastar o tempo da noitinha no cinema, e levavam *Não percas tempo* com William Fairbanks!<sup>232</sup>

e as anotações autógrafas no exemplar localizado na biblioteca de MA no IEB-USP indicam o enriquecimento do texto do diário por meio da leitura, no correr dos anos que envolvem a redação.

231 A "Moda do alegre porto", no fragmento "O poema nasce", glosa o encontro amoroso do Turista com "a barbadianinha que ficou por lá!..." (V. nota 227; V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 2. Ed. cit., p. 258-259).

232 Rasura: autógrafo a tinta preta: o nome "Fairbanks" é riscado e substituído por "Farnum"; esta edição optou pela primeira forma considerando o lapso de MA na última versão do texto (V. notas 61, 107, 186).



Felizmente a cama, na casa dos engenheiros, é de ótima suavidade e consigo dormir sem muito esforço.

### **Anúncio**

Na latrina da Guaporé Rubber Co.

### **ATENÇÃO**

Os 5 mandamentos que recomendam a higiene e dão a prova eficiente da educação moral dos frequentadores desta sentina são:

- 1 – não obrar nem urinar a tampa
- 2 – não obrar de cócoras
- 3 – puxar a válvula depois de servidos
- 4 – botar os papéis servidos dentro da lata
- 5 – demorar pouco tempo para não prejudicar os outros abalizados

Pede-se pois observarem os mandamentos acima.

(A lápis, logo a seguir):

- 6 – botar creolina aos sábados na sentina!

**14 de julho.** Partida de Guajará-Mirim, seis horas. Enfim, estamos definitivamente "voltando". Parada às onze pra visitar a cachoeira do Ribeirão. Passeio esplêndido sobre as pedras. Fotos. Almoço no trem. Um bem-estar geral que se resolve em cantoria. Canto que não paro mais. Paradinhas. Encontramos o trem "horário", como também aqui se diz. E desce um luar sublime sobre a terra. Tudo em volta do trem é de uma luminosidade encantada, cheia de respeito e de mistério. E eu canto, canto tudo o que sei, desamparado. Canto ao luar, desabaladamente em puro êxtase descontrolado, com a melhor voz que jamais fiz na minha vida, voz sem trato, mas com aquela natureza mesmo, boa, quente, cheia, selvagem mas sem segunda-intenção, generosa. O que eu sinto dentro de mim! nem eu sei! não poderia saber, nem que pudesse me analisar, estou estourando de luar, tenho este luar como nunca vi, me... em mim, nos olhos, na boca, no sexo, nas mãos indiscretas. Indiscretas de luar, nada mais. Sou luar! e de repente me agacho, fico quietinho, pequenino, vibrando, imenso, fulgurando por dentro, sem pensar, sem poder pensar, só.

Chegada a Porto Velho, meia-noite. Sono de pedra.

15 de julho. Recebo telegrama de casa: "Todos bons. Abraços. Carlos"<sup>233</sup>. Em Guajará me pareceu mesmo que fazia mais calor lá que aqui, mas é de manhã e já estou querendo me contradizer, que calor! Anoto, de bordo, escritos de marujos nos gaiolas e principalmente no casco do antigo *Aripuanã*, que agora serve de cais flutuante.

O *Rio-Mar*  
É a flor desta zona  
É respeitado o seu talha-mar  
No Pará e Amazonas.

Outro:

*Cuiabá*, xodó do porto.

Vai, um tripulante do *Madeira-Mamoré*, orgulhoso de seu navio, escreveu sem rivalidade:

O homem de boa fé  
Nunca fala despeitado:  
O *Madeira-Mamoré*  
É o barco respeitado.

Ora um marujo do *Curuçá*, valente, responde com arrogância:

O homem de boa fé  
Sempre tem palavra má:  
O *Madeira-Mamoré*  
É café pro (sic!) *Curuçá*.

Delícia, a gente observar esse "café" empregado por gente do Norte, onde dizemos "é sopa", "é canja". (Naquele tempo ainda não aparecera, aqui no sul, a expressão "café-pequeno", no mesmo sentido. Pelo menos eu não tinha conhecimento dela)<sup>234</sup>. Mas outro valente do *Madeira-Mamoré* revidou de tal forma que não teve mais resposta:

233 Carlos de Moraes Andrade (São Paulo, 1889 - 1968), irmão mais velho de Mário de Andrade; advogado; em 1927 milita no Partido Democrático.

234 Este trecho reconhece, na versão datiloscrita, duas fases na escritura de *O Turista Aprendiz*: a matéria captada e transposta em 1927, seguida da retomada em 1942.



O *Madeira-Mamoré*  
É o pai do *Curuçá*,  
É pesado, de conforça  
Como o cabo Corumbá.

Cabo Corumbá diz-que foi uma espécie de revolucionário em ponto pequeno, que andou fazendo estrepolias pelo sertão. Curioso, é nas três primeiras quadrinhas copiadas, a rima dupla, erudita. Visitas obrigatórias... Hospital da Candelária. Recepção festiva do Externato Tobias Barreto junto com o Grupo Escolar Barão do Solimões, discursos, recitativos. Ganho estupenda pele de onça, da casa J. G. Araújo. Partimos pouco antes do meio-dia. Vida de bordo. Paradinhas pegando borracha, paradinhas. Agora é que estou achando graça em mim... Não sei... aqueles vinte minutos de automóvel de linha, certas visagens de campo, Santo Antônio, Mato Grosso, um cheiro antigo de capim-gordura, o sol se amansou com a tardinha... E ouço um passarinho de minha terra, o sem-fim. Criei passado outra vez, botei a cara na estrada e lá fui num passo inclinado, comedor de légua. O menino corria, francamente corria pra me poder acompanhar. Mas o pobre do capitão Garcia, afobado, inventava:

– Olhe dr. Mário! este pontilhão! O trem passa por baixo!

Como se eu nunca tivesse visto pontilhão com trem passando por baixo! toca a andar! Afinal ele não pôde, conseguiu correndinho chegar até mim, me segurou firme no braço. Parei. Então ele me olhando com muita seriedade:

– Pra lá não tem mais nada, dr. Mário!

Voltamos pra junto de todos. Como eu poderia explicar a ele uma repentina reaquisição de passado por vagas semelhanças de mato e um gemer de sem-fim! Caminhadas rápidas pelos trilhos das fazendas, esportes vadios, num sol sempre manso... Batia um cheiro franco de capim-gordura e de quando em quando um gemer de sem-fim...

– Pra lá não tem mais nada!

Olhei fixamente o "lá" do paraense, sombras confusas de mato à tardinha. Não tinha mais nada... lá. O cheiro desaparecera. Sem-fim calara o seu gemer. Mas foi engraçado. Isso da gente, sem querer, sem pensar, assim de supetão, principiar andando rápido pra frente, sem nem saber onde vai... Parece maluquice.

16 de julho. Amanhecemos num porto de lenha, vida de bordo, paradinhas. Descemos em Coimbra, passeio longo. Balança<sup>235</sup>, o Klein<sup>236</sup> e eu. Ao entardecer Humaitá simpática, ainda sem luz. Fomos à casa da família do fundador, na frente a rua de grandes árvores, assistir ao boi-bumbá. Este, suas notas, estão nos meus papéis referentes ao bumba meu boi<sup>237</sup>. Noitada estupenda, ao luar e à luz dos lampiões. Partimos pela meia-noite.

### Os índios dó-mi-sol

É curioso que só tinham concepção de deuses do mal. Um deus bom, não possuíam. A mitologia deles era francamente uma demonologia perversa como o diabo. Aliás, nesse povo tão cheio de bom senso, o conceito do Bem era tão diluído ou indiferente que a bem dizer não existia. Tinham várias frases, com modificações musicais sutis pra designar qualquer noção maléfica, mas pra designar a noção benéfica contrária, quando possuíam, apenas uma frase única, genérica e geral. Assim, por exemplo, contei até quarenta maneiras diferentes de dizer "tenho fome", porém não tinham nenhuma expressão para indicar o "estou satisfeito" ou "já não tenho fome". Ora, esta era justamente uma das causas da grandeza dos índios do-mi-sol, pois tinham feito da vida um mal a conquistar, um demônio a abrandar. Eram, no fundo, mas no fundo apenas ideal, uns insatisfeitos. E disso lhes vinha ao mesmo tempo que uma atividade enormemente progressista, um conformismo a toda prova.

Pra se perceber quanto era sensível esta noção pessimista da existência, basta lembrar a palavra que principiada num determinado som mais grave, por meio do embalo de um atingia a quinta superior. Notei logo nas primeiras horas que essa música era repetidíssima e quando lhes perguntei o sentido me responderam que significava "inimigo". Fiquei muito sarapantado, pois então pude realizar que era a música com que todos se tratavam mutuamente, e pus minhas dúvidas ao intérprete. Este, coitado, não era muito sabido e principiou insistindo forte que o tal fraseio significava "inimigo" sim. Mas

235 Rasura a tinta preta na versão de texto integral: substituição de "Mag" por "Balança".

236 Klein, palavra que significa "pequeno" na língua germânica, era, na verdade, o nome do alemão enorme, companheiro de viagem, segundo o depoimento da embaixadora Margarida Guedes Nogueira, em 1976 (V. nota 35).

237 O registro em pentagrama está no manuscrito de *MA Melodias do boi* e na edição póstuma do mesmo, preparada por Oneyda Alvarenga (*As melodias do boi e outras peças*. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987).



o filósofo, que estava ao lado, escutando com paciência, principiou chilreando mansinho e o intérprete escudou, escudou e me esclareceu o caso. É que na língua dos dó-mi-sol a intensidade da emissão, os fortes, os pianos, os crescendos e decrescendos não só davam variantes de significado às expressões, como as podiam modificar profundamente. Não fundamentalmente porém. E este era o caso da palavra em discussão. Os dó-mi-sol não tinham nenhuma palavra pra indicar o amigo, o companheiro, o chefe, o proprietário, o escravo, nada disso. Só tinham mesmo uma palavra pra designar a inter-relação entre os seres humanos do mesmo sexo e não da mesma família, e essa palavra era aquela, "inimigo". Mas se pronunciada em fortíssimo, por exemplo, sem deixar de significar fundamentalmente inimigo, a palavra tomava as nuances de conceituação do "chefe", ao passo que, em pianíssimo, significava "amigo", sem por isso perder a noção preliminar de "inimigo". A mim, logo de início, desque botei atenção naquela semântica ativa, notei que todos me tratavam num mezzoforte que ia em decrescendo, o que significava, mais ou menos "inimigo curioso, desprezível por ser de raça inferior". Mas no fim das nossas relações já quase todos, com exceção de uns quatro ou cinco, me tratavam em pianíssimo com tendência crescente, o que não deixou de me sensibilizar.

**17 de julho.** Vida de bordo. Amanhecemos em Três Casas, mas não desci, por ter saído da cabina depois da partida do bote. Em Pariri encontramos o gaiola da Amazon River, *Índio do Brasil*, vindo de Belém. Estou meio amolado... Paradinhas sem descer. Com mil bombas! de repente pus reparo que nesta história de viagem com mulher, afinal as coisas mais úteis que eu poderia ver, não vejo, nesta pajeação sem conta... Por exemplo, ainda não visitei, de fato, um seringal! Vou reclamar do capitão Jucá, que imagina um bocado e me promete pro dia seguinte uma visita longa num seringal de interesse. Inda que bem. Pelas dezessete a boca do Uruapiara sem descer. Outro caso concludente de maleita nirvanizante. Lá vinha bem de dentro do igarapé uma lancha grande, manejada por dois tapuios, completamente carregadinha de peles de borracha. Na proa, de pé olhando o *Vitória*, vem um rapaz, que idade? não é possível saber, a pele lisa, bem barbeada, boca fina, um risco apenas, olhos fundos, cinzentas olheiras profundas, onde se dispersa um olhar embaçado, que não vê coisa nenhuma, levemente mais claro que as olheiras. O cabelo encardido liso cai finíssimo. Sapatos brancos sem meia. Uma roupa limpíssima, passadíssima, S 120<sup>238</sup>, sobre a pele, apenas calça e paletó. Está claro que todos na amurada, olhando a

238 Linho da melhor qualidade usado, aliás, na confecção das roupas de MA em Belém (V. fac-símile da nota fiscal nesta edição, p. 76, notas 45, 67).

lancha, comentando o caso, um rapaz novo assim nos cafundós dum seringal vivendo. É simpático. O imediato nos explica que é muito rico, os pais morreram, de maleita, não sei, e ele vive sozinho no seringal.

– Casado?

– Solteiro.

As moças fazem barulho, se desejando desejadas, as perversas. O rapaz nem olha. Pula a bordo, passa por nós sem olhar, vai no camarote do comandante tratar das suas faturas. Quando desce, passa pelo outro lado do navio, evitando a nossa vista. Embarca na lancha, e fica sempre de pé na proa. E a lancha vai, nos dando as costas para todo o sempre. Sem um olhar! Não se trata de um problema de feli- ou infelicidade... Nem chego a imaginar direito de que problema se trata, mas o fato existe, é verdadeiro, eu vi. Possivelmente se tratará de uma substituição de problemas, uma diluição de problemas dentro da indiferença. Ou dentro da paciência. Ou dentro da monotonia, que tem mais objetividade. São quase sete horas e nos comovemos na passagem diz-que difícilíssima de Marmelos. A imagem do moço me persegue. Ter uma maleita assim, que me deixasse indiferente...<sup>239</sup>

#### **Anedotinha**

Não conto o lugar. Estávamos chegando numa cidadinha. Dona Olívia a meu lado, encostados na amurada, entre outras pessoas, vendo a cidade chegar. Nisto dona Olívia dá um suspiro de se ouvir.

– Que é isso, Rainha!<sup>240</sup> suspirando?

– Ah, Mário... (com ar de enfado) essa história de todos os prefeitos se verem na obrigação de acompanhar a gente, levar na prefeitura, no grupo...

Pois essa cidade visitamos sem prefeito, livres, mandando em nosso passeio. É que o prefeito era exatamente aquele homem que na chegada estava ao lado de dona Olívia, no navio, mostrando que ali era a igreja, acolá a prefeitura etc.

**18 de julho.** Pelas oito horas chegamos de novo a Vencedor, e o comandante Jucá mandou me dizer que, se estava decidido mesmo, podia penetrar no seringal, que ele ia mesmo tomar lenha e nos esperaria quanto quiséssemos. Dona Olívia refugou a

239 Retomada da valorização da maleita (V. nota 160).

240 Rasura a tinta preta: substituição de "O que é, dona Olívia".



excursão que pretendia ser longa. Fomos as duas meninas, o Klein e eu, tendo como guia o mateiro Eduardo. Vamos seguindo o caminho de um seringueiro, ziguezagueando pelo mato, de uma seringueira pra outra. Torneamos também castanheiras gigantescas, enfim, verdadeira floresta "civilizada" amazônica. O trilho do seringueiro está desimpedido do cipoal e da serrapilheira intransponíveis pra nós. Acabamos nos encontrando com o homem cuja viagem diária estávamos seguindo. O observamos na sua faina, fazendo os lapos na árvore, botando as tigelinhas, partindo em busca da seringueira de em seguida. Feito o caminho todo, ele voltará no mesmo zigue-zague, recolhendo as tigelinhas cheias<sup>241</sup>. Mais de hora de marcha, e topamos com um laguinho fundo. Ninguém não pode imaginar a sensação de paz, de silêncio quase absurdo que se tem nestes lagos pequenos cercados de árvores colossais. Aqui, ainda a sensação é mais intensa que a das proximidades de Manaus. E aqui não há vitórias-régias, não há nada que traga qualquer disfarce de alegria a esta paz invulnerável. Até as moças baixaram a voz. A água, refletindo o verde negro destas árvores enormes, é de uma profundidade infiel, como se estivesse apodrecendo aos poucos. E o silêncio não deixa de ser um bocado doentio, embora sem tristeza. No meio disso, uma nota mais amarga que engraçada. Uma casinhola de palha numa nesga de praia íngreme, afundando no laguinho. Junto da casa, se arrastando em seus afazeres, uma mulher de seus cinquenta anos, no mínimo. É paralítica e se chama Bernardina. Quando as moças lhe perguntam a idade, conta que tem apenas vinte e nove.

– A senhora vive sozinha!

– Naãum...

– A senhora é casada?

– Sou sim... (e num ar pachorrento:) quer dizer, amigada.

As frases caem mortas n'água. Se afundam. Resolvemos voltar, mas a caminhada custa a se alegrar; só um quarto de hora depois estamos felizes outra vez, rindo, conversando alto. Passeio somando tudo, dos mais admiráveis da viagem, durado quase três horas.

Pelas quatorze horas paradinha no barracão São José. Pertence ao mesmo proprietário de Vencedor, o Carlos Lindoso, que me oferece uma pele de tamanduá-mambira, ou nembira, também chamado tamanduá-colete. Este é o pedaço mais bonito de floresta amazônica que vimos. Descemos. Conversinha sobre possibilidades da gente,

241 "Dois poemas acreanos" – "Descobrimto" e "Acalanto do seringueiro" – em *Clã do jabuti*, livro de 1927, transfiguram o árduo trabalho de recolher a borracha, testemunhado pelo diarista (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit, p. 285-291).

sem mateiro, se perder no matagal. Balança<sup>242</sup>, Klein e eu, embora acompanhados de um tapuio, resolvemos experimentar. Tomamos todas as disposições intelectuais de referência e entramos no mato. Nenhuma originalidade nos escapa, troncos caídos, uma parasita, isto, aquilo. Nem bem andamos uns dez minutos e decidimos voltar, a confusão se estabelece. Quedê tronco? flor? pra que lado está o rio? Só com a ajuda do sol nos endireitamos para a margem do rio, chegamos ao rio. Onde que está o *Vitória*? rio acima? rio abaixo?... Obrigado, tapuio. Vida de bordo, paradinhas. Tarde sublime. Noite fresca.

### Os índios dó-mi-sol

Lenda do Aparecimento do homem. Então os índios me levaram ver a tal de embaúba colosso. Era realmente um prodígio. No meio da serrapilheira densa bem mais alta que a altura de um homem, os troncos colossais daquela floresta verdadeiramente virgem se lançavam pro alto com fúria, troncos que sete pessoas de mãos dadas mal conseguiam cercar pela metade. Pois tudo isso era minúsculo, a serrapilheira era grama, os troncos eram roseiras, ao lado da embaúba gigante. Medi a altura dela. Tem pra mais de setecentos metros. E então os índios me contaram que foi na copa imensa dessa embaúba que se deu a famosa briga entre guaribas e preguiças, ninguém nunca soube por quê. O caso é que um dia o pessoal se engalfinhou lá em cima num chinfrim fabuloso, e teve tantas mortes como as folhas da embaúba. Era um chão novo que tomava léguas, montes e montões de cadáveres se abraçando na paz forçada da morte. Me causou estranheza ter havido uma guerra, coisa de tanta atividade, em que os preguiças entrassem, mas os dó-mi-sol se riram. A verdade é que corre muito exagero a respeito da preguiça dos preguiças, é calúnia. Existem até preguiças apressadíssimos. O que se dá realmente entre esses animais sagrados é um conhecimento muito mais íntimo da vida e da relatividade da afobação. Por isso que eles são tão vagarentos. Entre os exegetas dó-mi-solenses apenas uma dúvida pairava. Uns, a minoria, pertencentes à escola dos animalistas, julgavam que a lentidão dos preguiças derivava destes animais edificarem com o pensamento voltado para o futuro, só cuidando, menos de si, que dos filhos e da raça. Já os da escola, que em nossos conhecimentos científicos, diríamos, "totêmica", afirmavam que não era nada disso, nem os preguiças se preocupavam de qualquer futuro. Apenas tinham já adquirido aquele andar da sabedoria em que o pensamento reconhece que o que faz a felicidade não é o gozo dos prazeres do mundo, porém a consciência plena e integral do movimento. E de

242 Na versão datiloscrita completa, substituição, a tinta preta, de "Mag" por "Balança".



fato creio que ninguém contestará que os preguiças se movem com bastante consciência. Cada gesto que fazem pode durar sete horas, como observei muitas vezes, mas é feito com uma intensidade profunda – um ato em verticalidade, como agora se diz. É enfim o que, no sermo vulgaris, diríamos um gesto "gozado". Adotei imediatamente a exegese da escola totêmica e fiquei com a maioria, o que me deu enorme prazer. E quando contei a eles que decerto os preguiças também já punham em prática uma doutrina dum grande filósofo da minha terra, Machado de Assis, que dizia que "também a dor tem suas volúpias", os índios principiaram com grandes gargalhadas lá do jeito deles, e soltavam fermatas agudíssimas que queriam dizer "É isso mesmo!", "É isso mesmo!".

E é por basear toda a vida no princípio essencial da consciência do movimento que os preguiças são tão felizes, vivem sempre muito bem-dispostos e, na tal guerra com os guaribas, receberam a palma da vitória. Então dividiram o mundo. Obrigaram os guaribas a ficar em terra, ao passo que eles, preguiças, ficavam nos ramos da embaúba. Os índios dó-mi-sol se dizem descendentes dos preguiças; ao passo que os guaribas, obrigados a andar em terra foram se transformando nos outros índios e em mim. E quando perguntei como é que eles tinham descendido dos preguiças que não estavam obrigados a andar em terra, os dó-mi-sol ficaram muito admirados da minha pergunta e responderam que não sabiam.

**19 de julho.** Madrugamos em Borba, cujo perfil, no alto do barranco, pude ver em sonho. Depois Caiçara do Madeira. Última tarde neste rio, quente, mas lindíssima. E um milagre: brisou forte, me enchendo de volúpias desejadas, um cheiro de mato em flor, cheiro selvagem, quente, uma delícia. E a noite cai. Tenho, nesta viagem pelo Madeira, tomado muito o costume de, após a janta, descer na terceira, conversar. "Não sei que fim levou... Uma vez encontrei ele no Pará, de gravata, todo formalizado".

– Mas você... prefere o Espírito Santo ou o Acre?...

– Nem num sei!... Sorri manso. Por que foi pro Acre? eu sabia, coisa de brincadeira com o irmão. Não dava mesmo pra estudar, então o irmão, já no segundo ano do ginásio, falou que ele só dava pra seringueiro no Acre. Só de pique, ele falou que era mesmo ("eu num sabia...") e fugiu de casa pra ir ser seringueiro no Acre. Teve de andar escondido por causa do retratinho nos jornais, até arrancou aquele dente da frente pra disfarçar mais, foi pra Minas e de lá pra Bahia, servindo de tudo. Levou cinco anos nisso, mas que pensar em voltar pra casa! quando viu tinha vinte e um anos, não tinha papéis, não tinha nada. Mas a vontade era embarcar, pra chegar no Acre. Afinal conseguiu embarcar, trabalhando. Em Fortaleza conheceu um moço que ia embarcar pro Amazonas, ficou com vontade outra vez. Estava empregado, mas largou do emprego, quando viu, não tinha papéis. Afinal conseguiu arranjar

papéis falsos com um padre bom, porque não queria envergonhar os pais lá do Espírito Santo. Até (e puxava uma carteira que já nem era carteira mais, de velha) até guardava uma carta que recebeu do padre, quando estava em Manaus. Então se empregou pra trabalhar num seringal do Acre, e quando chegou lá e pisou no firme, "tive um orgulho, sim, sinhô". Pais, não tinha: quem havia de querer ser pai dele agora! estava com trinta e cinco, sim, sinhô. O Espírito Santo, nem se lembrava direito. O Acre, é aquilo que o senhor já sabe... E no silêncio entre nós dois, escutei a voz de Trombeta<sup>243</sup>, linda, cantando lá em cima, no tombadilho.

**20 de julho.** Manaus pelas dez horas, num calor famoso. Não: aqui é mais quente que Porto Velho. Mas temos que esperar até treze horas, permissão para desembarcar. Afinal rua, fazendo compras. Visita ao presidente no seu Rio Negro. De lá partimos, em automóveis de pó, trinta quilômetros, inaugurar a parada Olívia Penteado, na estrada de rodagem que irá ter ao Rio Branco. Tapuias de encarnado, a cor nacional das mulheres rurais. De repente me dá um beijo bem na boca um cheiro paulista de capim-gordura. Os tucanos nos vão com gargalhadas de dois quilômetros. Janta com presidente e prefeito, no melhor restaurante. Muito bom. Estes filés de tartaruga vão me deixar com saudades. Visita ao teatro, mistura agressiva de riqueza falsa e desleixos de acabamento. Bonita mobília no camarote presidencial. Noitada com Raimundo Moraes e Da Costa e Silva. Durmo, em dia comigo mesmo.

**21 de julho.** Levanto cedo, comprar peles de onça. Às dez horas, visita à Prefeitura, e em seguida ao Campo de Demonstração, ver o corte "racional" da borracha, com a fabulosa faca Amazonas. Bonito, as folhinhas novas das seringueiras! são prateadas. Almoço no palácio Rio Negro. Francamente esta hospitalidade baré está delicadíssima, generosíssima, agradabilíssima. Depois delicioso passeio e respectivo lanche, no bosque da cachoeira de Tarumã. O Chevalier foi. E o mineirinho inteligente, como é mesmo o nome dele!... Enfim, a bordo. Visitas, visitas, visitas de despedida. Partimos às vinte horas. Bom: agora sim, estamos de fato de volta pra São Paulo. Qualquer passo viajante que fizermos a mais nos aproximará de São Paulo. Digo isto, aliás, sem prazer. É certo que não sou de psicologia tipo turista, isso já não tenho mais dúvida, mas também só umas três vezes terei sentido alguma saudade de São Paulo e dos meus. Nunca soube sentir saudades, será uma falha minha... Noite péssima, não consigo dormir, agitado, angustiado.

243 Rasura na versão datiloscrita completa: substituição, a tinta preta, de "Dolur" por "Trombeta".



### Índios dó-mi-sol

É curioso constatar como, mesmo entre concepções tão diferentes de existência que nem as da gente e desses índios dó-mi-sol, certas formas coincidem. É assim que também esses índios usam se enfeitar com flores e cultivam grandes jardins trabalhados por jardineiros sapientíssimos. As cunhãs, que sempre foram muito mais sexuais que os homens, se enfeitavam, atraindo a atenção dos machos para as partes mais escandalosas delas, que como já sabemos, são cara e cabeça. E assim, enfeitavam o pescoço com mururês e vitórias-régias. Tempo houve mesmo que lançaram a moda de enfeitar diretamente a cabeça, apesar desta continuar coberta. Mas foi tal o escândalo, os próprios homens se sentiram repugnados com tamanha sem-vergonhice. E a moda se acabou, não, aliás, sem terem sido devoradas na praça pública umas quatro ou cinco senhoras mais audazes que, de cabeças floridas, tinham resolvido enfrentar a opinião pública. As outras se acomodaram logo, se reservando o direito de enfeitar o pescoço. Já os rapazes, porém, se floriam sem a menor sexualidade. Preferiam uma espécie de lírio sarapintado de roxo e amarelo que dava na beira dos brejos, e tinha uma haste muito fina e comprida. Cortavam a flor com haste e tudo e a enfiavam no... no assento – o que lhes dava um certo ar meditabundo.

22 de julho. Itacoatiara pela manhãzinha. Dona Olívia não quer ser acordada e nem penso nas meninas. Desço só com o prefeito amável e o jornalista do Pará. Passeio de carro! Presente de castanhas. Pelas quinze horas Silves, com as curiosas ruínas da igreja, onde moram todos os cachorros do mundo. Moças bonitas nas janelas. Se ergue uma ventania e o navio principia jogando. Chuvinha. À noitinha Urucará. O navio joga. Jogo gamão com dona Olívia. Esses alemães são uns ingênuos. As meninas, sobretudo Trombeta<sup>244</sup>, estão tomando grandes liberdades com o alemão Klein. Trombeta<sup>245</sup> já se deitou. Nisso Balança<sup>246</sup> se dirige para a cabina, conversando com o Klein. Ela<sup>247</sup> entra na cabina e deixa a porta aberta. O Klein senta ali perto e fica conversando com as duas. Isto tudo pela porta da cabina que dá pro salão interno. Dona Olívia ali, jogando comigo. Principia se mexendo na cadeira incomodada. Joga uns olhares que não disfarçam mais a irritação, ao Klein. Ele

244 Rasura: no datiloscrito "Dulce", riscada a tinta preta e substituída por "Trombeta".

245 No datiloscrito "Dolur", rasura a tinta preta: "Trombeta".

246 Rasura: no datiloscrito "Mag", substituição a tinta preta: "Balança".

247 Rasura a tinta preta: substituição "Mag" por "Ela".

nem sonha. Eu, só na gozadura. Afinal dona Olívia não aguenta mais, se levanta. Vai até a cabina das moças, pede um vidro de não sei o quê e, ostensivamente, fecha a porta da cabina, olhando bem o Klein. Mas o marmanjão não malícia nada. O gramofoninho está ali mesmo na mesa. Klein põe a máquina em movimento. Aparece a carinha de Trombeta<sup>248</sup>, só a carinha, lá no alto da parede da cabina, parte que é só telada. Evidente que ela trepou na cama, pra chegar com o rosto àquela altura. E o Klein conversa com ela. Dona Olívia erra gamão que é um despropósito: dois mais dois são trinta e cinco. Mas neste momento o Klein se aproxima da cabina das moças e bate na porta, chamando por Balança<sup>249</sup>. Dona Olívia não pode mais: levanta, para o gramofone com aspereza e toda trêmula de raiva, grita pro alemão:

– Elles n'ont plus besoin de musique, Mr.! Elles sont allées se coucher!<sup>250</sup>

Trombeta<sup>251</sup> desaparece. Balança<sup>252</sup> nem pio. Estarão rindo lá dentro, juro. Eu não sei o que mexer, mexo o indicador da mão esquerda? O pobre do Klein está com os olhos esgazeados, completamente besta, com aquele francês que ele não compreende. Dona Olívia, de pé, junto ao gamão, arranjando pedras em qualquer lugar.

**22 de julho**<sup>253</sup>. Fazer uma digressão sobre a segurança "moral" e conseqüentemente

248 No datiloscrito "Dolur", substituição a tinta preta: "Trombeta".

249 "Mag", no datiloscrito, rasura de substituição a tinta preta: "Balança".

250 Tradução: "– Elas não precisam mais de música, Senhor. Elas foram se deitar!"

251 "Dolur", no datiloscrito, rasura de substituição a tinta preta: "Trombeta".

252 No datiloscrito "Mag", substituição a tinta preta: "Balança".

253 No dossiê de *O Turista Aprendiz*, o registro "22 de julho", segunda parcela para esse dia do Turista, está entre os fragmentos apensos à versão integral datilografada. Autógrafo a grafite no texto e a lápis vermelho na sublinha ao título e na nota final que repete a data de pontacabeça, "Dia 22 de/ julho", definindo, o ponto da inserção. O registro ocupa o verso de um fólio milimetrado de caderno de bolso, continuando no anverso de outro, do mesmo suporte, assim como o anverso, numerado como página "3", e o verso de uma folha de bloco carta, sem pauta. Nota-se um corte no texto, justificando a proposta "E dar o fim desta carta". Traz, no início, a indicação: "p. 67", para ser implantado na versão completa. Marcas de cliques mostram no primeiro fólio junção anulada a outro documento do processo criativo. Envolve cogitação ligada a rascunho de carta à "amiga judia comunista francesa", em quem se descobre Dina Lévi-Strauss (Milão, 1911? – Paris, 1999), colaboradora de MA em projetos dele, no Departamento



fisiológica com que agem Musset<sup>254</sup>, Klein, e já o suíço Schaeffer na ida a Iquitos. Se sente que eles têm uma tradição multimilenar por detrás que os leva a agir "sem dor" diante da irresolução moral das meninas e minha. Os próprios norte-americanos de Iquitos que segurança por terem uma "civilização" por detrás. Nós é esta irresolução, esta incapacidade, que uma "capacidade" adotada, uma religião que seja, não evita. Daí uma dor permanente, a infelicidade do acaso pela frente. Dizer que então me lembrei de uma amiga judia francesa comunista que me crible de lettres<sup>255</sup> sobre a infelicidade social dela, dos operários etc. Me lembrei de escrever pra ela uma carta amazônica, contando esta "dor" sul-americana do indivíduo. Sim eles têm a dor teórica, social, mas ninguém não imagina o que é esta dor miúda, de incapacidade realizadora do ser moral, que me deslumbra e abate. E dar o fim desta carta.

[...] sei não, talvez para me conservar mais no contato humano. Ce serait peut-être la seule façon de ne pas avoir saudades<sup>256</sup>. Tenho certeza que a Senhora é pássaro. A vossa impiedade é uma impiedade perfeitamente de bico de pássaro, essa parte dura, irresistível e desacomodada que torna os pássaros menos pássaros. Mas com essa única exceção da vossa impiedosa curiosidade, a Senhora é pluma, é pena de ave. Eu me imagino de ver a Senhora um desses altos oiseaux de passage...<sup>257</sup> Agora os vossos olhos estão salvos e é tão feliz de

de Cultura da Municipalidade de São Paulo, entre 1936 e 1938, quando regressa à França, em agosto. Antropólogos, ela e o marido, Claude Lévi-Strauss (Bruxelas, 1908 - Paris, 2009), participaram do grupo de professores enviado pelo Governo francês à recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. O rascunho (ao que se avalia, nunca passado a limpo), ou a carta imaginada, responde a missiva que Dina endereçara a MA em 2 de maio de 1940 (V. Correspondência passiva, no Arquivo MA, IEB-USP).

Ao que se pode deduzir, este registro do dia 22 de julho liga-se à nota de trabalho apensa ao dossiê, autógrafo a grafite em folha destacada de pequeno bloco para rascunho:

A noção de respeito diante de qualquer europeu.

Nós somos velhos, muito velhos, nós brasileiros, diante de um norte-americano.

254 Interessante coincidência para um escritor viajante: o companheiro na excursão tem o mesmo sobrenome do poeta romântico francês Alfred de Musset (Paris, 1810-1857). O depoimento da embaixadora Margarida Guedes Nogueira, em 1976, confirma esse fato.

255 Tradução: "me enche de cartas".

256 Tradução: "Isso talvez fosse a única forma de não sentir saudade".

257 Tradução: "aves migratórias", como a águia, o condor; MA parodia "*Les rêveries de René*" ("Os devaneios de René"), do romance *René* de Chateaubriand (Saint-Malo, 1768 - Paris, 1848), texto lido nas escolas brasileiras, na época.

vos saber assim, alta, nas alturas, vendo com a vossa fria acuidade europeia nos gentilles âmes imparfaites. N'avez vous pas senti nos peurs américaines, et nos impossibles?<sup>258</sup> O que é Hitler, Daladier<sup>259</sup>, a impotência, a clarividência criminosa. Os vossos operários europeus? Eles não sofrem não, eles teorizam sobre o sofrimento. A dor, a imensa e sagrada dor do irreconciliável humano, sempre imaginei que ela viajara na primeira caravela de Colombo e vive aqui. Essa dor que não é de ser operário, que não é de ser intelectual, que independe de classes e de políticas, de aventureiros Hitlers<sup>260</sup> e de covardes Chamberlains<sup>261</sup>, a dor dos irreconciliáveis vive aqui. E se a Senhora não sente senão liens<sup>262</sup> muito frágeis com esta América em que a Senhora desviveu três anos, é que lhe falta a puissance des valeurs éternelles<sup>263</sup>. Vous n'êtes que pensée, pensée grecque, pensée latine, clarté, soleil et pauvre nettété. Je ne peux pas avoir pitié de vous, parce que vous êtes la plus forte. Je ne peux que vous insulter très doucement, vous plaçant du côté de la Minerve d'aurain<sup>264</sup>. Moi, je m'enfous les vertes nébuleuses forestières<sup>265</sup>. Mais je me danse plus au chant rustique de

258 Tradução: "nossas frágeis almas imperfeitas. A senhora não captou os nossos medos americanos e nossas impossibilidades?".

259 Édouard Daladier (Carpentras, 1884 - Paris, 1970). Político francês; ao lado de Neville Chamberlain, Adolf Hitler e Benito Mussolini, signatário do Pacto de Munique que, em 1938, favoreceu o expansionismo alemão.

260 Adolf Hitler (Braunau am Inn, 1889 - Berlim, 1945), líder do Partido Nazista, ditador na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, que vai 1939 a 1945.

261 Arthur Neville Chamberlain (Birmingham, 1869 - Heckfield, 1940), primeiro-ministro britânico participante do Pacto de Munique; liderou o reino nos primeiros meses da Segunda Guerra Mundial, deflagrada em setembro de 1939.

262 Tradução: "laços".

263 Tradução: "força dos valores eternos. A Senhora nada mais é do que pensamento, pensamento grego, pensamento latino, clareza [de raciocínio], sol e nitidez irrelevante. Eu não posso ter pena da senhora, porque a senhora é o mais forte. Eu posso apenas insultá-la baixinho, colocando-a ao lado da Minerva de bronze. Quanto a mim, eu desprezo as imaturas nebulosas forasteiras. Pois eu antes me afino com o canto rústico de Pã. Eu me debato nas mãos ainda bem poderosas de Diana. Mas, de fato, ela exagera na virtude./ 'Muito gentilmente,' "

264 Sarcasmo do diarista: a Minerva de bronze, escultura (busto) do 1º/2º séc. a.D. e versão romana da deusa grega da sabedoria, Atena, tem aqui o sentido de estática peça de museu.

265 A metáfora, endereçada à jovem colega, reporta-se ao significado das nebulosas, na astronomia: regiões de formação estelar.



Pan. Je me débats sous les mains encore trop puissantes de Diane. Mais, vraiment, elle exagère sa vertu.

"Très doucement,"

23 de julho. Parintins pela madrugada, vista em sonhos. Às cinco horas paramos pra pegar lenha em Desaperta. Embarcamos numa barca de remo e entramos pelo lago do Joseaçu, lindíssimo hibridismo, pra visitar a usina Vitória, de óleo de pau-rosa, fixativo de perfumes, propriedade de um francês, já se sabe, Ernest Hauradou<sup>266</sup>. Maravilha de passeio. A manhã é tão clara que tiro excelentes fotografias nem são ainda seis horas! O francesinho da fábrica é uma delícia de linguística:

– Moi, je fus mordu par une jararaque, mas je ne me suis assusté, je n'ai rien fait. Bon, si j'avais un canivète, enton j'aurais coupé, mais je n'avais même pas un canivète!...

Nos oferece óleo de pau-rosa, aliás cheiro gostoso, um pouco enjoativo.

Vida de bordo outra vez. Estamos ajustados de embebedar o Klein, e uma hora antes do almoço o francês de bordo, por sinal que se chama Musset, convida o Klein, as moças e eu pra um uísque. Bebedeira famosa. Desacostumados de beber (tínhamos evitado o álcool a bordo) e muito gastos pelo calor, sei que com quatro doses fiquei arrasado, bebedíssimo. As moças, eu as tinha poupado. O Klein e o Musset também bastante chumbados, mas desaparecem. Eu, descontrolado, em vez de fugir do almoço que a sineta anunciava, não: me sento no meu lugar, em frente de dona Olívia e à esquerda do comandante. As meninas, inda por cima, ao lado de dona Olívia me faziam caretas, me observando. Eu, consciente de que estava muito bêbado, resolvo, como sempre acontece, provar a todos que não estou bêbado, e elogio o primeiro prato. Me dirijo muito sério ao comandante, nunca estive tão sério nem tão circunspecto em minha vida e faço perguntas sobre a tonelagem dos vaticanos da Amazon River. Dona Olívia me olha, um bocado inquieta, sem saber ao certo o que está sucedendo. Eu reconheço que estou falando sobre coisas que não a podem interessar e manifesto ao comandante e aos outros nortistas da mesa, nosso desejo ardente de que a Amazônia se erga rápido e possa de novo seguir o

266 Na carta a Luciano Gallet, em 31 de maio de 1927, MA lembra: "Ah! Me esquecia do francês morando em Parintins que agorinha mesmo veio me dar bon-jour" (carta no Arquivo Luciano Gallet, Escola Nacional de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro; V. notas 9, 33, 193, 307, os registros de 28 de novembro, 1 e 3 de dezembro em "Notas de viagem ao Nordeste: diário 1928-1929" e o folhetim "Rio de Janeiro, 28 de novembro, 21 horas" na parte "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", nesta edição).

ritmo de progresso das outras unidades da Federação. Dona Olívia está estupefata. As meninas, furando os pratos com o nariz, não podem mais, se se mexerem, estouram. O capitão Jucá não entende. O médico quer disfarçar, fala não sei o que que me leva a pegar no assunto e a propor a industrialização em grande das "sementes oleaginosas" porque a Alemanha... Então dona Olívia ri. Ri muito, compreendeu tudo, e as meninas estouram. O comandante Jucá sorri. Eu, que que hei-de fazer! eu rio. E fico bêbado à vontade. Sono ilustre<sup>267</sup>. As moças me acordam à noitinha, porque estamos chegando em Óbidos. Compro pele de cobra enorme. Tem prefeito. Paradinha na fazenda Imperial, perto, pra embarcar dois bois. E como estou perfeitamente de acordo comigo, durmo sono angelical.

**24 de julho.** Pela noite, passamos Alenquer, vista em sonhos. Amanhecemos em Barreiro do Tapará tomando lenha. Um rapazinho, tapuio esperto, carregando achas, brinca, ri mais que ninguém. Bulo com ele. Ele sorri, não responde. Traz mais achas. Bulo com ele. Sorri, não responde. Traz mais achas. Bulo com ele, não responde. Mas ao descer do navio pra ir buscar mais achas, se vira, me encara fito:

– Moço! quer me levar pra Belém!

Há desejo e angústia no pedido. Agora sou eu que sorrio e não tenho o que responder. Desço de bordo. O trabalho já terminou. Me aproximo do rapaz, puxo conversa com ele. Imagino deixar uns níqueis pra consolo.

– Você já sabe ler?

– Sei não!

– E você queria aprender a ler?

– Ih... mais que dinheiro!...

267 Entre as notas de trabalho no dossiê de *O Turista Aprendiz*, esta, no anverso de folha milimetrada de caderno de bolso, planeja, a tinta preta:

18 de junho (p. 31 da datilografia)

Depois descrição volta ao luar pelo Javari até o navio, continuar descrevendo nós bebendo e ceando. E da ceia ir, sem dizê-lo propriamente, mostrando que vou ficando bêbado, e descrever a bebedeira. (Aproveitar o pedaço de 'Rud' inédito). Dar como título ao trecho: "Gosto de cabo de guarda-chuva".

---

Não devo fazer isso, nesse 18 de julho, seria inexato. Posso aproveitar o caso ou pra bebedeira do almoço, dia 23 de julho, ou melhor, na volta por mar, no *Baependi*.



Não tive coragem de dar os níqueis de consolo. Fui pra bordo com o coração cortado. Só depois que o vaticano partiu é que me lembrei que devia ter dado os níqueis. Pois se eram de consolo! Onze e bastante, Santarém no sol. Compra de cuias<sup>268</sup>. Uma delas, Balança me oferece irônica. Traz o escrito: "Sonhei contigo em viagem". Com a música da "O Rose Marie, I love you", faz-se uma cantiga:

Sonhei contigo em viagem  
Entre os pirarucus,  
E os já-carés, e os já-camins e os já-cus,  
Cajás, maracajás e tracajás...

Fotamos a maracajá mansinha. Vida de bordo. Pela tardinha, entrada emocionante pelo paraná de Monte Alegre e rio de Urubatuba. A passagem é tão estreita que os galhos das árvores se quebram contra o navio. Em Monte Alegre não tem prefeito. Mas tem a chuva e nhã Marta que aprende o meu nome e não para mais de o repetir cantando, parece os índios dó-mi-sol, que já não estão me interessando muito não. Vou desistir de escrever o livro que imaginei. Compro chapéu de timbó-açu. Vogando.

25 de julho. Outra coisa não sucedesse ontem, tinha ganho bem o dia com a reflexão de um caboclo atapuiado, com sua idade, mas rico e frequentador de Belém. Estava-se na mesa do lanche, a Rainha<sup>269</sup> não, e vai, as moças principiaram com brincadeiras de subentendidos, bastante perigosas e mesmo às vezes francamente apimentadas. O caboclo bem quieto ali do lado. Nisto alguém, não lembro quem, provavelmente o jornalista, sim, foi ele sim, me lembro, meio ameaçou, mas se rindo:

– Estas borboletas atraídas pela luz, vocês se queimam!

Foi então que o velho falou, bem calmo:

– Queimam não, moço. Queimavam quando a luz era de fogo, mas hoje em dia nem luz queima, é eletricidade. Barboleta bate na luz e continua vivendo no meio das outras.

268 Em 1939, no Suplemento, a. 2, nº 20, do jornal carioca *Diretrizes*, MA publica a crônica "A cuia de Santarém" em que analisa a peça adquirida. As fotografias da casa de MA à rua Lopes Chaves, Barra Funda, São Paulo, mostram a cuia no estúdio.

269 No datiloscrito: "dona Olívia", rasura a tinta preta, substituição para: "rainha", padronizada com inicial maiúscula no corpo do texto.

Disfarcei mas querendo escrever o nome dele aqui, depois de um tempo perguntei. Ele me olhou desconfiado, levantou e respondeu partindo:

– Moço, eu sou homem dos três vinte: vinte solteiro, vinte casado, vinte viúvo.

Às seis horas Almeirim, não desço. Me preparo pra descer em Arumanduba que está pra chegar, a formidável propriedade, que vale, dizem, um milhão de dólares ouro. Dona Olívia não quer descer e as meninas já não se interessam mais pela viagem, nem convido. Desço só e visito toda a propriedade com Manuel Pinto Nemo, cunhado do senador José Júlio de Andrade. Arumanduba é o centro. Jari e Cajari maiores produtores de borracha e castanha. Paru, castanha e balata. No fundo, léguas além, se enxerga formando horizonte os castanhais sem fim. Morros de castanha, tapetes de balata pra atapetar o oceano, peles de borracha brotando dos armazéns lacustres... Arumanduba com cinco gaiolas grandes navegando só pra ela e dela só... O chefe grande com casa telada e vasta na fazenda, casa em Belém, casa no Rio de Janeiro... Criação de búfalos nojentos, esses porcos de chifre...

O vaticano vai partindo já. Alguém não viu as manobras, ficou a bordo. O pessoalzinho encarapitado no trapiche caçoa:

– Cai n'água, Baltazar!

– Boa viagem, Baltazar!

– Dá lembrança pros xodós de Belém, Baltazar!

Só vendo que risadas boas nascem do trapiche. Afinal um pula no casquinho, vem dar auxílio a Baltazar.

O sr. Nemo me deu duas bonitas peles de guaribas, macho e fêmea. E um caixote de castanhas distribuíveis. Às quatorze horas Gurupá. Visita ao forte tradicional, igreja, intendência em ruínas. Dezenove horas tempestade rápida, e entrada magistral de drama e tragédia pelos estreitos de Breves. E logo depois, parada em Arraiolos, tudo é nome portuga por aqui, tomar lenha.

**26 de julho**<sup>270</sup>. Paradinhas do *Vitória* toda a noite pra abraçar conhecidos. Risadas, pagodas, caceteando o sono da gente. Pela manhã, inda os estreitos de Breves. Fazer malas

270 No dossiê de *O Turista Aprendiz*, na parte que reúne os manuscritos da viagem ao Nordeste, está a redação pronta, intitulada "O Turista Aprendiz", abrangendo os dias 6 e 7 de fevereiro, 1929, não enviada ao *Diário Nacional*. Sobre o último registro, em que se aloja a história do nordestino Jimmy, lê-se a lápis azul: "Trecho de/ fala nordes-/ tina" e a lápis vermelho: "26 de julho/ talvez", considerando o aproveitamento do assunto no diário do viajante na Amazônia (V. o texto na parte "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", na atual edição).



pra chegar em Belém amanhã. Pela tardinha, Cocal, porto de lenha com cestos e chapéus de jupati. Às dezenove horas Jararaca, engenho importante no furo das Jararacas. Chuvada grossa. Só partimos lá pelo meio da noite, quando a chuva acabou.

Me esqueci de contar. Aqui, vaticano é bonde, embarcam num seringal pra descer logo adiante noutro, e assim. Pouco depois de partidos de Porto Velho, na volta, vieram perguntar a dona Olívia se ela garantiria mesmo pagar a passagem até Manaus, da mulher da terceira classe. O que é, o que não é? Quando foram pedir a passagem da velha, passageira nova da terceira, ela respondeu muito sossegada:

– A Rainha do Café paga.

Dona Olívia não sabia de nada, mas pagou, está claro<sup>271</sup>.

**27 de julho.** Amanhecemos atravessando o ar enfarruscado da baía de Marajó, imensa, criando horizontes à vontade. Belém pelas treze horas. Ventura de Belém. Mas que calor... excepcional. Automóvel até o Sousa, buscar os trabalhos de tartaruga encomendados ao Antônio do Rosário<sup>272</sup>. O meu berço de mata-borrão, honra me seja feita, desenhado por mim e com as proporções dadas por mim, é o mais bonito berço que já vi. Tarde no terraço do Grande Hotel, mas é mesmo uma maravilha de bem-estar... Mais um banho e jantar. Minhas companheiras vão no cinema, onde não levam mais *Não percas tempo*. Eu me deixo ficar nestas calçadas largas, chupitando um guaranzinho gelado e a conversa faladíssima do Clóvis Barbosa.

**Variante** – A tal lenda ou anedota do padre com a brincadeira do “Quero que vá e venha e me traga isto”, tem variante anticlerical. É o padre Julião, dizem, que quando estava-se construindo o Hospital da Beneficência Portuguesa, usou dessa brincadeira pra tirar as coisas do hospital e construir a própria casa dele...

271 No espaço entre o registro datilografado dos dias 26 e 27, MA deixa o lembrete a tinta preta: “Se ainda não aproveitei botar aqui a fala nordestina do Marim, mudando nome deste, que está nas notas pra completar tamanho dos folhetins”. Escrito para a série “O Turista Aprendiz” de 1928-1929, que não o publicou, e não resolvida a inclusão na primeira viagem, a presente edição acatou a data da redação e o inseriu na parte “O Turista Aprendiz: viagem etnográfica”, como registro de 6 e 7 de fevereiro.

272 Sobre os trabalhos de Antônio do Rosário com cascos de tartaruga, V. nota 78.

**Belém. São Tomás e jacaré**<sup>273</sup>. Na visita de hoje ao Museu Goeldi<sup>274</sup>, o diretor do museu, que nos acompanhava, nos proporcionou o espetáculo do almoço do jacaré-açu. Que bote angélico!...

O bicho monstruoso estava imóvel, espiando pra nós, entredormido. O empregado atirou o pato mais de meio metro por cima da água, jacaré só fez nhoque! Abocanhou o pato e afundou no tanque raso. A gente percebia bem, na clareza da água, o pato atravessado na bocarra verde. Nem jacaré nem pato se mexiam. Não houve efusão de sangue, não houve gritos nem ferocidade. Foi um nhoque simples, e "o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas".

Aquele bote do jacaré me deixou num estado de religiosidade muito sério. Palavra de honra que senti Deus no bote do jacaré. Que presteza! Que eternidade incomensurável naquele gesto! e, sobretudo, que impossibilidade de errar! Ninguém não errará um bote daqueles, e, com efeito, o pato lá estava, sem grito, sem sangue, creio mesmo que sem sofrimento, na boca do bicho. Uma surpresa grande e um delíquio, do qual passara pra morte sem saber. E da morte pra barriga do jacaré.

E o jacaré-açu tão quieto, com os olhos docinhos, longo e puro, tinha um ar de anjo. Não se imagine que chego à iniciativa de povoar os pagos celestes com jacarés alados. Não é questão de aparência, é questão de "ar": o jacaré tinha um ar de anjo. Percebi no nhoque, invisível de tão rápido, aquele conhecimento imediato, aquela inteligência metafísica, atribuída aos anjos por São Tomás. Eh, seres humanos, a superioridade

273 A visita ao jardim zoológico do Museu Goeldi em 21 de maio, atestada pelas imagens e legendas de MA fotógrafo, movimentou-se no manuscrito em busca de uma data. Em registro integralizado, "São Tomás e Jacaré", datiloscrito com rasuras a máquina e a tinta preta em duas folhas de papel verde, apenso à versão datilografada completa do diário, traz, no topo, "Belém - 21 de maio de 1933", com a parcela da data anulada a grafite, assim como as indicações acrescentadas, mas depois suprimidas, "pg 7-80". Esse mesmo lápis assinala, ao lado, "p. 70". Na data, 1933 indica, no lapso de MA, o ano da reescrita, com variantes, do texto publicado como crônica na coluna Táxi, no *Diário Nacional*, em 17 de abril, 1929. Pode-se inferir que, a princípio, "São Tomás e Jacaré" seria encaixado no mês de maio, como sequência do dia 21, por força do título grafado a tinta preta, no intervalo, na p. 7 da versão integral datiloscrita. Mais tarde, a uma releitura do diário, mais interessada no valor do fragmento como crônica, despreza a cronologia e procura alojá-lo entre as marcas "1° de agosto" e "O poema nasce", o título posto a tinta vermelha, a mesma que o rabisca na p. 7. Depois disso, a tinta preta define o ponto de inserção: entre "Variante", parcela do dia 27 de julho e o registro do dia seguinte, para suprimir o estabelecido à 80. O plano/ balanço da obra convalida a solução ao anunciar "São Tomás e jacaré", nessa exata posição.

274 V. nota 66.



dos irracionais sobre nós, reside nessa integridade absolutamente angeliforme do conhecimento deles. É fácil de falar: jacaré intuiu pato e por isso comeu pato. Está certo, porém nós seccionamos em nós mesmos a sensação, a abstração, a consciência e, em seguida a vontade que deseja ou não deseja e age afinal. Nos falta aquela imediateza absoluta que jacaré possui, e que o angeliza. O bicho ficou, por assim dizer, pra fora do tempo naquele nhoque temível. Ver pato, saber pato, desejar pato, abocanhar pato, foi tudo um. O nhoque nem foi um reflexo, foi de deveras uma concomitância, fez parte do próprio conhecimento. Por isso é que percebi o ar de anjo do jacaré-açu.

Passou um quarto de hora assim. Então, com dois ou três arrancos seguidos, o jacaré ajeitou a comida na bocarra, pra começar o almoço. A água se roseou um bocado, era sangue. Isso me fez voltar daquele contato com a Divindade, a que me levava o bote do bicho. Senti precisão de me ajeitar também dentro do real, e, como era no Museu Goeldi, fui examinar a cerâmica marajoara.

Nossa vingança terrestre é que o jacaré, com a intuição extemporânea, não gozara nada. Só mesmo quando a água principiou roseando é que possivelmente o jacaré terá sentido o gosto na comida. Gostou pato. Gosto de pato, como também a gente abre os olhos e enxerga um desperdício de potes coloridos. A gente exclama "Que boniteza!" com a mesma fatalidade com que o jacaré-açu... conheceu "É pato." e nhoque. Com a mesma fatalidade, mas não da mesma forma porém. Nossa racionalidade humana permitiu abstrair dentro do tempo e dos conhecimentos adquiridos, e designar a boniteza da cerâmica marajoara. Mas essa boniteza será para cada qual uma, e para cada qual diversa e opípara. O jacaré jamais gozará pato nesta vida. O que pra nós é Verdade, Verdade vária e difícil, pra ele não passará nunca de Essencialidade, sempre a mesma e irredutível. Falta princípio de contradição pra jacaré, e eles serão eternamente e fatalizadamente... panteístas. Só em nós, além de gosto, bate o gozo do sangue na língua. E a vida principia a ser gozada.

**28 de julho.** Belém gostosíssima, a melhor coisa do mundo, com mercado e a rua João Alfredo (a Quinze de Novembro daqui), manhã toda, em compras e brincadeiras. Dia no Museu Goeldi com o dr. Rodolfo. Tarde nas calçadas do Grande Hotel, chupitando açai. Noite com Gastão Vieira mais um poeta. Leio "Noturno de Belo Horizonte"<sup>275</sup> esbalordando os dois. Gastão, uma comodidade sem mistura, delícia de companheiro.

275 Poema escrito em 1924 e publicado em *Clã do jabuti*, 1927 (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 240-259).

---

**Frescal:** "pirarucu frescal", "pato frescal" de Marajó, é a carne-seca ao sol, porém de pouco tempo, vinte, máximo trinta dias.

**Perdidos:**

– Eu, palavra de honra que não me lembro de ter passado por aqui!

– Ora vocês!... Então vocês não são capazes de se orientar num mato, puxa, que fazendeiras! O navio fica pra cá.

E apontei pra um lado, tinha certeza.

– Não senhor! é pra cá! e o Klein apontava, angulando comigo uns sessenta graus.

Então se levantou uma discussão inútil, cada um apontando um lado, só o francês Musset não apontava coisíssima nenhuma. As moças estavam muito inquietas e resolvi agir com calma. O fato era que estávamos perdidos duma vez, cada um de nós cinco imaginando que os outros estavam prestando atenção no caminho que fazíamos. Fiz um esforço enorme de memória sensitiva pra ver se me lembrava de que lado do navio batia o sol, quando descemos em terra. Pelo menos assim, guiados pelo sol, poderíamos chegar até o rio, era a primeira solução. Não queria falar no que estava pensando aos outros, pra que não me atrapalhassem com sugestões, mas o certo é que todos tinham se lembrado do mesmo alvitre, de forma que, quando ia apontar pra um lado dizendo que era pra lá: Balança<sup>276</sup> apontando o lado oposto, Trombeta<sup>277</sup> o ângulo reto à esquerda e Klein o ângulo reto à direita, disseram, firmes, una voce:

– É do lado de cá!

O francês Musset não apontava coisíssima nenhuma. Também que diabo de nome pra uma ocasião destas!... Propus muita calma e nos sentamos pra resolver. Alguém alvitrou voltarmos ao tapiri do lago, pra indagar da paralítica, mas de que lado ficava o lago? E a discussão se repetiu, como fazer? Foi então que expus a situação tal como era mesmo: ficar ali feito bestas, esperando a morte, duas moças bonitas, o francês Musset, o alemão Klein e um poeta é que não podia ser. Era já manhã alta, e fazia muito calor. Uma pequena fome nasceu. Foi nesse instante que passou por nós uma tracajazinha muito graciosa, passou, virou a cabeça nos olhando e continuou na sua reta. Todos logo percebemos que aquilo era um sinal divino e resolvemos seguir a tracajá. No fim de uma hora mais ou menos, tínhamos dado

276 No datiloscrito: "Mag", rasura a tinta preta substituição para "Balança".

277 "Dolur" é riscada e substituída a tinta preta por "Trombeta".



uns oito passos e ainda enxergávamos ali mesmo as sapopembas onde tínhamos sentado pra resolver. Nisto passou uma cobrinha d'água muito rápida, em sentido justamente contrário ao da tracajá, e tivemos a impressão de que era também um sinal divino, mas os dois sinais divinos eram incontestavelmente contraditórios. Então percebemos que, sim, eram sinais divinos, não se podia negar, apenas os sinais divinos eram muito importantes pra estarem se preocupando com a nossa salvação terrestre. Em vez: vinham, justo no instante do nosso próximo falecimento, nos indicar os dois caminhos da salvação post-mortem, as estradas do Bem e do Mal. E tivemos um frio na barriga. Este frio, nos fez lembrar que estávamos principiando a sentir fome e que o melhor era primeiro a gente comer alguma coisa, alguma fruta silvestre, ou desenterrar alguma raiz de mandioca e assá-la. Este alvitre logo nos deixou em condição de muita fome e resolvemos logo procurar o maior mandiocão que houvesse por ali, que pudesse de fato matar a nossa fome. E todos principiámos procurando a árvore da mandioca, mas no fim de uns seis minutos, com a exceção do francês Musset que não estava procurando coisíssima nenhuma, reparei que todos andávamos de mãos dadas, quando um mudava um passo, os outros mudavam também, todos nos entreolhando, em vez de olhar as árvores. Me veio uma luz:

– Quem conhece a árvore da mandioca?

Era mesmo o que eu supunha: gente de cidade, fazendeirinhas chiques, ninguém não conhecia a árvore da mandioca ali. Mas nisto, a fome era tamanha que, vendo uma árvore colossal, de uns três metros de diâmetro e com fabulosas sapopembas, imaginei que era a árvore da mandioca, pra ser capaz de matar a nossa fome. Todos concordaram depressa, porque já estávamos fatigadíssimos de tanto discutir e pusemos mão à obra. Como não tínhamos nenhuma arma, o francês Musset e eu, com os nossos fura-bolos, principiámos cavando a terra pra desentulhar as maiores e mais tenras raízes da mandioca. O Klein, por ali, estava ajuntando folhas secas, difícilimas de encontrar naquelas terras tão úmidas, para fazer fogo e fritar mandioca, pois que sempre gostamos muito de mandioca frita. Enquanto isso, as moças, cantando suaves melodias para descansar os nossos membros fatigados, munidas de seus alfinetes, se preparavam para descascar as raízes de mandioca. O Klein já conseguira reunir umas trinta folhas bem sequinhas e alguns troncos mortos mais ou menos secos mas lembrei a tempo que tínhamos poucos fósforos, uns vinte palitos ao todo, e deveríamos economizar fósforo até o fim. Num acesso de raiva passei uma descompostura no alemão e guardei todos os fósforos no meu bolso. O alemão e o francês, subitamente aliados, trocaram um olho de convivência e quiseram me invadir, mas Trombeta<sup>278</sup>, percebendo tudo, salvou a

278 No datiloscrito "Dolur", rasura a tinta preta, substituição por "Trombeta".

situação. Tirou os fósforos do meu bolso e os enfiou na abertura do decote, dizendo cheia de pudor:

– Quem for capaz, venha buscar fósforo!

Aí os estrangeiros recuaram. Mas nisto o francês Musset teve uma ideia providencial e exclamou:

– Mas assim não poderemos assar a mandioca!

– Ora que arara! pois se a mandioca vai ser fritada e não assada!

Então Balança<sup>279</sup> me acalmou, me fazendo ver que o francês não estava mais com vontade de brigar, e que mandioca, tanto frita como assada, precisa de fogo. Reconheci que todos tinham razão contra mim e pedi os fósforos a Trombeta<sup>280</sup>, que os entregou de má vontade. Depois que os vinte palitos de fósforo se acabaram o alemão Klein se lembrou que com o vidro dos meus óculos e qualquer raio de sol, seria mais fácil fazer fogo, foi a nossa salvação. Emprestei meus óculos ao Klein, e enquanto ele olhava pra cima procurando um raio de sol, recomecei cavando a terra. Que trabalha! porém o que doía mesmo fundo na minha alma cavalheiresca era ver aquelas duas flores gentis da estufa paulistana, ali, serenas, heroicas, de alfinetes em punho, esperando mandioca pra descascar. Olhava pra elas, recobrava ânimo e o fura-bolo enterrava no chão com energia.

Cavamos, cavamos, e quando foi ali pela boca da noite já tínhamos posto pra fora do chão mais de metro e meio de mandioca. Mas como cortar aquela raiz possante? A fome já estava me escurecendo a vista, não pude resistir, dei uma mordida na raiz, porém ela era tão amarga que sorri amargamente.

– Não é mandioca não, meus amigos...

Todos vieram imediatamente provar a raiz e resolvemos de comum acordo que aquilo não era mandioca. O alemão não conseguira fazer fogo com os meus óculos e estava feito pamonha, na minha frente, examinando uma borboletinha muito bonita que ele pegara. Aquilo me encheu de tanto ódio que dei um empurrão nele:

– Sai daí, imprestável!

Ele deu um pulo pra trás, com o meu empurrão, largando a borboletinha. Mas que acaso feliz! Com o pulo, Klein pisara numa lagartixa, e a pobrezinha estava ali, sem poder andar, com a espinha quebrada. Tratamos logo de limpá-la o mais possível com os alfinetes, e depois de bem repartida, devoramos aquela refeição crua e precária. Com o alimento me voltou a vista

279 Rasura: o nome "Mag" é riscado a tinta preta e substituído por "Balança".

280 "Dolur", no datiloscrito, é substituída por "Trombeta".



escurecida e divisei a madrugada que já vinha pingando da ramaria. Criamos todos alma nova com o dia, e resolvemos de comum acordo que, antes de partir em busca das margens do rio, o melhor era matar a fome duma vez. Daí principiamos dando enormes empurrões uns nos outros pra ver se conseguíamos por acaso pisar em mais lagartixas. Só então é que compreendi aquele admirável provérbio nortista que diz que "Necessidade faz sapo pular". E foi num desses empurrões que o francês Musset pisou numa correição de formiga e saiu dançando um minuete de Rameau<sup>281</sup>. Fui examinar as formigas, e como já tinha experiência, diagnostiquei triunfante:

– Temos fogo!

Era a famosa formiga-de-fogo chamada. Depois de esfoladas as cinco lagartixas que tínhamos caçado por acaso com os nossos empurrões, deposei as ditas na correição. As formigas morderam a carne que ficou logo regularmente moqueada. Já nos dispúnhamos a comer essa nossa frugal refeição, quando o alemão Klein, examinando as pernas do francês Musset, que estava inconsolável com as mordidas, reparou que em cada mordida estava uma bolhinha d'água. Foi imediatamente buscar mais uma formiga-de-fogo, botou na perna do francês e a formiga mordeu. Klein examinou a mordida e deu um grito. Acorremos em grande aflição, mas Klein sorria e falou enigmaticamente:

– Nada mais temos a fazer que seguir esta correição, dando sempre a nossa frente para a frente das formigas, que toparemos com o rio.

E seguiu na frente. Pois nem bem marcháramos um quarto de hora e já se escutava a brincadeira dos tapuios carregando acha de lenha pro *Vitória*. E como toda a gente estava muito se divertindo, ninguém pusera reparo em nossa ausência. Choramos de alegria, salvos da morte próxima, e felicitamos muito o francês Musset por ter descoberto o caminho. É que formiga-de-fogo usa muito buscar água do rio pra evitar incêndio no formigueiro.

**29 de julho.** Vamos a Marajó. Às cinco e muito tomamos a lancha *Ernestina* pra atravessar a baía. Pelas oito, tomamos a *Tucunaré*, menorzinha, e entramos pela boca do rio Arari. Marchas e paradinhas. Santana. Cachoeira. Paraíso com seus búfalos. São Joaquim, com seus búfalos. Só brasileiro mesmo, além do zebu, se lembrava de criar búfalo americano; cruzamento de carneiro e porco... Enfim estamos noutra espécie de paisagem amazônica. O Arari ainda principiou com um matinho ralo dos lados e uns igarapezoides

281 Jean-Philippe Rameau (Dijon, 1683 - Paris, 1764), compositor do período barroco francês, no qual o minueto foi uma das formas musicais mais apreciadas.

de uma simpatia incomparável. As ingazeiras cobrem inteiramente as margens, folhudas, rechonchudas, lavando os galhos n'água do rio. Uns macaquinhos voam de galho em galho. As aningas floridas. De vez em quando o voo baixo das ciganas, parecem pesar toneladas. E uma abundância de trepadeirainha lilá, de que ninguém sabe o nome, cobrindo as margens folhudas. E a vista se abre em novos horizontes. São campos imensos, de um verde-claro, intenso, com ilhas de mato ao longe, nítidas, de um verde-escuro que recorta céu e campo. Balança<sup>282</sup> lembra a Escócia. Concordo com erudição, meio irritado. É Marajó, gente! A Escócia tem jaçanãs<sup>283</sup> também? tem garças? E tem este rio Arari, que não acaba e vai se estreitando cada vez mais, deixando imagens voluptuosas na sensação completamente descontrolada?... E a Escócia tem este inferno de gado orelhudo, estes zebus e estes búfalos, rebaixando estes campos de beleza sublime!... Garças, garças, garças, uma colhereira dum rosa vivo no ar! E enfim passamos num primeiro pouso de pássaros que me destrói de comoção. Não se descreve, não se pode imaginar. São milhares de guarás encarnados, de colhereiras cor-de-rosa, de garças brancas, de tuiuiús, de mauaris, branco, negro, cinza, nas árvores altas, no chão de relva verde-claro. E quando a gente faz um barulho de propósito, um tiro no ar, tudo voa em revoadas doidas, sem fuga, voa, baila no ar, vermelhos, rosas, brancos mesclados, batidos de sol nítido. Caí no chão da lanchinha. Foram ver, era simplesmente isso, caí no chão! O estado emotivo foi tão forte que me faltaram as pernas, caí no chão. Pra contrabalançar a poesia deste tombo: me lembro, em rapazinho, quando torcia por futebol, num jogo entre o meu adorado Paulistano e o São Paulo Athletic, quando este fez o gol que me roubou a taça de campeonato, caí no chão. Mas agora, sempre sou homem, desbastado pelas experiências e prazeres. E a beleza de Marajó com sua passarada me derrubou no chão. Os outros riem. Dona Olívia acha uma graça enorme no meu tombo. Mas imagino que ela está rindo um pouco forçado. Também ela queria cair no chão, nesta felicidade que ela nunca viu. Os olhos bonitos dela estão lindíssimos. Arapapás, mauaris, pavõezinhos. Guará misturado com frango-d'água. Um jacaré envernizado foge, se deixa cair n'água. Uma colhereira no meio de um, dois, três, treze tuiuiús. O mergulhão, nadando corpo inteirinho dentro d'água, só o pescocinho fino e a cabecita de fora, vira pra aqui, vira pr'acólá, fugindo de nós. Porém a lancha é mais rápida, ele abriu num voo molhado, foi se esconder longe. Malhada é o lugar em que, de costume, os rebanhos se reúnem diariamente, olhe a malhada! Campos de uma chateza esportiva, drenados de seu natural...

282 No datiloscrito "Mag", substituição a tinta preta para "Balança".

283 Jaçanã: ave pernalta, multicolorida.



Iritauá amarelo vivo e preto, outro de costa encarnada, asa e cabeça preta. A tracajazinha em cima do pau, cai n'água. E lá no longe, o fumo das queimadas...

Parados em Tuiuiú, onde passaremos a noite. É um desespero. Biliões, biliões de carapanãs. Pela primeira vez, não resisto e me emporcalho da tal pomada inglesa, feita com citronela de Java, bom cheirinho aliás. Tenho pelotes de pomada na cara. Mas os carapanãs vêm feitos sobre a cara, atravessam a graxa, mordem, e morrem grudados na pomadaria. É pavoroso. Janta: ovos e pato seco. Tem um pixezinho desagradável quando não sabem tratá-lo bem, como agora. E cantamos! Cantamos assim mesmo, engolindo mosquito.

**30 de julho.** Barulho e carapanãs, às quatro horas e meia acordo. Limpeza à Água Florida, comprada em Iquitos e que desde a infância nunca mais vira nem cheirara. Fico inteiramente enjoativo. O barulho aumenta e lá pelas seis, dia clareado, principiam embarcando gado noutra lancha, pra Belém. Os vaqueiros me repõem, depois de dois meses, numa normalidade mais afro-brasileira, no geral mulatos. Troncudos, alegres, fazendo festa do trabalho, como em geral por todo este Norte.

- Êh, búu! êh, búu!
- Veeêinha, bô!...
- Pega, ermão!
- É pro barco ou pra lancha?
- Desça o cabo, ermão!
- Venha, boi! veeêinha, boi!
- Êh, diá!...
- Eúu!...
- Êiâaaaa...

E os bois desembocam do cercadinho na caiçara.

- Êh, búu!
- Pra lancha, companheiro!
- Venha, boi!

O guindaste grita mais que todos, suspendendo o boi pela armadura. O boi revira os olhos abertíssimos, pescoço duplicado, estiradíssimo, desce na lancha, se apruma. Não se move porém, estarecido ainda do pavor.

- Mande esse boi!
- Nós queremos boi!
- Este é pra lancha, ermão!

Enquanto o administrador de Tuiuiú, "queira desculpar" nos oferece um leite mirradinho, "leite da vazante" ainda.

Partimos. Já são mais de dez horas quando entramos pela boca do lago Arari, centro da ilha. À esquerda, inerte, duplicada na água imóvel do lago a povoação lacustre de Jenipapo. Está fazendo um "excepcional" pavoroso. Damos um passeio de baleeira pelo lago. Remo eu, num desajeitamento mãe. O calor sobe. Diz-que vai ser ruim se ele nos pegar, na força do dia, dentro ainda do lago. Nos chamam da lancha pra partir. Encurtamos caminho pelas ruas aquáticas do vilarejo e pouco depois de onze a *Tucunaré* parte buscando o rio e a volta pra Belém, fugindo do calor. Oscilamos todos, uma sensação de enjoo de mar, são exatamente onze horas e cinquenta minutos, a *Tucunaré* encalhou! E principia, principiam os funcionários da lancha, os trabalhos de desencalhe. Esvaziam as caldeiras pra ver se a lancha boia, nada. E assim. O calor vai subindo, vai subindo. O céu está branco e reflete numa água totalmente branca, um branco feroz, desesperante, luminosíssimo, absurdo, que penetra pelos olhos, pelas narinas, poros, não se resiste, sinto que vou morrer, misericórdia! O melhor é ficar imóvel, nem falar. E a gente vai vivendo de uma outra vida, uma vida metálica, dura, sem entranhas. Não existo. Até que capto no ar uma esperança de brisa, é brisa sim. O céu branco se escurenta em cinzas pesados de nuvens. Em cinco minutos o céu está completamente cinzento escuro e venta forte um vento agradável nascido das águas fundas. Não consegue chover, mas o calor desapareceu, já são dezesseis horas. Diante da inutilidade dos esforços mandam montaria<sup>284</sup> rio abaixo, em busca de socorro. Mas já estamos vivendo melhor esta vida equatorial. Não tem dúvida nenhuma que ela é mais objetiva que a nossa vida no sul. Não é exatamente uma questão de maior ou menor espiritualidade nossa, mas espiritualidade das coisas. Não sei, mas uma paisagem dos arredores de São Paulo, uma cidadinha, um rio mineiro, uma fazenda paulista, uma laranjeira, uma peroba do sul, não sei... sinto, quando os contemplo, que há qualquer coisa neles que eu não compreendo, uma como vida interior deles, que se resguarda, é misteriosa a alma das coisas. Isso: a alma das coisas. Desde as dunas do Nordeste a alma das coisas desapareceu. Tudo aparece revestido de uma epiderme violenta, perfeitamente delimitada, que não guarda mistérios. Mais franqueza, uma certa brutalidade leal de "coisa" mesmo. E disso vem uma sensualidade de contato em que a gente toda se contagia de uma violenta vida sensorial, embriaga.

Não posso jantar direito com esta ironia sobrando no meu pensamento. O primeiro que viu chamou todos. E ficamos muito tempo vendo as piranhas n'água, relâmpagos vorazes de cinzento e encarnado, comendo carne. Como elas comem carne! Agora, tenho a

284 Montaria: canoa escavada a fogo em tronco de árvore.



impressão que as piranhas todas estão nos espiando d'água, impressionadas, comentando que nós comemos carne...

E a noite chega. Trombeta<sup>285</sup> canta ao violão. Ventura, delícia de deitar na tolda do vento forte que varre os carapanãs... Delícia de se estender na tolda sob um céu errado em que as nuvens é que são a noite e o firmamento atrás é claro, claro, de um verde esmaecido e luminoso... Ventura da gente se deixar viver sem mais nada, sem amanhã, sem ontem, molhando a língua sem economia nos últimos guaranás gelados... Ventura da noite de vento forte que varre os pensamentos, na boca do lago Arari...

**31 de julho.** Amanhece e eis que de repente a *Tucunaré* se safa por si mesma, sem esforço. Partimos. Pelas oito horas encontramos a *Flecha*, mandada em socorro. É mais esbelta, faz um volteado elegante e lá vai na nossa frente, numa elegância de garça, com a esteira trançada de cores solares indicando caminho ao bobo do *Tucunaré*. Deixamos o "prático" em Tuiuiú. Ainda na manhã alta passamos a fazenda Arari. À tarde passeamos em Santana. Banho com medo de arraia. À noitinha, embarcamos de novo na *Ernestina*, em busca de Belém. Às vinte horas e cinquenta e cinco minutos exatamente, encalhamos em plena baía de Guajará, com Belém pela frente. Encalhe de poucos incômodos: quinze minutos depois, a lancha está "safa" como diriam no *Vitória*. Uma hora depois, Belém. Arranjar malas, que amanhã com despedidas e tanta coisa, não terei tempo.

**1º de agosto.** Último dia de Belém, me sinto comovido, palavra. Nunca na minha vida encontrei uma cidade que me agradasse tanto, com que eu simpatizasse tanto. Como enchimento de gostosura, passei em Belém os melhores dias de minha vida, inesquecíveis. Manhã de compras, passagens, caceteações, peles de lontra, mercado, como sempre, essa maior ventura de Belém... Coisas de índios... Enfim compro algumas, é meio besta. A falta brasileira de organização é tamanha que tudo o que vendem dos índios, no mercado de Belém, é legítimo. É tudo bastante feio, sem valor, usado. Inda não teve quem se lembrasse que é falsificando que a gente consegue tornar estas coisas de mais valor, não só fazendo mais bonito e mais bem feito que os índios, como valorizando as coisas deles, por torná-las legítimas e mais raras. É o documento falso que torna o verdadeiro, legítimo. Ora, o valor nunca está propriamente na verdade, e sim na legitimidade, não acha mesmo? Eu não sei bem se acho, mas como já escrevi,

285 A tinta preta, rasura em "Dolur", substituição para "Trombeta".

que fique. Vai por conta da desorganização nacional. Almoço. Fujo, vou visitar as duas magníficas igrejas barrocas, magníficas. Visita ao presidente. Despedida. E... e, como sempre acontece quando chega o momento de uma viagem preparada, ainda é de tarde, um apenas começo de tarde, o *Baependi* partirá às vinte e... e nada! Um vazio na vida. Não temos o que fazer. Mas existe esta calçada do Grande Hotel, a praça com as enormes árvores folhudas, e o sorvete do açai, será que gostei mesmo do açai? Não é propriamente gostar, mas em Belém fica divertido tomar açai. É dessas comidas "locais" que, mesmo quando não são gostosas, participam de tal forma da entidade local que fica um muro na frente a gente não usar. E é indelicadeza não gostar. O açai não chega a ser ruim... Pousa macio na boca da gente, é um gosto doce de mato pisado, não gosto de fruta, de folha. E logo vira moleza quentinha na boca, levemente saudoso, um amarginho longínquo que não chega a ser amargo e agrada. Bebida encorpada que, por mais gelo que se ponha, é de um quentezinho amável, humilde, prestimoso. É um encanto bem curioso o do açai... A gente principia gostando por amabilidade e depois continua gostando porque tem dó dele. Isso, falo de nós, gente que não precisa se alimentar com açai, leite dos pobres, e o bebe pra encher tempo nos passeios por aí. O açai não chega a ser ruim, longe disso, mas está longe de ser bom, como é bom um pato com tucupi, um casquinho de caranguejo e quatorze outros comes e bebes destas amazonas. E dá psicologia pra gente. Me sinto intensamente local, bem localizado, tomando sorvete de açai. Jantar enfim. Está na hora da partida, e temos duas anedotas. Uma, entreguei de manhã ao repórter a entrevista que ele me pedira pra telegrafar pro Rio de Janeiro. Estou jantando e vejo o rapaz, seus vinte e poucos lá na porta do salão me olhando. Quando me dirijo ao meu quarto, tinha resolvido mudar de roupa, muito amarfanhada com o dia, o mundo oficial vai no cais, o rapaz me interrompe o caminho, cheio de dedos. Pergunto o que é, meio impaciente. Ele, bastante comovido, gaguejando:

– O sr. sabe naquele lugar tal da sua entrevista?...

– Sei, o que há?...

– Aí, pra não ficar monótono eu acrescentei que então o sr. sorriu e tirou uma fumaça do cigarro, não faz mal?...

Havia angústia nos olhos dele, pedindo aprovação.

– Ficou ótimo, me'rmão!

Ganhei um admirador. Talvez um amigo...

A segunda anedota bem podia se chamar "O preço da Amazônia". Parto, apenas com quatorze mil-réis no bolso, o dinheiro evaporou. Além dos meus gastos, andei emprestando às meninas, que já estão com vergonha de pedir mais dinheiro a dona



Olívia, e o resultado é esse, gorjetas dadas, tudo pago, estou com quatorze mil-réis apenas. Trocava com afobação a roupa, já de cuecas, quando batem na porta do quarto. Era um embrulho.

– Tem resposta.

Abro o embrulho infernizado: é um opúsculo tratando da Amazônia, com enorme abundância de retratos políticos. Um cartão junto descrevia assim os sentimentos do autor:

Dr. Mário de Andrade. Confiado no vosso espírito de observação e no vosso alto descortino sobre o grandioso futuro que se abre à Amazônia, recomendamos a V. S. a leitura deste livro, esperando a aceitação deste exemplar pelo preço que julgar merecedor o assunto, podendo entregar ao portador a respectiva importância. Do amº obº Fulano dos Anzois Carapuça (sic).

E agora? Quanto valerá a Amazônia? Inda mais pra um viajor cheio de gratidão e paixão como eu!... Vale vinte mil-réis, me falei. Então fiquei danado. Não tinha vinte mil-réis comigo e o livro ia me cacetear, as malas já todas fechadas e abarrotadíssimas de Amazônia. Tinha duas notas de cinco e o resto moedas. Abri uma nesga da porta (questão dos trajes menores) pus cinco mil-réis para fora:

– Serve assim?

Me arrancaram o dinheiro da mão, sem nem muito obrigado.

O ajudante de ordens do presidente nos conduz a bordo no carro oficial. O prefeito Crespo de Castro, Bebê Costa, dr. Caper, srta. MacDowell, Gastão Vieira que me dá de presente um chapéu-de-chile. E o nosso criado Raimundo, o providencial Raimundo que nos seguiu toda a viagem, trazendo refrescos na hora apropriada. Está com lágrimas nos olhos, nos acenando o nosso Raimundo. O *Baependi* se afasta lerdo do cais, nestes protocolos desagradáveis da partida. Digo adeus e mais adeuses. O Clóvis Barbosa também. Fiquei muito amigo do Gastão Vieira. Gente boa. Gente boa, lá longe. Mais longe. O vapor cria força numa brisa macia que vem do largo. A noite é escura, profunda. Belém brilha lá longe.

Estávamos todos trêmulos... etc.

– Mário...

Até me assustei.

– O que é, Rainha!<sup>286</sup>

– Com as despedidas, não pude tirar dinheiro no banco. Você pode me emprestar algum pra viagem?...

286 Rasura: no datiloscrito: "dona Olívia", substituição a tinta preta: "Rainha".

Tomo como um soco na boca do estômago: fico inteiramente desorientado. Ela inteirada da situação, apenas sorri, viajadíssima. Terá uns vinte ou trinta mil-réis consigo. Faremos dívidas, pagáveis no Rio de Janeiro. Mas não me conformo com o vexame. Vou dormir sem graça nenhuma<sup>287</sup>.

O poema nasce. Exatamente no dia 23 de novembro desse ano de 1927<sup>288</sup>, já ia entrar na máquina para a impressão o *Clã do jabuti*, quando mexendo nas provas lá na tipografia, tive um susto. No título da "Moda da cadeia de Porto Alegre" estava, e me escapara: "Moda da cadeia do Alegre Porto!"<sup>289</sup> Antes mesmo de fazer a correção, nasceu a resposta dentro de mim: "alegre porto" não é Porto Alegre, é Belém... E saí pela rua impressionado, "alegre porto" é Belém... revivendo as lembranças próximas, andando maquinalmente, sorrindo, em felicidade, caminhando, nasciam ritmos dentro de mim, nasciam frases inteiras... Nem bem cheguei em casa, quase sem a menor correção, as estrofes na ordem, o refrão no lugar certo, me nasceu esta cantiga<sup>290</sup>:

#### MODA DO ALEGRE PORTO

Velas encarnadas de pescadores,  
Velas coloridas de todas as cores,

287 Neste ponto do diário a versão integral datiloscrita exibe o título "São Tomás e Jacaré", grafado a tinta vermelha e suprimido por um traço a tinta preta. Esta ocorrência traduz a mobilidade no processo criativo. (V. notas 69, 273).

288 A edição, mesmo percebendo o anacronismo, acatou a localização do registro proposta pelo escritor, que não se ateu à coerência na cronologia, o que reforça a questão do inacabamento do texto (V. nota 59).

289 O poema, embora estruturado como moda de viola não é divulgado por MA em *Clã do jabuti*, obra reunindo poemas escritos entre 1923 e 1927, apoiados principalmente em formas musicais populares brasileiras. O livro, onde está a "Moda da cadeia de Porto Alegre", veio à luz no fim do ano de 1927 (V. nota 59 e ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 2. Ed. cit., p. 258-259).

290 Em 27 de novembro de 1927, MA relata a Manuel Bandeira o eclodir do poema e apresenta-lhe o texto no qual está o verso "Que luz que alegria que monotonia", substituído por "Que, luz! que alegria! que malinconia!", na versão completa do diário (V. MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). Op. cit., p. 367).



Águas barrosas de rios-mares,  
Mangueiras, mangueiras, palmares, palmares,  
E a barbadianinha<sup>291</sup> que ficou por lá!...

Que alegre porto,  
Belém do Pará!

Que porto alegre, Belém do Pará!  
Vamos no mercado, tem mungunzá!  
Vamos na baía, tem barco veleiro!  
Vamos nas estradas que tem mangueiras!  
Vamos no terraço beber guaraná!

Oh alegre porto,  
Belém do Pará!

O sol molengo no pouso ameno,  
Calorão batendo que nem um remo,  
Que gostosura de dormir de dia!  
Que luz! que alegria! que malinconia!  
E a barbadianinha que ficou por lá!

Que alegre porto,  
Belém do Pará!

A barbadianinha que ficou por lá  
Relando no branco dos moços de linho  
Passeando no Souza, que lindo caminho!  
À sombra de enorme frondosa mangueira,  
Depois que choveu a chuva para-já!...

Oh barbadianinha,  
Belém do Pará!

291 V. notas 227, 231.

Lá se goza mais que em New York ou Viena!  
Só cada olhar roxo de cada morena  
De tipo mexido, cocktail brasileiro,  
Alimenta mais que um açazeiro,  
Nosso gosto doce de homem com mulher!  
No Pará se para, nada mais se quer!  
Prova tucupi! Prova tacacá!<sup>292</sup>

Que alegre porto,  
Belém do Pará!

**2 de agosto.** Água salgada levando pro sul... Me acordo às cinco e levo uma hora tomando um banho de água branca. Já os tomara em Belém, não devo ser injusto, mas permanecia aquela sensação irreprimível das águas barrosas do rio e dos banhos de bordo. Me sinto novo. Aguento bem o marzinho picado, sem enjojo algum. O *Baependi* é cargueiro. Comemos no camarim de dona Olívia. Depois tenho altas conversas com Cholito. Quem é Cholito? Não vale a pena. Veio de Iquitos na viagem do *São Salvador*, conosco. A temperatura desce com a ventania e as sombras das nuvens. Depois do banho da tarde, visto roupa do sul, casimira depois de dois meses de ausência. Fiquei compassado, arre! Sinto desejos de ficar só, de ficar triste... Fujo do salão, das moças, vou ficar só, vou ficar triste, na proa sem ninguém, desta noite feia. Fico vagamente tristonho. Me sinto completamente sozinho. Meu corpo canta vibrado pela ventania.

**3 de agosto.** Amanhecemos espiando a terra de Graça Aranha. São Luís ali na frente, não se pode descer, a parada é pequena, um volume compacto de telhados e copas verdes. Não há sinal de vida. O sol está queimando. São Luís está completamente integrada no *Todo Brasileiro*<sup>293</sup>, numa pasmaceira mãe. Às dez partimos. Vou fazer alguma ginástica pra consertar o corpo, que se deformou bastante em dois meses de bordo e gelados de hora em hora. A curica engole uma pérola do colar de dona Olívia e toma uns ares estomagados

292 O verso "Prova tucupi! Prova tacacá!" enseja a crônica "Tacacá com tucupi", assinada "Mário de Andrade", na Seleta de Colaboração Mensal de *O Estado de S. Paulo* em 1939 (São Paulo, maio- junho).

293 A incorporação do indivíduo ao *Todo Universal*, preconizada por Graça Aranha em seu livro de 1921, *A estética da vida*, é objeto de ironia na paródia "Todo Brasileiro" (V. nota 13).



de Cleópatra. Mar ora azul, ora verde claro, com manchas escuras. Recebo telegrama de meu amigo natalense Luís da Câmara Cascudo<sup>294</sup>, que jamais vi na vida e gosto tanto. "Prefere recepção com discurso? Abraços". Respondo: "Sem. Abraços". Ventanias esplêndidas.

### 3 de agosto. Sátira (Graça Aranha)<sup>295</sup>

O gosto da quadrinha pegou. Encontro outra, do dia de hoje bem melhor que a de ontem. Foi decerto a ida pras nossas terras internacionais do Centro, São Paulo, Rio, trabalhos, lutas artísticas, que me botou pensando em Graça Aranha. Saiu esta quadra:

Sei dum escritor que é guia  
Da poesia guarani;  
Nós vivemos lhe dizendo:  
– O caminho é por aqui.

Especialmente no Rio, são numerosos os modernistas brasileiros que têm a erudição do modernismo. Porém a gente pode bem ter a erudição duma coisa sem que ela se torne pra nós um objeto de conhecimento...

**4 de agosto.** Vida de bordo numa ventania formidável. Só vento. Dona Olívia não se levanta. Fico admiravelmente só, rasgado pela ventania. Continuo ginástica. O navio corcoveia. Dois banhos salgados diários. A boreste a monotonia alvar das dunas. Nada.

294 Luís da Câmara Cascudo (Natal, 1898 - 1986), apelidado Cascudinho por MA. Escritor potiguar com quem MA se corresponde desde 1924. Em 1925 e 1926, Cascudo enviara-lhe poemas modernos de sua autoria. Entre eles, "Não gosto de sertão verde" que MA encaminhara ao nº 6 da revista *Terra Roxa*, (São Paulo, 6 de julho, 1926). No momento desta viagem de MA e no da seguinte, ao Nordeste, entre o final do ano de 1928 e fevereiro de 1929, Cascudo trabalha como advogado, jornalista e historiador; interessado pela cultura popular, recebe incentivo de MA para se dedicar à pesquisa etnográfica. Esse é um assunto chave em sua correspondência com MA, que vai até 1944 (V. MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924-1944*. São Paulo: Global, 2010). Na biblioteca de MA no IEB-USP, estão, autografadas, as obras de Cascudo *Alma patricia* (1921), *Conde d'Eu* (1933), *Viajando o sertão* (1934), *Vaqueiros e cantadores* (1939), *Seis mitos gaúchos* (1940).

295 Datilografados em uma folha de papel sulfite, o título "Sátira" no topo e a quadra no centro ingressam no diário atendendo à determinação, na margem superior, "3 de agosto, pg. 81", e a matéria do registro, ambos a grafite. No fólio aparece ainda pequeno círculo a lápis vermelho.

**5 de agosto. José Albano<sup>296</sup>**

Estou me lembrando do que Paulo Prado e o filho me contaram de José Albano. José Albano era cearense.

Era cearense.

---

Falava muitas línguas vivas, todas as principais e o árabe e correntemente o latim e o grego clássicos.

---

Era alto, pálido, usava barba, duma maravilhosa beleza física. Sempre com uma enorme faca no colete e que jogava como ninguém.

---

Dizia que na Espanha fizera uma conferência e os críticos garantiram que, depois de Cervantes, ninguém escrevera tão lindo e perfeito espanhol.

---

Dizia na sua loucura que não pudera viver em França porque a Academia Francesa, vendo que ele escrevia melhor que todos e dispunha melhor que todos dos segredos do bem-escrever, o tinha indisposto com Clemenceau<sup>297</sup> e este o expulsara do seu convívio e da França.

---

Um dia foi visitar Paulo Prado no hotel em Londres.

Paulo Caio: – Meu pai está no banho.

José Albano: – Que grego!

---

Chegou no escritório de Paulo Caio em Londres, tirou serenamente a capa (vivia

296 A indicação "Agosto/ dia 5", seguida das duas primeiras frases em acréscimo a grafite, valida a entrada, no diário, do esboço do conto "José Albano", manuscrito a tinta preta em duas folhas frente e verso de bloco pequeno de folhas destacáveis.

297 Georges Clemenceau (Mouilleron-en-Pareds, 1841 - Paris, 1929), figura proeminente na política francesa, nas duas primeiras décadas do século XX.



sempre envolto numa capa grande), e com um manejo rápido fez a faca saltar e espetar-se na mesa. Acariciou o cabo dela e falou:

– Vou à França matar Clemenceau. Os únicos meus protetores, Paulo Caio, são você e o cônsul. Mas agora Clemenceau, que tem ódio de mim porque lhe conheço todos os segredos, está me indispondo com Jorge V e isso não quero mais suportar. Guardou a faca, envolveu-se na capa, sentou num canto do escritório e aí ficou tempo. Depois saiu mansamente.

---

O cônsul arranhou pra que quatro sonetos dele fossem publicados no *Times*. No próprio suplemento do *Times* um crítico dizia que se todos os sonetos de Shakespeare não fossem conhecidos, certamente se lhe atribuiria mais aqueles quatro.

---

Contava: vocês pensam que a Inquisição acabou no Brasil? Não acabou não. Existe ainda num convento do Recife, muito escondido do mundo. (Aqui uma descrição sucinta do convento, da paisagem, da vida *medieval* brasileira dos frades e descrição dos suplícios que sofrera. Mas sabem por que pude aguentar? Foi então que aprendi a ubiquidade (é "ubiquidade" mesmo que se diz?). Quando pela segunda vez vieram me torturar, saí do meu corpo, deixei que ele sofresse, que horrores divisei no meu pobre rosto, com que melancolia contemplei meus membros torturados e os esgares! Acabada a tortura entrei no meu corpo outra vez.

---

Foi essa também a razão porque não morri quando tive meu duelo com o barão do Rio Branco. A bala entrou-me pelo sacro, furou 18 vezes meus intestinos e depois de atravessar-me o coração, desviada pela massa pulmonar, penetrou-me a espinha e percorrendo-a ascendentemente veio alojar-se na massa encefálica no lobo (tal). Tombei de borco enquanto meu adversário, nervosamente enxugando as camarinhas, murmurava, "foi um grande latinista". Mas eu saíra do meu corpo e andei pervagando pela manhã rupestre. Depois tornei a entrar nele quando tudo sossegou.

---

Mas o que se dizia é que o barão do Rio Branco, notando a inteligência prodigiosa de José Albano, o fizera trabalhar demais. E daí a loucura do moço.

---

Também a Inquisição do Recife era explicável. Lá o poeta estivera internado num hospício e decerto bateram nele, por tantos tratamentos da inconsciência de que são capazes enfermeiros e os homens no geral.

5 de agosto. Fortaleza em frente. Descemos às dez. Automóvel de cá pra lá no ar de limpeza. Mercado, onde compro esteira de carnaúba e goiabada deliciosa. Igrejas sem interesse e o bonito parque da Liberdade. Almoço na Rotisserie com vatapá com leite de coco, maravilha! Tomo nota conscienciosamente das despesas, pagas a dinheiro de não sei quem, barman de bordo? capitão? que dona Olívia me passa. Reparto sempre as despesas comuns, com uma honestidade irritadiça de mais pobre – o que não vai sem graves inconvenientes pra mim. Dona Olívia bem que me censura, se inquieta, eu também me censuro! sei que é bobagem, mas quando chega a hora das contas, não me aguento por debaixo! sou uma besta. Estrada de Maranguape, leite de coco no Balneário, praia de Iracema. Cometo a sem-vergonhice incrível de colher conchinhas da praia de Iracema, me sinto vil como a virgindade. Estrada de ferro do Baturité?

– É.

– Muito obrigado.

– Não por isso.

E o embarque difícil, mar grosso. Em Manaus tinha a igreja do Pobre Diabo, em Fortaleza a igreja do Pequeno Grande...

6 de agosto. Em Areia Branca, porto de Mossoró. Quatro vapores cargueiros, barças... Trinta e duas jangadas revoando branquinhas, pousando de pouco em pouco na água picada. Não se desce, estamos muito longe da praia. Trabalho penosíssimo das barças veleiras neste mar bravo, atracando com habilidades incríveis no *Baependi*, com cargas de algodão, sal, caolim.

– Seu Artus, sua mala já veio, não já?

– Arreia, Chico!

– Não foi você que trouxe uma mala, não?

– Foi sim.

– Você não pode dá uma mão pra passar ela do outro lado?

– Posso.

– Larga essa espinha de bagageiro daí!

– Larga essa espinha de bagageiro!

lçaram então, entre umas velhas decadentes, uma criança de seus quatro anos,



cinco, com uma expressão tão inconcebível de terror que ninguém conseguia olhar para ela, virávamos os rostos.

Já são quase dezenove horas na tarde tempestuosa e vamos partir.

– Êh, Chico Chagas!

– Que foi?

– Ficou três volumes seus!

– Ficou não! Ficou?

O outro cai na risada e abre as asas da barçaça. Chico Chagas cai na risada também. É negro, bonito, dentadura inteira. E a barçaça dele se chama *Liberty*. Se chama *Liberty*.

**7 de agosto.** E a entrada linda de Natal pelas doze horas. Manso o Potengi. Forte dos Reis Magos a bombordo. Estamos enfim no Rio Grande do Norte, propriedade do meu amigo Luís da Câmara Cascudo, quem será? São dezenas de barquinhos se aproximando do *Baependi*. Nisto vejo um rapaz gesticulando imensamente, exatíssimo no estilo das cartas do Cascudinho, era ele. E era mesmo. Em terra, apresentações, o simpático prefeito O'Grady<sup>298</sup>, o secretário-geral de Estado. Autos. A praia maravilhosa de Areia Preta, Petrópolis, Refoles, Reservatório. Encontro o poeta Jorge Fernandes<sup>299</sup> na casa dele, encorujado. Cerveja no restaurantinho. E o jantar na Escola Doméstica, Butantã de Natal. Sem discurso. Partimos já bem dentro da noite. Vida de bordo se preparando pra dormir.

**8 de agosto.** Pelas sete horas Cabedelo numa invasão de mendigos. Não dá tempo pra se ir até Paraíba capital. Ninguém quer descer. Eu desço e passeio só acompanhado de um piloto do *Baependi*. Fotos, redezinha pra bonecas, água de coco, coco verde, bananas magníficas, jangadinhas de brinquedo. Partimos duas horas depois. Vida de bordo. Desde Fortaleza viaja conosco esse curioso fenômeno social, muito conhecido dos viajantes, que se chama Família Brasileira. Ôh, quem não conhece esse estranho fenômeno das navegações, chamado Família Brasileira!... É assim: Um homem de bom parecer, mas com ar de cansado, bem lento nos gestos que terminam coçando o cabelo meio crespo. Ele vem ao chamado de uma cunhã encardida e

298 Omar O'Grady (Natal, 1894 - Rio de Janeiro, 1985), prefeito de Natal.

299 Em 1927, o *Livro de poemas* de Jorge Fernandes (Natal, 1887 - 1953), lançado em Natal, surpreende pela modernidade nos versos livres; valorizado por Luís da Câmara Cascudo e Manuel Bandeira.

magruça, vestida na penúltima moda, com muita segurança. Só os cabelos, ela os tem mais ou menos indecisos, querendo escorrer pela cara, onde existem uns bonitos olhos parados e um "Meu Deus! estas crianças!" muito desolado. Então ela se agacha ali mesmo, pra apartar a briga dos dois filhos menorzinhos, ambos berrando por causa da bala que o Zezé roubou da Arlindinha e chupa numa conta, sujando o tombadilho com a baba alvar. A encardida enfia o indicador, tão comprido que não para mais, na boca berrante do Zezé, parece que estão matando o menino, remexe o dedo lá dentro e afinal acaba descobrindo a bala, retira a dita e bota nas mãos da Arlindinha. Esta só de pique atira a bala que é de goma no chão limpinho do tombadilho. A cunhã, desolada, chama o marido outra vez e pede o lenço, ao mesmo tempo que muito pachorrenta mostra a bala de goma grudada no chão. O marido empresta o lenço pra dona que enxuga mal e mal a mão suja da goma açucarada do Zezé. Então o marido, que é mais cerimonioso, olha de um lado e do outro, mas que há-de fazer, nós estamos ali mesmo, se agacha, agarra a bala de goma com o lenço e vai jogá-la no mar. Arlindinha porém tinha jogado a bala de goma no chão só de pique, de forma que, quando viu o pai jogar a bala fora, desaperta em gritos tão lancinantes que até vem mais gente pra ver. A mãe, que está sentada na minha cadeira alugada por mim, balanceando o Zezé no colo, diz com ar muito sossegado:

– Não faz mal, Arlindinha, depois tua mãe compra mais goma pra ti.

Mas Arlindinha não para o choro e a mãe com o pai se embalam no choro conhecido, sentados em nossas cadeiras do deque de bombordo, que é o lado da fresca do mar. Se alguém se incomoda com aquele choro tão angustiado das crianças, a mãe e o pai sorriem, falando que é assim mesmo. E pela quadragésima sétima vez a cunhã fala mole "Cala a boca, Zezé", e o marido fala sem jeito "Chora não, Arlindinha"... e é só. E os dois, com as crianças nos colos, ficam cochilando nas vossas cadeiras, depois da cunhã examinar bastante as vossas roupas e lançar um olho de censura ao marido. Se percebe que ela diz por dentro: "Está vendo! dessa roupa é que eu quis comprar, você achou indecente!" As crianças estão parando o choro e é melhor a gente esperar aqui mesmo. No deque de estibordo não se pode ir, que estão os três filhos mais velhos da Família Brasileira, três machinhos já taludos, de calças curtas, já fumam, brincando de atirar uma bola de borracha dura, que não acerta neles, são tão espertinhos que desviam: acerta nos outros. No salão a herdeira mais velha, com ares lânguidos, faz muxoxo se você entra lá e atrapalha o namoro dela com o taifeiro<sup>300</sup>.

300 Na versão integral datiloscrita, o trecho aqui situado – "Companheiro, se não gostas de crianças e furúnculos nunca não viages em vapor brasileiro, porém, se gostas, como eu, então nesse caso é bom não viajar também." – é suprimido a tinta preta, e a caneta constata ao lado: "graça idiota".



Pelas quatorze horas conseguimos nos distrair com o Recife num sol esplêndido. Tinha telegrafado ao Ascenso Ferreira, pedindo dinheiro. Nada de Ascenso no cais. Então fomos ver o peixe-boi.

---

### Peixe-boi<sup>301</sup>

O que valeu mesmo a pena foi ver o peixe-boi. Come erva com muita educação, sem fazer bulha nenhuma e só entreabrindo a boca. Se falasse, eu mandava ensinar italiano a ele, e o punha num restaurante obrigatório em São Paulo, pra ensinar aos meus patrícios a comer. Infelizmente não fala não. O peixe-boi é uma baleia que só por desânimo deixou de crescer mais. Tem uma cara parecida com a do hipopótamo e traz os olhos sempre debaixo d'água, com pudor. As nadadeiras são de uma espécie de metal prateado, da família das platinas, e delas se extrai uma graxa boa pra curar doenças do fígado, congestões, mordeduras de mosquito e espinhela caída. Pra contusões é tiro e queda. O peixe-boi bota ovos róseos que são chocados ao sol pela Municipalidade. Os filhotes saem munidos de asas pequeninas (que logo perdem) com as quais atingem as correntes do Amazonas e vão crescer no lago Lauricocha, até a idade de razão. Apreciamos muito o peixe-boi.

---

Jantar no Leite. Está chovendinho um ar tristonho na noite. Os meus companheiros vão pra bordo, enquanto busco Inojosa. Não está no Recife, me respondem no jornal. Vou pra bordo, nada do Ascenso. Chuvisca fino e frio. Saio à procura do Ascenso. De repente dou com o rio. Volto em sentido contrário e de repente dou com o rio de novo. Chove franco agora. O centro comercial está deserto. Não sei pra que lado hei-de ir. Lembro tomar um auto, não tenho dinheiro. Nem sei direito o novo endereço do Ascenso. Estou completamente molhado. Sinto frio. Passam homens retardatários na rua completamente deserta. Penso que vêm me prender. Não, vêm me roubar. Dou uma risada alta. Os homens me olham meio assustados.

– Os srs. podem me dizer pra que lado fica o cais?

Com grande gentileza me indicam tudo.

– Muito obrigado.

301 O fragmento, correspondente ao início de uma versão anterior datilografada, passou para versão datiloscrita integral, no momento em que o escritor, ao redigir o prefácio, determina uma sequência para a obra, reescrevendo, então, os registros de 7 a 13 de maio. Define, portanto, o ponto para a inserção do fragmento "Peixe-boi": "fica na pg. 84" (V. nota 4).

– Não por isso.

Chego a bordo destroçado, é meia-noite.

**9 de agosto.** Vida de bordo. Na Família Brasileira ainda existe a chamada exceção loura, descendente de holandeses, pelo que dizem os pernambucanos. Não a nomeei ontem porque estava doentinha, a mãe nos conta, com os intestinos desarranjados. Se chama Gracette, palavra, e terá seus seis anos, mais velha que o Zezé e a Arlindinha, mais nova que os três guris taludos. O pai chega e diz:

– Gracette, quem é a menina mais bonita de bordo?

– Sou êêêeu.

– Gracette, olha, o doutor está falando que você é feia.

Gracette fica desapontada, os beicinhos tremem, se agarra na mão do pai:

– Pode mentir que eu sou feia, pode!

E desata a chorar. Então o pai empresta o lenço à mãe e etc. Maceió está à vista, são quinze horas. Descemos no barco de vela. Auto. Vamos ao Bebedouro, bem no alto, contemplar as alagoas, Butantã de Maceió. Não, o Butantã de Maceió, é o sururu provado numa tigelada, a bordo, mais sublime do mundo. Que suavidade meiga no açúcarado da came rija e sadia. Maceió, feiosinha...

**10 de agosto.** Vida de bordo esperando a Bahia que só aparece pela tarde. Sou o primeiro a ver Tarsila e Osvaldo no cais, nos pegando de surpresa. Alegria sem limites mais. Passeios às gargalhadas. Jantar na Petisqueira Baiana, jantar mais pesado do mundo, com vatapá, moqueca de peixe e efó. O efó, assim preparado, é o único prato masoquista que conheço. Você come e tem a sensação convulsionante de estar sendo comido por dentro. É terrível, mas gostosíssimo. A bordo. Que pensar em dormir nem nada! conversas paulistas, blagues, artes. Osvaldo aparece num paletó mirabolante, amarelo, pardo e preto, numa completa ausência de malícia.

**11 de agosto.** Não houve onze de agosto em 1927.

**12 de agosto.** Pouco depois do almoço entramos sensacionalmente em Vitória, baía de Guanabara *ad usum delphini*<sup>302</sup>. É uma maravilha! Tocamos tudo com a mão. Porém, depois de

302 *Ad usum delphini*: "para uso do delfim", expressão em latim. Na origem, menção impressa nas edições dos clássicos latinos, expurgadas dos trechos considerados inconvenientes para a



tanto Nordeste, ao descermos no cais logo principiámos a ver homens grandeur nature<sup>303</sup>. Mercado. Compro um boi zebu de barro cozido. Manias do Osvaldo: embarcamos em dois automóveis de trote e subimos até a cidadinha de Serra, indignados com a facilidade dos desenhos da montanha. E por causa dessa perda de tempo perdido, não pudemos ir visitar o Grande Lama do Tibé, que mora no convento da Penha, no monte Atos. Janta no José Portuga. Péssima. Visita à praia Comprida ao luar. Sempre é luar e sempre é praia, delícia. Chegamos a bordo pela meia-noite.

**13 de agosto.** Às seis e quinze exatamente partimos de Vitória entre cores sensacionais. Vida desagradável de bordo, vencendo a última etapa marítima da viagem, já não é viagem mais, e estamos não chegados, coisa idiota. Pelas vinte e três horas o farol do Cabo Frio à vista. É melhor ir fazer minhas malas e ver se consigo dormir. A tempestade cai e avança pela madrugada, atrasando o navio.

**14 de agosto.** E eis que se chegou enfim na imensa baía de Guanabara onde o sol mora. Chuvisca. Descemos às nove. Jaime Ovalle, Dante Milano, Manu, Antônio Bento<sup>304</sup>, deliro. Mas corro ao Copacabana Palace, emprestar dinheiro do Paulo Prado pra pagar minhas dívidas. E não descanso enquanto não pago tudo, até minhas passagens do noturno pra São Paulo. Almoço na

leitura do herdeiro do rei da França Luís XIV (1638-1715). Estendida ao uso geral, equivale à referência irônica a inverdades (V. RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 21).

303 Tradução: em tamanho natural.

304 Amigos de MA residentes no Rio de Janeiro aqui identificados: Jaime Ovalle (Belém, 1894 - Rio de Janeiro, 1955), compositor e instrumentista autodidata ligado à boêmia carioca, poeta bissexto; Manuel Bandeira teve seus poemas "Berimbau", "Modinha" e "Azulão" musicados por Ovalle; Dante Milano (Rio de Janeiro, 1899 - Petrópolis, 1991), poeta; Antônio Bento de Araújo Lima (Araruna, 1902 - Rio de Janeiro, 1988), jornalista, crítico de arte e de música, contista. Antônio Bento, cujo pai é proprietário do engenho Bom Jardim, no Rio Grande do Norte, liga-se de amizade a MA em 1926, quando vive durante algum tempo na Pauliceia. Nessa ocasião, transmite-lhe o "Coco do major Tertuliano", folclore potiguar, matriz do poema "Coco do major", no livro de MA *Clã do jabuti*, em 1927 (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 274-276). Das conversas entre ambos resulta a inserção do engenho Bom Jardim na criação de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, publicado em julho de 1928: no espaço desregionalizado, capítulo 16, "Uraricoera" (Ed. cit., p. 185-198). Antonio Bento será anfitrião de MA na viagem deste ao Nordeste, realizada do fim do ano de 1928 até fevereiro de 1929 (V. "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", na presente edição).





Minhota, com Osvaldo, Tarsila, Dolur. Depois uísque com água de coco (aqui já não é a mesma coisa) na Casa Simpatia, Antônio Bento, Mary<sup>305</sup>, Manu, o grupo. Janta-se num fregue<sup>306</sup>. Na estação, Prudentinho e Iná, Sérgio Buarque de Holanda, Gallet, Luísa, Mary, Manu, Ovalle, Dante Milano, Dodô<sup>307</sup>. Partimos dona Olívia, Gofredo da Silva Telles<sup>308</sup>, Clóvis Camargo e eu.

**15 de agosto.** São Paulo, gozo amargo de infelizes... Trem desencarrilado na nossa frente, nos para em Luís Carlos pouco antes de Moji. Dona Olívia e companheiros partem de automóvel chegado. Não aceito lugar, esperando os meus. Besteira, desespero. Mando buscar auto em Moji pra mim, e na bruta contrariedade em que estou, ainda sou obrigado a compartilhá-lo com um desconhecido, o sr. dr. Abelardo César, que se oferece pra vir comigo e racharmos despesas. Aceito a companhia, que hei-de fazer! recuso a rachação, o auto já estava alugado mesmo, seria uma indelicadeza pra comigo mesmo aceitar. E o pior é que desencontro de meus manos e amigos, que tinham tomado automóvel e ido me buscar. Bolas! Enfim, pelas quatorze horas, são exatamente quatorze horas e onze minutos e doze segundos, na "minha" casa, com os "meus", com a "minha" gente. Fecha bem a porta, Bastiana! Fecha a porta com chave, Bastiana! atira a chave na rua!<sup>309</sup>

305 A carioca Mary Houston, casada com o crítico Mário Pedrosa, é irmã da cantora lírica Elsie Houston, mulher do poeta surrealista francês Benjamin Péret, do grupo de intelectuais cariocas.

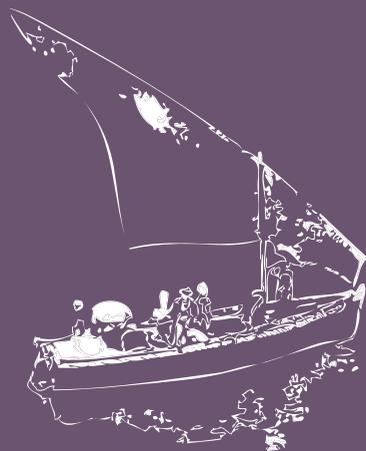
306 Frege vem de frigar, fritar (frege-moscas): gíria carioca para restaurante de má qualidade.

307 Amigos também de MA, no Rio. Prudentinho ou Francisco de Paula Prudente de Moraes, neto (Rio de Janeiro, 1904 - 1977), casado com Iná. Jornalista, poeta, contista; em 1924 fundara a revista *Estética*, no modernismo do Rio de Janeiro, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda (São Paulo, 1902 - 1982), crítico literário e autor de contos, nesse mesmo periódico e em outros; a partir da década de 1930, destaca-se como historiador. Luciano Gallet (Rio de Janeiro, 1893-1931), compositor e musicólogo ao lado de sua mulher, Luísa. Dodô (apelido de Geraldo Barrozo do Amaral), amigo de Jayme Ovalle, na boêmia carioca.

308 Gofredo da Silva Teles (Rio de Janeiro, 1888 - São Paulo, 1980), político, genro de Olívia Guedes Penteadó, casado com Carolina; político.

309 Bastiana/ Sebastiana Campos (? - São Paulo, 1970), cozinheira na casa de Mário de Andrade.





O TURISTA APRENDIZ:  
VIAGEM ETNOGRÁFICA

NOTAS DE VIAGEM AO NORDESTE:  
DIÁRIO 1928-1929

O TURISTA APRENDIZ NO *DIÁRIO NACIONAL*

3





## O TURISTA APRENDIZ: VIAGEM ETNOGRÁFICA<sup>1</sup>

1 A segunda parte desta edição d'*O Turista Aprendiz* corresponde à segunda parte do dossiê do manuscrito da obra, apreendendo a viagem de MA ao Nordeste do Brasil. Não concretiza um livro planejado pelo escritor e sim um projeto das pesquisadoras, que por ele se responsabilizam. Divulga: "Notas de viagem ao Nordeste: diário 1928-1929", que reúne os registros autógrafos do período 27 de novembro de 1928 a 24 de fevereiro de 1929 em um fichário de bolso; o texto dos setenta registros/ folhetins ou crônicas na série "O Turista Aprendiz", recortados do *Diário Nacional* de São Paulo, onde saíram com a assinatura "Mário de Andrade" entre 14 de dezembro de 1928 e 29 de março de 1929; também um último registro destinado à série, autógrafo a tinta preta não enviado ao jornal. Os autógrafos e diversos textos impressos receberam rasuras e anotações de esclarecimento, a grafite ou a tinta preta; os impressos, ao ingressarem no dossiê, rasurados ou não, tornaram-se exemplares de trabalho.

O dossiê *O Turista Aprendiz*, no arquivo do escritor, no IEB-USP, conserva 58 recortes da série jornalística, porque doze migraram para dossiês de manuscritos de dois títulos integrados às Obras Completas de Mário de Andrade, publicadas pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, entre 1943 e 1965. No arquivo, constata-se a transposição de cinco textos/ recortes para o dossiê de *Os filhos da Candinha*, com a função de exemplares de trabalho, no propósito do autor de levá-los a participar, em 1943, do livro de título homônimo, v. 15 nas suas Obras Completas, pela Livraria Martins Editora. E verifica-se o deslocamento de sete registros do Turista, datados de 22, 26, 27, 28 e 31 de dezembro, 1928, e 3 e 25 de fevereiro, 1929, para o dossiê de *Música de feitiçaria no Brasil*, título póstumo que vem à luz em 1963, como o volume 13 na mesma coleção, organizado pela discípula de MA, a musicóloga Oneyda Alvarenga. A organizadora aponta a presença dos textos, dos quais cinco cuidam de catimbó e têm, ali, a função de exemplares de trabalho modificada para a de nota prévia. A presente edição recompõe a série "O Turista Aprendiz".

As notas sobre as personalidades citadas no texto, salvo nos casos necessários para melhor situar o leitor, não abrangem os nomes contemplados no rodapé do diário *O Turista Aprendiz* (viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega), na primeira parte da presente edição.

Martins  
[Rio Grande do Norte.  
Portão de cemitério]

NOTAS DE VIAGEM AO NORDESTE: DIÁRIO 1928-1929<sup>2</sup>

28 de novembro de 1928<sup>3</sup>.

De matuto pernambucano:

Minha mãe, minha mãezinha  
Minha mãe que Deus me deu,  
Tava nas ânsias da morte,  
Eu cantei, ela viveu.

---

Graças a Deus que posso morrer! Já vi uma coisa bonita neste mundo.

---

Francisco Inácio Peixoto<sup>4</sup> e Gallet me esperando na estação - Almoço com Peixoto

2 Diário presente no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*; autógrafo a lápis-tinta e a tinta preta; em 28 fôlios de fichário de bolso, escrita ocupando a frente e o verso dos fôlios, a letra miúda aproveita ao máximo o espaço; documento acondicionado na capa improvisada em folha de papel *chiffon* dobrada na horizontal, com indicação a grafite "Notas de Viagem ao Nordeste"; reúne os registros de 28 de novembro, 1928 a 24 de fevereiro, 1929.

3 MA, ao mencionar os intelectuais com quem se encontra no Rio de Janeiro e nas outras cidades por ele visitadas, desvela seu diálogo interdisciplinar no seio do modernismo e seu prestígio além dos limites de São Paulo.

4 Inácio Peixoto (Cataguases, 1909 - 1986) é poeta do modernismo mineiro ligado à revista *Verde* de Cataguases, editada entre setembro de 1927 e janeiro de 1928, com o último número em maio de 1929. Em 1928 mora no Rio, onde estuda Direito na Faculdade Nacional. Na biblioteca de MA estão estes livros de Peixoto: *Meia-pataca* (poemas, coautoria de Guilhermino César, 1928) e os contos *Dona Flor* (1940). MA focaliza o último em sua coluna *Vida Literária*, no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 19 de maio, 1940.



- Augusto Frederico Schmidt<sup>5</sup> e Lourenço Fernandez<sup>6</sup> vêm me visitar - Passeio com Schmidt que me fota<sup>7</sup> na *Pelo Brasil* dele e me leva a Alceu<sup>8</sup> e Prudentinho<sup>9</sup>. Janta

5 Augusto Frederico Schmidt (Rio de Janeiro, 1906 - 1965). Poeta e memorialista. Fundador de jornais literários e proprietário da Editora Schmidt, que divulga os primeiros romances de Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Jorge Amado. Na biblioteca de MA encontram-se sete livros do poeta, alguns com dedicatória. MA focaliza Schmidt nos ensaios "Poesia em 1930", na *Revista Nova* (a. 1, nº 1; São Paulo, 15 de março, 1931), e "Augusto Frederico Schmidt", na *Revista Acadêmica* (Rio de Janeiro, fevereiro, 1941), bem como nos artigos "Estrela solitária" (I-II) e "A volta do condor", na sua coluna "Vida literária" no *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro, 9, 16 e 30 de junho, 1940).

6 MA assim se refere ao compositor Oscar Lorenzo Fernandez (Rio de Janeiro, 1897 - 1948), de orientação nacionalista, seu correspondente desde 1927, de quem guardou, em seu arquivo, a partitura do *Trio brasileiro*. Fernandez musica o poema de MA "Rondó pra você" sob o título *Toada para você*. Editor da revista *Ilustração Musical*, ali publica peças da coletânea *Modinhas imperiais*, organizada por MA em 1930. A biblioteca de MA possui várias partituras de obras de Lorenzo Fernandez, sobretudo para piano e canto e piano.

7 O neologismo "fotar", que se mostra na versão datiloscrita integral do diário da viagem de 1927, repete-se aqui. MA o utiliza para seu trabalho com a sua câmara de fole norte-americana Kodak/ Codaque, em ambas as viagens do Turista Aprendiz, e para o de outros fotógrafos.

8 Alceu Amoroso Lima (Rio de Janeiro, 1893 - Petrópolis, 1983). Pensador católico, juriconsulto, crítico e jornalista. Sob o pseudônimo Tristão de Athayde, adotado em 1919, acompanha, no Rio, a produção de seu tempo; defende n'*O Jornal* a Semana de Arte Moderna, em 1922. Seus *Estudos*, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries, editados em 1927, 1928, 1930 e 1931, focalizam as principais obras da prosa e da poesia desse período. Na biblioteca de MA, trazendo dedicatória, estão todas as obras que publica durante a vida do amigo, desde *Afonso Arinos*, de 1922, até *Mitos de nosso tempo*, de 1943. A dedicatória de *Estudos*, 1ª série, brinca com o pseudônimo: "a Mario de Andrade/ com a sympathia/ do/ T. de Athayde/ e do/ A. Amoroso Lima/ out. de 1927". MA leitor anota fartamente os livros de Alceu, com quem se corresponde entre 1927 e 1944. As cartas contemplam em especial a criação de MA - sobretudo a de *Macunaíma* -, assim como questões da literatura e da sociedade.

9 Prudente de Moraes, neto (Rio de Janeiro, 1904 - 1977). Um dos escritores da renovação literária no Rio de Janeiro, onde funda a revista *Estética* em 1923, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda. Como contista, crítico da literatura e poeta, participa das principais revistas do modernismo brasileiro, além de responsabilizar-se, sob o pseudônimo Pedro Dantas, pela seção "Crítica Literária" em *A Ordem*, órgão do Centro Dom Vidal, agremiação de intelectuais católicos. Mantém correspondência com MA, ligada principalmente ao movimento modernista, à troca de leituras e ao compartilhar de projetos. Está entre os leitores de *Macunaíma*, na fase

Gallet e noite com ele e Julieta T. Menezes<sup>10</sup> ensaiando.

29 [de novembro]. Conheço Cícero Dias<sup>11</sup>. Almoço A. F. Schmidt. Tarde Renato<sup>12</sup> e

de elaboração da obra; envia a MA manuscritos de seus poemas "A cachorra", "Suicídio" e "Cansaço nas estradas poeirentas". Em diversas ocasiões encarrega-se da colocação dos livros de MA nas livrarias cariocas. Em 10 de maio de 1929, Prudente é objeto da crônica "Memória e assombração", em Táxi, coluna de MA no *Diário Nacional* de São Paulo (V. ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit., p. 101-102).

10 Julieta Teles Menezes (Rio de Janeiro, 1896 - 1961), precursora na apresentação de canções folclóricas harmonizadas em recitais de música erudita. Em suas cartas a MA, focaliza a divulgação da música brasileira em discos e apresentações fora do Brasil.

11 Cícero Dias (Recife, 1907 - Paris, 2003). Pintor e desenhista; conjuga com maestria o primitivismo e elementos surrealistas. MA com ele se corresponde desde setembro de 1928, antes de conhecê-lo pessoalmente no Rio de Janeiro, em novembro, iniciando a viagem em que visitará o Nordeste, durante a qual se hospeda, em fevereiro de 1929, no engenho Batateira da família de Cícero, em Pernambuco, onde recolhe manifestações do folclore e fotografa (V. "Os diários do fotógrafo", catálogo na presente edição). Em agosto desse ano, quando o amigo vem a São Paulo, MA publica, na revista *Para Todos* (n° 557. Rio de Janeiro, 17 de agosto, 1929), a crônica "Cícero Dias", ilustrada com o retrato do pintor tirado por ele na viagem, tendo ao fundo o leque de uma palmeira carnaúba (V. texto no Dossiê desta edição e fotos no catálogo acima citado). Ainda em 1929, 2 de julho, MA cronista analisa a obra do artista, na sua coluna Táxi (V. ANDRADE, Mário de. "Cícero Dias". In: *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit., p. 135-136). Em 23 de dezembro de 1939, MA publica, na revista carioca *O Cruzeiro* (a. 12, n° 8), "Briga das pastoras", conto decalcado em narrativa ouvida no engenho Batateira. O conto é por ele escolhido, em 1944, para figurar no volume 1, *Obra imatura*, nas Obras Completas pela Livraria Martins Editora (V. ANDRADE, Mário de. *Obra imatura*. Ed. de texto apurado e anotado por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 190-201).

Na coleção de artes formada pelo escritor, conservada no IEB-USP, estão treze obras do artista: desenhos - entre os quais se destaca *Macunaíma desce por este mundo a fora* (lápis de cor e nanquim s/ papel, s.d.) - e cartas desenhadas (V. BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de. *Coleção Mário de Andrade*. Ed. cit., p. 63-69).

12 Renato Almeida (Santo Antônio de Jesus, 1895 - Rio de Janeiro, 1981). Musicólogo e pesquisador do folclore; redator-chefe da revista *América Brasileira*, do Rio de Janeiro (1921-1924), que publicara as "Crônicas de Malazarte" de MA, em 1923-1924. Em 1926, quando trabalhava no Ministério das Relações Exteriores, em viagem à Argentina, observara a importância



Graça. Janta com L. Fernandez. Cícero Dias no Carnaval sozinho no Leblon tomando éter e falando pra onda:

- Não me molha! Não deixo você me molhar!
- A onda vinha, molhava.
- Você molhou mas foi porque eu deixei!

---

**30 [de novembro].** Conheci Afonso Arinos sobrinho e o pintor Manuel Bandeira<sup>13</sup>

- Janta com Holanda<sup>14</sup> casa Rodrigo M. F. Andrade<sup>15</sup>.

de MA para a vanguarda cultural desse país. Em 1928, participante da comissão organizadora da representação brasileira ao Congresso de Arte Popular em Praga, pedira uma comunicação a MA, que escrevera o ensaio "A influência portuguesa nas cantigas de roda". Oferece a MA o manuscrito de seu ensaio *Música colonial brasileira* (Arquivo MA). Suas principais obras estão na biblioteca MA com dedicatória e anotações marginais: *A formação moderna do Brasil* (1923), *Fausto* (1925), *História da música brasileira* (1ª ed., 1926 e 2ª ed., 1942). No exemplar da 2ª edição desta, constata na dedicatória: "Mário, você sabe quanto lhe devo este livro".

13 Afonso Arinos de Melo Franco (Rio de Janeiro, 1905 - Belo Horizonte, 1990). Jurista, professor, político, historiador, crítico, ensaísta e memorialista; sobrinho e homônimo do escritor regionalista. Autor de *Política cultural pan-americana* (1941) e *Desenvolvimento da civilização material no Brasil* (1944), obras presentes na biblioteca de MA. Manoel Bandeira (Escada, 1900 - Recife, 1964). Pintor, desenhista e ilustrador pernambucano, praticamente homônimo do poeta de *O Ritmo dissoluto*. A coleção de arte reunida por MA possui quatro obras de Bandeira, captando aspectos de cidades pernambucanas (V. BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de. *Coleção Mário de Andrade: artes plásticas*. Ed. cit., p. 32-33).

14 Sérgio Buarque de Holanda (São Paulo, 1902 - 1982). Professor, historiador e crítico literário, nome de expressão no modernismo paulista e carioca. Em 1921, escreve sobre literatura no *Correio Paulistano* e vive no Rio de Janeiro, onde estuda Direito. Ali, nesse ano, comparece à reunião, na casa de Ronald de Carvalho, em que MA lê poemas de *Pauliceia desvairada*. Representante e colaborador assíduo da revista *Klaxon*, empenha-se em obter assinaturas, como se testemunha em sua correspondência com MA, que vai de 1922 a 1944, com intervalos. Em 1924, funda e dirige, com Prudente de Moraes, neto, a revista *Estética*. Em 1939, assume cargo de consultor técnico no Instituto Nacional do Livro; MA o substitui durante 1940. Em sua pesquisa sobre o pintor barroco paulista Jesuíno do Monte Carmelo, MA solicita informações ao amigo historiador (V. *Padre Jesuíno de Monte Carmelo*. Ed. cit.). Na biblioteca de MA, encontram-se, da autoria de Holanda, *Raízes do Brasil* (1936), exemplar com notas de leitura, e *Cobra de vidro*, crítica literária (1944).

15 Rodrigo Melo Franco de Andrade (Belo Horizonte, 1898 - Rio de Janeiro, 1969). Jornalista e escritor, em 1936 publica *Velórios*, livro de contos na biblioteca MA, com dedicatória. Destaca-

---

1º de dezembro. Passeios - F. I. Peixoto - Chá com Gallet, Luísa<sup>16</sup> e J. Telles Menezes - Janta com Ovalle<sup>17</sup> e Cícero Dias - Noite casa Aníbal Machado<sup>18</sup> que lê trechos do *João Ternura*<sup>19</sup>.

---

2 [de dezembro]. Manhã com F. Inácio Peixoto e depois Lourenço Fernandez, examino *Quinteto de sopro* - Almoço casa Prudentinho - Tarde casa Cornélio Pena<sup>20</sup> com

se de 1936 a 1967 como Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual IPHAN), cujo "Anteprojeto" prepara com MA, a pedido do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Extensa é a correspondência que liga Rodrigo e MA, em função do trabalho deste no SPHAN como Assistente Técnico da 6ª Região Administrativa, relativa a São Paulo e Paraná, nos períodos 1937-1938 e 1941-1945. Neste último, MA dedica-se ao estudo do pintor do barroco paulista, padre Jesuíno do Monte Carmelo. Na intenção de homenagear o amigo, MA registra, no manuscrito do ensaio, dedicatória a ele. Rodrigo, em carta ao autor, adia a homenagem para uma segunda edição fora do âmbito institucional. MA morre em 1945 e nesse mesmo ano o livro *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* sai na parceria Ministério da Educação e Saúde/ SPHAN, naturalmente sem a dedicatória. A republicação, que em 1963 repete a edição de 1945 nas Obras Completas pela Livraria Martins Editora, desconhece a homenagem ao Diretor do SPHAN, cumprida em 2012 na edição apoiada no manuscrito (V. ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit.).

16 Luísa Gallet, esposa de Luciano Gallet. Edita, em 1934, com prefácio de MA, *Estudos de folclore*, obra inédita do compositor. Pesquisadora do folclore nordestino, estuda particularmente as rendas de bilro. Casada em segundas núpcias com o antropólogo Artur Ramos.

17 Jaime Ovalle (Belém, 1894 - Rio de Janeiro, 1955). Compositor e instrumentista autodidata ligado à boêmia carioca; poeta bissexto; musicou os poemas de Manuel Bandeira "Berimbau", "Modinha" e "Azulão", este de larga divulgação.

18 Aníbal Machado (Sabará, 1894 - Rio de Janeiro, 1964). Ficcionalista, jornalista e crítico de cinema. Autor de *João Ternura*, romance de publicação póstuma em 1965. Publica contos na revista do modernismo *Estética* (1928) e no *Boletim de Ariel* (1931). Na biblioteca de MA estão exemplares da coletânea de contos *Vila feliz* (1944, com dedicatória) e de *O cinema e sua influência na vida moderna*, conferência realizada em 6 de fevereiro, 1941, na Associação Brasileira de Imprensa.

19 A edição corrigiu; no manuscrito: "João Ventura".

20 Cornélio Pena (Petrópolis, 1896 - Rio de Janeiro, 1958). Romancista e artista plástico. Na



Schmidt e Holanda – Janta casa Álvaro Moreyra<sup>21</sup>, vários e Quintanilla<sup>22</sup>.

**3 [de dezembro].** Almoço Schmidt e Grieco<sup>23</sup> – Vapor *Manaus*, duas mil e poucas toneladas, parte às 18. Dante Milano<sup>24</sup>, L. Fernandez, Gallet, Schmidt, Holanda, Prudente e Iná, Brasil Pinheiro Machado<sup>25</sup> na despedida.

biblioteca de MA estão, autografados, seus livros *Fronteira* (1935) e *Dois romances de Nico Horta* (1939). MA analisa o escritor em "Romances dum antiquário", na sua coluna Vida Literária, no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, em 24 de setembro de 1939, artigo republicado na coletânea *O empalhador de passarinho* (São Paulo: Martins, [1946], p. 107-110).

21 Álvaro Moreyra (Porto Alegre, 1888 – Rio de Janeiro, 1964). Poeta, jornalista e autor de peças teatrais. Modernista desde a primeira hora, no decênio de 1920 liga-se às revistas *Fon Fon*, *Ilustração Brasileira* e *Para Todos*, para as quais chama a colaboração de escritores e artistas plásticos modernos. Casado com a declamadora Eugênia Álvaro Moreyra, cujos recitais revelavam a poesia modernista. Em 1927 funda o Teatro de Brinquedo, que apresentará, em 1929, a peça de sua autoria *Adão, Eva e outros membros da família*. Na biblioteca de MA, autografados, além da obra que consagra o Teatro de Brinquedo, estão seus livros: *Elegia da bruma* (1910) e as peças teatrais *O outro lado da vida* (1921), *A cidade mulher* (1923), *A boneca vestida de arlequim* (1927), *Circo* (1929).

22 Luís Quintanilla Del Valle (Paris, 1900 – Cidade do México, 1980), poeta. Em 1928 reside no Rio de Janeiro, como secretário da Embaixada do México. Publica, sob o pseudônimo Kyn Taniya, *Avion* (1923) e *Radio* (1924); o primeiro com exemplar na biblioteca de MA. Em 1924, fundara no México o Teatro del Murciélago, vanguarda que o aproxima do Teatro de Brinquedo de Álvaro Moreyra, no Rio, em 1927.

23 Agripino Grieco (Paraíba do Sul, 1888 – Rio de Janeiro, 1973). Crítico literário conhecido pela mordacidade em suas análises; vive no Rio e escreve em *O Jornal*. MA recorta e conserva, em seu arquivo, artigos de Grieco. Em 1930, funda com Gastão Cruls a Editora Ariel, que, nessa década, publica romances de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Cornélio Pena e José Lins do Rego. Dirige o *Boletim de Ariel*, que, entre 1931 e 1938, estampa a colaboração de escritores de relevo, entre eles MA.

24 Dante Milano (Rio de Janeiro, 1899 – Petrópolis, 1991). Poeta e ensaísta, autor de *Antologia dos poetas modernos* (1935), com exemplar autografado na biblioteca de MA. Em 1926 enviara a Mário manuscritos de poemas (Arquivo Mário de Andrade). Faz parte da *Revista de Antropofagia*, na segunda fase.

25 Brasil Pinheiro Machado (Ponta Grossa, 1907 – Curitiba, 1997), político.

---

4, 5 e 6 [de dezembro]. Monotonias de bordo.

---

7 [de dezembro]. Bahia - Vatapá na Petisqueira - Convento de S. Francisco<sup>26</sup>.

A Senhora da Piedade de Bento Sabino dos Reis<sup>27</sup>, notável principalmente pelo realismo do Cristo contorcido nos braços dela. Também Maria é uma simples mãe sofrendo, cara vulgar, sem ideal, porém machucada por um desgosto nobre, sereno, poderosamente interior – peça notável.

A feiosa Sant'Ana de M. I. da Costa<sup>28</sup>, com a Mariinha adorável de gesto e de cara. Sant'Ana ensina qualquer coisa e de fato a cara dela trai bastante experiência nas rugas discretas de senhora quarentona. O corpo é bem lançado e até barrocamente elegante, na posição da perna livre. Mas que simpatia a de Sant'Ana, puxa! cada vez posso menos abandonar a contemplação. E vai saindo dessa peça notável uma espiritualidade recôndita, íntima, que eu, vindo do realismo de Bento Sabino dos Reis, no começo não percebera. Não tem dúvida que a Sant'Ana, sem atingir a grandeza do S. P. de Alcântara, inda serve pra sustentar o gênio de M. I. da Costa. E o perfil da Mariinha, que adorável! A menina é positivamente uma maravilha<sup>29</sup>.

---

8 [de dezembro]. Nada. Dormi no tédio dia todo. Pelas 20 e 30 passa um navio iluminado do lado de terra. É extraordinário! Um senhor que mora em Belém, italiano, associando as coisas (pelas 24 chegaremos a Maceió) me conta: Em Maceió os pretos têm um costume engraçado: quando transportam um piano, costumam cantar, são oito homens, um puxa, os outros secundam, lento, forte, de longe se

26 A acuidade na análise do diarista aproxima este memento da série de artigos "A arte religiosa no Brasil", publicada por MA em 1920 na *Revista do Brasil* (nº 49, 50, 52 e 54; São Paulo, janeiro, fevereiro, abril, junho). Anuncia o historiador da arte que se dedicará, mais tarde, ao estudo da obra do padre Jesuíno do Monte Carmelo, pintor do barroco paulista.

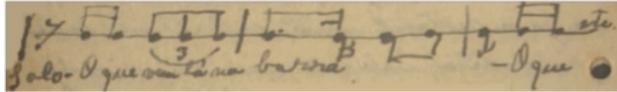
27 Bento Sabino dos Reis (1763? – 1843?). Escultor do barroco baiano.

28 Manuel Inácio da Costa (1763 - 1857). Escultor baiano do século XVIII.

29 Traço vertical a lápis vermelho destacando todo o registro.



escuta. É um canto falado, num som só, diz-que pra não desafinar o piano. Eis o canto que ele me deu:



Texto: Solo: – O que vem lá na barra?

Coro: – É um naviu.

Etc. (sempre o mesmo texto)

E eu que tenho pelejado pra pegar uma dessas parlendas<sup>30</sup> de carregadores de piano, por um simples acaso de passar um navio, perto de Maceió, consegui afinal integralmente uma delas.

## 9 [de dezembro]. Maceió com J. de Lima<sup>31</sup> e José Lins do Rego<sup>32</sup> e o pintor que

30 Parlenda: frase rimada, repetida; neste caso, ligada a um canto de trabalho.

31 Jorge de Lima (União dos Palmares, 1895 – Rio de Janeiro, 1953). Poeta, romancista, ensaísta, artista plástico e médico natural de Alagoas, radicado no Rio de Janeiro após 1930. A viagem do Turista Aprendiz sela o início da amizade marcada na correspondência de 1929 a 1943; nas dedicatórias de todos os livros que Jorge de Lima publica de 1927 até a morte de MA, em 1945; no manuscrito do poema "Louvado", de 1929, e em exemplares de fotomontagens presenteados ao escritor paulistano. Este, depois de esboçá-los nas margens dos livros de título homônimo, publica os artigos "A túnica inconsútil" (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 de janeiro, 1939), "A mulher obscura" I-II, "A poesia em pânico" e "A volta do condor" (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21, 28 de janeiro, 9 de abril e 30 de junho, 1940, textos reunidos por Sônia Sachs em *Vida literária*. São Paulo: HUCITEC/ Edusp, 1993, p. 6-10, 17-24, 145-153, 220-225). "A volta do condor" é escolhido por MA para figurar em *Aspectos da literatura brasileira*, v. 10 das Obras Completas (São Paulo: Livraria Martins Editora, [1942], p. 141-145). E, em "Fantasias de um poeta: fotomontagens de Jorge de Lima", artigo no Suplemento em Rotogravura de *O Estado de S. Paulo*, a. 9, nº 145, outubro de 1939, o crítico reproduz colagens recebidas, adiantando-se ao artista, que, apenas em 1943, externa essa vertente de sua criação plástica no volume *A pintura em pânico* (Rio de Janeiro: Tipografia Luso-Brasileira; V. o texto em ANDRADE, Mário de. *Será o Benedito?* Ed. preparada por Cláudio Giordano. São Paulo: EDUC/ Giordano, 1992, p. 13-16).

32 José Lins do Rego (Pilar, 1901 – Rio de Janeiro, 1957). Romancista, criador do ciclo da cana-de-açúcar na literatura brasileira. Em 1939, no inquérito da *Revista Acadêmica* sobre

nos chateou. Almoço bar Alemão com sururu, ostras e camarão; ótimo. Passeios no domingo esplêndido.

---

**10 [de dezembro].** Recife com Ascenso me esperando às 7h. Hotel Glória. Almoço com A. e Stella<sup>33</sup> feijão e peixe de coco. Caju mangas. Queijo daqui é meio parecido porém mais gostoso que requeijão. Feijão de coco é sublime. Visita algumas igrejas. Água de coco e encontro Inojosa. São 17 horas e Manu<sup>34</sup> aqui não aparece. Ernani Braga<sup>35</sup> vem no hotel

os "dez melhores romances brasileiros", MA vota em *Doidinho* (1933), do escritor paraibano. Na coletânea de artigos seus, *O empalhador de passarinho*, figuram "Riacho Doce", "Repetição e música" e "Fogo morto" (Ed. cit., p. 119-127, 247-250). MA conservou em seu arquivo o manuscrito de *Riacho Doce* e, em sua biblioteca, com dedicatória, os romances do amigo.

33 Ascenso Ferreira e a mulher dele, Stella Gris Ferreira.

34 Manu: o poeta Manuel Bandeira (V. nota 6 referente à viagem de 1927). Em 9 de novembro, 1928, Bandeira comunica a MA: "Amanhã parto para o Recife, onde vou passar um mês. O Gilberto Freyre arranhou-me uma inspetoria de bancas examinadoras" (V. MORAES, Marcos Antonio de. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade Et Manuel Bandeira*. Ed. cit., p. 409).

35 Ernani Braga (Rio de Janeiro, 1888 – São Paulo, 1948). Pianista, regente, compositor, pesquisador do folclore, escolheu grafar sem H seu nome de registro civil – Hernani –, conforme o personagem de Victor Hugo. MA segue a forma tradicional no relato do dia 10 de dezembro, neste diário; a presente edição confirma a grafia Ernani. Chegado à Pauliceia em 1921, depois de ter lecionado no Instituto Nacional de Música, Braga fora professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e colega de MA; havia mesmo participado da Semana de Arte Moderna de 1922, como intérprete. Em 1927, depois de uma turnê pelo Brasil, resolvera morar em Recife. Em 1928, quando ali contracenava com o viajante paulistano, pesquisa o folclore do Nordeste e, como crítico musical do diário *A Província*, desenvolve campanha pela criação do Conservatório Pernambucano de Música, projeto que se concretiza em 1930, colocando-o na direção. Em 21 de fevereiro de 1929, sua reportagem "Mário de Andrade, podendo ir à Europa, preferiu vir em excursão ao Nordeste, onde colheu diretamente mais de oitocentos temas musicais", n'*A Província* de Recife, sintetiza os passos do etnógrafo e ressalta a aventura do "batismo aeronáutico" do amigo, na cercania da capital pernambucana.

Ernani Braga corresponde-se com MA de 1929 a 1937. Nesse último ano, participa do I Congresso da Língua Nacional Cantada, promovido pelo Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, cujo diretor é MA. O arquivo deste guarda o manuscrito do compositor *Ôh, mestre, a usina moendo*, harmonização de melodia popular para canto e piano.

Braga deixa a capital pernambucana em 1939 para coligir documentos musicais populares



me abraçar. Jantar Manu, Jaime Gris<sup>36</sup>, e outras pessoas casa Ascenso. Passeio de noite pelas partes velhas de Recife.

---

No Convento de S. Francisco o que há mesmo de magnífico são os azulejos. O claustro é um mimo de equilíbrio, proporção, pureza de linhas, simplicidade. Na sacristia a cômoda é uma maravilha de entalhe, elegante, bem composta, delicada nos arabescos e excelentes pinturas (seis quadros) antigas. Uma estava substituída por um joli<sup>37</sup> S. Francisco sem plástica, sentimental, hediondo. Não tenho o preconceito do antigo. Os quadros antigos do claustro também são sem plástica e detestáveis. Os da cômoda são mas mesmo muito bons.

Ordem 3ª de S. Francisco, em reparos bem orientados. A fachada já é bem boa o que é raro nas igrejas por aqui. O interior todinho em talha doirada<sup>38</sup> (inferior como trabalho de S. Francisco da Penitência do Rio), azulejos e muitos painéis, é um dos maiores monumentos do Brasil. Um fenômeno importante a notar, que diferencia os hispano-americanos e os luso-americanos em arquitetura religiosa, é que naqueles a preocupação do monumental está sobretudo no exterior do edifício, ao passo que entre nós é no interior que está. Está claro que considero muito superior como arquitetura exterior, muito mais bela S. Franc. de Assis de S. João del Rei à catedral do México por ex., porém o caso do Aleijadinho<sup>39</sup> é um caso de arte e estou observando um fenômeno de psicologia mística, não de arte. Esta Ordem 3ª

e organizar corais pelo país; retorna a São Paulo, depois de estadia em Porto Alegre durante 1940-1941, onde é editado seu *Cancioneiro gaúcho* (V. GROVERMANN, Celina G. D. Tarragò. *O Cancioneiro gaúcho de Ernani Braga: um estudo histórico analítico de uma obra composta para o bicentenário de Porto Alegre em 1940*. Instituto de Artes, UFRS, 2011. Dissertação de mestrado).

36 Jaime de Barros Gris (Palmares, 1900 - ? 1981). Jornalista, poeta e estudioso do folclore.

37 "Joli": adjetivo; em francês, "bonito", ironizando a pintura.

38 No diário na caderneta de bolso nota-se a flutuação "doirada(o)" e "dourada(o)", "oiro" e "ouro". A presente edição a conserva, no propósito de exibir as nuances do registro preso à forma antiga da palavra, quando o viajante, que observa e analisa, emparelha sua expressão à da época do objeto analisado.

39 Aleijadinho ou Antônio Francisco Lisboa (Ouro Preto, 1738 - 1814). Escultor do barroco mineiro, cuja obra MA estuda em *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo*, livro em 1935 (Rio de Janeiro: R. A. Editora); ensaio republicado em *Aspectos das artes plásticas no Brasil*, nas Obras Completas pela Livraria Martins Editora, em 1965.

como interior é absolutamente notável. Sóbria no barroco, ordenação magnífica de pintura, ouro entalhado e azulejo. As pinturas são excelentes e agora depois de inteligentemente limpas, estão claras, bem visíveis e são mesmo plásticas. O entalhe é tímido mas seguro. O interior dos altares é muito bom. O púlpito é um mimo com o florão colorido no meio do oiro<sup>40</sup>. O entalhe não tem anjos nem pássaros maravilhosos, nem ocos nas volutas e folhas. Só nas colunas caneladas  é que os cachos de uva e folhas fazem ocos tímidos<sup>41</sup>.

---

Melodias do Boi – Nosso padim Pade Ciço recebeu de presente um bezerro zebu, verdadeira raridade então em Juazeiro. O nosso padrinho gostava muito do bezerro e tratava ele com muito carinho. Estava batendo tempo de seca, nosso padrinho mandou chamar o homem que destacara pra dar comida pro bezerro e falou: – Olhe, do lado de cá o capim é mais novo e está mais úmido. Você venha cortando o capim lá onde está mais seco pra cá, porque assim o capim dura mais tempo. O homem falou que sim porém quando teve que dar comida pro bezerro, ficou com preguiça de ir lá tão longe, hesitou porque desobedecer nosso Padrinho era pecado feio, hesitou muito, afinal a preguiça venceu, cortou o capim mais novo perto e foi dar ele pro bezerro. Foi mas atarantado, com a consciência ardendo por causa do ato pecaminoso. Mas quando botou o capim na frente do bezerro, o zebuzinho abanou as orelhas caídas, dum lado pra outro, dizendo que não, aquilo era capim do pecado, não comia não. Ah! isso o homem caiu de joelhos, com grandes lamentos, juntou gente e o matuto se penitenciava berrado do ato feio. O sucedido se espalhou logo e toda a gente principiou comentando aquele bezerro extraordinário. Não durou mês e todos perceberam que o zebuzinho era um boi sagrado. Se formou um verdadeiro culto fetichista, o bezerro tinha honras de santo, um ídolo verdadeiro, adorado até muito longe de Juazeiro. Toda a gente queria possuir uma relíquia do boi, raspa da unha dele, coisas assim. O mijo dele, em vidros parcimoniosos, viajava aquele sertão largo, e curava feridas, curava doenças, fazia milagres sem carecer de nosso padim Pade Ciço. Mas o homem (saber o nome dele)<sup>42</sup> que nosso Padrinho faria deputado, contam as más línguas, que

40 Conservada a forma "oiro" (V. nota 38).

41 Traço vertical a lápis vermelho destacando o registro completo sobre o Convento de São Francisco.

42 Na margem superior, MA completa a informação a tinta preta: "Floro Bartolomeu". Amigo do padre Cícero, Floro Bartolomeu da Costa (Salvador, 1876 - Rio de Janeiro, 1926), médico e político, nome de projeção no Nordeste.



percebeu o perigo. O boi já tinha mais prestígio que nosso Padrinho. O fato é que chegou, fez um estardalhaço e mandou matar o boi. A carne dele inda foi picada em milhares de pedacinhos, que toda a gente quis guardar santificando o lar. Mas o caso é que o boi morreu. Pouco a pouco a lembrança dele foi se apagando nas memórias, o culto acabou.

---

11 [de dezembro]. Ascenso e eu vamos a Igaracu<sup>43</sup> de auto. Maravilha de passeio até 13 horas, convento de S. Francisco, matriz de S. Cosme e S. Damião, esta pouco interessante, aquele muitíssimo. Banho de rio. Passa-se num lugar chamado Paulista, onde fotei uma capelinha com porta de talha violenta. Toda a estrada bordada de casinhas, evoluídas dos mocambos, bem pintadas com florões no frontão, pintados com variedade popular deliciosa. Uma venda intitulada Casa dos Pobres. Passa um caminhão chamado "Deus me perdoe!". Bebi Monjopina, a melhor pinga do mundo, destilada em alambique de barro no engenho de Monjope, pura, macia, emoliente, extasiante, melhor que whisky com água de coco. Almoço Ascenso. Tarde M. Bandeira<sup>44</sup> me busca no hotel e me leva a Gilberto Freyre<sup>45</sup>, que nos oferece um passeio de lancha pelo Capibaribe, maravilhoso, com vista da cidade, depois dos arrabaldes, o da Madalena, com os velhos cais das vivendas das famílias ricas antigas, alguns deliciosos de monumentalidade simples, os coqueiros sempre espantados, que direi eu que cada vez que enxergo um coqueiro nordestino me espanto com a beleza dele? Passa um creio que forno de olaria tão perfeito nas proporções, tão exato no equilíbrio, que é um monumento nobre, sereno, alarmando duma grandeza que se poderá chamar de clássica a paisagem amável. Passa o arrabalde do Poço e a boca da noite se fecha apagando as sensações, escondendo-as. Voltamos numa conversa mais baixa, recontemplando, em azul-negro de desenho, a paisagem colorida de já-hoje. Ao pé do gasômetro visões incendiadas de fornos se banham no rio. Aliás por todo o passeio

43 O diário grafa "Iguarassu", forma e grafia antigas do topônimo.

44 Manuel Bandeira está em Recife, na qualidade de inspetor de concursos no ensino público (V. DIMAS, Antonio. Barco de proa dupla. *Revista da USP*, n° 54. São Paulo, junho/agosto 2002, p. 112-126).

45 Gilberto Freyre (Recife, 1900 - 1987). Sociólogo, antropólogo, historiador, ficcionista, pintor; autor do "Manifesto regionalista", lido por ele no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, na cidade de Recife, em fevereiro de 1926. Seu livro *Casa grande e senzala*, assim como *Sobrados e mocambos*, permanece na biblioteca de MA com anotações do leitor paulistano.

homens, moços banhando no rio. Fazem porque a gente carece mesmo de tomar banho diário, porém banho de rio dá sempre sensação de pagode e a vista toda do Capibaribe esteve duma alegria magnífica. De noite, Stella, Ascenso e eu vamos pra Olinda, casa de Alfredo de Medeiros<sup>46</sup>, escutar a preta Maria Joana, filha ainda de africanos legítimos, com seus trinta anos talvez, cantar esplendidamente emboladas, sambas, marchinhas de Carnaval, ritmo prodigioso, inconcebível, voz de metal, com cor de prata polida, nítida feito alfinete, formidável de encanto.

---

12 [de dezembro]. Depois de noite dormida bem, me arranjo agora pra me despedir Bandeira partindo no *Pedro I*. Almoço bom 7º andar do Hotel Central. Vento magnífico. Antes visita igreja Conceição dos Militares, excelente no luxo barroco excessivo. O teto em vez de caixotões era todo entalhado com florões, conchas e quadros no meio do excesso de barroquismo. Entalhe com anjos crianças tamanho natural, alguns até sustentando, em vez de colunas, o teto pra galeria superior, aliás próxima do teto. Pinturas como sempre boas.

Igreja do Carmo, magnífica. O entalhe colorido a óleo, cores quentes deliciosas, sobretudo o amarelo. Menos ouro bem realçado. A capela-mor é mesmo magistral. As pinturas como sempre ótimas. As imagens como sempre cá no Recife: comuns. Os pintores que andaram por aqui eram mesmo bons, se alguns deles eram brasileiros, não tem dúvida que demonstravam maior talento plástico que no resto do país.

Madre de Deus. Continuam as pinturas excelentes. Aqui, na capela-mor e dois painéis decorando as paredes do corpo da igreja, sobre os arcos das capelas laterais, são movimentados, no geral plásticos e de composição extraordinariamente excelente. Os painéis são o que esta igreja possui mesmo de notável. Salientam-se até mesmo dentro de Recife. Pelo menos foi a impressão que tive.

Me esqueci de falar que na Conceição dos Militares no teto sob o coro tem um painel interessantíssimo, comemorando a 1ª batalha de Guararapes<sup>47</sup>. É de muito valor e do fim do séc. XVIII. De certo será fácil saber o autor<sup>48</sup>. Era um primitivo ingênuo, duro,

46 Alfredo de Medeiros (Recife, 1892 – Rio de Janeiro, 1961). Compositor popular.

47 A primeira Batalha de Guararapes contra a invasão holandesa do Brasil, travada em abril de 1648, com a vitória dos portugueses e brasileiros, é seguida da batalha decisiva, em fevereiro do ano seguinte. Em 1879, o tema inspira a grande tela de Vítor Meireles, *Batalha dos Guararapes*.

48 O painel é obra de João de Deus Sepúlveda, pintor do século XVIII.



incipiente no espírito e na técnica – porém o painel se move, historiado com vivacidade, com espírito de invenção. É um painel notável mesmo e é inconcebível que não tenha já sido reproduzido<sup>49</sup>.

Ascenso Ferreira é de fato um indivíduo extraordinário. Não existe ligação nenhuma entre o espírito dele e o ser físico. Este é dum verdadeiro irracional, bruto, pesadão, sem absolutamente nenhum sequestro, tem sede bebe, tem fome come o que tem e quanto tem até não poder mais. Passa um indivíduo vendendo jornais, Ascenso compra, passa os olhos sem ler, compra por comprar, está empanzinado e bebe dois copos de água de coco gelada e bebe um café em cima. No meio da comida, boca suja, fala: – Porque *Macunaíma* não pode ser compreendido no sul... E continua comendo. Ninguém não falara em *Macunaíma* nem ele falará mais. O espírito, isolado do corpo, não consegue raciocínio quase nenhum. Vive de decretos e iluminações. Detesta escrever prosa e jamais será prosador. Um ser extraordinário, escarra onde está por cima do ombro, se suja todo. Suja os outros, não senta sem se deitar, encosta em tudo, até na gente, vê uma mulata fica louco, bonita, feia, todas são bonitas pra ele. Afirma:

- Nesta casa morou Maurício de Nassau<sup>50</sup>.
- Morou mesmo, Ascenso? (Em Igaracu).
- Morou sim.

Passa um habitante. Ascenso pergunta:

- Foi ali que morou Maurício de Nassau?

É assim. Nenhum controle. Fatiga. Mas é um bom admirável. É vaidoso como o quê. Não tem o mínimo orgulho e por isso nenhuma organização. De noite passeio Boa Vista, Gouveia etc.

---

**13 [de dezembro].** Pro indivíduo que faz uma bobagem se diz:

- E ele é do mato!...

Porém se corre o risco dele responder:

- Não sou do mato, sou da praça; manda tua irmã, pra tirar raça.

49 Nota MA: traço vertical a lápis vermelho destacando o trecho referente à análise da arquitetura e das pinturas das igrejas Conceição dos Militares, do Carmo e Madre de Deus.

50 Maurício de Nassau: Johan Maurits van Nassau-Siegen (Dillenburg, 1604 – Cleves, 1679), cognominado "o Brasileiro", governador da parcela do Nordeste brasileiro conquistada pela Companhia das Índias Ocidentais. Cultor das artes e das ciências, modernizou a cidade de Recife.

---

13 – Partida pela Great Western – Dormida em Guarabira.

---

14 [de dezembro]. Great Western<sup>51</sup> até Natal onde me esperavam Cascudinho, Antônio Bento, o oficial de gabinete do presidente e Cristóvam Dantas<sup>52</sup>, secretário-geral do Estado. Tarde em casa do Cascudinho onde me hospedo. À noitinha me visita o presidente, dr. Juvenal Lamartine<sup>53</sup>. À noite me visita o dr. Aduino Câmara, chefe de polícia.

---

15 [de dezembro]. Passeio de manhã, auto, proporcionado chefe de polícia. Visita ao Aero clube de Natal, Areia Preta, e pontos diversos. Às 13 visita ao dr. Lamartine, presidente do estado, visita a Cristóvam Dantas no órgão oficial *A República*. À noite Mário Melo<sup>54</sup>, secretário perpétuo do Instituto Arqueológico Pernambucano, que me fornece vários documentos musicais populares. Passadista mas camaradão. Aparece Nunes Pereira<sup>55</sup>, completamente bêbedo que meio estraga a noite.

---

16 [de dezembro]. Almoço com feijoada, Aduino, Cristóvam, A. Bento, casa Cascudinho. Formidável. Derreados até a noite. Janta com A. Bento no Hotel Internacional e cinema com ele e Cristóvam.

51 Great Western of Brazil Railway Company Limited: empresa ferroviária inglesa que, mediante concessão, em 1873, construiu, explorou e expandiu esse tipo de transporte no Nordeste do Brasil, de 1881 a 1950; foi sucedida pela Rede Ferroviária do Nordeste, depois Rede Ferroviária Federal S. A. (RFFSA).

52 Cristóvam Dantas (Natal, 1900 - 1964). Sobrinho de Juvenal Lamartine de Faria; trabalha no gabinete do presidente do estado e nos jornais *A República* e *Diário de Natal*.

53 Juvenal Lamartine de Faria (Serra Negra, 1874 - Natal, 1956), presidente do estado, destituído pela Revolução de 1930. O cargo corresponde, neste momento, a governador do estado.

54 Mário Melo (Recife, 1884 - 1959). Historiador e jornalista.

55 Manoel Nunes Pereira (São Luís, 1892 - Rio de Janeiro, 1985). Antropólogo e ictiólogo, pesquisador de mitos indígenas.



---

17 [de dezembro]. Não saio de casa. Colho melodias. Me visita o Nunes Pereira, desta vez sem bebedeira. Escrevo crônicas<sup>56</sup>.

---

18 [de dezembro]. Desafio entre a Cavilosa e Jérôme.

Ela: A onça ronca na serra  
O lajero embaixo treme  
Se tu cuidas que eu sou home  
Tás enganado, sou feme.

Ele: A onça ronca na serra  
O lajero treme embaixo,  
Se tu pensas que eu sou feme,  
Tás enganado, sou macho.

Ela: Eu me chamo Cavilosa  
Corto mais do que navaia,  
Tenho uma saia de chita  
E um paletó de cambraia,  
Se acaso levanto a perna,  
O cabra adiante desmaia.

Ele: Cavilosa, tu não sabe  
É preciso que eu te diga?  
Se tu levantas a perna  
A saia também arriba,  
Mulher que encrenca comigo  
Depressa cresce a barriga.

<sup>56</sup> MA escreve as crônicas que formam a série "O Turista Aprendiz", remetendo-as, pelo Correio, ao *Diário Nacional*, em São Paulo.

Ela: Peguei-me com Jerôme véio  
No pátio da Conceição  
Dei-lhe baque, dei-lhe estouro<sup>57</sup>  
Que abriu terra e tremeu chão.

---

18 [de dezembro]. Escrevi crônicas. Saí durante o dia, jantei com A. Bento e às 19 com este, Cascudo e Adamastor<sup>58</sup> fomos no Areal, bairro de embarcações, operários etc., construído sobre uma duna, assistir a um ensaio de Chegança<sup>59</sup>. Numa saleta alumada com querosene, dançaram e cantaram duas horas e meia. Estupendo. Dia aproveitadíssimo com isso.

---

57 Nota MA: "Estouro é queda. Lajero = lajedo".

58 Adamastor faz parte do grupo dos intelectuais de Natal; é filho de José Mariano Pinto (1874 - 1938), gerente do jornal *A República*. Seu irmão José Pinto vive em Recife, onde se encontra com MA.

59 Chegança: dança da tradição ibérica cujo canto e cuja coreografia dramatizam as navegações portuguesas e a luta entre cristãos e mouros. Em *Danças dramáticas do Brasil*, MA analisa e divulga os documentos por ele captados em sua segunda viagem de Turista Aprendiz (V. *Danças dramáticas do Brasil*. Ed. preparada por Oneyda Alvarenga, v.1, p. 83-343. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959, 3 v.). Ao voltar do Nordeste, em 1929, o pesquisador deseja dedicar-se ao estudo aprofundado de todas as manifestações da cultura popular por ele recolhidas, apresentando letras e pautas musicais. Obra alentada, mas não concluída, recebe o título *Na pancada do ganzá*, reverenciando o instrumento com que Chico Antônio, cantor reputado genial por MA, se acompanhava. Oneyda Alvarenga, musicóloga discípula de MA, publica parcelas da obra planejada: *Música de feitiçaria no Brasil* (São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963), *Danças dramáticas do Brasil, Os cocos*, assim como *Melodias do boi e outras peças* (São Paulo/ Brasília: Livraria Duas Cidades/ Instituto Nacional do Livro e Fundação Nacional Pró-Memória, 1984). MA estuda detidamente a chegança no v. 1 das *Danças dramáticas do Brasil* e apresenta suas fontes no *Dicionário musical brasileiro* (Ed. coordenada por Oneyda Alvarenga e Flávia Toni. Belo Horizonte/ Brasília/ São Paulo: Itatiaia/ Ministério da Cultura/ IEB-USP/ Edusp, 1989, p. 131).



19 [de dezembro]. Quadras de coco<sup>60</sup>:

A barra de Cunhaté  
É estreita e corre bem;  
No meio tem um remanso  
Onde se banha meu bem.

Eu vi teu rasto na areia,  
Me baixei, cobri com o lenço,  
Eu ouvi a tua voz,  
Fiquei nos ares suspenso.

---

19 – Vida sem sair. Tomei temas de Cabocolinhos<sup>61</sup>.

---

20 [de dezembro]. Dia tomando temas de Chegança.

---

21 [de dezembro]. Dia tomando temas de Catimbó<sup>62</sup>.

---

Boi: "Boi solto, lambe-se todo".

"Boi fora de seu terreiro até as vacas lhe dão", prolóquios nordestinos me dados por Cascudinho.

---

60 Coco: forma musical dançada e cantada no Nordeste brasileiro, MA estuda as suas modalidades em *Os cocos* (Ed. cit.) e no *Dicionário musical brasileiro* (Ed. cit., p. 146-148).

61 Cabocolinhos: bailado de temática indígena, abordado por MA nas *Danças dramáticas do Brasil*, v. 2 (Ed. cit., p. 185-204).

62 Catimbó: culto ligado a práticas de feitiçaria (V. neste diário o registro de 28 de dezembro e as crônicas de 22, 26 e 28 de dezembro, na parte "O Turista Aprendiz", na presente edição).

22 –

Me deitei à meia-noite  
Só às uma adormeci  
Acordei era duas hora  
Que mais não pude drumi  
Minina que entra au meu sono  
Num tem que se arrendê  
Guardo ela nos meu carinho  
Cum o a casa guarda o dono  
Como a luz o anoitecê.

---

22 – De manhã os catimbozeiros me dando cantigas – Passeinhos pela cidade. De noite ensaio do Boi Calemba no bairro do Alecrim, lua, vento e areão, um Mateus<sup>63</sup> estupendo. Viola e rebecca.

---

23 [de dezembro].

– Quantas cordas tem sua viola?  
– Tem doze, isto é, devia!... Ando apertado e a minha só tem oito.

---

23 – Domingo. Antônio Bento no hotel doente e aporrinhado. Janto com ele depois de assistirmos passagem da procissão de N. S. dos Navegantes pelo Potengi. Noite vamos no Cine Teatro Carlos Gomes ver D. Fairbanks no *Pirata negro*<sup>64</sup>.

---

24 [de dezembro]. Escrevo cartas etc. Vejo ensaio de Pastoril<sup>65</sup>. De noite, quermesse

63 O vaqueiro Mateus, personagem do bumba meu boi.

64 Douglas Fairbanks (Denver, 1883 – Sta. Mônica, 1939), ator do cinema norte-americano; em *O pirata negro* (*The Black Pirate*), de 1926.

65 Pastoril: dança dramática de origem europeia de larga difusão no Nordeste brasileiro, estudada por MA nas *Danças dramáticas do Brasil*, v. 1 (Ed. cit., p. 339-383), e no *Dicionário musical brasileiro* (Ed. cit., p. 389).



no sítio de Cascudinho e arredores. Passeio com Cristóvam Dantas. Ant. Bento de cama. As duas pequenas da Solidão.

---

25 [de dezembro]. Manhã consagrada até 12 e 30 a banho de mar em Areia Preta com Cristóvam Dantas e várias senhoras e homens da alta sociedade natalense. Plena vida americana<sup>66</sup>, maiôs ao ar livre. Groggs em casa de Omar O'Grady<sup>67</sup> e casa dum Gordon<sup>68</sup>. Dia dormindo. Noite visitando Antônio Bento.

---

26 [de dezembro]. Dia besta que passo meio irritado por não trabalhar nem passear. Pobre do Ant. Bento é que se mexe e de noite principio colhendo o Congo<sup>69</sup>.

---

27 [de dezembro]. Jovino me canta o Congo e eu o escrevo, dia inteiro. De noite não posso nem conversar de tão derreado.

---

28 [de dezembro]. Amanheci bem-disposto. Fui fazer coisas na cidade. De noite afinal fui fechar o corpo no catimbó de dona Plastina, no Alecrim<sup>70</sup>. Os mestres da cerimônia foram os feiticeiros Manuel dos Santos e João Germano. Noite inesquecível.

66 A expressão "vida americana" significa vida moderna, no contexto da época.

67 Omar O'Grady (Natal, 1894 - Rio de Janeiro, 1985), prefeito de Natal; empenhado em modernizar a cidade.

68 Eric Gordon, vinculado ao aeroclube do Rio Grande do Norte,

69 Congo, denominação geralmente no plural; dança dramática, originada no costume africano de entronização do novo rei; compõe-se do cortejo que desfila ao som de cantos e da embaixada, com entrecho representado; estudada por MA em *Danças dramáticas do Brasil* (Ed. cit., v.2) e no *Dicionário musical brasileiro* (Ed. cit., p. 151-152).

70 A crônica "Natal, 28 de dezembro, 24 horas", na série "O Turista Aprendiz", focaliza a cerimônia do fechamento do corpo de MA, no catimbó de dona Plastina, na capital do Rio Grande do Norte (V. "O Turista Aprendiz: viagem etnográfica", na presente edição). O catimbó será analisado por MA em "Música de feitiçaria no Brasil", conferência na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro, em 3 de outubro de 1933; em *Música de feitiçaria no Brasil* (Ed. cit.).

29 [de dezembro]. Fui à inauguração do Aeroclube do R. G. do Norte. Instalações simples e regulares. Festa cordial. 2 aviões piruetando no ar. Moças bonitas.

---

30 [de dezembro]. Madrugada pra partimos pra Redinha passar dia com Barôncio Guerra<sup>71</sup>, Cascudinho e eu. Dia ótimo. Banho de mar. Almoço formidável, sopa rósea, vatapá, peixe de coco. Chegou Jorge Fernandes. Noite coqueiros vieram cantar e dançar. Depois veio o "oi" de S. Gonçalo. Dormimos na Redinha.

---

31 [de dezembro]. Dia bestinho. Não fiz nada.

---

1º de janeiro de 1929. O dia mais besta da viagem. Não saí de casa. Antônio Bento foi ontem pra fazenda dele. Escrevi e não saí de casa. Nostalgia.

---

Mandar L. Cascudo *Tupi na geografia nacional*<sup>72</sup> e bibliografia sobre língua tupi.

---

A mulé de Lampião  
Quaji que morre de dô  
Pra num fazê um vestido  
Da fumaça do vapô.

---

71 Barôncio Guerra, amigo de Cascudo. Hospeda MA em sua casa, na praia de Redinha. Citado no poema de Djalma Maranhão, "Evocação de Natal": "Não te esquecerei, Natal! O teu Carnaval, festa do povo./ A 'Divisão Branca' de Barôncio Guerra,/ Esnobando na sociedade/ e o 'Pinto Pelado' esbaldando-se nas ruas." (V. *Cartas de um exilado*. Natal: Clima, 1984). Barôncio carnavalesco é referido por MA em "Redinha, 30 de dezembro", na parte "O Turista Aprendiz", na presente edição.

72 Referência ao livro do linguista Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional* (São Paulo: Casa Eclectica, 1901); não consta da biblioteca de MA.



2 [de janeiro]. Também que nem ontem e anteontem dia completamente besta. Todos os homens combinados de vir aqui em casa cantar, falharam estes três dias. Estou irritado, obrigado a ficar em casa na esperança deles virem e os safados me falham. De tarde me vesti, fui na cidade e estive na terrasse da Rotisserie com Aauto, Barôncio e Nunes Pereira cavaqueando.

---

3 [de janeiro]. Continua bestice. Afinal Ant. Bento me telefona, chegado de novo a Natal. Me encontro com ele e Cristóvam Dantas às 14 e 30 em palácio e passeamos, conversamos, combinamos cantadores pra amanhã. De noite os três vamos no Alecrim assistir ensaio geral do Boi. Noite mais divertida. A cidade hoje esteve apreensiva porque um filho do presidente do estado, Juvenal Lamartine, brincando (doze anos), deu um tiro no filho do capitão de polícia. Atravessou três partes o intestino. Espera-se a morte desse menino.

---

4 [de janeiro]. De manhã trabalhei um bocado com um velho pernóstico que sabe o Fandango<sup>73</sup>. Durante o dia Montano veio me dar os cantos de Congo que sabia. De noite Arari trouxe um rapaz de cocos, tomei alguns.

---

5 [de janeiro]. Dia besta. Banzando inutilmente com Antônio Bento.

---

6 [de janeiro]. De manhã o velhote do Fandango, tão pernóstico, tão trêmulo e falso na entoação que acabei desistindo. Pelas 16 horas, Edgar, irmão do Cristóvam Dantas me dá toadas do Fabião e uns três cocos, excelente. Escrevo "Turista"<sup>74</sup> e carta pra pôr tudo em dia.

---

73 No *Ensaio sobre a música brasileira*, publicado em 1928, MA focaliza a música do bailado fandango, no qual os dançarinos não cantam, por ele recolhido em Cananeia; continua sua pesquisa no Nordeste.

74 Referência à crônica "Natal, 6 de janeiro, 22 horas", publicada em 5 de fevereiro na série "O Turista Aprendiz" que MA assina no *Diário Nacional*, em São Paulo.

7 [de janeiro]. Viagem de Natal a Bom Jardim, auto, com Antônio Bento e mano. Deliciosa. Descrevi em "Turista Aprendiz". Chegada à noitinha no engenho. Recepção cordial. Ar paulista, pouco falador, simpaticíssimo.

---

8 [de janeiro]. Passeios pelo engenho. Várias visitas à casa de caldeira etc. Durante o dia principiei pegando melodias de Boi e cocos com gente chamada pelo Antônio Bento. De noite as moças e nós dançamos coco.

---

9 [de janeiro]. Trabalho quase dia todo. De noite o "Boi" de Fontes veio dançar no engenho. A mais perfeita dança dramática que já vi na viagem. Artistas (?) deliciosos de espontaneidade e espírito.

---

10 [de janeiro]. Trabalho dia inteirinho com artistas desse "Boi" e com o rabequista Vilemão, mulato escuro que me dá desafios estupendos. De noite aparece Chico Antônio, o coqueiro<sup>75</sup>. Simpático e formidável. Noite inesquecível.

---

11 [de janeiro]. Amanheço meio indisposto do estômago. Tenho feito misturadas formidáveis. Só cajus trinta, quarenta por dia. Trabalho com Chico Antônio dia todo. De noite ainda ouvi-lo. Janto na outra casa do engenho.

75 Chico Antônio (Pedro Velho, 1904? - Cangaretama, 1993), cantador e compositor de cocos, cujo talento muito impressiona MA, que faz dele o protagonista do seu romance inédito *Café*. Em 1943, reunindo parcela desse romance e elementos de crônicas d'*O Turista Aprendiz*, publicadas em 1929 no *Diário Nacional*, MA constrói a série "Vida do Cantador", que sai, com periodicidade semanal, entre 19 de agosto e 23 de setembro de 1943, em seis partes denominadas "lições", na sua coluna Mundo Musical, na *Folha da Manhã*, em São Paulo. Publicada a última "lição", o tema continua na coluna em 1944, nos artigos de cunho etnográfico "O cantador", "Notas sobre o cantador nordestino", "Bazófia e humildade", "Notas ao cantador", "O canto do cantador", "Cantador cachaceiro" I e II, respectivamente em 6, 13, 27 de janeiro; 3, 17 de fevereiro; 30 de março e 13 de abril. Complementa-se com a crônica "Chico Antônio", assinada por MA no jornal carioca *Correio da Manhã*, em 5 de março do mesmo ano (V. ANDRADE, Mário de. *Vida do cantador*. Edição crítica de Raimunda de Brito Batista. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Vila Rica, 1993 e FIGUEIREDO, Tatiana Longo. *Café: o trajeto da criação de um romance inacabado de Mário de Andrade*. Tese de doutoramento em Literatura Brasileira; FFLCH-USP, 2009).



---

**12 [de janeiro].** Inda trabalho com Chico Antônio o dia até 17 horas. Na partida ele com o *Boi Tungão* se despede de mim e do nosso trabalho de maneira tão comovente que senti a chegada da lágrima. "Adeus sala, adeus piano, Adeus, tinta di screvê! Adeus, papé di assentá!" (assentar as músicas que ele cantava). De mim ele disse que quando eu chegasse na minha terra havia de não me esquecer nunca mais dele. E se por acaso eu voltasse por aqui, mandasse chamá-lo que ele vinha... E de fato nunca mais me esquecerei desse cantador sublime. Bom homem, simples, simpático e a voz maravilhosa, envolvendo a gente como nenhuma outra não. Caiu uma tarde tristonha cheia da lembrança de Chico Antônio. De noite um zambê<sup>76</sup> gorado.

---

**13 [de janeiro].** Passeio a cavalo pela manhã sem sol. Chupar cajus no mocambo, lugar aprazível da propriedade... Durante o dia trabalho um bocado ainda com o rabequista Vilemão. De noite escuto dois cantadores pernambucanos numa casa de adobe, gente circuncisfláutica<sup>77</sup>, sem gosto de terra, falando bem, bestas. De longe se escuta um zambê noutra casa de empregados. O som do bumbo "zambê" se escuta de longe. Vamos lá. O pessoal dança passos difícilimos. O tambor bate soturno em ritmo estupendo. Estou no meu quarto e inda o zambê rufa no longe. Adormecerei e ele ficará rufando. Pleno século XIX. Plena escravidão. O senhor de engenho. Gente humilhada na pobreza servil. E o samba. Minha comoção é dramática e forte.

---

**14 [de janeiro].** Automóvel. Vamos à Penha, onde mora um mano de Antônio Bento. Visito o engenho Cunhaú assombrado pelas memórias do passado, índios Janduí, holandeses, André de Albuquerque, e o famanado Arcoverde<sup>78</sup>, séc. XIX, assassino suntuoso. Almoço no Bom Passar e aí tomo alguns temas do Fandango com três homens de Penha. De noite bailarico no Bom Jardim<sup>79</sup>, despedida das Cavalcantis que partem pra Paraíba.

76 Zambê: dança popular de roda, acompanhada de canto e percussão; coco.

77 Circuncisfláutica: pretensiosa.

78 André de Albuquerque Maranhão, senhor do engenho Cunhaú, figura chave no levante de 1817 contra a coroa portuguesa; e o sobrinho dele, André de Albuquerque Maranhão Arcoverde.

79 Engenho da família de Cícero Dias, em Pernambuco. Na desregionalização do espaço, em

---

**15 [de janeiro].** Visito engenho de besta almanjarra, forma primitiva de engenho, moagem feita por cavalos que fazem rodar a engrenagem. À noite inda escuto um bocado Chico Antônio que vem morar no Bom Jardim. Durante o dia inda colhi uns cocos sabidos pelas meninas e empregadas da casa.

---

**16 [de janeiro].** Trabalho um bocadinho alguns cocos novos com Chico Antônio e ele parte de novo. Dia monotonizado pelos preparos de partida pra Natal. Gostei imensamente da gente do Antônio Bento. Cordiais, calados, nada da brilhação fuquefuque do nordestino. Bem paulistas até no sentido elogioso da palavra. Pela noite chego a Natal onde Cascudinho me recebe com a notícia de que o Governo me vai dar um terreno na praia<sup>80</sup>.

---

**17 [de janeiro].** Missa pela morte da mãe de dona Ana Cascudo. Visita a palácio e combinação viagem ao sertão.

---

**18 a 22 [de janeiro].** Viagem de auto ao redor do R. G. do Norte - Descrita no "Turista Aprendiz"<sup>81</sup>. Diário no outro livrinho de notas<sup>82</sup>.

---

**23 [de janeiro].** Visita ao presidente e mais coisinhas natalenses.

*Macunaíma*, Bom Jardim figura no capítulo 16, "Uraricoera": a sombra leprosa canta: "O meu boi morreu,/ Que será de mim?/ Manda buscar outro,/ – Maninha,/ Lá no Bom Jardim...", seguida da "explicação": "Bom Jardim era uma estância do Rio Grande do Sul" (V. ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Ed. cit., p. 196).

80 O terreno doado localizava-se em Areia Preta; MA nunca tomou posse.

81 Referência às crônicas "Macau, 18 de janeiro, 16 horas"; "Automóvel, 19 de janeiro"; "Automóvel, 20 de janeiro"; "Caicó, 21 de janeiro, 20 horas", "Automóvel, 22 de janeiro", publicadas em 26-28 de fevereiro, 1 e 2 de março, 1929, na série "O Turista Aprendiz" que MA assina no *Diário Nacional*, em São Paulo.

82 O diário no "livrinho de notas" não integra o dossiê dos manuscritos de *O Turista Aprendiz*.



---

24 [de janeiro]. Apenas cozinhas natalenses. Boas conversas, boas comidas, palácio, tomar água de coco na Rôtisserie.

---

25 [de janeiro]. Almoço me oferecido por Cristóvam Dantas na casa dele. Panelada de carneiro estupenda. Recepção cordialíssima. Esteve o presidente Juvenal Lamartine, Antônio Bento, Cascudinho e o pai<sup>83</sup> e a família Dantas. Fiquei derreado com a panelada e meio amolado com o terçol iniciado. À noite com Cascudinho e Antônio Bento passeio auto por Areia Preta ao luar e visita ao presidente veraneando aí.

---

26 [de janeiro]. Último dia de Natal. Terçol na mesma. Arranjo malas pela manhã. Despedidas a chefe de polícia, prefeito, presidente, Cristóvam Dantas, jornal *A República*, Adamastor Pinto, Damasceno Bezerra<sup>84</sup>, Jorge Fernandes. Jantar me oferecido no Hotel Internacional por um grupo. Presidente faz-se representar. Depois casa do prefeito continua a farrinha.

---

27 [de janeiro]. Vinda automóvel de Natal pra Paraíba atravessando Mamanguape em ruínas. Descrito no "Turista Aprendiz"<sup>85</sup>. Me esperavam no caminho José Américo de

83 Francisco Justino de Oliveira Cascudo (1863 - 1935), pai de Luís da Câmara Cascudo.

84 Antônio Damasceno Bezerra (Natal, 1902 - ?, 1947). Poeta e jornalista; trabalha em *A República*.

85 Referência à crônica "Automóvel, 27 de janeiro", publicada em 13 de março, 1929, na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*, São Paulo.

Almeida<sup>86</sup>, Ademar Vidal<sup>87</sup> e Silvino Olavo<sup>88</sup>. Banho no Hotel e janta. Passeio, lua cheia, a praia de Tambaú maravilhosa, onde surpreendo crianças bailando coco. Estupendo.

---

**28 [de janeiro].** Mamanguape tem três horas diferentes. A oficial, a solar e a de Rio Tinto. Esta é a cidade progressista, com a fábrica de fiação Comp. Rio Tinto dos Lundgren, espertalhões pra fazer trabalhar mais os operários. Os três amigos se esforçam pra que eu colha melodias. Estão gentilíssimos. Trabalho um bocado com um mano do Antenor Navarro<sup>89</sup> e com um recruta do exército. Faz um calor insuportável. De noite passeio com Ademar Vidal vendo as partes antigas da cidade: contém delícias. A igreja de S. Francisco é magnífica. Os fundos ainda coloniais da Prefeitura são um palácio florentino, equilíbrio maravilhoso. Passeio suado mas delicioso.

---

**29 [de janeiro].** Trabalhei e trabalhei nada mais. Dia inteiro casa Ademar Vidal, escrevendo, escrevendo cocos. De noite visitei jornal oficial *A União* que deu notícia gentil minha chegada<sup>90</sup>.

---

86 José Américo de Almeida (Areia, 1887 - João Pessoa, 1980). Advogado, político e escritor regionalista, autor de *A bagaceira*, obra publicada em 1928 que muda o rumo da temática, no romance brasileiro. Correspondente de MA entre 1928 e 1935.

87 Ademar Vidal (Paraíba, 1900 - Rio de Janeiro, 1986). Advogado, jornalista e escritor. Em 1928-1929, responde pela Secretaria de Justiça e Segurança, no Governo de João Pessoa, presidente do estado da Paraíba. Seu interesse pelo folclore aproximou-o de MA, com quem se corresponde de 1929 a 1945.

88 Silvino Olavo da Costa (Esperança, 1897 - Campina Grande, 1969). Poeta, político, jornalista e advogado. Iniciando a carreira jurídica no Rio de Janeiro e ligando-se ao simbolismo, ali publica, em 1924, *Cisnes* e, em 1925, *Sombras iluminadas*. Em 1928, integra o gabinete de João Pessoa, presidente do estado; vive na capital, então chamada Paraíba, também. Participará ativamente da Revolução de 1930.

89 Antenor Navarro (João Pessoa, 1898 - 1932). Político, será um dos líderes da Revolução de 1930 e o primeiro interventor na Paraíba.

90 Nesta data, o jornal paraibano *A União* dá notícia da presença do escritor paulista na capital.



30 [de janeiro]. Mais um dia inteiro de trabalho. De noite passeio de auto pela praia deliciosa de Tambaú com Antônio Bento, José Américo e Ademar Vidal. Depois fomos ver uma Lapinha pobre no bairro Róger, sem interesse.

---

31 [de janeiro]. Mais dia de trabalho. Só pela tarde, acabada de colher a Barca, passei vendo o parque e S. Francisco, essa maravilha. Como exterior é o que o Nordeste possui de melhor. E é o monumento mais gracioso do Brasil.

---

1º de fevereiro. Pouco trabalho hoje porque os combinados não apareceram. Almoço em Tambaú casa do José Américo, estupendíssimo: feijão de coco e gurijuba, peixe finíssimo. Jantei ainda lá.

---

2 [de fevereiro]. Trabalhos sempre. Durante o dia aparece o Avelino Cardoso, que vem do Recife sem o Ascenso, que não pudera vir, apesar de ter avisado. Antes assim porque estávamos de partida, José Américo, Ademar Vidal, Antônio Bento e eu pra fazenda de algodão do tenente Epaminondas de Aquino<sup>91</sup>, perto de Mulungu, perto de noventa quilômetros de automóvel da Paraíba. Lá chegamos às 21 e entramos a escutar um grupo de cantadores ("coqueiros" também aqui) profissionais, um terno, dirigido pelo Odilon<sup>92</sup>, grupo admiravelmente concertante, noite colosso. Escutamos também dois manos meninos, cantar o coco, caso de meninos-prodígio extraordinários. E a noite foi dormida entre besourinhos e um poder formidável de outros bichinhos.

---

3 [de fevereiro]. Acordamos nesta fazenda Cruzeiro perto de Mulungu e aqui inda escutamos os cantadores e depois de almoço partimos pra Areia, zona do brejo, em cima

91 José Epaminondas de Aquino Granja (Leopoldina, 1897 - Rio de Janeiro, 1975).

92 O manuscrito de MA *Psicologia dos cantadores*, segundo Oneyda Alvarenga, nas "Explicações" com que abre *Os cocos*, obra inacabada em edição sob sua responsabilidade, apresenta Odilon Luís de França, 24 anos, nascido em Jacaré, município de Guarabira, cantador de cocos conhecido como Adilon ou Adilão do Jacaré, residente na fazenda Cruzeiro, Paraíba (V. ANDRADE, Mário de. *Os cocos*. Ed. cit., p. 27, 33).

da serra de Borborema. Poucas povoações no caminho. Entre elas a povoação de Alagoinha onde passeando pela feira dominical, já se acabando, topei numa janela, dentro duma bacia com água, umas "laranjinhas" de entrudo carnavalesco. Eram dum verde azul e estavam pra vender. Eu, Ademar e o Bento nos encharcamos de água com 1% de 1% de perfume barato. Tostão cada uma. Depois vimos à esquerda a cidade de Lagoa Grande, ao pé da serra, linda, pitoresca. Grimpamos a serra entre vistas lindas, temperatura maravilhosa, chegamos a Areia, cidade morta, na tardinha. Jantamos casa mano José Américo, partimos pra Paraíba [nesta] noite. Chuva na serra, chofer péssimo. Chegamos às 22 com mais de trezentos quilômetros de estrada com catabil<sup>93</sup> desde ontem.

---

**4 [de fevereiro].** Trabalhei dia inteiro. Peguei toques dos Cabocolinhos e cocos do Odilon do Jacaré que trouxemos da fazenda do Aquino.

---

**5 [de fevereiro].** Dia inteiro de trabalho sempre. Assim mesmo almocei na casa do General Cavalcanti e jantei na praia de Tambaú com a gente do José Américo. Depois fomos no bairro Cruz de Alma, de operários, ver um ensaio de Cabocolinhos. Formidável coreografia bruta. Mistura de instintos primitivos estonteante, com a monotonia formidável de gaita, bombo e ganzá<sup>94</sup>. Coisas africanas, ameríndias, incaicas e russas. Na dança "do sapo" é fato que o passo russo tão conhecido de ficar de cócoras com uma das pernas estendida e pular, estendendo a outra e cruzando a primeira, estava executado. Saí besta da sala apertada do clube, um calorão pavoroso e o cheiro dos corpos suados que, na dança de despedida, dançando então todos admiravelmente, foram tomados dum frenesi dionisiaco espantoso. Saí besta, não tem dúvida.

---

**6 [de fevereiro].** Trabalhei um bocado pela manhã. Almocei casa Ademar Vidal onde trabalho sempre. Agora os cantadores estão falhando. São 15 e não veio mais nenhum. Estou só, espero e escrevo. Não veio ninguém, fui me despedir dos Cavalcantis.

---

93 Catabil, catabi ou costela-de-vaca: irregularidade no terreno dificultando o trânsito.

94 Ganzá: espécie de chocalho composto de um cilindro de metal cheio de sementes ou pedrinhas.



7 [de fevereiro]. Pensava trabalhar muito hoje porém não apareceu ninguém. Só o negro pernóstico Jimmy que me disse só cantar a *Madelon*<sup>95</sup>. Foi esse que andou pela Europa e foi vendido escravo pra um negociante de Bombaim. Demos o fora nele. Pelas 14 horas apareceu o gaiteiro dos Cabocolinhos, o Marim, pra me trazer as gaitas que eu encomendara e me deu mais uns temas de boi pernambucano e um coco interessantíssimo em hipolídio<sup>96</sup>. Pela tarde visitei por acaso o presidente do estado, dr. João Pessoa<sup>97</sup>, simpático, topetudo e falador. Depois pela última vez fui à praia de Tambaú me despedir mulher José Américo. Jantar casa A. Vidal. José Américo foi pra praia fatigado. Passamos pela casa do Antenor Navarro e por acaso ele estava chegando do Recife. Conversa e licor de maracujá<sup>98</sup>.

8 [de fevereiro]. Seis horas e me apronto pra partir pro Recife. No café Odilon do Jacaré se despede de mim com o *Boi Valeroso*, dizendo que me rogava a praga que eu havia de voltar e depois disse que eu devia me casar. Parto 8 menos 10. Antônio Bento, Ademar Vidal, Silvino Olavo, gal. Cavalcanti no bota-fora. Tabuleiro e estrada valsante de areão. Melhora pouco antes de chegar Pernambuco. 9 e 15 passamos pela "rua" que limita Pernambuco e Paraíba. Na Paraíba a povoação se chama Pedra de Fogo, em Pernambuco Itambé. Estrada agora boa e terra melhora bem nos serrotes. Engenhos, usinas, decauvilles<sup>99</sup>, gente. Pouco antes de 10 horas passamos Goiana onde fotografo duas igrejas velhas. Dois guardas-civis na cidadinha. Prefeitura emproada. Pouco depois cai uma chuva danada que só passa depois de atravessarmos sem ver, no auto fechado, Igaracu. Depois Olinda. Os bondes vêm com serpentinas me aplaudindo. Recife às 12 horas. Me hospedo no Glória Hotel e vou almoçar Ascenso e Stella. Começam me apertando pra fazer conferência na

95 *Madelon ou La Madelon*, canção popular da autoria do cantor Charles-Joseph Pasquier (Fontanil-Cornillon, 1882 - Nojent-Le-Rotrou, 1953), conhecido como Bach; transformada em canto militar na guerra de 1914.

96 Hipolídio: em música, o modo lídio iniciado em um intervalo de quarta abaixo.

97 João Pessoa (Umbuzeiro, 1878 - Recife, 1930), presidente do estado da Paraíba entre 1928-1930.

98 Os dias 6 e 7 de fevereiro seriam objeto de crônica para o *Diário Nacional*, não expedida pelo Correio; não publicada, portanto, no periódico paulistano (V. "O Turista Aprendiz", nesta edição).

99 *Decauville*: meio de transporte para carga, sobre trilhos.

Cultura Artística mas não farei. Janto com Ascenso e andei procurando um Maracatu que não achamos. Mas pelas vinte e duas horas, achado o Cícero Dias, caímos todos no frevo do Vassouras. Loucura e formidável porre de éter.

---

9 [de fevereiro]. Acordo bem disposto. Cícero passa pelo meu quarto às 9. Depois passa o José Pinto, irmão do Adamastor, de Natal. Preparativos pra noite que, sob o ponto de vista da "frevolência" recifense, gorou. Não saiu nenhum frevo na rua e bestamos idiotamente Ascenso, Cícero Dias, um amigo dele, José Pinto, um amigo dele pintor e eu. Pelas 22 Cícero, Ascenso, amigo do Cícero estão num porre formidável de éter. José Pinto e eu vamos no meu quarto de hotel tomar coca. Surge o pessoal todo que soube pelo merdinha do pintor, do caso da coca. Daí em diante o pessoal, principalmente Ascenso, se tornaram intoleráveis. Vamos à feira do Bacurau (um mercado) comer sarapatel. Não como, estava pau<sup>100</sup>, sem mulatas. Afinal pelas quase duas, José e eu conseguimos dar o fora no pessoal e vamos pro quarto dele tomar sedol. Não conseguimos porque na pensão rudimentar, cais da Aurora, 3º andar, o velhote porteiro desconfiou e ficou esperando que eu saísse. Me esqueci de falar que, pelas 20, Ascenso e eu fomos na sede da Nação do Leão Coroado, ver ensaio de maracatu. Não havia ensaio. Noite besta.

---

10 [de fevereiro]. Domingo de Carnaval<sup>101</sup>. Desde manhã pleno Carnaval. Loucura. De tarde com Ascenso, Avelino Cardoso fui assistir à saída do maracatu do Leão Coroado com nove bombos e uma porção de gonguês<sup>102</sup>. Depois foi a peregrinação através das ruas e dos frevos. Caí no frevo por demais. Acabei no Palace com amigos de improviso e o José Pinto, cocaína e éter.

100 Pau: gíria da época; aborrecido, chato.

101 O *Jornal do Comércio* de Recife, em 10 de fevereiro, 1929, publica a paródia "Mucunaíma", ilustrada por Nestor, em página dedicada ao Carnaval:

Eis aqui "Mucunaíma"/ que de São Paulo chegou/ e muito cedo arranhou/ uma cunhã mesmo em cima.// "Mucunaíma", eu me esbagaço,/ oia o jeitinho que eu faço!/ – Sai azá, deixa eu dançá,/ adispóis, si tás cum sede,/ pode sê, arma-se a rede/ e vamos, enfim, "brincá".// – Mas eu sou pernambucana!/ – Que besteira, sou polista!/ – Ora o café com a cana,/ disse o Ascenso, limpa a vista.// – "Mucunaíma", você é tão pacato.../ Ai que ele é do mato!

102 Gonguês: atabaques.



---

11 [de fevereiro]. Fatigadíssimo. Sou obrigado a me levantar porque o dr. Gouveia de Barros me oferece um almoço no Hotel Central. Ele, Avelino, Ascenso, eu e o alemão que é qualquer coisa também da Cultura Artística. Foi mais [ou] menos uma emboscada fina pra eu fazer conferência na Cultura Artística. Tornei a recusar. De noite só olhei a carnavalada. Assim mesmo pelas 24 caí na frevolência. Dormi cedo.

---

12 [de fevereiro]. Terça de Carnaval. Vou almoçar casa Ascenso. Monótono. Volto dormir. No almoço nos surpreenderam Cícero Dias, Pedro Filho mano dele, um primo e o Tonico Castro Rebelo, ainda sem dormir e bêbedos desde a noite antecedente. Engraçados e paus. De noite, depois de livre do Ascenso, pude com mano do Adamastor e outros tomar o pó e éter loucamente. Passei o resto da noite, por me sentir ainda com o resfriado do dia antecedente, passei a noite sob efeitos, reprovocados de coca e éter, uma luxúria até 6 da manhã.

---

13 [de fevereiro]. Por isso a monotonia formidável de malestar do dia de hoje. Dia que não existiu pra mim. Em todo caso consegui almoço delicioso de lagosta no Leite. Durmo cedo.

---

14 [de fevereiro]. Amanheço bom. Vou com José buscar o estivador Hortêncio e trabalho com ele as melodias de carregar piano. Almoço colosso de feijão de coco e peixe casa Ascenso. Passeio durante o resto do dia. Revejo a sublime S. Francisco. Discuto urbanismo com o atrasado frei Theves que Cícero Dias me apresentou. Janto casa Ascenso depois passeio de auto, buscando quem cante o Boi. Descobrimos a mulata que virá amanhã. Cícero janta conosco. Aparece o rapazinho Levi. Passeio Boa Viagem de noite com Gouveia de Barros.

---

15 [de fevereiro]. Trabalho com a mulata todo o Boi dela e mais algumas linhas de Catimbó. Vou jantar com Ernani Braga na pensão Landi. Tanta cordialidade!...

---

**16 [de fevereiro].** Manhã inutilizada pela falta de cantadores. Pelas 16 parto pra engenho pai do Cícero Dias, sr. Pedro Dias, com o José Dias mano do Cícero. Ascenso e Stella não podem última hora ir por causa vó de Stella estar à morte. Estrada péssima passando por Jaboatão. Já noite encontro duas usinas iluminadas de efeito lindo. O engenho Batateira está festivo. Rapaziada modernista lá, o Willy Lewin<sup>103</sup>, o Euriquinho, outros. Pedro Filho, mano do Cícero, tem um Boi pra eu assistir. Depois janta ótima com empadão de pitu, o tal. Boi principia às 22 e 30 pra acabar depois de 4 na madrugada. Porre colossal do Cícero, do Antônio Castro Rebelo, do Pedro Filho<sup>104</sup> e dum alamão<sup>105</sup>. Noite pândega, Boi, salvo as danças, péssimo.

---

**17 [de fevereiro].** Me acordo às 9 meio resfriado outra feita. Cafiaspirina, whisky e café quente. Algumas fotos, ver cais, caçoadas conversas, almoço regular. Parto sempre de auto, com José Dias, Castro Rebelo e o alamão. Outra estrada. Passamos pelas cidades de Escada e do Cabo, sem nenhum interesse excepcional. Entre as duas, errada enorme de caminho. Paisagens, que nem as de ontem, lindas e... "risonhas" mesmo. Mais usina à vista e fábrica de estopa. Plena região do açúcar, "zona da mata", semelhante à "zona do brejo" da Paraíba. Janto um bife com Castro Rebelo e cama, fatigadíssimo neste meu Glória Hotel, de Recife.

---

**18 [de fevereiro].** Dia de Recife. José Pinto me aparece pela manhã e andamos campeando joias antigas. Depois vou almoçar casa Ascenso com Ernani Braga que me mostra os erros de revisão do *Ensaio sobre a música brasileira*<sup>106</sup>. Almoço mão-de-vaca pesado e ótimo. Dia passeio bonde a Boa Viagem. Janta casa Ascenso e depois visita casa dr. Gouveia de Barros.

---

103 Willy Lewin (Recife, 1908 – Rio de Janeiro, 1971). Poeta e crítico literário, dono de grande e atualizada biblioteca.

104 Pedro dos Santos Dias é o pai de Cícero Dias e Pedro Filho.

105 Alamão: forma do português oral que MA emprega em tom jocoso.

106 *Ensaio sobre a música brasileira*: livro da autoria de Mário de Andrade, publicado em 1928 por Irmãos Chiarato e Cia.



**19 [de fevereiro].** Manhã no campo de Imbura (Latecoêre)<sup>107</sup> passeio de avião biplano sobre Recife com filho Francisco do Ernani Braga. Maravilha de sensações novas. Almoço no Leite com José Pinto e vou a Olinda passear. Olinda cheia de caráter, uma gostosura. Vou até o farol de bonde, depois subo e desço ladeiras, vendo becos, ruas, igrejas. A Sé: ùa merda exterior. Convento de S. Francisco, maravilha de azulejos e pinturas. Quadros admiráveis de composição. Alguns mesmo como valor plástico nas figuras. Outros até como expressão psicológica de rostos. Num corredor descubro azulejos num azul forte ainda conservado o segredo na cerâmica de Delfo<sup>108</sup>, e que é absolutamente diferente dos azulejos do Brasil, como desenho e como cor, maravilhosos. A sacristia em tudo magnífica. Entre os quadros dos caixotões do teto, umas naturezas-mortas curiosas, bastante retocadas às vezes possivelmente com elementos ajuntados posteriormente nos quadros (alguns), tudo lembrando pelo desenho, por certos processos de pintura (e menos pela composição) certas naturezas-mortas flamengas. Interessantíssimo. Também os entalhes da sacristia são muito bons. É mesmo talvez a sacristia mais completa, mais total como interesse, acabamento e composição que existe no Brasil, um monumento enfim. S. Bento é bem inferior. Imagens novas (aliás as velhas de S. Francisco pouco valiam também como valor plástico), o altar dum barroco frio, inteirinho doirado<sup>109</sup>. No bar da praia, olhando pro mar, ao vento, José Pinto e eu tomamos gelados descansando. Volto pra Recife pras 18 horas partir com Ascenso e Alfredo Medeiros pro engenho Martinica de Renato Carneiro da Cunha, ouvir a Maria Joana que está lá com os patrões. Viagem deliciosa ida e volta, a lua clara quase cheia. Estrada no geral ruim. Engenho magnífico como sede, confortável sem propriamente luxo, nem pretensão. Gelo no jantar, infelizmente de pouco caráter. Depois Maria Joana canta um bocado envergonhada na frente dos patrões. Canta quase mal. Foi pena.

---

**20 [de fevereiro].** Parto hoje pelo Aratimbó. De manhã cedo casa Ascenso onde tomo melodias do maracatu do Sol Nascente. Almoço em que aparecem Jaime Gris, Murilo La

107 Campo de aviação, assim batizado em homenagem a Pierre-Georges Latécoère (Bagnères-de-Bigorre, 1883 - Paris, 1943), pioneiro da indústria aeronáutica.

108 Cerâmica de Delfo: MA liga o tom escuro do azul dos azulejos que descobre à faiança azul que celebrou a cidade holandesa de Delft desde o século XVII.

109 Traço vertical a lápis vermelho destacando o trecho referente ao Convento de São Francisco e ao Mosteiro e Igreja de São Bento.

Greca<sup>110</sup> e Cícero Dias. Feijão de coco, peixe de coco, tudo sublime. Depois ateliê Murilo ver bobagens dele. Depois hotel onde arrumo as malas, pago etc. Às 16 levo malária e embrulhos pra bordo, a chuvinha caindo, com José Dias. Depois refrescos baixo do hotel com Ascenso triste porque a promoção dele no Tesouro decerto escapa e José Dias. Só com este jantar no frege<sup>111</sup> dele e fazemos um último passeio sentimental, a pé, pelas pontes e cais do Recife. Uma delícia na noite semichuvosa. 20 horas a bordo. Aparecem dr. Gouveia de Barros, Avelino Cardoso, Ascenso, Stella, Jaime Gris, Cícero Dias, Willy Lewin, Rebelinho, José Pinto, Ernani Braga, Murilo La Greca. Fitipaldi também me abraça. Às 21 parto. O navio trepida tanto que quase impede escrever, como se vê por estas notas tomadas às 21 depois partida Maceió.

---

21 [de fevereiro]. Amanheço em Maceió. Pelas 8 horas me aparecem a bordo Jorge de Lima, Lins do Rego e no trapiche já o dezenove anos Aluísio Branco<sup>112</sup>. Visita à Associação Comercial móde ver os objetos de feitiçaria das macumbas. Interessantes. Depois visita ao Lavenère<sup>113</sup> que me oferece livros dele. Depois almoço no Restaurante alemão, sururu, camarões, ponche de maracujá, salada de frutas. Parto às 12 e estou vogando. Vida de bordo entre sono e leitura. Na janta, o companheiro do lado fala em *Macunaíma*. Me conhece... Caceteação de ir por toda a parte conhecido, observado, interpretado...

---

22 [de fevereiro]. Bahia pela manhã às 8 - Saímos de automóvel o alemão capenga de Recife e eu. Vamos à matriz de Sant'Ana ver teto admirável do Franco Velasco<sup>114</sup>

110 Murilo La Greca (Palmares, 1899 - Recife, 1985), pintor.

111 Frege, de frigar, fritar (frege-moscas): gíria carioca para restaurante de má qualidade.

112 Aluísio Branco, poeta que, ao lado de Aurélio Buarque de Holanda, Manuel Diegues Júnior, Valdemar Cavalcanti e outros, fundou em 1927, na cidade de Maceió, o Grêmio Literário Guimarães Passos, o qual promoveu, no mês de junho do ano seguinte, a Festa da Arte Nova, versão alagoana da Semana de Arte Moderna.

113 Luiz Lavenère (Maceió, 1868-1966), polígrafo alagoano que se destacou pelos estudos linguísticos e musicais.

114 Antônio Joaquim Franco Velasco (Salvador, 1780 - 1833), pintor.



e tiepolescos painéis do José Teófilo de Jesus<sup>115</sup>, tudo uma fortuna. Depois Ordem 3ª de S. Francisco que os irmãos nos mostram inteiramente. Colossal teto do Franco Velasco, pinturas, mobílias, tudo excelente. As imagens nas duas igrejas, mesmo as de Manuel Inácio da Costa, decaem bem. Na Ordem 3ª vemos a imaginha, meio corpo, de S. Francisco de Assis em barro cozido, ùa miniatura de maravilhoso feitio e bem expressiva. Depois corremos belchiores e compro anel e três marfins<sup>116</sup>. Às 11 vogando nos tremeliques intoleráveis do *Aratimbó*<sup>117</sup> outra feita. Vida de bordo.

---

23 [de fevereiro]. Vida de bordo, mas agradável, todos se conhecem e sou simpaticado, mas obrigado a ser escritor e o diabo, o que é desagradável. O gorducho advogado do Recife, dr. Tavares, o engenheiro Heitor Lima e o alemão Shäfer, ambos do Recife, mais o italiano de S. Paulo fazemos boa camaradagem. Bebemos champanha na janta. De noite fazem subscrição pra cortar o bigodinho e as costeletas dum antipatiquinho de bordo. Bobagens. Não posso ficar só... Os padres, pouco padres de bordo... Vontade enorme de chegar...

---

24 [de fevereiro]. Chego no Rio pelas 15 horas<sup>118</sup>.

115 José Teófilo de Jesus (Salvador, 1758 - 1847), pintor comparado por MA a Giovanni Battista Tiepolo (Veneza, 1696 - Madri, 1770), do barroco europeu.

116 Santos de marfim.

117 *Aratimbó*: navio cargueiro da Companhia Nacional de Navegação Costeira do Rio de Janeiro, incorporado à frota em abril de 1928.

118 Usando o mesmo suporte, MA anota a grafite e, em seguida, anula com lápis azul:  
 Nos *Cangaceiros do Nordeste* de Pedro Batista (Paraíba, 1929) vem a quadra, pg 101.  
 Menina diga a seu pai  
 Que ele faça o que quiser  
 Inda há-de ser meu sogro  
 E tu, a minha mulher!

Anota também, a grafite: "Padre Fernando Nolt sacerdote da Sagrada Família".

O TURISTA APRENDIZ NO *DIÁRIO NACIONAL*<sup>119</sup>

**São Paulo, 27 de novembro, 21 horas**<sup>120</sup>.

119 A esta segunda parte da viagem do Turista Aprendiz concerne o texto dos setenta registros/ folhetins ou crônicas na série "O Turista Aprendiz", em recortes do *Diário Nacional* de São Paulo, onde saíram com a assinatura "Mário de Andrade" entre 14 de dezembro de 1928 e 29 de março de 1929. A ela pertence também o último registro destinado à série, autógrafo a tinta preta não enviado ao jornal. Os autógrafos e diversos textos impressos receberam rasuras e anotações de esclarecimento, a grafite ou a tinta preta; os impressos, ao adentrarem o dossiê, rasurados ou não, tornaram-se exemplares de trabalho.

O dossiê *O Turista Aprendiz*, no arquivo do escritor, conserva 58 recortes da série jornalística, porque doze migraram para dossiês de manuscritos de dois títulos integrados às Obras Completas de Mário de Andrade, publicadas pela Livraria Martins Editora, em São Paulo. No arquivo, testemunha-se a transposição de cinco textos para o dossiê d'*Os filhos da Candinha*, com a função de exemplares de trabalho, no propósito do autor de levá-los a integrar, em 1943, o livro de título homônimo, volume 15 nas suas Obras Completas, pela Livraria Martins Editora. Os cinco textos são: "O grande cearense", "Ferreira Itajubá", "Bom Jardim", "Guaxinim do banhado", "Tempo de dantes", mencionados nas notas da presente edição; a referência se cruza nas notas daquela edição (V. ANDRADE, Mário de. *Os filhos da Candinha*. Estabelecimento de texto e notas: João Francisco Franklin Gonçalves; revisão do texto estabelecido: Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2008). Verifica-se também o deslocamento de sete recortes, referentes aos registros de 22, 26, 27, 28 e 31 de dezembro, 1928, e 3 e 25 de fevereiro, 1929, para o dossiê *Música de feitiçaria no Brasil*, título póstumo que vem à luz em 1963, como o volume 13 na mesma coleção, organizado pela discípula de MA, a musicóloga Oneyda Alvarenga. A organizadora preferiu não incluir os textos da série "O Turista Aprendiz" no livro, julgando-os matéria de consulta situada temporariamente no manuscrito, mas ligados à outra obra. A presente edição recompõe a série "O Turista Aprendiz".

O conjunto dos folhetins – assim definidos pelo autor – constitui um inusitado diário de viagem, imediatamente aberto ao público ao longo da escritura, pois MA, em sua pesquisa etnográfica no Nordeste, viaja também como correspondente do *Diário Nacional*, segundo a "Nota da redação" desse matutino paulistano em 19 de dezembro de 1928, precedendo o texto "Rio de Janeiro, 30 de novembro, 22 horas". Determinados trechos da série impressa em 1928-1929 foram apropriados pela versão datiloscrita do diário do Turista na Amazônia, que visou se tornar livro em 1943. Essa reescritura mereceu notas/ comentários na presente edição.

120 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 14 de dezembro, 1928.



Se<sup>121</sup> repetiu a mesma sensação desagradável do ano passado quando parti pro Amazonas. Está provado que não fui feito pra viajar.

Faz já uns seis dias que vivo em dois homens. E o novo, ajuntado agora a mim, é um desconhecido até desagradável capaz de enfrentar a onda enorme do oceano. Vai viajar, vai pro Nordeste. Os amigos abraçam esse viajador, perguntam coisas, e o viajante fala por quanta junta tem, mais projetos que pernilongos na capital luxuosa do gênio Pires do Rio<sup>122</sup>. Não tive a culpa, outro dia. Estava esperando o meu bonde, e no automóvel passando um homem se desbarreteou com uma largueza mãe. Respondi ao cumprimento, está claro, enquanto punha reparo na pessoa cumprimentadeira. Não tive a culpa, era Pires do Rio. Senti não estar prevenido, ah... seria tão fácil estar olhando pro céu que todos aceitam sem antipatia nem imposições das classes opressoras. Juro que não tive a culpa.

Mas é isso mesmo. Barulho afobado de estação, o trem de ferro vai partir, todos esses amigos, alunos, me cercando... Tarsila, Osvaldo de Andrade<sup>123</sup>, está na hora, abraços. Subi no vagão. Sem saber direito o que fazia, percorri o corredor inteirinho. Me lembrei que é costume a gente ficar na porta do vagão, nalguma janela, dizendo adeuses pros que ficam, fiz.

Que sensação desagradável. Adeus, gente! – Boa viagem, Mário! – Divirta bastante! – Não se esqueça da gente!... Minha impressão é que está tudo errado. Tive ímpeto de botar toda aquela gentarada no vagão, ficar na plataforma eternamente paulistana e berrar contente pros amigos partindo:

– Adeus, gente! Boa viagem! Divirtam bastante!... Boa viagem!

E voltava pra minha rua Lopes Chaves, portava num cinema, coisas assim...

121 O projeto linguístico modernista de MA, decalcado na língua portuguesa falada no Brasil, que posiciona o pronome oblíquo no início da frase, contrariando a regra gramatical, e renova ortografia, é respeitado no *Diário Nacional*.

122 José Pires do Rio (Guaratinguetá, 1880 – Nova Délhi, 1950): engenheiro civil e político; prefeito de São Paulo entre 1926 e 1930.

123 Tarsila do Amaral (Capivari, 1886 – São Paulo, 1973). Artista plástica, casada em 1926 com o escritor Oswald de Andrade (São Paulo, 1890 – 1954), a quem MA chama Osvaldo. Nomes unidos nas correntes Pau Brasil (1924) e Antropofagia (1928), no movimento modernismo brasileiro.

Rio de Janeiro, 28 de novembro, 21 horas<sup>124</sup>.

O que o Rio de Janeiro tem de principal pra mostrar que é cidade grande são as anormalidades normais... O que me espanta principalmente são certas escadas. Às vezes nem é tanto pela angústia do terreno, o terreno dava bem: é mesmo já essa doença da adaptação, do aproveitamento – a maior força propulsora da chamada invenção humana...

É por uma escada assim que entrei na casa da cantora Julieta Telles de Menezes. O ambiente é gostoso e dá bom-dia pra gente. Censuro apenas a permanência inquietante daquelas duas portas gêmeas, dando lá pra dentro. Não sei, mas isso prejudica um bocado esse estado-de-alma de visita em que a gente não carece de lembrar a fatalidade familiar, da possibilidade de existência, por exemplo, da dúzia de pratos. Está claro que as portas estavam distintamente fechadas porém jamais uma porta esteve fechada pra uma sensibilidade aguda. E desconfio que a minha é, porque aquelas duas portas me inquietaram bem.

Felizmente que Julieta Telles de Menezes recebendo, sabe ter essa finalidade da cesta-de-flor; disfarça a manchinha da parede. Logo principiou vivendo com a alegria morena dela e as portas deixaram de funcionar como fatores de nossa vida.

O compositor Luciano Gallet estava também, e principiamos estudando os três. Julieta Telles de Menezes e ele preparam atualmente uma *tournee* de concertos de música brasileira. Os dois programas já organizados são interessantíssimos e sinto pena de não estar em São Paulo pra escutá-los e elogiá-los aí.

Principiamos repassando uma obra nova que Luciano Gallet compôs sobre os versos da minha "Toada do Pai-do-Mato"<sup>125</sup>. É uma peça muito importante e dos momentos mais felizes e integrais do compositor. Isso de indicar que o acompanhamento pianístico é muito importante já não tem muita novidade mais. Depois de Schubert<sup>126</sup>, e já faz um século pois,

124 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 15 de dezembro, 1928.

125 Poema de MA em *Clã do jabuti*. Ao apurar este texto, a presente edição de *O Turista Aprendiz* preferiu grafar com hífen o nome "Pai-do-Mato", conforme esse título – considerando a sonoridade – aparece nas duas edições em vida do autor, tiradas em São Paulo: no livro de 1927, *Clã do jabuti*, bancado por MA no Estabelecimento Gráfico de Eugenio Cupolo, e na coletânea *Poesias*, publicada na mesma condição, sob o selo da Livraria Martins Editora, em 1941 (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 264-265).

126 Franz Schubert (Viena, 1797-1828). Compositor do romantismo, autor de numerosos *Lieder*, isto é, canções decalcadas em poemas líricos de Shakespeare, Heine e Goethe, entre outros autores.



acompanhamento de canção até virou às vezes mais importante que a própria canção. Porém o que gostei especialmente na parte pianística deste *Pai do Mato* de Luciano Gallet é a maneira com que ela se integraliza na canção pra formar um todo expressivo complexo, à maneira de certo *Lied* do próprio Schubert. Lembra mesmo pelo valor e eficiência dramática o *Rei dos Olmos*<sup>127</sup>. É mesmo uma criação fortemente dramática, esta obra nova de Luciano Gallet, atinge uma intensidade fascinadora a que os dois temas ameríndios empregados pelo compositor ajuntam uma estranheza melódica admirável. A terceira estrofe é fortíssima<sup>128</sup>.

127 Em 1924, no início da criação dos poemas de *Clã do jabuti*, o projeto nacionalista de MA no modernismo brasileiro pauta-se pela valorização da literatura oral, que vicejara no projeto nacionalista dos românticos, na Europa da primeira metade do século XIX, sobretudo entre os poetas alemães. Em 18 de novembro desse ano, MA comunica a Sérgio Milliet: "Novidades: escrevo baladas, baladas brasileiras sobre lendas e fatos históricos nacionais. Virei Uhland ou Goethe, se quiseres" (V. DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo, EDART, 1971, p. 297). O sentido da interlocução completa-se para Augusto Meyer em 20 de maio de 1928, no comentário a um dos poemas de *Clã do jabuti*, livro em 1927:

Porém foi com intenção de que o 'Coco do Major' saiu, porque de fato conhecendo, na formação primitiva das nacionalidades, o quanto importa a temática lendária nacional, porque põe à mostra caracteres psicológicos, e sabendo mais do que tinham feito nos *Lieder* Goethe, Heine, Lenau, etc., tive a intenção de seguir, abrazeirando-o, o processo cantador desses alemães (V. FERNANDES, Lígia. (Org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1968, p. 55).

Em *Clã do jabuti*, a poesia de MA, de estreita ligação com a música, recorre a estruturas populares como toada, moda de viola, coco. Em 1928, Luciano Gallet, compositor que busca a transposição de formas populares para a música erudita brasileira, converte em canção o poema do amigo, "Toada do Pai-do-Mato", tal como Franz Schubert fizera com o poema "Der Erlkönig"/ "O Rei dos Olmos", de Goethe (Frankfurt am Main, 1749 - Weimar, 1832). A aproximação traçada por MA alude ao tema da sedução no escuro da noite, marcado pela apropriação culta do lendário dos índios parecis e do lendário alemão.

128 Na "Toada do Pai-do-Mato", recriação de MA do mito dos índios parecis, esta é a terceira estrofe, versos 13-18:

Enganada pelo escuro  
Camalô fala pro homem:  
Ariti, me dá uma fruta  
Que eu estou com fome.  
- Ah...

Estava com fome...

(V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 264).

Mas o que eu estava mais apreciando por dentro era a probidade artística com que Julieta Telles de Menezes e Luciano Gallet trabalhavam. Não se deixava nada pro acaso. Os acentos, as cores de voz, a nitidez rítmica, a dicção, os elementos constitutivos da obra, tudo era comentado, bem discutido, repetido até alcançar aquela verdade artística a que o povo no geral chama de ardor. Fulana canta apaixonadamente... Sicrano toca piano com ardor... Não tem dúvida que essas frases são verdadeiras porém ardor, paixão e outras veemências irregulares da vida não estão no que o público pensa. A paixão do artista é pela arte dele. O ardor se manifesta no carinho, na paciência, na piedade com que busca dar pro público a arte que este chamará de apaixonada. Mas, pro artista verdadeiro o que na manifestação dele o público chama de "paixão" não passa das friezas bem calculadinhas que a paixão conquistadora determina e organiza uma por uma pra conquistar com certeza. Não acredito que vivamos de aparências apenas porém a arte de verdade incontestavelmente é o mundo de aparências mais completo que o homem soube inventar...

Não tenho dúvida que os concertos Julieta Telles de Menezes e Luciano Gallet serão admiráveis. O que escutei foi tudo esplendidamente realizado. Mas é quase uma hora e reachei a indiscrição das duas portas. Torna a aparecer em mim, como convite pra partir, a dúzia dos pratos. Mas quebrei todos, descendo esta escada por onde, que nem a minha, juro que todas as sensibilidades provincianas cairão.

**Rio de Janeiro, 29 de novembro, 10 horas<sup>129</sup>.**

Estou lavando o rosto depois da barba e Cícero Dias entra no meu quarto. Achei graça na timidez dele. "Venha logo pro Rio que preciso dar um grande abraço em você"... Assim ele escrevia repetido em várias cartas. Porém o abraço nosso foi difícil. A influência do cinema norte-americano sobre o abraço brasileiro é uma coisa muito séria. Séria, e nem sou capaz de determinar se boa ou ruim, porque de fato o abraço tanto tem de inconveniências como de prazeres. Mas brasileiro gosta de abraçar mesmo e sob esse ponto de vista a ignorância do abraço camarada que há nos filmes norte-americanos está desraçando uma expressão da gente.

Cícero Dias entrou, ficou muito desapontado. Afinal nos abraçamos e retomamos a existência das nossas cartas. Inteiramente está claro que inda não porque o Cícero Dias das cartas era um bocado mais magro e mais alto. Lembro-me também que sentava duma

129 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 18 de dezembro, 1928.



vez só. Este Cícero Dias sem cartas é diferente sobretudo nisso: anda e senta aos pedaços. Todo ele é aos pedaços aliás, menos a arte. Por enquanto há mesmo um contraste orgânico entre a arte e o ser Cícero Dias. É quase ainda o que a gente chama de "meninão". Nem sei se passou da casa dos vinte. E como entidade ele exprime bem essa curteza de anos vividos. Mas na arte não. E apresenta essa experiência antiga que é a fatalidade individualista.

A aquarela de Cícero Dias é ingênua como expressão, bem sei. Até a comparam com os desenhos das crianças, comparação que acho falsa. Não tem nada que afaste mais a sensação de infantilidade que a parecença com criança. Aqui mesmo no hotel estão uns anõezinhos incompreensíveis, grande sucesso do dia no quarteirão dos cinemas... E não há nada menos criança do que eles. Criança é vida, da mesma forma que manga ou tico-tico. Anão é "fenômeno" no sentido popular da palavra. É esse contraste insubstituível na comoção da gente perversa entre os desenhos de criança e os desenhos de Cícero Dias. Aqueles trazem essa equidade justiceira com que a vida vulgariza as coisas. Já falei uma feita e repito: se uma vez por outra a criança desenha uma obra-prima isso é acaso raro. No geral os desenhos infantis sob o ponto de vista da arte são perfeitamente idiotas e nos interessam por valores que nada têm de plásticos e estéticos. Ora, Cícero Dias é justamente o contrário disso. Possui uma personalidade surpreendente. Possui uma fatalidade de expressão formidável cujos valores psicológicos principais são sexualidade, sarcasmo e misticismo. Justamente as coisas que a criança menos possui.

Mesmo nas obras sem representação nenhuma, puros jogos de valores plásticos, ele não tem nada daquela inquietação assombrada com que a criança trema um risco torto no papel e chama o risco de jacaré. Se é certo que muitos dos desenhos de Cícero Dias já são obras magníficas, o que eu admiro principalmente nesse artista novo é a fatalidade quase trágica com que se exprime. Ele não possui nada de normal. Essa inquietação com que os artistas vão de evolução em evolução, campeando entre influências e expressões originais, a integralidade deles, o... destino, isso este aquarelista não tem. Que pesquisa nobre comove a gente, seguindo a obra de Tarsila do Amaral, Ismael Nery, Anita Malfatti<sup>130</sup>,

130 Anita Malfatti (São Paulo, 1889 - 1964). Pintora paulistana cuja exposição de cunho expressionista em 1917 chocara o conservadorismo paulista e valera como o momento de reunião dos jovens poetas que cultuavam a modernidade - MA, Oswald de Andrade, Guilherme e Tácito de Almeida e outros. Entre MA e Anita existiu uma sólida amizade, hoje testemunhada pela substanciosa correspondência que se interessa, sobretudo, pela discussão dos caminhos intelectuais de ambos. Em 1922, na Semana de Arte Moderna, Anita expusera, entre outras obras, *A estudanta russa*, *O japonês*, *O homem amarelo*, telas depois adquiridas por MA, hoje

Manuel Bandeira, por exemplo... Em Cícero Dias nada disso. Não falo que ele não pesquise que nem os outros, pesquisa sim. Mas na obra dele falta bandeirismo: o longe vago buscado. Nasceu com trem à vista e passagem comprada: vai até, suponhamos, Santa Rita do Passa Quatro. Entre obras excelentes e outras menos importantes, não existe evolução propriamente. A primeira aquarela que fez na vida já podia ter sido uma obra-prima. E apesar de novo já tem algumas... Saímos do hotel, vamos pela rua sem procurar assunto, amigos... gozando esta compreensão mútua, sublime que não obriga a conversar... Rio de Janeiro sempre foi bom pra mim.

Rio de Janeiro, 30 de novembro, 22 horas<sup>131</sup>.

Não posso mais... Três dias de amigos, gente que quero bem particularizadamente, um por um... O prazer e as preocupações da vida se realizando por sessões... E essa obrigação ininterrupta de ser inteligente e culto, falar de pintura um momento, depois de música, depois de poesia, e lembrar por exemplo a existência de Chirico<sup>132</sup>... Chirico!... De fato os homens indivíduos são que nem as palavras. Se a gente matuta um bocado mais autopsiadamente num deles, esmiúça a significação vital dele: Chirico. Um nome de batismo, uma convenção desprezível, servindo de estandarte vaidoso dum objeto fisicamente isolado. Da mesma forma que a panela, cujo perfil, cuja função pessoal e

em sua coleção de arte no IEB-USP. Em 1926 MA dedicara-lhe seu livro de poemas *Losango cáqui*. Na coleção de MA estão dezoito obras de Anita Malfatti, pinturas e desenhos; entre elas dois retratos do escritor (V. BATISTA, Marta Rossetti e LIMA, Yone Soares de. *Coleção Mário de Andrade*. 2ª. ed. revista e ampliada. São Paulo: IEB-USP, 1998, p. 134-147).

131 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 19 de dezembro, 1928, precedido de uma nota da redação:

Mário de Andrade, cuja chegada a Natal o telégrafo nos anunciou ontem, percorre presentemente os estados do Norte em viagem de estudos de folclore, de que é apaixonado cultor. Suas impressões temo-las publicado aqui e decerto vão constituir mais um dos procurados livros que ele tem posto em circulação.

O artigo que hoje publicamos é o quarto da série. Outros se seguirão, todos com o mesmo interesse que estes têm despertado entre os leitores.

Antes de iniciar a série "O Turista Aprendiz", o *Diário Nacional* publica "A ciranda", em 8 de dezembro, 1927 e dois fragmentos do diário da viagem à Amazônia – "Belém, 21 de maio" e "Belém, 22 de maio" –, sob o título "O Turista Aprendiz", em 22 de janeiro de 1928.

132 Giorgio de Chirico (Vólos, 1888 – Roma, 1978), pintor vinculado ao surrealismo.



mirim, nós reconhecemos pela palavra "panela". Não posso mais, estou fatigadíssimo de três dias que não faço outra coisa senão distinguir "Chiricos" de "Panelas".

Felizmente que agora não careço de ser inteligente e posso pensar com mais liberdade e escuridão. José estava me esperando na esquina fronteira do hotel e agora caminhamos no meio dos homens, na rua. É até possível que esta rua se particularize com o título de "Avenida" porém pra nós dois é "rua" sem mais nada. Da mesma forma que José, operário...

Me sinto muito humilde porque José está querendo ser bom pra mim. Já me esperou só lá na esquina temendo decerto que as luzes do hotel sarapantassem de me ver abraçando um indivíduo pobre. Agora me arrasta pros lugares de menos gente e menos luz. E vamos lembrando a gripe espanhola<sup>133</sup>, naquele tempo em que defendido pela piedade de São Vicente de Paulo<sup>134</sup> eu rondava pelas adjacências da rua de São Caetano, ajudando os pobres a sofrer. Então conheci José.

Agora ele é comunista com razão. Comunista e comoventemente religioso. Porque não tem mesmo nada de mais comovente que essa religião de todos. Se o desastre é mais prolongado e vai chegando aos poucos, só mesmo indivíduo cabeçudo é que não quer saber de Deus. José imagina que vai me agradar e conta que outro dia entrou na igreja do Rosário passando. Em vez, me comove profundamente. E detesta os padres. Sem dúvida que já terá exclamado em grupo que a religião é uma bobagem que carece acabar... Mas não pergunto isso pra ele não. Negará porque não quer me fazer mal.

E não posso mais outra vez. Porém agora é de comoção. Paramos junto do parapeito e uma onda geme de prazer nos vendo, recém-chegada da Rússia. Meu pensamento está confuso e muito rico... José fala que houve um princípio de ressaca na boca da noite. Escuto a bulha viva da cidade, desindividualizada, bulha comum de cidade grande, que o pisca-pisca das luzes ressalta mais. Tenho um medo pequeno dos símbolos... Lembro confusamente aquele arranha-céu visto do quarto de Graça Aranha, com aquelas não sei quantas janelas cada uma encortinada com uma cor, vermelho, verde, rosa, amarelo, azul, todas as cores, branco... Todas janelas, afinal. José, bem percebi, quis me perguntar alguma coisa sobre as eleições de São Paulo... Teve dó, não perguntou.

133 A gripe espanhola, iniciada na Europa em 1918, logo após a Primeira Guerra Mundial, chegou ao Brasil e, em São Paulo, fez milhares de vítimas.

134 MA pertencia à Sociedade de São Vicente de Paulo, nascida na França; corresponde a um movimento católico leigo, norteado por ideais de justiça e caridade, dedicando-se a aliviar o sofrimento dos homens.

– Aqui no Rio foram eleitos dois intendentos comunistas...

– Já sei, José.

José não sabe o que se passa dentro de mim. Nem eu também, aliás. Um caos temível. Lutas, iluminações, contradições, uma vontade tamanha de amar intransitivamente... Voltamos tardinhos pras bandas do hotel. Por trás do meu pensamento a lua se desembaraça das nuvens desorientando a abóbada celeste. "Abóbada celeste"... Prazer amargoso de pronunciar lugares-comuns, felicidade, que nem todas, feita de mil infelicidades... Se a sra. Coolidge<sup>135</sup> fizesse as mesmas doações que faz, sem chamá-los de "Prêmio Coolidge", "Concerto Coolidge", não sei que lá Coolidge, era mais justo. Vaidosa sra. Coolidge. E esses... indivíduos, os músicos agradecem... Também os pintores pra vender quadros pro Governo viram governistas... Não posso mais outra vez!...

**Rio de Janeiro, 1º de dezembro, 16 horas<sup>136</sup>.**

Moças cariocas, cariocas vivas, que falta de distinção...

A mulher carioca é uma transposição humana da arquitetura de Copacabana. A diferença é que o que esta possui de horrorosa, a carioca possui de brasileira.

Lá na minha São Paulo monótona as mulheres passam desaparecidas, numa igualdade tão gêmea que a gente não consegue distinguir umas das outras pela boniteza, pela elegância ou pela graça. É só o desejo sensual que consegue estabelecer nossa preferência. Gosto de ti porque gosto.

A carioca não é apagada assim não. Tem uma fantasia semostradeira no vestido e na carne, um mau gosto de oficleide<sup>137</sup> que chama a atenção. As cariocas em tudo são uma por uma. As paulistas são em geral.

E inda por cima o geral da paulista é um geral de importação, muito europeu na discricção do gesto e do traje.

135 Elizabeth Penn Sprague Coolidge (Chicago, 1864 - Cambridge, 1953), mecenas da música. Em 1918 criou o prêmio anual de mil dólares destinado a compositores, o qual, ao longo dos anos, foi atribuído a Strawinsky, Schoenberg, Ravel, Hindemith, Prokofieff, Respighi, Castelnuovo-Tedesco, entre outros; organizadora de concertos de música moderna.

136 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 20 de dezembro, 1928.

137 Oficleide: instrumento grave de metal, um tipo de corneta; empregado pelo diarista no sentido de dissonante, inadequado.



A carioca refugou essa boa educação europeia. Não se pode dizer que ela seja maleducada porém ela inventou pelas circunstâncias da terra e da psicologia uma outra boa educação. Isso é que torna a carioca cem vezes mais brasileira que a paulista. A mulher de São Paulo apesar da ascendência<sup>138</sup> ítalo-hispano-bandeirante é um tipo raçado, cultivado numa tradição genealógica fatal. A carioca, muito mais uniforme na genealogia, é no entanto muito mais cosmopolita. Esse cosmopolitismo sei bem que deriva muito da coexistência do mar que falta pra paulista, porém o cosmopolitismo da carioca não provém apenas da Cosmópolis em que ela para. Provém muito mais duma acomodação criadora com a nação que ela representa.

Da mesma forma com que os ianques são bem-educados à norte-americana, a carioca é uma boa educação nova, à brasileira. Por mais que ela se cubra está sempre nua. Não discuto a pureza dela porque a pureza não depende do mundo exterior e a colocação dela em certas partes do corpo não passa duma simbologia escravocrata que o patriarcado inventou. A carioca é tão pura ou impura que nem todas as mulheres deste mundo. O que ela tem de mais brasileiro é o tropicalismo da nudez. Os norte-americanos com praias de banho, lagos artificiais, natações dançantes e esporte tentaram sistematizar a nudez. Não conseguiram. A nudez pra eles continua uma questão de moda, um manequim epidérmico. A nudez da carioca é íntima, é, desculpável o exagero, psicológica.

E toda essa maravilha semostradeira que é a mulher carioca reflete um país novo da América, uma civilização que andam chamando de bárbara porque contrasta com a civilização europeia. Mas isso, a que chamam de barbárie os deserdados da nossa terra, não passa duma reeducação. Sintoma capitoso de Brasil.

**Rio de Janeiro, 2 de dezembro, 23 horas<sup>139</sup>.**

O pernambucano maravilhoso<sup>140</sup> conta o que sucedeu pra ele.

– Eu estava meio tocado e quis conhecer aquela mulher da pensão Monte-Carlo. Pensei: se escapou de ser assassinada é porque deve de ser uma coisa extraordinária. Vai, entrei na pensão e perguntei por ela. Estavam dançando e o garçom me respondeu que daí a pouco ela aparecia. Então sentei numa das mesas, esperando. O garçom veio e falou:

138 No impresso: "descendência", erro corrigido pela presente edição.

139 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 22 de dezembro, 1928.

140 O pernambucano é Cícero Dias. Este folhetim tem seu paratexto no registro de 29 de novembro, 1928, no diário no caderno de bolso: síntese da fala do pintor para a onda do mar.

- O sr. não pode sentar aí porque a mesa está ocupada.
- Eu sei! respondi. É só pra descansar um bocado enquanto estão dançando.
- É, mas o sr. não pode estar sentado nessa mesa.

Então me levantei. Eu tinha aprendido uma palavra alemã que não sabia o que era nem me lembro mais. Disse ela pro garçom que era alemão. O homem virou indignado, gritando:

- É a sua!
- Minha não! é a sua!

Logo formou um ajuntamento danado, o garçom contou o que eu falara, uma coisa medonha, toda a gente estava contra mim. A dona da pensão gritou pra me prenderem e eu fugi. Meti o punho na porta de vidro que, olhe aí, tomei este golpe fundo, num instante fiquei todo ensanguentado.

Saí correndo pra rua. As mulheres apitavam. Nas janelas das outras casas vizinhas mulheres gritando também, passou um táxi. Tomei ele porém tanto que gritavam:

- Não leve esse cachorro! Paga o vidro?

O chofer parou logo, falando pra eu descer. Passava um automóvel particular, fiquei na frente dele, o moço parou. Eu mostrava a mão ensanguentada pra ele, gritando:

- Me leve que sou filho do Guinle<sup>141</sup>! me leve que sou filho do Guinle!...

O moço nem hesitou, trepei no automóvel andando e disparamos por aquelas ruas, cada esquina virávamos, o moço estava mais branco do que eu, um guarda apitou, eu indicava o caminho, o guarda deu um tiro...

Entramos na rua Correia Dutra, desci do automóvel andando, nunca mais vi o moço nem pra agradecer, a porta custou pra abrir...

Levou tempo pra sarar, olhe o lapo que ficou.

Dias depois, inda estava com o pulso enrolado, quis esparecer, passei disfarçado pela pensão Monte-Carlo e entrei no número 20. Era cedo, eu estava bem distraído, sentei numa das mesas vazias.

De repente escutei que murmuravam:

- É ele!
- É ele, sim!

Todos olhavam pra mim. Era eu. Olhei pra porta, então reconheci o vidro quebrado, que susto! Fui saindo com aparência de calma... O outro dia, eu não entrara na pensão Monte-Carlo não, mas no número 20.

141 Arnaldo Guinle (Rio de Janeiro, 1884 - 1963), milionário e mecenas carioca.



E são assim os casos deste pernambucano que ainda não conseguiu se carioquizar. No Carnaval deste ano ele ia tomar éter passeando sozinho na praia de Copacabana. Falava pra onda:

– Você não me molha não?

A onda vinha e o molhava.

– Molhou porque eu deixei...

E mais éter nos rodamosinhos do cérebro.

### **Guanabara, 3 de dezembro, 19 horas<sup>142</sup>.**

Os amigos pouco a pouco se confundiram com o cais, o cais se confundiu com a cidade, o *Manaus* partiu. A noite vai cinzando água e ar. Entre os dois, quase negra, a língua crequenta e áspera da terra de Guanabara.

As luzes salpicam o negrume dos morros amarrotados. Quando senão quando acorda mais uma. Junto do Hotel Glória e no quarteirão Serrador<sup>143</sup>, os reflexos formam braseiros exatos. De repente as praias se colarizam de luzes, uma por uma praia, puf! puf! puf!... A noite é definitiva e chega até mim.

Estou meio desapontado. Tudo a gente desconhece neste primeiro contato com a viagem, pessoas, corredores, decorações... Além do mais, me sinto muito urbano, chapéu de palha na cabeça, gravata longa embandeirando no vento... Vou pra cabina, abro a mala, tiro o boné...<sup>144</sup>

É extraordinário como as convenções gesticulam por nós. E inda falam que o hábito não faz o monge... Bastou botar o boné na cabeça, olhei no espelho e era eu viajando. Fiquei fácil. Andei com certeza pelos deques, pude compreender o sabor das passadeiras e as colorações de bordo. Os outros viajantes inda não conheço não, porém viraram companheiros.

142 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 21 de dezembro, 1928.

143 Empreendimento de Francisco Serrador Carbonell (Valência, 1872 – Rio de Janeiro, 1941), o Quarteirão Serrador, inaugurado no Rio de Janeiro em 23 de abril de 1925, reunia cinemas modernos.

144 Esta sequência, na qual a presença do boné vale como signo do Turista, será apropriada pelo registro de 11 de maio de 1927 na versão do diário "*O Turista Aprendiz* (viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega)" que MA pretendeu publicar em 1943 (V. nota 21, referente à viagem de 1927).

Facilitou enormemente a conversa futura o aparecimento duma grande mariposa. Era um exemplar lindíssimo, por sinal, toda em pelúcia parda com aplicações de renda de Veneza. Dessas eu já conhecia, aliás, porque uma senhora, vizinha nossa na rua Lopes Chaves, possui um casal no jardim. E nas correrias pra pegar a mariposa ela nos apresentou uns aos outros e depois da janta nos ofereceu uma reunião ao ar livre<sup>145</sup>.

Agora viajam comigo várias donas e cavalheiros. A todos distingo pelo estilo e sensaboria um homem feito em casa, particularmente familiar. Possui uma honestidade e uma estupidez de lar.

**Atlântico, 4 de dezembro, 15 horas<sup>146</sup>.**

Me entrego a essa delícia angustiosa do semienjoo. Enjoar, não estou enjoado não, tenho fome e autoridade, porém o *Manaus* com as duas mil toneladinhos dele é um barco de cenografia e balanga por demais. As sacudidelas dele ultrapassam a naturalidade e se tornaram uma expressão.

Pelo menos foi essa a impressão que tive desde que ele principiou saltando. Falei pra mim: este vapor navega com literatura. Isso me amolou bem porque esta viagem eu queria que fosse bem antibrasileira, bem longe da literatura... Paciência.

Mas de tanto mexe-que-mexe o fato é que me bateu uma tonteira engraçada, cuja manifestação mais verídica é a repugnância da vertical. Minha cabeça triplicou a lei da atração e ondula no ar buscando no vento resistências que a almofadem. Não acha e acaba descansando no meu braço sobre a mesa. Agora posso matutar melhor.

E que delícia! Uma indiferença vasta pelo mundo justifica eu ter vestido o mesmo brim de ontem, mais amarrotado que um morro de Guanabara. Perdoa até minha barba que ficou por fazer e está me enquizilando a consciência. Tudo se humilha numa

145 O trecho final da crônica integral, reescrito, o registro de 12 de maio, no diário de 1927:

Pela manhã apareceu a bordo uma borboleta mariposa que media bem uns três metros e vinte da ponta de uma asa à outra. Era toda de veludo pardo com aplicações de renda de Veneza, mui linda. Dessa qualidade eu já conhecia, porque uma senhora do meu bairro possui um casal no jardim. Isso não impediu que a aparição fosse recebida com aplauso geral, porque durante as correrias pra pegar a mariposa, ela sempre achou um jeito de apresentar os passageiros uns aos outros e de noite deu um baile no salão (V. nota 29, referente à viagem de 1927).

146 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 23 de dezembro, 1928.



unanimidade perrepista<sup>147</sup>. A personalidade se dissolve, perco caráter e penso com o corpo todo, que vastidão!...

Não tem dúvida que estou um bocado com vergonha de me entregar assim às delícias refinadas da tonteira. Isto me desumaniza, e principalmente me desoperariza. Perco esta parte de operário que tem em mim, tão vasta e muito nobre – a melhor parte de mim. Fico eu, elegantizado pelo tédio, capaz até de wildismos<sup>148</sup> sutis. Comprei duas maçãs e cheiro-as com lerteza, que delícia... O cheiro desagregado pela ventania não consegue reagir contra a minha despersonalização refinadíssima, só consegue elegantizá-la inda mais. Estou numa bebedeira grave, sedol, álcool, maçãs. E imagino voluptuariamente, no melhor dos paraísos artificiais. O som de chuva das ondas me dá vontade de caminhar sem milagre por sobre a superfície do mar... No Rio chamam de "azeredo" o último banco dos ônibus, porque joga muito... Atinjo venturas<sup>149</sup> aritméticas sublimes combinando a velocidade do meu pensamento com a velocidade do navio... Agora estou dormindo.

#### Atlântico, 5 de dezembro, 17 horas<sup>150</sup>.

Nem Abrolhos inda passamos neste *Manaus* tardonho. O dia está feio, o mar balança mais que nós, cinzento. Um senhor do Pará conviveu muito com Delmiro Gouveia<sup>151</sup> e conversamos sobre o grande cearense.

147 Perrepistas: aqueles que aderem ao Partido Republicano Paulista – PRP, fundado em 1873, hegemônico na política até a Revolução de 1930; sua oposição é o Partido Democrático, lançado em 1926, ao qual MA está filiado em 1928.

148 Wildismos: neologismo; o viajante se constrói como um dândi – sofisticado, elegante, valorizando sensações –, a exemplo do escritor inglês Oscar Wilde (1854-1900); droga-se com sedol, medicamento usado como entorpecente.

149 Rasura a grafite: correção a erro tipográfico: "venturar" para "venturas".

150 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 25 de dezembro, 1928. Recorte com um X a lápis vermelho abrangendo a extensão; deslocado por MA para o dossiê dos manuscritos de *Os filhos da Candinha* (V. nota 119). No código de cores ligado às notas do escritor que definem a publicação, em seus manuscritos, a cor vermelha a lápis significa difusão efetivada. Neste caso, o registro impresso "Atlântico, 5 de dezembro, 17 horas", anulado pelo X, tornou-se, com variantes, a crônica "O grande cearense", em *Os filhos da Candinha* (Ed. cit., p. 45-47).

151 Delmiro Gouveia (Ipu, 1863 – Pedra, 1917), industrial progressista no Nordeste do Brasil. Em 1913, constrói a segunda hidrelétrica da América, vinculada à cachoeira de Paulo Afonso,

Delmiro Gouveia chegou em Pernambuco ainda curumim, se empregou na Great Western. Um ano depois era faroleiro. Costumava falar que jamais a consciência da responsabilidade não se evidenciara tanto pra ele como nesse posto. Aliás é mesmo assim com todos... Quando botam nas mãos da gente uma bandeja com cristais, só vendo o cuidado com que transportamos aquilo até a mesa. Mas uma hora depois a gente afirma tal verdade num jornal, assina um contrato, faz um filho com a mesma decisão bastarda com que almoça...

Pelo menos Delmiro Gouveia conservou no espelho dos atos a imagem do faroleiro rapaz. Foi mesmo um dramático movimentador de luzes, luzes verdes de esperança, luzes vermelhas de alarma dentro do noturno de caráter do Brasil. Por isso teve o fim que merecia: assassinaram-no. Nós não podíamos suportar esse farol que feria os nossos olhos gostadores de ilusões: a cidade da Pedra, em Alagoas.

Falaram que Delmiro Gouveia era perverso. Não era não. Meu companheiro me afirma que nunca esse Antônio Conselheiro<sup>152</sup> do trabalho não mandou matar ninguém. O que ele era mas era duma energia masculina, preestabelecida e não ocasional como entre nós inda é costume herdado do calor solar. Delmiro Gouveia costumava falar que brasileiro não andava sem sova e por sinal que sovou e mandou sovar gente sem conta.

para servir Pedra, vilarejo formado a partir de uma estação da ferrovia Great-Western, no sertão alagoano. Em 1914, implanta no local a Cia. Agro Fabril Mercantil, produtora de linhas de costura. Dotada de instalações inovadoras, a fábrica assegura aos operários assistência médica e transforma Pedra. Além de energia elétrica e água encanada gratuitas, garante à comunidade telégrafo, telefone, tipografia, escola para crianças e adultos, cinema, lavanderias, fábrica de gelo e estradas destinadas à circulação de mercadorias.

As linhas de costura Estrela e Barrilejo conquistam o mercado brasileiro e de diversos países da América Latina, enfrentando o monopólio inglês das linhas Corrente. Em 1917, o empreendedor cuja audácia lhe trouxera inimigos poderosos é assassinado.

MA já havia valorizado o projeto de Gouveia, quando, em sua rapsódia, publicada em julho de 1928, alinhara as opções do herói sem nenhum caráter, destruído pela Uíara:

Então Macunaíma não achou mais graça nesta terra. Capei bem nova relumeava lá na gupiara do céu. Macunaíma cismou inda meio indeciso, sem saber si ia morar no céu ou na ilha de Marajó. Um momento pensou mesmo em morar na cidade da Pedra com o enérgico Delmiro Gouveia, porém lhe faltou ânimo (V. ANDRADE, Mário de. "Ursa Maior". In: *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Ed. cit., p. 207-208).

152 Por meio da figura de linguagem antonomásia, Delmiro Gouveia e Antônio Conselheiro (Antônio Vicente Mendes Maciel; Quixeramobim, 1830 - Canudos, 1897) são aproximados, pois o criador do Arraial de Guerra de Canudos alimentava também um projeto de bem-estar para o Nordeste.



Era um gênio da disciplina. Pedra chegou a um esplendor de mecanismo urbano como jamais não teve outro nesta nossa terra. Delmiro Gouveia coronelava tudo com a mesma severidade. Se um menino falhava a aula, mandava chamar o pai pra saber o porquê. Chegou a despedir os pais que tiravam um dia de estudo dos filhos pra qualquer servicinho. Às vezes com os meninos mandriões, reunia cinco ou seis e mandava um negrão chegar africanamente a palmatória na bunda dos tais.

Dentro de casa não permitia ninguém de chapéu na cabeça. Ia pra casa e mandava multar o malcriado; chapéu comum: duzentos réis; chapéu de couro, um cruzado. A arma dele era principalmente o chicote que manejava como o que a gente aplaude no circo. E tinha birra de mulher fumante. Uma feita uma dessas cachimbava na porta da rua, muito cismando. Delmiro Gouveia não se incomodou, seguiu no trotinho descansado uns trinta metros mais, virou o animal de supetão, veio na galopada e com um golpe justo do chicote arrancou o cachimbo da boca da dona. Que nunca mais fumou.

Tinha a religião da higiene e o ateísmo das esmolas religiosas. Não posso repetir os nomes com que brindava as operárias da fiação que iam pro trabalho sem lavar a cara, e os padres que apareciam em Pedra tirando esmolas pra coisas longínquas. Não recebia mal a ninguém. Só uma feita, depois duma experiência inda viva e dolorosa, expulsou, nem bem chegado, um padre sírio que apareceu em Pedra com intenção de tirar esmola pra Terra Santa.

Entre nomes feios, Delmiro Gouveia gritava pro padre:

– Terra Santa é esta, seu...!

Se enganava. Agora Pedra vai morrendo pouco a pouco. Santo era ele, o grande cearense.

**Atlântico, 6 de dezembro, 10 horas<sup>153</sup>.**

Água salgada que vai pra Bahia... Água salgada que vai pra Bahia... A frase vai se repetindo em mim, lenta, feito um acalanto de africana... me sinto prodigiosamente feliz, neste tédio matinal... Lassitude gostosa de bordo... Companheiros inexistentes, incomparavelmente discretos, não gostando de mim... Deito no banco do deque ao queimar ventado do mormaço, num estado prodigioso de musicalidade, mi, lá, lá, sol... Fermata no sol. Esse tema está me absorvendo, se repete monótono entre frases mais longas, coleantes, executado por dois trombones. Me sugere indígenas numa vida vasta de mato. O cacique

153 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, em 27 de dezembro, 1928.

está de pé, nu e verdadeiro, e vai haver uma briga de morte com tribo vizinha, mi, lá, lá, soool!... Fermata apreensiva no sol. Como a música é boa!

Só a música dispara as cismas com inconcebível aceitação. Já estou a cem léguas dos indígenas e de novo deitado no deque do *Manaus*. Me agradam a bordo unicamente duas senhoras sozinhas. Talvez por estarem sozinhas... É possível porque uma delas é bem feia até. É inglesa ou norte-americana.

É um tipo bastante curioso e fatigante. Imagine-se uma senhora que principia pelos pés, é ela. Isso já fatiga bem porque o olhar é sempre descendente. Iniciada pelos pés, essa dona obriga a gente a uma ascensão contínua do olhar e mostra assim a pouca amabilidade da raça, pouco se amolando com a lassitude em que a gente está. Uns pés de gênese, longos, indecisos, lentos, levando pra se formar dias que parecem séculos... Afinal as meias brancas se arredondam lisas e perfilam recurvas no ar, segurando o bote salva-vida nº 6<sup>154</sup>.

Daí pra cima ignoro a geografia da Inglaterra, confundo Edimburgo com Hindemburgo, e percebo no colo da moça, doirado pelo sol, uma esperança da Bahia. Me sinto bem como um beijo aceito e as minhas narinas arfam colhendo os cheiros do vento, mi, lá, lá, soool... Fermata molenga e bem sensual no sol. Fecho os olhos porque não vale a pena subir mais na inspeção. Já sei de cor o que vem.

O curioso é que essa dona principia inglesa como já vimos e acaba norte-americana.

É fato: depois do pescoço magrinho aparece a protagonista, uma carinha girl-etê<sup>155</sup>, muito fotogênica e com açúcar de Pernambuco: uma colherinha, pronto, açucarou demais nossa bebida. Aliás o que salva o mundo é isso mesmo: inda está pra nascer uma norte-americana sem açúcar. Se nascesse uma, sem mel, extra-dry<sup>156</sup>, meu Deus, isso é que é amor e desse amor se morre!...

Atirei os violinos fatigantes no mar. As trompas com surdina retomam o tema de novo: mi, lá, lá, sol... Água salgada que vai pra Bahia... Água salgada que vai pra Bahia... Amanhã chego lá.

Agora estou dormindo.

154 Referência sarcástica aos pés grandes da viajante.

155 A versão completa de 1943 do diário do Turista Aprendiz na Amazônia, no registro "12 de maio", apropria-se deste episódio (V. nota 31, referente à viagem de 1927).

156 *Extra-dry*: ultrasseco.

**São Salvador, 7 de dezembro**<sup>157</sup>.

Da vista de São Salvador que a gente enxerga de bordo tem um pedaço bem no centro em que as casas se amontoam num estardalhaço de janelas, andares, telhados, parece mentira... não é mentira não, é estardalhaço.

Gosto de banzar ao até pelas ruas das cidades ignoradas... aqui a impressão de estardalhaço continua. Parece incrível que se tivesse construído uma cidade assim... Ruas que tombam, que trepam, casas apinhadas e com tanto enfeite que parecem estar cheias de gente nas janelas, o barulho nem é tamanho assim porém dá impressão de enorme, um enorme grito.

A sensação de simultaneidade é feroz, lembra cinema alemão. Os bondes, pra desembarcar num plano, tombam de banda e passam por cima da cabeça da gente. Vêm cheios com moços de branco dependurados até nas torres curtas das igrejas. Torcem por cantos inconcebíveis como pontes-dos-suspiros<sup>158</sup>, fachadas paradas na porta da rua, atravancando o trânsito. Um largo e três igrejas de repente. Pra chegar na cidade alta a gente dá de cara com mais outra igreja de teatro, num trânsito vivo de gente irregular, todos os matizes, gente de enfeite, gente posta ali pra gente ver.

São Salvador me atordoava vivida assim a pé num isolamento de inadaptação que dá vontade de chorar, é uma gostosura. É uma cidade justamente o contrário do Rio de Janeiro que se goza mais de automóvel. São Salvador não. E nem é tanto questão de apreciar os detalhes churriguerescos<sup>159</sup> dela, é questão mesmo do sabor físico que dá passeada a pé. O automóvel isola o observador do estardalhaço ambiente. Passear a pé em São Salvador é fazer parte dum quitute magnificante e ser devorado por um gigantesco deus Ogum, volúpia quase sádica, até.

E agora o *Manaus* vai se embora me levando. Tenho essa lassitude aberta de quem gozou como não era possível mais o dia de férias. Não é injustiça ser feliz e a tarde cai. Os ventos varrem o Recôncavo chispando água de mar. O céu cinzado é uma nuvem só e a lâmina espetaculosa da cidade se aconchega numa palidez indiferente. Eis que um sol antigeográfico tropicaliza a boca da noite, bate na chapa na cidade. São Salvador se

157 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, em 28 de dezembro, 1928.

158 Referência à Ponte dos Suspiros, de 1600, em Veneza, por onde passavam prisioneiros.

159 O estilo churrigueresco, também chamado barroco mexicano, destaca-se pelo excesso de ornamentos, na arquitetura da Espanha e da América espanhola do século VIII.

torce toda, gozando a luz que é dela, com muita mansidão. Nem palheta de Utrillo<sup>160</sup>!... Ninguém jamais não conseguirá esses rosas doirados, esses azuis de Virgem Maria, esses amarelos de areia esturricada e os verdes dos mangueirais. Cor dos anos, cor de séculos montados uns sobre os outros... Por riba do farol de Amaralina<sup>161</sup>, trepa no paredão do morro um magote de coqueiros brincalhões num estardalhaço em que a distância põe surdina, gritando:

– Olha o navio!

– Olha o navio!

**Atlântico, 8 de dezembro, 13 horas<sup>162</sup>.**

Positivamente isto não se atura mais, que monotonia!... Não é que a monotonia seja desagradável, tem monotonias deliciosas, esta do *Manaus* é que virou intolerável. Paulo Prado costuma repetir que uma das sensações mais gostosas que há é a gente, lavado, barbeado etc. sentar numa cadeira de deque viajando, e lembrar que não tem nada pra fazer, nenhuma obrigação, nem de ler, nem de ser inteligente, nem de dormir, nem de nada... Está certo. Isso é um gozo vasto, vegetal. Chupitar a inexistência própria feito um martelo de pinga, é delicioso.

Porém já gozei isso à farta nos primeiros dias e este lesma de vapor vai num atraso brasileiro que chega a irritar até a epiderme. Quatro dias pra chegar na Bahia, dois pra ir dela até o poeta Jorge de Lima em Maceió, não se atura! E já me acostumei com o balango da nau. Não tem dúvida que apesar do mar de rosas, a nau sacoleja talqualmente a mão do barman, porém até já passou aquele semienjoo de alma que me fascinou tanto nos primeiros dias... Estou completamente a pé.

Dos companheiros não tiro nada. Nem mesmo da senhora piauiense, a segunda das duas apontadas outro dia. Estava cantarolando ontem de noite, aproveitei o assunto pra entabular conversaço com ela hoje de manhã... Laura Moura me recebeu com duas pedras na mão, se então eu imaginava que no Piauí nem tinha canções populares, que em toda a parte do mundo morre boi e não é só no Piauí que o meu boi morreu... Meu Deus,

160 Maurice Utrillo (Paris, 1883 – 1955). Destacando-se pela luminosidade, pintor cujas telas captam sobretudo o bairro onde nasceu e viveu, Montmartre.

161 Rasura a grafite no recorte: correção: "Amodalina" para "Amaralina".

162 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, em 29 de dezembro, 1928.



eu não caçoara nem perguntara nada disso não! só perguntara se ela podia me cantarolar alguma canção típica da terra dela... Sebo! Me calei. Felizmente que chegou o filhinho dela, um piá saci temível, que me chama de retratista por causa da codaque.

- Como é seu nome, heim?
- José Camargo Machado.
- Como é o nome de sua mãe?
- Laura Moura.
- Ôh que nome bonito... E o de seu pai?
- Coronel Antonino Camargo Machado.
- Fique quieto, José!

O filho de Laura Moura jamais não saberá porque não estava quieto no único momento de quietude que tivera a bordo...

Que monotonia... Mar de rosas... Que fadiga! como falará o mulato... Nenhum navio ao menos pra disfarçar a vista...

Nenhum tubarão, nenhum naufrágio, nem pelo menos um incêndio a bordo...  
Agora estou dormindo.

### **Maceió, 9 de dezembro**<sup>163</sup>.

No longe estão os trapiches compridos chamando, são apenas cinco horas e Maceió já está inteirinha acordada de Sol. O mar tem uma riqueza de verde, maior que Copacabana. E então quando vistos de terra os verdes seccionam-se retos com essa liberdade plástica da natureza que os pintores dela têm vergonha de imitar porque... não é natural.

Um nadador aproveita o domingo, vem lá da praia longe bordejar o navio. O corpo dele é um jacarandá claro movendo por debaixo d'água com a volúpia cinemática dum ralenti<sup>164</sup>. Como é bonita a raça humana!

Depois do ajuntamento dos trapiches impertinentes, chamando que mais chamando, Maceió se estende pra esquerda numa fila de casas praieiras. Uma procissão de casas que a velhice já tornou boas. No meio delas o mal chama a atenção, como sempre... É uma creio que Associação Comercial em grego, absolutamente intraduzível. Mais pra diante surge outra boniteza uma espécie de casa enfeitada, com ar de rica, onde mora naturalmente algum senhor, a família dele e um zimbório. É uma pena.

163 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 30 de dezembro, 1928.

164 O escritor empresta da mecânica termo para descrever os movimentos lentos do nadador.

Não tive tempo no passeio pra examinar a arquitetura da cidade. Me pareceu comum porém sincera. Distingue-se muito, no meio dela, pela graça discreta, a ausência de empetecamento e um corpo manso, bem equilibrado, a casa nova de Jorge de Lima, poeta da *Negra Fulô*<sup>165</sup>. *Negra Fulô*, Jorge de Lima, a casa dele, o amigo nosso Lins do Rego, ponche de maracujá, o sururu das alagoas, são tesouros de Maceió.

No fim da viagem inda passarei uns dias aqui, hei-de contar melhor como é Maceió por dentro. Hoje quase que não vi nada. Fui levado no embalo dos amigos, por praias, no gradeado dos coqueiros, por morretes colhendo sururu na aba das alagoas, por estradas de rodagem mansas, que não chamam atenção... Fui levado num ritmo dançado de lembranças, de conversas, de olhar feliz deslizando pela boniteza dominical daqueles lugares sem nome inda pra mim...

- Como se chama aqui?
- É Fernão Velho.

Tem feira de domingo em Fernão Velho. O pessoal se espraia na areia clara vendendo coisinhas mansas, cornimboques, cerâmicas recém-nascidas, frutas, e os guaiamuns do azul mais lindo que jamais não vi. Um azul sem céu, feito de vários azuis, azuis humanos, natureza-morta, aliás viva, pra desgracar o melhor colorista. Em de mais longe, pessoal que veio talvez da banda de lá da alagoa, desce dos cavaleiros de presepe, vai comprar. Maceió é terra de moça bonita. Passam algumas dum sabor popular que sai fogo, alargando o critério da feira até o amor.

E está chegando o tempo de festar. Junto de árvores negras de sol, com paus e barro estão esculpindo uma barcaça<sup>166</sup> de alto-mar. Aí dançarão cantado o fado eterno da Nau Catarineta, é a Chegança... - Sobe, sobe, meu gajeiro... E a caboclada brasileira há-de repisar mais uma feita sem consciência de heranças, brasileira como alagoana, aqueles portugas do fastígio que pra voltar das aventuras passava ano e mais ano buscando terra de Espanha, areias de Portugal...

Tudo isso enche meu peito que nem posso respirar.

165 O livro de Jorge de Lima, *Essa Negra Fulô* (Maceió: Trigueiros, 1928), traz esta dedicatória: Ao Mário de Andrade, ao/ querido Mário que ouvio de perto/ o "Coco do Major"./ Mário, você recebeu os meus/ "Poemas"? Que carta bonita você/ me escreveu. Me escreva mais, Mário!/ Olhe, eu gosto tanto de você! Mandei/ encadernar o *Clan*. Escrevi umas/ coisas sobre o *Clan*/ Seu mano Jorge./ 7.3.928./ Rua do Commercio 502/ Maceió.

166 Rasura a grafite no recorte: correção: "barraça" para "barcaça".

**Atlântico, 10 de dezembro, 4 horas<sup>167</sup>.**

Hoje com alguma probabilidade chegaremos a Recife e o mar se acaba. Isso me enquizila bem porque estou principiando a gostar frequentemente de Laura Moura. Ela afinal resolveu ser um bocado mais amável comigo e mesmo na janta de anteontem conversamos com fartura e se deu entre nós dois a semelhança de um prazer. Semelhança apenas porque depois do desentendimento eu inda estava muito paulista e ela pra se justificar da aspereza passada botara na fala a prudência das insensíveis. A conversação me lembro que correu principalmente sobre bananas. Afinal a amabilidade fez o resto e já no fim da comida tomei a liberdade de dizer bem nos olhos de Laura Moura o desejo sincero de ir comer bananas em Teresina. Ela ficou bem quietinha e não nos arrependemos.

Laura Moura afinal é uma dona regularmente vulgar e sou obrigado a reconhecer que se de primeiro a distingui dentre as cunhãs de bordo foi por uma simples questão topográfica. Ela senta a meu lado na mesa e estou com vontade de falar que senta a meus pés tanto a acarinho agora e ela é mirim junto a meu corpo grande. E além de sentar a meus pés, os vizinhos próximos de mesa tiveram a discrição de se conservarem enjoados pra nunca mais. Não vêm à mesa, que nem ela nos primeiros dias, e Laura Moura mais eu vogamos sozinhos numa jangada desoladamente insubmersível pelos mares.

Porém agora o mar se acaba, Laura Moura vai-se embora, eu sofro. Nada mais razoável do que esta precisão de esvaziar o desejo nalgum verso... Porque Laura Moura deixou de ser vulgar, é rápida, é admiravelmente central – coisa rara nestes tempos de ambição e ganância. E no rostinho piauiense as linhas todas convergem pra boca nova, tão vertiginosamente nova que é justo a gente se enganar tendo a impressão de que ensina pra ela... de novo a abertura do beijo. Laura Moura...

Quando as casas baixarem de preço<sup>168</sup>

Lá na cidade, Laura Moura,  
Uma delas será sua sem favor.

167 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 2 de janeiro, 1929.

168 Com o título "Melodia Moura" e datado de 1928, o poema é incluído com variantes na parte "A costela do Grã Cão" de *Poesias* (São Paulo: Martins, 1941) e em *Poesias completas*, edição póstuma pela Livraria Martins; São Paulo, 1955 (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos, por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, v. 1, p. 418-419).

Será num bairro bem central  
Pra que o nosso mistério engane mais.

Quando as casas baixarem de preço  
Você há-de ter a vossa, Laura Moura,  
Lá na cidade em que trabalho...  
Há-de ser bom, pousando o rosto em vosso colo,  
Prenda minha,<sup>169</sup>  
Me entediar como um dono,  
Mal escutando as mágoas de você.

Laura Moura viverá bem sossegada,  
Me servindo,  
Toda puxada pelo Piauí.  
Num longing quase bom,  
Comendo alimentos comprados  
Laura Moura falará de Teresina  
E das boiadas dos boiadeiros  
E da polvadeira seca do Piauí.

Quando as casas baixarem de preço,  
Laura Moura, prenda minha,  
Uma delas será sua sem favor.  
Lá fora a bulha vasta da cidade<sup>170</sup>  
Disfarçará nosso prazer.  
E a gente numa rede maranhense  
Ao som dum gramofone blue,<sup>171</sup>

169 Verso excluído na transposição do poema para "A costela do Grã Cão" (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Ed. cit., p. 418).

170 Na versão do poema publicada em livro, o verso é: "Lá fora a bulha da cidade".

171 Rasura a grafite no recorte/ exemplar de trabalho: substituição do verso: "Ao som dum jazz bem blue" por "Ao som dum gramofone blue". Em *Poesias e Poesias completas* o verso retorna à forma primitiva (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*, v. 1. Ed. cit., p. 419).



Balancearemos no calor da noite  
Sonhando com o sertão...

**Igaraçu, 11 de dezembro, de manhã<sup>172</sup>.**

A estrada de Recife pra Igaraçu é bem boa porque afinal das contas, com polvadeira São Paulo já me acostumou. Por sinal que passamos por um bairro chamado Paulista onde tem uma fábrica e gesticulação. Trilhos, um largo com gente e o coretinho preparado pro Pastoril.

Aliás a estrada vive bem, passa que passa automóvel, gente, caminhão e os cargueirinhos nos cavalos de meio metro. Na beira, as casinhas não param, mais novas, evolução do mocambo. Nos frontões delas sempre um instinto de agradar pinta rosetas, florões, quando senão quando um passarinho, variadas e iguais, boas da gente estudar com descanso. Algumas são bonitas.

Depois da boca do caminho levando pro engenho de Monjope, os habitantes rareiam, as casinhas inda mais, súbito a estrada balança, torna a subir e chega em Igaraçu, cidade morta.

A gente desemboca, num passado evocador e segue mais ou menos assustado por aquelas ladeiras, ruas tortas, praças ocasionais, nascidas duma fantasia de arruamento, bem de gente com vagar. Aliás é, não pra rir, mas irritante essa preocupação dos colonos, de construir as vilas em lugares acidentados facilitando defesa. Bahia, Olinda, Piratininga, tudo emboscado pelos derrame dos morros... Igaraçu também. As igrejas em degraus de planos formam conjuntos deliciosos de ver.

A matriz velhíssima de São Cosme e São Damião vale pouco, é pobrinha, a gente perde tempo nela quase que só por delicadeza. As imagens são antigas porém comuns.

A maravilha é mesmo o convento de São Francisco, principiando pela velha guardiã, mulata gasta e aprendida, falando que nem whisky com água de coco.

– O coro eu mostro, sim senhor, mas a igreja... O senhor sabe, não é? Lá tem santo, se quiser, tem de pagar. E pagar bem pago, pelo menos cinco mirréis!...

A voz dela canta como ladeira. Aceito os cinco mirréis, que ela propôs entre risos, pra enganar a timidez, porém decidida. E principia uma visita forte, sem história porque o vigário graças a Deus que anda em Itamaracá. Visita muda, quase trágica: uma felicidade

172 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 3 de janeiro, 1929.

de arte boa, arruada entre assombrações de gente antiga, as festas que houve aqui, música religiosa, pensamentos dispersivos...

O claustro é um carinho, a estante e os próprios móveis do coro, com o jacarandá pretejado, são coisas sem preço. Os azulejos da igreja contam em bom estado os milagres de São Francisco. Aliás tenho uma incapacidade vasta de observar o trabalho propriamente artístico no azulejo. O desenho, o caso que ele conta, careço de fazer esforço pra observá-lo. O que vejo é mesmo o valor decorativo da matéria: uma coisa refletidamente festiva, rica, sóbria, solene. A gente enxerga mas é o azulejo, o conjunto e isso é um encanto. Está claro que assim, decorando o baixo das paredes, se o azulejo não fosse historiado perdia noventa por cento do poder plástico, porém aqueles cavalos, gentes, castelos, paisagens, passam dum quadro pra outro, movimentam o conjunto numa procissão estourada de festa, golpes de sino, golpes de sino dentro da sensação. Azulejo pra mim é isso. Duma pra outra igreja não sei contar qual o artisticamente melhor.

Mas a principal riqueza deste convento são as pinturas, das melhores que conheço da Colônia. Aliás estou notando isso: já ontem na Ordem Terceira de São Francisco, em Recife, as pinturas me entusiasmaram. E agora me entusiasmam as de Igarauçu... Os pintores que andaram por aqui eram bem bons... Com exceção do Velasco e do Teófilo de Jesus, baianos, talvez os melhores da Colônia...

Saio do convento abatido de prazeres. A mulata sente remorso e diz pra gente dar quanto quiser, que estava brincando... Talvez uma esperança de mais que os cinco da combinação...

Mas fiquei neles por escrúpulo, imaginando nos futuros visitantes... Saio como brasileiro que pode falar pros manos que já visitou Igarauçu. Questão de esporte nacional honroso... Estou ganhando por um a zero.

**Recife, 12 de dezembro, 20 horas<sup>173</sup>.**

Vamos indo pela noite em busca da praia da Boa Vista, onde o coqueiro nasceu... O auto vai tungão, lerdo, auxiliando as vistas da noite. É zona de mocambo, e na água parada, encapuçada de mangue, as casinhas balançam feito luzes de canoas abicadas na praia. São luzes paradas da janelinha de frente, da porta de frente, luzes dum amarelento improvisado, que a água encomprida pra baixo, que nem fachos revirados. A imagem ficou

173 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 4 de janeiro, 1929.



ruim... Não são fochos não; é mais a água doente chupando tudo, chupando a vida da luz, chupando o sangue das gentes habitando aquilo, como quem se aboleta no socavão da morte... pra viver. É triste, bem triste...

Foi a atração da cidade, foi essa coisa infeliz, a festança aparente da cidade grande que fez aquilo... Recife, a praça linda do Nordeste abicada no entresseio do Capibaribe e Beberibe<sup>174</sup>, contavam tanta coisa dela!... Tinha cada igreja, Deus! era ouro só... Com santos tão bonitos, música tão cantadeira da gente chorar... As casas eram mais altas que morro de vertigem, com tanta moça na rua, se pegava nelas, íamos beber a monjopina pra depois dormir no amor. E os teatros, então!... Tudo fácil, médico, dinheiro, tudo fácil. Eles vieram então, de bem longe até, da zona do mato, os matutos, da zona do sertão, os sertanejos, vieram comboiando as famílias, chegaram. Dinheiro não é fácil na cidade grande não. Porém a cidade à vista, chamando com luz, com boniteza, aventura, torres, o diabo! Não puderam voltar mais pra querência. Foram se aboletando na barra da cidade, em casas que seriam pra dois meses e ficaram anos, de barro feio, cobertas com a própria folha caída dos coqueiros, brigando por causa do terreno, com o rebento verde-claro do mangue.

Hoje os mocambos são tão numerosos como os coqueiros. Alastram o tamanho da cidade grande, formando na barra dela um babado de barro e folhas secas. Babado crespo não tem dúvida, mas babado bem triste, sujo de lama, sujo de gente do mangue... É triste de se ver... Nem é pitoresco não, é triste...

Toda cidade grande possui gente que vive assim, chamada pela aventura, acostumada na desventura. Porém no Rio, na Pauliceia, se disfarçam morando nos cortiços invisíveis, nas casas de aparência clara... Recife é mais sincera, conta a tristura de tantos desiludidos, com uma força que me queima agora o prazer divino de rolar pela Boa Vista, na fresca do ventarrão.

#### **Great Western, 13 de dezembro<sup>175</sup>.**

Podem falar o que quiserem desta Great Western of Brasil (com s) Railway Company Limited, porém o certo é que ela anda no horário. Fiz hoje de Recife a Guarabira, viagem de 11 horas quentes, no princípio divertido, depois vendo sem pensar, depois interessado outra vez quando a fresca da tardinha me renovou.

174 Rios que cortam Recife.

175 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 5 de janeiro, 1929.

Parte-se na hora, já falei, e logo o trem cai nessa espécie de acampamento de cigano que são as zonas dos mocambos. E quando Recife se acaba principia uma terra neutra. Os próprios coqueiros afinal, rareados por aqui, não caracterizam a vista passando. Isolados assim eles perdem a fisionomia mais eficiente deles que é o alarme faceiro do conjunto. A paisagem chega a ficar paulista por completo. Quase... Matinhos episódicos como a virtude, trepando em morretes e coxilhas domésticas, algumas culturas pequenas de cana e macaxeira... Mesmo quando se esparrama o primeiro canal: é São Paulo, a gente inda fala. Porém a associação-de-ideias torna a paisagem incompatível com São Paulo no sufragante. Canaviais... Engenhos... A ideia do engenho apaga São Paulo duma vez. São Paulo também possui um ou outro engenho, como dois cochinchineses, porém tudo isso em nossa fisionomia é que nem um corte leve de gilete, não caracteriza nada.

E de fato a imagem alva dum engenho substitui a ideia do mesmo, e estamos no Nordeste. Poeira. Toneladas de poeira clara, menos feroz por isso que a da rodovia de Itu.

O trem para mais uma feita. As paradas são numerosíssimas, toda a viagem. Gente que sai, gente que entra, uma gritaria! Nordeste, em geral, não só fala cantando, como dá concerto. Estudo as conversas, sem interesse, com paciência, porque elas não falam nada. Pau d'Alho surge revertida à Colônia por causa das muitas igrejas. Na rua principal avança lento um boi puxando um carro de água. A ideia da seca encena a minha impressão, e<sup>176</sup> principio vendo tudo seco. De fato há muita pouca presença de água, as vistas passam desprovidas de gado, só canaviais amarelentos e, nem bem Timbaúba passa, algodoais, algodoais sem imponência. Se por aqui a seca não é forte, ela existe porém... Depois de Pilar, junto duma aguinha no fundo, descubro afinal uma ponta de gado. Minha alegria foi tamanha! Mas falta gado mesmo por aqui... Que poeira! Os passageiros, é raro nordestino sossegado, se movem, quase todos bancando fantasmas, com enormes guarda-pós, justificáveis e coloniais, com perdão do exagero.

Estamos pra chegar na baldeação de Entrocamento. Bordeja-se, e me alarma, a carcaça dum rio, em cujos ossos no fundo, junto do gole de água os verdinhos, cavalos, uma vaca se assanham feito urubu.

Me esqueci de contar que já estamos na Paraíba. O xiquexique frequenta abundantemente a janelinha<sup>177</sup> do vagão e aumenta a impressão de seca, arrogante,

176 Rasura a grafite no recorte: correção de "a" por "e".

177 Rasura a tinta preta no recorte: correção: "panelinha" por "janelinha".



brigando com ela. E os marmeleiros. Morros e morros eriçados de arvinhas desfolhadas, desganhadas, só ramos, ramos fininhos espetados, duma cor branca cinzada, quase branca... Caatinga!... Um dos maiores prazeres da fadiga rodoviária é mesmo esse estado associativo em que a gente fica.

A estrada piora visivelmente por causa da fadiga. Este trem de ferro é insuportável! Se tem azias de polvadeira. O habitante, é certo que na Paraíba ficou mais feioso. Os homens, é extraordinário, desde madrugada, todos sentados, encostados no galpão das casinhas de taipa: os homens agora são mais magros, sem aqueles muques bronzeados de pernambucano...

Agora estou em Guarabira, depois do banho, jantado, esperando Richard Dix, às vinte e 30 no *Caixeiro viajante*<sup>178</sup>.

#### Great Western, 14 de dezembro<sup>179</sup>.

A dormida em Guarabira traz o coração nas mãos. Às quatro horas inaugura a vida um canto passando. O trem torna a partir no horário e acorda a polvadeira do Universo. Franqueza: neste passo da estrada o pó é uma coisa realmente deslumbrante. Um passageiro se queixa alto pro empregado. E este:

– Ah... e quando chegar mais pra diante então, danou-se! Eu até já tenho uma olaria por dentro, é tijolo, telha, jarro!... Se poeira se exportasse, Nordeste não tinha crise não! era São Paulo!

Aliás o pitoresco, o bem-falante da conversa do nordestino geral, é extraordinário. Sem esforço, falam quase como os índios de José de Alencar. Com mais realismo, está claro. Gostam de apalpar o assunto com imagens quotidianas dum inesperado de susto, é admirável.

Itamataí... Duas Estradas... A frequência de urubu exagera a seca, afinal das contas não muito grande por aqui. Vacas isoladas, bezerros, até cabras, presas por uma cordinha nalgum toco do chão... Pra não partirem por esse mundo campeando água. Uma associação me comove, lembrando aquele boi mansinho duma estrofe de "coco"...

178 Richard Dix, nome artístico de Ernest Carlton Brimmer (Saint Paul, 1893 - Los Angeles, 1949), ator do cinema norte-americano. MA refere-se ao filme *O caixeiro itinerante* (*Sporting goods*) de 1928, com Richard Dix.

179 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 6 de janeiro, 1929.

Por trás da serra,  
ôh mana,  
Tem um boi morto,  
ôh mana,  
Quando era vivo,  
ôh mana,  
Comia sorto  
ôh mana!...

Perto de Caiçara o terreno se torna pedrento, grandes pedras. No meio delas o xiquexique brota gozado, homogêneo, artístico e nordestinamente açaçapado. Bromélias cor de morango e uma ramaria branquiçada, não sei se marmeleiro ou jurema, branquiçada, desfolhada, escorraçando o verde ilhado cada vez mais raro na paisagem infiel.

Pouco a pouco se tornou bem mais frequente a presença do gado. Já estou no Rio Grande do Norte, pertencente ao meu amigo Luís da Câmara Cascudo, e o prazer vai enfeitando o presepe. Bois acaracuzados, bonitos e reconhecíveis como letra de amigo. Também o habitante se embonita de novo, mais cor da terra. Os pançudinhos nus, espiando o trem de ferro. Na latada das casas minúsculas as mulheres, sempre de vermelho, florescem artificialmente.

Ali pelas 10 horas a vista reverdece com facilidade. Um ventão bate na gente, saído das moitas, mãos úmidas. O horizonte, que Pernambuco passado, se afastou do trem, toma um ar de reta, que, ajuntado às primeiras conversas sobre sal<sup>180</sup>, nos aproximam do mar.

Junto de Goianinha<sup>181</sup> os engenhos reaparecem. Por detrás da usina estão encordoando a bagaceira. Ar viril de vida por tudo. Só algum guia de cargueiro quando senão quando passa no passo da égua, encarapitado quase na anca do animal e me amulenga a sensação. Em Papari almoço cajus e cocos verdes. O horizonte de repente encurta bem pra direita e cai da banda de lá. Na barra dele o matinho ralo, certas feitas, desaparece numa careca de duna. São as praias, é o mar-de-punga ou-lê-lê-lê, é o verde mar de navegar!... E por hora e meia assim, ventada, despoeirada, o trem de ferro que vem de Pernambuco, vai fazendo "vuco, vuco" e entra em Natal. Pontualmente. Quatorze horas.

180 Rasura a tinta preta: substituição de "sol" por "sal", riscando a letra "o" e colocando "a" no lugar.

181 Rasura a tinta preta: correção, traço substituindo o "J" inicial por "G".



**Natal, 15 de dezembro, 22 horas**<sup>182</sup>.

Me deito depois deste primeiro dia de Natal. Estou que nem posso dormir de felicidade. Me estiro na cama e o vento vem, bate em mim cantando feito coqueiro. Por aqui chamam de "coqueiro" o cantador de "cocos". Não se trata de vegetal não, se trata do homem mais cantador desse mundo: nordestino.

O vento de Natal é mano dele. Moro no bairro alto do Tirol, ruas largas, abertas... A erudição me lembra as praças da primeira Florença renascente, destinadas aos "cantastorie", onde eles dedilhavam o alaúde, a trompa marinha cantando sem mais fim. Aqui também. O vento canta, os passarinhos, a gente do povo passando. O homem que leva e traz as vacas daqui perto, não trabalha sem aboiar... Aqui em casa também. Todos cantamos, cocos, embolados, sambas, dobrados, modinhas... A famanada "Praieira"... "A palmilhar estradas longas, de longe veio pra te ver", Natal...

No meu *Ensaio sobre a música brasileira* botei "A palmilhar longas estradas"... Porém *O trovador potiguar*, cuja existência só descobro agora, me corrige pra mais brasileiro a colocação do qualificativo. É: "estradas longas". Aliás já reparei que o meu livro, na parte segunda, está com um bom número de informações inexatas. Uma delas, que importa diretamente à Música, me desgostou bem. A moda gaúcha *Prenda minha* está completamente errada como ritmo, me afirmou alguém que a conhecia... grafei certo, como escutei, porém a pessoa que a cantou pra mim é que deformava o ritmo. Erro mesmo de importância grande só descobri esse e Deus queira! que não tenha mais nenhum.

Já afirmei que não sou folclorista. O folclore hoje é uma ciência, dizem... Me interessa pela ciência porém não tenho capacidade pra ser cientista. Minha intenção é fornecer documentação pra músico e não passar vinte anos escrevendo três volumes sobre a expressão fisionômica do lagarto...

Porém me sinto desgostoso... É triste a gente viver ao léu das informações, praciono da sua rua calçada, bonde lapa, escrevendo, trabalhando, querendo ser útil, dando por paus e por pedras e a vaidade. Nem posso neste momento realizar a sensação completa deste Natal gostoso que amo como a minha mão direita...<sup>183</sup>

182 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 8 de janeiro, 1929.

183 No recorte guardado por MA há uma chave a grafite com a indicação "antologia" e colchete a lápis vermelho destacando o seguinte trecho: "A moda gaúcha *Prenda minha*, [...] minha mão direita".

**Natal, 16 de dezembro**<sup>184</sup>.

Natal era o destino do meu descanso e estou descansando. Gosto de Natal demais. Com os seus 35 mil habitantes, é um encanto de cidadinha clara, moderna, cheia de ruas conhecidas encostadas na sombra de árvores formidáveis. De todas estas capitais do norte é a mais democraticamente capital, honesta, sem curiosidade excepcional nenhuma. Não possui um mercado que nem o Ver-o-peso de Belém, uma praia da Boa Vista como a do Recife, coisas extraordinárias. Não transportam a gente pra Colônia que nem as vielas, os becos, as igrejas de Recife, Igaracu<sup>185</sup>, São Salvador... Todas essas coisas são encantos, não tem dúvida, porém encantos um bocado egoísticos. Coisa pra viajante visitar e gostar, originalidades que tornam essas cidades exóticas até mesmo pra brasileiro.

Natal não é assim não. O pitoresco dela é um encanto honesto, uma delícia familiar pra nós, um ar de chakra que a torna tão brasileiroamente humana e cotidiana como nenhuma outra capital brasileira, das que conheço. Esse é o encanto psicológico de Natal. É capital, se sente que é capital o que firma bem a sensação de conforto praciono, tudo à mão, e ao mesmo tempo tem ar de chakra, um descanso frutescente, bolido de ventos incansáveis.

É bem construída. O Potengi de proporções largas, fluvialmente, verde sexuado, sem gigantismo nenhum, verde profundo, é duma boniteza crespa e tão mansa que a gente não percebe logo a simpatia incomparável dele. É, pra explicar bem: uma boniteza que a gente descobre... depois. Na beira dele nascem armazéns e casas humildes, sem aquela presença forte de tristura dos mocambos recifenses. Casinhas de proletários pobres, não tirando a gente do bem-estar. É possível se viver nelas.

Os vapores entram na boca do rio, depois de mostrar na esquerda o forte dos Reis Magos, marca chata de passado que o embarcadouro apaga logo. Natal conservou isso das cidadinhas de beira-mar, Areia Branca, Cabedelo etc.: mal a barca traz a gente de bordo pra escadinha do cais, sobe-se a escadinha e se está em plena *city*. O centro é ali, Hotel Internacional, restaurantes, barbearias, redações, bancos, casas de comércio, telégrafo. É tudo ali mesmo, na rua que a escadinha abriu no meio do arvoredor, com todos os bondes e ônibus da cidade passando.

É bom não andar muito a pé, logo principiam ladeiras preguiçosas, mansas e compridas, as ruas se alargam, avenidas magníficas cheias de ar, nenhuma nota de novo-

184 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 9 de janeiro, 1929.

185 Em seu exemplar de trabalho, MA corrige a palavra impressa "Iguassu", acrescentando a sílaba medial "ra": Iguarassu". Grafia atualizada segundo a norma vigente: "Igaracu".



rico. As casas têm aquela humanidade feliz de certos bairros burgueses de São Paulo, não chamam a atenção. Os largos são cheios de folhagem. A praça Padre João Maria, com o busto do bom no centro, é uma ventura de quase pátio, um dos melhores encantos de Natal. Noutra praça vasta senta a Escola Doméstica, orgulho do ensino profissional norte-rio-grandense. Vem o Palácio do Governo, familiar, aberto, casa excelente. A Prefeitura, um bocado pretensiosa se enfeita acolá. Os espaços vão se tornando cada vez mais largos. No bairro alto de Petrópolis a avenida Atlântica se acaba no dó de peito dum belveder e mostra, lá embaixo, Areia Preta, uma das praias mais encantadoras que conheço. E, se o rumo foi outro, chegamos no Tirol, altura onde moro hospedado pela ventania. Eh! ventos, ventos de Natal, me atravessando como se eu fosse um véu. Sou véu. Não atravanco a paisagem, não tenho obrigação de ver coisas exóticas... Estou vivendo a vida de meu país...

**Natal, 17 de dezembro, 21 horas<sup>186</sup>.**

Eis um caso brasileiro sucedido com norte-rio-grandense.

No município de Penha, suponhamos que Antônio de Oliveira Bretas era senhor de engenho, homem já de seus trinta e cinco anos, casado com dona Clotildes, homem atarracado, falando alto. Dona Clotildes chamava ele "seu Antônio". A mana dela também morava na fazenda que não era grande não, produção curta mas de aguardente famosa no bairro.

Na véspera de Ano-Bom, dançavam um Pastoril muito preparado na vila da Boa Vista, ficada a umas três léguas do engenho e dona Clotildes quis ver. Estava no quarto costurando um laço de vestido, chamou a negrinha:

– Vá dizer pra seu Antônio que eu quero que ele me leve na Boa Vista, ver o Pastoril.

A negrinha foi.

– Fale pra dona Clotildes que não quero ir na Boa Vista hoje.

A negrinha foi e voltou falando que dona Clotildes mandava dizer que queria mesmo ir ver o Pastoril. O senhor de engenho embrabeceu.

– Pois se ela quiser ir que vá sozinha! Não levo ninguém não!

186 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 10 janeiro de 1929. Recorte/ exemplar de trabalho do texto anulado por um X a lápis vermelho e portador da nota de MA a grafite: "1929", transferido para o dossiê dos manuscritos de *Os filhos de Candinha*, com o propósito de figurar, com variantes, sob o título "Tempos de dantes", em *Os filhos da Candinha* (Ed. cit., p. 169-171).

Dona Clotildes teve raiva.

– Clotildes! ôh Clotildes!...

Que Clotildes nada! O vestido caseiro estava atirado na cama. O sapato caseiro junto da cama. Dona Clotildes tinha partido com a mana.

Dia 3 de janeiro, um vizinho portou no engenho, chamou Antônio de Oliveira Bretas e deu o recado.

Dona Clotildes mandava pedir pra ele ir buscá-la, passado Reis.

– Foi sozinha! Pois que venha sozinha! Não vou buscar ninguém não!

E não foi mesmo. Dona Clotildes decerto achou desaforo aquilo e ficou esperando na vila. E um mês passou.

E agora? O senhor de engenho careceu de ir na vila por amor duns negócios. Ir lá?... Parecia por causa da mulher... Mandou um amigo. Dona Clotildes soube, se moeu de raiva, agora é que não voltava sem seu Antônio ir buscá-la!

Dois meses passaram, três... Passou um ano, passaram dois anos, rapazes!... No engenho, seu Antônio vivia sozinho, não mostrava tristeza, mandava limpar o quarto de casados, sem que mudassem nada do lugar. O sapato direito, um pouco mais pra lá, com a ponta beijando a mancha do assoalho. O vestido caseiro de dona Clotildes dormia de atravessado na cama os dias inativos daqueles anos. Quantos passaram? Parece incrível mas é absolutamente verdadeiro: passaram nove anos.

Numa noite de Luna dona Clotildes voltou. Era ali pelas 20 horas, Antônio de Oliveira Bretas fumava na sala de entrada, conversando com um amigo, portado no engenho pra comprar aguardente. Este chegou na porta da casa, de repente se calou, aprumou a vista:

– Compadre!

– Eu<sup>187</sup>.

– Homem, parece que é dona Clotildes que vem lá na estrada!

– Hum.

Era dona Clotildes com a mana dela. Apeou do cavalo e chegou na porta.

– Dá licença, seu Antônio!...

– A senhora não carece de pedir licença nesta casa.

Não houve uma explicação, uma recriminação, nada. Dona Clotildes entrou meia ressabiada. Foi até o quarto. O vestido caseiro dela, aquele, meu Deus! Fazia nove anos,

187 No recorte guardado por MA, rasura a grafite: substituição "Que foi." por "Eu."



estava até jogado com raiva de atravessado na cama. Os sapatos, mesma coisa, no chão, sem alinhamento. Quarto o mesmo. Ar, o mesmo. E nove anos passados.

Dona Clotildes trocou de roupa, era momento de comer, mandou agora a moça-feita da negrinha botar tudo na mesa. Cearam. Trocaram as palavras quotidianas, quer isto? quer aquilo? quero, não quero não, dormiram, se levantaram etc.

**Natal, 18 de dezembro, 21 horas<sup>188</sup>.**

Rocas é um bairro antigo da cidade. Quando a gente desemboca no lugar chamado Coqueiros a iluminação acaba, o pé assustado principia andando vagarento na areia mole e um farrancho de coqueiros na esquerda assombra a claridade ambiente produzida por todas as estrelinhas do universo.

Se estivéssemos em 1906 por exemplo, passar por ali é que não passávamos. Por debaixo desses coqueiros havia naquele tempo um dilúvio de casinhas de palha, valhacouto dos facinorosos de Natal. Quem se aventurava por ali, 19 horas passadas, saindo vivo, saía pelo menos sem uma orelha, ficada nas mãos de Dois de Paus, de Cancão de Fogo e outros salteadores pracionos que a tradição exasperou no medo. Coqueiros era, em plena cidade de Natal, uma espécie de ninho de cangaceiro que nem os socavões de Riacho do Navio, faz pouco, em Pernambuco.

Mas agora a gente caminha descansado por ali, na direção do Areal. Alguém cruzando com a gente, é indivíduo humilde, bem manso, dos nossos. Saúda sempre:

– Boa...

A gente secunda:

– Boa-noite.

Pouco adiante a areia empina numa duna secular, já fixa. É o Areal chamado, um morro cheio de casas proletárias alinhadas numa rua bem larga rodando no vento. Por ali moram embarcadiços, catraieiros, operários das docas. Duma ou doutra casa o candeeiro vem na porta ver a gente passar. A rua está viva. Sons de pandeiro, pessoal se chamando, um tambor mais pra longe e na porta da venda um ajuntamento.

Vão ensaiar a Chegança pra Natal. Gente boa. Se entusiasma com a nossa curiosidade. – “Ninguém mais não entra não! só os moços!” Vão buscar cadeiras pra nós e na saleta cimentada que o candeeiro ventado alumeia de sombras, cantam, dançam, representam duas horas, sem parada.

188 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado “Mário de Andrade” na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 11 de janeiro, 1929.

E fico maravilhado. Está claro que não se trata duma obra de arte perfeita como técnica, porém desde muito já que percebi o ridículo e a vacuidade da perfeição. Postas em foco inda mais, pela monotonia e vulgaridade do conjunto, surgem coisas dum valor sublime que me comovem até a exaltação.

Todas essas danças-dramáticas, inda permanecidas tão vivas na parte Norte e Nordeste do país, andam muito misturadas, umas trazem elementos de outras, influências novas penetram nelas; junto duma lição camoniana brota um brasileirismo danado, contando fatos de agora, tão impossíveis que a Turquia chega a conhecer a força do "braço brasileiro" na presença do imperador Guilherme II. Esta Chegança afinal descreve os fatos quotidianos da *Nau Fragata*, navio de guerra. O episódio principal é ainda a luta da maruja cristã dela com os turcos. Isso entremeadado de episódios diários, baldeação de bordo, uma revolta, contrabando de dois guarda-marinhas, trabalhos do médico e do capelão. A luta entre cristãos e mouros é simplesmente prodigiosa. Dança dura. Os dois dançarinos da nossa frente são formidáveis como ritmo, as espadas se chocam de com força, até quando as meninas é que combatem; o rei mouro, uma figura de opereta formidavelmente cômica, vai mimando a fraqueza gradativa com expressão forte. E a dança violenta segue mais de trinta minutos, saltada, cantada aos berros, numa resistência de nordestino, sem que ninguém não arreie. E a Chegança inda continua depois quase uma hora! Alguns dos cantos são lindos. Surgem quadras tão puras, dum sentimento ingênuo digno de alemão... Meu prazer está compacto como o vento... Os paulistas não conhecem nada disso... Vado a pranzare con Ruth... Wie get's ihnen... Merci...<sup>189</sup>

**Natal, 19 de dezembro, 19 horas<sup>190</sup>.**

Jorge Fernandes apeia do auto e fica entre nós. Abraço-o. Jorge Fernandes ri meio desapontado. É simples que nem a seca. A princípio parece árido, monótono mas que nem a seca mesmo, vai pouco a pouco mostrando aspectos interessantes, conta casos, curiosidades desta zona tão cheia de coisas maravilhosas.

189 Mário retoma o cosmopolitismo irônico com que fecha o poema "Tietê", em seu livro modernista de 1922, *Pauliceia desvairada*:

– Io! Mai!... (mais dez braçadas.

Quina Migone. Hat Stores. Meia de seda.)

Vado a pranzare con la Ruth.

(V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Ed. cit., p. 85).

190 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 12 de janeiro, 1929.



Jorge Fernandes já é homem feito e vivido. Fala grave, ri discreto com uma experiência contadeira do Nordeste. Viveu tudo isto por aqui e viveu de verdade, ficou tudo impresso na carne dele que é memória mais viva e menos literária.

O admirável *Livro de poemas*<sup>191</sup> que publicou no ano passado é isso: uma memória guardada nos músculos, nos nervos, no estômago, nos olhos, das coisas que viveu. O livro pode ser um bocado irregular pelos tiques de poética antiga inda sobrados nele, porém possui coisas esplêndidas, das mais nítidas, das mais humanamente brasileiras da poesia contemporânea. São os poemas, como falei, em que a memória do corpo abandonou a memória literalista da inteligência. Então Jorge Fernandes apresenta coisas puras, fortes, apenas a vida essencial, coincidindo com o lirismo popular que nem neste:

#### MANUEL SIMPLÍCIO

Manuel Simplício é como todos:

Brando no olhar e no sorrir...

No trote do alazão tardio e manso...

Olhar miúdo investigando as serras...

Gestos lentos indicando tudo...

Voz pausada retumbante... forte...

Mão pesada de sincero aperto...

Manuel Simplício é como todos eles:

Alma de imburana: – pau de abelha...

Fúria de juazeiro: – pau de espinho...

Mesmo sob o ponto de vista técnico um poeminha desses é comovente. Se percebe pela naturalidade da concepção e da dicção a ausência de literatice. Se tem a impressão do nascimento da Poesia. As fórmulas técnicas surgem, aqui fatais e necessárias, que nem nos dois versos finais – fórmulas de que depois os poetas literários haviam de abusar.

Quando Jorge Fernandes está livre assim, a Poesia nasce pra ele. E com uma força vivida, com a esquematização essencial da memória física. É excelente.

191 O *Livro de poemas*, publicado em 1927 por Jorge Fernandes, na Tipografia d'A Imprensa, Natal, está na biblioteca de MA.

Ultimamente no alto sertão do Rio Grande do Norte, e muito no Ceará também, a emigração pra São Paulo está grassando. Centenas de homens, do dia pra noite, resolvem partir. Partem, sem se despedir, sem contar pra ninguém, partem buscando o eldorado falso que nenhum deles sabe o que é... Vão-se embora, rumando pra sul... Isso Jorge Fernandes está vivendo agora. E isso floresce em poemas de dor, que nem esta marchada.

### CANÇÃO DA SECA

Entrou janeiro e o verão danoso  
Sempre aflitivo pelo sertão...  
As cacimbas secas nem merejavam...  
E o moço triste disperançado  
Fez uma trouxa de seus trens...  
De madrugada – sem despedida –  
Foi pra cidade...

Foi pra S. Paulo... pras bandas do sul...

E a moça dele  
Se amorrinou  
Ficou biqueira  
Virou espeto  
– Ela que era um mulherão...

Até que um dia já derrubada  
De madrugada  
Foi pra S. Paulo... foi pra um S. Paulo que ninguém sabe não...

Jorge Fernandes realiza coisas dessa força – e... "ninguém sabe não"...

O livro dele foi pouco lido... Quase nenhum crítico não falou nele. Então Jorge Fernandes se ri meio desapontado, me abraça, desce pra city, vai lidar com as cifras verdadeiras duma fábrica de cigarros.



**Natal, 20 de dezembro, 22 horas**<sup>192</sup>.

Desde que os meus amigos nordestinos aí em São Paulo cantaram "cocos" pra eu escutar, faziam tanta letra com a entoação! fiquei ansiando por ouvir um "coqueiro" de verdade. Agora o coqueiro José canta pra mim.

Este outro José, "homem do povo" que entra nestas sensações, é nordestino puro. Baixote, cabeça achatada, ele todinho tão achatado que tem todas as linhas do corpo, horizontais. As caatingas são tão planas, e no geral tão planas as terras de cá, que, parece fenômeno de mimetismo, as linhas físicas do ser humano se organizam por aqui todas no sentido do horizontal...

José também. De primeiro ficou meio encabulado, acabou dizendo que ia até na casa dele perto, já vinha. Foi mas é buscar um companheiro. E está tirando cocos.

Que voz!... Não é boa não, é ruim. Mas é curiosíssima e a do companheiro dele é inda mais. Em que tonalidade estão cantando? Às vezes é absolutamente impossível a gente saber. Um dos fenômenos mais interrogativos da humanidade é justamente a fixação dos sons da escala cromática. A humanidade toda fixou doze sons principais e que são sempre os mesmos no mundo inteiro. Entre o dó e o dó sustenido podem existir centenas de sons diferentes. O curioso é que chins, gregos e troianos, todas as nacionalidades empreguem o mesmo número de vibrações e possuam o mesmo dó e o mesmo dó sustenido.

Ora, está me parecendo que os coqueiros nordestinos usam também entoar com número de vibrações que afastam o som emitido dos doze sons da escala geral. O quarto de tom de que a música erudita não se utilizou na civilização europeia, esse estou mesmo convencido que os nordestinos dão. Já topei com ele três feitas nesta viagem, entoado pela preta Maria Joana, cantadeira famanada de Olinda, e por um catimbozeiro natalense. Mas pra decidir mesmo do caso de que trato carecia de aparelhos especiais que não tenho aqui.

Não é cantar desafinado não. Cantam positivamente "fora de tom" e este fora de tom está sistematizado neles e é de todos. Se fixo uma tonalidade aproximada no piano e incito os meus dois coqueiros, cantando com eles, se... amansam, caem no ré bemol maior, por exemplo. Se paro de cantar, voltam gradativamente pro "fora de tom" em que estavam antes. E é um encanto.

José tira o *Redondo, Sinhá*... Dentro da monotonia dos mesmos motivos melódicos, que variedade! Fico pasmo.

192 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 15 de janeiro, 1929.

– Ai, redondo, sinhá!...  
– Êta lá, minha minina.  
Só fala quando eu mandá!  
Quero que você mi diga:  
– Ai, redondo, sinhá!..

A voz dele, cortada pelo refrão coral do outro cantador, "Ai, redondo, sinhá!": a voz do coqueiro vai subindo, vai subindo entre tiradas rítmicas batidas, às vezes uma letra deliciosa vem pra baixo, se torna grave, sobe, desce...

– Ai, redondo, sinhá!...  
– Ôh pueta novo,  
Dêxa dessa subergia!  
Cruzêra! Santa Maria!  
Mãi de Deus do Paraná!  
– Ai, redondo, sinhá!...

**Natal, 21 de dezembro, 16 horas<sup>193</sup>.**

Como, ou se quiserem, chupo cajus. Devoro dunas e dunas de cajus. Outras feitas são tabuleiros que venço, tabuleiros de talhadas de abacaxis, vindos do município de Penha, e tão sublimes como os pernambucanos.

As mangas não achei melhores que as paulistas não. A única diferença é que são mais uniformes na gostosura, sempre boas e maduram não enfeitando. Principalmente as mangas-rosas, a fruta mais bonita deste mundo. Depois de comer duas pela manhã, um pedaço do queijo manteiga assado e a xícara de café mais uma fatia de pão embebido em leite de coco, o dia começa tão satisfeito que nem um pitiguari cantando. É a hora em que esqueço as saudades do sul, vindas com o vagar da noite. Depois, está claro: é o dia, tempo não dá pra que o sul da minha personalidade se impregne de tristura. Desaparece. Isto é, desaparece não: fica na frente do viajante, trampolim pros saltos e fraturas da surpresa.

Mas agora de tardinha o caju se prefere por si mesmo. Não só de tarde aliás... Até a hora clássica do caju é no banho do rio onde a nódoa não é possível. Porém o que me parece imprescindível mesmo é o golpe de caninha para rebater. Rebate e diviniza

193 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 16 de janeiro, 1929.



o... passado caju, classificando-o, dando, me desculpem, uma concepção marxista da história do caju. Porque a alimentação caju é conceitualmente um processo de Economia. Fisicamente é um comércio, oferta e procura, compra, venda. O caju é doce, é alimentício, medicinal e possui o gosto caju, coisa indescritível e unicamente compreendida por quem conhece o caju de vias de fato. E é justamente na sensação de vias de fato do caju que está a conceitualidade marxista dele. Abacaxi, manga, abricô, pinha, maracujá, sapota, grumixama etc., no geral todas as frutas são muito dadas. Se entregam por demais. Caju não. O prazer singular dele está na espécie de interfagia, me desculpem, de entrecomilança, específico do gosto dele. Ele morde a boca da gente, vai nos devorando por dentro, diminui a suficiência individualista do ser. Se dá uma verdadeira troca de posses pessoais. O caju é bom, não tem dúvida mas a bondade dele porém não é caridosa não: exige pelo que oferece não apenas um "muito obrigado" não, é a caridade comercial: compre o chapéu e pague. E até a inhapa, a gorjeta, a gente é que dá pro caju: nódoa de caju.

E ainda, insistindo na conceitualidade marxista do caju, está claro que as tendências do meu tempo me levam a desimportar-me cada vez mais com a inutilidade individual. Mesmo depois de comprado o chapéu, franqueza: a consciência da posse dele a meu ver não passa duma autossugestão. Destruí-lo, por exemplo, seria um ato setecentista, monárquico e até republicano, isto é, inaceitável. Do mesmo jeito me parece medonho matutar que alguém seja capaz de chupar um caju, imaginando que está recebendo sem pagar. Isso era uma espécie de autoantropofagia que repugna a minha sensibilidade, exacerbada e fortalecida pelos feitos gloriosos do nosso tempo.

Pois o golpe de aguardente é o selo que sossega, evitando exigências futuras, as transações entre o caju e o ser humano.

**Natal, 22 de dezembro**<sup>194</sup>.

Agora vou fazendo algumas comunicações sobre a feitiçaria daqui. Estes meus dias estão vendo pouca novidade e tenho trabucado bastante, colhendo melodias, versos e outras manifestações de arte popular, assim eles passam. Vim pro Nordeste não foi só passear não<sup>195</sup>. Vivo numa sala com meus homens.

194 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 19 de fevereiro, 1929. Recorte/ exemplar de trabalho do texto deslocado por MA para o manuscrito *Música de feitiçaria no Brasil* (V. nota 119).

195 Correção do trecho empastelado no jornal: "Estes meus dias estão vendo pouca novidade

A feitiçaria brasileira não é uniforme não. Até o nome das manifestações dela muda bem dum lugar pra outro. Do Rio de Janeiro pra Bahia impera a designação "macumba". As sessões são chamadas de macumbas e os feiticeiros e demais assistentes, às vezes, são os "macumbeiros". Os feiticeiros, "pais de terreiro", realizam as macumbas e invocam os santos etc.

Já no norte as sessões são "pajelaças" e é frequentíssima a palavra "pajé" designando o pai de terreiro, assim como o santo invocado.

Se vê logo as zonas onde atuaram as influências dominantes dos africanos e ameríndios. Do Rio até a Bahia, negros; no norte os ameríndios. Os deuses, os santos das macumbas são todos quase de proveniência africana. No Pará quase todos saídos da religiosidade ameríndia.

O Nordeste, de Pernambuco ao Rio Grande do Norte pelo menos, é a zona em que essas influências raciais se misturam. Palavras, deuses, práticas se trançam. Em Pernambuco ainda a negra é fortíssima. Aqui no Rio Grande do Norte quase nula.

A feitiçaria, o feitiço, o feiticeiro, as sessões aceitam o designativo genérico de "catimbó". Também o chefe das sessões ou "mestre" é chamado de "catimbozeiro". Em Pernambuco os deuses africanos aparecem: Xangô, Oxóssi, Exu etc. Aqui no Rio Grande do Norte eram totalmente ignorados pelo menos por dois catimbozeiros que consultei. E ambos eram "mestres" sarados no assunto, absolutamente concordantes nas informações. A reminiscência africana na catimbozeira destes era pobríssima, se resumindo ao culto de poucos feiticeiros negros já "desmaterializados". "Desmaterializar", está claro, é morrer. Cultuam, por exemplo, o mestre Pai Joaquim, negro velho "da Índia", que aparece nos catimbós sempre dançando. É um mestre muito alegre, feiticeiro danado, gostando de fazer o que não presta. Trabalha com uma agulha enfeitiçada nos olhos do morcego. Pai Joaquim é autor da famosa *Oração da Cabra Preta*, que meus dois catimbozeiros se recusaram absolutamente a me dar. Espero no tempo e no... "boró"<sup>196</sup> (dinheiro) que a conseguirei. Nos catimbós norte-rio-grandenses, dinheiro é sempre chamado de "boró", delicadeza que encobre religiosamente as ganâncias.

Outro santo, africano também, é Mestre Malunguinho, malévolo, porém muito útil pros mestres de sessão pois quando desce gosta muito de beber. A bebida usual nos catimbós

e tenho trabucado bastante, colhendo melodias, versos e outras assim eles passam. Vim pro Nordeste não foi só passear não manifestações de arte popular."

196 Rasura a tinta preta: correção de "bordó" para "boró".



do norte é o "cauim" porém como não existe por aqui, é substituído pela aguardente. Malunguinho é tão cuera que chega a tomar mais duma garrafa de aguardente. E então fica que fica feiticairíssimo. Trabalha arrastando a cabeça no chão e só pratica o mal. Serviço dele outro espírito não desmancha não. Manda enterrar sapos-cururus na porta de quem a gente quer desgraçar e outras coisas temíveis. Espírito atrasado, vive nos mundos inferiores e no geral não é invocado.

### **Natal, 23 de dezembro**<sup>197</sup>.

Quando a gente chega em Natal, vindo do mar, a atenção faz esquerda-volver. Se penetra a boca do rio Potenji historiada pelo forte dos Reis Magos e logo à esquerda Natal se abana ao vento. Na direita a vista é monótona, mangues, a careca das dunas e um ajuntamento de coqueiros.

Oculto nessa monotonia da banda do mar fica a Redinha, praia de verão, bairro em que ninguém sonha pela preguiça do pensamento atravessar o rio com este sol.

A Redinha é protegida por Nossa Senhora dos Navegantes que sai hoje em procissão no Potenji. São dezessete horas. O sol desobediente brinca com fogo nas janelas praiieras da cidade. E em Natal os cais são curtos, caudas de rua entre os quarteirões de beira-rio. Todos estão cheinhos de gente esperando a procissão passar. Nas bandas da Redinha as velas florescem batidas de sol, muito brancas. São os pescadores que querem acompanhar Nossa Senhora. Os navios ancorados no porto, dois estão embandeirados. Um hidroavião faz peraltices enquanto espera pra sacudir um bocado de flores sobre a mãe do Mar. É pouco olhado. Natalense não se amola mais com aeroplano. Ontem na representação do "Boi balemba" do bairro areiento do Alecrim, quando o mestre do "Bumba" mandou Berico buscar Mateus pra casar os Galantes e as Damas, o padre de mentira respondeu que não carecia de "aeroplano" pra ir no casório, era perto, ia a pé mesmo. Não causou sensação e a noite cai.

Na cinza do rio surge uma pirâmide de luzes, que assim na lonjura é uma grande luz só. É o andor da Senhora subindo o rio. Do lado e atrás do rebocador que o conduz vêm duas filas de lanchas. A escuriza comeu as velas dos pescadores.

– Chapéu! péu!... péu!

Aqui inda obrigam a gente a tirar o chapéu à passagem de santo. O vento quando senão quando canta uns compassos de dobrado. Intermitentemente o rebocador apita com

197 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 19 de janeiro, 1929.

pigarro, trazendo sensações de perigo no mar. Os fogos de bengala abrem-se fecham-se baleando a noite caída. Um rojão estrala perto. Uma ou outra luz se agarra passando nas velas dos pescadores e um triângulo mortiço chapeia o negrume frouxo do ar. Só mesmo o andor da santa relumeia sem parada nordeando as rezas e a visão.

### Natal, noite de Natal<sup>198</sup>.

A população se deslocou pras alturas do Tirol e da Solidão, bairros vizinhos. Os bondes, os autos, as "dondocas" (ônibus) vêm cheios. Gente de branco, gente de encarnado, de azul, moças bonitas, soldadinhos, no geral gente chata, de pele bronzeada, cabelo liso acastanhado, boas dentaduras se rindo, pouca mulataria.

A capela de Santa Teresinha inda não possui telhas e aproveitaram a noite de Jesus pra uma quermesse branda. As luzes iluminam pouco, no geral a iluminação da cidade é maleiteira, e entre claros e sombras a festa dá uma sensação rajada muito nacional, alegre e triste. Junto das barracas do América e do A. B. C., clubes de futebol, a rapaziada faz um sarceiro gostoso, cantando cocos...

Ôh mulé, sai do sereno,  
Que essa frieza faiz mal...

Quando senão quando a Lua macota dribla as nuvens e vem maneira se confundir com os chapéus de palha passeando. Guardado da rua, no "sítio" (chacra) do coronel Cascudo, as meninas bailam no Pastoril. São umas deliciosas de cunhatãs, desacompanhadas a piano e violino, com tanta graça, tanta desenvoltura no gesto que o futuro da pátria aqui está. A maior não terá doze anos porém dançam com um ar de "frevo", num mexido sensual tão inconsciente como a fatalidade. Umas defendem o cordão encarnado. Outras o azul. No meio a Diana, caçadora sem nenhuma Grécia, celebra com gostosura o nascimento de Jesus, menina linda, graça esplêndida, estrelinha nos cabelos, pandeiro prateado na mão. Não tem dúvida que o espetáculo é um bocado "bibliothèque rose", porém agrada os meus passeios.

198 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 21 de janeiro, 1929; exhibe nota de MA a grafite no canto superior esquerdo: "25".



Me afasto um bocado e já estou na Solidão. Dou de cara com a Chegança dançando na porta dum... importante, decerto... O cordão está alinhadíssimo, a moraima de encarnado, os cristãos, vestidos de marujos numa brancura polida relumeando. Gente pobríssima que gastou o que tinha pra aparecer assim. O capitão "mar de guerra" é um embarcadiço já vivido, respeitável.

Ninguém viu o que eu vi hoje  
No peito de Mar-de-guerra:  
Duas rolinhas cantando  
Assim que avistaram a terra...

Ninguém viu o que eu vi hoje  
Num galho dum alecrim:  
Duas rolinhas cantando:  
Viva o Senhor do Bomfim!

A dança é longa demais. Um esforço muscular que dura três, quatro horas. Me retiro tonto de comoção quando o coro conta que quem venceu definitivamente os mouros foi o duque de Caxias. São 24 horas quase... Vozes de coco mais pra longe... Uma banda militar na quermesse entremeia de quadrinhas o maxixe tocado... Canto, canto e mais canto... O que não posso explicar é ter sonhado que dirigia um automóvel esta noite. O sonho, que eu saiba, não abusa assim das antíteses.

**Natal, 25 de dezembro, 11 horas<sup>199</sup>.**

Degringolando das alturas de Petrópolis, numa baratinha azul, Cristóvam Dantas mais eu viemos tomar banho em Areia Preta. É a melhor praia de banhos de Natal e deliciosa. Muito alva, arrepiada de arrecifes picotados, em que o mar se engancha pra fundear, completamente matinal. As casinhas são simples, bem humanas, sem aquele ar enxerido e almofadinha da Copacabana por exemplo. Paredes lisas, terraço com maqueiras, telhado de aba larga dragando o vento das areias.

199 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 22 de janeiro, 1929; mostra nota de MA a grafite: "22-I".

Conversei muito com dona Branca e isso me deixa feliz. Dona Branca é paulista e creio mesmo que minha parenta longe, pois nasceu em Toledo Piza. É dona de prestígio na sociedade natalense e fala com essa nossa calma que os nordestinos, mais inquietos, acham que é cantiga.

Dona Branca honra bem São Paulo aqui, com o seu jeito raçado de mover-se e conversar. E, que nem eu, se esquece de que é paulista. Aliás, os brasileiros no geral dão ao paulista uma personalidade tão definida que, apesar de injusta, nos glorifica inda mais porque faz dos paulistas a única gente bem característica, bem inconfundível do Brasil. Infelizmente não temos tamanha caracterização. Nosso orgulho, nossa independência e altivez, nosso sentimento organizado de pátria... estadual, nosso desprezo pelo alheio, dedicação ao trabalho, conceito fechado de família, secura de trato etc. etc., tudo isso é falso. Uma das experiências comicamente dolorosas de minha vida é perguntar a quem me fala no bairrismo orgulhento dos paulistas:

– E o senhor donde que é?

O indivíduo se enfuna todo pra dizer, por exemplo:

– Ah! eu sou sergipano!

Fico meio circuncisfláutico com esses bairrismos, palavra. Não compreendo nem os pernambucanos, nem os paulistas nem ninguém que seja assim. Aliás, não compreendo nem mesmo os patriotas, já se sabe disso. Tristão de Athayde outro dia falava que apesar de eu ter chegado a uma certa expressão da entidade nacional, tinha uma singular incompreensão política do Brasil. Acho que errou. Já tive compreensão política de pátria mas a ultrapassei. Graças a Deus. Pátria pra mim é que nem as classes sociais: uma camisa de força que muitos vestem por... digamos que por prazer.

Gostei muito de conhecer dona Branca. Não me repõe em São Paulo apesar de tão paulista no jeito, na altura e na fala, porque não sei ter saudades do sul. Eu aqui estou bem. Da mesma forma que se estivesse entre os gaúchos. E pouco falamos de São Paulo. Estamos conversando sobre o Amazonas e o sertão.

**Natal, 26 de dezembro<sup>200</sup>.**

Mostrei outro dia como eram perceptíveis bem as influências de religiosidade africana e ameríndia nas zonas diferentes da feitiçaria brasileira.

Era muito curioso estudar as maneiras com que a religião católica se misturou

200 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 23 de janeiro, 1929. Recorte/ exemplar de trabalho do texto deslocado por MA para o manuscrito *Música de feitiçaria no Brasil* (V. nota 119).



a essas manifestações. E eu não posso porque não sei bem do assunto. Principalmente a feitiçaria nortista, Pará, Amazonas, inda é muito ignorada.

A feitiçaria brasileira anda completamente impregnada de catolicismo pelo menos do Rio até aqui. Nas macumbas os santos católicos chegam a tomar nomes de deuses africanos. Já falei nisso, numa nota apensa ao canto de Xangô que dei no meu *Ensaio sobre a música brasileira* (ed. Chiarato, São Paulo). Xangô é o deus do trovão entre os negros jorubas<sup>201</sup> e (não tenho minhas notas à mão) creio que é São Jorge nas macumbas. No Rio de Janeiro, me informou Pixinguinha, Oxum, uma das três Mães-d'água, é Nossa Senhora da Conceição.

Aqui no Rio Grande do Norte essas identificações rebarbativas desaparecem. Nem os santos católicos, nem o próprio Diabo (Exu) aparecem sob outros nomes de mestres "desmaterializados". O catimbó não os invoca e apenas reconhece o poder deles. Isso se prova pelas orações que empregam. Eis por exemplo a famosa oração *Força do Credo*, uma das mais poderosas pra proteger a gente:

Salvo saio, salvo entro; salvo Nosso Senhor no rio do Jordão; na barca de Noé me embarco; com as chaves do sacrário me fecho; com Jesus Nazareno me benzo; com o Credo e a Cruz me cubro; as armas de São Pedro trago a meu lado à mão direita; andarei de noite e de dia, os bôes me virão e os maus não me virão. (Persignando-se:) Com Deus Pai, com Deus Filho, com Deus Espírito Santo; Deus faiz, Deus pode e Deus quer: assim acabarei eu com tudo quando puder e quiser.

(Rezam-se agora 3 Padre-nossos, 3 Aves e 3 Glórias.)

Outro dia darei mais orações.

O engraçado aqui, a respeito da influência do catolicismo sobre o catimbó, é a frequência de mestres ameríndios católicos.

Assim por exemplo, o Rei Eron, um rei selvagem desmaterializado. É não só católico prático mas doutrinador e proselitista contumaz. Muito curador, Rei Eron é especialista de feridas bravas e lepra. Ficou famosa uma cura feita aqui em Natal numa dona cuja perna direita era uma ferida purulenta medonha. Nenhum médico não dera alívio pra coitada. Rei Eron veio no corpo do mestre catimbozeiro, este caiu no santo e principiou logo metendo o nariz no lugar onde a ferida principiava. E foi esfregando cara e cabelos de com força na bereva, quando parou nem se reconhecia e dava o maior nojo desse mundo. Rei Eron tinha ido-se embora e o nojento não se aguentou de repugnância, desmaiou. Lavaram a cabeça dele com pinga e afinal voltou, para nunca mais se esquecer do suplício. O fato é

201 Jorubas ou iorubás: etnia de negros africanos, nagôs.

que a dona principiou melhorando, melhorando. Hoje está boa duma vez, para no bairro do Alecrim perto daqui.

**Natal, 27 de dezembro<sup>202</sup>.**

Da Bahia pro Rio de Janeiro os espíritos invocados nas macumbas são deuses africanos muitas feitas identificáveis com os santos católicos. São mesmo chamados de santos e "cair no santo" significa que o Deus invocado chegou e entrou no corpo da pessoa que o invoca. Aqui no Rio Grande do Norte os catimbozeiros não falam nem em santos nem em deuses. Os espíritos invocados são "mestres", como mestres são também os chefes de catimbó, os "pais de terreiro" da Bahia.

Um dos mestres mais impressionantes dos catimbós nordestinos é Mestre Carlos<sup>203</sup> que Ascenso Ferreira celebrou numa das mais bonitas poesias dele. Me afirmaram os meus catimbozeiros que a devoção a Mestre Carlos se estende de norte a sul, no Brasil. Deve de ser exagero de devotos... Os que estudaram as macumbas da Bahia e do Rio de Janeiro não falam nele não.

A história de Mestre Carlos é bonita. Desde muito cedo se mostrou um piá excepcional. Travesso como o Cão, andava no meio de mulheres-perdidas e de mais gente muito livre. O pai dele, Inácio de Oliveira, era catimbozeiro, tinha desgosto do filho e não o queria iniciar na feitiçaria.

Porém Carlos "aprendeu sem se ensinar". Um dia que o pai saiu de casa, Carlos, com doze anos apenas, penetrou no "Estado" (sala onde se realizam as sessões), tirou os objetos imprescindíveis de invocação e saiu com eles. Foi num mato de juremeiras e, iluminado por uma presciência maravilhosa, conseguiu abrir uma sessão sozinho e invocar um mestre. Logo "caiu no santo", quem sabe lá o que fez com o santo no corpo e no fim, como em geral sucede, quando o mestre invocado se "desmaterializou" outra vez, caiu desacordado.

202 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 24 de janeiro, 1929. Recorte/ exemplar de trabalho do texto deslocado por MA para o manuscrito *Música de feitiçaria no Brasil*; traz nota de MA, a grafite: "É visível a noção *Aprenti Sorcier*, que é estudada em Haggerty Krappe" (V. nota 119).

203 Mestre Carlos não aparece apenas na poesia de Ascenso Ferreira, Mário o tomará em 1937 no poema "Brasão" de *A costela do Grão Cão*, versos 13 e 14:

E a jurema esfolhando as folhas derradeiras

Sobre Mestre Carlos, o meu grande sinal.

(V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Ed. cit., v. 1, p. 440-441).



O pai chegou em casa, Carlinhos nada de voltar. No dia seguinte a inquietação principiou. Andaram campeando o menino por toda a parte e no outro dia seguinte, Inácio de Oliveira desesperado, reuniu gente e fez uma sessão. Quando caiu em transe, que mestre entrara no corpo dele? Nada menos que Mestre Carlos, o mestre menino, tirando um canto novo, cuja melodia já possuiu e cujo texto conta assim:

Vinde, vinde, vinde, ôh flor da noite! reduzindo por todas as mesas!... Rei, ôh rei, ôh rei laiá Mestre Carlos vem trabaiá! Meia hora de relógio! Licença me queiram dar! Mestre Carlos é bom mestre que aprendeu sem se ensinar; três dias levou caído na raiz do juremal; quando ele se levantou, foi pronto pra trabaiá, trunfando na mesa escura, na rua mesa riá! ôh rei Nãnã! ôh rei Nãnã! ôh rei Nãnã! ôh rei Nãnã!

Campearam o corpo dele e acharam logo o mortinho na raiz do juremal. É poderosíssimo, duma sinceridade brutal, descobre segredos, especialista em casamentos e protetor da mocidade.

#### **Natal, 28 de dezembro, 24 horas<sup>204</sup>.**

Hoje, última sexta-feira do ano, apesar do dia ser par, era muito propício pra coisas de feitiçaria. Por isso aproveitei pra "fechar o corpo" no catimbó de dona Plastina, lá no fundo dum bairro pobre, sem iluminação, sem bonde, branquejado pelo areão das dunas. Agora a cerimônia acabou, os dois mestres materializados que celebraram a cerimônia, o antipatiquinho Manuel de *pince-nez*<sup>205</sup> e o mulato João cara de bom, devem de estar na praia do mar, se estiverem!... defumando os quatro pontos cardeais, fechando ao murmúrio rezado da *Força do Credo* as quatro covas benzidas com óleo, e atirando por fim sobre as ondas a água que meus pés pisaram. Não tem mais malefício nem da terra nem das águas, nem de por baixo da terra nem dos ares que me venha atentar, estou de corpo fechado. Mestre Xaramundi desceu pela rama da jurema, limpador de "matéria" (corpo) e me alimpou. Mestre Felipe Camarão, heroico, Camarão "combatedor", "vingador", "sanguinador" e graças a Deus! "vencedor", e brasileiríssimo, me tomou sob a proteção dele. E a bonita Nãnã-Giê, curandeira,

204 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 25 de janeiro, 1929. Recorte/ exemplar de trabalho do texto deslocado por MA para o manuscrito *Música de feitiçaria no Brasil* (V. nota 119).

205 "*Pince-nez*" ou "pincenê": tipo de óculos sem haste, preso ao nariz por meio de mola; visível em rostos fotografados no século XIX e no início do XX; exemplo nos retratos de Machado de Assis.

que trabalha no fundo do mar me... voronofizou<sup>206</sup> pra todas as gripes e mais doencinhas da garoa paulista. E Mestre Carlos, o "flor da noite", rei laiá e rei Nãã, o "que aprendeu sem se ensinar", esse, com seus doze anos desmaterializados, pernambucano filho de amazonense, esse, safadinho e brincador, único mestre de que é permitido rir nas sessões, Mestre Carlos é que protege pra todas as horas de todos os dias o brasileiro que vos escreve agora.

Não sei... É impossível descrever tudo o que se passou nessa sessão disparatada, mescla de sinceridade e de charlatanismo, ridícula, dramática, cômica, religiosa, enervante, repugnante, comovente, tudo misturado. E poética. Sou obrigado a confessar que agora, passados os ridículos a que me sujeitei por mera curiosidade, estou tomado de lirismo, vou me deitar matutando com Nãã-Giê, marvada! ficou um momentinho só na minha frente e foi-se embora, sarará, corada, boca de amor, corpo de bronze novo... Foi-se embora bem depressa talqualmente uma mulher.

O espetáculo foi mais ou menos assim: o zungu de dona Plastina é uma casinhola de porta e janela, telha-vã, chão tijolado. Limpa. A cerimônia, cuja bulha à chegada dos espíritos ninguém não pode prever, foi no fundo da casa, bem protegida da polícia. Aliás, tenho mesmo que prevenir os leitores pra não fazerem juízo falso de Natal. Meu encontro com os dois catimbozeiros, que me proporcionaram os informes e a cerimônia descritas aqui, foi um acaso. Natal não é mais catimbozeira que as outras cidades desse mundo.

Quando pois os dois mestres "materiais" João e Manuel me fizeram entrar no "Estado", a escuridão era quase completa. Me sentaram numa cadeira junto duma mesa encostada num canto. Acendidas as duas velinhas, comecei distinguindo as coisas. Mestre João sentado à minha direita, Mestre Manuel à esquerda. Sobre a toalha branca, entre as velas, estava a Princesa, ara do rito, um simples prato fundo de pó de pedra. Espalhadas as "marcas" (cachimbos, maracá pequenote de madeira, óleo, água-benta e cauim). E meias horrorizadas já, nas sombras do outro lado da sala, três mulheres. Mestre João, sem paletó, mangas de camisa arregaçadas pra matéria dos braços estar pura, iniciou o cerimonial. Foi o momento mais difícil pra mim. A mistura de santos católicos chamados pra abençoar os trabalhos, São José, São Benedito, a invocação constante de Deus na pessoa de Jesus, Santa Luzia (e Mestre João fazia cruces sobre os olhos com o maracá) invocada pra dar... "evidência"... A bênção e purificação da Princesa e das outras

206 Voronofizar: rejuvenescer, dar aparência de novo; o verbo deriva do sobrenome do cirurgião russo Serge Abrahamovitch Voronoff (Voronej, 1866 - Lausana, 1951), mundialmente conhecido na época por seus trabalhos na área do rejuvenescimento.



"marcas", tudo com um ar malandro de mistificação, repugnou por demais à minha consciência convictamente católica. A cada invocação, a cada reza seguia sempre um gesto cabalístico com o maracá e o refrão surdo gritado com ritmo pelos dois mestres: A'iiii!... Trunfei! trunfá!... Trunfa riá!...

Isso começou me divertindo, o ritmo era gostoso, e, defumação principiada, me tomou uma prodigiosa vontade de rir. Os dois mestres enchiam os cachimbos de fumo, é proibido fósforo, acendiam nas velas uns morrões de papel torcido, acendiam o fumo, bem, e cachimbando às avessas, sopravam fumo pelo bocal, ritualmente, de cima pra baixo. E a defumação continuou durante toda a cerimônia, tudo era defumado, até meus pés e minhas mãos, assim.

Mestre João dava mostras maleducadas duma fadiga enorme. Cochilava, bocejava, puxava mal os cantos que o outro mestre duetava com voz bem regular, alguns bonitos mesmo. Afinal inclinou a cabeça numa das mãos, ficou rezando baixinho, sentado sempre, encostado na parede. Percebi por detrás que as mulheres, sabidas, murmuravam afobado não sei o quê. Mestre Manuel, também afobado, defumou o outro e principiou invocando Manicoré que é o Mestre dos mestres, o grande pajé. Não lhes digo nada! Mestre João de supetão deu um silvo, fiii!... estremeceu duro, reto, cara inteiramente mudada, um guariba legítimo. Levei um susto!

– Deus vos salve, Mestre!

João, epilético, uma coisa perfeita, nunca vi! duro, tremendo, com as mãos engruvinhadas rente do peito... Não respondeu.

– Deus vos salve, Mestre! Deus vos salve!

– D-eum vuss sssellv...

Custoso de entender. Outra cor de voz completamente distinta da do João verdadeiro.

– Quem sois, Mestre? Sois o grande Manicoré.

– A-gi-ssssé...

Era Agicé, irmão gêmeo do grande pajé amazônico. Esteve ali uns cinco minutos, respondia tudo errado, não quis abrir a sessão, fiquei com uma bruta raiva dele.

De repente não secundou mais a nenhuma pergunta. João oscilava, oscilava, perdeu o equilíbrio. Foi bater com a cabeça mas com toda a força na parede, pân! Agicé tinha ido-se embora.

Foi então que depois de mais invocações veio Xaramundi e entoou o canto dele, uma das melodias bonitas que hei-de logo revelar. Xaramundi foi bom pra mim, consentiu em abrir a sessão e iniciar o meu fechamento de corpo. Foi o momento mais penoso da cerimônia. Xaramundi é "limpador" (purificador) de matéria, como falei. Não conseguiu

descobrir que eu estava ali por simples curiosidade, porém depois de ter pingado cera quente nas minhas mãos, agora ele de pé, levantado pelo Manuel e pela "mãe de terreiro" dona Plastina, voltou a cheirar a ponta dos meus dedos. Percebeu que a minha "matéria", hélas!<sup>207</sup> estava suja e principiou a purificação dela. Como mostrei na cena da macumba do *Macunaíma*, felizmente todos os sacrifícios impostos pelo santo que chega são executados... sobre o próprio corpo em que o santo entrou. Xaramundi foi estendendo o braço direito hirtó e se deu a si mesmo no pobre do João uma bofetada formidável. Fiquei horrorizado. E que matéria impura a minha, puxa! as bofetadas continuaram com a mesma força sempre. Na terceira, a face mulata do João estava escarlate completamente. Foi uma coisa temível, não imaginam. Manuel contava as bofetadas, 21 contadas, implacáveis, a última tão forte como a primeira, sem mistificação, eu revoltado, depois condoído, perdendo a compostura de neófito, ali pertíssimo examinando a minha matéria se alimpar. Limpou nada! Xaramundi fez a cruz de óleo nas minhas mãos, testa e cangote, se desgostou, foi-se embora. Nós distraídos, João sempre duro, que nem pau, pof! bateu com a cabeça na parede longe, escorregou por esta, pan! bateu no canto e rolou pelo chão. Dona Plastina me acalmava:

– Não s'encomode, doutô! é assim mesmo!

Era assim mesmo. Os tombos continuaram e os sacrifícios. Os mestres vinham e iam-se embora, não querendo fechar o meu corpo impuríssimo. Acredito que o João era sincero. Manuel não, um farsante de marca maior, charlatão cabotino pararaca – os mestres que entraram no corpo dele foram mal representados, procuravam jeito pra cair depois que o primeiro vindo, Felipe Camarão (que me honrou, elogiou e prometeu proteger) creio se machucou rolando sobre uns paus pra fogo empilhados. Desd'ái Manuel caiu com mais cuidado.

Teve muito espírito a chegada de Godique, o famanado "negro indiano", no corpo do João. "Acostou-se" (entrou no corpo), e foi logo tomando a posição habitual dele. João fez uma curva no ar, poc! bateu com a cabeça no chão de com força. Se apoiou nela, fez tripé com as duas mãos e levantou os pés no ar, reto, uma perpendicular de circo e principiou falando numa língua que ninguém não entendia. Manuel ficou todo atrapalhado e fez invocação. Então Gogideque, mano gêmeo de Godique, entrou no corpo dele e os dois puderam se entender lá na fala deles. Toda uma série de cerimônias ridículas, Godique a horas tantas ficou safado com o mano que não botava direito a vela no pé dele, quase brigaram e foi pena não brigarem. Foram-se embora e veio afinal o complacente Mestre Carlos que já contei, e o fechamento do meu corpo se acabou por ele e pela bonita Nãã-

207 *Hélas!*: "infelizmente"; interjeição em francês.



Giê que ele chamou por não ter império sobre os malefícios da água. Foram bonitezas e ridículos, cantos, rezas e quase duas horas imperceptíveis de sensações e divertimento pra mim. Preço: 30 mil-réis.

**Natal, 29 de dezembro, 17 horas<sup>208</sup>.**

Natal é feito São Paulo: cidade mocinha, podendo progredir à vontade sem ter coisas que dói destruir. Isso é muito importante pra nós. O problema da destruição ou conservação da Sé, da Bahia, por exemplo, confesso que por mim não sei resolver. Os prós e os contras da destruição se igualam na forçura dentro de mim e creio que vou achando uma graça dolorida nos partidários e antagonistas da destruição.

Dizem que sou modernista e... paciência! O certo é que jamais neguei as tradições brasileiras, as estudo e procuro continuar a meu modo dentro delas. É incontestável que Gregório de Matos, Dirceu, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Bilac ou Vicente de Carvalho são mestres que dirigem a minha literatura<sup>209</sup>. Eu os imito. O que a gente carece é distinguir tradição e tradição. Tem tradições móveis e tradições imóveis. Aquelas são úteis, têm importância enorme, a gente as deve conservar talqualmente estão porque elas se transformam pelo simples fato da mobilidade que têm. Assim por exemplo a cantiga, a poesia, a dança populares.

As tradições imóveis não evoluem por si mesmas. Na infinita maioria dos casos são prejudiciais. Algumas são perfeitamente ridículas que nem a "carroça" do rei da Inglaterra. Destas a gente só pode aproveitar o espírito, a psicologia e não a forma objetiva. A tolice básica da arquitetura neocolonial está nisso: pegaram, a maioria, nas formas decorativas coloniais, reduziram elas a fórmulas, que juntaram restaqueramente, dentro do espírito

208 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 26 de janeiro, 1929.

209 Os mestres reconhecidos são os poetas Gregório de Matos Guerra (Salvador, 1636 - Recife 1696), barroco; Dirceu ou o árcade Tomás Antônio Gonzaga (Porto, 1744 - Ilha de Moçambique, 1807); os românticos Manuel Antônio Álvares de Azevedo (São Paulo, 1831 - Rio de Janeiro, 1852) e Casimiro José Marques de Abreu (Barra de São João, 1839 - Nova Friburgo, 1860); bem como os parnasianos Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac (Rio de Janeiro, 1865 - 1918) e Vicente Augusto de Carvalho (Santos, 1866 - 1924). Os mestres prosadores são Euclides Rodrigues da Cunha (Cantagalo, 1866 - Rio de Janeiro, 1909), ensaísta, e Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839 - 1908). Esses autores focalizados na crítica de MA apresentam-se com marginália, em sua biblioteca.

de arrivismo, que domina as partes progressistas do país. O resultado foi 89 por cento das feitas aleijões medonhos.

O problema da Sé da Bahia está mas é enunciado errado. É muito mais grandioso do que a derrubada ou não derrubada dum casarão pra alargamento de rua. O próprio centro urbano da cidade alta é que se tem de resolver se é prático ou não ficar onde está. Todas aquelas ladeiras, quedas de supetão, torceduras de terrenos são absolutamente contrárias a qualquer norma utilitária de urbanismo contemporâneo. Não é possível aplainar aquilo e retificar as ruas sem arrasar tudo. Ou se destrói tudo pra atualizar aquilo, ou, qualquer paliativo destruirá tradições curiosas e mesmo valiosas que nem a dita Sé, não passando de paliativo e não resolvendo nada – esse é o problema.

Natal não possui problema desse. O que é velho não é... antigo, pouco ou nenhum valor tem. Natal tem seu futuro enorme como banco de riquezas fundamentais: sal, gado, algodão, açúcar, e como pouso natural das asas europeias. As tradições dela são todas móveis, danças, cantorias. Essa felicidade americana de Natal está se objetivando neste momento como a inauguração do Aeroclube. A população natalense moldura o segundo campo aviatório da cidade. O excelente edifício do clube está cheio. Tênis, piscina, bar, o pátio central cantando água de repuxo, bom pra se conversar. Os aeroplanos estão pintando o sete no ar. As natalenses são bonitas, bem vestidas, os homens de branco, venta o vento, calor sem garra mas verdadeiro, nenhuma Europa tradicional, te dana! um bem-estar de agora.

#### Redinha, 30 de dezembro<sup>210</sup>.

Hoje estou gozando a vida na Redinha, praia de banho natalense mas da outra banda do Potengi. Os botes de vela, *Iracema*, *Alagoas*, quinze outros, vão e vêm, trazendo levando gente. Meu amigo Barôncio Guerra, sertanejo de nascença, natalense de carnaval carioca, tipo acabado da alegria, dirige a felicidade com uma perícia incomparável. Segurança de rédea como a dele nunca vi.

A "parede" caju e cachaça abriu a festa. Em seguida: banho de mar. A copacabanização de Natal é um fato. Mais graça, mais naturalidade, mais esporte que as praias de Santos, que morenas! Depois as redes e maqueiras nos esperavam pra "quebrar o olho". Tirei um corte ventado na sombra dum terraço, melhor que receber carta. A fome nos acordou ali pelas 12 e meia pro almoço. Vatapá, cavala em molho de coco; doces de comer pouco,

210 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 27 de janeiro, 1929.



deliciosos, duma insistência açucarada prodigiosamente hospitaleira; melão nordestino, uma dessas coisas que fariam a Europa de Eduardo das Neves<sup>211</sup> se curvar mais uma feita.

Chega um choro. Clarineta, violões, ganzá numa série deliciosa de sambas, maxixes, varsas<sup>212</sup> de origem pura, eu na rede, tempo passando sem dizer nada. Modinhas de Ferreira Itajubá<sup>213</sup> e Auta de Sousa<sup>214</sup>... A boca da noite abriu sem a gente sentir. O choro foi lá embaixo se instalar no Redinha-Clube, casarão chato no meio da praia, pras meninas dançarem. Estamos por ali gozando a ventania. Se acendem as luzes. O Redinha-Clube é um guaiamum escuro com as pernas luminosas sobre a areia.

Pântam – parapântam – pântam – pântam – tchique – tchique... Êh... Lá no alto:

– Êh viradô!...  
 – A barca do má!...  
 – Êh viradô!...  
 – A barca gira  
 No virá do má...  
 – Êh viradô!...

O acompanhamento é de ganzá e muganguê. Dançam o "coco" no terreiro preparado junto ao terraço de Barôncio Guerra. Na casa a mesa está posta pra quem quiser cear. Creme de camarão, casquinhas de caranguejo, o chouriço daqui que é um doce, a canjica daqui inteiramente diversa da sulista.

– Vai, vai, vai, ôh mulé,  
 Num vá se perdê, ôh mulé!...  
 – Agora que tô amarrado, ôh mulé,  
 Num vá me aparecê, ôh mulé!...

211 Eduardo das Neves (Rio de Janeiro, 1874 – 1919): palhaço, poeta, cantor, compositor e violonista brasileiro; autor de *Estela*, *O meu boi morreu*, *Isto é bom* e *A conquista do ar*, sucessos na música popular.

212 Varsas: mantida a forma com que MA se apropria da dicção popular.

213 Manuel Virgílio Ferreira, ou Ferreira Itajubá (Natal, 1877? – Rio de Janeiro, 1912), poeta potiguar.

214 Auta de Sousa (Macaíba, 1876 – Natal, 1901), poeta.

Os dançarinos fazem coisas de sarapantar. Se agacham feito russos, bambolem em passos de charleston, sem erudição de outras gentes. No povo nordestino, até o passo básico do charleston era usual antes da dança ianque aparecer.

– Ôh laiá, ôh laiá,  
Ôh laiá das Alagoa!...

Um sonzinho de rebeca se aproxima:

– Deu a força da levada  
Que me encheu toda a canoa!...

Coco para. Os dançarinos se retiram cedendo campo. A rebeca está clara e enfim visível, mexendinho num "baiano" (dança) monótono mas admirável. Por detrás dela dois paus seguram uma chita encarnada, espécie de pano de boca escondendo as figuras do Boi. Desde quatorze horas essa gente vem de São Gonçalo pra dançar o Boi aqui.

Meu sinhô dono da casa,  
Que eu venho da madrugada,  
Se não me abrir's essa porta  
Não sois feliz, não sois nada!...

São 21 horas e a lua foi pontual. Velejou numa nuvem rápida e apareceu.

**Natal, 31 de dezembro**<sup>215</sup>.

Já transcrevi a fabulosa oração *Força do Credo*, falando na influência de catolicismo existida nos catimbós daqui. Eis mais duas rezas manifestando a mesma influência:

Oração (pra qualquer hora do dia):

215 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 29 de janeiro, 1929. Recorte/ exemplar de trabalho do texto deslocado por MA para o manuscrito *Música de feitiçaria no Brasil*. No topo do recorte, MA inicia nota a grafite, suprimida de imediato: "É visível a" (V. nota 119).



Meu Jesus meu bom Sinhô, meu Jesus meu Redentô, assim como perdoasses a Maria Madalena ao pé da cruz, assim Sinhô dai-me força e luiz para retirar os espíritos zombeteiros, viciosos, malfeitores e fazei chegar a mim na minha casa os bões espíritos. Assim seja.

Dou as frases dos meus consultados na dicção deles. É perceptível o sequestro de brasileiro oral. Procuravam "falar certo", o que era uma pena. Por meu lado me guardei de incitá-los a pronunciar como costumavam porque isso os botaria de sobreaviso inda mais. Só mesmo nas orações cantadas consegui maior franqueza.

Eis a Oração pra guia da vida:

Meu Jesus e meu Sinhô, guiai os meus passos na Vossa divina Misericórdia! Assim eu coloco em mim um Crucifixo e ando na paiz do Sinhô, fora dos meus inimigos, com o poder da Virgem Maria, com a sua santa luiz na minha guia. Prometo a Jesus da Sagrada Cruz não me separar nem deixar de trazer os meus inimigos e malfeitores corporais e espirituais presos e amarrados debaixo de meu pé esquerdo, pra fazerem o que eu com estas santas palavras mandar e acreditarem no santo poder de Jesus.

*Oração a Tupã:*

Oh Tupã, que sublime, santo pajé! que no mundo mostras o mestre quem é, ôh leva! atendes, ôh Tupã, a sua fama Ereré! ôh leva! atendes, ôh Tupã! mostra o Guaracé quem é!...

Foi na serra do Ereré que os seres... "materializados" se retiraram durante o dilúvio, conta a lenda ameríndia. Guaracé é o Sol. E de fato o Sol é cultuado nos catimbós daqui. O Reino do Sol é um dos mundos superiores, adonde só descem mestres bons. É nele que mora o espírito Ciro, que jamais não baixa na Terra, fica sempre trepado num raio de Sol.

Pra acabar dou o canto de Nãnã-Giê, mestra que trabalha no fundo do mar e protetora das mulheres. É curandeira. Identificável como uma das mães-d'água:

Nãnã-giê, ôh Nãnã-giá!

Nãnã brecô já vem do má!

Nãnã mi conhece, menina do má!

Valei-me Nãnã, pra nós milhorá!...

O que será esse "brecô", puxa!... Brecar?...

**Natal, 1º de janeiro de 1929<sup>216</sup>.**

Está claro que uma das minhas observações mais carinhosas vai se dedicando ao homem do povo. Afinal a situação das chamadas "classes inferiores" é boa ou ruim por aqui? Minha pergunta não cogita da felicidade, é lógico, mas de facilidade de vida porém. Vou dando as minhas observações embora as dê com certa reserva. Passeios que nem o meu são sempre insuficientes pra afirmativas completas. Perguntas não servem pra quase nada: um socialista me afirmou que a situação dos proletários é medonha em Natal e um ricoço com psicologia de filho de senhor de engenho me garantiu que não tem pobreza na cidade.

Já contei que os mocambos do Recife me horrorizaram. A vida de habitação que levam aqueles milhares de trabalhadores e, meu Deus! também de vadios, deve de ser pavorosa. No percurso da Great Western me pareceu que o físico humano baixou de saúde e de simpatia na Paraíba. Mas carece notar que essa zona do estado não era que nem as atravessadas em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, cheia de engenhos e algodoais. Na zona rica da Paraíba inda não passei.

No geral porém a porcentagem de gente com saúde aparente e bom físico é bem grande apesar de eu estar vivendo por enquanto na zona litoriana do Nordeste. A mulataria diminuiu bem de Pernambuco pra cá. Negro tem pouco. O indivíduo 99 por cento das feitas é baixote e bem encordoado. Cor de fumo, acharutada, cabelo liso, frequentemente sarará, não raro dentes bons. Na infinita maioria dos casos gente dada, rindo pra você, contando o que sabe. Até às vezes, foi o que me sucedeu no bairro do Alecrim aqui, não cobrando o capilé e os cajus. De fato: indivíduo dado e hospitaleiro talqualmente nordestino jamais não vi. Só recebem com desconfiança quem aparece de polainas, calça de montar, camisa de esporte. Parece que o retrato clássico de Lampião desatarracha assombrações cangaceiras no homem do povo... Também não é bom você aparecer como jornalista, me falaram. Porque é numerosa a récuva dos que andam colhendo por toda a parte assinaturas de revistas e jornais nunca chegados.

Se saúde, facilidade, bem-estar fosse deduzível da alegria, o proletário nordestino vivia no paraíso. A gente daqui é alegre e cantar tanto como ela não sei que se cante. E não deduzo isso da época de festa em que estou não. O pessoal amanhece já na cantoria. E tudo é pretexto pra cantar. Pra conduzir umas vacas, um percurso urbano curto, o vaqueiro de perto de casa, não desleixa o aboio. Os trabalhos pesados não se faz sem cantiga, nem

216 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 30 de janeiro, 1929.



os leves!... As praias ressoam noitemente na toada aberta dos coros. Eu, já estou familiar em Natal porque sou "o dotô que veio de São Paulo studá 'Boi'", como falaram outro dia eu passando. Recife, desde novembro que o pessoal, carnavalizado totalmente, caiu no "frevo", e não tem sábado sem cordão mexemexendo, no "chá de barriguinha". Natal está dançando Pastoris, Chegança, Congos e preparando o "Boi" de Reis... Alegria existe muita. O menino examinado no Ateneu, obcecado pelo rico nordestino, falou que temos quarenta dentes na boca. São dentes cremes, largos, no geral saborosíssimos.

### **Natal, 2 de janeiro<sup>217</sup>.**

Em Natal, os bairros onde param os proletários são principalmente dois: o do Alecrim e Rocas. Também nas alturas da Lagoa Seca mora bastante operário que, devido à careza do bonde, come areia todo o dia pra atingir o centro da cidade, longe. Só no Alecrim moram pra mais de 12 mil almas. Rocas está situado em plena duna, movediça ainda.

Não há mocambo. O mangue fica da outra banda do Potengi, onde ninguém não mora. No Alecrim como em Rocas as casas são cobertas de telha e muitas de tijolo. Se enfileiram, pequitas, porta e janela de frente, em avenidas magníficas, todas com o duplo de largura da rua comum paulistana. A previdência de Pedro Velho delineou o futuro da cidade esplendidamente. Rua estreita só mesmo na parte antiga de Natal. Nas casinhas dos operários se entra numa sala de viver comunicada por um corredor quase da mesma largura com outro mais ou menos corredor, fundo da casa onde a mulher cozinha e todos comem. O espaço que se emparedou entre esses corredores e sala é a "camarinha", quarto pra dormir. No geral se dorme em rede.

A comida é bem monótona. Farinha, feijão e carne-seca. Também usam a carne de sol, pouco secada e pouco durável. Bacalhau. Especialmente o "voadô" salgado, que pescam em quantidade nas costas do Rio Grande do Norte. A pescaria do voadô é bem curiosa e, se fizer alguma, hei-de descrever.

O operário toma seu cafezinho de manhã: vai pro serviço. A maioria trabaça no algodão e no açúcar. Descalços no geral, calça e paletó de algodãozinho, às vezes sem camisa, que calor! cobrindo a cabeça com o chapéu de palha de carnaúba, muitas feitas de forma fantasista, muito engraçada.

217 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 31 de janeiro, 1929.

Pronto: estão trabalhando. Quando senão quando uma cantiga. Trabalho duro, ar de satisfação – a mesma filosofia da "paciência!" comum de brasileiro. Tem hora pra almoço. Os do açúcar muitas feitas não almoçam. Desde manhãzinha prepararam o barril de mocooró que mata a sede e sustenta até a hora de janta, noitinha, lá em casa. Dizem que o mocooró é muito alimentar: dose forte de açúcar bruto, água e talhadas de limão. Usam também a nossa "garapa" sulista, caldo de cana puro, que nos tempos de moenda é a bebida comum dos engenhos.

No geral foram oito horas de trabalho. Nunca menos e bastantes vezes mais. Comparando com o sul a vida geral nordestina é barata mas pro operário não me parece que seja não. Se o trabalhador pode sempre alcançar com os biscates aí por uns dez mil-réis diários, o salário oscila de 3 pra 6 mil-réis, me informaram. É pouco se a gente lembra que o quilo de carne verde inferior custa dois mil-réis na cidade.

### **Natal, 3 de janeiro<sup>218</sup>.**

Não sei se estas informações sobre os catimbós norte-rio-grandenses interessarão a todos os leitores não, porém me parece que estou dando uma contribuição importante pro nosso folclore. Por isso continuo ainda um bocado. Vou dar hoje esclarecimentos sobre alguns santos.

Os santos param em reinos espirituais que ficam alguns na própria Terra – que nem o reino do Rio Verde onde moram as meninas da Saia Verde, cinco irmãs virgens, benfeitoras. Outros reinos são ainda o de Vajucá, o da Ondina, o da Cidade Santa, o do Vento, o de Umbá, das Florestas Virgens, o da Cova de Salomão e finalmente o reino de Juremal.

Neste último é que mora a Rainha da Jurema, tanto bem como malfeitora, amiga de banhos perfumados e especialista em "atrasos" (caiporismo). Feiticeiro danado é ainda o Príncipe da Jurema, do mesmo reino também.

A união sexual é naturalmente muito cuidada pelo catimbó. São numerosíssimos os mestres especialistas nela. Assim por exemplo, Mestra Flor, espírito "feme" casamenteiríssimo que só trabalha com flores. Quem quer uma sorte dela, entrega pro pai de santo uma rosa, dália, cravo, assim. Mestra Flor se "acosta" logo, benze a rosa que o implorante fará chegar às mãos da pessoa desejada. Se esta cheira a flor, "tá rendida".

218 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 1º de fevereiro, 1929. Recorte/ exemplar de trabalho do texto deslocado por MA para o manuscrito *Música de feitiçaria no Brasil* (V. nota 119).



Tanto Mestra Flor como Mestre Floral param no reino do Bom Floral, cidade santa nupcialíssima. Mestre Floral também é casamenteiro e chega a unir dois amantes em sessão. Pra invocá-lo todos na sessão brincam, alegres cantando uma linha (reza cantada) magnífica, por sinal que duma tristura muito meiga. Floral chega, une em cruz as mãos e os pés direitos dos dois nubentes e derrama sobre as cruzeiras a água "fluidada" (benzida) por ele. Depois "liga" os dois corpos: faz os noivos se abraçarem apertado pra "fundir" os dois corações num só. Abençoa. Estão casados, dispensando padre e lei. Não há exemplo de casal desligado depois de unido por Floral, o que prova a precisão imediata da alta sociedade paulista importar esse mestre nordestino. Floral gosta muito de flores, quer sempre Ajucá (a mesa das sessões) cobertinha de flores, coisa fácil pra nós com os mil milhões de rosas paulistanas<sup>219</sup>.

No reino de Juremal reside ainda Mestra Faustina muito religiosa e católica. Mestra Faustina trabalha preferentemente com pétalas da rosa Amélia. As grávidas a invocam porque Mestra Faustina é parteira das melhores. Aliás trata com proficiência todos os incômodos de mulher.

Santa irritante é Mestra Angélica também muito sexual. Casa gente, porém prega o amor livre – pois é especialista em apartar casais. Quando uma mulher quer um homem casado invoca a santa. Mestra Angélica aparta o homem da esposa e o atira nos braços da desejadeira.

#### **Natal, 4 de janeiro<sup>220</sup>.**

O prato do dia é a eleição duma mulher para prefeita do município de Lajes, dona Alzira Soriano.

Este município é novo e está progredindo com rapidez graças ao gado e ao algodão. Por 93, a atual e moderna cidade de Lajes era um pouso de duas casas, pertencentes a Chico Pedro, inda vivo e com o nome razoavelmente eternizado numa das praças de Lajes.

219 No poema "Paisagem n° 1" de *Pauliceia desvairada*, livro de 1922, os dois primeiros versos são: "Minha Londres das neblinas finas! Pleno verão. Os dez mil milhões de rosas paulistanas." (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Ed. cit., p. 86).

220 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 2 de fevereiro, 1929. A grafite, ao lado da data referente ao texto, MA anota a data da publicação: "2-2".

O atual presidente do Rio Grande do Norte na sua plataforma presidencial inculcava a necessidade de se igualarem os direitos dos dois sexos dentro do estado. Nesse sentido foi apresentado então pelo hoje chefe de polícia, então deputado, Adauto Câmara, um projeto de que foi relator Antônio Bento de Araújo Lima, firmando os direitos de voto e elegibilidade da mulher. O então presidente, dr. José Augusto sancionou a lei que vigorando desde o ano passado já permitiu o comparecimento de dezessete donas às urnas que levaram José Augusto à senatoria federal.

Mas o resultado mais vitorioso da lei até agora foi mesmo a elevação de dona Alzira Soriano a prefeita de Lajes. É uma senhora de inteligência viva, boa aparência, viúva inda moça, não possuindo quarenta anos.

A posse dela foi cheia de festas, uma hora-literária e baile oferecidos pelas senhoras da cidade, um banquete oferecido pelos homens e a posse com seus discursos.

De tudo isso destaco duas manifestações que me parecem as mais importantes: o discurso de posse de dona Alzira Soriano e um concurso de beleza.

O discurso é um documento notável que gostei muito. Não se trata de nenhuma peça oratória sublime não. Pelo contrário: se percebe em toda a falação, que a prefeita se recusou sistematicamente a qualquer eloquência e qualquer flor de retórica. Foi simples. Foi duma simplicidade admirável, antimasculina pela ausência de brilho e antifeminina pela ausência de flores. E o que falou, falou com energia e clarividência. Assuntem só este pedaço, inconcebível pra política paulista:

... quero apenas (...) registrar o que não farei no exercício de meu mandato, de preferência a alinhar projetos, que talvez não pudesse realizar. Não me prevalecerei do cargo para fazer favores a amigos e ainda menos para negar justiça a adversários. Não abusarei dele para obter proventos, seja qual for a natureza deles. Etc.

Sei bem que por enquanto essas afirmativas são... promessas mas dona Alzira Soriano as disse numa página tão simples que acredito nela.

Mas... na noite da posse teve o baile de que falei. A horas tantas organizaram um concurso de beleza em que teve o 2º lugar a srta. Sônia Soriano, filha da prefeita. Deus me livre de negar boniteza a essa moça que não conheço. É até provavelmente linda pois filha de dona Alzira, que dizem senhora bonita e mesmo requestada. Mas essa eleição lembra logo os enfeites de altar para que os santos se agradem da gente... É uma pena... Ou antes uma curiosidade: em que estado estarão as promessas no coração de mãe de dona Alzira?...

**Natal, 5 de janeiro**<sup>221</sup>.

Um dos problemas que, atacado a tempo no Rio Grande do Norte, já está quase resolvido, é o da lepra. Por mim confesso inda não topei com leproso declarado por aqui. Vi, foi a cara dum horrendo, em fotografia, num cartaz de propaganda contra a doença, bem por cima da bilheteria de selos, no Correio.

Parece que o Estado atualmente contará com pouco mais de cem leprosos, informa o dr. Varella Santiago, médico de Natal, se dedicando ao problema e autor dum *Esboço histórico da lepra no Rio Grande do Norte*, de que vou me servir.

A lepra é relativamente recente no estado. O primeiro caso conhecido data já da segunda metade do século passado. Seguiram casos raros, quando senão quando aparecia um, se isolando por si mesmo ou vivendo, na paciência sem medo dos outros, a vida social, que nem um telegrafista de Mossoró por 1883. Esse telegrafista, Deus me perdoe! é um caso engraçado de psicologia morfética. Se falava naqueles tempos que morfético mordido por cobra sarava da lepra. Mas como não se sabia direito se o leproso sarava também da mordida da cobra o pobre do telegrafista ficou numa hesitação danada. Andou campeando uma cobra, arranjou uma cascavel, ótima pra morder, trouxe ela pra casa. Desde então viveram na maior comunhão possível, cascavel e telegrafista. Mas morder é que jamais ele não se deixou. Viveu eternamente na esperança de ser mordido sem querer. "É hoje, ele se falava, hoje decerto a cascavel escapole e me morde." Passava que mais passava junto da caixa em que a cascavel jazia fechadíssima. Esbarrava na caixa. Se escutava lá dentro um chocalho baixinho. Mas não houve remédio: nunca que a cobra escapuliu e o telegrafista morreu leproso. Morreu leproso, num morrer de todas as horas martirizado, antiofídico mas pelo menos não provou picada de cascavel que além de matar depressa, talvez doa. Se existe caso mais dramaticamente cômico, outro que conte.

A lepra se desenvolveu no estado com as primeiras voltas de parouaras, da Amazônia. Em 1926 o problema estava presente e o atual senador José Augusto, então dirigindo o estado, tratou da construção dum leprosário. Fundaram então o de São Francisco, a sete quilômetros de Natal, primitivamente duas casas apenas. Nesse isolamento provido de todos os confortos, esperam a morte 52 desinfelizes. Agora estão concluindo um grupo de mais dez casas com

221 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 3 de fevereiro, 1929. A grafite, ao lado da data a que o texto se refere, MA dá a data da publicação: "3-2".

capacidade para setenta doentes. Inaugurado esse grupo, será iniciado outro igual. Há energia e decisão rápida por aqui. Se espera, dentro dum ano, isolar o estado completamente.

**Natal, 6 de janeiro, 22 horas<sup>222</sup>.**

Hoje é dia "dos Santos Reis" que nem inda se diz por aqui, segundo dia grande pras danças dramáticas nordestinas. Pelo Natal saíram a Chegança e o Pastoril. Pelos Reis sai o Bumba meu Boi. No Norte, o Boi tem como data pra sair o dia de São João. No Nordeste sai pelos Reis e se no dia 30 de dezembro passado pude assistir ao Boi do município de São Gonçalo, isso foi exceção, honraria pra quem vos escreve estas notas de turista aprendiz. Também já estou popular aqui. Vivo dum lado pra outro em busca de quanta festa, quanta Chegança, quanto Boi se ensaia, quanto coco se dança, levando pra casa quanto cantador encontro... Outro dia eu passava, um homem do povo cutucou o parceiro, me mostrando:

– Esse é o dotô de São Paulo que veio studá Boi...

Se riram.

Hoje o Boi, do Alecrim, saiu pra rua e está dançando pros natalenses. Os coitados estão inteiramente às nossas ordens só porque Luís da Câmara Cascudo, e eu de embrulho, conseguimos que pudessem dançar na rua sem pagar a licença na Polícia. Infelizmente é assim, sim. Civilização brasileira consiste em empecilhar as tradições vivas que possuímos de mais nossas. Que a Polícia obrigue os blocos a tirarem licença muito que bem, pra controlar as bagunças e os chinfrins, mas que faça essa gente pobríssima, além dos sacrifícios que já faz pra encenar a dança, pagar licença, não entendo. Seria justo mas é que protegessem os blocos, Prefeitura, Estado: construíssem palanques especiais nas praças públicas centrais, instituíssem prêmios em dinheiro dados em concurso. Duzentos mil-réis é nada pra Prefeitura. Pra essa gente seria, além do gozo da vitória, uma fortuna. O Boi de São Gonçalo outro dia marchou de pé no areão várias horas de Sol pra chegar na Redinha e ganhar quarenta paus! é horrroso.

Agora é a vez do Gigante.

– Quantos anos você tem, Gigante?

– Cem anos!

– Como é seu nome, Gigante?

– O capitão José Trindade.

222 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 5 de fevereiro, 1929. Nota MA, a grafite, ao lado da data a que o texto se refere: "5-2".



É um bicharoco lindo que nem um ídolo antropomorfo mexicano. Exatamente. O risco dos olhos, da boca, o triângulo em papelão encarnado, do nariz. Mexicano. Aliás mais marajoara... E a cabeçona traz uma cabeleira de algodão mocó.

- Onde você mora, Gigante?
- Em terra estrangeira!

E o danado dança ao som duma cantiga maravilhosa. Urros surdos. A dança pesa como se fosse de gigante mesmo. Trejeitos acrobáticos magistras. Está enquizilado. É casado lá na terra dele porém quer casar de novo aqui.

- Gigante quando vieste  
Da tua terra estrangeira  
Devas ter trazido  
Tua amada companheira!

Casa com brasileira e vai-se embora satisfeito. Entra o Boi, êh bumba! É advinho, sarapintado de azul. Na anca direita um vaso de flor e a nossa data: 1929.

**Bom Jardim, 7 de janeiro<sup>223</sup>.**

Vou-me embora, viver vida de engenho por uns dias, a Oldsmobile rola por essas estradas. Às vezes dança umas valsas desengonçadas. Todo o Nordeste, devido às condições do terreno, com trabalho fácil já está percorrido pelo automóvel. Mesmo, devido à elevação quase proibitiva das tarifas ferroviárias, muito transporte de carga é feito em caminhões. As estradas, no geral, são muito boas, um bocado estreitas. Nesta zona de Natal, a Goianinha, estreitíssimas. Dois automóveis que se encontrem, é uma encrenca séria nalguns pontos. Marcha à ré trezentos metros! É zona litorânea. O coqueiro é que brinca na paisagem. O resto são tabuleiros, mais tabuleiros, que nem o nosso cerrado monótono, acachapado por um verde-cinza estudoricando a alma da gente.

E por aqui foi mar... Não se vê mais esse mar, porém certas feitas a vegetação rareia no horizonte curto e aparece um restinho de careca, duna encardida que já não é

223 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 7 de fevereiro, 1929. A grafite, abaixo do título, MA aponta: "7-2".

duna mais. O terreno se resolve em pó de areia e a estrada sulca-se em ss que não têm fim. Então o automóvel valsa desagradável.

Atravessamos São José, cidade do Sol. A casa da Intendência é sem querer uma preciosidade arquitetônica. Não aplaude o modernismo, assim pesada e os vinte degraus da escadaria. Mas é dum equilíbrio santo.

Também a vista vai se tornando mais gostosa de ver. Zona de engenhos. De vez em quando o tabuleiro despenca pra várzeas chatas, verde-claras, que no inverno serão inundadas. Canaviais. Pinta no verde o branco dos engenhos de banguê, com a chaminé gorda e curtinha feito a gente daqui.

Várzeas dantes ubérrimas que as enchentes estão prejudicando. Os rios cheios, chegam carregados de areia. Depois a seca vem. A água desaparece e o sol queima apenas a planura lisa de areia, areia só. O manapé, que faz a cana espigar grandona e açucarada, ficou lá embaixo, mais de metro, guardado feito tesouro de holandês. Ninguém não chega lá quanto mais raiz de cana!...

E logo a vegetação cobre a areia úmida com um verde cheio de esperança linda. Cheiro de lírios-de-brejo aqui chamados "borboletas". O ventinho se abana todo e refresca.

Nesses vales estão as lagoas que nem a barrenta de Papari. São de peixe excelente e a caranguejada, principalmente o pitu feito pela própria mão da Virgem Maria, mora nessas águas de barro.

Papari lembra também a espantosa Nísia Floresta<sup>224</sup>, que mulher! Nasceu em Papari e o monumentinho comemora a amiga de Augusto Comte<sup>225</sup>, Mazzini<sup>226</sup>, colaboradora da unificação italiana, reivindicadora dos direitos da mulher, viajante na Alemanha, o diabo!

É já tardinha e Arez passa por nós. No longe, quatro quilômetros pra esquerda, passa o mar guardando na memória dos moradores da vila o ronco dos aviões que vão pro sul.

A viagem entardece e boceja um bocado até Goianinha. Estamos perto. O automóvel fica mais leve e abre num passo esquipado pra chegar depressa. A noite nos pega, mal repetindo, ao chegar no engenho, o cheiro açucarado da bagaceira.

224 Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto (Papari, 1810 – Rouen, 1885): educadora e escritora potiguar, pioneira do feminismo no Brasil; jornalista e ensaísta, empenhou-se também na defesa dos direitos dos índios e dos escravos.

225 Isidore Marie Auguste François Xavier Comte (Montpellier, 1798 – Paris, 1857), filósofo do Positivismo.

226 Giuseppe Mazzini (Gênova, 1805 – Pisa, 1872), carbonário, participante do movimento revolucionário *Risorgimento*.



**Bom Jardim, 8 de janeiro<sup>227</sup>.**

Na anca do terreno o Sol se achata no amarelo sem gosto da bagaceira. Perfume lerdo que não toma corpo bem; não se sabe se de pinga, de açúcar, de caldo de cana. Bois. Três, quatro bois imóveis mastigando a cana amassada, fortes, alguns de bom estilo caracu na anca, no pelo. Mas já os estigmas do zebu principiam aparecendo na zona...<sup>228</sup>

Vem o "cambiteiro" com os jericos, três, no passo miudinho de quem dança um "baiano". Nos cambitos triangulares a cana vai deitada, últimos restos da safra do ano, arrastando no bagaço os topes de folha verde feito um adeus.

Pela porta do engenho escurentada mais pela força da luz de fora, dois homens vêm, um na frente, outro atrás, rituais, eretos, no sempre passo miudinho e dançarino dos "brejeiros"<sup>229</sup>. Carregam a "padiola" com os bagaços da cana já moída. Trazem apenas calça e o chapéu de palha de carnaúba, chinesíssimos na forma. E que cor bonita a dessa gente!... Envergonha o branco insosso dos brancos... Um pardo doirado, bronze novo, sob o cabelo de índio às vezes, liso quase espetado.

Entro no engenho. É dos de banguê, movido a vapor<sup>230</sup>. Os homens se movendo na entressombra malhada de sol, seminus, sempre os chapéus chins: meio se<sup>231</sup> me colonializa a sensação. Não parece mais Brasil... Está com jeito da gente andar turistando pelas Áfricas e Ásias do atraso inglês, francês, italiano, não sei quem mais!... Todos os atrasos de conveniência imperialista<sup>232</sup>.

227 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 9 de fevereiro, 1929. Recorte/ exemplar de trabalho do texto retirado do dossiê d'O *Turista Aprendiz*, onde a nota de trabalho de MA acusa a ausência do recorte; transferido para *Os filhos da Candinha*, sob o título "Bom Jardim"; cruzeta a lápis vermelho anula todo o texto impresso (V. nota 119). Publicado com variantes em *Os filhos da Candinha* (Ed. cit., p. 117-118).

228 No recorte no manuscrito, a rasura de MA, a tinta preta, suprime o trecho: "Só invocando santos, e com bastante raiva, que nem no coco: 'Cruzeiro! Santa Maria!/ Mãe de Deus do Paraná!...!/' O zebu no Brasil creio mesmo que já é fatalidade, não se escapa mais dele...".

229 Rasura, a tinta preta, traço excluindo a explicação: "(gente do brejo)".

230 A tinta preta, supressão do trecho: "; descreverei a técnica deles amanhã".

231 Rasura, a tinta preta, substituição de "que" por "se".

232 Substituição de "colonial" por "imperialista", rasura a tinta preta.

Depois do engenho verde, a construção<sup>233</sup> faz uma queda. No outro plano de lá é a "casa de caldeira"...

Vamo fazê meladura, ôh!...

Lá na casa de caldeira!...

que nem na cantiga de trabalho. E estão de fato fazendo meladura. O canaleta conduz o caldo de cana pra cascatear pesado, pesado de açúcar, num tanque de cimento – o "parol"<sup>234</sup>, como se diz. A fantasista etimologia popular anda já falando em... "farol"...

Fronteiro ao parol está o grupo das tachas fabricando açúcar. Outro malaio, bigodinho ralo, trabuca ali. É o "cunzinhadô", como se diz em Pernambuco – o mestre, o homem importante que dá o ponto no mel. A musculatura dele quer que eu estude com nomes científicos a anatomia do costado humano. Felizmente que não sei... Vejo mas é o oiro duro daquele corpo, se movendo no esforço, transportando por cocos enormes, com o cabo preso no teto, o caldo fervendo, oiro claro, duma pra outra caldeira. Às vezes o vento vem e achata a fumaça da fervedura. Esconde tudo. Fumaça acaba aos poucos, e a cena revive, o oiro fundo do homem perfilando sobre o oiro claro das espumas das tachas. Na derradeira<sup>235</sup>, o mel está no ponto. A espuma, mais profunda, quase cor das epidermes daqui foi se intumescendo, intumescendo, oval, com um biquinho no centro, ver<sup>236</sup> peito de moça. "Peito de moça" é que falam mesmo... Peito de moça... É o açúcar, delicioso, alimentar, apaixonante, moreno e lindo mesmo como um peito de moça daqui.

233 Rasura: traço a tinta preta anulando "a casa" e substituindo por "a construção".

234 Rasura: correção "farol" por "parol" apenas trocando a letra inicial da palavra.

235 Rasura: substituição: "última" por "derradeira", a tinta preta.

236 Rasura: supressão de "um" em "ver um peito".

**Bom Jardim, 9 de janeiro<sup>237</sup>.**

Os engenhos de banguê tiram o nome duma padiola de carnaúba em que se carrega o bagaço de cana pra bagaceira. A bagaceira é o espaço que fica em torno da casa do engenho. Aí os bois vêm mastigar o bagaço, aproveitando o restico de caldo ficado nele. Depois de seco o bagaço é aproveitado como combustível. O que sobra, no fim da moagem, queima-se. Vai servir de adubo pras terras do canavial.

A casa do engenho, chata, no geral com a chaminé baixota ao lado, é subdividida em duas partes: a casa de máquina e a casa de caldeira, esta em plano inferior. Nas casas de engenho mui antigas que nem esta do Bom Jardim, inda subsiste entre as duas casas uma espécie de camarote, o "sobradinho", em plano mais alto, dominando o ambiente. Aí que o senhor de engenho ficava nos tempos de dantes, dia inteiro, mandando e vigiando, fazendo e desfazendo.

A casa de máquina é o lugar da moagem. O caldo corre da moenda por um canaleta no chão e vai cair por uma bica na parol que já está na casa de caldeira. Nesta casa é que está o "assentamento", conjunto de tachas em que se fabrica o mel. Outro canaleta conduz a garapa do parol pra tacha de "caldo frio" onde o caldo já principia sendo descachaçado. "Descachaçar" é limpar das impurezas. Estas formam a "cachaça", mistura que o gado adora provavelmente sem razão... Ou por alguma razão... gadal que desconheço.

Do "caldo frio" a garapa é transportada pra tacha que a segue na série de tachas do "assentamento". Essa tacha segunda é a "caldeira" em que o caldo frio ferve pela primeira vez. Na caldeira ainda a fervedura bota as impurezas restantes numa escuma feia que também vai formar a "cachaça" do gado. Da caldeira o caldo fervendo é transportado pras duas tachas seguintes e consecutivas do assentamento, os caldeirotes, pra novas ferveduras que vão apurando o mel. Quando as ferveduras estão espumando até o bordo das tachas, se bota semente de carrapateira nelas: abaixam num átimo. Na caldeira e nos dois caldeirotes a garapa é "ajudada", se sacode um bocado de cal nela pra neutralizar a acidez.

Do segundo caldeirote a garapa já bem grossa é transportada finalmente pra "tacha de boca" onde se dá o ponto no mel, última fervedura. Esta é a tal chamada "peito de moça" porque a espuma toma a forma solene dum seio novo, coisa linda. Quem dá o

237 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 10 de fevereiro, 1929. Nota MA, a grafite, ao lado da data: "10-2".

ponto no mel, em Pernambuco, é o "cunzinhadô". É o homem que trabalha a garapa, que a transporta numa tacha pra imediatamente seguinte, que descachaça, faz tudo. Aqui chamam-no de "mestre" e se tem ajudante, este é o "banguero".

No assentamento as tachas na ordem da tacha de boca pra de caldo frio estão ligadas em plano inclinado descendente por um plano atijolado e caiado com rebordo que impede a garapa de cair no chão. Ela escorre pra tacha imediatamente inferior.

Quando o mel está no ponto, é derramado no "resfriador" onde esfria e vai endurecendo. Não deixam que endureça. É logo despejado nas formas e transportado pra "casa de purgar", onde, voltadas com a boca pra baixo pra escorrer o "mel de furo", parte incristalizável. No geral basta um dia pro mel escorrer e o açúcar se cristalizar na forma. Tirada esta o pão-de-açúcar está feito, duas partes: o "cabucho" parte seca, definitiva, e a "cara" parte de baixo, úmida ainda. Quebra-se o pão-de-açúcar e a "cara" é levada pra um terreirinho e quebrada. Seca ao Sol. É assim.

Agora, no "quebrador" o açúcar é quebrado pra ensacar, açúcar bruto de exportação.

O que é destinado ao consumo do engenho é purgado com barro e refinado em casa. Fica dum branco encardido, cristais visíveis, gostosíssimo no café, estragando o chá.

Como se vê são ainda processos bem primários de fábrica... Os pessimistas falam que pelo menos trinta por cento do açúcar perde. Parece muito... Porém vinte por cento que seja, o brasileiro já está cansado com quatrocentos anos de banguê... Pede usinas. O "coqueiro" se inspira e na "pancada do ganzá"<sup>238</sup> celebra as turbinas modernas...

- Adonde eu vi nove trubina?...
- Na Usina Brasileira.
- Adonde eu vi nove trubina?...
- Na Usina Brasileira.

**Natal, 10 de janeiro, 23 horas**<sup>239</sup>.

Pra tirar o *Boi Tungão*, Chico Antônio<sup>240</sup> geralmente se ajoelha. Parece que ele

238 Mário de Andrade intitula *Na pancada do ganzá* a obra de fôlego sobre folclore e cultura popular brasileira que deixa inacabada.

239 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 15 de fevereiro, 1929. Nota MA a grafite: "15-2".

240 Chico Antônio, o coqueiro que tanto impressiona Mário de Andrade, torna-se personagem



adivinhou o valor artístico e social sublimes dessa melodia que ele mesmo inventou e já está espalhada por toda esta zona de engenhos. Então se ajoelha pra cantá-la.

Está na minha frente e se dirige a mim:

Ai, seu dotô  
Quando chegá em sua terra  
Vá dizê que Chico Antonho  
É danado pra embolá!  
Ôh-li-li-li-ô!  
Boi Tungão  
Boi do Maiorá!..

(Maiorá é o diabo).

Estou divinizado por uma das comoções mais formidáveis da minha vida. Chico Antônio apesar de orgulhoso:

Ai, Chico Antônio  
Quando canta  
Istreméce  
Esse lugá!...

Não sabe que vale uma dúzia de Carusos. Vem da terra, canta por cantar, por uma cachaça, por coisa nenhuma e passa uma noite cantando sem parada. Já são 23 horas e desde as 19 que canta. Os cocos se sucedem tirados pela voz firme dele. Às vezes o coro não consegue responder na hora o refrão curto. Chico Antônio pega o fio da embolada, passa pitos no pessoal e "vira o coco". Com uma habilidade maravilhosa vai deformando a melodia em que está, quando a gente põe reparo é outra inteiramente, Chico Antônio virou o coco:

Quem quisé pegá ùa moça  
Ponha laço no caminho;

de seu romance inacabado *Café* e de "Vida do Cantador", série que publica em seu rodapé "Mundo musical", na *Folha da Manhã* de São Paulo, em "seis lições", entre agosto e setembro de 1943.

Inda onte peguei uma  
Cum zôio de passarinho,  
Veja lá!...  
– Pá-pá-pá-pá  
Meu rimá!...

Que artista. A voz dele é quente e duma simpatia incomparável. A respiração é tão longa que mesmo depois da embolada inda Chico Antônio sustenta a nota final enquanto o coro entra no refrão. O que faz com o ritmo não se diz! Enquanto os três ganzás, único acompanhamento instrumental que aprecia, se movem interminavelmente no compasso unário, na "pancada do ganzá", Chico Antônio vai fraseando com uma força inventiva incomparável, tais sutilezas certas feitas que a notação erudita nem pense em grafar, se estrepa. E quando tomado pela exaltação musical, o que canta em pleno sonho, não se sabe mais se é música, se é esporte, se é heroísmo. Não se perde uma palavra que nem faz pouco, ajoelhado pro *Boi Tungão*, ganzá parado, gesticulando com as mãos doiradas, bem magras, contando a briga que teve com o diabo no inferno, numa embolada sem refrão, durada por dez minutos sem parar. Sem parar. Olhos lindos, relumeando numa luz que não era do mundo mais. Não era desse mundo mais.

Quase meia-noite e mandamos Chico Antônio parar. Ele se despede da gente com o *Pr'onde vais, Helena...* Se despede de tudo:

Adeus, as moça sentada,  
Adeus luiz de alumiá,  
Adeus casa de alicerce  
E a honra desse lugá!...

E terei de ir para São Paulo... E terei de escutar as temporadas líricas e as chiques dissonâncias dos modernos... Também Chico Antônio já está se estragando... Meio curvo, com os seus 27 anos esgotados na cachaça e noites inteiras a cantar...

**Bom Jardim, 11 de janeiro<sup>241</sup>.**

Passsei hoje o dia com Chico Antônio, conversando, grafando algumas das

241 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 16 de fevereiro, 1929. Ao lado da data, MA anota, a grafite: "16-2".



melodias que ele canta. Agora ele está de novo giragirando no coco e vou dedicar mais esta crônica a ele.

Principiou a cantar faz pouco e até onde o vento leva a toada, os homens do povo vêm chegando, mulheres, vultos quietos na escuridão, sentam no chão, se encostam nas colunas do alpendre e escutam sem cansar. A encantação do coqueiro é um fato e o prestígio na zona, imenso. Se cantar a noite inteira, noite inteira os trabalhadores ficam assim, circo de gente sentada, acorada em torno de Chico Antônio irapuru, sem poder partir.

Toda a gente o imita e coco que ele cante se torna "coco de Chico Antonho", apesar de muitos não serem da invenção dele. Até o menino prodígio, que apareceu anteontem com o "Boi" de Fontes, caso quase repugnante de precocidade, envelhecido na voz, na ruga e no saber desse mundo: esse menino, também cantador, é discípulo de Camarão, outro coqueiro, porém o mimetismo quase dramático dele se manifesta em copiar Chico Antônio.

Porque Chico Antônio não é só a voz maravilhosa e a arte esplêndida de cantar: é um coqueiro muito original na gesticulação e no processo de tirar um coco. Não canta nunca sentado e não gosta de cantar parado. Forma os respondedores, dois, três, em fila, se coloca em último lugar e uma ronda principia entontecedora, apertada, sempre a mesma. Além dessa ronda, inda Chico Antônio vai girando sobre si mesmo. Ele procura de fato ficar tonto porque, quanto mais gira e mais tonto, mais o verso da embolada fica sobrealista, um sonho luminoso de frases, de palavras soltas, em dicção magnífica. Poemas que nenhum Aragon já fez tão vivo, tão convincente e maluco. É prodigioso.

No geral as emboladas são mesmo assim. As mais das vezes não têm sentido como tipicamente o *Bambu bambu* prova. Isto é: não é que não tenham sentido propriamente. Não se trata do verso *nonsense* feito pra dar habilidade rítmica. É um painel de sonho que passa, feito de frases estratificadas, curiosas como psicologia: *Bela mandou me chamar* ou *Porto de Minas Gerais* ou *Meu ganzá, meu ganzarino* etc. etc., às quais se juntam verbalismos, frases tiradas do trabalho quotidiano, do amor; referências aos presentes e aos acontecimentos do dia; desejos, ânsias... Todos os coqueiros são assim.

Mas Chico Antônio ultrapassa de muito os que tenho escutado, pela força viva do que inventa e a perfeição com que embola. Alto, corpo de sulista, magruço, meio lerdo no gesto comprido, com uma cara horizontal, bem chata e simpática, de nordestino em riba. Olhos maravilhosos, já falei. E a voz incomparável. Não é possível imaginar sons levemente anasalados, másculos, num decrescendo perfeito como os que Chico Antônio entoa no fim das frases do *Jurupanã*.

**Bom Jardim, 12 de janeiro<sup>242</sup>.**

A tarde cai numa tristura que machuca, assombrada pela saudade de Chico Antônio, partido faz pouco.

Aliás desde minha viagem pelo Amazonas já reparei uma coisa curiosa: as tardes por aqui jamais são tristes. Uma diferença enorme das paulistas. Boca da noite, mesmo na fazenda de café mais agradável de paisagem, sempre é tristonha. Por aqui não. As mais largas, o sentimento que despertam é duma calma guaçu, do tamanho da morte, perfeitamente sossegada. Mas no geral são alegres, bem visíveis, um certo quê de espetacular muito refletido na psicologia do nordestino.

Mas a tarde de hoje está triste por causa do Chico Antônio que partiu. Não eram bem 17 horas, foi encilhar o cavalo, pôs espora, o chapelão de aba larga sempre escurentando a cara simpática, veio se despedir de mim. Careceu dizer o que sentia e trouxe o ganzá porque só pode contar os sentimentos cantando! Tirou o *Boi Tungão*. Certamente um dos cantos mais sublimes que conheço, principiou por uma fermata solene, que ninguém não esperava:

Boi Tungãããã!...

e foi falando.

E falou<sup>243</sup> coisas duma comoção tão simples, ditas com a verdade verdadeira dos homens simples; disse que quando eu chegasse na minha terra havia de ter saudades dele; mas que se voltasse por estas bandas que o mandasse chamar e ele viria. Então principiou se despedindo dos nossos trabalhos, do papel em que eu assentara as melodias dele, da tinta, do piano, tudo.

Adeus sala! adeus cadêra!

Adeus piano de tocá!

Adeus tinta de iscrevê!

Adeus papé de assentá!

– Boi Tungão!...

242 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 17 de fevereiro, 1929. Nota MA, a grafite, ao lado da data: "17-2".

243 Rasura: substituição a grafite: riscado o verbo "disse" e sobre ele grafado "falou".



Estava despedido. Estendeu a mão comprida num adeus de árvore e lá foi-se embora no passinho esquipado come-léngua dos cavalos daqui.

E a boca da noite já está queimada de tristura, quase negra, estrelas, uma luzinha de habitação no lado do açude.

Por detrás da casa, parecendo perto, principia um bate-bate surdo. É longe. É um zambê, coco pra dançar, acompanhado a puíta, zambê, ganzá e a "chama", outro tambor de voz medonha, atravessando os ares. A "chama" é o telegrama de convite. Quem a escuta vem pro coco.

Olê, rosêra,  
Murchasse agora!...

A luzinha do querosene é quase inútil na noite. O braseiro fumacento alumia a taipa bordada da parede e serve de pano de fundo. O cabrocha dá um salto pro meio da roda, gira e cai numas letras duma leveza espantosa, saúda os "coqueiros" e tocadores, faz mais outras letras, dá umbigada num parceiro e sai da roda. É a vez deste. O coco esquenta e fico por ali vendo o pessoal, encompridado pelo fundo do braseiro, saracotear num espetáculo assombrado. O "zambê" instrumento, que qualifica a dança, é pesadíssimo, tronco em que o tocador amonta pra bater no couro esticado.

São 24 horas e me deito. O zambê continua no longe. E continuará decerto até que rompa a arraiada. Uma sensação estranha de século XIX... Samba de escravos perpetuado através de todas essas liberdades servis... Que não acabarão de verdade enquanto não vier uma fatal, mas longínqua ainda, bandeira encarnada.

**Bom Jardim, 13 de janeiro, 13 horas<sup>244</sup>.**

Leio Ferreira Itajubá um dos nomes da poesia norte-rio-grandense. Dizem que era muito ignorante e felizmente parece mesmo. As ideias dele não vão além da conversa, o que inda pode ser uma pena, porém os versos não têm no geral esses requebros de poética que deslustram a naturalidade do lirismo.

244 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 19 de fevereiro, 1929. Uma nota de trabalho acusa a falta do recorte no dossiê *O Turista Aprendiz*. Recorte/ exemplar de trabalho do texto deslocado por MA para o manuscrito *Os filhos da Candinha* (V. nota 119). Rasuras a tinta preta excluem as referências ao local e à data que ligam o texto ao diário, para ali acrescentar o título da crônica "Ferreira Itajubá"; texto com variantes em *Os filhos da Candinha* (Ed. cit., p. 86-88).

Desse tempo risonho do passado  
Cheio de tantos sonhos, de ilusões  
Eu tenho o peito agora incendiado  
No fogo vivo das recordações...  
De ti me lembro. E quando, nestas plagas,  
A luz desaba cristalina em jorros,  
Eu vejo ao longe, sem rumor, as vagas  
E a solidão tristíssima dos morros.

No geral a poesia de Itajubá era assim, verdadeira. Tem por isso um sabor de terra bem forte. Às vezes (é certo que lera Guerra Junqueiro<sup>245</sup>) emprega umas palavras convencionais, "aldeia", "batel", mas porém este Brasil é um mundo! O outro dia eu censurava Ferreira Itajubá por ter empregado a nefanda "Bonina" em poesia dele. Danouse! toda a gente riu de mim. Uma gentilíssima se levantou, foi no vergel da casa onde paro, e me trouxe de presente, juro pelo que tem de mais perfeito neste mundo... um oloroso ramilhete de boninas. É de fato uma flor singela, e comum por aqui da mesma forma que "acolá". Não tem dúvida que o Brasil é um mundo...

Ferreira Itajubá não foi um mundo tamanho não, porém é um dos poetas mais perfeitamente líricos, mais puramente poetas da geração de Bilac<sup>246</sup>. O verso dele é duma suavidade impregnante, canta manso em melodia gostosa. Traduzido acho que perderá inteiramente o sabor porém não estou convencido que isso seja um mal em poesia. Certos *Lieder*<sup>247</sup> de Goethe também não suportam tradução, mas na literatura alemã são coisas das mais puras. Pura cantoria.

O Brasil precisa conhecer melhor Itajubá...

Como é doce viver o luar velando,  
O luar que alveja a terra florescendo;

245 Abílio Manuel Guerra Junqueiro (Freixo-de-Espada-à-Cinta, 1850 - Lisboa, 1923), poeta do simbolismo português.

246 Referência aos poetas parnasianos, cujo expoente é Olavo Bilac (Rio de Janeiro, 1865 - 1918).

247 *Lieder*: plural de *Lied*, canção, substantivo grafado com inicial maiúscula conforme a norma, em alemão.



Moças, a noite clara vem descendo,  
 Cordas, a noite branca vem rolando!  
 Antes que o pescador faça-se ao mar  
 Antes que a luz ardente apague a neve,  
 Moças, cantai que a mocidade é breve,  
 Cordas, vibraí que abril custa a voltar!

As moças e o violão foram o refrão da vida dele... E o fraque.

– Quando você casa, Itajubá!

– Inda não tenho fraque.

Acabaram mandando fazer um fraque pra ele. Então casou mas continuou na gandaia. Violão em punho, por praias e ruas suspeitas, cantando. De fraque. Fazia discursos nos circos de cavalinhos. De fraque. Esse fraque foi a salvação de calças de vida longa.

Cinco meses depois de casado participava aos amigos o nascimento do primeiro filho.

– Itajubá! que é isso! seu filho não é de tempo!

– É sim. O casamento é que não foi de tempo...

Ponteava as cordas e cantava outra modinha. E assim viveu até o fim: de violão, de fraque e na gandaia:

Quero às vezes cantar, mas um doente não canta  
 Que a moléstia lhe trunca as notas na garganta.  
 Morto me considero... As trovas melodiosas  
 Esqueci no infortúnio... As tranças perfumosas  
 Que amei, deixei de amar... Fecharam-se as janelas;  
 Foram-se as ilusões; casaram-se as donzelas.

**Cunhaú, 14 de janeiro, 10 horas<sup>248</sup>.**

Desde manhãzinha estamos vogando no tabuleiro, monotonizados numa paisagem de sensação branca: nada que ver, monotonia de leitura.

248 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 20 de fevereiro, 1929. Ao lado da data a que o texto se refere, MA anota a grafite: "20-2".

Mas agora, atravessada a cidade de Penha, a rua larga de casinhas pobres, asfaltada de folhas de carnaúba que o pessoal trabalha, passeio no engenho de Cunhaú, o rio das mulheres, cheio de história e lenda.

Cunhaú é o engenho mais velho do estado. Vem de 2 de maio de 1604, da doação que Jerônimo de Albuquerque<sup>249</sup> fez pros filhos dele, Antônio e Matias, numa data larga de terras boas no vale e mais duas léguas de tabuleiro. Desde então, se fabrica história, açúcar e lendas no engenho de Cunhaú.

Acolá está a capela, inteiramente em ruínas, descoberta, caída a frontaria, uns restos da cimalha no chão apressado pelas lagartixas. As outras paredes inda continuam firmes, mais velhas que a invasão holandesa. Cunhaú foi tomado e retomado, destruído e levantado de novo. Não se cava dois palmos de chão na capela sem topar com osso humano.

Na guerra dos índios, os janduí atacaram o engenho, numa fome canibalesca de fazer inveja. O pessoal do engenho se reuniu na capela mais o capelão. A missa, afinal das contas foi mas é celebrada pela alma dos presentes. Os janduí chegaram, invadiram a capela e comeram o pessoal todinho, padre e 69 outros alimentos. Só escapuliram três homens, decerto os que contaram o caso.

Mais enfeitado pela lenda, embora próximo de nós é o senhor de engenho André de Albuquerque Maranhão e Arcoverde, sobrinho e querido de André de Albuquerque, o da revolução de 17<sup>250</sup>. Arcoverde morreu em 1858. Foi mesmo um extraordinário...

Educado em França, veio bancar o Jacinto<sup>251</sup> em Cunhaú por mais de vinte anos. Só que um Jacinto facinoroso, seguindo bem a tradição de matança e fratricídio da família. Logo após o assassinio do tio, veio pra Cunhaú. Esperou a passagem da Independência e principiou a vida. Matou logo o assassino do tio. Foi o começo apenas. As terras dele eram só pra morada de gente em pé de guerra. Acolá, aquele coqueiro velho, diz-que assinala

249 Jerônimo de Albuquerque (Lisboa, c. 1500 – Pernambuco, 1584), erigiu o engenho Nossa Senhora da Ajuda, o primeiro de Pernambuco.

250 Revolução de 1817 ou Revolução Pernambucana, de cunho republicano, contra as determinações da coroa portuguesa e inspirada na Revolução Francesa, contou com o apoio de André de Albuquerque Maranhão, grande proprietário de engenho de açúcar no Rio Grande do Norte. Foi reprimida pelos portugueses no mesmo ano.

251 Referência a Jacinto de Tormes, cidadão conquistado pela vida campestre, personagem do romance de Eça de Queirós *A cidade e as serras*, no realismo português do século XIX.



um indivíduo que Arcoverde mandou matar. E as mortes continuaram ao léu da ambição e da fantasia. Porque um viajante parece que não saudara a mana dele, zás, morto por ordem de Arcoverde. "Dendé" como o chamavam... E o irmão que estava prejudicando a herança dele, morto sempre. Era assim.

E vivia no fausto prodigioso, quintessenciando pelas memórias de Paris a tradição luxuosa dos senhores de engenho. Acusado, pronunciado, o Governo da Província pra pegá-lo careceu de mandar a força pela banda do mar. A soldadesca cercou a casa e Arcoverde sentiu que estava perdido. Era de noite. Os soldados bateram no portal do casarão chato, inda existente em parte e convertido em casa de purgar. Uma dona apareceu numa janela falando pros soldados que Arcoverde se entregava pela manhã, se podiam esperar? Secundaram que sim. Logo vieram criados com vinho, café, bolos. Os soldados se banquetearam a noite inteira. De manhã entraram. Arcoverde, de casaca, envenenado, já roxo na cama.

#### **Bom Jardim, 15 de janeiro<sup>252</sup>.**

Tenho tentado de obter aqui algumas informações sobre a empreitada de Ford na Amazônia<sup>253</sup> porém consegui mas é quase nada. De fato a repercussão desse mais que perigoso sintoma do imperialismo ianque foi quase nula aqui no Nordeste. Isso é mais ou menos natural. Nós aí no sul por essa esquematização precipitada em que o espírito vive pra pensar prático, costumamos imaginar que da Bahia pro Equador está "o Norte". Ora, não tem nada de mais afastado que o Norte do Nordeste. O Norte vive estigmatizado por aquela umidade fabulosa que chega a embolorar objeto de uso cotidiano. E a assombração deste Nordeste é a seca. Se um tempo inda o nordestino atraído pela borracha, nem bem seca chegava, tornava-se paroara no Acre, no Amazonas, isso está passando já. Agora são as fazendas e cidades do sul, principalmente paulistas que atraem o nordestino. Já falei nisso por alto uma feita e João Fernando de Almeida Prado, bem melhor, num capítulo admirável

252 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 21 de fevereiro, 1929. Ao lado da data a que o texto se refere, MA anota a grafite: "21-2".

253 Referência a Fordlândia, empreendimento da Companhia Ford Industrial do Brasil, para a extração do látex, ocupando a área de 14.568 km<sup>2</sup> no município de Aveiro, às margens do rio Tapajós, concedida a Henry Ford, em 30 de setembro de 1927, pelo governador Dionísio Bentes, com a anuência da Assembleia Legislativa do Pará.

dos seus *Três sargentos* que a *Revista de Antropofagia* está publicando<sup>254</sup>. Mais ainda: neste mesmo "Turista Aprendiz" registrei um documento nordestino confessando a mesma fuga pro sul, o bonito poema de Jorge Fernandes.

"Vam'bora pro sul!" que nem se canta no aboio pernambucano, parece um lema dos proletários nordestinos de agora.

Essa eterna ida-e-volta do trabalhador nordestino fez com que Antônio Bento de Araújo Lima, num artigo muito sério publicado pela *República*, de Natal, procurasse relacionar o... problema Ford com o Nordeste.

Além de tudo, o fenômeno das secas que nos assaltam periodicamente, desorganizando quase toda a nossa vida e determinando a emigração forçada do nosso proletário rural, constitui o primeiro e o mais sério dos problemas que temos a resolver. Considere-se ainda como ficará angustiada a situação da economia capitalista do Nordeste quando por exemplo as empresas industriais estabelecidas no extremo norte estiverem oferecendo salários mais elevados ao nosso proletário que trabalha muitas vezes mais de doze horas por dia, mediante uma remuneração insignificante.

As "empresas industriais" são aqui as norte-americanas pois Antônio Bento de Araújo Lima considera que "a vinda da Empresa Ford para as terras do Pará vem marcar o começo duma nova época para o norte do Brasil".

Os nortistas achavam isso também mas parece que já estão um bocado desiludidos. Pelo menos foi o que me falou um capitalista paraense a bordo do *Manaus*. Achava que o procedimento de Ford não passara duma "fita" prá quebrar os planos ingleses e baixar o preço da borracha indiana. Esta baixou de fato e Ford se abastecera por três anos. E ainda acusava o ricaço de já estar torcendo o contrato pois em vez de principiar o hospital a que se obrigara, tinha se limitado a enviar pra possessão norte-americana que conquistara no Brasil um navio hospital... Mas por mim acho cedo pro paraense se desiludir... Ele que se prepare pra ter junto com todos os brasileiros uma desilusão mais vasta. E sem presumíveis Sandinos...<sup>255</sup>

254 Romance de Aldo Noy, pseudônimo de Yan de Almeida Prado (Rio Claro, 1898 - São Paulo, 1987), publicado em folhetins, na *Revista de Antropofagia*, do modernismo paulistano, em 1928.

255 Augusto César Sandino (Niquinohomo, 1895 - Manágua, 1934): revolucionário, líder da rebelião contra a presença militar dos Estados Unidos na Nicarágua entre 1927 e 1933. Entrou para a História como símbolo de resistência.



**Great Western, 16 de janeiro, 20 horas<sup>256</sup>.**

Mas parece que o ricaço paraense de que falei ontem ou está despeitado com a empreitada Ford na Amazônia e caluniou ou não sabia das coisas direito...

A Great Western desde o primeiro do ano está fazendo viagem de um dia só do Recife a Natal. Embarco nela em Goianinha, partido do Bom Jardim, compro o *Jornal do Comércio* de Recife e leio nele um artigalhão sobre a concessão Ford. Aí creio que já sabem que tem havido pela Amazônia umas revoltas de proletários rurais, descontentes por muitas razões legítimas e sonhos.

A primeira principiou nas terras de José Júlio de Andrade cujos proprietários eu visitei em Arumanduba, o ano passado<sup>257</sup>. Visitei só. Não eram seis da manhã e os meus companheiros de viagem dormiam ainda no pleno dia. Era bonito de ver o porto, imponência de quatro ou cinco gaiolas pertencentes ao dono do latifúndio formidável. Muitas casas, jeito de cidade lacustre, tudo, os próprios arruados de madeira sobre espeques. Por baixo de tudo o Amazonas banza na época das cheias. Visitei armazéns, almoxarifado, a velha e bem bonita casa de morada, chata, com um ar de esposa, muito moral. Não gostei foi de ver os búfalos africanos, bicho imundo, gostando da lama, feioso e primário. Fui muito bem recebido, até hoje agradeço a recepção e não sei por que foi a revolta dos empregados de Arumanduba.

Mas a revolta dos empregados de Ford foi por causa da exiguidade dos salários. Os proletários rurais estavam recebendo além da comida e da assistência médica, de 3 a 4 mil-réis diários. Se revoltaram com justiça. O que parece, pelas informações dum diário paraense, é que a injustiça não provinha de Ford propriamente mas dum dos administradores da empreitada dele, um brasileiro safado por nome Dico Monteiro. Embolsava três contos mensais mas desaconselhou pagar pros trabalhadores rurais a diária de dez a doze mil-réis designada por Ford.

Então um grupinho de descontentes se revoltou e, segundo informam os jornais paraenses, coagiu sob ameaça todos os brasileiros de Boa Vista a se retirarem do trabalho, uns quatrocentos.

O que resta saber agora é se de fato os trabalhadores brasileiros foram readmitidos no trabalho, como conta o prefeito de Santarém.

256 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 22 de fevereiro, 1929; abaixo do título da coluna, aparece a nota de MA a grafite: "22-2".

257 Rasura: a tinta preta: substituição de "atrasado" por "passado".

Um senhor Raimundo Brasil, diz-que conhecedor vasto das regiões do Tapajós, descreveu a atividade que vai pela Boa Vista, desmentindo tudo quanto me informou de pessimista o ricaço paraense de ontem. Viu já dois quilômetros desbravados, destocados, várias oficinas mecânicas, hospital provisório, farmácia, drogaria, padaria, gado, batelões de quarenta toneladas, rebocadores, lanchas, nove caminhões, 23 tratores, mais máquinas pra tudo e vários arranha-céus dum andar. Eis aí.

Esse sr. Raimundo Brasil continua em profecia: dentro de três meses a vila estará construída. Ford Avenue, Fordson Street. Mas afirma que os avisos, anúncios etc. são por enquanto em português.

**Natal, 17 de janeiro, 20 horas<sup>258</sup>.**

Estou preparando as malas pra seguir amanhã numa viagem de automóvel fazendo quase que toda a volta do Rio Grande do Norte. Essa viagem me interessa bem. Já conheço a região do açúcar. Vou visitar agora a do sal e a do algodão.

O algodão é mesmo a grande fonte de riqueza que o estado possui. Em parte, em reserva ainda pelas terras não aproveitadas, pela falta de seleção e pelo regime latifundiário que infelizmente inda impera por este imenso Brasil.

Só ultimamente se tem trabalhado na seleção de sementes e aperfeiçoamento de tipos nobres, duns cinco anos pra cá. São mantidas pra isso duas fazendas-modelo em Macaíba e Sant'Ana. Também instalaram um laboratório em Jundiá (Macaíba) pra estudo das pragas do algodoeiro.

Tudo isso é pouco porém pra corresponder às necessidades do estado e urgência da grandeza dele, o laboratório é precário como informa o próprio jornal oficial e a procura de sementes selecionadas pelos agricultores é maior que a produção das fazendas de sementes.

Apesar dessa precariedade e infância de trabalhos de aperfeiçoamento que inda perseveram pelo Nordeste, já possuímos um tipo de primeira ordem, o algodão mocó de fibra longa, que alcança nos mercados, Liverpool, São Paulo, classificação nobilíssima, tipos 1 a 4. É dos melhores que há pela uniformidade e resistência da fibra, resiste bem à fome nem sei como chame! da lagarta rosada e a produção de pluma pra cada árvore é de porcentagem excelente.

258 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 24 de fevereiro, 1929. Nota MA, a grafite, ao lado da data a que o texto se refere: "24-2-29".



Inda por cima é quase que só plantar e colher quando a gente sabe o trabalhão que dá o cultivo do algodoeiro no Egito, nos Estados Unidos e na Índia.

O Nordeste se tornará facilmente um dos maiores, senão o maior produtor de algodão do mundo. E a gente percebe aliás que o nordestino já está se convencendo disso; o que é melhor do que achar o Brasil uma boniteza e discutir a intensidade de calor entre o Nordeste, Manaus, Rio e Buenos Aires. A gente percebe que o calor já principia sendo outro: ânsia de crescer deveras.

**Macau, 18 de janeiro, 16 horas<sup>259</sup>.**

Vimos em pouco mais de sete horas de Natal até aqui, automóvel bom, estrada assimzinha, paisagem horrorosa de medonha. Foi bom mesmo chegar nas salinas bonitas porque atravessar assim no solão sincero, léguas e léguas de caatinga, um naco de sertão e mais caatinga em plena seca, palavra: quebra a alma da gente, vista de cinza malvada! Em Epitácio Pessoa foi difícil resistir a um desses assombros sentimentais que diz-que arrancam lágrima. Miséria semostradeira de vilareco, sem ninguém mais quase, morto de todo nas 13 horas do dia, onde os corajosos que moram ali estão comprando a cruzado, a 500 réis a lata d'água, vinda de léguas longe.

Enfim as salinas adormeceram a tristura, com Macau lá na ponta, chão de telha e a torrinha branca. Macau terá seus quatro mil habitantes de sal, sal magnífico. As últimas análises provaram definitivamente a excelência do sal norte-rio-grandense, muito superior ao de Cádiz por menor coeficiência de sais magnesianos. Além do mais a produção potiguar pode abastecer o mundo quando a indústria se desenvolver completamente. Sendo uma das indústrias em que mais se perde matéria-prima, essa perda nas terras salineiras do Rio Grande do Norte é compensada pela facilidade de cristalização do sal por causa da violência mucuda do Sol e do vento e a impermeabilidade do solo.

A usina Pereira Carneiro estava em atividade e a visitei. Aí se beneficia o sal pra exportação. O calor, apesar do vento, é pavoroso nela. Os operários trabalham oito horas diárias, das 7 às 11 e das 13 às 17. Assim mesmo sofrem por demais. A própria Companhia reconhece isso e agora anda instalando eletricidade nas salinas dela pro trabalhador salineiro poder trocar a noite pelo dia, evitando o calorão do Sol. Na usina já muitas feitas

259 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 26 de fevereiro, 1929. A grafite, ao lado da data a que o texto se refere, MA anota: "26-2".

se trabalha de noite. O ganho diário na usina é de 5 mil-réis pelas oito horas de trabalho, o que se não chega a ser propriamente um crime é porque custa bem a gente distinguir o que seja crime nesta sociedade em que vivemos. Outra acusação grave a fazer aos proprietários dessa Companhia é não se utilizarem senão duma porcentagem absolutamente mínima (talvez não passe de 10 por cento) das terras salineiras que a elas estão aforadas. Isso empечilha o desenvolvimento da indústria diminuindo imaginem de quanto a produção e o emprego de capitais no estado! Temos que ler de novo o que falei atrás sobre a dificuldade da gente alcançar um conceito de crime na civilização americana de agora.

Mas que boniteza as salinas!... Graças a Deus aliás que elas já estão perdendo a sensação metafórica de Holanda que davam pros sabidos. Os moinhos já estão sendo substituídos por motores elétricos, menos visíveis na paisagem que pra logo ficará tão somente sal e Sol, uma geometria em luz. Nos baldes a água crespа, nos cristalizadores a larga quadra alvinha, a reta da estrada, quilômetros! no meio e as pirâmides brancas, branquíssimas quase todas, túmulos de ninguém, cinco, seis, às vezes mais metros de altura. É ùa maravilha.

Inda faz pouco, depois da janta, voltei lá na luz forte do quarto crescente. Que fresca batia no vento resmungador! Mas inda era cedo, 20 horas e por isso os fantasmas inda descansavam no chão, sob as mortalhas, antes de irem por esse mundo, assombrando tudo.

#### Automóvel, 19 de janeiro<sup>260</sup>.

Cinco e quinze. Carreira maravilhosa no leito do Açú, leito chato, planície dando sensação de deserto. Penetramos no vale do Açú, carnaubais formidáveis. As carnaúbas desfolhadas pela colheita recente têm ar espantado muito pândego.

A estrada é quase que um arruado só, povoadíssima. Pessoal que vive da carnaúba e do samba. Não tem noite quase em que a "chama" não gagueje surda chamando os festeiros pro zambê. Gente alegre. Que nem no litoral, vestido encarnado é muito por aqui. Porcos cruzados com tamanduá, cada focinho destamanho!

Às 7 e 3 quartos, atravessamos o restico do rio Açú e três minutos depois a cidade do Açú. Foram dez léguas de várzea fértil, esse carnaubal formidável.

260 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 27 de fevereiro, 1929. Ao lado da data está a Nota de MA, a grafite: "27-2".



Açu, 2.500 habitantes. O município terá 25 mil. Produção deste ano: 24 mil arrobas de cera de carnaúba. Município feliz por causa do rio e das lagoas: na seca não só não "produz" retirantes como até os recebe.

O regime do vale inda é latifundiário. O trabalhador rural na época da colheita ganha o jornal de 4 mil-réis. No geral duas colheitas anuais, rentes uma da outra. Vai tudo pro carnaubal, moços, moças, mulheres, homens. Colheita e farra danadas.

Às 8 e 15 partimos da cidade simpática, ar de alegria. A caatinga ficou mais simpática. Os troncos de marmeleiro e da catanduba arborescente não queimam os pés no chão atapetado pelo panasco seco, meio doirado. Quando senão quando o chão esturrica e racha. Pra esquerda a serra do João do Vale no longe, preta, às vezes irritada em serrotes e cuscuzeiros de pedra. Sertão. Atravessamos o arruado do Espírito Santo. O que entragica bem esses povoados é o vermelhão das casas tijoladas, queima e apavora.

Domínio da pedra agora. Muitas feitas as cercas das fazendas são muros de pedra, léguas e léguas!

Na sombra esperançosa dum pereiro, uma família de retirantes. Fico besta. Nem dinheiro atiro pra eles. A viagem virou desgraçada.

Atravessamos Augusto Severo às 10 e 40. Na vastidão de ao pé da serra a chuva já peneirou. Peneirou só, porém tudo está verdinho e o tejuaçú lagarteia no solão exato da estrada. Seriemas.

E continua, só que verdolenga, a mesma monotonia dramática de sertão, fazendas num silêncio atordoante e de hora em hora as vilas e cidadinhas inexplicáveis. Solidariedade de miséria. Sai da estrada um gadinho escalavrado, envergonhado de viver, humilde, batido, com a anca debaixo das pernas. Uma vaca surubim faz sinal pra pararmos:

– Por obséquio: os srs. não viram alguma cacimba por aí?

Pouco depois das 12 chegamos a Caraúbas, meia almofadinha, caiada de novo pra inauguração do trem de ferro de Mossoró até aqui. Calor de lquitos. Almoçamos e fugimos.

A estrada segue melhorada. Ora tudo seco, ora esverdeando já segundo a fantasia dos chuviscos escoteiros. No seco as arvoretas mostram todos os ninhos.

Estamos quase tocando com a mão a serra do Martins, mas os corpos continuam secos e o calor pavoroso. E estamos perdidos, o caminho errou. No solão das 15 horas, através do juremal ressecado, pinoteando no trilho dos carros de boi...

Afinal topamos com Gavião, lugar de gente brigona, a cangaceirada, o caminho vai todo espinhando de cruces.

Aproveitamos a sombra duma casa pra mudar o pneu e beber água. Crio coragem, fecho os olhos, bebo. A casa é dum homem que andou se atrapalhando com Lampião

quando este passou por aqui, via Mossoró. Foram duma burrice estratégica tão gentil que Lampião de enjoo só matou "três anjos", como costuma falar. Topamos com as três cruzeiras juntas, logo partidos.

A estrada nem merece nome de vereda pra cargueiro. É um trilho de janduí. Erradas. Cada homem, cada casa, perguntamos caminho. Cada um secunda dum jeito, faltam duas léguas, faltam três, faltam seis! Velocidade máxima: cinco quilômetros por hora! E a noite cai rápida trazida pelo vento de tempestade. Estamos subindo a serra e já chove ali na esquerda, cada clarão! Os trovões são desta grossura! O farol não vale nada. Se não fossem os relâmpagos não podíamos avançar. E a tempestade nos pega. Dentro do automóvel relampeia, chove, o trovão estronda. Os galhos batem na gente. Ora dum lado, ora do outro o abismo aumenta, exagerado pela noite. As derrapadas criam uma marcha de acaso enquanto os raios nos ensurdecem. Estamos num perigo desgraçado muito sério. Me convenço que não é nada agradável a gente deixar uma pobre de mãe chorando a nossa morte. As árvores estão se esfacelando. Os galhos até servem pra endurecer um bocado mais o caminho. Um, enorme, careceu tirar da estrada, o diabo! Tivemos também o momento da morte pertinho, clássica dessas ocasiões. O automóvel enveredou pro abismo, inconscientemente torci pra esquerda e atralhei a manobra do chofer, quase que fomos!

Afinal a ventania foi levando a tempestade pro outro lado da serra. Conseguimos derrapar até o arruado de Boa Esperança. Não era o nosso destino porém impossível de ir pra diante, sem correntes, sem farol bom, nós encharcados e exauridos pela sensação estúpida do perigo.

Todo o povoado acordou com as buzinas. Recepção positivamente hostil. O pessoal por aqui vive obcecado pela presença do cangaço, imaginaram que éramos cangaceiros, quatro homens esquisitos. Foi um custo<sup>261</sup> desdesconfiarem. Boiamos carne de sertão com farinha, coalhada com rapadura e caímos nas redes. Maravilha da noite fresquinha!...

Agora estou dormindo.

#### Automóvel, 20 de janeiro<sup>262</sup>.

É uma felicidade acordar são e salvo. Estamos bem dispostos como nunca. O... "o que sucedeu" ontem de noite acabou duma vez o sequestro de civilização. Bateu uma vontade fantástica de falar bobagem em nós, cada palavrão!

261 Rasura: a tinta preta: correção de "susto" para "custo".

262 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 28 de fevereiro, 1929. Nota MA: a grafite ao lado da data: "28-II-29".



Partimos às 5 e 40 em busca de Martins, nosso destino de ontem. A manhã está sublime, vistas estupendas como o Sol paulista ciceroneando as rebarbas da serra. A estrada continua cheia de cruces com pedrinhas nos pés e nos braços. Cada um que reza pelo assassinado bota uma pedra na cruz. Lagoas. Jaçanãs quase mansas entre verdes fáceis. Sertão de nome e de lonjura apenas. A todo o momento atravancam a rodovia melhorada os galhos derrubados pela tempestade de ontem.

Às 7 e 15 chegamos a Martins, lugar pra héticos, a igreja azul e branca, largos com árvores, feira dominical no mercado, uma gostosura. Caímos nas mangas. A minha sede é que tem sido um caso sério. Ontem em Boa Esperança, bebi chegando garrafa e meia de cerveja. Aqui, não fazem duas horas que parei e já estou na segunda garrafa de Paulotaris. A água que bebem por quase todo o sertão é repugnante de suja, feia, gosto de ruim, só mesmo em último caso é que a bebo. E por toda a parte, depois de Macau, a mesma ausência de guaraná e águas minerais. Quando muito uma Salutaris artificial, da Paraíba, e o detestável Guaraná Champanha. Guaraná Simões, do Pará, muito gostoso, é uma raridade. Aqui em Martins tenho que aguentar Paulotaris, não há outra coisa.

Às 12 e 20 partimos pra vencer a penúltima etapa da viagem: Caicó. Nem bem uma hora de descida e primeira errada. Ninguém ensina direito e como o caminho só com muita condescendência serve pra automóvel, vamos errando por quanto trilho de cargueiro e de carro de boi se encontra. O calor é inenarrável e a sede aumenta.

Só pelas 16 horas topamos com o caminho certo e entramos na Paraíba. A estrada melhora bem, chega a ser boa e se pode contemplar a paisagem. Tudo seco não tem dúvida, esturricado, a mesma monotonia dolorosa perto mas a vista das serras de lado a lado é lindíssima. Morraria de pedra lisa riscada pela vegetação queimada. Quando o vale se alarga são guanabaras que a gente corta; se aperta a gente entra em Vitória: vale a pena ver.

Mas a viagem segue sempre meia apreensiva. Estamos em plena região de cangaço, as casas nos veem com receio, fazem perguntas esquisitas pra nós, pretendendo nos pegar numa resposta falsa e descobrir em nós cangaceiros montados na Oakland<sup>263</sup>. A dona com o menino ficaram apalermados, nem puderam responder.

263 Oakland: modelo de automóvel fabricado pela General Motors.

Afinal às 17 entramos em Catolé do Rocha<sup>264</sup>, com procissão do orago<sup>265</sup>, rojões, gente bêbeda e mendigos. Mas a cidade está desfalcada. Cerca de 1.100 famílias da zona foram pra São Paulo. "Vam'bora pro sul!..." Este refrão vai me perseguindo com amargura. "E só se fala agora em ir pra São Paulo" acrescentou o informante...

Toda a gente se move, cordial, pra descobrir alguma garrafa de guaraná pra nós. Não há. Acabou no leilão. Caímos na cerveja.

Católé do Rocha, capital do cangaço paraibano, é meia espondongada no jeito, com duas praças grandes, contíguas e em plano diferente. Um conventinho muito bonito em barroco simples. Lá num morro a capelinha é uma gostosura de estrela que o Sol faz.

Na sombra das casas um carrinho de mão tem uma aleijada dentro. É moça ainda, feição de boba. Traços até bonitos, dentadura linda sempre à mostra brilhando na baba escorrendo. As moscas escolheram a boca da moça pra pousar. Quando atormentam por demais, a boba limpa a boca no ombro e recomeça babando e rindo. Não sabe falar, só sabe rir. As pernas são cordas vermelhas atiradas por aí, dentro do carrinho. Junto deste está uma velha sentada no chão, coberta quase a cara toda com o xale. Xale de lâ! Quando a esmola cai na cuia, a boba pega o dinheiro depressa e dá pra velha. Então esta canta um "bendito" de gratidão. Tem a voz nítida e o bendito musicalmente é maravilhoso. Alimentamos a continuação dele com esmolos enquanto pego meu caderno pautado, e anoto a cantiga. O povo me cerca sarapantado, bêbados, meninos, mulheres, tudo espiando o caderno esquisito. Só mesmo a boniteza do canto me sustenta no escândalo.

Deus li pague a santa esmola  
Deus li leve no andô,  
Acumpanhado di anjo  
Acirculado di flô,  
Assentado à mão direita,  
Aos péis di Nosso Sinhô!

Termino de anotar a melodia e fico maravilhado contemplando a simplicidade genial dela. Que perfeição de linha, que equilíbrio de composição! E que desmentido

264 MA, em sua crônica "Catolé do Rocha", no *Diário de S. Paulo*, em 2 de julho de 1933, retoma os acontecimentos registrados pelo viajante (V. "Dossiê", na presente edição).

265 Orago: santo padroeiro.



pra certas teorias. Canto em maior e rápido e apesar disso duma dor magnífica, pobre, mesquinha, triste mesmo.

Fugimos pra Brejo do Cruz. A estrada melhora cada vez mais porém a garrafa de cerveja não bastou. Estralo de sede e vou obcecado pelo bendito da pobre, cantando por dentro com uma malinconia enorme.

18 e 30. Brejo do Cruz.

– O sr. tem alguma coisa pra beber?

– Tenho cerveja.

– Venha cerveja.

Bebo duas garrafas, ali no sufragante, quase sem respirar. Levo outra pro automóvel. Os amigos fazem o mesmo. Estralo de sede. Todos principiamos achando uma graça enorme na sede minha. Nem bem damos as costas pra cidade, fome nem me amolo com ela! é sede. Bebo rindo a terceira garrafa. Esta vida é uma gostosura gente! Quá, quáquá!... Venha Lampião! Canto:

É Lamp, é Lamp, é Lamp...

É Virgolino Lampião!...

Acho uma graça exagerada em Lampião, em Catolé do Rocha, na pobre, em Jesuíno Brillhante. A escuridão não me deixa ver mais nada. As miragens do automóvel a 180 quilômetros me atiram contra o chofer. O automóvel está voando pros campos de aterrissagem existentes por todo o estado, me arrebento contra o vento, durmo, acho uma graça derradeira e durmo no ombro do chofer.

**Caicó, 21 de janeiro, 20 horas<sup>266</sup>.**

Hoje não se viajou. Paramos nesta cidade em progresso, pra mais de 4 mil almas, eu na esperança de pegar uns cantos de negros que por aqui inda elegem rei e rainha e cantam. Espécie de "Maracatu" sobrevivente neste sertão onde mesmo o cabrocha é raríssimo. Os negros não vieram, visitei a cidade com as casas monumentalizadas pela ausência de plantinhas de enfeite e agora estou imaginando.

266 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 1º de março, 1929. A grafite, ao lado da data, MA anota: "1-3-29".

A estrada de rodagem de Caicó pra Catolé do Rocha, ligando o Rio Grande do Norte com a Paraíba, empregando quatrocentos trabalhadores – o que quer dizer quatrocentas famílias alimentadas – com o jornal ridículo de 2\$500, o Governo Federal suspendeu de supetão. Esse povaréu todo ficou na miséria completa em plena seca, morrendo de fome. Serviço não há nenhum. Segundo informações dum técnico da Inspetoria de Estradas, só os direitos alfandegários da gasolina importada pelo Estado, só esses direitos dão pra pagar o serviço. O Governo Federal gasta 5 contos semanais com ele. E tem verba destinada a ele só que inda não foi distribuída! E o serviço é parado derrepente: a seca se tornou palpável, a fome, a morte ou a deserção... Mas o Governo Federal faz uma estrada de luxo Rio-Petrópolis...

A reverendíssima Ex.<sup>a</sup> do dr. Washington Luís<sup>267</sup> passa pelo Nordeste em discurso, não tirando luva da mão, sem experimentar o tapa-mão de couro do vaqueiro, bem-hospedado, comendo, e muito, as comidas morenas de por aqui. E antes ou depois da viagem, que nem todos os brasileiros (até o nordestino!), continua lendo as literatices heroicas de Euclides da Cunha<sup>268</sup>.

Pois eu garanto que *Os sertões* são um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. Carece ver o que ela é. É medonha. O livro de Euclides da Cunha é uma boniteza genial porém uma falsificação hedionda. Repugnante. Mas parece que nós brasileiros preferimos nos orgulhar duma literatura linda a largar da literatura duma vez pra encetarmos o nosso trabalho de homens. Euclides da Cunha transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura, em epopeia... Não se trata de heroísmo não. Se trata de miséria, de miséria mesquinha, insuportável, medonha. Deus me livre de negar resistência a este nordestino resistente. Mas chamar isso de heroísmo é desconhecer um simples fenômeno de adaptação. Os mais fortes vão-se embora.

Vam'bora pro sull...

O nordestino é prolífico. Dez meses de seca anual. Não tem o que fazer, faz filho. Os mais fortes vão-se embora. Fica mas é a população mais velha, desfibrada pelo Sol,

267 Washington Luís Pereira de Sousa (Macaé, 1869 – São Paulo, 1957) assume a presidência da República em 15 de novembro de 1926; foi deposto pela Revolução de 1930.

268 Referência a *Os sertões*, de Euclides da Cunha (Cantagalo, 1866 – Rio de Janeiro, 1909).



apalermada pela seca, ressequida, parada, vivendo porque o homem vive, acha meio de viver até aqui! Mas fica porque... meu Deus! porque não sabe partir!... É medonho. Por toda a parte onde se passa o mesmo refrão amargo eles repetem pra nós: "Porque fulano, o filho da Maria Sousa, o filho do João etc., o filho de não-sei-quem partiram pra São Paulo. E quinta-feira partem o filho de fulano e o de sicrano." Os filhos partem. Um melhorzinho diz-que mandou 800 mil-réis pra família. Outro mais piedoso voltou. Mas foi pra levar não sei quantos. E lá se foram todos pra São Paulo, pra Goiás, pra Mato Grosso.

A história da volta sempre do nordestino é uma blague<sup>269</sup> sentimental ridícula. Volta um ou outro apenas. E voltavam principalmente do Acre onde a situação aquática é tão mortífera como a seca nordestina. Os que vão pro sul não voltam não.

Os nordestinos arranjados, cheios de regionalismo e literatice, zangam com o funcionário de não sei que repartição de secas porque este aconselhava o abandono de certas regiões nordestinas, as do sertão sáfaro. A opinião deste era de fato leviana pela maneira com que a contam porém o regionalismo sentimental e... euclidiano também já está fora de tempo.

O homem arranjado que para em Catolé do Rocha ou em Parelhas, está sofrendo? Pronto: embarca no automóvel, vem pra Natal vai pro Recife, tem água sempre e até gelo. Um cruzado pra ele não é nada, compra quantas latas de água quer e morta a sede se põe cantando a resistência do povo, o nativismo dos retirantes que voltam etc. Nessa mesma gente que volta, os arranjados não estão imaginando o sofrimento diário, o abatimento miserável, mesquinho, infinitamente desinfeliz. Mas os mais fortes vão-se embora pro sul...

Isso pra nós sulistas é um benefício enorme, recebendo essa emigração de moços fortes, selecionados pela própria energia de partir sem sentimentalismo. Porém graças a Deus que não sou nem paulista nem patriota! O que vejo mesmo é a seleção depauperando o Nordeste. E o sofrimento do homem. O Rio Grande do Norte mesmo tem vales magníficos ver o do Ceará Mirim. No vale do Açu param 25 mil almas e pode conter folgadoamente 100 mil. Era preciso canalizar esses sertanejos pra esses vales, pro litoral, e atarraxá-los aí por meios suasórios que ao mesmo tempo terminassem com o regime latifundiário que inda subsiste colonialmente por aqui.

Não tenho dúvida que o problema do sertão e da caatinga em seca há-de se resolver. Não entendo dessas coisas e temo dizer bobagem. O que sei é que por enquanto tudo está errado e ao proletário rural não beneficiaram quase nada as medidas existentes

269 Blague: galicismo: faz de conta, brincadeira.

que o Governo Federal tomou. Os açudes grandes não passam dum paliativo e os retirantes que se arrancham na praia deles são duma arribação dolorosa...

O sertanejo estava com um desejo danado de experimentar o automóvel. Quando atravessava o Olho d'Água topou com um, vazio. Pediu pra andar nele um bocado, o chofer deixou. Amarrou a besta numa oiticica e lá foi no macio. O chofer perguntou se bastava, pediu pra andar mais um bocado. Afinal bastou e o auto foi embora deixando o sertanejo agradecido no meio da estrada, que solão!

– Dona, que distância vai daqui pro Olho d'Água?

– Doze léguas.

Pois isso é que careciam de fazer com o dr. Washington Luís, deixar ele doze léguas da recepção, comendo a miséria medonha desta seca. Miséria medonha.

#### Automóvel, 22 de janeiro<sup>270</sup>.

Atravesso Caicó, partindo pra vencer a última etapa dessa viagem. 7 e 40. Caicó me assombra, bem arrumada, casas novas. São casas pequenas, enfeitadas muito, no geral feiosas porém se sente o progresso. "Aqui vai ser uma rua". O que se vê é um conjunto de pedras desengonçadas, lajes, blocos. E aí vai ser uma rua... E assim, grupos de casas novas, sem nenhuma espécie de vegetação, a gente tem uma impressão danada de monumentalidade.

Essa impressão vai continuando estrada fora. Estrada excelente cortando uma paisagem quase que exclusivamente de pedra. O chão é pedregulho só. A própria vegetação do deserto nordestino rareia muito. Por momentos a gente fica cercada só de pedra e de xiquexique rasteiro que parece vegetação de pedra também. Os serrotes vão amansando. Larguezas formidáveis e no longe à direita a serra de Borborema menos recortada, ondulando estendida. A rodovia inteligentemente estudada vai no divisor das águas entre o rio Seridó e o Barra Nova. E as cercas das fazendas por aqui são exclusivamente muros intermináveis de pedra. As obras-de-arte da estrada, pontes de cimento, mata-burros de trilho, tudo reto. É monumental. Um monumental desolado, em que a monotonia do grandioso tem uma psicologia de perversão baudelaيرية amarga<sup>271</sup>.

270 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 2 de março, 1929. Ao lado da data a que o texto se refere, MA anota, a grafite: "2-3".

271 Referência ao poeta Charles Baudelaire (Paris, 1821 – 1867), autor de *Les fleurs du mal* (1857).



Às 9 cortamos Jardim do Seridó, uma cidadinha de Tarsila, toda colorida limpa e reta. Catita por demais, lembrando Araraquara por isso. Cidade pra inglês ver. Mas não tem dúvida que é um dos momentos de cor mais lindos que já tive neste aprendizado pra turista.

30 minutos depois tomamos café e água verdadeira em Parelhas nascida ontem, com ar de saúde. A região do Seridó mostra com evidência um ar de progresso que até agora eu não tinha sentido neste raide nem mesmo nas salinas. De fato é a região mais progressista do estado, valorizada pelo algodão mocó e facilitada pelos processos econômicos em uso. O trabalhador aqui, no geral, é meeiro. O proprietário das várzeas e dos açudes dá a terra, o proletário planta e colhe algodão, o resultado é metade pra cada um. Isso prende um bocado mais o proletário à região e o êxodo de moços diz-que é menor aqui. Mas existe também. Em Caicó nos enumeraram nomes de rapazes partidos ou em vésperas de partir pro sul e já encontramos um grupinho, seis ou oito, trouxa nas costas, pé na estrada, indo-se embora.

Mas nesta viagem assim rápida, correndo pelo divisor das águas, os sinais de progresso são apenas as cidades. Também quando senão quando nos ramos desfolhados das juremas estão presos flocos de algodão ficados dos fardos em viagem. E é só. Não se vê os açudes. No entanto a açudagem particular tem realizado milagres na região. Basta dizer que dos mais ou menos 1.500 açudes do Rio Grande do Norte, me informaram que perto de 1.200 estão no Seridó.

Açudagem particular porque o Governo Federal mesmo... Passada Acari às 11 e 28 logo topamos com o açude... que ia-se fazer, de Gargalheira. Gastaram com as obras preparatórias um colosso de dinheiro, máquinas, transporte de material, salários, construções de casas e, sim, os intermediários. Passei. Construções por acabar... em ruínas, barracões, maquinário caríssimo, barragem iniciada, tudo no abandono, inútil, coisa hedionda, crime famoso, desgraçados!

Não é possível se pregar revolução nesse país. Na certa que haverá traidores. O que nós carecemos é dum cangaço secreto, matando friamente fulano que é gatuno, fulano que é burro, fulano que é abúlico, assim. Matar. Matar friamente. Então o açude de Gargalheiras juro que já estava acabado, beneficiando a uma região produtora, prendendo gente no solo nordestino, enriquecendo o país.

Almoçamos em Currais Novos e uma hora depois, 13 e 20, de novo entre pedra e xiquexique, as juremas sempre rareadas. Principia o facheiro pardo sujo, implorando licença pra se chamar de verde, anunciando a serra do Doutor. Agora é quase só facheiro, uma facheirada espeloteada beiradeando as nascentes do seco Potenji.

Mais um grupo de retirantes. Mulheres guindadas sobre badulaques de mudança que os dois burros carregam. Homens de pé. Um jerico leva os caçuás<sup>272</sup> cheinhos de crianças. Decerto vão pro açude federal de Santa Cruz onde já tem mais de duzentas famílias arranchadas...

15 e 15. Santa Cruz. Passamos. Os pneus já estão dando o prego. Paradas irritantes. Já estamos nas barras do sertão. Mais um grupo de rapazes, três, gente forte, trouxe no ombro. Entramos definitivamente na caatinga, com a serra baiada por último espicaçando a planura. As câmaras de ar não podem mais também. Abrimos numa carreira maluca fugindo da pane definitiva.

Às 17 e 40 fechamos o O da viagem topando com a estrada de Lajes, tomada na manhã, cinco dias atrás. A boca da noite fecha rápida. Desilusão como todo o fim de viagem. Macaíba. Às 19 e pico o triângulo elétrico da capelinha de São Pedro no Alecrim. Natal. Mil cento e cinco quilômetros devorados. E uma indigestão formidável de amarguras, de sensações desencontradas, de perplexidades, de ódios. Um ódio surdo... Quase uma vontade de chorar... Uma admiração que me irrita. Um coração penando, rapazes, um coração penando de amor doloroso. Não estou fazendo literatura não. Eu tenho a coragem de confessar que gosto da literatura. Tenho feito e continuarei fazendo muita literatura. Aqui não. Repugna minha sinceridade de homem fazer literatura diante desta monstruosidade de grandezas que é a seca sertaneja do Nordeste. Que miséria e quanta gente sofrendo... É melhor parar. Meu coração está penando por demais.

#### **Natal, 23 de janeiro<sup>273</sup>.**

Henrique Castriciano<sup>274</sup> é que nem eu, a respeito do Brasil, e temos conversado horas úteis para mim. Talvez ele seja apenas um espírito menos prático que o meu mas pra compensar tem uma erudição e um conhecimento tradicional excelente das coisas do Brasil e do mundo. Como cultura brasileira franqueza: é um dos poucos nordestinos com quem tenho privado cujas reações intelectuais funcionam

272 Grandes cestos de vime encaixados no lombo dos burros.

273 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 8 de março, 1929. A grafite, ao lado da data, MA anota: "8-3".

274 Henrique Castriciano (Macaíba, 1874 - Natal, 1947), escritor e político.



em relação ao Brasil. Regionalismo paulista... O que eu vejo é um nordestinismo atrasado, asoberbante, às vezes ridiculamente vaidoso, apoucando a sensibilidade, a atualidade de muitos por aqui.

Henrique Castriciano afinal das contas não é nem pessimista nem otimista a respeito do Brasil. O *Retrato* de Paulo Prado é certo que causou nele, excetuadas as bobagens está claro, a mesma reação que causou na crítica oficial (!) brasileira. Mas também está convencido que vamos por uma formidável decadência moral.

Uma das provas disso, ele me falou, está na própria transformação do cangaceirismo nordestino. Essa transformação foi definitivada por Lampião e os companheiros dele, hoje verdadeiros salteadores, gatunos sem grandeza e sem nenhuma espécie de dignidade, estupradores, roubadores, gente ruim.

Dantes o cangaceiro não era assim não. No geral cavalheiresco, protegendo as mulheres, não roubando propriamente, apenas se apropriando de posses alheias nas vinganças. E a riqueza apropriada assim era de todos, acabava servindo aos pobres. Ninguém não se fazia cangaceiro não. Era feito por essa incompatibilidade em que se botou a pseudocivilização social em que vivemos com a justiça verdadeira. O indivíduo sofria uma desgraça sem cura, tiravam o sítio dele, estragavam a mana etc., então virava cangaceiro pra justiça. Justiça, o que quer dizer que ficava fora da Justiça... Era o cangaço. Cangaceiros tanto de ontem como de agora são uma prova admirável de resistência, de saúde, de força e coragem física. Isso não tem dúvida. Vida com o olho direito sempre acordado, uma atividade sem parada, abstração de clima, de dengue, de malinconia... Mas os de dantes possuíam afinal das contas uma moral lá deles, não matavam, não atacavam sem razão, respeitavam, protegiam, coisas que o temor do ridículo faz a gente chamar de "românticas". Não tenho medo do ridículo nem do "romantismo". Chamo isso de moral lá deles e de meu tio, fazendeiro prático achando que, sem palmatória, menino é bicho ineducável.

Mas parece que Lampião tinha no grupo dele uns malandros cheios de curso escolar... De primeiro ele não era o que é, não. Os tais é que, cangacismo praticado, voltavam pra roubar, estuprar e o Cão! Lampião... Lampião era brasileiro da República (não sou monarquista) e se acostumou. O certo é que cangaceiro é sinônimo agora de tudo quanto é desagradável e incerto. Decadência... Resistência... Mas resistência não basta para nada... Veja-se o dr. Washington Luís... Minha maior esperança está mesmo nos gaúchos.

### Natal, 24 de janeiro<sup>275</sup>.

Luís da Câmara Cascudo, além do mais, é uma crônica viva das tradições norte-rio-grandenses. Me falou hoje sobre uma que vai se perdendo, a dos curadores de cobra. Verdade por mentira o certo é que faziam proezas incríveis.

Um desses curadores, popular no estado, foi o negro Gambeu, indivíduo truncado, varapau, sempre se rindo. Muita gente saiu da morte com os sortilégios dele. Como todos os curadores, jamais matava cobra por matar. Até fazia criação delas e não viajava sem carregar numa cabaça um elenco de cascavéis e jararacas. As de mais estimação traziam enfeites, campainhas feitas com dedal e cabeças de alfinete e mesmo às vezes um laço de fita.

Durante uns tempos em que sofreu de reumatismo, Gambeu se alimentou muito de cobra. Cortava ritualmente um palmo da cabeça, outro palmo da cauda, assava o resto, que comia. A profissão mais constante de Gambeu era amestrar cachorros de caça, pra vender no Piauí. Isso prova pelo menos que tem pouca mordida no Rio Grande do Norte.

Gambeu era um pândego. Se vestia fantasistamente e gostava de mangar de todo mundo. A roupa era de cor berrante e o chapéu coberto com pele de maracajá. Morreu beiradeando cem anos, sempre com a mesma lucidez de espírito. Inventava resposta no pé das perguntas.

No sertão da Paraíba também se guarda memória doutro curador famanado, o Bento. Este, chegava num campo, assuntava o capim e ia falando:

– Neste campo tem três cobras, uma jararaca e duas cascavéis.

Mandavam que as fosse matar, se recusava.

– Curador que vive de cobra não deve fazer mal a elas... Pau se vinga quanto mais os bichos! Posso trazer.

la e trazia as três cobras.

Ficou célebre dele a cura dum cavalo. O animal já estava estrebuchando, mordido por jararaca. Bento chegou maneiro, guspiu<sup>276</sup> na boca do cavalo e berrou:

– Levanta, preguiçoso!

Não sei... O cavalo parou de estrebuchar, fincou as patas no chão, fez esforço... Daí a pouco estava andando com os outros.

275 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 9 de março, 1929. Nota MA, a grafite, ao lado da data: "9-III-29".

276 MA emprega o vulgarismo "guspiu", para ele um brasileiro, ou forma da língua portuguesa falada.

**Natal, 25 de janeiro<sup>277</sup>.**

Mais alguns santos de catimbó pra acabar:

Caruará é um pajé do Amazonas mestre benfazejo.

Antônio Caboquinho da Jurema, feiticeiro e pagão. Não foi batizado, e quando vivo era absolutamente incrêu. Especialista em questões e até brigas corporais. Tanto as resolve como fomenta. É bugre de Mato Grosso. Certas feitas se enraivece tanto nas sessões que o pessoal todo foge, com medo dele. Se enraivece porque é desconfiado que nem mineiro e briguento que nem brasileiro na pinga. Já tem se batido com outros espíritos, com o Príncipe da Jurema, com Mestre Carlos e com a Tapuia Caipora. Às vezes vence. Uma feita massacróu um mestre de sessão.

Essa Caipora é uma tapuia perereca, "espírito pequetitinho", do tamanho dum dedo. Para no Aripuanã. Quando se acosta nalgum, a pessoa tem raivinhas, "se trepa" toda e principia fazendo tudo quanto não presta, a diabinha! É inconvenientíssima, segundo as notas sociais do *Diário Nacional*. Gosta de trabalhar nua e de pernas pro ar que nem o Godique. Uma feita "se acostou" numa mocinha e não houve remédio, por mais que fizessem a sequestrada rasgou, rasgou as roupas, ficou nua. É muito danada. Arrepela os cabelos, quebra pratos, e estando na posição natural pula sem parada, arco e flecha na mão. Chega a tirar o juízo da pessoa em que se acosta.

Carece notar que os espíritos femininos tanto se acostam nas mães como nos pais de terreiro.

Outro mestre malévolo é Tabatinga, sumamente perverso, ameríndio rei dos espíritos feiticeiros. (No geral os catimbozeiros empregam as palavras "feitiço" e "feiticeiro" com sentido depreciativo, designando as coisas "da esquerda", isto é, do mal.) Pois Tabatinga só trabalha "na esquerda", flechando e "figando" (fazer figas). Não acredita em Deus. Só trabalha no escuro. Quando chega na sessão vai logo apagando as velas. Vive isolado com um só companheiro, José Pereira, tão bronco este que nem tem "linha" (reza cantada, destinada especialmente a um santo, legitimamente o *nómos* dos gregos). José Pereira, quando sucede baixar na sessão, grita: "Maldito seja Deus! Maldito meu pai! Maldita minha mãe! Trevas! trevas! trevas!... Sejam benditas as trevas!". Quando materializado José Pereira

277 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 10 de março, 1929. No recorte/ exemplar de trabalho do texto deslocado por MA para o manuscrito *Música de feitiçaria no Brasil* está a nota, a grafite: "10-III-29" (V. nota 119). O texto saiu também na *Revista de Antropofagia*, 2ª dentição *Diário de S. Paulo*, 31 de março de 1929, p. 5.

diz-que matou pai, mãe, padrinho, madrinha, esposa e cinco filhos. Quando abrem sessão os pais de terreiro "botam trave" (rezas de empecilho) para José Pereira não aparecer. Deixa "mau encosto" (sensação de abatimento, malestar profundo) nas sessões.

Pra acabar estas comunicações cito Mestre Zinho, feiticeiro, atualmente inda "materializado" (vivo). É um ser perigoso, não houve meios dos meus informantes me contarem onde que para. Trabalha com cachimbos enormes, às vezes faz o bem mas é raro. É perversíssimo e já matou três pessoas. O mano dele, Mestre Tronchinho, também inda está vivo. Só trabalha invocando espíritos de cigano e é tido como mentiroso. Mestre Zinho possui um punhal temível chamado Satanás e a famanada Chave de Vangulo que abre todas as portas encantadas do espaço.

#### Natal, 26 de janeiro<sup>278</sup>.

Um dos reisados mais curiosos aqui no Nordeste são os Congos. Que nem o Bumba meu Boi, o Pastoril, a Chegança, é um verdadeiro auto. Estes três últimos têm origem facilmente portuguesa. A importância dos Congos e dos Cabocolinhos<sup>279</sup> (outro "brinquedo" que se dança neste Nordeste) é denotarem a colaboração ou inspiração do africano e do índio. Os Cabocolinhos são uma dança dramática em que personagens e comparsas, índios, se vestem com penas, trazem arco e flecha. Nos congos tudo é africano. Acho porém perigoso afiançar que esses dois reisados sejam de origem imediatamente africana e ameríndia.

A respeito dos Congos, se é certo que personagens (rei do Congo, rainha Ginga), muitas palavras e muitos dos cantos e danças são visivelmente africanos, o reinado, na sua expressão mais completa de texto e drama, recebeu versão e versificação eruditas de incontestável origem luso-brasileira.

Conseguí colher uma versão mais ou menos completa dos Congos norte-rio-grandenses<sup>280</sup>. A deformação é inconcebível de tamanha. Os versos da parte dialogada, transmitidos as mais das vezes oralmente estão estropiados por completo e em muitas

278 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 12 de março, 1929. MA anota, a grafite, na margem esquerda: "Já aproveitado na versão definitiva"; marca o número "54", que se liga, talvez, a uma possível ordenação, e aponta a data de publicação: "12-III-29".

279 A documentação sobre os Cabocolinhos está nas *Danças dramáticas do Brasil*, v. 2 (Ed. cit., p. 185-204).

280 A versão colhida encontra-se em *Danças dramáticas do Brasil*, v. 2 (Ed. cit.).



partes é impossível distinguir até o metro. As próprias ideias expressas, muitas feitas, são já difíceis da gente pegar, porque um bom número de palavras foi ficando no caminho e outras, incompreendidas pela negrada, estão afeiçoadas pela etimologia popular e desencaminharam o texto.

Por tudo isso e mais razões a versão de Congos que colhi é uma preciosidade folclórica. E dum cômico esplêndido. Ninguém não poderá falar que o modernismo não teve profetas no Brasil, ante um documento destes. É o embaixador da rainha Ginga que fala pro Reis:

– Sinhô! sou eu um home monstro e trono sem igual  
e quem fez novo calibre lá cruel,  
juda falso traidô, cruel em crimes,  
foi aqueles que seguirom os caso mortais.  
Fui eu o mesmo deus lelêu,  
a Oropa que me triva os péis do reis inimigo a capital;  
fui home; fui trigue e fui dragão  
e hoje que mais sou o própi Napulião, etc.

Eis uma versão mais antiga:

– Senhor eu sou um monstro sem igual  
Sei medir os calibre da cruel  
Judas falso traidô cruel infime (infame)  
He'-de seguir os passo mortal!  
Já castiguei o próprio deus lelêu  
Púis toda a Oropa em confusão;  
Fui home, fui tigre, fui dragão,  
Hoje que mais o sou, forte Napoleão...

E pur...<sup>281</sup> se entende!...

281 Paródia irônica da frase de Galileu Galilei (Pisa, 1564 – Florença, 1642), astrônomo e filósofo: “*E pur si muove!*” (“Mas se movimenta!” ou “No entanto ela se move!”), ao renegar o heliocentrismo, perante a Inquisição.

**Automóvel, 27 de janeiro<sup>282</sup>.**

São 6 e 30, parto do Rio Grande do Norte. Vou comprido, com esse desaponto vasto de quem deixa o que quer bem, me prolongando pelas quietudes de Natal.

A primeira etapa da viagem é repetição. Às 9 e meia chego no engenho Bom Jardim e almoço. Almoço quase acabado em desgosto. O coqueiro Chico Antônio, que hei-de celebrar melhor em livro, me aparece, tira uns pares de cocos, arremata a série com o *Boi Tungão* e num improviso de quebrar coração duro, me oferece o ganzá dele<sup>283</sup>.

Parto seco, bancando indiferença, com uma vontade danada de falar besteira, êh coração nacional!... O tabuleiro fica duma monotonia insuportável com a estrada ruinzinha atirando a gente pra fora do auto. A entrada no carrasco não adianta nada. A estrada piora mais, cheia de tocos. E positivamente que não diverte nada a gente parar quarto de hora pra tirar um bruto de galho do caminho.

Ao passar das 14 entramos na Paraíba...

Meu galinho-de-campina

Que cantô na Paraíba!...

– Olê, rosêra,

Murchasse a rosa!...

Abre a alegria um engenho limpo bem simpático mas com um quiosque de enfeite que não pude entender. A estrada também melhorou um bocado. É menos que ruim no areão valsante e às 15 e 40 entramos em Mamanguape.

Ruínas. Ruínas pacientes dum bom gosto colonial. Sobrado de azulejo, bom de forma, bem colorido, iluminando a sensação. Saracoteamos por uma ladeira monumentalizada pela existência da Correição, escadenta, cor de sangue velho. Moça bonita se oferecendo pra casar... É pena! Adeus, lagartixinha de ruína!...

Paramos no largo pra examinar a matriz, simpática por fora. Por dentro: pão bolorento e anjo bento. Umhas imagens antigas destituídas de valor.

282 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 13 de março, 1929. A grafite, abaixo da data, está, na letra de MA: "13-III-29".

283 Mário de Andrade guardava um ganzá em sua coleção de objetos ligados à cultura popular (seria o de Chico Antônio?), que está hoje na Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros - USP.



A principal curiosidade de Mamanguape é possuir três horários. Tem a hora oficial a hora solar e a hora... de Rio Tinto. Rio Tinto é uma cidadinha perto, danada de progressista, onde está a fábrica de fiação Comp.[anhia] Rio Tinto dos manos Lundgren, uns brasileiros germânicos. Me contaram as más-línguas que os relógios dessa fábrica são tão capitalistas que apressam e atrasam inconscientemente, fazendo as oito horas diárias dos trabalhadores se espicharem pra nove e tanto... Não sei se é calúnia...

A estrada agora pode se chamar estrada e é boa. Uma ponte de verdade nos leva pra muitas larguezas. Acolá um mato de paus-d'arco em flor. Plantações enormes de cana até nas coxilhas porque a qualidade da terra vai melhorando bem. Vales, um enorme chega até as ladeiras de Paraíba que subimos às 18 e 30 com mais 255 quilômetros de estrada.

De estrada ruim. A melhora ao sair de Mamanguape não passou de blefe. Não pode haver por esse mundo rodovia mais feita pra oferecer tanto catabil<sup>284</sup> aos nossos membros.

#### **Paraíba, 28 de janeiro, 3 da madrugada<sup>285</sup>.**

Este primeiro dia de Paraíba tem de ser consagrado ao caso da aranha<sup>286</sup>. Não é nada importante porém me preocupou demais e o turismo sempre foi manifestação egoística e individualista.

Ceguei contente na Paraíba com os amigos José Américo de Almeida, Ademar Vidal, Silvino Olavo me abraçando. Ao chegar no quarto pra que meus olhos se lembraram de olhar pra cima? Bem no canto alto da parede, uma aranha enorme, mas enorme.

Chamei um dos amigos, Antônio Bento, pra indagar do tamanho do perigo. Não havia perigo. Era uma dessas aranhas familiares, não mordida ninguém, honesta e trabalhadeira lá ao jeito das aranhas. Quis me sossegar e de fato a razão sossegou, mas o resto da minha entidade sossegou mas foi nada! Eu estava com medo da aranha. Era uma aranha enorme...

284 Catabil/ catabis ou "costelas de vaca": sulcos no chão da estrada para impedir excesso de velocidade.

285 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 14 de março, 1929. Nota de MA a grafite: "14-III".

286 Esta crônica, reescrita sob o título "A aranha", saiu no *Diário de São Paulo*, em 2 de julho, 1933, com a assinatura "Mário de ANDRADE". O recorte conservado por MA entre outras matérias de sua autoria extraídas de periódicos apresenta rasuras: correções à imposição da regra gramatical operada pelo jornal nos textos.

Tomei banho, me vesti etc. fui jantar, voltei pro quarto arear os dentes, ver no espelho se podia sair pra um passeinho até a praia de Tambaú, mas<sup>287</sup> fiz tudo isso aranha. Quero dizer: a aranha estava qualificando a minha vida, me inquietava enormemente.

Passeei e foi um passeio surpreendente na Lua cheia. Logo de entrada, pra me indicar a possibilidade de bom trabalho musical por aqui, topei com os sons dum coco. O que é, o que não é: era uma crilada gozosa<sup>288</sup> dançando e cantando na praia. Gente predestinada pra dançar e cantar, isso não tem dúvida. Sem método, sem os ritos coreográficos do coco, o pessoalzinho dançava dos cinco anos aos treze, no mais! Um velhote movia o torneio batendo no bumbo e tirando a solfa. Mas o ganzá era batido por um piazote que não teria seis anos, coisa admirável. Que precocidade rítmica, puxa! O piá cansou, pediu pra uma pequena fazer a parte dele. Essa teria oito anos certos mas era uma virtuose no ganzá. Palavra que inda não vi, mesmo nas nossas habilíssimas orquestrinhas maxixeiras do Rio, quem excedesse a paraibaninha na firmeza, flexibilidade e variedade de mover o ganzá. Custei sair dali.

Os coqueiros soltos da praia me puseram em presença da aranha. O passeio estava sublime por fora mas eu estava impaciente, querendo voltar pra ver se acabava duma vez com o problema da aranha. Nuns mocambos uns homens metodicamente vestidos de azulão, dólman, calça e gorro. Eram os presos. São eles que fazem as rodovias do estado e preparam os catabis. Não fogem. E não sei por que não fogem.

E fiquei em presença da aranha outra feita. Olhei pro lugar dela, não a vi. Foi-se embora, imaginei. De repente vi a aranha mais adiante. Está claro que a inquietação redobrou. De primeiro ela ficara enormemente imóvel, sempre no mesmo lugar. Agora estava noutro, provando a possibilidade de chegar até meu sono sem defesa. Pensei nos jeitos de matá-la. Onde ela estava era impossível, quarto alto, cheio de frinchas e de badulaques, incomodar os outros hóspedes, fazer bulha. A aranha deu de passear, eu olhando. Se ela chegar mais perto, mato mesmo. Não chegou. Fez um reconhecimentozinho e se escondeu. Deitei, interrompi a luz e meu cansaço adormeceu, organizado pela razão.

Faz pouco abri os olhos. A aranha estava sobre mim, enorme, lindos olhos, medonha, temível, eu nem podia respirar, preso de medo. A aranha falou:

– Je t'aime.

287 No recorte, rasura a grafite, acréscimo: "mas".

288 No impresso: "gasosa", rasura, a tinta preta, correção da primeira vogal.



**Paraíba, 29 de janeiro, 23 horas<sup>289</sup>.**

Inda não posso falar da Paraíba que não vi. Passo meus dias trabalhando, trabalhando, estou colhendo uma coleção bonita mesmo de cantigas e danças.

Pois pra não perder o ritmo destas crônicas diárias vou dar alguns excertos poéticos que na certa vão deliciar os vossos ouvidos democráticos.

Existe aqui na Paraíba uma tipografia que estava na obrigação de ser célebre no país tudinho, se fôssemos patriotas de verdade. É a tipografia Popular Editora, de F. C. Baptista<sup>290</sup> Irmão. Publica folhetos, "foiêtes" como falam meus cantadores, com versos populares. Pois qual não foi minha surpresa gozada topando um "foiête", com uma poesia *A caravana democrática em ação*<sup>291</sup>. Comprei. Poesia comprida por demais e principiada marselhesamente deste jeito:

Surgiu o sol no horizonte  
 Com raios de oiro a brilhar,  
 Com a liberdade nas mãos  
 Pelo Brasil a espalhar...  
 Foi subindo e semeando,  
 E o povo em geral gritando:  
 – Está livre a nossa irmandade;  
 Dizem os bosques aos oiteiros  
 Dizem os vales aos ribeiros:  
 – Nasceu hoje a liberdade.

289 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 14 de março, 1929. Nota de MA, a grafite: "14-III".

290 Francisco das Chagas Batista (Vila do Teixeira, 1882 – João Pessoa, 1930), autor e editor pioneiro na publicação de literatura popular, sobretudo de folhetos de cordel. Em 1913, fundou a Livraria Popular Editora.

291 O título, publicado na Paraíba pela Tipografia Popular, encontra-se entre os folhetos de cordel colecionados por MA.

É a Democracia, como se vê. O coração do poeta principiou quente porém foi esquentando inda mais. Quando estava muito quente, cantou:

Vive qual cego sem guia  
A política brasileira  
Trazendo presa nas mãos  
Os trapos de uma bandeira  
O eco da dor subiu  
Jeová do céu ouviu  
E do Brasil teve dó...  
E Assis e Maurício então  
Vêm como Moisés e Aarão  
No tempo de Faraó!

Viu-se em vinte e dois de julho  
Do ano de vinte e quatro  
Com a revolução paulista  
Da cena o primeiro ato;  
Foi um dia de festim  
O céu de em azul cetim,  
Parecia dizer: – bravos!  
E os que na luta tombaram  
As almas que aos céus mandaram  
Não foram almas de escravos.

O poeta continua esquentando e afirma que a Democracia é a "árvore da vida". E reconhece que:

Vai essa árvore fraudando (sic)  
E os frutos que vão brotando  
São paz, amor, liberdade.

O mesmo vos desejo.



**Paraíba, 30 de janeiro, 16 horas<sup>292</sup>.**

Chego no pátio do convento de São Francisco e paro assombrado. Eu já conhecia a igreja de fotografia porém fotografia ruim, péssima como todas as que tiram os fotógrafos do Brasil. De fato: fotógrafos mais bestas que os que aparecem nessa terra é difícil. "Praça da Sé" em São Paulo. O que a gente vê é no fundo uma igreja em andaimes, no lado umas casas arranhaceuzadas que é um despautério e no chão duzentos automóveis alinhados de propósito, se percebe, pra fotografarem a "Praça da Sé". Mas, e gente? Ninguém. São Paulo tem gente muita, o Rio também, mas as fotografias, não sei que hora os fotógrafos escolhem, deserto que nem caatinga seca.

O mesmo com este convento de São Francisco: fotografia mal focada, sem interesse, não mostrando os valores da arquitetura. Estou assombrado. Do Nordeste à Bahia não existe exterior de igreja mais bonito nem mais original que este. E mesmo creio que é a igreja mais graciosa do Brasil – uma gostosura que nem mesmo as sublimes mineirices do Aleijadinho vencem em graciosidade. Não tem dúvida que as obras do Aleijadinho são de muito maior importância estética, histórica, nacional e mesmo as duas São Francisco de Ouro Preto e São João del Rei serão mais belas, porém esta de Paraíba é graça pura, é moça bonita, é periquito, é uma bonina. Sorri.

O interior é irregular e já está bem estragado por concertos e substituições. Assim mesmo possui um púlpito, joia de proporção e desenho. As pinturas também são excelentes. Um dos altares laterais, completado no tempo, mostra também pinturas dum primitivismo inconscientemente plástico bem forte e bem cômico.

Os azulejos são dos mais ricos que já vi, suntuosos. O pátio exterior é murado por eles também e mostra nichos com cenas da Paixão ainda em azulejos magnificamente desenhados e que assim, emoldurados pelo nicho e distantes uns dos outros, a gente pode isolar, contemplar e gozar bem.

Na frente de tudo o cruzeiro é um monolito formidável. Estou assombrado. Paraíba possui um dos monumentos arquitetônicos mais perfeitos do Brasil. Eu não sabia... Poucos sabem...

292 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 21 de março, 1929. Nota MA, a grafite, ao lado da data: "21-III-29".

**Paraíba, 31 de janeiro<sup>293</sup>.**

O fato verdadeiro sei que já anda impresso porém vou contar de novo como me foi contado.

Nosso padrinho padre Cícero de Juazeiro, possuía um sítio umas três léguas longe. O que dava era algodão. Vai, o homem que administrava o sítio veio falar com o padre na cidade. Tinha quebrado um negócio qualquer da prensa de algodão e o trabalho parara.

Nosso padrinho com muita pachorra perguntou o que careciam pra fazer a prensa valer. Careciam de cortar um bom pau de braúna, que nem aquela uma da beira da estrada, logo depois do matinho. Braúna é pau pesado como o que, a tal ficava longe da sede, nosso padrinho padre Ciço mandou cortar aquela mesma, destacando trinta homens pra carregar o pau até a prensa.

O administrador foi-se embora pro sítio, no outro dia chamou os homens, foram lá, derrubaram o lindo pau.

A terra gemeu com o peso da braúna. Desgalharam-na passaram as correias, prepararam tudo, trinta homens fortes de Juazeiro, soou o grito de ordenança, nhem!... quem disse! o pau nem se mexeu do chão pesadíssimo. Com trinta homens era impossível carregar a braúna até a prensa.

O administrador deu mais uma chegada no Juazeiro por amor de pedir mais gente pra nosso padrinho, porém naquele tempo nosso padrinho era mais novo, bem mais forte... Mandou encilhar o cavalo e falou:

– Vamos lá!

Foram. Chegaram. Os trinta homens estavam no mesmo lugar, uns sentados na braúna, outros em torno, fumando, cavaqueando... Vendo o santo se levantaram todos.

Então nosso padrinho padre Cícero desceu do cavalo, trepou bem no meio do pau, sentou cômodo e falou:

– Trinta homens não conseguiram levar este pau, agora vamos a ver se vinte não levam.

Vinte homens agarraram as correias, fincaram o pé, soou o ritmo de arranco e o pau moveu facilmente. Estava levianinho, levianinho.

E lá se foram os vinte homens carregando a braúna mais nosso padrinho padre Ciço até junto da prensa.

Aquela gente e quem me contou o caso falam que foi milagre de nosso padrinho.

293 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 23 de março, 1929. Nota MA, a grafite, ao lado da data: "23-III-29".

**Paraíba, 1º e 2 de fevereiro<sup>294</sup>.**

Só agora vou conhecendo melhor a cidade da Paraíba. Muito trabalho e queda tempo de passear!... Assim mesmo acho que a Paraíba é seguramente duas vezes maior que Natal e bem menos compreensível. É das cidades mais enigmáticas que já encontrei, e não sei resolver se é bonita se é feia.

Isso vem muito de ser uma cidade velha e nova, muito desmantelada com tudo de mistura. Perspectivas excelentes inda não aproveitadas ou aproveitadas mal. Inda não teve um Omar O'Grady (brasileiro), prefeito de Natal e inventor de Areia Preta, de Petrópolis e da ladeira que desce da praça do Palácio do Governo.

Paraíba tem um parque<sup>295</sup> delicioso onde fica a fonte do Tambiá que dava de beber pra cidade nos tempos de dantes. O parque<sup>296</sup> possui pra mais de vinte ipês seculares que quando estão florados imaginem só a magnificência.

Paraíba tem condução difícil. Às 20 horas e 30 passa o último bonde e com este calorão descer até o hotel Luso: antes pagar os cinco mil-réis pelos três minutos de automóvel. E o calçamento antiquado que nem o de certas partes de Natal, jamais não permitirá um desastre de automóvel. Dois quilômetros por hora, com exagero e tudo.

Paraíba tem antiguidades arquitetônicas esplêndidas. Algumas como boniteza, outras só como antiguidade. E já falei que o convento de São Francisco é a coisa mais graciosa da arquitetura brasileira. Dantes possuiu um subterrâneo enorme, no tempo de holandês, comunicando com a fortaleza de Cabedelo. No subterrâneo vivia um dragão que comia as crianças de medo.

Paraíba tem bastante preto e os homens são dois centímetros mais altos que os natalenses. São mais esguios também e menos faladores, com exceção do dr. Epitácio Pessoa<sup>297</sup> e família.

Paraíba tem o culto de Epitácio Pessoa. Rua principal é rua Epitácio Pessoa. Dispensário Epitácio Pessoa. Na frente do Palácio do Governo, onde mora e rege o

294 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 24 de março, 1929. Ao lado da data MA anota, a grafite: "24-III-29".

295 Na publicação, "porquê"; no recorte guardado por MA, a tinta preta, está a correção: "parque".

296 Rasura a tinta preta: "porquê" corrigido para "parque".

297 Epitácio Pessoa (Umbuzeiro, 1865 - Petrópolis, 1942), presidente da República em 1919.

estado com satisfação de quase todos o dr. João Pessoa, tem a estátua de Epitácio Pessoa. Escultura impossível, degradante, insultuosa. Cultuar assim é lesar.

Paraíba tem edifícios novos excelentes. Os Correios e Telégrafos são os melhores que conheço. Mas Paraíba tem muitos mocambos e bairros operários mal-amanhados, desruados. A pobreza e o sofrimento tratados assim ficam semostradeiros em casinhas cujo tope, de muitas, minha altura paulista atinge com a mão erguida.

Paraíba tem algumas moças bonitas, não muitas. No geral menos conversadas que as de Natal, porto de mar.

E Paraíba além de outras coisas tem José Américo de Almeida, autor da *Bagaceira*, todos no Brasil sabem. Aliás José Américo de Almeida nasceu no "brejo" em Areia para onde vou amanhã. Mas José Américo mora na capital, jurista, conhecedor profundo do Nordeste, míope dos olhos apenas, secretário-geral do Estado, modesto e justamente célebre.

Por enquanto foi isso que eu vi da cidade da Paraíba e que pode aumentar o leitor.

O resto não se conta, são carinhos de amizade, gente suavíssima que me quer bem, que se interessa pelos meus trabalhos, que me proporciona ocasiões de mais dizer que o Brasil é uma gostosura de se viver. Vai mal? Acho que vai. Acho que vai e soffro. Porém sofrimento jamais perturbou felicidade, penso muito nos meus sofrimentos de brasileiro e eles fazem parte da minha felicidade do mundo. Que eu tivesse de escolher uma pátria decerto não escolhia o Brasil não, eu, homem sem pátria graças a Deus. Tenho vergonha de ser brasileiro... Mas estou satisfeito de viver no Brasil... O Brasil é feio mas gostoso.

#### **Automóvel, 3 de fevereiro<sup>298</sup>.**

Serão 13 horas talvez, não sei... Ando já meio perdendo a noção de horário nesta vida viajeira. Até a noção dos nomes topográficos. Me esqueço de perguntar por onde passo, ando misturando tanto as coisas que deixei de ser um indivíduo compreensivo pra me tornar essencialmente, unicamente mesmo, sensitivo. Essa história de raciocinar durante a sensação dá no caso daquele que não quero nomear mas tomando outro dia whisky, com água de coco, bebidinha santa! – me falou:

– O Paulo Prado não tem razão não! Então o Brasil não há-de ser grande com uma bebida destas!...

298 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 26 de março, 1929. Nota MA, a grafite, ao lado da data: "26-III-29".



É uma burrada esplêndida. Tenho aliás achado muita graça na reação patrioteira que o livro de Paulo Prado causou. *O Retrato do Brasil* está sendo lido e relido por todos. E comentado. Comentado pra atacar. Inda não topei com ninguém que concordasse com o livro. Isso me diverte porque toda a gente ataca a letra desse trabalho tão sutil e acaba concordando, com o espírito dele. Acham que o livro é ruim, o Brasil não é aquilo só, a sensualidade não entristece ninguém, o brasileiro não é triste mas com palavras diferentes o que todos acham mesmo é que "o Brasil vai mal". Ora, no fundo o espírito do *Retrato do Brasil* é isso mesmo. Paulo Prado é uma inteligência fazendeira prática. Fazendeiro sai na porta da casa, olha o céu, pensa: vai chover. Chama o administrador e fala:

– Vai chover. Ponha os oleados no café.

Pouco importa que o céu esteja puro, fazendeiro sentiu que ia chover. Pouco importa que chova ou não (e no geral chove mesmo) o importante é que se chover o café esteja coberto.

Foi o que Paulo Prado fez. A moral do *Retrato do Brasil* é bem e unicamente essa:

– Vai chover.

Sucedeu porém que se tratava de escrever um livro, tinha que haver considerações. Paulo Prado fez as considerações. São considerações de fazendeiro. É melhor a gente afirmar, apesar de todos os desenganos que Santo Amaro é o chovedouro de São Paulo do que ler nos jornais as profecias e conselhos do Observatório. Está cinzando pro lado de Santo Amaro: saio de capa.

Franqueza: está ridícula a reação contra o *Retrato do Brasil*. Toda a gente vai reagindo contra a credence prática dos chovedouros populares, reconhece que vai chover mas sai sem capa por causa das teorias. E inda acham que Paulo Prado é que tem tese!... Têm tese são esses! Ao passo que pra Paulo Prado que conheço, pratico e com quem comentei o *Retrato do Brasil*, pouco importa que chova, que não. O importante era sentir, afirmar e prevenir: "Vai chover".

Vai chover, de fato. O céu está bem escuro e aliás os jornais afirmam que o inverno principiou violento, no Ceará e no alto sertão de todo o Nordeste.

Ao chegarmos no povoado de Alagoinha cai uma chuvada paraense, daquelas chamadas de "para-já" violentas, curtas. Dissolve a feira dominical já se acabando. Assim mesmo, depois da chuva damos um passeio banzado pelo esqueleto da feira.

Passando por uma janela de casa baixa Ademar Vidal me chama a atenção pra umas bolas verde-pavão, boiando numa bacia com água.

– Sabe o que é isso?

– Não, o que é?

– Laranjinhas.

São laranjinhas do entrudo antigo. São as laranjinhas de minha mãe moça que quando volto dos meus carnavais frenéticos de pagodeira, ela me conta, foram os prazeres do tempo dela. E detalha a perfeição do feitio, a leveza irreal da cera, os perfumes, as cores, os casos. Fiquei numa comoção besta, palavra. Tava com vergonha dos amigos ali, queria acariciar uma daquelas, estava pensando, estava no tempo de minha mãe moça, estava mano dela...

– Você, Maria Luísa, olhe que vou jogar esta laranjinha em você!

– Não faça isso, bruto! Você me molha todo o vestido! Mamãe!...

Então passava meu pai, jogava uma laranjinha, Maria Luísa toda molhada dizendo que estava enxuta, eu danado da vida, "Inda dou nesse sujeito"... E foi por isso que nasci...

Confesso que brinquei com as laranjinhas. Não tinha moça por ali. Brinquei com os amigos, gente se divertindo de nos ver, nós na gargalhada, encharcados, coisa desagradável, perfume era um por cento de um por cento... Cera pegando na cara, no cangote, na roupa da gente... Já não eram as laranjinhas de minha mãe moça, com Jiky, Kananga do Japão<sup>299</sup>, nem sei escrever esses nomes!...

Automóvel outra vez. Pouco depois Lagoa Grande, pitoresca, desagradável Suíça, uma lindezinha pastoral ao pé da serra. Estamos subindo os primeiros contrafortes da Borborema. Vamos pra Areia, tudo verde, zona do "brejo" como chamam, contada por José Américo de Almeida na *Bagaceira*. Os "brejeiros" se encurtam mais, carinhas fuinhas, bonitinhas, desagradáveis... Esta crônica já está muito comprida.

**Paraíba, 4 de fevereiro<sup>300</sup>.**

O guaxinim está inquieto, mexe dum lado pra outro. Suspira lá na língua dele: – "Xente!" que vida dura esta de guaxinim do banhado!... Também: diabo de praieiros que nem galinha criam pra eu chupar o ovo<sup>301</sup> delas!...

299 Nomes de perfumes.

300 Texto assinado "Mário de Andrade" na série "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*; São Paulo, 28 de março, 1929. Recorte/ exemplar de trabalho do texto deslocado por MA para o manuscrito *Os filhos da Candinha* (V. nota 119). No recorte, uma cruzeta, a lápis vermelho, anula o texto. A crônica "Guaxinim do banhado", com variantes, foi incluída na coletânea *Os filhos da Candinha* (Ed. cit., p. 137-138).

301 Rasura: a grafite: correção de "ova" para "ovo".



Grunhe. O suspiro sai afilado, soprano, do focinho fino, ágil que nem brisa. Levanta o narizinho no ar, bota os olhos vivos no longe plano da praia. Qual! nem cana tem por ali pra guaxinim roer...

E guaxinim 'stá com fome. A barriguinha mais clara dele vai dando horas de almoço que não para mais. No Sol constante da praia guaxinim anda rápido, dum lado pra outro. O rabo felpudo, longo dele, dois palmos de guaxinim já igualado, é um enfeite da areia. Bem recheado de pelos, dum cinza mortiço e evasivo<sup>302</sup>, dado pra cor de castanha na sombra. Guaxinim sacode a cabecinha, se coça... – Que terra inabitável este Brasil, fixe! que governos péssimos!...<sup>303</sup>

E vai se dirigindo pros alagados estralejando verde-claro de mangue quinhentos metros além.

Chegado lá, para um bocado e assunta em volta. Logo<sup>304</sup> descobre um buraco. Com cautela mete o focinho no buraco<sup>305</sup>, espia lá<sup>306</sup> dentro... Tira o focinho, olha dum lado pra outro. Se chega pra outra loca adiante. Repete a mesma<sup>307</sup> operação. Guaxinim retira rápido o focinho. No fundo da loca, percebeu muito bem, o guaiamum. Guaxinim põe reparo na topografia do lugar. O terreno perto inda é chão de mangue, úmido, liso, bom pra guaiamum correr. Só quase dez metros além é que a areia é de duna mesmo, alva, fofa, escorrendo toda, ruim pra guaiamum fugir<sup>308</sup>.

Guaxinim chega bem perto da loca, dá as costas pra ela, fazendo pontaria com olhos bem pro areão afastado. De repente, decidido, bota o rabo no buraco e chega ele de com força bem no focinho do guaiamum, machuca os olhos cogumelados do tal. Guaiamum fica danado, záz, com o ferrão da pata de guerra agarra o rabo do guaxinim. Guaxinim berra de dor mas<sup>309</sup> dá uma mucica formidável e sacode guaiamum lá no areão, voo de aeroplano

302 A grafite, rasura substituindo ", nítido" por "e evasivo".

303 Rasura: a grafite: acréscimo: "que governos péssimos!..."

304 No recorte, rasura a grafite, acréscimo: "e assunta em volta. Logo"

305 No impresso: "nele"; rasura a grafite: hesitação: "nele"/ "no buraco".

306 Rasura, a grafite, substituição: "pra" por "lá".

307 No impresso está: "adiante. Mesma". Acréscimo a grafite: "Repete a", corrigindo a maiúscula da palavra "Mesma".

308 Acréscimo, a grafite: ", ruim pra guaiamum fugir".

309 No recorte, rasura a grafite: acréscimo: "berra de dor mas".

de Santos Dumont, voo de dez metros só. Isso pra guaiamum, coitadinho, é voo de Sarmiento Beires, coisa gigante. O pobre cai atordoado, quase morto que nem pode se mexer.

Guaxinim grunhe desesperado com a dor. – Ai, pobre do meu rabo! Lambe o rabo, sacode a cabeça no ar tomando os céus por<sup>310</sup> testemunha. – Xente!<sup>311</sup> Lambe o rabo outra feita, se lastima, se queixa, acarinha o rabo, ôh céu! que desgraçada vida essa de guaxinim do banhado!<sup>312</sup>

O guaiamum lá na areia principia se movendo, machucado, num atordoamento mãe. Vem pro mangue outra vez.

Guaxinim corre logo<sup>313</sup> e come o guaiamum.

Então, lambendo o focinho, olha o rabo e suspira:<sup>314</sup> – Paciência, meu rabo! Sacode outra vez a cabecinha e vai-se embora pro banhado<sup>315</sup>, casa dele.

#### **Paraíba, 5 de fevereiro, 23 horas<sup>316</sup>.**

Uma das nossas danças dramáticas de que menos se tem falado são os Cabocolinhos. A culpa dessa ausência de documentação vem dos nossos folcloristas, quase todos exclusivamente literários. O que se tem registrado nos nossos livros de folclore é quase que unicamente a manifestação intelectual do povo, rezas, romances, poesias líricas, desafios, parlendas. O resto, moita.

Ora, os Cabocolinhos são caracterizadamente um bailado. Se dança. Não tem cantigas e só de longe em longe uma fala, tão esquematizada, tão pura que atinge o cúmulo

310 Rasura, a grafite substituição: "por" no lugar de "pra".

311 A grafite, supressão de trecho da fala do guaxinim: "– Vede se há dor igual à minha,", posteriormente a ideia é usada no poema *Café* para pontuar o discurso de "A endeixa da Mãe": "Falai se há dor que se compare à minha!..." (V. ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Ed. cit., p. 593-597).

312 Rasuras a grafite: acréscimo: "do banhado" e alteração na pontuação: supressão das reticências após a exclamação.

313 Acréscimo, a grafite: "logo".

314 Rasuras a grafite: acréscimos: "Então, lambendo o focinho," e "e suspira"; alteração na pontuação: o ponto final antes do travessão é substituído por dois pontos.

315 Rasura a grafite: substituição: "mato" por "banhado".

316 Recorte/ exemplar de trabalho no dossiê do manuscrito *O Turista Aprendiz*. Texto assinado "Mário de Andrade" na série homônima no *Diário Nacional*; São Paulo, 29 de março, 1929. Nota MA, a grafite, ao lado da data: "29-III-29".



da força emotiva. Imaginem só: fazia já mais de uma hora que o pessoal estava dançando, dançando sem parada, com fúria. Matroá é uma das figuras importantes do baile. É o "caboclo velho", decerto<sup>317</sup>, espécie de pajé da figuração tribal da dança. De repente Matroá principiou uma coreografia de arquejo, brutal, braço esquerdo engruvinhado, com o arco por debaixo, duas mãos no peito, segurando a vida. Cada vez mais. Curvando, curvando, já levantava os pés custoso. O apito bateu duas feitas, parou tudo. O Reis falou pra Piramingu, "caboclo menino":

- Piramingu!
- Sinhô.
- Mataram nosso Matroá.
- Tururu, tarára, tururu, tarára...

A solfa continuou. O bailado se moveu de novo e Matroá foi enrolando uma perna na outra, já não levantava pé do chão mais não. Levou uns dez minutos se movendo em pé, difícil de morrer como em todos os teatros e na vida.

Isso é que é perfeição! Fiquei tonto. Aquelas palavras puras, só aquilo. Fiquei com dó, não sei como fiquei, fiquei tonto, está certo, numa comoção danada.

Matroá levou um tombo e principiou se estorcendo. Então os bugres de mentira principiaram uma figuração nova, circulando em torno do moribundo e acabando com a vida dele, frechando-o. Matroá se defendia, também frechando pra um lado e pra outro. De repente se levantou, vivinho. A dança de morte acabara e Matroá dançava como todos vivo feito eu e vós.

As figurações dos Cabocolinhos são todas assim, primárias e formidáveis: "dança do tombo", "dança do cipó", "dança do Reis", "peleja de guerra", "dança das frechas", "retirada".

Orquestra primária também: ganzá, bombo e uma gaita de quatro orifícios obrigando a movimentos melódicos simples e lindos, se aproximando das melodias incaicas.

Os Cabocolinhos saem pelo Carnaval. Saem quando podem porque em nome dum conceito mesmo idiotissimamente nacional de Civilização, as Prefeituras e as Chefaturas de Polícia fazem o impossível pra eles não saírem, cobrando diz-que até duzentos mil-réis a licença. Será possível!... Já os Cabocolinhos saem raramente. Até pra ensaiar dentro de

317 Rasura a tinta preta: correção: "de certa" para "de certo"; ou "decerto", na ortografia agora vigente.

casa, pagam treze paus à Polícia!... Os grupos e as formas de bailados são diversos. Além dos Cabocolinhos, tem os "Índios africanos", tem os "Canindés", os "Caramurus" etc. Mas tudo vai se acabando agora que o Brasil principia...

- Piramingu!
- Sinhô!
- Mataram nosso Matroá.

**Paraíba, 6 de fevereiro<sup>318</sup>.**

Não houve o dia 6 de fevereiro.

**Paraíba, 7 de fevereiro<sup>319</sup>.**

Imaginava trabalhar muito hoje porém os cantadores falharam. Só ali pelas 9 da manhã, depois de duas horas de espera apareceu um negro. Já quando o sujeitinho me apareceu impinimei tanto com o jeito dele que não pude recebê-lo com a cordialidade esquecida que torna logo fácil o indivíduo popular no geral tão desconfiado.

Pois o negro sentou, olhei pra ele sincero, não tem dúvida: estava bem vestido. A fazenda era azulão porém limpo, novo, os botões do dólman chiques. Achei graça foi no sapato amarelo de duas cores, dum pernóstico no geral atribuído aos mulatos. Feio como o Cão porém tipo de se ver. Nariz não existia ou era a cara toda, com as ventas maravilhosamente horizontais, dum nordestinismo exemplar.

318 Registro autógrafo a tinta preta em três tiras de papel *chiffon*, conforme o costume dos jornalistas. No caso de MA, indicam o suporte dos textos autógrafos remetidos ao *Diário Nacional*. A assinatura e a letra caprichada atestam o destino não cumprido deste folhetim, pois a série "O Turista Aprendiz" cessa em 29 de março de 1929, sem incluir os registros de 6 e 7 de fevereiro, que se calcula os últimos redigidos, embora o diário autógrafo continue na caderneta de bolso, até 24 de fevereiro, chegando ao Rio de Janeiro. O texto encontrava-se entre os documentos do processo criativo do diário da viagem de 1927, com a anotação de MA a lápis azul, na página inicial: "Trecho de fala nordestina", seguida da hipótese lançada a lápis vermelho: "26 de julho talvez". A presente edição, pesando a dúvida preferiu acompanhar a cronologia da viagem ao Nordeste.

319 A história de Jimmy, reescrita, será objeto da crônica "Romances de aventura", na coluna Táxi de MA, no *Diário Nacional*, São Paulo, 13 de abril de 1929; em uma segunda versão ingressará na coletânea de 1943 *Os filhos da Candinha* (V. ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Ed. cit., p. 85-86 e em *Os filhos da Candinha*. Ed. cit., p. 76-78).



O Turista Aprendiz

Paraíba (6 de Fevereiro) -

Não houve o dia 6 de Fevereiro.

Paraíba (7 de Fevereiro) -

Tomaziana trabalhar muito hoje por-  
rém os contadores falharam. Só ali pelas  
9 da manhã, depois de duas horas de es-  
pera appareceu um negro. Já quando o  
suspeitei me appareceu impini-me tan-  
to com o gesto dele que não pude rece-  
ber-lo com a cordialidade esperada que  
torna logo fácil o individuo popular no  
geral tão desconfiado.

Pois o negro sentou, olhei pra ele sim-  
ples, não tem de muito: estava bem ves-  
tido. A fozunda era azulada porém ampe-  
noso, os botões de doblman briguos. Olhei  
graça foi no sapato amarello de duas  
coras, duas pernoztis no geral a tri bui-  
do dos manipuladores. Friei como o Gao porém  
tipo de se por nariz não queria seu cha-  
a cara tanta, com as narinas muito villos-  
samente horizontais, alguns dentes termi-  
nos exemplar.

- Que nome foi esse? ...

- Pichany, vizinha do Great Western.

- Ah, olha aqui Pichany: me contaram  
que você canta melhor que o Odilon,  
nós estamos os nos três (Adelmar Vidal)  
agor na mão, eu queria que você can-  
tasse alguma coisa pra eu ouvir. Eu  
nissim citemo fozendo assim...

- O ar, me desculpe, eu não sei can-  
tar nada não!

- Não sabe isso, Pichany, todos os com-  
panheiros de você dizem que você  
canta muito <sup>com os outros</sup> bem.

- Eu não canto nada, não sr! (Pun-  
ar de dar preço que só dando!)

- Bocos ou outras cantigas. Cantigas  
de Apuracati...

- Não sr! Não canto nada disso não!  
Eu só canto a Madelon (pronúncia perfei-

Registro referente aos dias 6 e 7 de fevereiro, 1929, texto não encaminhado ao Diário Nacional.

– Seu nome, faz favor?...

– Jimmy, vigia da Great Western.

– Sei. Olha aqui, Jimmy: me contaram que você canta melhor que o Odilon, nós estamos só nós três (Ademar Vidal) aqui na sala, eu queria que você cantasse alguma coisa pra eu ouvir. Eu estou fazendo uma...

– O sr. me desculpe, eu não sei cantar nada não!

– Não diga isso, Jimmy, todos os companheiros de você dizem que você canta muitos cocos lindos...

– Eu não canto coco, não sr.! (Um ar de desprezo que só dando!)

– Cocos ou outras cantigas. Cantigas de Maracatu...

– Não sr.! Não canto nada disso não! Eu só canto a *Madelon* (pronúncia perfeita).

– Você esteve na guerra, é?

– Não sr., mas viajei a Europa toda.

Ademar Vidal se adiantou:

– Como é seu nome exato? Deixa de ser pernóstico!

– Fulano de Tal.

– Aha.

Não conseguimos nada e pusemos o indivíduo pra fora porém a história dele é engraçada. Terá uns vinte anos agora. Pelos doze, um paraibano rico e divertido levou-o pra Paris e fez de Jimmy um chasseur com roupa verde-periquito. Sucesso tamanho que o branco levou Jimmy, vivo como galinho-de-campina, por toda a parte, Londres, Itália. Depois vendeu-o escravo pra um negociante indiano. Jimmy foi parar em Bombaim, escravo de estimação. A mãe dele andava chorando desesperada pelas ruas da Paraíba, o Ministério do Exterior se mexeu no tempo de Azevedo Marques. E Jimmy afinal foi repatriado pra vir nos dizer no dia de hoje que tinha umas habilidades e se nós arranjássemos um teatro ele se exibia, negro safadinho.

Mais vadiação. Afinal pelas 14 horas me apareceu o Marim, neto de portuga e pernambucano de nascença. Esse não tinha nada de Jimmy, caboclo adorável dum pitoresco de fala que jamais não vi tão. É o gaiteiro dos Cabocolinhos e veio me trazer a gaita dele que quero levar pra uns estudos em São Paulo.

Conversou horas, nós puxando por ele.

– Marim, você não se lembra de algumas "linhas" de Catimbó?

– Catimbó? Ave Maria!... Num sei não mai diz-que Paraíba é completu nisso. In todou casu tragu sempre meu raminho de pinhão no peitu.

Trazia.



– Lá im Pèrnambucu minha outra mulé sabia di Catimbó, era muito! Era ùa moçota dècenti, grandi cumu o sinhô mesmu. Morreu di pirão di carangueju guaiamum. Cumeu, bebeu água i morreu inturidu... ùa moça boa morrê assim porque bebeu água muita, digu "Vôte"!... Sinti bem... Qui eu ficassi lá, murria. Então pensei: vô-mimbora, vô vê minha filicidade. Trouve meus terens e vim morá na Paraíba. Sô pobri porém tenhu minha casa di páia onde eu morá mai minha mulé, outra, e meus dois fiínhu. U minínu é um galêgu safadu di louro, anda duenti da prêsa di baxu, já butamu botão di cirôla di home na gaiganta deli... Inda bem qui minha cumadi, essa sim qui mulé dècenti! nasceu nu tê (ter, dinheiro) mai s'importa com a genti, mi mandô...

Etc.





O ESTRANHO PATRIMONIAL:  
MÁRIO DE ANDRADE E O  
(DES)BRASIL

4





# O ESTRANHO PATRIMONIAL: MÁRIO DE ANDRADE E O (DES)BRASIL

José Tavares Correia de Lira<sup>1</sup>

As viagens do Turista Aprendiz ao Norte e ao Nordeste do Brasil, entre 1927 e 1928-1929, são um capítulo inevitável da história da cultura patrimonial entre nós. Não apenas em função do protagonismo que Mário de Andrade exerceu diretamente na formação de paradigmas, instituições, agendas, equipes e acervos patrimoniais no país nos anos seguintes. Mas também porque tais entradas em campo do escritor antecipam muito do que doravante viria a abastecê-los em termos de pesquisa etnográfica, arqueologia colonial e história das artes no Brasil.

Não por acaso, o seu pequeno Anteprojeto para Criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, redigido em 1936 a pedido do então ministro Gustavo Capanema, tornou-se peça chave para a compreensão da gênese do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. E isso a despeito de o decreto presidencial número 25, que o criou em 1937<sup>2</sup>, ter deixado de lado – ao menos na letra da lei – o que ali havia de mais promissor: o alcance teórico e político do conceito de bem cultural que Mário propunha; a amplitude das categorias de salvaguarda patrimonial, incluindo monumentos, paisagens e objetos, puros ou aplicados, eruditos, populares ou ameríndios, nacionais ou estrangeiros, tangíveis ou intangíveis; múltiplos instrumentos técnicos e jurídicos de preservação; o empenho museológico, arquivístico, editorial e educativo do órgão; a preocupação com sua organização interna, com a representatividade e heterogeneidade de seus colegiados e com a revisão periódica de seus planos e critérios de ação<sup>3</sup>. Seja como for, o fato é que o conjunto inédito de definições e estratégias contidas no Anteprojeto até hoje parece funcionar como espécie de núcleo mítico fundador da cultura patrimonial brasileira, legitimando muito da ação preservacionista oficial e irradiando linhas variadas de inovação, que por vezes levam décadas para amadurecer.

Realizadas um pouco antes e um pouco depois da publicação de *Clã do jabuti* e *Macunaíma*, as duas viagens – e os escritos de Mário que as acompanharam – parecem

1 Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP.

2 O Decreto-Lei nº 25, de 1937, instituiu o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O texto original está disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/De10025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/De10025.htm)

3 ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Melo Franco de Andrade (1936-1945)*. Brasília: MEC/SPHAN/Fundação Pró-Memória, 1981.

Eu diante dum tronco de  
sumaúma entre Santo  
Antônio e Porto Velho,  
nos limites entre  
Amazonas e Mato  
Grosso/ 11 julho, 1927  
Diafragama 1, Sol 3,  
16h e 30

se afastar tanto de certo paroquialismo, visível em textos analíticos anteriores, como "A arte religiosa no Brasil", de 1920, quanto do etnocentrismo ainda vigente entre as leituras disponíveis da cultura brasileira, frequentemente marcadas pelo recalque colonial. Desde 1922, como se sabe, Mário vinha surgindo como figura central do movimento modernista brasileiro, aglutinando frentes diversas de renovação e dissidência na literatura e nas artes em face dos padrões de linguagem, consciência e identidade estabelecidos. Com as viagens ao Norte e Nordeste, contudo, para além das experiências pessoais de maravilhamento e reflexão nelas descritas, o escritor parece ter consolidado uma liderança incontestável em uma rede intelectual bem mais ampla, variada e influente que a anterior, absorvendo também anfitriões e cicerones como Rodrigo Melo Franco de Andrade, Godofredo Filho, Sérgio Olindense, Luís da Câmara Cascudo, José Américo de Almeida, Antônio Bento de Araújo Lima, Ascenso Ferreira, Joaquim Inojosa, Cícero Dias, Jorge de Lima, entre vários outros. É verdade que, mais ou menos naqueles anos, cada um desses autores começava a despontar na cena artística, literária, jornalística e/ou política. Mas a despeito de sua singularidade e independência, e dos múltiplos circuitos intelectuais de que tomavam parte, a figura de Mário parece ter se constituído na década seguinte como um polo crucial de investimentos e intercâmbios coletivos. É que, desde as viagens, cada vez mais o escritor atuava como intelectual público, talvez o grande intelectual público do país à época, engajado na organização da cultura e na constituição de um dos pontos de vista mais originais, complexos e abertos do Brasil, graças ao trabalho permanente de pesquisa, interpretação, crítica e divulgação das artes, de atuação junto à imprensa, de formulação de políticas e instituições, de estabelecimento e preservação de um patrimônio cultural nacional.

#### MARGEANDO A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

A viagem se impôs na trajetória de Mário de Andrade como uma experiência cultural de estudo da arte colonial, de pesquisa de fontes populares de renovação intelectual e artística e de confraternização com o grupo modernista a que pertencia. Foi assim que em 1919, quando esteve pela primeira vez em Minas Gerais, ainda escoteiro, e visitou Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo e São João del-Rei, reuniu os materiais sobre arte e arquitetura barrocas que compuseram o seu primeiro ensaio sobre o tema<sup>4</sup>. Assim como no

4 IDEM. A arte religiosa no Brasil: triunfo eucarístico de 1733. *Revista do Brasil*, a. 13, nº 49. São Paulo, 1920, p. 5-12.



Rio de Janeiro, onde esteve no mesmo ano também à procura de arte religiosa<sup>5</sup>, e para onde retornaria, em 1921, para encontrar-se com Manuel Bandeira e, em 1923, para se entregar ao carnaval carioca<sup>6</sup>.

Se as viagens encaminhavam o congregado mariano ao estudo do barroco e dos festejos religiosos, elas representavam para o professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo uma via de ampliação de seu repertório de parlendas e cantigas, autos e danças populares<sup>7</sup>. Fosse pelos arredores da cidade, fosse pelos estados vizinhos, a experiência para ele parecia reiterar uma posição específica quanto ao sentido mesmo da viagem: "Não censuro o brasileiro que quer ver Paris, desejaria apenas que ele visse a Bahia, o Rio das vielas estranguladas que ladeiam a Avenida Central e principalmente abrisse o Sésamo acolhedor e encantado de Minas"<sup>8</sup>.

Mas foi talvez por sintetizar um choque nas relações entre ofertas europeias e fontes nacionais que a viagem de 1924 às cidades históricas de Minas tornou-se tão importante no imaginário do modernismo, como emblema de uma guinada dialética fundamental – porque travejada pelo influxo das vanguardas internacionais – no enfoque do tradicional e do popular pelo movimento<sup>9</sup>. Especialmente em Mário, para quem a experiência ampliaria uma disposição em sair de casa, em ingressar na mata virgem, em comungar a arte do povo.

Esse redirecionamento do olhar para as coisas populares parecia acrescentar novos ingredientes às querelas artísticas do período, começando a funcionar como um dos polos fundamentais de desnivelamento/ nivelamento estético-cultural entre as convenções

5 IDEM. A arte religiosa no Rio. *Revista do Brasil*, a. 13, nº 52. São Paulo, 1920, p. 289-293.

6 Carta de MA a Manuel Bandeira, escrita em São Paulo, com a data atestada: fevereiro de 1923. In: MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência Mário de Andrade Et Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/IEB, 2000, p. 84.

7 LOPEZ, Telê Ancona. "Viagens etnográficas de Mário de Andrade". In: ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

8 ANDRADE, Mario de. A arte religiosa no Brasil: em Minas Gerais. *Revista do Brasil*, a. 14, nº 54. São Paulo, 1920, p. 108.

9 SOUZA, Gilda de Mello e. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980, p. 256-259; LOPEZ, Telê Ancona. "Viagens etnográficas de Mário de Andrade". In: ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Ed. cit., p. 15-16; MEYER, Marlise. "Um eterno retorno: as descobertas do Brasil". In: *Caminhos do imaginário do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993, p. 33ss.

acadêmicas e os materiais folclóricos<sup>10</sup>. Para tal, a viagem pelo Brasil cumpriu papel fundamental. Não somente porque alterava os itinerários de formação transoceânicos consagrados junto à intelectualidade brasileira<sup>11</sup>, mas porque embaralhava as noções do que era o interno e o externo, o tradicional e o contemporâneo, o exótico e o nativo, e não menos as relações entre origem e destino, sujeito e objeto da viagem ao fazer desviar o estatuto do viajante de suas figurações civilizatórias habituais: o naturalista, o folclorista, o etnólogo, o aventureiro e mesmo o turista, cuja prática, aliás, Mário de Andrade confessava de partida ignorar.

Ao que tudo indica, o interesse do escritor pelo folclore é anterior a suas viagens, tendo ele encontrado incentivo para o estudo e apropriação literária da cultura popular já nas conferências proferidas por Afonso Arinos, em 1917, na Sociedade de Cultura Artística<sup>12</sup>. Ao lado da leitura de estudiosos do assunto, como Sílvio Romero, Pereira da Costa, Mello Moraes Filho e Couto de Magalhães, havia o trabalho de coleta que se mescla à criação do poeta de *Pauliceia desvairada*, em 1922<sup>13</sup>. Há evidências ainda de informações sobre tradições brasileiras em sua poesia de 1924 a 1926, quando compôs o "Noturno de Belo Horizonte" e a maior parte de *Clã do jabuti*<sup>14</sup>. Em 1926, o autor já demonstrava conhecer uma grande quantidade de lendas populares brasileiras, registradas e não registradas, tendo se debruçado sobre os livros do etnólogo Koch-Grünberg sobre a Amazônia e, muito especialmente, sobre os capítulos acerca de música e lendas indígenas, base de seu *Macunaíma*, sendo então redigido<sup>15</sup>.

10 SOUZA, Gilda de Mello e. *O tupi e o alauê*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 20-21; MORAES, Eduardo Jardim de. *Limites do moderno: o pensamento estético de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p. 79-80.

11 SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

12 CARVALHO, Ricardo Souza de. *Edição genética do ensaio "O sequestro da dona ausente", de Mário de Andrade*. (Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira). FFLCH-USP, São Paulo, 2001. Orientadora: Profa. Telê Ancona Lopez.

13 Conforme me alertaram as editoras em sua fina leitura deste ensaio.

14 LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972, p. 77-78.

15 Afirmação de Telê Ancona Lopez, citada por BATISTA, Marta Rossetti. Introdução. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 30. Brasília, 2002, p. 12.



#### PARA O REENCANTAMENTO DA PAISAGEM E DO BRASILEIRO

Diferentemente de outros roteiros contemporâneos de modernistas pelo Brasil, a peregrinação à Amazônia não se deixou caracterizar como empreitada de proselitismo. Tem algo mesmo de intimista, que a estrutura do diário acentua, sua discrição por vezes o conduzindo a certa invisibilidade, tal o acento protocolar que tomaria conta da comitiva de Dona Olívia Guedes Penteado, a "Rainha do Café", naquela região esborrachada economicamente desde a Primeira Guerra Mundial. De fato, entre as incontáveis saudações oficiais de embarque e desembarque, Mário seria frequentemente lançado no anonimato. Em suas observações de bordo, por outro lado, são recorrentes os momentos de evasão em que o Turista deixa-se conduzir pelo dia a dia nos navios, os passeios, atividades e paisagens ribeirinhas, as sensações, sonhos e fabulações em meio aos quais entremeava seu trabalho de registro e invenção. O viajante ali parecia voluntariamente colocar-se em situação de disponibilidade: "Foram ver, era simplesmente isso, caí no chão! O estado emotivo foi tão forte que me faltaram as pernas, caí no chão"<sup>16</sup>. E de tal modo que mesmo nos dias "feitos de nada", que se alongavam infinitamente pelos rios, momentos de introspecção e de revisão de suas imagens do Brasil e dos brasileiros se imporiam ao intelectual. Já no início da viagem, Mário confessa o desconforto com a sobrecarga de civilização na paisagem que atravessava:

Há uma espécie de sensação ficada da insuficiência, de sarapintação, que me estraga todo o europeu cinzento e bem arranjadinho que ainda tenho dentro de mim. Por enquanto, o que mais me parece é que tanto a natureza como a vida destes lugares foram feitos muito às pressas, com excesso de castro-alves. E esta pré-noção invencível, mas invencível, de que o Brasil, em vez de se utilizar da África e da Índia que teve em si, desperdiçou-as, enfeitando com elas apenas a sua fisionomia, suas epidermes, sambas, maracatus, trajes, cores, vocabulários, quitutes... E deixou-se ficar, por dentro, justamente naquilo que, pelo clima, pela raça, alimentação, tudo, não poderá nunca ser, mas apenas macaquear, a Europa<sup>17</sup>.

Ainda que latente, o tema de nossa impotência em "criar cultura e civilização próprias" aqui e ali desponta em seu diário, em meio ao relato dos encontros travados ou imaginários ao longo da viagem. Aborrecido, por exemplo, com a recusa de um índio uitota em lhe fornecer coca, Mário o provocaria, questionando-o acerca do estado de decadência em que seu grupo se encontrava em comparação com os ancestrais incas. O extenso diálogo entre o viajante e o nativo, reproduzido ou inventado pouco importa, parecia inclinar-se precisamente a um ponto

16 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 186.

17 *Ibidem*, p. 67-68.

de vista cético ante as premissas civilizatórias de progresso, riqueza, leis, trabalho, beleza, entre outras. Não por acaso, o escritor concederia a última palavra ao uitota: "O branco venceu a gente e se aproveita disso"<sup>18</sup>. Adiante, ao longo da ferrovia Madeira-Mamoré, já de volta da Bolívia, pouco depois de confessar as razões que o teriam levado a embarcar em viagem tão extensa – a vontade de "conhecer outros brasis", "de conhecer coisas novas", "por vaidade ou por ventura"–, Mário questiona a identificação, por parte de um companheiro alemão de viagem, entre o brasileiro típico e o indígena puro: "Respondi brabo que brasileiro era Líbero Badaró, vovô Taunay pintor, dão João VI, Matarazzo, mais que eu! Trem, misturado com calor e alemão bobo, não se atura"<sup>19</sup>.

O fato é que o tema da identidade brasileira acompanha o viajante, desnortado com a experiência amazônica. Cioso por libertar-se da bagagem europeia, podemos flagrá-lo impaciente perante seus próprios pressupostos: com o aspecto de civilização de epiderme em nome de camadas desperdiçadas da formação nacional; com suas noções prévias do primitivo, para sua infelicidade, surpreendido *in loco* como um construto intelectual viciado. Ora, portanto, tratava-se de questionar os modelos civilizatórios de referência, ora de interpelar as representações exóticas do nativo, em todo caso, pondo em suspenso toda figuração idealizada do homem nacional. E para tal, Mário não se furta a mudar de posição, resistindo às geografias e enquadramentos regionais estáveis e deslizando rapidamente de um personagem a outro, do estrangeiro ao nativo, do uitota ao paulista, do europeu ao indiano, do malaio ao africano, do mestiço ao indígena, do humano ao animal e vice-versa.

A experiência de estranhamento é inseparável de sua percepção da paisagem natural amazônica: a "imensidão das águas", a "solidão abundante dos rios", os bandos de papagaios, garças, borboletas, libélulas, peixes, botos "brincando nas águas", vitórias-régias, "matos admiráveis", cachoeiras e seringais. Diversa das paisagens do sul, a natureza equatorial era algo onipresente, sublime, plena de poderes atmosféricos e também metafísicos, ainda que de uma metafísica peculiar, proveniente, segundo ele, das coisas elas mesmas, de sua franqueza, brutalidade, objetividade:

Não tem dúvida nenhuma que ela é mais objetiva que a nossa vida no sul. Não é exatamente uma questão de maior ou menor espiritualidade nossa, mas espiritualidade das coisas. [...] Desde as dunas do Nordeste a alma das coisas desapareceu. Tudo aparece revestido de uma epiderme violenta, perfeitamente

18 Ibidem, p.127.

19 Ibidem, p. 158.



delimitada, que não guarda mistérios. Mais franqueza, uma certa brutalidade leal de "coisa" mesmo. E disso vem uma sensualidade de contato em que a gente toda se contagia de uma violenta vida sensorial, embriaga<sup>20</sup>.

Como a paisagem do sul, é verdade, não lhe faltavam marcos de identificação e localização, mas sua fenomenologia era outra: os calores amazônicos, o vento, as velas dos barcos; o sabor da sapotilha, do licor de taperebá, do sorvete de graviola, do matrinxãs, do coco tucumã, do refresco de cupuaçu, do doce de cúbio, do chibé, do refresco de vinagreira, "tomando sorvete de açaí", o cheiro dos mercados; as sensações selvagens, "não só na boca: no ser"; a toponímia curiosa, Canto da Viração, Serra da Velha Pobre, Lago do Amaniúm, e o vocabulário profundamente marcado pela natureza: "jiraus" e "marombas", que permitiam a existência de plantas e animais durante as cheias; as "estivas", esses açazeiros derrubados que "serviam de pontão nos portos". Patrimônio natural que se reconhecia existencialmente, impregnando-se no ser, no tempo, na boca, nos nomes, nas palavras. Um conceito de paisagem, portanto, que antecipava uma visão do ambiente natural como um aspecto indissociável da cultura, isto é, como paisagem cultural<sup>21</sup>, posto que ligada à existência humana, às formas de se orientar no tempo e no espaço, de trabalhar, de sentir, dizer e saber, às linguagens e visões de mundo, às relações entre os homens e deles com o espaço, os objetos, os demais seres vivos.

#### FISIONOMIAS E MITOLOGIAS URBANAS

E se o mundo natural emerge na dobra com o humano, também o mundo edificado haveria de ser flagrado em sua dissonância com os regimes de distinção e classificação consagrados na cultura artística, filosófica e científica. Mário por certo não se furta a visitar as expressões arquitetônicas mais imponentes nas cidades em que aporta, principalmente em Belém e em Manaus, suas igrejas, palácios, teatros, mercados etc. Nenhum deles contudo, à exceção da Igreja Catedral Nossa Senhora da Graça de Belém, cuidadosamente desenhada pelo Turista Aprendiz<sup>22</sup>, o deteve em descrições muito demoradas ou entusiásticas.

Na realidade, em meio à paisagem urbanizada da Amazônia, a atenção do viajante parecia permanentemente deslocar-se dos monumentos de arquitetura e arte eruditas para

20 Ibidem, p. 188.

21 RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

22 V. nota 64 na primeira parte da presente edição de *O Turista Aprendiz*.

alguns de seus aspectos menos notáveis: a fisionomia ou caráter mais geral das cidades, o que implicava impressões pessoais, fantasias e associações com paisagens remotas, os traços sensíveis que diferenciavam as cidades umas das outras, suas cores, odores, sabores, calores, sua mitologia, os bairros populares, seu cotidiano e suas festas, bois e cantigas, assim como as pequenas vilas e lugarejos perdidos às margens dos rios, os portos de lenha, barracões, engenhos, fazendas. Era isso que atraía o viajante e lhe preenchia a caderneta de notas, os registros fotográficos, a imaginação.

Belém surgia-lhe, assim, como espécie de quintessência de uma cidade equatorial, mais feliz, promissora e amigável: "Já me acamaradei com tudo". E se o diário é relativamente discreto quanto a Manaus, poupando-lhe elogios e censuras, ela parecia condensar, por outro lado, o inferno da civilização, a falta de caráter, a devastação da natureza, da saúde e dos valores locais. Caricatura de cidade, sua grandiloquência mal disfarçava a destruição da floresta e a proliferação da maleita<sup>23</sup>. Da promessa de aproximação aos sertões amazonenses, Manaus tornara-se a prova mais visível da falsidade e do mau gosto das elites locais, pretensamente modernas e integradas à nação, e de todo indiferentes ao destino dos caboclos.

Não nos deixemos enganar: ao menos para Mário, não se tratava exatamente de reivindicar um caráter autóctone ou propriamente brasileiro às cidades amazônicas, mas justamente de questionar a eliminação dos traços diferenciais, pouco importando se regionais ou não, intocados ou mestiços. Sua impaciência com as fontes europeias de inspiração local e a pasteurização das paisagens urbanas brasileiras; sua tomada de partido em favor da singularidade das cidades, de suas qualidades sensoriais, dos modos imprevistos, espontâneos ou imaginativos de nelas viver, viriam a se refletir, aliás, na atribuição de origens imaginárias e afinidades satíricas a algumas das cidades visitadas: "Mandaram vir uma imigração de malaio e no vão das mangueiras nasceu Belém do Pará"<sup>24</sup>. Polinésia, Cairo e outros lugares remotos apareciam no jogo com as imagens, assim como Santarém, onde "os venezianos falam muito bem a nossa língua e são todos duma cor tapuia escura. Fomos recebidos com muita cordialidade pelo doge que nos mostrou a

23 Foi assim que Mário a descreveu na carta de 2 de novembro, 1929, a Sérgio Olindense, poeta, prefeito de Humaitá e um de seus fornecedores de folclore musical amazônico (V. CASTELLO BRANCO, Carlos Heitor (Org.). *Macunaíma e a viagem grandota*. São Paulo: Quatro Artes, 1971, p. 92-93. O prefeito então lhe enviava matéria colhida por sua mulher, Adolfigina Imanajás da Silva, que era pianista.

24 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 73.



cidade"<sup>25</sup>. Itacotiara, semanas antes do desembarque na cidade real, chegaria em sonho a encenar parodicamente uma terra inundada, espécie de Uraricoera vivida sem recalques, na interpretação de Gilda de Mello e Souza<sup>26</sup>.

A associação das cidades visitadas a uma realidade fantástica, entre utópica e absurda, parecia não somente amplificar o disparate das cidades reais com sua extravagante arquitetura eclética em plena floresta, mas desviar da ilusão de uma cidade brasileira típica. Onde o estabelecimento de cartografias paródicas, com a referência a passados legendários, o recurso a filiações ainda mais improváveis que as historicistas, posto que ao mesmo tempo livres de exotismos locais e de convenções de importação<sup>27</sup>. Fábulas e arquétipos urbanos não ocidentais que eram, portanto, mobilizados como uma espécie de filtro à contemplação, desreferencializando os arroubos civilizatórios locais através do recurso ao cômico, ao erótico, ao mítico.

#### O BRASILEIRO E OS INDÍGENAS, REAIS E IMAGINÁRIOS

A aproximação aos grupos autóctones parece aprofundar essa busca de ingredientes míticos alternativos às compreensões dominantes do país e do homem brasileiro à época. Evidentemente Mário não dispunha de uma etnologia das terras baixas muito desenvolvida naquele momento. Contava com informações retiradas da crônica colonial, dos viajantes e exploradores científicos do século XIX, dos folcloristas da virada do século e, especialmente, da obra de Koch-Grünberg ou de Roquette Pinto, além de informantes ocasionais em campo. O fato é que suas observações são eminentemente, ou antes, propositalmente diletantes. Talvez por isso a recusa em adotar, como na viagem seguinte, a qualificação "etnográfica", contentando-se em apresentar-se tão somente como aprendiz de turista. Seja como for, é notável a importância atribuída aos contatos com povos indígenas – reais ou inventados – ao longo da viagem. Por certo tratava-se de verificar e complementar as fontes folclóricas, míticas e linguísticas do *Macunaíma*, senão de investir em sua "descaracterização" no confronto com variados grupos étnicos. É verdade que o roteiro seguido não incluiu Roraima, mas o seu herói parecia encorajar o viajante

25 Ibidem, p. 87.

26 Ver interpretação do episódio proposta por Gilda de Mello e Souza em *O tupi e o alaúde* (São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 93-96).

27 V. carta de MA, de São Paulo, 1º de março, 1927 (MELLO, Veríssimo de. (Org.). *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1991, p. 75).

a desviar simultaneamente das ideologias raciais importadas, dos recalques oficiais da região e das ficções românticas de um brasileiro autêntico. Por isso, talvez, sua obstinação em enveredar ora em territórios caboclos, urbanos e rurais, à procura de festejos, chulas, cirandas e bois-bumbás – no livro, um tanto quanto sumariamente descritos –, ora pelos testemunhos e aldeamentos indígenas.

Entre os grupos que encontra, visita os Ticunas, perto de Manaus, e deles registra a confecção de máscaras, bebidas rituais, danças e outras práticas associadas a um rito de puberdade. Perto de Nanay, já no Peru, vai com as companheiras de viagem a um povoado uitota e se detém na arquitetura de "casinhas de taquara com coberta de folhas de coqueiro, admiravelmente bem trançadas"<sup>28</sup>.

Mas são dois outros grupos indígenas que ocupam espaço privilegiado nesses momentos de evasão etnológica. Os Pacaás Novos, que planejara visitar enquanto se aproximavam da Bolívia pela Madeira-Mamoré, e os índios dó-mi-sol, grupo étnico criado pelo escritor. A visita aos Pacaás Novos nos arredores de Guajará-Mirim de fato não aconteceu. Nem por isso eles ficam fora do livro. Após a descrição do dia 8 de junho, às vésperas da partida de Manaus, Solimões acima, o escritor insere longo trecho acerca de um encontro fictício entre ele e a tribo, "bastante curiosa pelos seus usos e costumes". Apesar de limitada a um único dia, a descrição da visita acentua a experiência de estranhamento: diante da sofisticada linguagem corporal dos Pacaás Novos em contraste com as formas civilizadas de expressão oral; diante da indumentária deles privilegiando a face em detrimento dos corpos, inteiramente nus; em relação às concepções nativas de pudor, interdição moral e castidade, não por acaso transferidas dos órgãos genitais para a boca, as orelhas e o nariz<sup>29</sup>.

O imaginário que se projeta a respeito dos Pacaás Novos parece seguir basicamente em duas direções. Por um lado, leva ao extremo a dimensão de alteridade cultural, ao recorrer a comparações entre os costumes locais e os adventícios, quanto a episódios triviais, como o uso do pontapé, do espirro, do assobio, da deglutição, ou a práticas de ordem moral e sexual, como o matrimônio, a virgindade e a depravação. Não é irrelevante, por outro lado, o fato de tais contrastes serem especificamente enunciados na referência a práticas corporais e performances gestuais relativas à recepção, à comunicação, à indumentária, à censura, ao riso, à sexualidade e à alimentação. O que está em jogo, portanto, não é tanto

28 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 123.

29 *Ibidem*, p. 98.



a estrutura social daquele povo a que de fato o viajante não teve acesso, mas o modo como a construção ficcional, satírica, diga-se de passagem, permite a desnaturalização de conceitos e práticas familiares ao leitor.

A tribo imaginária dos índios dó-mi-sol, que o Turista afirma ter encontrado na subida do Madeira e cuja descrição é apresentada em passagens dispersas pelo diário, radicaliza ainda mais essas possibilidades de autoexame da perspectiva dos brancos iluminada pelo contato com o indígena. Para o escritor, permitiria a construção de "uma monografia humorística, sátira às explorações científicas, à etnografia e também social"<sup>30</sup>. Assim, ainda que os conteúdos fantásticos remetessem à organização social, à mitologia, à filosofia e às maneiras de discutir do grupo, eventualmente informados pelo folclore e pela antropologia amazônica, o exercício ficcional parecia interessar também pela abertura à especulação estética e linguística. A enorme variedade de sons, escalas e gestos expressivos de que o grupo hipotético dispunha, a capacidade de conferir "sentido intelectual aos sons musicais e valor meramente estético aos sons articulados e palavras" e, por conseguinte, a enorme ampliação léxica, semântica e cognitiva da língua dos dó-mi-sol, parodiavam a estreiteza da linguagem dos brancos.

#### PALMILHANDO AS MARGENS DA CULTURA

A viagem ao Nordeste não tardou e seria quase tão longa quanto a do ano anterior, milhares de quilômetros percorridos em cerca de noventa dias, entre 27 de novembro de 1928 e 24 de fevereiro de 1929, quando embarca de volta para o Rio. A ideia vinha sendo acalentada desde 1924, mas sempre adiada<sup>31</sup>. Em 1927, a travessia de toda a costa nordestina, de Salvador a Fortaleza, reduzira-se à cabotagem, os dias a bordo não lhe permitindo senão um ou outro encontro com amigos locais, um pequeno passeio de automóvel, um almoço, um mercado, nada mais. Desta vez, sob um aspecto, a viagem seria mais livre; sob outro, mais obrigada. Mário viaja só, portanto, isento dos compromissos de cavalheirismo e protocolo, ainda que recebido como o autor de *Macunaíma* pela intelectualidade local. Mas ele viaja a trabalho: chama a expedição de "viagem etnográfica", com o objetivo de "estudar manifestações de arte popular", que será em parte custeada pela função de

30 Ibidem, p. 133.

31 V. as cartas de MA a Cascudo datadas de São Paulo, 26 de setembro [1924]; Araraquara, 26 de junho, 1925; e de São Paulo, 4 de outubro, 1925 e 3 de fevereiro, 1926 (MELLO, Veríssimo de. (Org.). Op. cit., p. 34-35, 42, 53).

cronista correspondente do *Diário Nacional*, onde, desde a fundação do matutino, em julho de 1927, cuidava da crítica musical e de artes plásticas. Durante a viagem, remete pelo Correio, a São Paulo, um diário aberto ao leitor na coluna O Turista Aprendiz<sup>32</sup>.

Diferente, portanto, na circunstância, nas motivações e na prosa, a viagem sofre ainda outra mutação: as mediações com o destino não se dão agora pelas autoridades, mas pelos amigos locais, modernistas e simpatizantes, seus anfitriões ou cicerones, representantes da geração mais jovem da intelectualidade local que o introduzem na realidade nordestina: Câmara Cascudo, Barôncio Guerra, Cristóvam Dantas, Henrique Castriciano, Antônio Bento, Jorge Fernandes, em Natal; Ademar Vidal, José Américo de Almeida, Silvino Olavo, na Paraíba; e no Recife, Cícero Dias, Joaquim Inojosa, Ascenso Ferreira, Stella Gris, Sylvio Rabelo, Ernani Braga, José Pinto, Gilberto Freyre e até Manuel Bandeira, também ali de passagem, a recebê-lo. Muitos deles se tornariam companheiros contumazes de passeios, banhos de mar, confraternizações e, sobretudo, de pesquisa: "gente suavíssima que me quer bem, que se interessa pelos meus trabalhos, que me proporciona ocasiões de mais dizer que o Brasil é uma gostosura de se viver"<sup>33</sup>. No embalo da vida vivida na existência do amigo, o turista etnógrafo calibra o sentimento de país.

#### VIDA E MORTE DAS CRIAÇÕES POPULARES

Se, na Amazônia, o viajante parecia bem mais disponível ao *décor* equatorial, à apreensão estética das paisagens naturais e humanas e ao trabalho literário, agora o propósito era mais específico<sup>34</sup>. A vocação etnográfica do empreendimento, o trabalho de coleta, o registro instrutivo, inclusive fotográfico, impunham-se como mote fundamental do deslocamento pelo Nordeste. Se no primeiro caso as sensações de ócio, tédio, deriva ou evasão pareciam acompanhar o viajante, desta vez vemo-lo engajar-se resolutamente nas atividades de estudo, movimentando-se entre um estado e outro, as capitais e o interior à procura de seus objetos, fontes e informantes.

No espaço coloquial da crônica que descreve o itinerário, Mário encontrará tom adequado ao assunto fundamental. Das setenta crônicas estampadas no jornal desde a

32 LOPEZ, Telê Ancona. "Viagens etnográficas de Mário de Andrade". In: ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Ed. cit., p. 41.

33 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 352.

34 LAPOUGE, Gilles. "Preface". In: ANDRADE, Mário de. *L'Apprenti Touriste*. Paris: La Quinzaine Littéraire/ Louis Vuitton, 1996, p. 23-24.



partida de São Paulo em fins de 1928, pelo menos vinte tratam diretamente de música, rituais, danças e outras práticas dramático-musicais e religiosas<sup>35</sup>. Elas pontuam o itinerário do começo ao fim e frequentemente perpassam os outros temas da escrita, como as condições de vida dos trabalhadores rurais, a economia local, os processos produtivos, as paisagens e misérias dos sertões, as variações de clima e vegetação, a migração, o cangaço, a arquitetura, as cidades, a arte sacra, os casos e anedotas, os modos de falar do nordestino, a alimentação, os anfitriões. Na pequena agenda manuscrita, as "Notas de Viagem ao Nordeste", que reúnem observações avulsas da jornada, vemo-lo insaciável em sua missão quase diária: "Não saio de casa. Colho melodias" (17/12/1928); "temas de Chegança" (20/12/1928); "De manhã os catimbozeiros me dando cantigas" (22/12/1928); "também que nem ontem e anteontem dia completamente besta. Todos os homens combinados vir aqui em casa cantar, falharam" (2/1/1929); "com um velho pernóstico que sabe o Fandango" (4/1/1929); "procurando um Maracatu" (8/2/1929); "melodias de carregar piano" (14/2/1929) etc. Uma notícia do crítico musical Ernani Braga no Recife, já no fim da viagem de Mário, dá conta de suas andanças insaciáveis e da enorme bagagem de temas colhidos em campo<sup>36</sup>. E se o roteiro era ditado pelas exigências da pesquisa, os guias eram frequentemente os próprios cantadores, rabequistas, coqueiros, emboladores, aboiadores, mestres, catimbozeiros, marujos, turcos, brincantes, foliões, pastorinhas, cicerones quase sempre involuntários de um turista resolvido a segui-los de perto. Imprevisíveis, às vezes intoleravelmente atrasados, inconstantes, que encantavam e comoviam o viajante, ao mesmo tempo que o levavam ao desespero. Por vezes eram figuras irresistíveis, como o cantador Chico Antônio, verdadeiro trovador medieval na arte de chegar e de partir, como Mário o apresentaria.

Por certo o viajante não se reconhecia como cientista, nem sua pesquisa se alinhava ao folclorismo: "Minha intenção é fornecer documentação pra músico e não

35 Os cantos e o coco (15/12/1928, 29/1/1929); a Chegança e a Marujada (18/12/1928); o cantador (20/12/1928); os ritos de feitiçaria e o catimbó (22/12, 26/12, 27/12, 28/12/1928; 3/1/1929); as músicas e danças na praia (30/12/1928); as orações e cantos religiosos (31/12/1928); a alegria do povo (1/1/1929), as festas de Reis (6/2/1929); o coqueiro Chico Antônio (10, 11 e 12/1/1929); o cangaço (23/1/1929); os santos afro-brasileiros (25/1/1929); os Congos (26/1/1929); o Boi Tungão e o ganzá (27/1/1929), bem como os Caboclinhos (5/2/1929), que arrematam o seu roteiro para o leitor do jornal.

36 BRAGA, Ernani. "Mário de Andrade, podendo ir à Europa, preferiu vir em excursão ao Nordeste, onde colheu diretamente mais de oitocentos temas musicais". *A Província*. Recife, 21 de fevereiro, 1929, transcrito em "Dossiê", nesta edição, p. 438-440.

passar vinte anos escrevendo três volumes sobre a expressão fisionômica do lagarto..."<sup>37</sup>. Há anos, aliás, ele vinha apontando o conservadorismo dos estudos de folclore, associados até pelo menos os anos 1940 ao excesso classificatório e a esforços puramente descritivos e diletantes, carentes de cientificidade e incapazes de religar seus objetos a uma teoria da sociedade<sup>38</sup>. No próprio diário ele alerta para o fato de "nossos folcloristas, quase todos exclusivamente literários", não se interessarem senão pelas manifestações intelectuais do povo, suas "rezas, romances, poesias líricas, desafios, parlendas"<sup>39</sup>, seus cantos e contos, ignorando quase por completo a música, os bailados e danças dramáticas.

É verdade que, ao menos nesse momento dos estudos de Mário de Andrade, não é possível identificar uma ruptura clara com a tradição literária do folclore<sup>40</sup>, mas em suas observações acerca das artes populares já se percebe uma tendência dissonante, a pensá-las como detentoras da substância da vida social, situando-as em um complexo mais amplo de vida material e espiritual dos estratos inferiores da sociedade de classes. Mais do que isso, o levantamento que ele tinha em mente era de outra natureza: não se propunha a reunir elementos pitorescos nem curiosidades regionais nas artes do povo, nem exatamente estudá-las a fundo do ponto de vista etnográfico, estético ou histórico. O que estava em jogo não era tampouco elaborar um inventário de objetos e práticas a serem preservadas. Seu objetivo era antes ampliar o conhecimento das manifestações culturais populares como contribuição e estímulo à produção artística. Por isso, entre as tradições brasileiras interessavam-lhe particularmente as tradições móveis, vivas, que falavam não tanto do passado como daquilo que sobrevivia ao tempo, reinventando-se junto com as coisas ao seu redor. O tédio do escritor, face aos levantamentos exaustivos, pode aliás ser entrevisto em sua recusa à documentação pela documentação, quase sempre indiferente ao que nas artes populares havia de atual, inovador, transformador.

Encontrará material particularmente em Natal, onde inicia os levantamentos. Mas também na Paraíba e no Recife, para onde retorna ao fim da viagem alguns dias antes

37 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 275.

38 LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. Ed. cit., p. 75-84; VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão. O movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/ Fundação Getúlio Vargas, 1997.

39 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 356.

40 TRAVASSOS, Elizabeth. Mário e o folclore. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 30. Brasília, 2002, p. 90-109.



do Carnaval, atrás de maracatus, caboclinhos, linhas de catimbó e, sobretudo, do frevo. É verdade que a circunstância não era a mais propícia à observação distanciada e muitos artistas o deixaram a ver navios, os locais ou horários informados não batiam, seus amigos nem sempre estavam muito sóbrios. O próprio Mário não resistiria ao Carnaval: caiu na "frevoeira" no meio das ruas, entregando-se também à luxúria e aos porres de éter, cocaína e sedol, ao lado de Ascenso Ferreira, Cícero Dias e José Pinto. Mas a busca frenética das danças e cantos populares reapareceria depois da quarta-feira, em meio às entradas pelos arredores do Recife, Olinda, Jaboatão, Escada e Cabo.

Em Natal, porém, onde Mário permaneceu mais de um mês, sempre guiado por amigos também fascinados pelas tradições populares, como Cascudo, Antônio Bento, Castriciano, os levantamentos foram mais organizados e frutíferos. Até porque, nessa cidade, as tradições "são todas móveis, danças, cantorias": cantigas e apresentações de coco, modinhas de maxixe, samba, choro, cantigas de trabalho, aboios, desafios, as singularidades do catimbó nordestino, em que, entre outras coisas, "palavras, deuses, práticas se trançam", orações, procissões, ensaios e apresentações de Pastoril, Congo, Boi, Reisado, Caboclinho, Chegança, a Nau Catarineta, sobre as quais escreve:

Todas essas danças-dramáticas, inda permanecidas tão vivas na parte Norte e Nordeste do país, andam muito misturadas, umas trazem elementos de outras, influências novas penetram nelas; junto duma lição camoniana brota um brasileiro danado, contando fatos de agora, tão impossíveis que a Turquia chega a conhecer a força do "braço brasileiro" na presença do imperador Guilherme II<sup>41</sup>.

Se essas dimensões de hibridismo e inovação nas tradições populares eram particularmente visíveis nas capitais, a compreensão do complexo regional que as envolvia parece ter emergido quando de suas entradas pelo *hinterland* nordestino, berço e ponto de fuga de muitas delas, frequentemente carregadas Brasil afora por sua população há tempos em êxodo.

Recém-chegado ao Recife, o Turista embarca em uma viagem de dois dias de trem rumo a Natal. Assim como no pequeno trecho que seguira pela Madeira-Mamoré na viagem anterior, a travessia do território via Great Western descortina-lhe facetas ainda pouco perceptíveis: as zonas de mocambos na periferia do Recife, os canaviais amarementos, "gente que sai, gente que entra, uma gritaria", muita poeira, pouca água, xiquexiques, bromélias e juremas, as casinholas de taipa à beira da estrada de ferro, homens cada vez mais magros

41 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 280.

e mulheres sempre de vermelho em suas latadas, a frequência do urubu que aumenta, o gado rarefeito, morto, depois mais presente à entrada do Rio Grande do Norte, de novo os engenhos e as usinas "encordoando a bagaceira", mais adiante as dunas, as praias e o "verde mar de navegar". Eis que nos dois dias de travessia dos cerca de quatrocentos quilômetros de linha esboçam-se *in loco* as três grandes ecologias econômico-sociais do Nordeste: a estreita Zona da Mata, onde o latifúndio açucareiro devorava as pequenas culturas de subsistência; o Agreste, áspero e pedregoso, pontuado de "algodoais, algodoais sem imponência"; e as bordas do Sertão, onde a seca insinuava-se na carcaça dos rios<sup>42</sup>.

O segundo trecho é mais longo. Já não se trata de um deslocamento necessário ao início dos levantamentos, mas de duas incursões organizadas por seus amigos natalenses à Zona da Mata e ao Sertão do Rio Grande do Norte, entre os dias 7 e 22 de janeiro de 1929. A primeira dá-se nos primeiros dez dias, quando o viajante monta base avançada no engenho Bom Jardim, da família do amigo Antônio Bento, em Goianinha, para colher materiais relativos ao coco e ao boi. É lá que Mário conhece Chico Antônio e o rabequista Vilemão e documenta o trabalho de outros cantadores, músicos, poetas, coqueiros e grupos inteiros de artistas que vêm à casa-grande apresentar-se ao visitante, ou que se reúnem ali por perto para tocar, cantar e dançar. Mário se aproxima de seus informantes, passa horas a seu lado, dias inteiros trabalhando, acompanha desafios entre poetas, dança cocos, às vezes vira noites observando e anotando suas apresentações, personagens, coreografias, transcrevendo cantigas e melodias, ouvindo-lhes cantar, improvisar, evoluir até cansar. Mas é mesmo Chico Antônio quem o cativa: "É prodigioso"<sup>43</sup>. A proximidade de Chico Antônio, de sua voz, respiração, performance, de sua inventividade poética e rítmica, de seu processo de tirar um coco, o fascina. Sua arte "vem da terra, canta por cantar." Liga-se à terra e à vida também porque na arte de cantar é mestre da "verdade verdadeira dos homens simples", fala de seu cotidiano, de seus amores, desejos, ânsias e sonhos. Ainda que nutrida pela vertigem da embolada, do corpo que gira, da pancada do ganzá, das frases estratificadas, cantigas que emendam umas nas outras, horas a fio, sem nada de *nonsense*, sua arte é viva e perfeitamente reconhecível por seu público: "até onde o vento leva a toada, os homens do povo vêm chegando, mulheres, vultos quietos na escuridão, sentam no chão, se encostam nas colunas do alpendre e escutam sem cansar"<sup>44</sup>.

42 Ibidem, p.272.

43 Ibidem, p. 317.

44 Ibidem, p. 317.



Mário olha atentamente também para o mundo que o envolve: o engenho de banguê com o fogo quase morto onde se hospeda: "Os homens se movendo na entressombra malhada de sol, seminus, sempre os chapéus chins: meio se me colonializa a sensação. [...] Todos os atrasos de conveniência imperialista"<sup>45</sup>. Registra seus processos de fábrica, ainda primários, da moagem à purgação e à cristalização do açúcar, e sua decadência ante o aparecimento das primeiras usinas de açúcar e o conseqüente êxodo em massa de trabalhadores rurais para as cidades. Indignação anticolonial contra a exploração econômica do trabalhador, eternamente forçado ao ir e vir do investimento capitalista e da seca. Se antes haviam trazido centenas de milhares de africanos para o cativeiro do engenho, agora impeliam o migrante para o Norte da borracha ou o Sul industrial.

Chico Antônio, o Boi Tungão, o zambê que Mário escuta ao longe em Bom Jardim não são para ele de modo algum expressão imediata do sistema de produção e de vida em colapso que os encordoa. Mas fazem vibrar estranhas sensações de permanência, "uma sensação estranha de século XIX... samba de escravos perpetuado através de todas essas liberdades servis..."<sup>46</sup>. É importante termos isso em mente, porque também é disso que se trata quando está em jogo o registro das criações populares: a compreensão das condições de vida de onde emergem e do lugar da festa, da arte, da brincadeira. Esse foco nas condições de vida dos nordestinos se aguça, aliás, quando o viajante se desloca da região do açúcar às do sal e do algodão, sertão adentro: de um lado, surge um território livre dos fardos coloniais e aparentemente mais promissor que a zona açucareira. Principalmente em torno às salinas de Macau e aos algodoads do Seridó, onde o viajante sonda as perspectivas de crescimento, empolgado com o dinamismo e potencialidades econômicas locais. De outro, em toda parte ele se depara com a miséria extrema, a desgraça dos retirantes, o esvaziamento de cidades inteiras, a condição dos animais escalavrados, a fome e a sede medonhas, o clima insuportável e a monotonia dramática da Caatinga.

45 Ibidem, p. 311.

46 Ibidem, p. 319.

## ENTRE MONUMENTOS E MOCAMBOS

Mas o grosso da viagem dá-se nas cidades. Ainda a bordo do *Manaus*, aporta na Bahia e em Maceió. Salvador é motivo de um primeiro choque de deslocamento: "as casas se amontoam num estardalhaço de janelas, andares, telhados"<sup>47</sup>. Inebriante, cinética, sonora, de novo, como na Amazônia, o que está em jogo é a fisionomia peculiar da cidade: mais a sua paisagem do que seus monumentos isolados; mais suas silhuetas, planos, traçado, colorido e profundidade, apreendidos em movimento, do que o cenário tradicional; mais as sensações físicas, voluptuosas de uma cidade que se reconhece a pé do que sua idealização à distância. Também Maceió, igualmente visitada de passagem, é descrita sensualmente, dessa vez através de imagens marcadamente tropicais: a riqueza de verdes do mar, o corpo voluptuoso de tom jacarandá de um nadador que se aproxima do navio, o gradeado dos coqueirais, sua arquitetura sincera, o ponche de maracujá, o sururu das alagoas, os guaiamuns "do azul mais lindo que jamais não vi"<sup>48</sup>.

Seu destino marítimo é o Recife. Dali em diante Mário segue por terra, a viagem efetivamente começa. É nas capitais de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte que o viajante finca as bases principais de suas pesquisas: em casa de amigos, onde recebe intelectuais e artistas populares; nos centros antigos, em praças, igrejas e mercados; nos arredores, praias e bairros pobres, onde encontra a gente comum em suas casas, nas ruas, festas, ensaios, rituais e tradições; nas retaguardas rurais, fazendas e cidades menores do interior, de onde os informantes frequentemente haviam migrado.

Em Natal, primeira cidade a efetivamente demorar-se, o Turista tem como anfitrião Cascudo, com quem há anos vinha compartilhando por carta os interesses comuns pelas coisas do povo. Em meio ao enorme acervo de danças, cantos e festas que ali encontra, Natal emerge como "a mais democraticamente capital, honesta, sem curiosidade excepcional nenhuma"<sup>49</sup>. Por certo não possuía os encantos de Belém, do Recife, de Salvador, mas seus encantos resistiam ao pendor habitual do turista pelo original, o grandioso, o exótico, afirmando-se tão somente como psicologicamente popular, com seu "ar de chakra que a torna tão brasileira humana e cotidiana como nenhuma outra capital brasileira". É flagrante a predileção do Turista pela outra parte da cidade, baixa, menos visível, nunca miserável, "sem aquela presença forte de

47 Ibidem, p. 263.

48 Ibidem, p. 266.

49 Ibidem, p. 276.



tristura dos mocambos recifenses", que às vezes se imiscuía pela cidade inteira com suas brincadeiras, cocos, pastoris e marujadas: nas praias de Areia Preta ou da Redinha, onde ele encontra "sambas, maxixes, varsas de origem pura"; em Alecrim e Rocas, bairros antigamente tomados de casinhas de palha, "valhacouto de criminosos e facínoras"; no caminho do Areal, com seu "morro cheio de casas proletárias", e ruas vivas, "sons de pandeiro, pessoal se chamando, um tambor mais pra longe e na porta da venda um ajuntamento"<sup>50</sup>. Foi em um desses bairros pobres que, aproveitando a última sexta-feira do ano, Mário fechou o corpo no catimbó de dona Plastina, "uma casinhola de porta e janela, telha-vã, chão tijolado"<sup>51</sup>, cerimônia minuciosamente descrita no artigo publicado no *Diário Nacional* um mês depois.

O interesse pelos bairros populares, já evidente na viagem pela Amazônia, era por certo ditado pelo próprio objetivo da viagem. Mas em Natal ele se impunha, também em função do relativo desinteresse histórico de suas áreas mais bem urbanizadas: "cidade mocinha, podendo progredir à vontade sem ter coisas que dói destruir"<sup>52</sup>. Bem diferente de Salvador, que àquela altura já se tornara objeto de controvérsias patrimoniais<sup>53</sup>, Natal, assim como São Paulo, não impunha grandes limites ao crescimento e à reforma:

O problema da destruição ou conservação da Sé, da Bahia, por exemplo, confesso que por mim não sei resolver. Os pros e os contras da destruição se igualam na força dentro de mim e creio que vou achando uma graça dolorida nos partidários e antagonistas da destruição. [...]. O problema da Sé da Bahia está mas é enunciado errado. É muito mais grandioso do que a derrubada ou não derrubada dum casarão pra alargamento de rua. O próprio centro urbano da cidade alta é que se tem de resolver se é prático ou não ficar onde está<sup>54</sup>.

A digressão remete ao dilema das tradições imóveis, impermeáveis às mudanças e exigências do tempo, muitas vezes objeto de fetiches absolutamente "prejudiciais", senão

50 Ibidem, p. 279.

51 Ibidem, p. 294.

52 Ibidem, p. 297.

53 PERES, Fernando da Rocha. (Org.). *Protesto contra a demolição da Sé, 1928*. Salvador: Editora da UFBA, 1987; PINHEIRO, Eloisa Petit. *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos* (Paris, Rio e Salvador). Salvador: Editora da UFBA, 2002.

54 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 297-298.

"ridículos". Mas se a modernização de Natal não encontrava esse tipo de obstáculos, ali onde eles subsistiam, impunha-se a necessidade de conciliar os traçados e monumentos tradicionais com os imperativos utilitários da vida urbana contemporânea. Tal como em Salvador, por outro lado, no Recife o tema vinha inspirando controvérsias similares. Um dos cicerones eventuais de Mário na cidade, Gilberto Freyre, era partidário de ideias contundentes a esse respeito. Agitador do movimento regionalista no Nordeste, Gilberto liderava naqueles anos uma plataforma de defesa da diversidade regional do país contra o excesso de centralização e uniformização, o que incluía entre outras coisas, a valorização dos monumentos artísticos e históricos do Nordeste e do Recife, em especial, onde as transformações em curso segundo ele ameaçavam os traços mais característicos da cidade. Também Manuel Bandeira, justamente naqueles dias de confraternização com Mário de Andrade em sua terra natal, vinha escrevendo sobre a preservação do patrimônio arquitetônico colonial, a fisionomia histórica do Recife e sua ambiência evocativa. Tratava-se, entre outras coisas, de defender a Igreja da Madre de Deus, então ameaçada de demolição pelos novos planos viários para a cidade: "ela que não atrapalha o tráfego urbano, que não aparece aos turistas em trânsito"<sup>55</sup>. Era preciso, se não conciliar, ao menos resolver os problemas urbanísticos tendo em vista a realidade do patrimônio edificado.

Não que os monumentos isolados fossem indiferentes ao Turista. Na cidade da Paraíba, a arte e a arquitetura sacras, sobretudo franciscana, merecem dele uma deferência especial. Já em Mamanguape, aliás, Mário deixara-se empolgar com o que ele chamara de as "ruínas pacientes dum bom gosto colonial", entregando-se à contemplação das formas e cores da cidade: "Saracoteamos por uma ladeira monumentalizada pela existência da Correição, escadenta, cor de sangue velho." Atento ao sítio urbano, por um momento, vemo-lo deslizar da etnografia popular à análise da arquitetura colonial. A chegada à capital do estado é marcada pelo aprofundamento dessa visada histórica do crítico de arquitetura e artes visuais<sup>56</sup>. Principalmente, quando diante do Convento de São Francisco:

55 LIRA, José Tavares Correia de. Naufrágio e galanteio: viagem, cultura e cidades em Mário de Andrade e Gilberto Freyre. *Revista Brasileira Ciências Sociais*, v. 20, nº 57. São Paulo, fevereiro, 2005, p. 143-176.

56 SOUZA, Ricardo Christiano de. Mário, crítico da atualidade arquitetônica. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 30. Brasília, 2002, p. 24-47.



Estou assombrado. Do Nordeste à Bahia não existe exterior de igreja mais bonito nem mais original que este. E mesmo creio que é a igreja mais graciosa do Brasil – uma gostosura que nem mesmo as sublimes mineirices do Aleijadinho vencem em graciosidade. [...] Paraíba possui um dos monumentos arquitetônicos mais perfeitos do Brasil<sup>57</sup>.

Não que o universo popular tenha desaparecido de sua agenda. Bem ao contrário, na cidade da Paraíba, a documentação de cocos, cantigas, bois, caboclinhos, barcas e cordel prossegue. Mas a fisionomia histórica da cidade e as "antiguidades arquitetônicas esplêndidas" ganham importância inquestionável. Também Igarapé, sede de outro importante conjunto franciscano, é objeto de cuidadoso comentário: "A gente desemboca, num passado evocador e segue mais ou menos assustado por aquelas ladeiras, ruas tortas, praças ocasionais, nascidas duma fantasia de arruamento, bem de gente com vagar"<sup>58</sup>.

Mas se o olhar se concedia apreciar e documentar fotograficamente esse grandes monumentos de arte e arquitetura colonial – o forte dos Reis Magos, "marca chata de passado", em Natal; o "admirável" convento de S. Francisco da Paraíba; o "bem inferior" mosteiro de São Bento e a "merda exterior" da Sé, em Olinda; a "pobrinha" São Cosme e São Damião e o "maravilhoso" São Francisco, em Igarapé; a Conceição dos Militares, com "o primitivo duro, incipiente no espírito e na técnica" do painel historiado de Guararapes, a "magnífica" Igreja do Carmo, os painéis magistras da Madre Deus, a Capela da Ordem Terceira de São Francisco, "um dos maiores monumentos do Brasil", no Recife; todos ainda mal catalogados, diga-se de passagem – o mundo edificado era sobretudo focalizado em termos de conjunto urbano: recorrências, variações e contrastes na forma urbana através do país, modos de implantação e silhuetas de cidades, povoados e bairros, as paisagens que delas se descortinavam, as perspectivas e situações geográficas bem ou mal aproveitadas, seus sítios mais antigos, praças, largos, ruas, becos, casarios e conjuntos de casas proletárias.

Do Recife, para onde retornou alguns dias antes do Carnaval de 1929, tendo inclusive se lançado em um sobrevoo de aeroplano, Mário pouco anotou em seu diário. A série de fotografias da cidade, no entanto, é eloquente. O que o Turista registra são sobretudo cenas e panoramas urbanos: as frentes de rio, os cais, as pontes, os largos,

57 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 349.

58 *Ibidem*, p. 269.

pátios, ruas e becos, a avenida Beira Mar, a praia de Boa Viagem e as zonas de mocambos. Na verdade, é a zona miserável dos mocambos às margens da cidade o que mais chama a atenção do escritor:

... na água parada, encapuçada de mangue, as casinhas balançam feito luzes de canoas abicadas na praia. [...] Não são fachos não; é mais a água doente chupando tudo, chupando a vida da luz, chupando o sangue das gentes habitando aquilo, como quem se aboleta no socavão da morte... pra viver. É triste, bem triste... Foi a atração da cidade<sup>59</sup>.

A visão turvada pela cena e o fôlego dissipado do escritor pediam explicação. É notável que Mário tenha sabido nesse ponto se afastar das posições incendiárias e românticas recorrentes na querela dos mocambos que atravessou a década de 1920<sup>60</sup>. Os atrativos e facilidades do principal centro metropolitano dessa região há séculos marcada pela exploração violenta da terra e do trabalho tinham força encantatória no imaginário dos retirantes. Se seu território precisava ser estudado como sede de expressões culturais importantes, não se podia abstrair sua condição desgraçada. A preocupação social se impunha às motivações culturais do viajante. Aliás, já na viagem à Amazônia, ela se esboçara a respeito dos bairros pobres de Belém e Manaus, assim como sobre o corpo e a alma do caboclo maleitoso. Agora, eram as condições miseráveis de vida e trabalho que o revoltavam. Elas eram particularmente visíveis nas cidades: "mocambos e bairros operários mal-amanhados, desruados" e distantes do trabalho, trabalho duro, braçal, salários muito abaixo das necessidades de subsistência, alimentação insuficiente, saúde depauperada. Seja em Natal, seja na Paraíba, seja no Recife, os contrastes socioculturais lhe pareciam gritantes: zonas perfeitamente urbanizadas e bairros destituídos de tudo, construções modernas e aglomerados densos de mocambos, grandes monumentos em pedra e cal e tradições populares em permanente transformação.

59 Ibidem, p. 270-271.

60 LIRA, José Tavares Correia de. *Mocambo e cidade: regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado*. São Paulo: FAU-USP, 1996.



## ENTRE O CAMPO E O PATRIMÔNIO

É difícil saber exatamente se essas viagens de Mário de Andrade operam em um universo primitivo mais amplo de formação do ideário preservacionista ou se é o próprio imaginário patrimonial brasileiro que em grande medida se modelou na referência a suas ideias. Muito provavelmente as duas coisas. De fato, há um fundamento romântico inquestionável que aproxima as suas motivações da gênese nacionalista e identitária, histórica e antropológica do conceito de patrimônio cultural. Mas há que se pensar também até que ponto aquilo que hoje compreendemos como patrimônio cultural no Brasil é tributário de seus trabalhos em história, linguística, etnografia e folclore desde as expedições à Amazônia e ao Nordeste.

Com efeito, a inversão dos roteiros do *grand-tour* ao longo do século XIX – dos destinos clássicos ocidentais para universos tidos como primitivos ou populares, muitas vezes nativos<sup>61</sup> – terá um impacto apreciável na formação de uma sensibilidade para com as coisas nacionais. Desde meados do século XIX, uma tradição científica e literária de expedições de coleta vinha se constituindo no Brasil, em meio à consolidação de instituições, acervos, conhecimentos e métodos, na base da cultura patrimonial nacional. Mário bebe certamente nessas fontes e acrescenta outras, como as derivadas da história da literatura e das artes e do folclore, em toda parte recomendando a necessidade de ir a campo, à procura de um contato direto com os materiais e processos examinados, visuais, orais, escritos, sonoros, dramáticos etc.

No diário, é certo, quase nunca o encontraremos a descrever, medir, levantar, classificar minuciosamente aquilo com que se depara<sup>62</sup>. Mas a imersão nos lugares que visita, a observação direta e a aproximação ao ponto de vista dos nativos ali se insinuam como as únicas vias de acesso à densidade de suas manifestações, em suas singularidades, permanências, variações e conexões específicas. Das formas de contato entre o visitante e os nativos, das paisagens naturais às paisagens edificadas, da fauna e da flora a suas imagens e apropriações humanas, da cultura material em seus usos e significados, dos costumes, ritos e festas, urbanos, ribeirinhos e indígenas a suas representações, impasses e transformações, das artes populares e ameríndias às questões sociais e econômicas que as envolvem, a experiência em campo parecia não apenas fornecer-lhe elementos, motivos e sugestões para a criação artística, mas também princípios de juízo estético, antropológico, filosófico, político, que viriam a desempenhar papel decisivo na constituição de um arsenal de valores e narrativas culturais nacionais.

61 LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

62 NOGUEIRA, Antônio G. Ramos. *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2005.

Ao final de suas jornadas, por certo, não dispomos de um acervo completo, nem mesmo de uma cultura ou cânones patrimoniais claramente enunciados. Ainda que a viagem ao Nordeste, mais do que a da Amazônia, tenha sido ditada por um plano positivo de estudos – a ser aprofundado na Missão de Pesquisas Folclóricas, por ele estruturada para a região, em 1938, à frente do Departamento de Cultura de São Paulo<sup>63</sup> –, tanto em uma quanto em outra, tratava-se em última instância de meditar sobre seu próprio mundo de referências no contraste com gentes e terras desconhecidas, a fim de recolher subsídios para a interpretação e a criação culturais. Se os registros colhidos em campo revelam-se, portanto, pouco sistemáticos; se do ponto de vista etnográfico a pesquisa é muitas vezes inconsistente; e se mesmo os propósitos preservacionistas ainda não são ali claramente enunciados, é possível reconhecer nas viagens um ponto crucial de inflexão na gênese de uma sensibilidade patrimonial e de problemas e categorias congeniais ao trabalho da preservação que farão fortuna no Brasil anos depois.

É importante que se tenha em mente que, nos anos 1920, iniciativas de preservação do patrimônio cultural no Brasil ainda eram muito incipientes e localizadas, não se dispoñdo de inventários culturais muito abrangentes sobre o país, nem de conhecimentos especializados sobre as regiões visitadas<sup>64</sup>. Vale, também, destacar a discrepância entre seus objetos principais de atenção e o que poucos anos depois viria a se consagrar como patrimônio histórico e artístico nacional. Ainda que Mário tenha sido dos intelectuais mais engajados na fase pioneira do Sphan<sup>65</sup>, muito próximo do

63 SODRÉ, João Clark de Abreu. *Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)*. São Paulo: FAU-USP, 2010.

64 Quase sempre reduzidos a almanaques, anuários ou álbuns específicos de alguns de seus estados ou cidades. Há que se mencionar, porém, o compêndio "de estudos e de opiniões autorizadas, fixando ou comentando aspectos e tendências da vida brasileira, em geral, e da nordestina, em particular", "a vida de cinco ou seis estados cujos destinos se confundem num só e cujas raízes se entrelaçam durante os últimos cem anos", consubstanciado no *Livro do Nordeste*, organizado por Gilberto Freyre a convite do *Diário de Pernambuco*, em comemoração a seu centenário de fundação. FREYRE, Gilberto. (Org.). *Livro do Nordeste, comemorativo do 1º. Centenário do Diário de Pernambuco (1825-1925)*. Recife: Diário de Pernambuco, 1925.

65 RUBINO, Silvana. *As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1992; FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal*



ministro Capanema e da elite da repartição, atuando desde 1937 como Assistente Técnico do órgão junto à 6ª. Região. O fato é que, seja na Amazônia, seja no Nordeste, não são de modo algum os monumentos de pedra e cal do período colonial, nem os grandes marcos da história pátria, nem muito menos as obras de arte erudita, cristã ou oficial o que realmente lhe importa recolher. O foco é claramente outro: a arte, a festa e a religiosidade populares, o modo como a gente do povo comunicava-se, pensava, sentia, suas maneiras de contar e sorrir, cantar e dançar, andar e trabalhar, morar e cultivar, e os complexos sociais que as envolvem, as paisagens naturais como produtoras de imagens e sentimentos, as paisagens urbanas, territórios populares e conjuntos edificados anonimamente, o caráter das cidades e mesmo suas mitologias e fantasias, as tradições vivas e em mutação como expressão de hibridismo na cultura. Teríamos que esperar várias décadas para que algumas dessas ideias, apenas enunciadas naquelas duas viagens do Turista Aprendiz, viessem a florescer em conceitos tão centrais na virada do século XX ao XXI, como os de paisagem cultural ou patrimônio imaterial, cujas categorias são igualmente indissociáveis da contaminação entre o natural e o construído, o individual e o coletivo, o visual e o tátil, o tangível e o intangível<sup>66</sup>.

Tudo se passa como se o viajante precisasse aprender a driblar não apenas as boas maneiras turísticas, mas também as compreensões dominantes de civilização, cultura e Brasil. É lógico que em toda parte é decisiva a afinidade dos amigos ciceroes, que o ajudam na seleção das fontes e objetos, na identificação de informantes, na composição de seus circuitos. Mas a atitude vagueante do forasteiro resiste aos marcos convencionais. Ao fundir à disciplina da pesquisa boas doses de improviso, evasão e entrega às emoções e às solicitações locais, Mário logra escapar às representações colonialistas, ilustradas e românticas que se espalham pelo Brasil civilizado, indiferentes aos sofrimentos reais de seus habitantes. Viajar significava

de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/ IPHAN, 1997; CHUVA, Márcia R. R. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

66 ARANTES, Antônio Augusto. Patrimônio imaterial e referências culturais. *Tempo Brasileiro*, nº 147, p. 129-139, 2001; IDEM. "A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil". In: BARRIO, A. E.; MOTTA, A.; GOMES, M. H. (Org.). *Inovação cultural, patrimônio e educação*. Recife: Massangana, 2010, p. 52-63; ALVES, Ana Claudia Lima. *O patrimônio cultural brasileiro: novos instrumentos de preservação*. Brasília: MinC/IPHAN, 2002; CAVALCANTI, Maria Laura V. de C.; FONSECA, Maria Cecília Londres. *Patrimônio imaterial no Brasil*. Brasília: UNESCO/Educarte, 2008.





reconstruir uma outra imagem do país no contato com o outro, isto é, despaisar-se. O transitar por rotas e lugares desconhecidos significava não somente compreender como viviam personagens e populações aparentemente tão distantes de seu ponto de partida: homens do povo, caboclos, indígenas, maleitosos, meeiros, proletários, artistas populares, cantadores, retirantes. Mas também poder sentir-se em casa no outro, ou antes, estranhar o que lhe era ou se lhe propunha como familiar.

É verdade que Mário bem sabia que o cronista-turista do século XX não tinha mais terras a desbravar ou em que fincar posse. Mas sua alternativa por roteiros brasileiros, pela via das culturas indígenas e populares, pelos centros de cultura alegre, exterior, informal, móvel, imperfeita, carnavalizada, que não se deixavam subsumir a normatizações civilizatórias, tensiona as representações nacionalistas de uma sociedade por ele flagrada como profundamente desigual e excludente: "civilização brasileira", pensava ele, que de mais a mais consistia "em empecilhar as tradições vivas que possuímos de mais nossas"<sup>67</sup>. Menos resolvido, portanto, a viajar que a escrever um livro – como ele confessa no prefácio ao que deveria ter sido o seu *Turista Aprendiz* –, Mário escancara em sua errância o abismo que se edificara não só entre o Norte e o Sul do país, mas também entre os intelectuais e a gente do povo, entre as representações bem-pensantes da nação e as enormes diversidade cultural e desigualdade social de que o Brasil era feito.

Ainda está por ser mais bem avaliada a sua experiência de viagem como "descartografia", ou antes, como formulação de uma nova utopia geográfica – a expressão salvo engano é de Gilda de Mello e Souza –, em outras palavras, como reencontro do espaço, da cultura e do projeto nacionais no deslocamento, no desvio, na diluição, em seus vícios e possibilidades latentes. E nessa utopia – geográfica, cultural, política – talvez viéssemos a reencontrar nova potência do patrimônio cultural, não tanto como plataforma de fixação de identidades, nem apenas como polo de resistência à devastação de territórios, paisagens, populações, valores, práticas e imaginários vulneráveis. Mas como instância privilegiada de interpelação do futuro, nas incertezas, riscos e probabilidades que ele coloca às múltiplas formas de existência.

Na lagoa do Amanium  
perto do igarapé de  
Barcarena/ Manaus,  
7 junho, 1927

67 ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. V. nesta edição, p. 308.





## DOSSIÊ

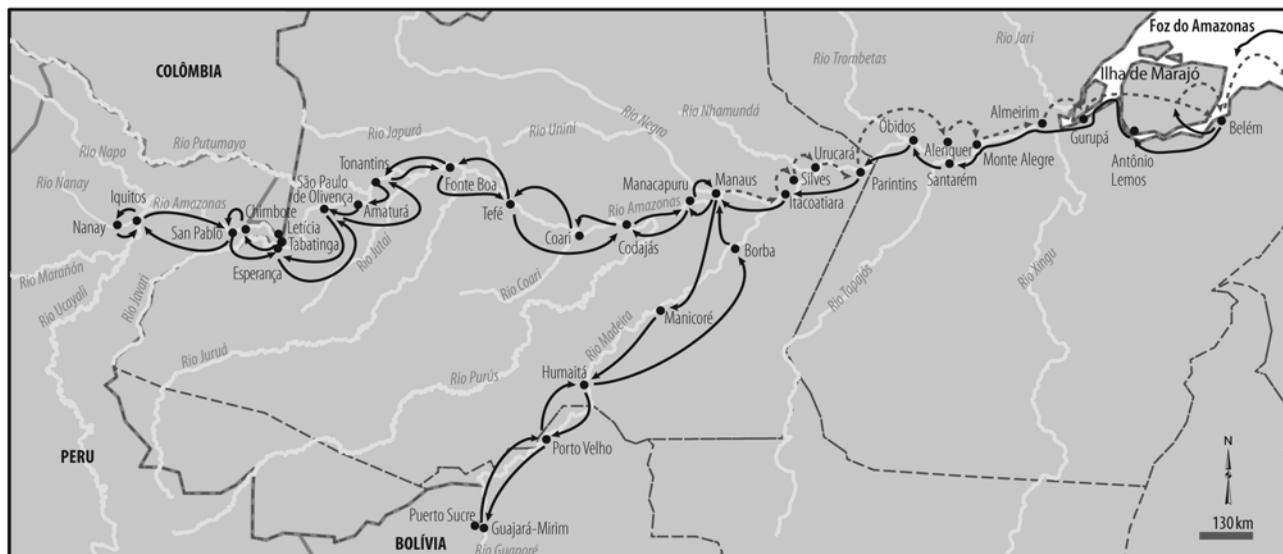
O TURISTA APRENDIZ:

VIAGENS PELO AMAZONAS ATÉ O PERU,  
PELO MADEIRA ATÉ A BOLÍVIA E POR MARAJÓ  
ATÉ DIZER CHEGA – 1927

O TURISTA APRENDIZ:

VIAGEM ETNOGRÁFICA – 1928-1929

# 5



## O Turista Aprendiz

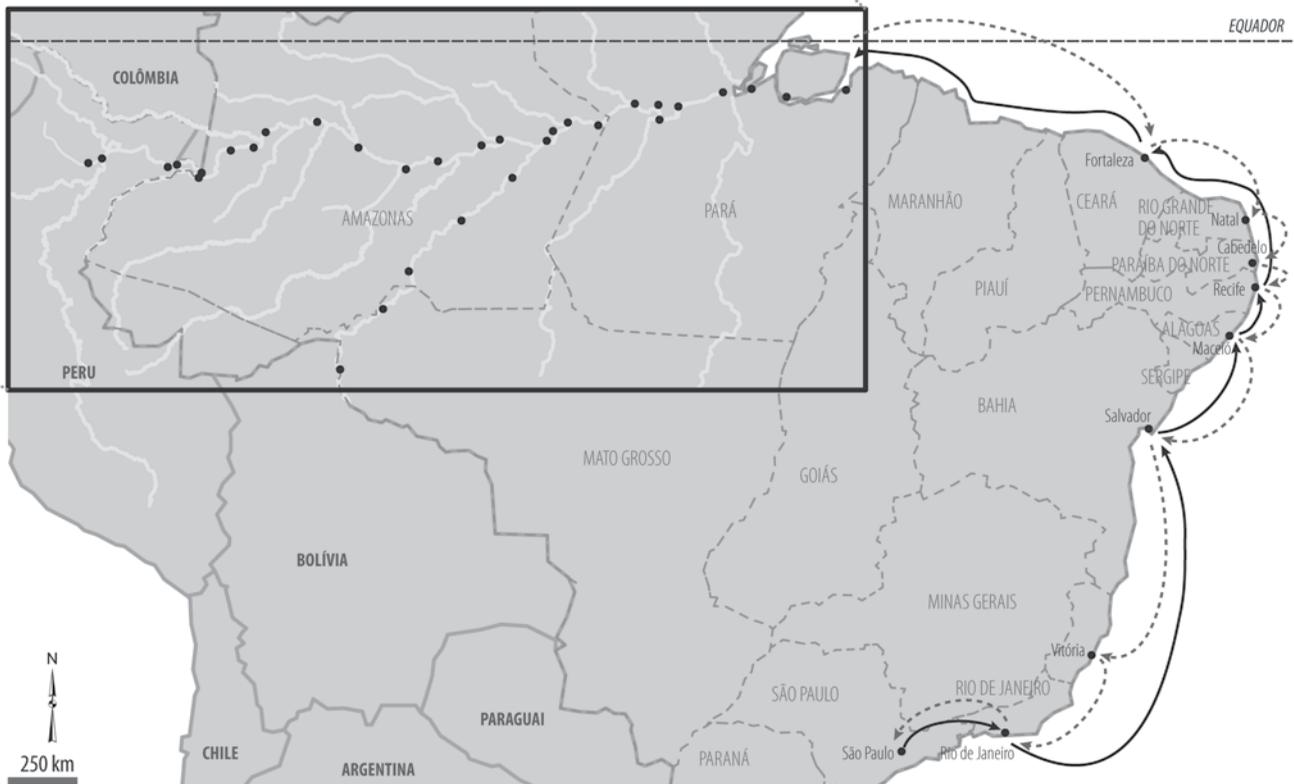
Viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira  
até a Bolívia e por Marajó até dizer chega  
1927

Fundo de mapa: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]  
Limites das Unidades da Federação em 1920 generalizados no aplicativo  
*Mapshaper* <mapshaper.org>  
Elaborado com *ArcGIS* e finalizado em *Adobe Illustrator*  
Concepção: Fernanda Padovesi Fonseca e Eduardo Dutenkefer  
Finalização: Eduardo Dutenkefer [setembro 2015]

- Local
- Caminho da ida
- - - Caminho da volta



- 16 a 17/6 - São Paulo de Olivença  
 18/6, 27/6 - Esperança [atual Benjamin Constant]  
 19/6 - Tabatinga, Letícia  
 20/6, 26/6 - San Pablo  
 22/6, 25/6 - Iquitos  
 23/6 - Nanay [Sta. Maria de Nanay]  
 24/6 - Nanay, Iquitos  
 28/6 - São Paulo de Olivença, Tonantins  
 1/7 - Codajás, Manacapuru  
 5/7 - Manicoré  
 7/7, 16/7 - Humaitá  
 11/7, 15/7 - Porto Velho  
 12/7 - Guajará-Mirim  
 13/7 - Puerto Sucre [Guayaramerín], Guajará-Mirim  
 14/7 - Guajará-Mirim, Porto Velho  
 19/7 - Borba  
 Itacoatiara, Silves, Uruará [22/7]  
 Parintins [23/7]  
 Alenquer, Monte Alegre [24/7]  
 Almeirim, Gurupá [25/7]  
 Ilha de Marajó [29 a 30/7]  
 Natal [7/8]  
 Cabedelo, Recife [8/8]  
 Vitória [12 a 13/8]
- 15/6 - Tonantins  
 14/6, 29/6 - Fonte Boa  
 12/6, 30/6 - Tefé  
 11/6 - Coari  
 10/6 - Codajás  
 9/6 - Manacapuru  
 5 a 8/6, 2/7 - Manaus [20 a 21/7]  
 3/6 - Itacoatiara  
 2/6, 23/6 - Parintins  
 1/6 - Óbidos  
 31/5 - Santarém  
 28/5 - Antônio Lemos (Breves)  
 19 a 27/5 - Belém [27 a 28/7, 31/7 a 1/8]  
 18/5 - Foz do Amazonas  
 17/5 - Fortaleza [5/8]  
 15/5 - Recife  
 14/5 - Maceió [9/8]  
 13/5 - Salvador [10/8]  
 8 a 10/5 - Rio de Janeiro [14/8]  
 7/5 - São Paulo [15/8]







## UMA PALESTRA COM UM ESPÍRITO CULTO<sup>1</sup>

O Dr. Mário de Andrade transmite, à *Folha*, as suas impressões sobre Belém, as suas coisas e o seu Governo.

Tivemos, ontem, o prazer da amável visita do Sr. Dr. Mário de Andrade, intelectual paulista, que Belém tem a honra de hospedar, em companhia da ilustre senhora Olívia Guedes Penteadado.

Quisemos aproveitar os agradáveis momentos de culta palestra do nosso visitante para recolher as suas impressões a respeito desta capital, através das observações do seu espírito arguto, e assim é que nos é dado transmitir aos leitores da *Folha* as expressões e conceitos que nos proporcionou na sua prosa flexuosa e amena o nosso distinto interlocutor, com quem estabelecemos o seguinte diálogo:

– Está satisfeito com a viagem?

– Enormemente. Meu avô Leite Morais, quando governador da província de Goiás, carregando meu pai como secretário, veio de rodada pelo Araguaia até aportar aqui em Belém. Como vê, tenho na tradição os passeios fluviais pelo Brasil.

– E pretende ir longe?

– Assim, assim. É um passeio sem heroísmo o que fazemos. Estão decididas duas viagens: Amazonas acima até Iquitos e Madeira acima até Guajará-Mirim. Provavelmente daremos um pulo à Bolívia e, tempo sobrando, subiremos o rio Negro e, na volta, visitaremos Marajó.

– E não se assustam com o desconforto?

– Não haverá desconforto. Todos aqui têm sido incansáveis em nos facilitar viagens e passeios. Vivemos em plena lua de mel com este povo, estas águas e terras. Evidentemente não é a mesma coisa dar uma volta de auto até o Sousa e sacolejar na poeira da Madeira-Mamoré; porém o conforto é coisa relativa, provém muito mais da elasticidade do corpo. Ora, tanto a senhora Guedes Penteadado e senhorinhas Nogueira e Amaral<sup>2</sup>, como eu, estamos acostumados ao esporte diário. Corpo disposto leva a gente até o fim do mundo, sem pesar.

1 Entrevista na *Folha do Norte*; Belém, maio, 1927 (recorte sem data completa; Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

2 As jovens companheiras na viagem são: Margarida Guedes Nogueira, sobrinha de Olívia Guedes Penteadado, e Dulce do Amaral Pinto, a filha da pintora Tarsila do Amaral.

Sacos de sernambi pra embarcar no barracão Coimbra/ Madeira, 16 julho 1927 / Sol 4, diafragma 1

– E que acha de Belém?

– Nem me fale! É um dos encantos do Brasil. O Brasil possui algumas cidades bonitas: o Rio, Belo Horizonte, Recife, São Paulo; mas, a todas estas falta caráter. Belém é como Ouro Preto, como Joinville, como São Salvador: possui beleza característica. Este céu de mangueiras, filtrando sol sobre a gente, produz uma ambiência absolutamente original e lindíssima. Vejo com terror que em certas ruas estão plantando árvores estrangeiras.

– Há o problema da umidade a resolver...

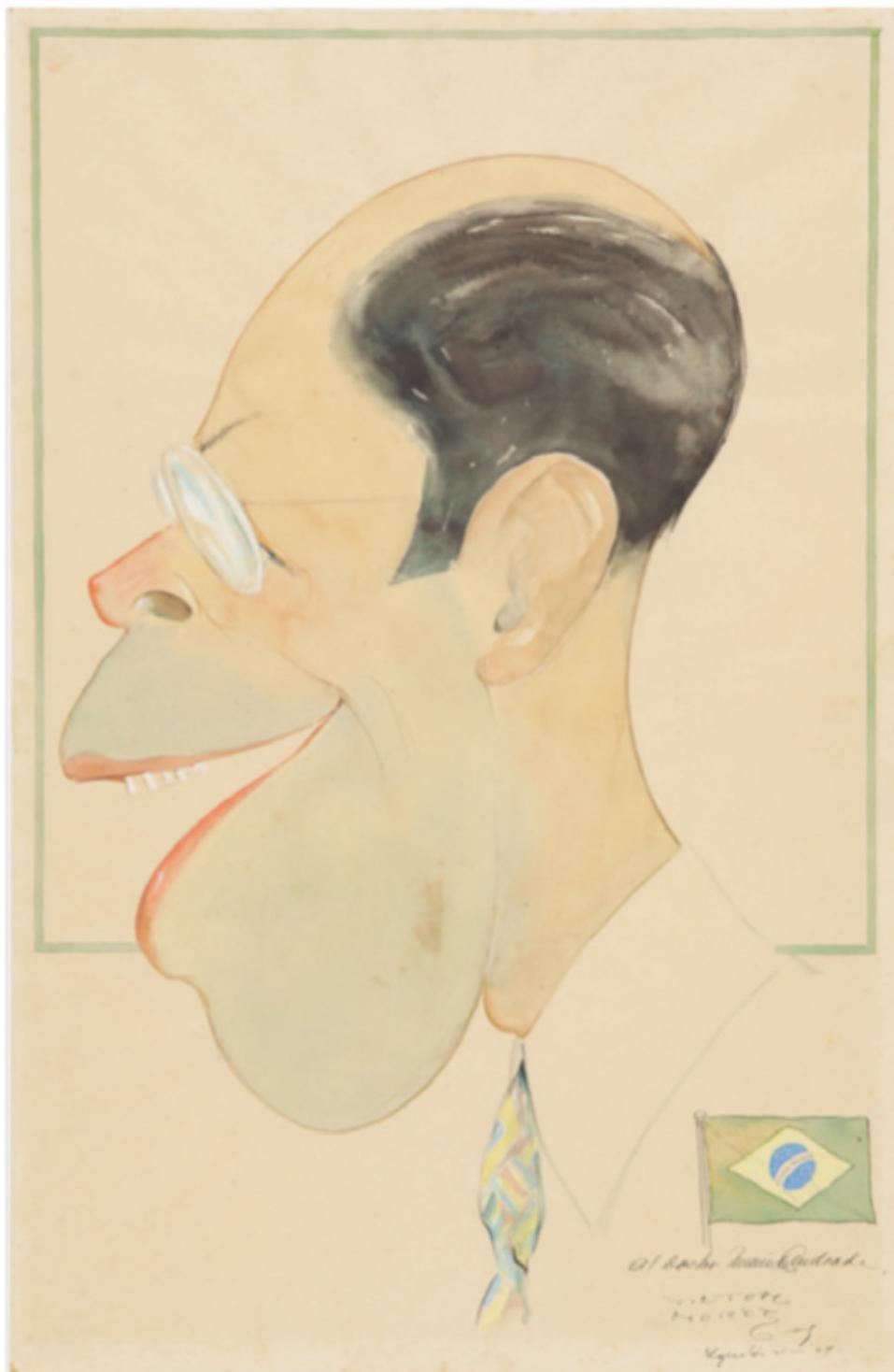
– Será um problema ou uma fatalidade climática? Aliás, a solução do problema não implica importação de árvores da "estranja". Essa arvoreta bem-educada que andam plantando é insuportavelmente monótona e estúpida como um pato. Imagine só uma alameda arborizada com tufos de açazeiros? Seria adorável e vivaz como esses mameluquinhos que andam nus nas praias afastadas. Com as mangueiras, os barcos de velas coloridas, e tantos outros encantos originais, vocês têm um tesouro de beleza nas mãos. Aproveitado sem espírito de imitação, Belém será a mais linda cidade equatorial.

– E a arquitetura?

– O Teatro da Paz é bom. Nazaré é admirável no seu luxo, embora não seja nada brasileira. Em todo caso, antes ela que a catedral gótica pavorosa que estão construindo em São Paulo. E há um lugar sublime, que é preciso preservar de qualquer modificação: o largo da Sé. Só mesmo a praça de São Francisco, em São João del-Rei, é tão bela como o largo da Sé, daqui. Nem na Bahia se encontra um conjunto tão harmonioso, tão equilibrado e sereno. É uma preciosidade. E, agora me desculpe, tenho que abandonar a conversa. Mas, antes, quero me aproveitar da hospitalidade do seu jornal, para agradecer todo o carinho que nos dispensou aqui. Partimos encantados. Quanto à bondade ativa com que o Dr. Dionísio Bentes e Exma. esposa nos acolheram, isso guardamos entre as recordações mais inalteráveis desta viagem. Aliás, parece até pleonasmos exaltar a perfeição de acolhimento de pessoas tão dentro da tradição brasileira como o presidente do Pará e sua senhora.

E depois desses lisonjeiros conceitos, expressos com a fluência de fino *causeur*<sup>3</sup>, apresentou-nos o Dr. Mário de Andrade as suas despedidas cordiais, como as de Mme. Olívia Penteadó, com a promessa das suas observações durante a viagem que, com aquela digna dama e as demais pessoas de sua comitiva, fará Amazônia em fora, partindo pelo *São Salvador*, no dia 27 do corrente.

3 Pessoa que sabe conversar bem.



Caricatura de Mário de Andrade por Victor Morel (Lima, junho de 1927)

Pro' um dia de Iguitos

Bade rez que descermos de bordo no examinam. Mas ha um caso delicioso de contrabando. Era 24 de junho e estava um raticano no porto. Então os marujos se lembraram de fazer um Boi-Bumbá pra brincar na cidade. Armaram logo um boi enorme, que precisava até dois homens por debaixo pra mover. E um maricheiro era Mãe Catarina, outro bazuumbá, formaram o grupo todo que lá foi deixando do navio no cáis flutuante. Os guardas divertidos deixaram o grupo pes-

Trecho do diário [1927]



ser com umas touças e rades.  
Boi caprichoso fe' não quer  
comer capim

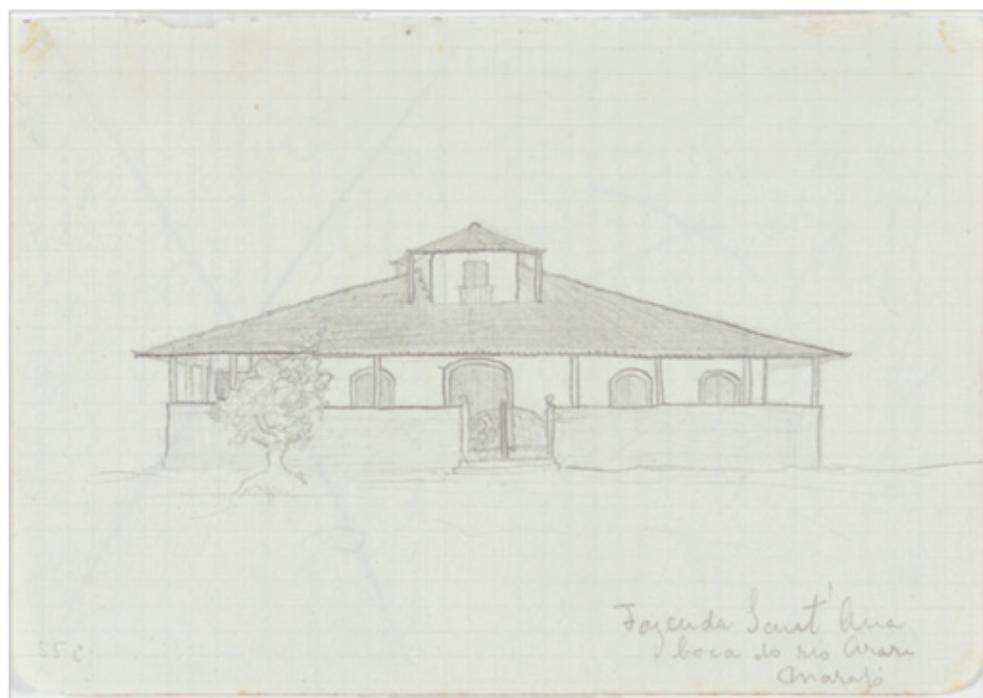
Vaqueiro, faça a vontade que o  
boi quiser....

lá foram. Bem dentro da  
cidade porém, num esu-  
ro de combinação com perue-  
no de algum boteco, viraram  
o boi. Estava cheio de garra-  
fos de pinga e marcos do  
famoso cigarro brasileiro.  
Dançaram num diabinho.

Sant'Ana/ Boca do  
rio Arari  
Marajó, 29 julho, 1927  
Sol 2 das 8h, diafragma 1



Mário de Andrade. Fazenda  
Sant'Ana/ boca do rio Arari/  
Marajó, 1927 (desenho)





~~Acordes acompanhando violão  
 Do maior → sétima de domi-  
 nante sol si ( ) fa → la do sol (seti-  
 ma de dominante de re menor  
 sem acidente) → período de re-  
 menor de fa la → sétima de  
 dominante de do (sol si fa) (sem  
 o hi ou tra vez) → resoluções em  
 do maior: do si sol.  
 É a modulação acompanhante  
 geral.  
 Assim aqui no Pôpa Maiana  
 de 3ª posição do tom o acorde <sup>em la</sup> em  
 menor do 2º grau, as cordas de  
 ditado todo, em que a 3ª posi-  
 ão do tom é a acorde de outdo  
 dominante desse tom.~~

//

Inatamatã em japonês signifi-  
 ca: o que vai ser. Ora o Inata-  
 matã diz-se que é parecido  
 com as escamas da matama-  
 ta intermediariamente com  
 2 espécies ou coisa que o rocha  
 de tartaruga (a mesma) uma  
 de terra e outra de água. Também  
 Inatamatã é a escada em que  
 subiu a que foi ser sua.

Mac. "Funda, fígos e rargois"  
 acidente de terreno, nos tombaues  
 em Fuzile.

Mac. - Frutade de Lururimge Inacis e  
 ofer um grande e fuzil São Sal-  
 vador.

Registro no verso do  
 desenho Fazenda Sant'Ana,  
 1927: notas de trabalho  
 sobre música e para o  
 Macunaíma, em fase  
 de redação

## MÁRIO DE ANDRADE<sup>4</sup>

Uma interessante entrevista obtida para o nosso jornal pelo nosso confrade Manuel Bandeira.

Estando em Manaus o Sr. Mário de Andrade, líder do movimento modernista no Brasil, o *Diário* resolveu ouvir o festejado poeta do *Losango cáqui*, da *Escrava que não é Isaura* e do *Amar, verbo intransitivo*, sobre a sua impressão da *tournée* artística que vem realizando no Norte do país.

A ida a bordo do vapor *São Salvador*, Mário de Andrade, na lufa-lufa das visitas que recebia a todo momento, atendeu-me, respondendo às perguntas que formulava desta maneira:

– Fez boa viagem?

– Mesmo que fizesse viagem ruim, posso lhe garantir que o nosso desejo de conhecer estas partes da nossa terra tornariam qualquer incômodo mais agradável que doce de cupuaçu. Mas fizemos viagem excelente e perfeitamente confortável.

– Havia de estranhar, talvez, o excesso de calor...

– O tão desacreditado calor amazônico... O calorão de Buenos Aires mata gente todos os anos. No Rio o calor como que endurece o ar, tal a intensidade, é pavoroso. Em São Paulo, cidade em geral fria, quando o noroeste bate, o calor é tão impertinente que não há paulista que não fique pelo menos neurastênico.

– E o nosso calor comparado a esses todos parece-lhe confortável, não é?

– A gente suporta com paciência até os cacetes. O calor da Amazônia, afinal das contas, tem pelo menos um mérito: é uma continuidade. Excetuadas as friagens raras, faz sempre calor aqui. Ora, essa perpetuidade monotoniza de tal forma a sensação que a gente acaba se esquecendo dele.

– E que pensa de Manaus?

– É uma deliciosa mulher de duas idades.

– De duas idades?

– Pois é. Manaus já foi uma virgem linda. Hoje é uma mulher fecunda que ainda traz na sua atualidade a presença do passado. Nos tempos áureos da borracha, viveu se enfeitando: vosso teatro, vosso monumento à abertura dos portos amazônicos, vosso

<sup>4</sup> Entrevista no *Diário Oficial*; Manaus, 8 de julho, 1927 (Biblioteca Mário de Andrade, IEB-USP).



palácio Rio Negro inda são as joias desse tempo leviano. Depois... jucurutu agourenta regongou nos vossos telhados. A borracha brasileira decaiu. Mas pelo que vejo e me contaram, administrações mais previdentes surgiram afinal e Manaus já vai passando de virgem de luxo a mulher fecunda.

– Fala dos melhoramentos novos?

– Falo deles sim, falo das rodovias que cortam os arredores da capital e falo também da psicologia nova que nos anima agora. Enfim, falo de tudo o que está dotando esta encantadora mulher de duas idades, não mais de joias, porém daquela fecundidade ardente própria dos verdadeiros períodos de criação.

– E quanto ao nosso estado?

– Penso dele o que penso de Manaus. Quando o brasileiro visita São Salvador, Ouro Preto, Vitória, vive pedaços comoventes da nossa vida morta. Porém é sequestrado no passado e, como pensava Machado de Assis, “a antiguidade é boa, mas é conveniente respirar ares modernos”. Manaus é o reflexo admirável da nossa história econômica. As administrações recentes estão, afinal, conduzindo o vosso estado a uma consciência prática de si mesmo, que já vai dando uma florada de empreendimentos de alcance elevado. Principalmente os vossos campos de agricultura experimental me parecem particularmente úteis. Perlongando este mundo de águas amazônicas, causa pena ver a falta de prática das culturas ribeirinhas. Os campos de experiência, educando os vossos agricultores, desenvolvendo a iniciativa e facilitando os cultivos, tenho a certeza que modificarão a vida econômica não só do vosso estado, mas, do país.

– Mas, nosso progresso comparado ao de São Paulo...

– Eu sou um brasileiro que, graças a Deus, já me libertei dessa bobagem de limites estaduais. Nos dias que correm, vendo o surto de progresso das partes nortistas do Brasil, o meu carinho vive aqui. Entre os índios do extremo Norte corre a lenda do herói Macunaíma, que tinha em criança a propriedade de quando deposto na serrapilheira do mato, se tornar imediatamente adulto. Porém, quando os pés dele deixavam de tocar o adubo natural das folhas podres, Macunaíma se tornava curumim outra vez. Mas, um dia ele deu de crescer e ficou para sempre homem. Esse herói me parece a imagem verdadeira do Norte brasileiro todo. Quando buscastes a serrapilheira dos seringais selvagens, vos tornastes por encanto homem forte. Mas o crescimento era artificial. O dia em que faltou o efeito milagrento, vos tornastes curumim desmerecido. A lei mais sábia requer os progressos naturais. Minha impressão é que agora estais num período natural de crescimento. Sem ajuda de artificios e milagres, pelo vosso esforço, pela inteligência prática estais agora crescendo definitivamente e em via de

vos tornardes o homem para sempre útil e forte. Meu desejo é que não se perca mais tempo, para que se equilibre o mais rapidamente possível o corpo vasto e tão desconjuntado ainda da nossa terra.

Do exposto, os nossos leitores poderão apreciar o tom de originalidade do artista magnífico da *Pauliceia desvairada* que, ao lado de Oswald de Andrade, o criador sugestivo da *Estrela de absinto*, vem realizando a renovação mental da nacionalidade.

### UMA EXCURSÃO AO RIO AMAZONAS<sup>5</sup>

#### O escritor Sr. Mário de Andrade concedeu-nos uma entrevista

O escritor Sr. Mário de Andrade, que é, entre os modernistas brasileiros, a figura mais discutida, chegou recentemente de uma excursão ao rio Amazonas, promovida por iniciativa de um dos mais distintos elementos da sociedade culta e elegante de São Paulo, a Exma.Sra. D. Olívia Guedes Penteadó.

Curiosos por conhecer as suas impressões sobre o Norte do Brasil, fomos entrevistá-lo.

#### O rio

O Sr. Mário de Andrade, que tem o sorriso mais alegre e acolhedor deste mundo, recebeu-nos entre os livros severos e os santos amáveis da sua biblioteca.

– Desejávamos saber, senhor Andrade, o que é o Amazonas...

– Ora, meu caro amigo, o Amazonas é um rio e nada mais...

– Sim, mas a água, a extensão, a grandiosidade?...

– Bem. Isto é outra coisa. O Amazonas é coalhado de ilhas que o estreitam, permitindo à gente observar as margens. São ilhas, por assim dizer, antipatrióticas, invejosas, que impedem que o rio mostre toda a sua verdadeira grandeza. Criam, para o Amazonas, uma espécie de estado de sítio geográfico... Quanto à foz, move muito mais "assuntada" no mapa que na realidade.

– Pois, então, até o senhor!

– Espere a minha conclusão. A foz é grandiosa, grandiosíssima, mas isto a gente não vê propriamente: os nossos sentidos pobres demais e as nossas sensações analíticas

<sup>5</sup> Entrevista no *Diário Nacional*; São Paulo, 20 de agosto, 1927 (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).



não permitem a percepção dessa realidade sintética e total. Não se abarca o fim. Só a baía de Marajó, em certos pontos, chega a fazer horizonte, ou, quando não, mostra apenas ao longe a faixa estreita do mato.

De quando em quando, trechos de sublime beleza: a baía de Guajará, onde está Belém, a do rio Negro, os estreitos de Breves, certos "furos" e paranás, as praias de arribação, mudando sempre de lugar, as barrancas das terras caídas...

#### A fauna

– E os bichos, Sr. Andrade?

– O Amazonas, o Solimões são rios muito cantadores: uma papagaiada inunda de batuques as tardes e as manhãs. Macacos, então, nem se fala. Veja que lindos nomes: macaco-prego, macaco-de-cheiro, barrigudo...

– Trouxe algum?

– O Sr. não vai imaginar que ia cometer essa imprudência. Isso só os estrangeiros fazem, porque não podem medir o alcance do seu ato. Um macaco é capaz de tudo, até de desistir de fugir... À noite, no Amazonas, ouvem-se urros, silvos, guinchos, tumultos de vozes. Tinha a impressão, às vezes, de que não havia saído de São Paulo. O guariba quando chora, assusta. Das gaivotas, nem é bom falar: milhares, milhares, palpitando, virando cambalhotas no ar, gritando, tornando agressiva a escuridão. Marajó é sublime, ruborizada pelos seus guarás e colhereiras...

#### Jacarés metropolitanos

– Mas cobras, jacarés, bichos perigosos o senhor não viu, não?

– Naturalmente, o seu jornal há de permitir que quando se compra uma passagem numa companhia de navegação, esta, além de não se responsabilizar pelos enjoos de mar, não fica obrigada a fornecer um programa completo de "vistas". Entretanto, os jacarés não me escaparam. São bichos ótimos, muito esportivos, satisfeitos de viverem num rio que é a capital de todos os rios do mundo.

#### A flora

Neste ponto, o Sr. Mário de Andrade levantou-se para acomodar um santo que, com o vento, caíra sobre a cômoda.

– Pode-nos dizer alguma coisa da floresta, da mata virgem?

– Queira desculpar, mas o senhor é incorrigível. Pois então, acha possível que eu... mas meu amigo, compreenda que eu realizei uma excursão ao rio do Amazonas, não ao

estado do mesmo nome. Entretanto, algumas vezes, no Madeira e na margem esquerda do Negro, a setenta quilômetros da Manaus, estive em pleno seringal ou, digamos, madeiral. Não tenho a impressão de que o mato amazônico seja muito mais formidável do que o nosso. Afinal, os jequitibás, as perobas equivalem, em grandeza, aos paus de lá. Isto não quer dizer que a floresta, lá, seja igual à nossa. Pelo contrário. A profusão de palmeiras e as sumaúmas tão originais por causa das sapopembas dão o tom único, produzindo uma sensação deliciosa.

#### O calor

– Sofreu muito calor?

– O calor é um calor sem parada, malfeitor. Acho, porém, que é menos irritante que o daqui, porque em São Paulo o tempo é muito variável. No Norte, a gente acaba se esquecendo do calor, tão cotidiano como o dia. Vantagem da imutabilidade...

#### O homem

– Mas, sob essa atmosfera, como é possível trabalhar? Lá os homens devem ser preguiçosos como o diabo!

– É um engano lamentável: o tapuio trabalha muito, trabalha bem e é alegríssimo. Para ganhar uma ninharia, quase degradante, a tapuiada passa uma noite inteira carregando lenha para dentro dos navios. Tudo isso no meio de ditos e gargalhadas... De onze às quatorze horas não se trabalha, em geral. Agora que está na moda imaginar besteiras, depois que Monteiro Lobato escreveu o *Choque das raças*, andei imaginando uma vida amazônica principiada às 18 e acabada às seis, de sol claro.

Psicologicamente, o homem amazônico, troncudo, com rastro fresco de índio na face e na cor, me pareceu bom brasileiro, palavra comodista com que a gente cataloga uma entidade étnica ainda não definida. Mas como a gente se acha como dentro de casa, quando está no meio deles, creio que a palavra "brasileiro" explica bem o que quero dizer. Ademais, a influência do poder central sendo profunda nas aglomerações urbanas do Norte, isso traz uma unidade espiritual, que Ford agora vai dissolver, provavelmente, só para os americanos anexarem a Amazônia à grandeza imperial dos Estados Unidos...

Em resumo, gente boa, simples, acolhedora muito mais que nós. Eu e minhas companheiras, a Exma. Sra. D. Olívia Guedes Penteadó e as senhoritas donas Margarida Guedes Nogueira e Dulce Amaral, andamos perturbando muito casamento, muita ciranda,



muito "boi-bumbá". Foi sempre no copo mais lavado que nos serviram o "aluá"<sup>6</sup> e o "quinado"<sup>7</sup>. É uma gente boa, gente que gosta de querer bem e que, de modo algum, tem menos capacidade de trabalho do que nós.

São os desfavores de uma natureza excessivamente fácil que desprestigiaram o homem e ainda não permitiram um ritmo normal de progresso por lá.

O homem amazônico ainda vive alumbrado pela miragem recente da borracha. Há um poder de pequenas indústrias (tecido, conservas, laticínios) que, desenvolvidas, darão aos nortistas essa parte exterior da felicidade que, nós paulistas, em parte, já conseguimos.

– Quer isso dizer, senhor Andrade, que valeu realmente a pena essa viagem?

– Sim. A viagem foi a mais confortável possível. Os governos, as companhias de navegação e as estradas de ferro se desvelaram em nos facilitar tudo. A Amazon River possui os tais "vaticanos", gaiolas, grandes, confortabilíssimos, providas de comedores ao ar livre, onde se janta no meio das mais maravilhosas tardes que é possível imaginar.

– Escreveu durante a excursão?

– Lá não trabalhei. Limitei-me a riscar algumas notas que, mais tarde, tomarão corpo num livro de viagens: *O Turista Aprendiz*<sup>8</sup> e que, talvez, sirvam para uma série de artigos sobre a Amazônia, seus produtos, folclore, possibilidades e belezas. A Amazônia é um encanto, rematou com o seu sorriso admirável o senhor Mário de Andrade.

### MANTO DE ARLEQUIM<sup>9</sup>

Tive, esta manhã, a oportunidade de abraçar o Dr. Mário de Andrade.

Regressou de sua viagem demorada trazendo o espírito cheio do sol do Norte do Brasil. Mário de Andrade é senhor de notável cultura artística. E sabe ver. E saber ver é coisa difícil. Ele porém apanha com sutileza, com agudeza, aspectos da paisagem, a psicologia

6 Aluá: bebida refrigerante feita de farinha de arroz ou de milho ou de cascas de frutas, com açúcar ou caldo de cana e limão.

7 Vinho em cuja composição entra quinino.

8 Primeira menção ao título do livro planejado.

9 Entrevista na "Crônica Social" do *Diário da Noite*; São Paulo, 20 de agosto, 1927 (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

das gentes, a alma das coisas. E por isso mesmo, é palestrador interessantíssimo. A gente ouve sem vontade de falar. Hoje só o interrompi para fazê-lo falar mais. Fez-me, com grande delicadeza de traços, os perfis da senhora Olívia Guedes Penteadado, a encantadora senhora paulista, e de suas outras companheiras de excursão, as senhorinhas Guedes Nogueira e Amaral<sup>10</sup>.

Mário estava com pressa.

Mesmo assim, fui perguntando:

– Então? E a Amazônia?...

– Nem “inferno verde” nem “paraíso verde”. Terra bem terrestre, encanto da nossa terra. Quanto à cor acho impossível chamar de verde o que é azul cru, ouro nítido, até branco às vezes como um meio-dia do lago Arari em Marajó. As águas em geral são pardas, certos igarapés são cinzentos como as penas do mauari, o rio Negro é preto de verdade, as tardes vão do creme ao roxo mais artificial... Tem de todas as cores na Amazônia, é mais arlequinal<sup>11</sup> que a sua coluna no *Diário da Noite*.

– Vejo que se entusiasmou.

– De certo! É um mundo de encantos indescritíveis esse Norte. E que povo bom, que sociedade cordial! Nem imagina o encanto com que se viaja por lá.

– E que me diz das suas companheiras de viagem?

– Indiscreto. Só posso dizer que fascinantes. Inteligentíssimas, bem modernas, francas, alegres, afeitas ao esporte, não se incomodando de percorrer a pé durante horas um seringal... Movendo-se com facilidade em qualquer meio... Que fossem perfeitas de elegância e espírito num jantar ou num baile nada mais natural, porém com a mesma graça aceitavam a parolagem dum sírio regatão, dum índio peruano, e com a mesma amabilidade curiosa as informações do povo... Fascinantes! Não posso dizer mais, sinto que é indiscreto a gente andar falando de senhoras para um jornal.

– Eram quatro ao todo, não?

– Éramos quatro: as senhorinhas Guedes Nogueira e Amaral e dona Olívia Guedes Penteadado.

– Uma grande figura.

<sup>10</sup> Margarida Guedes Nogueira, sobrinha de Olívia Guedes Penteadado, e Dulce do Amaral Pinto, a filha da pintora Tarsila do Amaral

<sup>11</sup> Pode-se imaginar que o adjetivo “arlequinal”, que marca a poesia de MA em *Pauliceia desvairada*, tenha sugerido, ao entrevistador, o título “Manto de arlequim”.



– Inconfundível. Com que discrição sabia impor em qualquer meio o prestígio da sua inteligência e da sua graça!... Bom! Vamos calar o bico porque já fui indiscreto por demais.

– E quanto à civilização?

– Belém, Manaus são centros perfeitamente civilizados, afeitos aos hábitos mais modernos. Iquitos também, cosmopolita, onde o inglês é língua tão corrente como o peruano.

– Como o castelhano, aliás.

– Se quiser. Há muita gente que ainda diz que falamos o português... Aliás é certo que o elemento lusitano ainda influencia muito o Brasil do Norte. Encontrei por lá termos inteiramente desconhecidos do meu dicionário cotidiano, "mercearia, acolá" etc.

– E os governos?

– Não quero entender de política. Fomos aliás recebidos sempre oficialmente com a máxima cordialidade, por toda a parte souberam cercar a Sra. Guedes Penteadado daquele grande apreço que ela nos merece.

– E o povo?

– Povo brasileiro, porém mais cordial que o paulista.

– E os índios?

– Índios de verdade, muito poucos. Só no Peru, em Nanay visitamos uns aldeamentos de uitotas. No Brasil já as malocas se afastaram do beira-rio civilizado. Só de quando em quando entre as mungubas do alagadiço, ou na foz dos igarapés, surgia um casco, uma montaria remada por índios mansos vindo espiar o navio. Gente forte, bem sadia no Solimões, porém feia como o diabo. Isto é: na boca do Jutai vimos uma índia de sublime beleza.

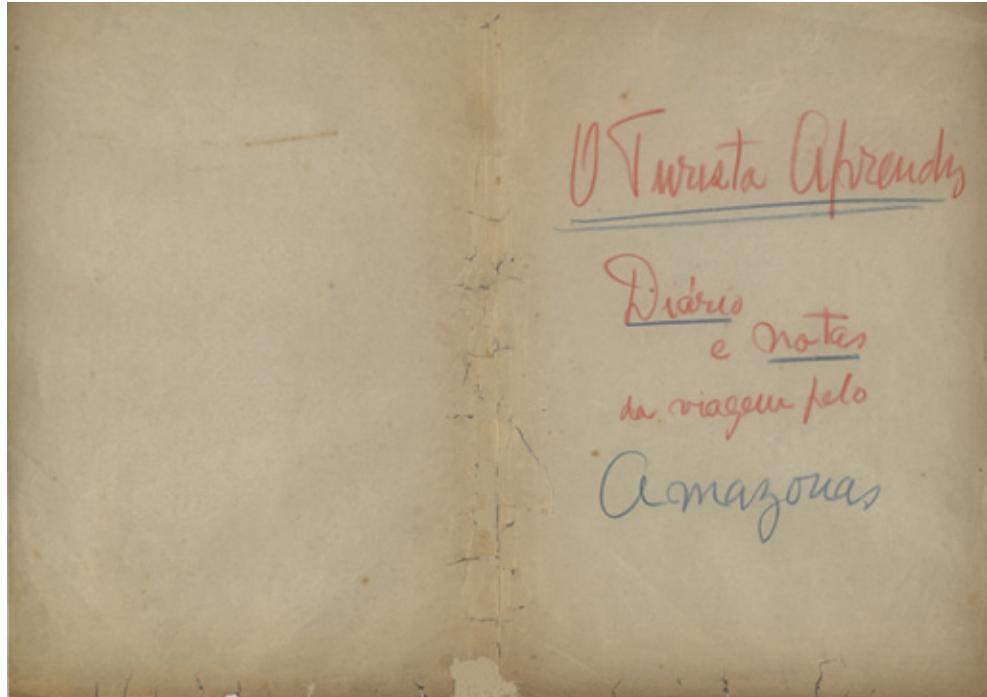
– Beleza... indígena?

– É claro, não há só o tipo grego de beleza, graças a Deus. Era sublime... Tipo malaio perfeito, que olhos derramados... Viera com o companheiro, um feliz de índio medonho, ver o navio parado... Ficaram a uns 30 metros de nós... Dormi no binóculo, palavra...

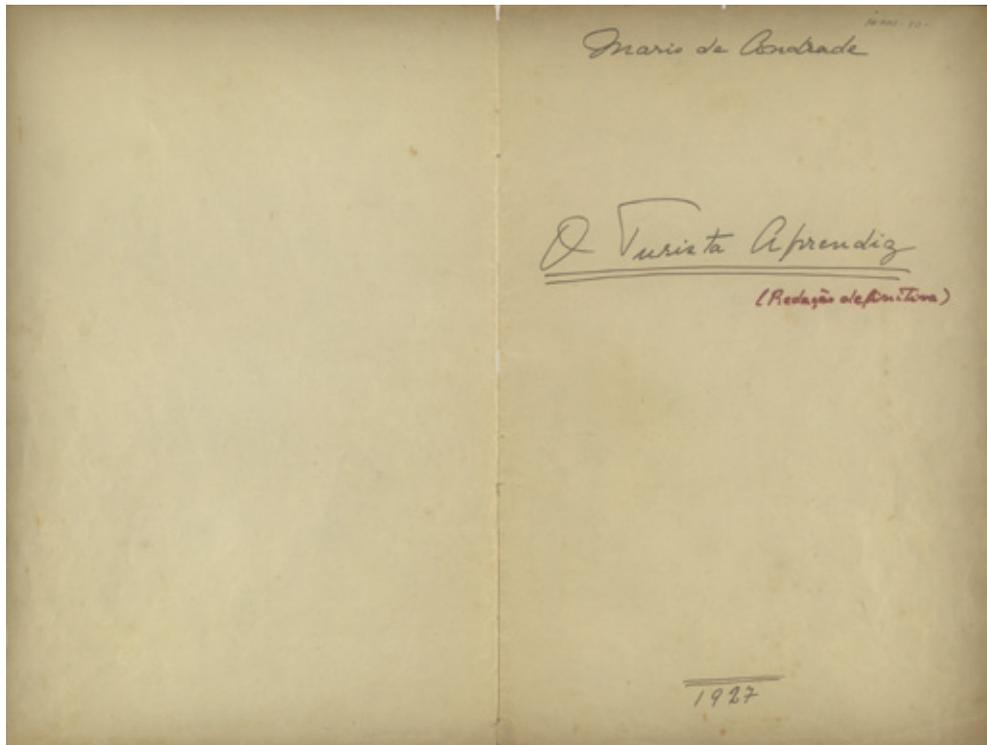
– Houve acidentes?

– Lá nenhum. Houve aqui, na grande civilização da Central do Brasil. Um trem descarrilou, atrapalhando toda a ventura da nossa chegada em São Paulo. E vai suceder outro acidente mais grave para mim se em vez de ir para o trabalho ficar aqui batendo língua com você. Até logo.

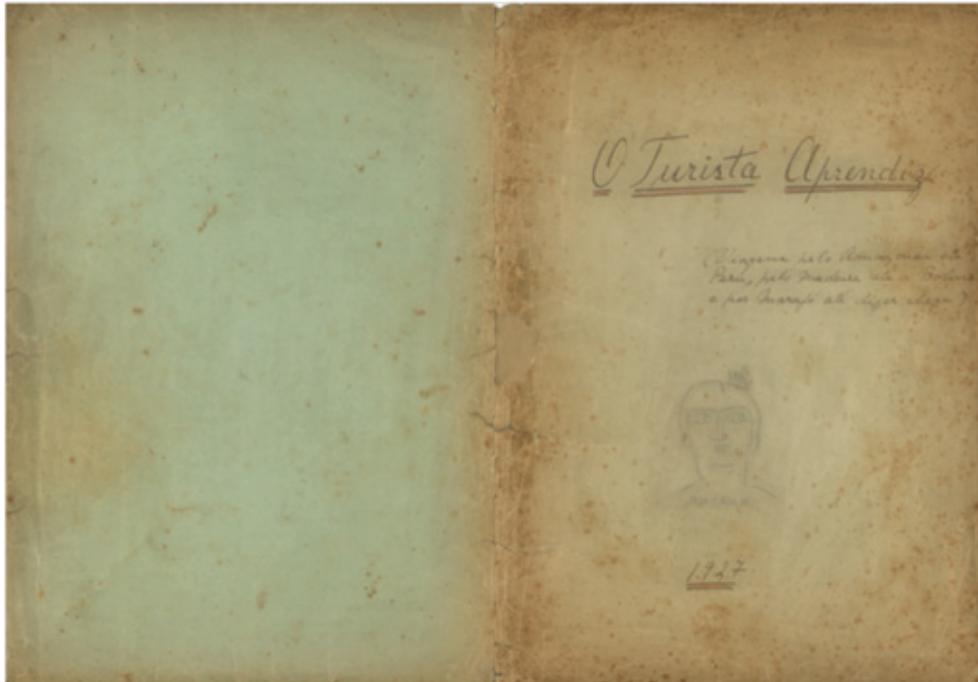
– Até logo, Mário. E obrigado pelas lindas coisas que me acaba de dizer...



Primeira capa para o manuscrito. São Paulo, 1927



Segunda capa para o manuscrito. São Paulo, 1927



Terceira capa do  
manuscrito. São  
Paulo, 1927

## A CIRANDA<sup>12</sup>

Dentre as nossas festas populares, reisados, bois-bumbás, congos, maracatus, uma das menos conhecidas é a ciranda. No Norte do Brasil ainda ela se realiza em alguns lugares e tive ocasião de assistir a uma em Caiçara – pouco além da cidadinha de Tefé, no Solimões.

Era de noite e o gaiola parara para carregar lenha e como o serviço ia durar muitas horas, os rapazes de bordo decidiram dar um passeio de montaria<sup>13</sup>. Fomos. Já tínhamos remado uns vinte minutos quando se desenharam na margem esquerda do igarapé uns vultos de casas. Abicamos para descansar e por um caminho trilhado fomos dar num lugarejo com umas trinta casas. Havia iluminação por toda a parte e gente na rua. Então nos contaram que o lugar se chamava Caiçara e a animação era por causa da ciranda que

12 "A ciranda", com a assinatura "M. DE A.", saiu na seção "Arte" do *Diário Nacional* em São Paulo, 8 de dezembro, 1927; o recorte, na condição de exemplar de trabalho, faz parte do dossiê dos manuscritos d'*O Turista Aprendiz*.

13 "Montaria": canoa feita de tronco escavado a fogo.

se ia realizar. Andamos um pouco mais e topamos com o bando de festeiros. Dois a dois, rapaz e moça, eles marcham num bamboleio saltitado que nem o passo de marcha dos cordões cariocas, cantando em coro uníssono a ciranda-cirandinha.

Não se amolaram conosco apesar do farrancho extravagante que formávamos entre aquela gente pobríssima, nós vestidos de exploradores, *pullovers*, luvas, chapéus coloniais.

Seguiram até mais animados, berrando, religiosamente compenetrados, dirigidos por um tapuio bancando padre. A vestimenta é berrante e gostosa de se ver. Chapéus inspirados nos cocares indígenas, cheios de penas de arara, flores de papel e naturais; blusas e calções de cores claras, rosa, encarnado, amarelo, verde, as mesmas cores cruas com que Tarsila abraçou tão sabiamente os quadros dela.

Quando o cordão chegou na casa, dum sírio negociante de caucho, a ciranda principiou. O reisado não tem muita originalidade dramática não, inspira-se na dança de roda infantil e no bumba meu boi. Os figurantes, em roda, cantam e saracoteiam, esboçando um enredo vago sem continuidade. Uma orquestrinha de violões e cavaquinhos acompanha as cantorias, ritmadas com força pela assistência batendo palmas. Um ou dois cantores solistas, fazendo mais ou menos o papel do Histórico dos oratórios clássicos, puxam os cantos, enquanto outros figurantes solistas representam dentro da roda o que o Histórico vai contando.

O enredo é uma barafunda, não possui o nexos e a legitimidade dramática do boi-bumbá. O padre, que é a figura principal, faz de elemento cômico da dança. Indaga dos amores das coristas; casa namorados; distribui comunhão numa paródia regional curiosíssima em que se queixa da fome dos comungantes imaginando que a hóstia é pedaço de pirarucu. Para acabar vem a morte e salvamento dum animal ver no bumba meu boi. Só que o boi, de pouca frequência no meio daquela gente ictiófaga, é substituído pelo carão. Essa a parte mais viva da festa.

Um caçador persegue o pássaro representado por um rapaz bem enfeitado no meio da roda. O caçador está de fora e forceja para dar um tiro no carão enquanto o coro com idas e vindas em bate-pé procura impedir o tiro. Afinal o carão morre, mas é ressuscitado pelo padre que bota a estola na cabeça do cadáver. E todos fazem a festa juntos e a ciranda acaba. Afinal essa trapalhada dramática não passa duma brincadeira de crianças a que gente adulta mais primitiva deu uma função interessada mais característica e perceptível, macaqueando o amor, a religião, a caça e os animais tabus. Nem a dança vale de nada, monótona, sem originalidade, primitiva, muito parecida com as danças indígenas que Martius e Léry descreveram. O que vale mesmo é a música.



Pude pegar dois temas interessantes. O lamento coral sobre a morte do carão é bellissimo e por uma coincidência espantosa lembra fortemente os cantos populares escandinavos. É quase que unicamente composto de deformações rítmicas de elementos melódicos do norte europeu.

Possuo duas cantigas suecas, *Om Dagenvid mitt arbete* e *Sven i Rosengard*, que juntas apresentam todos os elementos melódicos do canto que escutei entre gente absolutamente desviada e isolada no deserto Solimões.

Se a semelhança da nossa melódica com a russa já é coisa assentada e não espanta mais, confesso que essa coincidência entre música tapuia e sueca me deixou atarantado. Porque os elementos melódicos originais são verdadeiras sínteses étnicas e parece inconcebível que a tapuiada caiçarense tenha concebido certos movimentos sonoros que são normas nacionais de nórdicos europeus.

Nota: A ciranda-cirandinha é cantada como entremeio no bumba meu boi, do Rio Grande do Norte, segundo indicação que acabo de receber.

### O TURISTA APRENDIZ<sup>14</sup>

**Belém, 21 de maio.** Os periquitos e um bem-te-vi polícia inauguram o 21 de maio com esplendor. A festa continua como em São Paulo mesmo, sabão, água feiosa, escovas etc. Depois nasce um mamão inteiro, sanduíches de Palmira<sup>15</sup> e bacuri em compota. A água gelada avisa que o calorão já chegou, chê companheiro!... E já vem suando o tal... Pois vamos veranear no Museu Goeldi!

Mesmo lá, na sombra de todas as árvores etiquetadas da Amazônia, o calor inda aumentou. Porém me avisam que embora faça mesmo calor em Belém o dia de hoje está excepcional... No entanto é pleno inverno! Neva tanta garça branca junto do laguinho artificial que a água gelada endurece o jacaré de sete metros. Não se mexe. A friagem matou todos os passarinhos e borboletas e foram todos guardados lá dentro da casa limpa, na cerâmica de Marajó. Os outros mostradores vendem peles caras de macacos-

<sup>14</sup> Estes fragmentos do diário da viagem à Amazônia, "Belém, 21 de maio" e "Belém, 22 de maio" foram publicados sob o título "O Turista Aprendiz" no *Diário Nacional*, São Paulo, em 22 de janeiro de 1928, com a assinatura "MÁRIO DE ANDRADE".

<sup>15</sup> Queijo Palmira.

de-cheiro, de jaguarunas, de acanguçus e jaquetas emplumadas de ararunas e anacás sarapintadas. Que calor!...

Mas depois da janta, rapazes, ir tomar a fresca assentado na terrasse do Grande Hotel mordendo os sorvetes de cupuaçu ou bacuri, rapazes, me digam se tem coisa melhor neste mundo! Não tem não! Belém é sublime! Belém é mil vezes mais gostosa que a Corte! Belém é a coisa mais gostosa deste mundo! Aqui a gente leva uma vida de linho entre refrescos róseos de leite de coco misturado com não-sei-quê, refrescos roxos de açaí, refrescos verdes de abacate, amarelos de ananás e alaranjados de abricó... Na mesinha em frente a barbadiana é um repuxo de cunhã chocolate com olhos dando as costas pra gente de tão brancos e boca manchadinha de urucum. Se pinta no escuro e quando ri abre o sorvete de coco dos dentes em risos isócronos fechando e se abrindo que nem boca de gafanhoto. Pretendeu me beijar, bem percebi, porém a borracha da mãe aparou o choque amontoando entre nós colheradas de sorvete de araçá. Belém... Belém, rapazes, vale mais que Melbourne ou Nova York!

**Belém, 22 de maio.** Nem bem a manhã tomou corpo e a gente balanceava na lancha rumo da praia do Chapéu Virado. É domingo e o furo do Maguari está deserto. Só de longe em longe passa uma igarité minúscula e o barqueiro de jacumã olha pra nós. As águas estão chatas numa vez e a lancha segue horizontal deixando a igarité saracurear no banzeiro. Só quando o furo desemboca outra vez na baía é que a lancha sacode os quadris namorando o largo. Porém o trapiche é ali mesmo e se desembarca entre gente festeira esperando condução pra ir gozar em Belém.

No automovinho onibusado atravessamos depressa o larguinho onde a igreja reza só e partimos pra essas praias. Lá no fim do mundo tem um trilho no arvoredado verde iniciado por uma casa, única do caminho. E o trilho tem uma placa indicando RUA DO COMMERCIO... É lá que a gente compra sombra um pouquinho e se protege do Sol. Compra e não paga. Fica devendo como em geral sucede com todos os negócios do Brasil.

O paraense tem a mania da nomenclatura. Tudo tem nome aqui. E em parte nenhuma a gente não lerá nomes tão lindos. Desembarcamos no Mosqueiro. E por estas praias chamadas do Chapéu Virado, da Ariramba e Morubira não tem casita de palma que não traga nome assim: O Cenáculo, Retiro Delícias, Porto Arthur, Vila Estoril, Doce Estância, Café do Lasca, Pouso Ameno, Meu Repouso, Canto da Viração.



E na cidade é assim também, e até contam cada coisa... ùa mulher que vendia todo o pomar paraense chamou a vendinha dela de O Açai da Bananeira. Um sujeito possuía um armazém O Protetor das Famílias e vai o sobrinho dele montou outro mais adiante com o título de O Sobrinho do Protetor das Famílias. Mais engraçado é o caso do cearense que inventara a mercearia O Sol Quando Nasce É pra Todos. Um portuga rival dele quase morreu de raiva por causa da boniteza do título, matutou matutou e chamou a dele que ficava pra diante Mercearia E a Lua também. No Marco da Léngua fica a Choupana de São José. Nas "estradas" do centro comercial a gente sai da Casa Modéstia e entra na Melindrosa ou na Casa Feio e Forte e se está fatigado toma açai na Mercearia Homem do Mar ou na Saudade de Vocês...

Passeio gostoso! Batia um calor nublado na praia e a água salobra, no banho com roupa do seu Paiva, se encostava na gente que nem mão querendo bem. Foi na volta que provei o sorvete de murici. Esta frutinha possui um gosto especial meio queijo que tem a particularidade de ser engraçado. Você come e cai na gargalhada.



Passeio ao Chapéu  
Virado/ Belém, maio,  
1927

MALEITA I<sup>16</sup>

Uma tarde, quando eu já descia o Madeira em busca de Belém e da volta pra estes meus pagos detestáveis, o vaticano parou na boca dum igarapé. Isso por lá sucede sempre. Como os navios não podem determinar hora e até nem dia certo de chegar e as povoações estão no geral muito afastadas umas das outras, mesmo os maiores navios da navegação fluvial, que são os vaticanos, fazem papel de bonde, dum bonde caroável, que para pra tomar passageiro em qualquer lugar da marcha, que para de seringal em seringal pra entregar carta ou receber borracha. No rio Madeira, que é habitadíssimo, é "rio alegre" como me falaram comoventemente lá, as paradas nos seringais são frequentíssimas, muitas por dia, e a viagem, lenta por natureza, se torna trôpega, dando uma percepção excelente da paciência.

Os rios grandes, o Amazonas, o Madeira, são principalmente monótonos e compreensíveis. Resumindo: é um mato vasto e conhecido paredando o beira-rio. Há porém os igarapés. Cada boca de igarapé é um não sei que mundo enorme de sugestões de boniteza, de prazer de aventura, de desejos viciosos de mistério, crime, indiada, nirvanização. São lindas. Uma calma humana sem aquela ostensividade crua e muito sobrenatural dos rios grandes; e por isso mesmo que humana e diminuta, muito mais misteriosa e sugestiva. Dá uma vontade louca da gente se meter igarapé acima, ir ter com não sei que flechas, que pajés, que êxtases parados de existir sem nada mais. E a maleita... O Amazonas é rio são, pouca maleita e só no tempo de vazante. O Madeira já não é mais "rio doente", a maleita vai diminuindo gradativamente. É rio que já não se compara com o Javari, por exemplo, que este é rio doente de verdade, não escapa ninguém. Os misteriosos igarapés, graças de curvas, partindo pras não-civilizações paradíssimas, dão principalmente esse desejo de maleita que se tornou desde essas sugestões amazônicas uma verdadeira obsessão na minha vida.

Eu sei que, sob o nosso ponto de vista litorâneo-europeu, é horrroso isso que estou falando. Sei também que qualquer sujeito que já tremeu um dia na cama, obrigando a casa a tremer, vai me chamar de "futurista" ou de maluco. Sei mais que existe o fácil argumento em contrário de que se quero ter maleita é só ir na beira do Mogi e... tomar maleita. Tudo isso é pueril. Não quero tomar maleita aqui em São Paulo, sofrer horrrosamente

16 Texto publicado com a assinatura: "MÁRIO DE ANDRADE", no *Diário Nacional*, em São Paulo, 8 de novembro, 1931.



a doença nesta cidade, onde os trabalhos, a luta pela vida, a Civilização, me tornavam desesperadamente odiosa, moral e fisicamente odiosos a doença, o depauperamento, a impossibilidade de trabalhar. Sei que, com a nossa idiotíssima civilização importada, um indivíduo não se envergonha de arrebetar o fígado à custa de *whisky* e de *cocktails*, não se envergonha de perder uma perna num desastre de automóvel ou quebrar o nariz numa virada de patinação, mas abomina os prazeres sensualíssimos, tão convidadores ao misticismo, do delicioso bicho-de-pé. Que por nós é considerado uma falta de educação. Não se amola de dormir num quarto de hotel, num trem noturno, onde a tuberculose dorme; sorrindo passa a língua num selo de carta, até sendo essa coisa esteticamente nojenta que é o selo amarelo e vermelho da Segunda República!... Pois passa a língua num selo desses e considerará uma depravação a gente desejar a maleita! O tapuído do Solimões, o maleiteiro do Javari, não morre mais abundantemente que o paulistano ou o carioca, morre de outras doenças, e é só. A gritos de higiene (não discuto e reconheço o valor da higiene), a berros de cirurgia e a enriquecimento de jornais com anúncios de remédios que a gente ingere pela boca mortífera, nós nos iludimos dentro da nossa pseudossabedoria, imaginando que os nossos recursos são maiores e que o conforto numa poltrona é maior que o do chão duro. Quando tudo não passa numa simples questão de mentalidade e costume.

Resta o argumento incontestável de que o acesso de tremedeira na maleita é um sofrimento danado. Não discuto. Deve de ser pois que todos os maleitosos afirmam isso. Assim, a obsessão da minha vida, não é o acesso de febre. Nem no acesso de febre se resume a filosofia da maleita, com perdão da palavra. Está claro que o meu desejo é mais elevado. Quero, desejo ardentemente é ser maleitoso não aqui, com trabalhos a fazer, com a última revista, o próximo jogo de futebol, o próximo livro a terminar. Desejo a doença com todo o seu ambiente e expressão, num igarapé do Madeira com seus jacarés, ou na praia de Tambaú com seus coqueiros, no silêncio, rodeado de deuses, de perguntas, de paciências. Com trabalhos episódicos e desdatados, ou numa vez sem trabalho nenhum. Quanto ao sofrimento dos acessos periódicos, não é isso que desejo, mas a prostração posterior, o aniquilamento assombrado, cheio de medos sem covardia, a indiferença, a semimorte igualitária. Que só em determinados lugares e não aqui posso ter. Quanto ao acesso, passa. E em nossa civilização o cocainômano, por prazeres possíveis, não aguenta galhardo a função, os trejeitos a que obriga o pó? Ninguém dirá, nem mesmo o morfinômano, que uma injeção seja agradável. Vamos além: a infinita maioria dos *cocktails*, a infinita maioria das bebidas fortes é soberanamente desagradável. E nós bebemos tudo isso, por uma infinidade de tendências, de aspirações, de curiosidades, de vaidades, impossíveis de analisar completamente. E pela satisfação de prazeres, de estados fisiopsíquicos

posteriores, nós nos sujeitamos a todos esses horrores, e nos sujeitamos a fazer visitas, a participar nosso casamento, a acompanhar enterros, ler jornais, bancar de alegres, e outros sofrimentos e martírios mais maiores e mais cotidianos que o acesso de tremedeira. Ora, vocês querem ser "civilizados", sejam! Mas eu tenho uma apaixonada atração pela maleita. la contar aquela tarde do rio Madeira, não contei... Fica pra domingo.

### MALEITA II<sup>17</sup>

Uma tarde, como eu principiei contando no domingo passado, quando já descíamos o rio Madeira, o vaticano parou na boca dum igarapé. Tudo aliás condizia com essa lentidão de todas as atividades físicas e psicológicas, espécie de indiferença extasiada por tudo, que é o mais permanente característico do maleitoso. Uma calma incomparável, uma espécie de preguiça maravilhosa de ser, em que o próprio ar parecia com pouca vontade de ser ar, de ser imponderável, estava cheio de partículas roseadas roçando pela mão da gente, pela boca, sem volúpia mas com uma doçura feminil. Ninguém que não provou tarde do Norte, tarde equatorial, não pode imaginar o que é serenidade. As nossas tardes são admiráveis aqui, eu sei; tarde de junho, julho nas praias de Guanabara, tarde de abril e até mesmo de novembro, outubro em São Paulo quando não chove, os crepúsculos teatrais de Belo Horizonte... tudo isso já provei, são gostosuras. Porém todas essas tardes possuem um quê de tristonho, de prenúncio de noite e seus símbolos, a gente reage em atividade, pra também contradizer com símbolos e exemplos de vida à tristurinha que sobra no ambiente. Então pelas nossas fazendas há tardes tão perceptivelmente tristes que até dói.

Pela Amazônia, mesmo pelo Nordeste, não tem isso não. A beleza é igualmente admirável e as sugestões são outras. São de pasmaceira, de êxtase, de incomparável vacuidade principalmente. Há uma religiosidade sutil. Esse estado de bobagem em que a gente ficará se merecer depois da morte, a contemplação da Divindade. Todas as noções desaparecem, de tempo, de vida, de necessidade, de progresso, todas as atividades, mesmo as mais precárias, de constatar, de julgar. Não vale a pena a gente se mover mais, fazer um gesto; e a vida se enche duma morte transparentíssima, essa sim: morte mais alada, mais imponderável que o próprio ar, morte virginal, não faz sofrer, não lastima coisa alguma e é ver uma preguiça boa.

17 Texto publicado com a assinatura: "MÁRIO DE ANDRADE", no *Diário Nacional*, em São Paulo, 15 de novembro, 1931.



O vaticano parou e deu sinal. Todos nós estávamos debruçados na grade do deque da primeira, gozando a vida. Aquelas mesmas praias abruptas, dando mergulho n'água, errigadas de árvores florestais. A boca do igarapé se escancarava fácil num bocejo e logo o riozinho se domiciliava numa largueza familiar, as duas margens ali, sombreando a água, uma curva indecisa e mais longe a curva rija engolindo o rio, não revelando mais nada numa tapagem de mato viril. Era o mistério. Devia de ter um seringal por ali, ninguém via, nem casa, nem aberta forraginosa ganha ao matagal. O silêncio era tão imediato que o próprio parolar de duas mocinhas alegres, ainda incapazes de serem felizes profundamente, meio que entrecessara, curto, sem alcance, despencando pesado e se escondendo logo na água. Os jacarés singravam lerdos.

Então veio lá do mistério um casco bem remado. Logo o ploque igual dos seis remeiros se escutou do navio e toda a gente assuntou. O casco vinha pesado, cheio de peles de borracha pra embarcar, meio erguido na frente, de forma que o desenho ficava lindo, com o homem da jacumã, tapuio de olhos rasos, torso nu feito serena figura de pau, ornando a proa. De pé num dos bancos estava um homem. Era dono de seringal, filho de dono, se percebia, roupa branca sobre a pele cor de praia, sem sangue nem vida nenhuma. A companhia no vaticano logo conversou. Um sírio gostando de saber, contava o homem que era; outro com a mesma solicitude contava qual era o seringal, se bom, não lembro mais. Parece que a presença do estranho dera em todos um espevitamento de mostrar alegria. Explodiu riso sem razão nenhuma, toda a gente agora falava alto, as mocinhas estavam interessadíssimas, que o homem tinha talvez trinta anos, não mais, simpático de feições, ar de soberbia. Era a maleita.

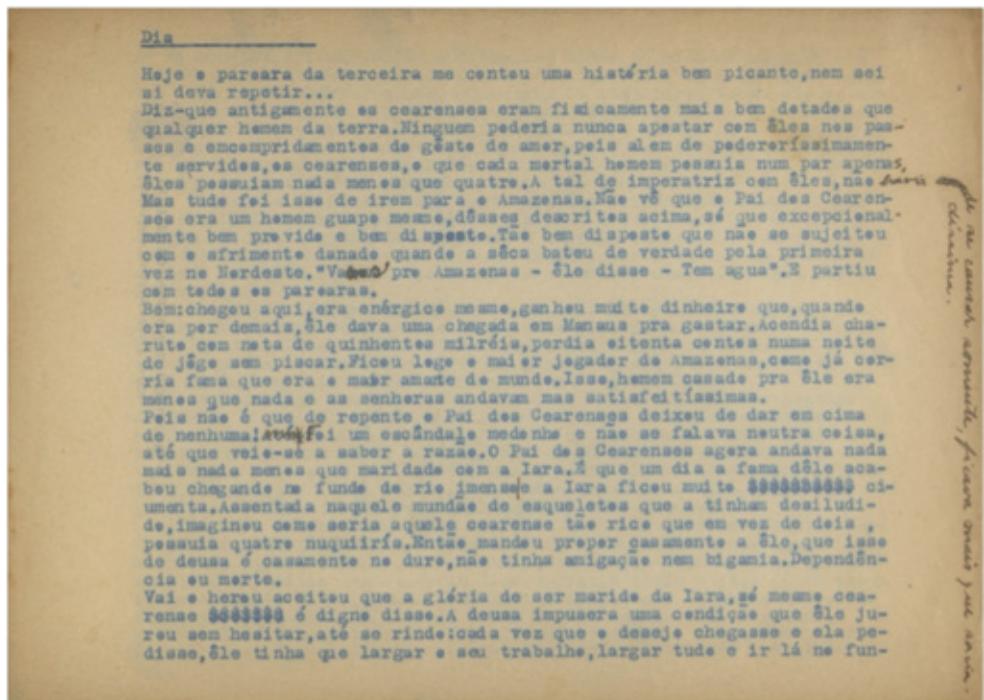
Aquela imagem, que não durou muito percebi que era duma maravilhosidade, palavra de honra, sublime, estava inteiramente criada pela maleita. Viver numa lentidão danada, naquele fim de mundo, atrasado do mundo pelo menos de um mês em tudo, sem jornais, sem telefone, sem médico, pensando no quê! não pensando, numa preguiça organizada... Um belo dia o navio apitava chamando. Vestia-se roupa limpa numa sensação firme de decoro, os tapuios embarcavam a borracha, a familiaridade com água era tamanha que se viajava de pé no barco oscilante, o navio tinha muita gente, até gente dessa vez bem chique, moças? que tivesse!... Era tamanha a bulha das moças que, já bem pertinho, o homem olhou. Olhar apenas que recebeu a noção do que existia: umas moças realmente lindas, havia uma senhora também linda e mais gente. O rapaz desceu de novo o olhar e, juro, sem a mínima timidez, sem a mínima curiosidade, não olhou mais. O casco chegou, fez as manobras, ele saltou na terceira, que é toda aberta nos vaticanos, e pra falar com o comandante, recibos, assinatura etc., tinha que passar por nós. Todos,

mandados por uma espécie de respeito, de admiração, nem sei bem, fizeram ala pra ele passar. Ele veio, as mocinhas até se mostraram, pois não olhou ninguém. Apenas tirou o chapéu nativo, de palha larga, numa presciência de respeito por semelhantes, talvez ele tivesse a noção de que alguns eram graduados. Passou. Depois voltou. As mocinhas outra vez se mostraram, mas ele de novo não teve olhar pra ninguém. Desceu na terceira, saltou pro casco leviano agora e o retorno pras terras lá dentro o fazia naturalmente voltar as costas pra nós. Não se virou nem uma vez, igualzinho com os jacarés.

A curiosidade é elemento primário de progresso; é o mal e castigo da vida que fez crescer a Grécia e depois matou Grécia, matou Roma, matou não tem importância, fez sofrer e faz sofrer. Sobretudo desdiviniza o homem. Curiosidade é maldição. E nas terras de calor vasto é simplesmente *made in Germany*, camelote, importação, falta de cultura. Por isso eu sonho com a maleita, que há-de acabar minha curiosidade e acalmará minha desgraçada vaidade de precisar ser alguém nesta concorrência aqui no Sul.

Correspondência:

R. F. – Sua carta me comoveu muito. Publicarei as partes possíveis, depois respondo.



Versão de  
memento com a  
data em aberto



Belem - ~~22 de maio de~~ 1933

São Tomás e Jacaré

~~1933~~ 1.70

193-1934-20-

Na visita de hoje ao museu Goeldi, o diretor do museu que nos acompanhava, nos proporcionou o espetáculo do almoço do jacareassú. Que bote angelico!...

O bicho monstruoso estava imovel, espiando pra nós, entredormido. O empregado atirou o pato mais de meio metro por cima da agua, jacaré só fez nhoque! Abocanhou o pato e afundou no tanque raso. A gente percebia bem, na clareza da agua, o pato atravessado na bocarra verde. Nem jacaré nem pato se mexiam. Não houve efusão de sangue, não houve gritos nem ~~ferocidade~~ ferocidade. Foi um nhoque simples, e "o espirito de Deus voltou a se mover sobre a face das aguas".

Aquele bote do jacaré me deixou num estado de religiosidade muito sério. Palavra de honra que senti Deus no bote do jacaré. Que presteza! Que eternidade incomensuravel naquele gesto, sobretudo, que impossibilidade de errar! ~~Não~~ <sup>ninguém</sup> não errará um bote daqueles, e, com efeito, o pato lá estava, sem grito, sem sangue, creio mesmo que sem sofrimento, na boca do bicho. Uma surpresa grande e um delíquio, do qual passara prá morte sem saber. E da morte prá barriga do jacaré.

E o jacareassú tão quieto, com os olhos docinhos, longo e puro, tinha um ar de anjo. Não se imagine que chego á iniciativa de povoar os pagos celestes com jacarés alados. Não é questão de parecença, é questão de "ar": o jacaré tinha um ar de anjo. Percebi no nhoque, invisível de tão rapido, aquele conhecimento imediato, aquela inteção metafísica, atribuida aos anjos por São Tomás. Eh, seres ~~humanos~~ humanos, a superioridade dos irracionais sobre nós, reside nessa integridade absolutamente angeliforme do conhecimento deles. É facil de falar: jacaré intuiu pato e por isso comeu pato. Está certo, porém nós seccionamos em nós mesmos a sensação, a abstração, a consciência, em seguida a vontade que deseja ou não deseja e age afinal. Nos falta aquela imediateza absoluta que jacaré possui, e que o angeliza. O bicho ficou, por assim dizer, pra fóra do tempo naquêlê nhoque temível. Ver pato, saber pato, desejar pato, abocanhar pato, foi tudo um. O nhoque nem foi um reflexo, foi de deveras uma concomitância, fez parte do próprio conhecimento. Por isso é que percebi o ar de anjo do jacareassú.

Passou um quarto de hora assim. Então, com dois ou tres arrancos seguidos, o jacaré ateitou a comida na bocarra, pra começar o almoço. A agua se roseou um bocado, era sangue. Isso me fez voltar daquele contato com a Divindade, a que me levava o bote do bicho. Senti precisão de me ajeitar

Trecho reescrito em 1933, com rasuras exibindo possíveis pontos para inserção no diário. Lapso do escritor ao datar

*clagam*  
 -Os elefantes logo?  
 Ele ficou meio tonta, mas logo compreendeu:  
*clagam*  
 - logo, sim!  
 Ninguém imagina a coisa que *o pessoal* ~~o pessoal~~ festinou ali  
*Interesse exterioro.*  
*Fizera digno, condicio de*  
~~ga pratica uma...~~  
 13 de maio - S. Salvador, Maravilha de passagem por toda a parte desta cidade  
 estupidissima. S. Francisco, está ali, catedral, etc, dia inteiro. Embora que S  
~~estúpida.~~  
14 de maio - Conheci assim:  
 Com muito cuidado, escrevi um discurso em tupi pra dizer a nossa saudação  
 a todos, quando estivéssamos entre os índios. Encontramos uma tribo completa  
 bem na foz de Madeira, não faltava nem escrivão nem juiz-de-paz pra eu me quei-  
 zar si alguém bulisse com *ya Rainha do Café* ~~com os índios~~. Foi, recitei o meu discurso, que aliás  
 era *curto* ~~curto~~. Mas desde o princípio *dele* ~~dele~~ os índios principiaram se entre-  
 alhando e fazendo *ar* ~~ar~~ de riso. Percebi logo que era inútil e que eles estavam  
 com uma vontade enorme de comer nós todos. Mas não era isso não quando acabei  
 o discurso, todos se puseram gritando pra mim:  
 "É errado! tá errado!"  
 14 de maio - Vido de bordo, e continua suando cada vez mais. O sr. Schaefer,  
 amigo de John Graz, se apresenta. O professor Hagmann está cada vez mais inau-  
 portavel, na faina de ensinar coisas amazônicas pra nós, mas só ensina coisas  
 muito sabidas. Hoje, quando ele contava o sentido da palavra "oca" em tupi, *Falanga* ~~em~~  
 , muito enfadado, perguntei:  
 -Então o quê *qual coisa* ~~qual coisa~~ Dondoco?  
 Mas o professor não entendeu. Ele é puro.  
15 de maio - *Aqui*  
~~15 de maio~~ - ~~15 de maio~~  
~~15 de maio~~ Foi Recife e mais Recife dia inteiro, aliás muito prazer. Acabou e

Fólio na versão integral de 1943, mostrando etapas na escritura



### Turista Aprendiz

- S. Paulo - 7 maio 1927 - Paratiba - Bengala  
 Rio - 8 - Calaf. <sup>de 1927</sup> ~~Phaenomena~~ - Porto de Itaipava  
 Rio - 9 - Casa praça Grande - Porto de Itaipava  
 Rio - 10 - Nada - Lombo Machado de Itaipava  
 Rio - 11 - Paratiba - Rainha da Saba  
 Vitória - 12 - Paracatu  
 Bahia - 13 - Povo  
 Maracão - 14 - Povo - casa - Lombo - Mesa - dois cursos - Tapé  
 Recife - 15 - Aracua - Povo.  
 Borde - 16 - Povo.  
 Fortaleza - 17 - Roubadeiras - Ametista - Buf. Passada  
 Borde - 18 - Foz de Amegonias de Fautasia  
 Foz de Amegonias - 19 - A Realidade  
 Belém - 20 - Mesa - improvisa.  
 Belém - 21 - Viçtor - Grotto  
 Belém - 22 - Mulheres de casa - Chapéu Verde  
 Belém - 23 - Povo - Mesa de munguão.  
 Belém - 24 - Boi - Bumba - no Boi - Canaris  
 Belém - 25 - Caripi - Bantão - Quatrinha  
 Belém - 26 - Forma de nó - Fui - Castelo - Quatrinha -  
 Livro após substituído  
 Vaticano - 27 - Nadar em mergulho - Povo -  
 Vaticano - 28 - Povo  
 Vaticano - 29 - Porto de barca - fantasia 2800  
 Armondulha - 30 - Valha - Povo - Povo.  
 Santarém - 31 - O malentendido e a fotografia

### Junho

- Opido - 1 - Embargue de bois  
 Friburgo - 2 - Aportado de Itaipava - Boi marraquês  
 Itaipava - 3 - Lombo casual  
 Vaticano - 4 - Mulher ou - O mal do Apoi  
 Maracão - 5 - Povo  
 Maracão - 6 - Intelectuais - Mesa Nova - Escola  
 Maracão - 7 - A fantasia - Vidua - Regia  
 Maracão - 8 - Paratiba - Quatrinha e Romântica - A  
 Tulo do Povo Novo  
 Vaticano - 9 - Povo  
 Vaticano - 10 - Povo  
 Vaticano - 11 - Povo  
 Carara - 12 - A Grande  
 Vaticano - 13 - Povo - Lombo - finta - Lombo  
 Ponte - 14 -  
 Tomantins - 15 - Adão 19<sup>to</sup> - Frades Italianos  
 S. Paulo de Olivença - 16 - Formas paratiba - Povo em finta  
 Vaticano - 17 - O gacho paratiba - O como - Brasileira  
 Povo de Itaipava - 18 - Malhada - Baile de casamento -  
 A Bebedeira  
 Entrada Pará - 19 - Da Vigil  
 Vaticano - 20 - Povo  
 Vaticano - 21 - A Graça com o capitão  
 Povo - 22 - Povo  
 Povo - 23 - Os índios - Baile - Psicologia do nome  
 Povo - 24 - Povo - Povo  
 Povo - 25 - Optima - Povo  
 Vaticano - 26 - Povo - Soldado - Povo - Povo  
 Vaticano - 27 - O Oficial - Povo - Povo  
 Vaticano - 28 - Povo - Índio - Povo - Povo  
 Vaticano - 29 - Povo  
 Tapé - 30 - Brasileiros e Itaipava -

### Julho

- Vaticano - 1 - Baldo - Sol -  
 Maracão - 2 - Representa hora - Baldo - Povo  
 Vaticano - 3 - Povo - Povo - Povo  
 Vaticano - 4 - Lenda da Cidade - Povo - Povo  
 Povo - 5 - Povo  
 Maracão - 6 - Povo - Povo  
 Vaticano - 7 - Povo - Povo  
 Vaticano - 8 - Povo - Povo  
 Povo - 9 - Povo - Povo  
 Povo - 10 - Povo - Povo  
 Povo - 11 - Povo  
 Povo - 12 - Povo  
 Povo - 13 - Povo  
 Povo - 14 - Povo - Povo

Balanco da escritura  
da obra

TURISTA APRENDIZ [BALANÇO DA ESCRITURA]<sup>18</sup>

maio

- S. Paulo – 7 maio 1927 – Partida – Bengala  
Rio – 8 – O Rio é feio  
Rio – 9 – Caso Graça Aranha – Poeta baiano  
Rio – 10 – Nada – Sonho Machado de Assis  
Rio – 11 – Partida – Rainha de Sabá  
Vitória – 12 – Pessoas  
Bahia – 13 – Pouco  
Maceió – 14 – Pouca coisa – Sonho meu discurso tupi  
Recife – 15 – Ascenso – Pouco  
Bordo – 16 – Pouco  
Fortaleza – 17 – Rendeiras – Anedota quefossada  
Bordo – 18 – Foz do Amazonas de fantasia  
Foz do Amazonas – 19 – A realidade  
Belém – 20 – Meu improviso  
Belém – 21 – Visitas – Goeldi  
Belém – 22 – Nomes de casas – Chapéu Virado  
Belém – 23 – Pouco – A negra do mungunzá  
Belém – 24 – Boi-bumbá no Boi-Canário  
Belém – 25 – Caripi – Cantoria – Quadrinhas  
Belém – 26 – Gosma de rã – Frei Caetano – Qualificativo após substantivo  
Vaticano – 27 – Nadar em mosquitos – Pouco  
Vaticano – 28 – Pouco

18 Balanço da escritura da obra [1943?]; autógrafo a tinta preta e vermelha em folha de papel *chiffon*, dobrada ao meio na vertical, formando duas folhas (32,3 x 11 cm). O escritor avalia a extensão dos registros elaborados, considerando a última versão integral datilografada. O estabelecimento do texto de "O Turista Aprendiz (viagens pelo Amazonas até o Peru, pelo Madeira até a Bolívia e por Marajó até dizer chega)" valeu-se deste balanço para realizar a inserção de registros sem data apensos.



Vaticano – 29 – Porto de lenha – 2\$000  
Arumanduba – 30 – Velha Pobre – Pouco  
Santarém – 31 – O maleiteiro e a fotografia

### junho

Óbidos – 1 – Embarque de bois  
Parintins – 2 – Apostolado da Oração – Boi marrequeiro  
Itacoatiara – 3 – Sonho sexual  
Vaticano – 4 – Mulher nua – O mel do Apuí  
Manaus – 5 – Pouco  
Manaus – 6 – Intelectuais – Moça nova – Chula  
Manaus – 7 – A jangada – Vitória-régia  
Manaus – 8 – Partida – Ignorância e semicultura – A tribo dos pacaás novos  
Vaticano – 9 – Pouco  
Vaticano – 10 – Pouco  
Vaticano – 11 – Pouco  
Caiçara – 12 – A ciranda  
Vaticano – 13 – Baileco – Siri-pintanha – Embiara  
Fonte Boa – 14 – [sem indicação]  
Tonantins – 15 – "Adeus, Jó!" – Frades italianos  
S. Paulo de Olivença – 16 – Jornais paulistas – Virgem em Londres  
Vaticano – 17 – O gaúcho paulista – O "como" brasileiro  
Remate de Males – 18 – Maleita – Baile de casamento – A bebedeira  
Entrada Peru – 19 – Dr. Vigil  
Vaticano – 20 – Pouco  
Vaticano – 21 – A briga com o capitão  
Iquitos – 22 – Pouco  
Nanay – 23 – Os índios – Baile, sociologia do nome  
Nanay – 24 – Ratos brancos  
Iquitos – 25 – Otimismo peruano  
Vaticano – 26 – Pouco – Soldados brasileiros e peruanos

Vaticano – 27 – O oficial peruano fugido

Vaticano – 28 – Pouco – Índios dó-mi-sol

Vaticano – 29 – Pouco

Tefé – 30 – Brasileiros e estaduais

### julho

Vaticano – 1 – Dó-mi-sol

Manaus – 2 – Crepúsculo rosa – Calor – Pouco

Vaticano – 3 – Crianças – Política – D. Zefa

Vaticano – 4 – Lenda da cidade afundada – Fibras – Brasileirismos

Manicoré – 5 – Madrugada

Vaticano – 6 – Silêncio do Madeira – Prosa cearense – Índios dó-mi-sol

Vaticano – 7 – Gaivotas tem praia! – Humaitá

Vaticano – 8 – Pouco – Sonho dos andares

Vaticano – 9 – Pouco

Vaticano – 10 – Viajo a pé – O francês e goiabas

Porto Velho – 11 – [sem indicação]

Madeira-Mamoré – 12 – Pacanova

Guajará – 13 – Latrina

Madeira-Mamoré – 14 – Volta

Porto Velho – 15 – Versinhos – Sensação paulista

Humaitá – 16 – Boi-bumbá – Dó-mi-sol

Vaticano – 17 – O moço indiferente – Os prefeitos

Seringal – 18 – Visita ao mato – Dó-mi-sol

Vaticano – 19 – O rapaz que foi pro Acre só de pique

Manaus – 20 – Pouco

Manaus – 21 – Pouco – Dó-mi-sol

Vaticano – 22 – Psicologia brasileira e europeia

Vaticano – 23 – O francês do óleo de pau-rosa – Bebedeira

Vaticano – 24 – O menino me pede levar ele a Belém

Vaticano – 25 – Reflexão do caboclo – Arumanduba



Vaticano – 26 – Pouco

Belém – 27 – Pouco – Variante da lenda da Sta. Casa S. Tomás e Jacaré

Belém – 28 – Pouco – Perdidos

Marajó – 29 – Pouso de aves

Marajó – 30 – Embarque de bois – Encalhe lago Arari

Marajó – 31 – Pouco

### agosto

Belém – 1 – Partida – O poema nasce

Baependi – 2 – Pouco

Baependi – 3 – Pouco – Telê Cascudo – Quadra Graça Aranha

Baependi – 4 – Pouco

Baependi – 5 – Pouco – Fortaleza

Areia Branca – 6 – Conversas de catraieiros

Natal – 7 – Pouco

Baependi – 8 – Família Brasileira – Recife

Baependi – 9 – Gracette (Pouco)

Bahia – 10 – Pouco

Baependi – 11 – Não houve

Vitória – 12 – Pouco

Baependi – 13 – Pouco

Rio – 14 – Pouco

São Paulo – 15 – Pouco





PREFÁCIO

Mais advertência que prefácio. Durante esta viagem pela Amazônia, muito resolvido a... escrever um livro modernista, provavelmente mais resolvido a escrever que a viajar, tomei muitas notas como vai se ver. Notas rápidas, telegráficas muitas vezes. <sup>Algunhas</sup> ~~mas~~ porém se alongaram mais pacientemente, sugeridas pelas descansas forçadas de raticano de fundo chato, vencendo difícil a torrente de rio. Mas quase tudo anotado sem nenhuma intenção da obra-de-arte ainda, reservada pra elaborações futuras, nem com a menor intenção de dar a conhecer aos outros a terra viajada. E a elaboração definitiva nunca realizei. Fiz algumas tentativas, fiz. Mas parava logo no princípio, nem sabia bem porquê, desagrado. Decerto já devia me desgostar naquela tempo o personalismo do que amtava. Si gostei e gostei muito pelo Amazonas, a verdade é que vivi metido comigo por todo esse caminho largo de agua.

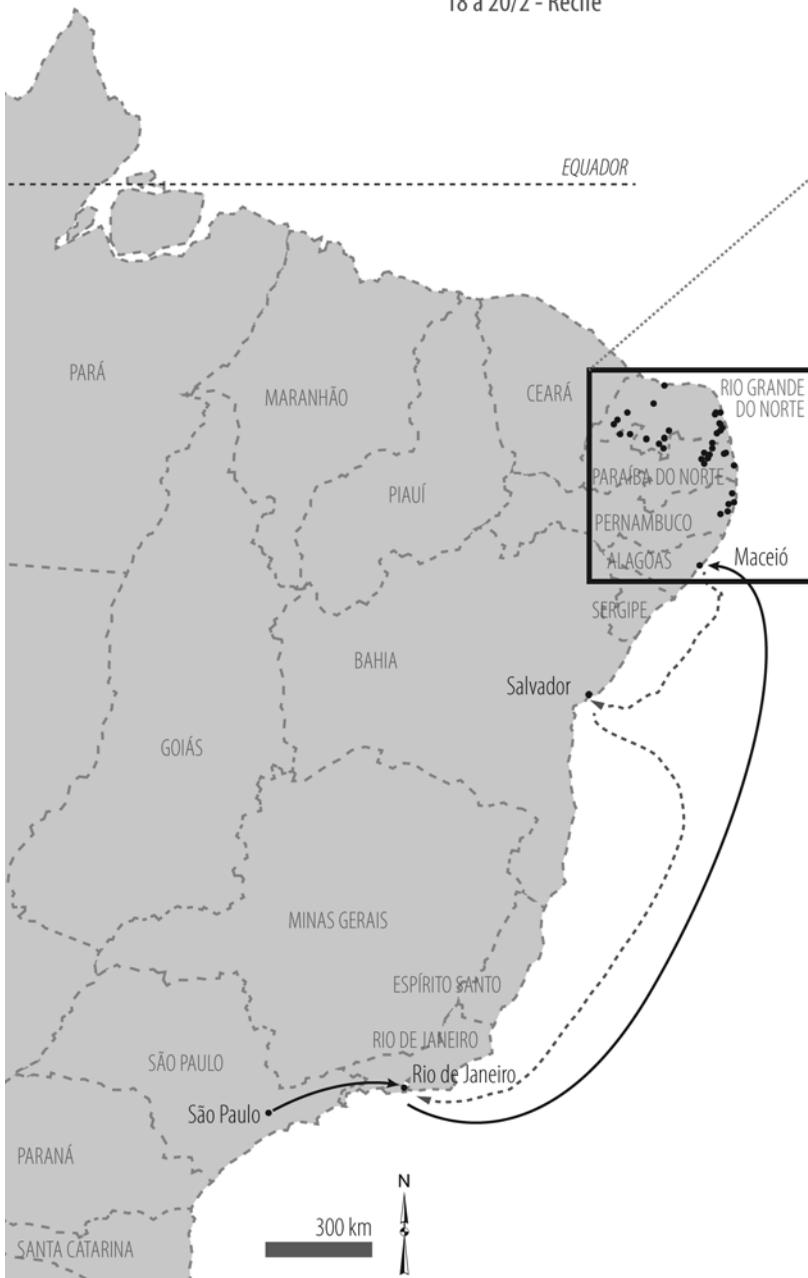
Agora reúne aqui tudo, como estava nos cadernos e papéis soltos, ora mais, ora menos escrito. Fiz apenas alguma correção que se impõe, na cópia. O conjunto cheira a modernismo e envelheceu bem. Mas pro anti-viajante que eu sou, viajando sempre machucado, alarmado, incompleto, sempre se inventando malquisto do ambiente estranho que percorre, a releitura destas notas abre sensações tão próximas e intensas que não consigo destruir e que preservo aqui. Paciência...

São Paulo, 30-III-1943

Prefácio na versão  
de 1943 do diário

- 23 a 26/1 - Natal
- 27/1 - Mamanguape
- 28/1 a 2/2 - Paraíba [atual João Pessoa]
- 3/2 - Alagoinha, Lagoa Grande, Borborema, Areia
- 4 a 7/2 - Paraíba [atual João Pessoa]
- 8 a 15/2 - Recife
- 16/2 - Jaboatão [Jaboatão dos Guararapes] e Engenho Batateira
- 17/2 - Escada, Cabo [atual Cabo de Santo Agostinho]
- 18 a 20/2 - Recife

- 22/1 - Jardim do Seridó, Parelhas, Acari, Currais Novos, Macaíba, Natal
- 21 a 22/1 - Caicó
- 20/1 - Martins, Catolé do Rocha e Brejo do Cruz
- 19/1 - Açu, Caraúbas, Gavião [atual Umarizal]
- 18/1 - Macau
- 17/1 - Natal
- 14 a 16/1 - engenho Bom Jardim em Goianinha
- 14/1 - ruínas do engenho Cunhaú em Canguaretama
- 8 a 14/1 - engenho Bom Jardim em Goianinha
- 7/1 - São José, Papari, Arez
- 31/12 a 6/1 - Natal
- 30/12 - São Gonçalo
- 15 a 29/12 - Natal
- 14/12 - Guarabira, Duas Estradas, Caiçara, Goianinha, Papari [atual Nísia Floresta], Natal
- 13/12 - Recife, Guarabira
- 11 a 12/12 - Recife, Igarauçu
- 10/2 - Atlântico
- 9/12 - Maceió [21/2]
- Salvador [22/2]
- 4 a 8/12 - Atlântico [23/2]
- 28/11 a 3/12 - Rio de Janeiro [24/2]
- 27/11 - São Paulo





# O Turista Aprendiz

Viagem etnográfica

1928 - 1929

- Local
- Caminho da ida
- - - Caminho da volta

Fundo de mapa: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]  
 Limites das Unidades da Federação em 1920 generalizados  
 no aplicativo *Mapshaper* <mapshaper.org>  
 Elaborado com *ArcGIS* e finalizado em *Adobe Illustrator*  
 Concepção: Fernanda Padovesi Fonseca e Eduardo Dutenkefer  
 Finalização: Eduardo Dutenkefer [setembro 2015]

16101218 7 28-XI-66

De manhã, muito perturbado  
 Minha mãe, minha mãe, minha  
 Minha mãe que Deus me deu,  
 Foi nas curvas da morte,  
 E eu cantei, ela viveu."

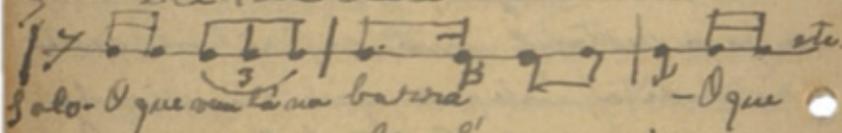
Gracias de Deus que já não  
 morrer. Já vi uma coisa  
 bonita neste mundo.

Francisco Tacio Pasoto e Jallet me  
 experimentando na estação. Aldego com Pas-  
 noto - Auguste Frederico Schmidt e Henrique  
 Fernandes vão me visitar. Pasoto com  
 Schmidt que me foto na "Pelo Brasil".  
 Aldego e me com o Alceu e Prudentino.  
 Jallet e morte com ele e Julieta  
 e Henrique e quando

29 - Loução Buenos Dias - Aldego e Schmidt  
 Tarde Reunión Graciosa com L. Fernandes -  
 Buenos Dias no barrião de quando foi  
 Schmidt, Henrique e Aldego para onde  
 não me vou. Não deixo sair me uns  
 Carlos Coronel, Henrique, Aldego. Não na  
 Choumas foi porque eu dei o



e 30 para um navio iluminado do lado de terra. É extraordinário! Um senhor que mora em Belem, italiano, associando as coisas (pelas 24 chegamos a Macaio) me conta: Com Macaio os pretos têm um costume engraçado: quando transportam um piano, costumam cantar, são 8 homens, um puxa, os outros secundam, lento, forte, de longe se escuta. É um canto falado, num tom só, dig-que pra não desafinar o piano. Eis o canto que ele me deu



Solo: O que vem lá na barra?  
(Lento, Forte) Coro: É um navio

Text: Solo: - O que vem lá na barra?

Coro: - É um navio.

etc. (sempre o mesmo texto)

É um que tábua pelado pra pegar uma dessas parlevadas de carregadores de piano, por um simples caso de passar num navio, perto de Macaio,

7  
 e estou observando um fenomeno  
 de psicologia mística, não de  
 arte. Esta Ordem 3<sup>a</sup> como interior é  
 absolutamente notavel. Solaria no bak-  
 roso, ordenação magnífica de pin-  
 tura, duro entalhado e azulejo. As pin-  
 turas são exelentes e agora depois de  
 não tão ligeiramente limpas, estão cla-  
 ras, bem visíveis e não meoimo  
 plasticas. O entalhe é tãoquido nos  
 azulejos. O interior dos altares é muito  
 bom. O pulpito é um místico  
 com o florão solar do no anjo do  
 arce. O entalhe não tem afeito nem  
 parras maravilhosas, nem oco  
 suas volutas e folhos. São os colu-  
 nas <sup>3</sup> que os cachos de uva e folhos  
 fazem oco chinidos.

7  
 Melodias do ~~Boi~~ - Nosso padrinho Paolito  
 nasceu de presente em Bezerro 3<sup>a</sup> em  
 daire variedade com um Jacquir. Nosso  
 padrinho gostava muito do bezerro e tratava  
 de um muito carinho. Estava dezesda  
 batendo o tempo de não, como Paolito mandou  
 e chamar o homem que se destacara pra  
 dar comida pro bezerro e falou: - Olhe, do  
 lado de cá o copim é mais novo e está  
 mais tenro. Vou cortar e trazer  
 lá onde está mais não pra cá, porque  
 o copim dura mais tempo. O homem  
 falou que sim porém quando teve  
 que dar comida pro bezerro, ficou com  
 preguiça de ir lá tão longe, teve  
 porque desenvolver nosso padrinho era pra  
 do lado, teve tenro muito, apesar de  
 muita venha, então o copim mais novo  
 perto e foi dar de pro bezerro. Foi  
 atarantado, com a consciência arrotando



Versão de Jacob Netto

## O TURISTA APRENDIZ

Mario de Andrade, cuja chegada a Natal e telegrapho nos annuncios hontem, percorre presentemente os Estados do Norte em viagem de estudos de folk-lore, de que é apaixonado cultor. Suas impressões, temo-as publicado aqui e decerto vão constituir mais um dos procurados livros que elle tem posto em circulação.

O artigo que hoje publicamos é o quarto da serie. Outros se seguirão, todos com o mesmo interesse que estes têm despertado entre os leitores.

RIO DE JANEIRO, 30 DE NOVEMBRO — (22 HORAS)

Não posso mais... Tres dias de amigos, gente que quero bem particularisadamente, um por um... O prazer e as preocupações da vida se realisando por sessões... E essa obrigação ininterrupta de ser inteligente e culto, falar de pintura um momento, depois de musica, depois de poesia, e lembrar por exemplo a existencia de Chirico... Chirico!... De facto os homens individuos são que nem as palavras. Si a gente matuta um bocadinho mais autopastadamente num deles, esmiuça a significação vital dele: Chirico. Um nome de baptismo, uma convenção desprezível, servindo de estandarte vaidoso dum objecto fisicamente isolado. Da mesma forma que a panela, cujo perfil, cuja função pessoal e mirim, nós reconhecemos pela palavra "panela". Não posso mais, estou fatigadissimo de tres dias que não faço outra coisa sinão distinguir "Chiricos" de "Panelas".

Felizmente que agora não careço de ser inteligente e posso pensar com mais liberdade e escuridão. José estava me esperando na esquina fronteira do hotel e agora caminhamos no meio dos homens, na rua. É até possível que esta rua se particularise com o título de "Avenida" porém pra nós dois é "rua" sem mais nada. Da mesma forma que José, operario... Me sinto muito humilde porque José está querendo ser bom pra mim. Já me esperou só lá na esquina temendo de certo que as luzes do hotel sarapantassem de me ver abraçando um individuo pobre. Agora me arrasta pros lugares de menos gente e menos luz. E vamos lembrando a gripe espanhola, naquele tempo em que defendido pela piedade de S. Vicente de Paulo eu rondava pelas adjacencias da rua de S. Caetano, ajudando os pobres a sofrer. Então conheci José.

Agora éle é comunista com razão. Comunista e comoventemente religioso. Porque não tem mesmo nada de mais comovente que essa religião de todos. Si o desastre é mais prolongado e vai chegando aos poucos, só mesmo individuo cabeçudo é que não quer saber de Deus. José imagina que vai me agradar e conta que outro dia entrou na igreja do Rosário passando. Em vez, me comove profundamente. E detesta os padres. Sem dúvida que já terá exclamado em grupo que a religião é uma bobagem que carcos acabar... Mas não pergunto isso pra éle não. Negará porque não quer me fazer mal.

E não posso mais outra vez. Porém agora é de comoção. Paramos junto do parapetto e uma onda geme de prazer nos vindo, recenhegada da Russia. Meu pensamento está confuso e muito rico... José fala que houve um principio de reaccão na boca-da-noite. Escuto a bulha viva da cidade, desindividualizada, bulha comum de cidade grande, que o piscapica das luzes resalta mais. Tenho um medo pequeno dos símbolos... Lembro confusamente aquelle arranha-céu visto do quarto de Graça Aranha, com aquelas não sei quantas janelas cada uma encortinada com uma cor, vermelho, verde, rosa, amarelo, azul, todas as cores, branco... Todas janelas, afinal. José, bem percebi, quis me perguntar alguma coisa sobre as eleições de S. Paulo... Teve dó, não perguntou.

— Aquel no Rio foram eileitos dois intendentes comunistas...  
— Já sei, José.

José não sabe o que se passa dentro de mim. Nem eu tambem, aliás. Um caos temível. Lutas, illuminações, contradicções, uma vontade tamanha de amar intranszitivamente... Voltamos tardinhos práas bandas do hotel. Por trás do meu pensamento a luz se desembaraça das nuvens deshorizontallizando a abobada celeste. "Abobada celeste"... Prazer amargoso de pronunciar lugares-comuns, felicidade, que nem todas, feita de mil infelicitàdinhas... Si a sra. Coolidge fizesse as mesmas doações que faz, sem chamal-os de "Premio Coolidge", "Concerto Coolidge", não sei que lá Coolidge, era mais justo. Valdeosa sra. Coolidge. E éssa... individuo, os musicos agradecem... Tambem os pintores pra vender quadros pro Governo viram governistas... Não posso mais outra vez!...

MARIO DE ANDRADE.

Baptista Cardoso. Terminaram os pagamentos. S na 2.ª T na 1.ª e 6 na 2.ª cadeira. Moacyr Antonio de Moraes.

Texto na série "O Turista Aprendiz", anunciada no *Diário Nacional*

MÁRIO DE ANDRADE, PODENDO IR À EUROPA, PREFERIU VIR EM EXCURSÃO AO NORDESTE, ONDE COLHEU DIRETAMENTE MAIS DE OITOCENTOS TEMAS MUSICAIS<sup>19</sup>

Ernani Braga

Mário de Andrade não é um sujeito baixo, atarracado e malcriado como era o Beethoven que ele um dia nos apresentou. Olhando às vezes para o Mário, fico pensando como é que Beethoven lhe descreveria o tipo, se quisesse também ser mau. Talvez dissesse: – Mário é um sujeito alto, magricela e destabocado.

E o pai da Adelaide estava vingado do pai de Macunaíma. Porque, de fato, Mário é bem alto, não tem nada de gordo (será, quando muito, *faux-maigre!*) e tem uma língua que só sabe chamar as cousas pelos próprios nomes. Ele detesta eufemismos e circunlóquios. Pão é pão. Queijo é queijo. O que não presta, não presta. Burro é burro mesmo.

#### Um crítico sincero

Saibam todos que Mário é um homem destabocadamente franco, ou francamente destabocado. Por isso há muita gente que não gosta dele. Dessa gente que está habituada a ouvir chamar as moças feias de simpáticas, as velhas alcoviteiras de beatas. Mas o Mário não liga muito a quem lhe quer mal pela sua rude franqueza e vai dizendo claramente o que sente e pensa. Amigo incomparável, perfeito, dos amigos, vota uma indiferença sublime aos que o não são. Mas com uns e outros é sempre sincero.

Um crítico seguindo à risca essa orientação não pode deixar de ser temido. Mário é, em São Paulo, um verdadeiro papão. Um tremendo espantalho. Mas tem conseguido sanear o ambiente, que era quase irrespirável. Graças à sua aspereza e sinceridade já se faz arte na Capital Artística. E lá, onde o elemento italiano tomou tal preponderância que os artistas brasileiros quase se sentem estrangeiros na sua terra, Mário de Andrade é, principalmente, uma sentinela avançada em defesa do nosso direito. Zombando de ameaças anônimas ou declaradas, ele tem levado avante a sua nobre campanha. E vai conquistando terreno. Nos programas de ensino e de concerto sempre figuram os nomes dos compositores patricios.

19 BRAGA, Ernani. Mário de Andrade, podendo ir à Europa, preferiu vir em excursão ao Nordeste, onde colheu diretamente mais de oitocentos temas musicais. *A Província*. Recife, 21 de fevereiro, 1929. Notícia na coluna "Vida Musical", ilustrada com foto.



### Preferiu o Norte à Europa

Mário é um apaixonado das nossas cousas. Podendo ter feito, agora, em condições excepcionalmente vantajosas, uma viagem à Europa, preferiu vir ao Nordeste. Nessa nova excursão enriqueceu consideravelmente a sua prodigiosa coleção de documentos folclóricos. Volta a São Paulo levando mais de oitocentos temas colhidos diretamente no Rio Grande do Norte, na Paraíba e aqui em Pernambuco. O que isso representa de esforço e tenacidade é inconcebível. Poderá fazer uma ideia alguém que tenha tentado, uma vez, anotar a melodia mais simples, cantada por um desses cantadores populares, interessantíssimos mas desconcertantes. Eles não cantam duas vezes da mesma forma. Nem param pra nos dar tempo de escrever. É preciso decorar a cantiga ou fazer o que o Mário me contou que fez em certa ocasião que seria única para ele. Ouvia alguns compassos e saía correndo para longe.

Depois de escrevê-los, repetia a manobra. Só assim pôde conseguir o tema completo.

### Uma curiosidade insaciável

A curiosidade de Mário é insaciável. Visita cidades e sertões, engenhos e mocambos, igrejas e antros. Conversa com acadêmicos, ouve os trovadores populares, discute com os intelectuais, observa os tipos de rua. Onde possa suspeitar um filão precioso, lá estará, firme e atento, sem medir tempo, distância ou sacrifício. É de uma resistência milagrosa.

Um "boi" aqui em Pernambuco, prendeu-o das 10 horas da noite até às 4 da madrugada. Mário me contou isso à mesa, jantando comigo, há poucos dias. Verinha, nossa comensal, pouco versada em tradições populares, quis saber se o "boi" era brabo. E a mamãe da Verinha indagou de que raça era o "boi". Divertimo-nos com o quiproquó.

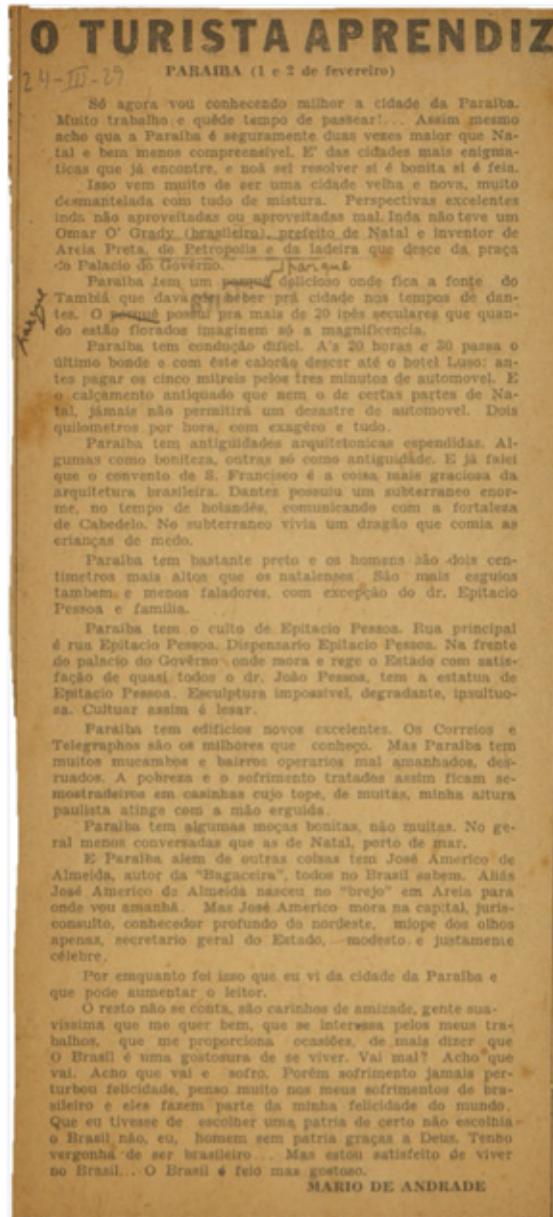
### Mário de Andrade estava com o "corpo fechado"

Mário de Andrade leva de Pernambuco impressões fortes. Entre outras, a de seu batismo aeronáutico, no Campo de Ibura. Assisti a essa estreia que foi, sob todos os aspectos, auspiciosa. Dando parabéns ao Mário, quando o biplano o depunha são e salvo no chão pernambucano, ele me afirmou que o momento era de pêsames, por ter acabado tão depressa o delicioso passeio. Pareceu-me um herói.

Confesso que estava com os meus receios, vendo os preparativos para a ascensão do Mário. Os aeroplanos são ainda tão sujeitos a acidentes! Lembrei-me depois de uma circunstância que me tranquilizou absolutamente. Mário, em função especial e solene,

obteve que um catimbozeiro, na Paraíba, lhe fechasse o corpo. Custou-lhe essa fechadura 30 mil-réis. Mas podia, agora, voar à vontade.

E pôde, mais do que nunca, ser franco e destabocado com todo o mundo. Até com os italianos de São Paulo.



Exemplar de trabalho:  
 rasuras do escritor  
 sobre o texto impresso  
 no *Diário Nacional*



## RIO GRANDE DO NORTE<sup>20</sup>

### Lírios roxos

A cana já foi cortada. O açúcar já está feito. A casa de caldeira não fumeja mais. O engenho morre e as conversas afastadas perguntam se já está chovendo no sertão. A vida se descoloriu. Nesses dias o lírio do açude se abre todo em roxo claro. É lindo e muito triste. Os lírios estão bebendo o resto das águas e se outras não vierem logo, "Vam'bora pro Sul!", hão de pensar os moços.

### Chico Antônio

Chico Antônio é cantador de "cocos", "coqueiro", como se diz por lá. A voz dele é doce e forte. De noite a gente se reúne em torno de Chico Antônio para que ele rediga, disfarçados em cantiga, os trabalhos, dores, milagres do Nordeste. É moço, e já sabe todos os prazeres que a fama traz. No gesto dele há uma preguiça usada. Quando ele parte, as mulheres ficam pensativas.

## CÍCERO DIAS<sup>21</sup>

Eu não sei se pode interessar aos meus leitores saber que o desenhista pernambucano Cícero Dias está em São Paulo nos vendo. Pouco ou nada o leitor sabe sobre este artista delicioso. E se visse os desenhos e aquarelas dele, na certa que oitenta por cento dos leitores pensaria: "É um maluco". É... Ainda vivemos convencidos de que são malucos todos os que escapolem do senso comum... Uma feita um homem presumido maluco foi convidado pela família para dar um passeio pelos arredores de São Paulo. O louco aceitou. De repente chegaram na porta do Juqueri e todos ficaram muito influídos em visitar o hospício e perguntaram se o louco não queria ir também. O coitado sorriu amargoso e falou mui manso: "Eu sei que vocês querem me deixar lá dentro. Eu fico sim. Mas não sei de nós quem é que é louco". E entrou para sempre.

20 Rio Grande do Norte. Photographias e palavras de Mario de Andrade. *Para Todos...* (a. 11, nº 555, p. 35; Rio de Janeiro, 3 ago. 1929).

21 Cícero Dias. Photographia e texto Mario de Andrade. *Para Todos...* (a. 11, nº 557, p. 12; Rio de Janeiro, 17 ago. 1929).

Mas Cícero Dias não é maluco, não. Somente ele prefere, em vez de representar pelo lápis e pela cor, os raciocínios fáceis da inteligência dele, campear, no meio das paisagens interiores mais profundas, o que o irrita ou lhe faz bem. São gritos sem nenhuma lógica fácil, desses que a inteligência percebe de supetão, sei bem. Para muitos, esses desenhos serão coisas incompreensíveis... Mas será inteligente da nossa parte julgar por meio de uma das nossas faculdades uma coisa que prescinde desta faculdade? Pelo menos das partes mais exteriores, mais simplistas dessa faculdade? Se é pela visão que nós percebemos o movimento dos astros, será pela visão que havemos de reconhecer a rotação do Sol em torno da Terra? Os poetas, que sempre foram mais sensíveis que inteligentes, continuam falando no "deitar do Sol"... Frase que ninguém deixará de reconhecer que pelo menos é ignorantíssima.

Porém a gente a aceita porque todos nós já estamos acostumados a nos reger por essa força *a priori* da sensibilidade. Pois, leitor, você também há de reconhecer que tem sonhos. E sonhos amalucados. Você há de reconhecer que às vezes brotam na sua cabeça ideias impossíveis, insuportáveis, vergonhosas até. Você há de sentir nos momentos de cisma uns apelos profundos, umas angústias, umas doçuras que nem asa de anjo que roçasse por você. Bobagens?... São bobagens não, leitor! São coisas que hoje a psicologia reconhece como verdadeiras, como legítimas, como influenciando diretamente toda a complexidade de uma vida. E são coisas enormes a que o próprio mistério, a que o melindre delas ainda aprofunda mais. Você há de reconhecer que as tem porque tem mesmo. Nem que não queira, tem. Todos têm, embora uns percebam mais, outros menos, essas coisas. Os poetas percebem demais por causa da acuidade exacerbada que possuem. Alguns psiquiatras chegaram mesmo a chamar de "doentia" essa acuidade exacerbada. Mas isso é questão de despeito. A gente no geral se vinga assim mesmo das coisas que não possui e nem compreende: lhe damos um nome qualquer, um qualificativo. E seguimos nossos caminhos, certos de que a tal coisa ficou reduzida a zero. Ficou nada! Continua bem vivinha esperando o feliz que a colha, enquanto raposas e psiquiatras continuarão na eterna fome de uvas... E assim seja!

Cícero Dias é uma acuidade exacerbada. Ele conta essas coisas interiores, esses apelos, sonhos, sublimações, sequestros.

Os desenhos dele formam por isso um "outro mundo" comoventíssimo, em que as representações atingem, às vezes, uma simplificação tão deslumbrante que perdem toda a caracterização sensível. Os animais dele, por exemplo. Creio mesmo que Cícero Dias é o primeiro indivíduo que já chegou à representação do Animal. Ele tem calungas que não são nem cachorros, nem boi, nem burro. Tem aves que não são nem pombas, nem urubus, nem galinhas. É o animal. É a ave. Só o que a gente pode concluir dessa universalização



incomparável é que Cícero Dias é uma alma doméstica. É mesmo. Os idílios dele, certas imagens de mulher, o complexo da morte, o complexo bem nordestino da música, o complexo do adeus, possuem na obra dele uma essência puramente familiar. A gente sente flor de papel e almofada feita por nossa irmã no colégio de freira. As próprias raivas dele são familiares. Não possuem essa contemplabilidade caroável com que a gente se dispõe a aceitar as malvadezas do mundo. Para ele o mal ainda assombra. É esse mal pecaminoso, dando infernos, que a gente concebeu com a cabecinha reclinada no colo de nossa mãe. Cícero Dias é um valor excelente, leitor.

### A ARANHA<sup>22</sup>

Eu nunca tinha refletido sobre o medo, até o dia em que, chegando na capital da Paraíba, fui obrigado a dormir com uma feia aranha no quarto... Chamei logo o dono do hotel mas ele me garantiu que a aranha, embora ele também reconhecesse que era muito feia, não causava dano, era das inofensivas. Por demais que a gente queira, há sempre em nós uma certa dose de amor próprio, destinada a nos deixar infelizes. Mais que medo da aranha, tive medo que o hoteleiro imaginasse que eu estava com medo, que um viajante de São Paulo tivesse medo de aranhas, fiquei quieto. O hoteleiro foi-se embora e passei uma noite péssima.

A aranha não me fez mal. Viveu lá na sua toczinha do forro todos os meus dias paraibanos, dando quanto muito passeios de metro e meio. Mas, principalmente nesses footings, como eu a olhava horrorizado. A cor negra daquela massa pérfida avançando, o mudar lerdo daquelas patas que pareciam ser vinte, me davam calafrios de corpo inteiro. Depois, vários amigos chamados, tornaram a me garantir que o bicho era de espécie que não fazia mal, e como no correr dos dias nenhum mal me vinha, fiquei meio esquecido da aranha. Mas<sup>23</sup> bastava olhar para ela, pronto: vinham o mesmo medo da primeira noite e os mesmos calafrios.

A aranha era grande. Tinha mais esse elemento amedrontador pra me inquietar, porém se enxergo uma aranhinha preta, eu sofro instintivo medo, que me leva a matar a coitadinha. Por que esse medo instintivo? É bem curioso como a cor, aplicada a certas coisas da natureza, assume às vezes valores intensamente sentimentais. Pros feiticeiros a importância do preto é

22 Crônica publicada com a assinatura "Mário de ANDRADE" no *Diário de S. Paulo*, 2 de julho, 1933; reescreve o registro "O Turista Aprendiz. Paraíba, 28 de janeiro, 3 da madrugada", publicado no *Diário Nacional*, São Paulo, 14 de março, 1929.

23 Rasura a grafite: correção: "Mal" por "Mas".

enorme, sabemos disso. O galo preto é um dos elementos mais poderosos da pajelança afro-brasileira, mas, eu, apesar de convívio das nossas feitiçarias, não tenho, diante dum galo preto maior medo que diante dum galo branco, ou, mais acertado: não tenho medo nenhum. Pelo contrário, nesta época de distintivos, me entusiasmei há pouco na fazenda, vendo um galo de raça francesa, todo negro, com a enorme crista encarnada e uns orelhões brincudos da maior alvura. Viva São Paulo! – exclamei.

Já um gato preto, mesmo desprezadas as possíveis associações simbólicas com o demônio, é desagradável, infunde instintivamente receio. Gato não é galo, é bicho perigoso, e, quando preto, é incontestável que a cor desperta logo na gente a noção do perigo de gato. Edgar Poe jamais teria tirado o mesmo efeito se o gato preto, do conto dele, fosse, por exemplo, branco. Já branco e preto misturados dão sensação de importância, de luxo.

No meu conto do "Caso pançudo"<sup>24</sup> jamais que eu teria conseguido a noção de importância, de coisa desejável e invejável, que pretendia dar à porca malhada do Felipão, se contasse que ela era branca, ou doutra qualquer cor. O fato de ser malhada enriquece, engrandece muito mais a porca do que se eu tivesse indicado que ela era puro-sangue e medalhada em exposições inglesas. Se essa aranhinha fosse pardo-claro, em vez de preta, eu não teria o pequeno medo que tive.

E assim como a cor<sup>25</sup>, há também elementos formais que tornam amedrontador não apenas um ser vivo, mas até uma paisagem. Me conservando sempre entre aranhas, um elemento eu distingo desde logo, que torna todas as aranhas amedrontadoras: o número de patas. Imaginem uma aranha, uma barata, de duas patinhas, ou mesmo quadrúpedes, não assustariam tanto. Pelo contrário, estou supondo que me surgem pela frente uma enorme aranha de pelo ou uma vasta barata visguenta, mas quadrúpedes. O que sinto é o ridículo desses bichotes, a desmoralização em que ficariam assim.

Longe de mim porém me filiar escravamente à doutrinação de William James<sup>26</sup>: reconheço a existência de elementos nossos, humanos, racionais, que nós é que entregamos aos bichos vistos pra que eles se tornem amedrontadores. Por exemplo, uma qualidade

24 V. ANDRADE, Mário de. "Caso pançudo". In: *Obra imatura*. Estabelecimento de texto por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 109-116.

25 Rasura a grafite: "Mas é incontestável que além da" substituído por "E assim como a".

26 William James (Nova Iorque, 1842 – Tamworth, 1910). Filósofo e psicólogo associado ao pragmatismo.



curiosa que nos dá medo nessas aranhinhas pretas e chatas, que vivem nas casas, e cujo nome científico ignoro, é a sua estranha faculdade de locomoção. Não apenas correm velocissimamente, recordistas das maratonas de aranhas, como dão saltos duma rapidez vertiginosa, que os nossos olhos não podem acompanhar direito.

Ora, isso nos faz ficar muito inseguros na boa base dos nossos pés. Diante da tamanha rapidez e dos saltos da aranhinha, a gente perde muito do seu próprio equilíbrio. Já não temos mais a segurança de nós, porque não temos a segurança da situação da inimiga. D'aí a fortaleza da aranha, a sua faculdade de nos assustar, não consistir tanto da sua possibilidade de fuga ou de ataque rápidos, mas bem mais da insegurança em que nos deixa a sua rapidez.

A noção da rapidez ainda causa em nós anormalidades sentimentais mais curiosas. Assim, a velocidade dum animal perigoso é que gradua a volta de segurança, da tranquilidade da gente, quando pomos em fuga esse animal. Tanto mais sabemos que esse animal é rápido, tanto mais facilmente nos tranquilizamos se ele fugiu. Se a gente põe uma onça em fuga, no mato, logo readquire (em relação a essa onça, está claro...) a segurança de si mesmo. Mas se a gente põe um ganso em fuga num campo, a intranquilidade persevera viva em nós. Como o ganso é muito mais tardonho que a onça, ele conserva em nós a noção da proximidade dele, mesmo quando a gente não o esteja vendo.

E a razão onde fica, nisso tudo? A razão é perfeitamente idiota e mesmo inútil em casos tais. A razão me fez dormir com a aranha dez dias de Paraíba, mas não impediu o medo, não o diminui em nada. Nem me livrou dos pesadelos que só agora são agradáveis de recordar, porque a aranha está longe.

### CATOLÉ DO ROCHA<sup>27</sup>

Cidade de Catolé do Rocha... E são numerosos os nomes evocativos assim. Brejo das Almas, Palmeira dos Índios, Três Corações e, como coroamento dessas denominações maravilhosas de cidades, lá para os limites do Peru, a trágica cidadinha de Remate de Males. Parece que o Brasil guarda o segredo de nomear cidades, pois que positivamente não sei de nomes urbanos, no mundo, mais bonitos que esses. Entramos em pleno domínio encantado

27 Crônica publicada em 1939, no Suplemento em Rotogravura d'O Estado de S. Paulo (a. 9, nº 135; São Paulo, primeira quinzena de maio), assinatura: "MÁRIO DE ANDRADE"; ilustrada com a foto, sem legenda, da autoria de MA. No verso da fotografia, no arquivo do escritor, a legenda é "Convento/ Catolé do Rocha/ Paraíba" (V. nº 1929 - 241, no CD - "Os diários do fotógrafo", anexado à 2a. capa da presente edição).

dos romances de capa e espada, Ponson du Terrail, Alexandre Dumas, em que a gente saía completamente bêbado da Taverna do Esqueleto Azul, para ir dormir na Hospedaria do Cavalo de Juno, que nunca teve cavalo.

Foi assim, bêbado de entusiasmo e comoções profundas, em meio a uma seca bem intensa que já obrigava a queimar xiquexique para alimento das vacas lerdas, encontrando de longe em longe alguma família de retirante pendurada à beira do caminho à espera de condução, foi assim que num dia de sol fachistamente invasor, descendo da serra do Martins, penetrei pelos sertões da Paraíba e de tardinha achei uma cidade sertaneja.

– Como se chama este lugar?

– Catolé do Rocha, nhor sim.

Uma grande iluminação nos tomou. Eram os domínios pouco antes famosos do barão de Suassuna, terra de coitos, de coiteiros, ninho de cangaço bravo. Nós vínhamos, de resto, já com os nervos arrasados, quase na cola do extinto Lampião. Em Mossoró chegáramos doze dias após o maluco e lírico avanço do bandido sobre a cidade. Em Martins, no alto, ele estivera apenas oito dias antes e, na raiz da serra, num vilejo sem forças, ainda só se falava nele.

Era um domingo e na igreja branca, admirável pela harmonia da sua fachada sem torres, a procissão entrava. O céu estava negro de nuvens que não se resolviam a chover sobre a terra e, apenas do lado do poente, uma nesga de céu limpo deixava uns últimos raios de sol focalizarem, para efeitos da fotografia que encima estas evocações, a igreja e as casas da sua direita, no imenso largo vazio. No alto do morro, uma capelinha votiva também gritava muito espeditadamente o seu branco sem poeira, como um defeito de película fotográfica. E as casas coloridas, encarnadas, azuis, verde-limão, brincavam, numa esperança de alegria, com o ambiente feroz.

Na igreja entrara toda a religião, talvez toda a bondade do lugar. Do lado de cá da praça, junto às vendolas e mais casas de negócios, estava aglomerada uma outra multidão, que o nosso meio temor do ambiente inda afeiava mais. Um nordestino nosso companheiro interpretava todos aqueles homens lentos e seguros de gesto, que nos examinavam com a maior serenidade fria, sem curiosidade nem carinho, como terríveis cangaceiros cobertos de crimes. O automóvel fora rodeado com mais interesse que nós, calculado no preço, examinado no brilho e nos detalhes. Provavelmente nenhuma Page inda se aventurara por ali, domínio do Ford.

Quisemos beber água mineral, fugindo à água pardacenta que se bebia naqueles sertões; não havia mais. Pedimos cerveja, guaraná, soda, nada havia, a festa e o leilão tinham acabado com tudo. De um lado, junto a uma lojinha mais propícia, uma velha cantava sentada no chão. Junto dela, num carrinho, estava ajeitada uma paralítica moça,



inda por cima, boba. Ria, ria muito, olhando todos, seguindo os que passavam com o olhar. A boca aberta deixava escorrer uma baba gosmosa que pendia oscilante, colhendo as últimas luzes do dia. Moscas, moscas brincavam na boca da boba e entravam-lhe pelo colo, que era cheio em seus vinte anos. E a velha a repetir o seu bendito admiravelmente melodioso:

Deus lhe pague a santa esmola!

Deus o leve em seu andor!<sup>28</sup>

Meus companheiros queriam partir, o ambiente angustiava. Pedi-lhes apenas o momento de gravar a melodia em meu livro de notas. E partimos sem que nada houvesse. Alguns tocaram no chapéu, ao que correspondemos com fartura. Quem for a Catolé do Rocha não tema cangaceiros nem se deixe influenciar por ambientes de tempestade. Catolé do Rocha, Palmeira dos Índios, Remate de Males, romances de capa e espada do Brasil.



Convento/ Catolé do Rocha/ Paraíba

28 Em 1940, Mário de Andrade relembra, para o pesquisador norte-americano Lorenzo Turner gravar, essa cantiga por ele escutada em Catolé do Rocha (V. a notícia assinada por Flávia Toni em <http://www.ieb.usp.br/noticia/mrio-de-andrade-raquel-de-queiroz-e-mary-pedrosa-cantam-para-lorenzo-turner>).





OS DIÁRIOS DO FOTÓGRAFO

6





## OS DIÁRIOS DO FOTÓGRAFO

Telê Ancona Lopez e Leandro Raniero Fernandes

"Os diários do fotógrafo", na forma de catálogo das imagens em um CD-ROM anexado à capa, representa a segunda parte da nova edição de *O Turista Aprendiz*, obra que Mário de Andrade deixou inacabada. A primeira parte materializa-se no livro reunindo os textos correspondentes à expressão do viajante que, na década de 1920, busca o conhecimento entranhado de seu país.

Duas foram as viagens e delas resultaram diários textuais e fotográficos, conservados no Arquivo Mário de Andrade, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Os primeiros pertencem ao dossiê de *O Turista Aprendiz*, na série que colige os manuscritos do escritor; os outros, à divisão Mário de Andrade fotógrafo, na série Fotografias.

Em 1927, o viajor é o poeta de destaque no modernismo, também pesquisador da cultura popular e historiador da arte brasileira, que visita a Amazônia entre 8 de maio e 15 de agosto, chegando a Iquitos, no Peru, e à fronteira do Brasil com a Bolívia. Está na companhia de Olívia Guedes Penteadó, mecenas dos modernistas, da sobrinha dela, Margarida Guedes Nogueira, e da filha da pintora Tarsila do Amaral, Dulce do Amaral Pinto, apelidadas Nossa Senhora do Brasil, Mag e Dolur, na vida real; ou Manacá, Balança e Trombeta, na ficção que permeia o périplo dos quatro amigos.

Em 1928, no final de novembro, Mário de Andrade vai ao Nordeste para se dedicar especialmente ao trabalho etnográfico, ali permanecendo até 7 de fevereiro do ano seguinte. Sua intenção é recolher as danças dramáticas e a música dos cantadores da região. Vai só. Seus amigos em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte o recebem, empenhados em ajudá-lo na pesquisa.

A câmera norte-americana Kodak modelo de fole, a Codaque, em ambas as viagens, respalda a incursão consciente de seu dono na fotografia enquanto linguagem e experimentação moderna, assegurando-lhe o gosto de "fotar", neologismo sacramentado pelos diários escritos. A Codaque de Mário se faz ver no primeiro plano, na pose do Turista manobrando o timão do vaticano *São Salvador* (V. 1927 - 199).

No decorrer da primeira viagem, quatro diários configuram o registro das peripécias vividas na Amazônia. São o diário rabiscado em um caderno de bolso, brinde da companhia promotora da excursão, e em folhas avulsas; o diário das imagens nos negativos, nos rolos dos filmes vindos da máquina do fotógrafo, simultâneo ao diário das

Bordo do *Pedro II*  
18 maio, 1927

informações circunstanciais e técnicas atinentes a cada clique – data, lugar, personagens, situações, horário, posição do sol, abertura do diafragma –, confiado possivelmente a um outro caderninho, e, por fim, o diário nas legendas. Este quarto diário deriva, presume-se, da transposição dessas informações, a grafite bem calcado, para o verso das fotos já reveladas em São Paulo, quando o escritor dispensa o caderninho, o que se conclui diante da completa ausência de vestígios desse companheiro da viagem. Frente à impossibilidade de se recuperar o texto original do registro concretizado na hora e na vez, vale admitir o diário das legendas como o conjunto textual dos fragmentos que retêm ou modifica a versão da matéria escrita no passado e se vê acrescido, em muitos casos, da re-viagem no olhar do poeta que contempla as fotos e, com a mão mais leve no lápis, exerce o lirismo e o humor, cita ou parodia autores, improvisa quadrinhas ou embarca na avaliação lhedita: "Ritmo", "Equilíbrio", "Futurismo pingando", "Minha obra-prima". Olhar que nada despreza e assume os enganos, como o corte assim identificado: "Iquitos/ Lembranças ternas sem pernas".

As legendas mostram que, na casa da Barra Funda, as horas tecem paciência e dedicação amorosa, o escritor e fotógrafo inclinado sobre as fotos, mais de quinhentas; sobre os negativos e as cópias medindo 6,1 x 3,7 cm ou 3,7 x 6,1 cm conforme a posição. Sua análise determina as ampliações em 17,5 x 12,5 cm, copiadas como postal, e as viragens na tonalidade sépia. Nesse mesmo momento – o segundo semestre de 1927 –, o diário disperso em muitas folhas unifica-se na redação com título "*O Turista Aprendiz* (viagens pelo Amazonas até/ o Peru, pelo Madeira até a Bolívia/ e por Marajó até dizer chega)". Datilografadas, essa versão e as demais que a sucedem tomarão vários anos em paradas e recomeços, até a versão portadora de um prefácio datado do dia 30 de dezembro, 1943, mas não concluída para o prelo. Mário de Andrade morre em 25 de fevereiro de 1945.

Os diários textuais da segunda viagem são dois, considerados os documentos do processo criativo d'*O Turista Aprendiz*, no manuscrito. O primeiro, "Notas de Viagem ao Nordeste", autógrafa a grafite, lápis-tinta e tinta preta, ocupa um fichário de bolso com registros que vão de 28 de novembro de 1928 a 24 de fevereiro, 1929. No registro "18 a 22" de janeiro, alude ao "diário no outro livrinho de notas", não encontrado. "Notas de Viagem ao Nordeste" coexistem com a escritura da série "O Turista Aprendiz", diário aberto aos leitores do *Diário Nacional* entre 14 de dezembro de 1928 e 29 de março de 1929, na coluna "O Turista Aprendiz", agregado ao manuscrito sob a forma de recortes anotados. A escritura de ambos é paralela às tomadas da Codaque de Mário que instituem o diário das fotografias e o das legendas, este um diário textual também



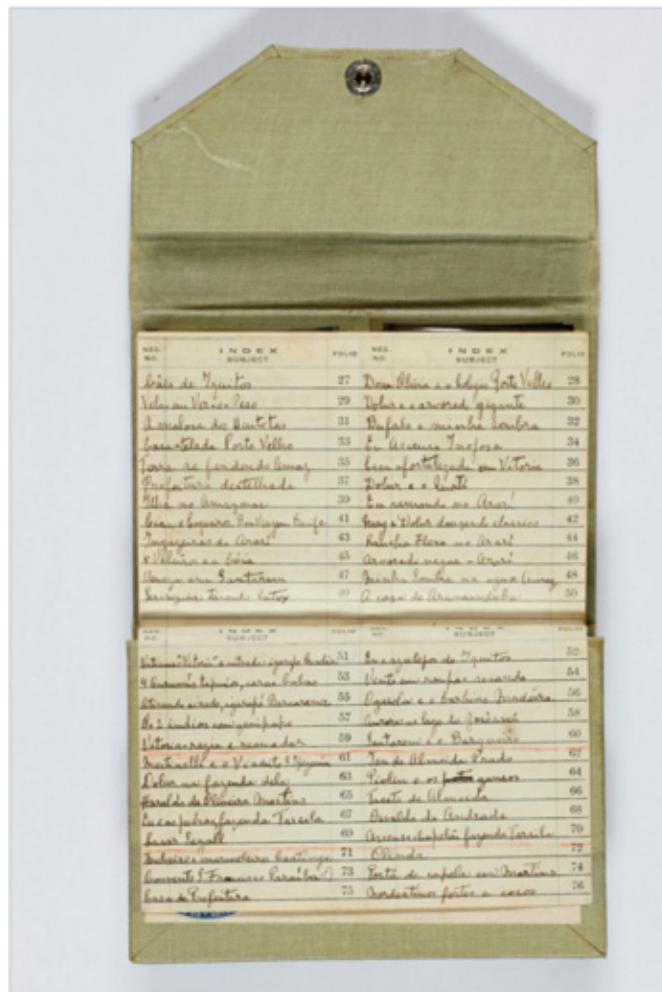
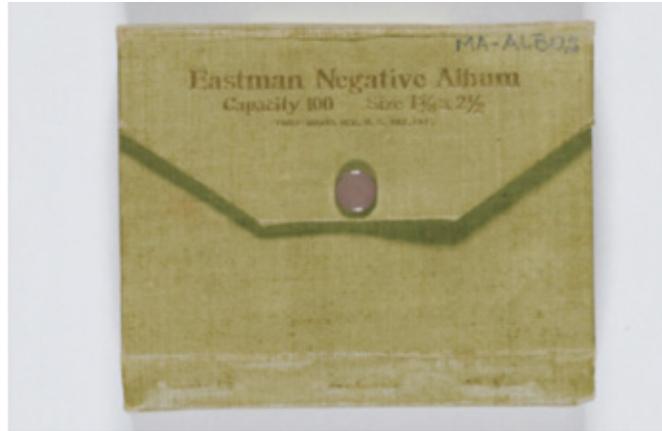
a grafite, lápis-tinta e tinta preta, limitando-se, porém, à identificação das imagens, de locais e às datas. O diário das fotografias lida novamente com as cópias na mesma medida 6,1 x 3,7 cm, desdobradas nas ampliações impressas como postal em 17,5 x 12,5 cm e nas viragens sépia.

Procedimentos do fotógrafo que marcam a produção de 1927 são retomados na viagem ao Nordeste. Destaca-se novamente sua capacidade de transmitir os elementos plásticos da paisagem e seu cuidado na aplicação de técnicas. O objetivo de documentar o patrimônio histórico e artístico do país, material e imaterial, o tipo físico, formas de trabalho que se consubstanciam nas imagens obtidas na Amazônia, repete-se, assim como a construção do movimento por meio de sequências quase cinematográficas. Então, o pescador que, de costas para o fotógrafo, atira a tarrafa no igarapé de Barcarena, em uma sucessão de gestos memorizada pela câmera, encontra-se, na viagem ao Nordeste, com as sequências que captam os apanhadores de coco ou as salinas de Macau. Mário reitera sua habilidade de sugerir, no retrato, o estado de espírito dos personagens fotografados; a Codaque que apreende a nostalgia de Olívia Guedes Penteado em Maceió, a 9 de agosto, 1927, vinca o arrojo de Cícero Dias e a gravidade no olhar do cantador Chico Antônio, em Bom Jardim, Pernambuco.

Ao contrário das fotografias da primeira viagem, mantidas inéditas durante a vida do escritor, quatro imagens da viagem ao Nordeste são por ele difundidas. Três saem na revista carioca *Para Todos...* em agosto de 1929 – “Lírios roxos/ Bom Jardim” e “Chico Antônio”, na matéria “Rio Grande do Norte. Fotografias e palavras de Mário de Andrade”, e o retrato do pintor Cícero Dias em crônica homônima. Dez anos depois, a foto de Catolé do Rocha ilustra a crônica com o mesmo título, no Suplemento em Rotogravura do jornal *O Estado de S. Paulo*.

De volta à sua casa, o fotógrafo zela o seu material. Mas não se apressa. Serve-se do organizador de negativos Kodak, o Eastman Negative Album. Leva para dois desses álbuns tanto negativos produzidos na viagem à Amazônia como na viagem ao Nordeste e outros de tomadas posteriores, na cidade de São Paulo e na fazenda de Tarsila do Amaral. Seleciona, como se observa, os negativos das imagens que privilegia e os identifica criando uma variante à versão do texto das legendas no verso das revelações.

O catálogo “Os diários do fotógrafo”, com o valor de um instrumento de trabalho, divulga, neste CD-ROM, a reprodução e as legendas das 902 imagens da câmera de Mário de Andrade, 529 resultantes da primeira e 373 da segunda viagem. Disponibiliza um índice que revê a classificação da subsérie Mário de Andrade fotógrafo, na citada série Fotografias, no projeto *Inventário do Arquivo Mário de Andrade*, financiado pela FAPESP entre 1984 e



Registros de Mário de Andrade no seu álbum de negativos



1986. Desse projeto, coordenado por Telê Ancona Lopez, participaram os pesquisadores Ana Maria Paulino, Ivanilze Couto Estácio, João Francisco Franklin Gonçalves e Lourival Santos. O índice, agora elaborado, possui notas explicativas, aponta as ampliações e acrescenta as legendas localizadas nos dois álbuns de negativos. Exime-se de repetir as medidas de cada positivo, porque, fora as ampliações de 17,5 x 12,5 cm, as imagens têm 6,1 x 3,7 cm ou o inverso, 3,7 x 6,1 cm, sendo verticais ou horizontais. A transcrição das legendas pauta-se pelo novo acordo ortográfico.

O presente catálogo exhibe, no rótulo, a imagem "Sombra minha", renovadíssimo autorretrato de Mário de Andrade, fundido à Codaque em 1º de janeiro de 1928. Embora longe dos itinerários d'*O Turista Aprendiz*, essa foto, tirada no interior paulista, ao expor a máquina, torna-se uma espécie de ícone desse especialíssimo fotógrafo.





A CASA DO MÁRIO

7





# A CASA DO MÁRIO

Luiz Bargmann

O documentário *A casa do Mário* é uma realização da Universidade de São Paulo, fruto de uma parceria entre o Instituto de Estudos Brasileiros e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que recebeu apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária.

A ideia do filme *A casa do Mário* surge à vista de uma película cinematográfica de 1968, quando Thomaz Farkas e Sergio Muniz registraram o ambiente da casa às vésperas da transferência do acervo do escritor para o IEB-USP. Um filme não editado, não sonorizado, apenas a filmagem bruta e, justamente por isso, um estímulo forte para buscar a sua complementação.

Em 1968, a casa onde Mário de Andrade morou de 1921 até 1945, à rua Lopes Chaves, 546, continuava residência da família. O local abrigava todo o acervo que Mário formou ao longo da vida – sua biblioteca, sua discoteca, partituras, obras de arte, esculturas, imaginária religiosa; artes e artesanato de diversas regiões do país. Uma coleção de tirar o fôlego!

Reforçando a ideia do filme, tínhamos acesso ao vasto conjunto de documentos depositados no IEB-USP, materiais do próprio Mário de Andrade e outros relacionados a ele – fotografias, cartas, móveis da casa, toda a coleção de artes visuais do escritor.

A pesquisa complementar nos revelou surpresas. Na Cinemateca Brasileira localizamos um filme de 1955, do cineasta Ruy Santos, narrado por meio de textos da prosa e da poesia de Mário e textos de Gilda de Mello e Souza (sobrinha de Mário), película contendo também imagens do interior da casa. Outro documento importante foi a planta original, que localizamos no Arquivo Municipal de São Paulo. Datada de 1920, apresenta o projeto de três casas geminadas para o terreno na rua Lopes Chaves, esquina com a rua Margarida.

Com todo esse material, e a seleção de trechos de cartas e poemas que se referem à morada, é que foi realizado *A casa do Mário*.

O documentário traz ao público impressões sobre a vivência de Mário em sua casa, espaço familiar, da intimidade protegida, mas também espaço de trabalho e de convivência social – ele dava aulas de piano em casa e recebia amigos intelectuais, artistas, em seu estúdio no piso superior do sobrado. Nesse espaço peculiar, coexistiam costumes tradicionais de uma família do interior e os ideais do modernismo, nas letras, nas artes plásticas, na música de vanguarda, que impregnavam o ambiente. O filme remete ao universo íntimo, pessoal, do abrigo que protege, que marca e é marcado por seu habitante.

Na baleeira/ Lago Arari/  
Marajó, 30 julho, 1927 /  
Sol 1, diafragma 1

Mário de Andrade assinala a presença da casa da Lopes Chaves em sua produção poética, seja a morada do *Coração Perdido*, na crônica "O terno itinerário ou trecho de antologia", seja em "Descobrimento", quando, abancado à sua escrivania, o poeta evoca o sentimento de brasilidade junto a seu "irmão" seringueiro. Em várias outras referências, o espaço doméstico surge como matéria trabalhada em cartas, crônicas, contos, poemas.

A disposição da casa sofreu grande influência de Mário; os ambientes foram ocupados por estantes para livros, uma sala foi destinada ao ensino de piano, o porão abrigou a coleção de periódicos, as paredes receberam quadros de pintores modernistas. Instalou seu quarto onde seria, no projeto original, o toailete – um cômodo pequeno com a porta bloqueada por estante de livros, abrindo-se uma outra para o dormitório ao lado, transformado em estúdio.

Inspirado em revistas europeias, Mário encomendou mobília sob medida, indicando as características desejadas: poltrona com cinzeiro e espaço para guardar livros/revistas, cômoda, mesa, estantes, todos em desenho moderno e funcional – uma ruptura com o mobiliário tradicional da época.

Tanta importância adquiriu a casa da rua Lopes Chaves, por tudo que representava, que Mário de Andrade não resistiu à mudança para o Rio de Janeiro, onde viveu entre 1938 e 1941. Escrevendo a Henriqueta Lisboa em fevereiro, 1941, assim se manifesta:

Alguns cariocas ficaram meio estomagados com a minha volta pra província e não chegaram vaidosamente a compreender que eu trocasse o prestígio incontestavelmente muito maior da capital pela "minha casa". A minha casa me defende, que sou, por mim, muito desprovido de defesas. E sobretudo a minha casa me moraliza, no mais vasto sentido desta palavra. Até quanto a me tornar mais normalmente produtivo naquilo que sou.



CRÉDITOS DO DOCUMENTÁRIO *A CASA DO MÁRIO*  
(DVD encartado na 3ª capa)

COORDENAÇÃO

Telê Ancona Lopez – IEB-USP  
Luiz Bargmann FAU-USP

PESQUISA ORIGINAL, ROTEIRO E DIREÇÃO

Luiz Bargmann

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

Rose Moraes Pan

PESQUISA DE TEXTO E AUDIOVISUAL

Thiago Arnoult

CÂMERA

Antonio Gonçalves, Diógenes S. Miranda, Luiz Bargmann

EDIÇÃO

Diógenes S. Miranda, Luiz Bargmann

ANIMAÇÕES

Márcia Prado Gava

ARTES

Diógenes S. Miranda, Maki Shintate

SOUND DESIGN

Pedro Paulo Kohler

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO

Daniella Aburad Marrese, Isabella Arnoult, Maurício Miraglia Chaubet

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Antonio Marcelino da Silva

PRODUÇÃO

VIDEOFAU

REALIZAÇÃO

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP)  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP)

APOIO

Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU)

CONTATO VIDEOFAU

videofau@usp.br  
(11) 3091-4524



BRASIL

FUNDAÇÃO VALE



Ministério da  
Cultura

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA

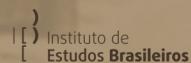


Esta edição completa e anotada dos diários das viagens de Mário de Andrade Turista Aprendiz, pelo Norte e Nordeste do Brasil em 1927 e 1928-1929, enriquecida das imagens da sua câmera Codaque, expõe o processo criativo do escritor, na sucessão de planos, notas e versões, até vésperas da morte dele, em 1945. O texto de Mário e as mais de novecentas fotos de sua autoria emocionam. Os leitores podem se juntar ao viajante que descobre seu país e revela aspectos significativos do nosso patrimônio material e imaterial – arquitetura, arte religiosa, culinária, hábitos, celebrações tradicionais.

O trabalho da equipe do IEB-USP, responsável pela edição, assegura a fidelidade ao texto de Mário de Andrade, valorizado também no acréscimo de importantes documentos, graças à meticulosa garimpagem.

O livro viabilizou-se na parceria, estabelecida em 2013, entre o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – IEB-USP, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, que o insere como o quinto título de sua Coleção Obras de Referência, e a Fundação Vale, contando com o apoio da Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro – Acamufec.

FUNDAÇÃO VALE



Ministério da  
Cultura

